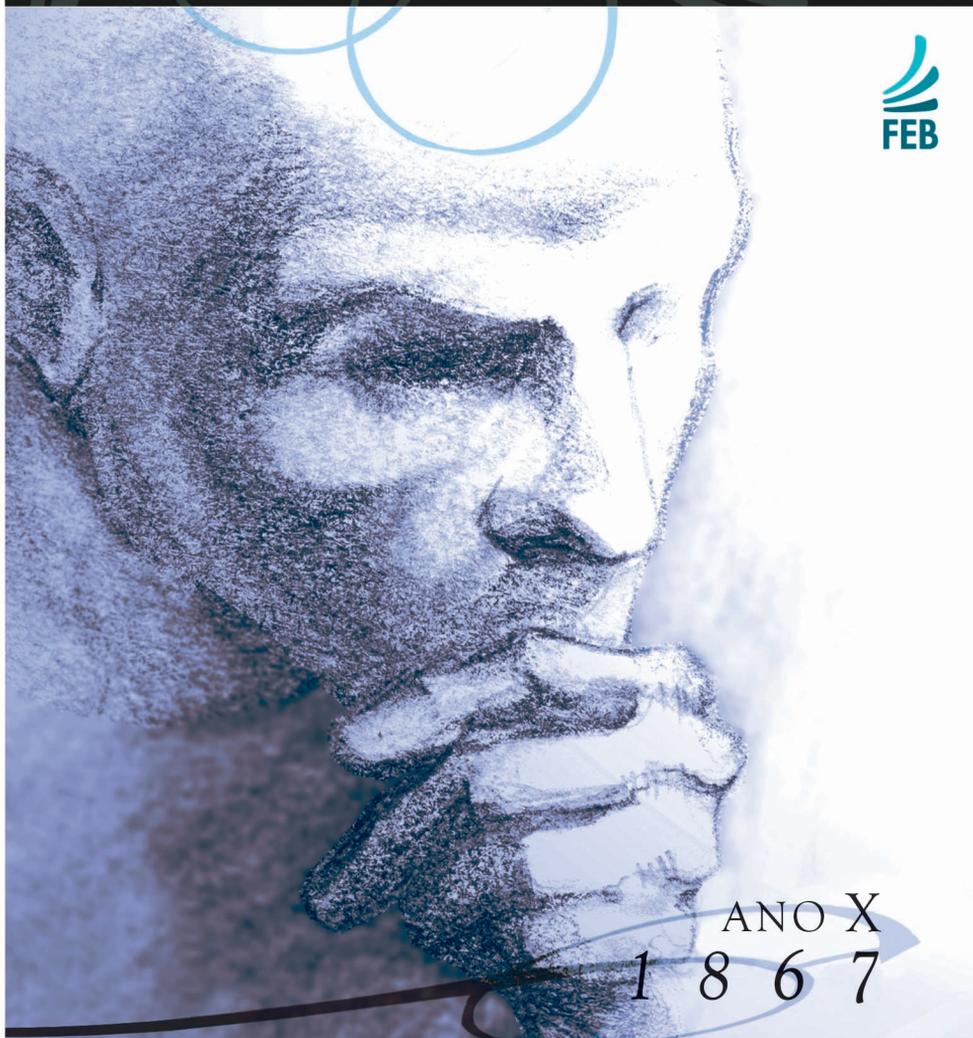


Revue Spirite
Journal d'Études Psychologiques

A L L A N K A R D E C

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



ANO X
1 8 6 7

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antiguidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO DÉCIMO – 1867

TRADUÇÃO EVANDRO NOLETO BEZERRA



Copyright © 2004 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

4ª edição – 1ª impressão – 1 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-9466-054-1

Título do original francês:

REVUE SPIRITE: JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES
(Paris, 1867)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 – Conjunto F – Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB

Comercial

Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

K18r Kardec, Allan, 1804–1869

Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano décimo – 1867/ publicada sob a direção de Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto Bezerra; (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima)]. – 4.ed. – 1.imp. – Brasília: FEB, 2019.

520p.; 21 cm

Tradução de: *Revue spirite: journal d'études psychologiques*

Conteúdo: Vol. 10 (1867)

ISBN 978-85-9466-054-1

1. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira. II. Título: Jornal de estudos psicológicos.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 00.06.01

Sumário

DÉCIMO VOLUME – ANO DE 1867



JANEIRO

Aos nossos correspondentes	15
Olhar retrospectivo sobre o Movimento Espírita	17
Pensamentos espíritas que correm o mundo	27
Romance espírita – <i>L'Assassinat du Pont-Rouge</i> , por Ch. Barbara	31
Variedades	43
<i>Retrato físico dos espíritas</i>	43
Necrológio – Sr. Leclerc	48
Notas bibliográficas	51
<i>Poesias diversas do Mundo Invisível</i>	51
<i>Retrato do Sr. Allan Kardec</i>	52
<i>L'Union Spirite de Bordeaux</i>	52
<i>La Voæ di Dio</i>	53

<i>Retificação aos evangelhos do Sr. Roustaing</i>	53
Aviso aos Srs. Assinantes	54

FEVEREIRO

Livre-pensamento e livre-consciência	57
<i>As três filhas da Bíblia</i>	66
O abade Lacordaire e as mesas girantes	69
Refutação da intervenção do demônio	72
Variedades	74
<i>Eugénie Colombe, precocidade fenomenal</i>	74
<i>Tom, o cego, músico natural</i>	77
<i>Suicídio dos animais</i>	79
Poesia espírita – <i>Lembrança</i>	81
Dissertações espíritas	85
<i>As três causas principais das doenças</i>	85
<i>A clareza</i>	86
<i>Comunicação providencial dos Espíritos</i>	89
Notas bibliográficas	90
<i>Mirette – Romance espírita, pelo Sr. Élie Sauvage</i>	90
<i>Ecos poéticos de Além-Túmulo</i>	96

<i>Nova teoria médico-espírita</i>	97
<i>O livro dos médiuns</i> – tradução em espanhol	97

MARÇO

A homeopatia nas doenças morais	99
Exploração das ideias espíritas – <i>A propósito da apreciação crítica de Mirette</i>	106
<i>Robinson Crusoe</i> espírita	110
Tolerância e caridade – <i>Carta do novo arcebispo de Argel</i>	113
Lincoln e seu assassino	114
Poesia espírita – <i>A Bernard Palissy</i>	116
A Liga do Ensino	117
Dissertações espíritas	118
<i>Comunicação coletiva</i>	118
<i>Mangin, o charlatão</i>	127
<i>O lápis</i>	127
<i>O papel</i>	129
<i>A solidariedade</i>	130
<i>Tudo vem a seu tempo</i>	132
<i>Respeito devido às crenças passadas</i>	133
<i>A comédia humana</i>	135

Notas bibliográficas	136
Lumen – Relato extraterreno	136
<i>Nova teoria médico-espírita</i>	140
<i>O livro dos médiuns</i> – Tradução em espanhol	141

ABRIL

Galileu – <i>A propósito do drama do Sr. Ponsard</i>	143
Espírito profético – <i>Pelo conde Joseph de Maistre</i>	147
A Liga do Ensino (2º artigo)	158
Manifestações espontâneas	167
<i>O moinho de Vicq-sur-Nahon</i>	167
<i>Manifestações de Ménilmontant</i>	175
Dissertação espírita	176
<i>Missão da mulher</i>	176
Bibliografia	179
<i>Mudança de título do La Vérité, de Lyon</i>	179
<i>Carta de un espiritista (Carta de um espírita)</i>	180

MAIO

Atmosfera espiritual	183
Emprego da palavra milagre	187

<i>Revista Retrospectiva das Ideias Espíritas – Punição do ateu</i>	190
Uma expiação terrestre – <i>O jovem François</i>	197
Galileu – <i>Fragments do drama do Sr. Ponsard</i>	202
Lumen – <i>Por Camille Flammarion (2º artigo)</i>	211
Dissertações espíritas	218
<i>A vida espiritual</i>	218
<i>Provas terrestres dos homens em missão</i>	220
<i>O gênio</i>	221

JUNHO

Emancipação das mulheres nos Estados Unidos	225
A homeopatia no tratamento das doenças morais (2º artigo)	234
O sentido espiritual	239
Grupo Curador de Marmande – <i>Intervenção dos parentes nas curas</i>	242
Nova Sociedade Espírita de Bordeaux	246
Necrológio	252
<i>Sr. Quineman, de Sétif</i>	252
<i>O conde de Ourches</i>	256
Dissertação espírita	257
<i>O magnetismo e o Espiritismo comparados</i>	257
Bibliografia	261

L'Union Spirite <i>de Bordeaux</i>	261
<i>Progresso espiritualista</i>	263
<i>Pesquisas sobre as causas do ateísmo</i>	264
<i>Le Roman de l'avenir</i>	265

JULHO

Breve excursão espírita	267
A lei e os médiuns curadores	271
Illiers e os espíritas	276
Epidemia da ilha Maurício	286
Variedade	290
<i>Caso de identidade</i>	290
Poesia espírita – <i>Aos Espíritos Protetores</i>	292
Nota bibliográfica	294
<i>Le Roman de l'avenir</i>	294
Dissertação espírita	304
<i>Luta dos Espíritos para voltar ao bem</i>	304

AGOSTO

Fernande – <i>Novela espírita</i>	307
Simonet – <i>Médium curador de Bordeaux</i>	315

Entrada dos incrédulos no Mundo dos Espíritos	319
<i>O doutor Claudius</i>	319
<i>Um operário de Marselha</i>	323
Variedades	326
<i>A Liga do Ensino</i>	326
<i>Sra. Walker, doutora em cirurgia</i>	326
<i>O imã, grão-capelão do sultão</i>	327
<i>Jean Ryzak – A força do remorso – Estudo moral</i>	328
<i>Instruções dos Espíritos sobre este caso</i>	329
Dissertações espíritas	332
<i>Plano de Campanha – a Era Nova – considerações sobre o sonambulismo espontâneo</i>	332
<i>Os espíões</i>	338
<i>A responsabilidade moral</i>	342
Reclamação ao jornal <i>La Marionnette</i>	344

SETEMBRO

Caráter da Revelação Espírita	347
<i>Robinson Crusoe</i> espírita (Continuação)	378
Nota bibliográfica	388
<i>Deus na natureza – Por Camille Flammarion</i>	388

OUTUBRO

O Espiritismo em toda parte – <i>A propósito das poesias do Sr. Marteau</i>	393
Sra. condessa Adélaïde de Clérambert – <i>Médium-médico</i>	401
Os médicos-médiuns	405
O alcaide Hassan, curador tripolitano – <i>Ou a bênção do sangue</i>	409
O zuavo Jacob	414
Dissertações espíritas	421
<i>Conselhos sobre a mediunidade curadora</i>	421
<i>Os adeuses</i>	426

NOVEMBRO

Impressões de um médium inconsciente a propósito do <i>Le Roman de l'avenir</i>	433
O cura Gassner – <i>Médium curador</i>	445
Presentimentos e prognósticos	447
O zuavo Jacob (2º artigo)	456
Notas bibliográficas	461
<i>La Raison du spiritisme</i> – por Michel Bonnamy	461
<i>A gênese, os milagres e as predições, segundo o espiritismo</i>	473
Aviso	473
<i>Resposta ao Sr. S. B., de Marselha</i>	473

DEZEMBRO

O homem à frente da História – <i>Ancianidade da raça humana</i>	475
Um ressurrecto contrariado – <i>Extraído da viagem do Sr. Victor Hugo à Zelândia</i>	480
Carta de Benjamin Franklin à Sra. Jone Mecone sobre a preexistência	485
Reflexo da preexistência (Por Jean Raynaud)	486
Joana d'Arc e seus comentadores	487
A jovem camponesa de Monin – <i>Caso de aparição</i>	497
Algumas palavras à <i>Revista Espírita</i> – (Pelo jornal <i>L'Exposition Populaire Illustrée</i>)	500
O abade de Saint-Pierre	507
Dissertações espíritas	510
<i>Erros científicos</i>	510
<i>A exposição</i>	512
Nota explicativa	515

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X JANEIRO DE 1867 Nº 1

Aos nossos correspondentes

Para a maioria dos nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a época de renovação das assinaturas, em 1º de janeiro, é, como todos os anos, ocasião para nos darem novos testemunhos de simpatia, que nos tocam profundamente.

Na impossibilidade material em que estamos de responder a todos, pedimos-lhes recebam aqui a expressão de nossos sinceros agradecimentos e da reciprocidade de nossos votos. Ficai certos de que não esquecemos, em nossas preces, nenhum daqueles, encarnados ou desencarnados, que a nós se recomendam.

Os testemunhos que houveram por bem nos dar são, para nós, poderoso encorajamento e suaves compensações que facilmente nos fazem esquecer as penas e fadigas do caminho. É como não as esqueceríamos, quando vemos a Doutrina crescer incessantemente, superar todos os obstáculos e cada dia nos trazer novas provas dos benefícios que espalha! Agradecemos a Deus o insigne favor que nos concede de testemunhar seus primeiros sucessos e entrever o seu futuro. Nós lhe pedimos que nos dê as forças físicas e morais necessárias para realizar o que nos resta fazer, antes de voltar ao Mundo dos Espíritos.

Aos que têm a bondade de fazer votos pelo prolongamento de nossa permanência na Terra, no interesse do Espiritismo, diremos que ninguém é indispensável para a execução dos desígnios de Deus; o que fizemos, outros o poderiam ter feito e o que não pudermos fazer, outros o farão; assim, quando lhe aprouver chamar-nos, ele saberá prover à continuação de sua obra. Aquele que for chamado a lhe tomar as rédeas cresce na sombra e se revelará quando for o tempo, não por sua pretensão a uma supremacia qualquer, mas por seus atos, que o assinalarão à atenção de todos. Neste momento, ele próprio o ignora e é útil, por enquanto, que se mantenha à margem.

O Cristo disse: “Aquele que se exaltar será rebaixado”. É, pois, entre os humildes de coração que será escolhido, e não entre os que quiserem elevar-se por sua própria autoridade e contra a vontade de Deus; esses apenas colherão vergonha e humilhação, porque os orgulhosos e os presunçosos serão confundidos. Que cada um traga a sua pedra ao edifício e se contente com o papel de simples obreiro. Deus, que lê no fundo dos corações, saberá dar a cada um o justo salário de seu trabalho.

A todos os nossos irmãos em crença diremos: “Coragem e perseverança, porque se aproxima o momento das grandes provas. Fortalecei-vos nos princípios da Doutrina e deles penetrai-vos cada vez mais; alargai as vossas vistas; elevai-vos pelo pensamento acima do círculo limitado do presente, de maneira a abarcar o horizonte do infinito; considerai o futuro e, então, a vida presente, com seu cortejo de misérias e decepções, vos aparecerá como um ponto imperceptível, como um minuto doloroso que logo não deixará mais traços na lembrança; as preocupações materiais parecem mesquinhas e pueris, ao lado dos esplendores da imensidade”.

Ditosos os que colherem na sinceridade de sua fé a força de que necessitarão: esses bendirão a Deus por lhes ter dado a luz; reconhecerão sua sabedoria nas suas vistas insondáveis e nos meios, sejam quais forem, que emprega para sua realização.

Marcharão por meio dos escolhos com a serenidade, a firmeza e a confiança que dá a certeza de atingir o porto, sem se deter nas pedras que machucam os pés.

É nas grandes provas que se revelam as grandes almas; é, também, quando se revelam os corações verdadeiramente espíritas, pela coragem, a resignação, o devotamento, a abnegação e a caridade sob todas as suas formas, de que dão exemplo (Vide o artigo do mês de outubro de 1866: *Os tempos são chegados*).

Olhar retrospectivo sobre o Movimento Espírita

Não resta dúvida a ninguém, tanto para os adversários quanto para os partidários do Espiritismo, que esta questão, mais que nunca, agita os Espíritos. Será esse Movimento um fogo de palha, como alguns fingem dizer? Mas esse fogo de palha já dura quinze anos e, em vez de se extinguir, sua intensidade só faz aumentar de ano para ano. Ora, não é este o caráter das coisas efêmeras e que só se dirigem à curiosidade. O último levante com que esperavam sufocá-lo apenas o reavivou, superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta ideia nada tem que possa surpreender quem quer que haja sondado a profundidade e a multiplicidade das raízes pelas quais se liga aos mais graves interesses da Humanidade. Os que se admiram apenas viram a superfície; a maioria só o conhece de nome, mas não lhe compreendem o objetivo, nem o alcance.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância, pressentem o seu futuro e nele veem um poderoso elemento regenerador. Há que se persuadir de que certos adversários estão perfeitamente convertidos. Se estivessem menos convencidos das verdades que ele encerra, não lhe fariam tanta oposição. Sentem que o penhor de seu futuro está no bem que faz. Fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de acalmá-los, é aumentar a causa de sua irritação. Tal foi, no século XV,

a numerosa classe de escritores copistas, que de bom grado teriam queimado Gutenberg e todos os impressores. Não seria demonstrando os benefícios da imprensa, que os ia suplantar, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está certa e é chegado o tempo de sua eclosão, ela marcha a despeito de tudo. A força de ação do Espiritismo é atestada por sua persistente expansão, malgrado os poucos esforços que faz para se expandir. Há um fato constante: *os adversários do Espiritismo consumiram mil vezes mais forças para o abater, sem o conseguir, do que seus partidários para o propagar.* Ele avança, por assim dizer, só, semelhante a um curso d'água que se infiltra por meio das terras, abre uma passagem à direita, se o barram à esquerda, e pouco a pouco mina as pedras mais duras, acabando por fazer desabarem montanhas.

Um fato notório é que, *em seu conjunto*, a marcha do Espiritismo não sofreu nenhuma interrupção; ela pôde ser entravada, reprimida, retardada em algumas localidades por influências contrárias; mas, como dissemos, a corrente, barrada num ponto, aparece em cem outros; em vez de correr em abundância, divide-se numa porção de filetes. Entretanto, à primeira vista, dir-se-ia que sua marcha é menos rápida do que foi nos primeiros anos. Deve-se concluir que o abandonam? Que encontra menos simpatia? Não; mas simplesmente que o trabalho que ele realiza neste momento é diferente e, por sua natureza, menos ostensivo.

Como já dissemos, desde o começo, o Espiritismo ligou a si todos os homens nos quais estas ideias estavam, de certo modo, no estado de intuição. Bastou-lhe apresentar-se para ser compreendido e aceito. Imediatamente recolheu por toda parte onde encontrou o terreno preparado. Uma vez feita essa primeira colheita, restavam os terrenos incultos, que reclamavam mais trabalho. É agora por meio das opiniões refratárias que se deve fazer a luz, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que retira sem esforço as primeiras camadas de terra móvel, ele chegou à rocha que é preciso rebentar, e no seio da qual só pouco a pouco pode penetrar. Mas não há rocha, por mais dura que seja, que resista

indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num dado tempo, não congrega tão grande número de adeptos francamente confessos, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de um golpe, mas pouco a pouco, até que a brecha esteja feita. É o trabalho a que assistimos, e que marca a fase atual do progresso da Doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando a situação, torna-se evidente que a ideia ganha terreno diariamente e se aclimata; encontra menos oposição; riem menos e os mesmos que ainda não a aceitam, começam a lhe conceder foros de cidadania entre as opiniões. Os espíritas já não são mostrados a dedo, como outrora, e vistos como animais curiosos; é o que constatam, sobretudo, os que viajam. Por toda parte encontram mais simpatia ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não haja nisto um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, há que se observar a diversidade das opiniões, por meio das quais deve abrir passagem. Jamais se impondo pela força ou pelo constrangimento, mas só pela convicção, ele encontrou uma resistência mais ou menos grande, conforme a natureza das convicções existentes, com as quais podia assimilar-se mais ou menos facilmente, sendo recebido de braços abertos por umas, e repellido com obstinação por outras.

Duas grandes correntes de ideia dividem a sociedade atual: o espiritualismo e o materialismo. Embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode esconder que tomou grande extensão desde alguns anos. Um e outro se fracionam numa porção de nuanças, que se podem resumir nas principais categorias seguintes:

1^o) *Os fanáticos de todos os cultos* – 0.

2^o) *Os crentes satisfeitos*, com convicções absolutas, fortemente decididos e sem restrições, embora sem fanatismo, sobre todos

os pontos do culto que professam e com o qual estão satisfeitos. Esta categoria também compreende as seitas que, por terem aberto cisão e operado reformas, se julgam de posse de toda a verdade e, por vezes, são mais absolutas do que as religiões mães – 0.

3º) *Os crentes ambiciosos*, inimigos das ideias emancipadoras, que lhes poderiam fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância – 0.

4º) *Os crentes pela forma* que, por interesse, simulam uma fé que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes que as religiões sinceras – 0.

5º) *Os materialistas por sistema*, que se apoiam numa teoria racional e na qual muitos se obstinariam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam enganar-se; são, em maioria, tão absolutos e intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos em sua crença – 0.

6º) *Os sensualistas*, que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas, temerosos de que elas os venham perturbar em seus prazeres materiais. Fecham os olhos para não ver – 0.

7º) *Os indiferentes*, que só vivem para o hoje, sem se preocupar com o futuro. Em sua maior parte não saberiam dizer se são espiritualistas ou materialistas. Para eles o presente é a única coisa séria – 0.

8º) *Os panteístas*, que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal, no qual se confundem as almas, como as gotas no oceano, sem conservarem a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade e, por conseguinte, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às ideias espíritas, os que a professam são, em geral, muito absolutos, porque neles é um sistema preconcebido e racional, e muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem

materialistas. É uma concessão que fazem às ideias espiritualistas para salvar as aparências – 1.

9º) *Os deístas*, que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior – 3.

10º) *Os espiritualistas sem sistema*, que, por convicção, não pertencem a nenhum culto, sem repelir nenhum, mas que não têm qualquer ideia fixa sobre o futuro – 5.

11º) *Os crentes progressistas*, vinculados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião e o acordo das crenças com o progresso das ciências – 5.

12º) *Os crentes insatisfeitos*, nos quais a fé é indecisa ou nula sobre os pontos dogmáticos, que não lhes satisfazem completamente a razão, atormentada pela dúvida – 8.

13º) *Os incrédulos por falta de melhor*, dos quais a maior parte passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por não terem encontrado, nas crenças com que foi embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio penoso. Seriam felizes se pudessem enchê-lo – 9.

14º) *Os livres-pensadores*, nova denominação pela qual se designam os que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam atrelados pelo culto em que o nascimento os colocou sem o seu consentimento, nem obrigados à observação de práticas religiosas quaisquer. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; pode aplicar-se a todas as nuanças do espiritualismo racional, tanto quanto a mais absoluta incredulidade. Toda crença eclética pertence ao livre-pensamento; todo homem que não se guia pela fé cega é, por isto mesmo, livre-pensador. A este título os espíritas também são livres-pensadores.

Mas para os que podem ser chamados os radicais do livre-pensamento, esta designação tem uma aceção mais restrita e, a bem dizer, exclusiva; para estes, ser livre-pensador não é apenas crer no que vê: é não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é um estorvo e não a querem. Sob este símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsivo para a opinião das massas e, coisa singular, é em nome desse símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, que atiram pedra a quem quer que não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre os que se dizem *livre-pensadores*, como entre os que se dizem *filósofos*. Eles se dividem naturalmente em: Livres-pensadores incrédulos, que entram na 5ª categoria – 0; e livres-pensadores crentes, que pertencem a todas as nuances do espiritualismo racional – 9.

15º) *Os espíritas por intuição*, aqueles nos quais as ideias espíritas são inatas e que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha – 10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar. Lançando uma vista de olhos sobre as diferentes categorias acima, é fácil ver aquelas junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil e aquelas contra as quais se choca como a picareta contra o granito. Não triunfará destas senão com a ajuda dos novos elementos que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra daquele que dirige tudo e que faz surgirem os acontecimentos, de onde deve sair o progresso.

Os números colocados depois de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos sobre 10, que cada um fornece ao Espiritismo.

Se se admitir, em média, a igualdade numérica entre estas diferentes categorias, ver-se-á que a parte refratária, por sua natureza, abrange mais ou menos a metade da população. Como

ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas esse estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e vem o futuro; ora, o Espiritismo marcha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve ser recrutado, e o campo a explorar é bastante vasto; é aí que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites se ampliarem. Entretanto, esta metade ainda está longe de lhe ser inteiramente simpática; ele aí encontra resistências obstinadas, mas não insuperáveis, como na primeira, da qual a maior parte é devida a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da doutrina forem mais bem compreendidas, e desaparecerem com o tempo. Se nos podemos admirar de uma coisa é que, malgrado a multiplicidade dos obstáculos que ele encontra, das ciladas que lhe armam, tenha ele podido chegar a alguns anos ao ponto em que hoje se encontra.

Outro progresso não menos evidente é o da atitude da oposição. Pondo de lado os ataques violentos lançados de vez em quando por uma plêiade de escritores, *quase sempre os mesmos*, que em tudo só veem matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade beira à demência, muito surpreendidos de que o Espiritismo tenha marchado sem sua permissão, é raríssimo ver a doutrina posta em causa numa polémica séria e sustentada. Em vez disto, como já fizemos notar em artigo precedente, as ideias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; delas se apropriam sem o confessar, razão por que se vê a todo instante surgir nos jornais, nos livros, nos sermões e no teatro pensamentos que se diriam hauridos na própria fonte do Espiritismo. Por certo seus autores protestariam contra a qualificação de espíritas, mas nem por isso sofrem menos a influência das ideias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a doutrina são de tal modo racionais, que fermentam numa imensidão de cérebros e transparecem involuntariamente; tocam em tantas questões que, a bem dizer, é

impossível entrar na via da espiritualidade sem fazer Espiritismo involuntariamente. É um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de passar.

Disto se deve concluir que a luta acabou? Certamente não; devemos, ao contrário e mais que nunca, nos manter em guarda, porque teremos que sustentar assaltos de outro gênero; mas esperando que as fileiras se reforcem e que os passos à frente também sejam ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se deem por vencidos, e de tomar o seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo por neutralidade. Persuadamo-nos bem de que certas pessoas, enquanto viverem, *jamais* aceitarão o Espiritismo, nem aberta nem tacitamente, como existem as que jamais aceitarão certos regimes políticos. Todos os raciocínios para a ele os levar são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela doutrina cresce em razão do desenvolvimento que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornam-se mais raros, porque reconheceram a sua inutilidade; mas não perdem a esperança de triunfar com o auxílio de manobras tenebrosas. Longe de adormecer numa enganosa segurança, mais que nunca é preciso desconfiar dos falsos irmãos que se insinuem em todas as reuniões para espiar e, a seguir, *deturpar* o que aí se diz e se faz; que semeiam sub-repticiamente elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo artificial e por vezes interessado, procuram empurrar o Espiritismo para fora das vias da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a *comprometê-lo*, para o tornar suspeito à autoridade e provocar contra ele e seus aderentes, medidas rigorosas. Desconfiemos, pois, dos beijos de Judas e dos que nos querem abraçar para nos sufocar.

É preciso imaginar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prontos para aproveitar a ocasião favorável e que arrebanharão inteligências no próprio lugar.

Que fazer nesta ocorrência? Uma coisa muito simples: fechar-se nos estritos limites dos preceitos da Doutrina; esforçar-se em mostrar o que ela é por seu próprio exemplo e declinar toda solidariedade com o que pudesse ser feito em seu nome e que fosse capaz de desacreditá-la, porque não seria este o caso de adeptos sérios e convictos. Não basta dizer-se espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. Não pregando a doutrina senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para com todos; repudiando toda violência feita à consciência de outrem, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às relações com os Espíritos e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em censuras fundadas, nem em perseguições legais; mais ainda: quem quer que tome a doutrina como regra de conduta, não pode senão granjear estima e consideração das pessoas imparciais. Diante do bem, a própria incredulidade zombeteira se inclina e a calúnia não pode sujar o que está sem mancha. É nessas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que serão amontoadas em sua estrada e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo também não pode ser responsabilizado pelas faltas daqueles a quem agrada se dizerem espíritas, como a religião não o é pelos atos repreensíveis dos que só têm a aparência de piedade. Antes, pois, de fazer cair a censura de tais atos sobre um doutrina qualquer, seria preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensinamento que os possa autorizar ou até os desculpar. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é inteiramente pessoal e não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; ao contrário, eles se sentem muito felizes por encontrar uma ocasião de desacreditá-lo com ou sem razão, não se pejudando de lhe atribuir o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes, em vez de lhes buscar as causas atenuantes.

Desde algum tempo as reuniões espíritas vêm sofrendo certa transformação. As reuniões íntimas e de família

multiplicaram-se consideravelmente em Paris e nas principais cidades, em razão mesmo da facilidade que acharam em se formar, pelo aumento do número de médiuns e de adeptos. No princípio, os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem em torno dele. À medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se fracionaram, como enxames, numa porção de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade em se reunir, mais intimidade e homogeneidade em sua composição. Esse resultado, consequência da força mesma das coisas, era previsto. Desde a origem havíamos assinalado os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições e, por isto mesmo, alvo das intrigas, das cabalas, das manobras surdas da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, é-se mais senhor de si, conhece-se melhor, recebe-se quem se quer; aí o recolhimento é maior e sabe-se que os resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização nada deixa a desejar. Há, pois, tudo a ganhar nessa transformação.

Além disso, o ano de 1866 viu se realizarem as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes da doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que devem tomar a mediunidade, bem como sobre a produção de fenômenos suscetíveis de chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, embora aparentemente estranhos ao Espiritismo. A mediunidade curadora revelou-se em plena luz, nas circunstâncias mais propícias a fazer sensação; desabrocha em muitas outras pessoas. Em certos grupos manifestam-se numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e de outras variedades da faculdade mediúnica que puderam fornecer úteis assuntos de estudo. Sem ser precisamente novas, essas faculdades ainda estão no nascedouro numa porção de indivíduos; só se mostram em casos isolados e, por assim dizer, se ensaiam na intimidade; mas, com o tempo, adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se

revelam espontaneamente em pessoas estranhas ao Espiritismo que chamam a atenção mais fortemente, pois não se pode supor conivência nem admitir a influência de ideias preconcebidas. Limitamo-nos a assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes muito extensos. Aliás, teremos ocasião de a ele voltar, em artigos especiais.

Em resumo, se nada de muito retumbante assinalou a marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue nas condições normais traçadas pelos Espíritos e que só temos que nos felicitar pelo estado das coisas.

Pensamentos espíritas que correm o mundo

Em nosso último número referimos alguns pensamentos que se encontram aqui e ali, na imprensa, e que o Espiritismo pode reivindicar como partes integrantes da Doutrina. Continuaremos a referir, de vez em quando, os que vierem ao nosso conhecimento. Estas citações têm o seu lado útil e instrutivo, pois provam a vulgarização das ideias espíritas.

Na revista hebdomadária *Le Siècle* de 2 de dezembro, o Sr. E. Texier, dando conta de uma nova obra do Sr. P.-J. Stahl, intitulada *Bonnes fortunes parisiennes*, assim se exprime:

O que distingue essas *boas sortes parisienses* é a delicadeza de toque na pintura do sentimento, é o bom perfume do livro, que se respira como uma brisa. Raramente tinham tratado este assunto tão vasto, tão explorado, tão rebatido e sempre novo — o amor — com verdadeira ciência, sentida observação, mais tato e leveza de mão. Disseram que, numa existência anterior, Balzac deveria ter sido mulher; poder-se-ia dizer também que Stahl tinha sido uma jovem. Todos os pequenos segredos do coração que se abre ao contato do primeiro arroubo, ele os capta e os fixa até em seus mais finos

matizes. Ele fez melhor do que estudar as suas heroínas; dir-se-ia que sentiu todas as suas impressões, todas as suas vibrações, todos esses lindos choques — alegria ou dor — que se sucedem na alma feminina e a enchem aos primeiros botões da floração de abril.

Não é a primeira vez que a ideia das existências anteriores é expressa fora do Espiritismo. O autor do artigo outrora não poupava sarcasmos à nova crença, a propósito dos irmãos Davenport, em quem, como a maioria de seus confrades em jornalismo, julgou, e talvez ainda julgue encarnada a doutrina.

Escrevendo estas linhas, certamente não suspeitava que formulava um de seus mais importantes princípios. Que o tenha feito seriamente ou não, pouco importa! A coisa não prova menos que os próprios incrédulos encontram na pluralidade das existências, ainda que só admitida a título de hipótese, a explicação das aptidões inatas da existência atual. Este pensamento, lançado a milhões de leitores pelo vento da publicidade, se populariza, se infiltra nas crenças; habitua-se a ele; cada um aí procura a razão de ser de uma imensidade de coisas incompreendidas, de suas próprias tendências: aqui gracejando, ali seriamente; a mãe cujo filho é um tanto precoce sorri de bom grado à ideia de que ele possa ter sido um homem de gênio. Em nosso século racionalista, a gente quer dar conta de tudo; repugna ao maior número ver nas boas e más qualidades trazidas ao nascer, um jogo do acaso ou um capricho da Divindade; a pluralidade das existências resolve a questão mostrando que as existências se encadeiam e se completam umas pelas outras. De dedução em dedução chega-se a encontrar, neste princípio fecundo, a chave de todos os mistérios, de todas as aparentes anomalias da vida moral e material, das desigualdades sociais, dos bens e dos males daqui de baixo; enfim o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que é feliz ou desgraçado e o que deve fazer para assegurar a sua felicidade futura.

Se acha racional admitir que já vivemos na Terra, não o é menos que possamos aqui reviver ainda. Como é evidente que

não é o corpo que revive, só pode ser a alma; esta conservou, pois, a sua individualidade; não se confundiu no todo universal; para conservar suas aptidões, é preciso que tenha ficado ela mesma. O único princípio da pluralidade das existências é, como se vê, a negação do materialismo e do panteísmo.

Para que a alma possa realizar uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que não se perca nas profundezas do Infinito; deve permanecer na esfera de atividade terrestre. Eis, pois, o Mundo Espiritual que nos rodeia, em meio do qual vivemos, no qual se derrama a humanidade corporal, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas de *Espíritos* e eles em pleno Espiritismo.

Se Balzac pôde ter sido mulher e Stahl uma jovem, então as mulheres podem encarnar-se como homens e, por conseguinte, os homens podem encarnar-se como mulheres. Não há, pois, entre os dois sexos senão uma diferença material, acidental e temporária, uma diferença de vestimenta carnal; mas quanto à natureza essencial do ser, ela é a mesma. Ora, da igualdade de natureza e de origem, a lógica conclui pela *igualdade dos direitos sociais*. Vê-se a que consequências conduz somente o princípio da pluralidade das existências. Provavelmente o Sr. Texier não acreditava ter dito tanta coisa nas poucas linhas que citamos.

Mas, talvez digam, o Espiritismo admite a presença das almas em meio a nós e suas relações com os vivos; eis onde está o absurdo. Sobre este ponto escutemos o Sr. abade V..., novo cura de São Vicente de Paulo. No discurso que ele pronunciou domingo, 25 de novembro último, por sua investidura, fazendo o elogio do patrono da paróquia, disse: “O Espírito São Vicente de Paulo está aqui, eu o afirmo, meus irmãos; sim, ele está em meio a nós; paira sobre esta assembleia; ele nos vê e nos ouve; sinto-o perto de mim, a inspirar-me.” Que mais teria dito um espírita? Se o Espírito São Vicente de Paulo está na assembleia, por quem é atraído, senão pelo pensamento simpático dos assistentes? É o que diz o Espiritismo.

Se aí está, outros Espíritos igualmente aí podem encontrar-se. Eis o Mundo Espiritual que nos cerca. Se o Senhor abade sofre sua influência, pode sofrer a de outros Espíritos, assim como outras pessoas. Há, pois, relações entre o Mundo Espiritual e o mundo corporal. Se fala pela inspiração desse Espírito, então é médium falante; mas se fala, também pode escrever sob essa mesma inspiração o que, sem dúvida, terá feito mais de uma vez sem o suspeitar; ei-lo, então, médium escrevente inspirado, intuitivo. Entretanto, se lhe dissessem que havia pregado o Espiritismo, provavelmente se defenderia com todas as suas forças.

Mas sob que aparência o Espírito São Vicente de Paulo poderia estar nessa assembleia? Se o Senhor cura não diz, Paulo o diz: é com o corpo espiritual ou fluídico, *o corpo incorruptível*, que reveste a alma depois da morte, e ao qual o Espiritismo dá o nome de perispírito.

O perispírito, um dos elementos constitutivos do organismo humano, constatado pelo Espiritismo, tinha sido suspeitado há muito tempo. É impossível ser mais explícito a este respeito que o Sr. Charpignon, em sua obra sobre o magnetismo, publicada em 1842.¹ Com efeito, lê-se no capítulo II, p. 355:

As considerações psicológicas a que acabamos de nos entregar tiveram como resultado fixar-nos na necessidade de admitir, na composição da individualidade humana, *uma verdadeira trindade*, e achar neste *composto trinário um elemento de natureza essencialmente diferente das duas outras partes*, elemento perceptível, mais por suas faculdades fenomenais que por suas propriedades constitutivas, porque a natureza de um ser espiritual escapa aos nossos meios de investigação. O homem é, pois, um ser misto, um organismo de composição dupla, a saber: combinação de átomos formando os órgãos, e um elemento de natureza material, mas *indecomponível*,

¹ Nota de Allan Kardec: *Physiologie, médecine et métaphysique du magnétisme* [Fisiologia, medicina e metapsíquica do magnetismo] por Charpignon, 1 vol. In-8. Paris, Baillièrre, 17, rua da l'École-de-Médecine. Preço: 6 fr.

dinâmico por essência, numa palavra, um fluido imponderável. Isto quanto à parte material. Agora, como elemento característico da espécie hominal: este ser simples, inteligente, livre e voluntário, que os psicólogos chamam *alma*...

Estas citações e as reflexões que as acompanham têm por fim mostrar que a opinião está menos afastada das ideias espíritas do que se poderia crer, e que a força das coisas e a irresistível lógica dos fatos a isto conduzem por um pendor bem natural. Não é, pois, uma vã presunção dizer que o futuro é nosso.

Romance espírita

L'ASSASSINAT DU PONT-ROUGE, POR CH. BARBARA

O romance pode ser uma maneira de exprimir pensamentos espíritas sem se comprometer, porque o autor temeroso pode sempre responder à crítica zombeteira que não pretendeu senão fazer uma obra de fantasia, o que é certo para o grande número. Ora, tudo é permitido à fantasia. Mas, fantasia ou não, não deixa de ser uma das formas a favor da qual a ideia espírita pode penetrar nos meios onde não seria aceita sob uma forma séria.

O Espiritismo ainda é muito pouco, ou melhor, muito mal conhecido pela literatura, para ter fornecido assunto a tantas obras deste gênero. A principal, como se sabe, é a que Théophile Gautier publicou sob o nome de *Spirite*, e ainda se pode censurar o autor por se ter afastado, em vários pontos, da ideia verdadeira.

Outra obra de que igualmente falamos, e que sem ter sido feita especialmente visando o Espiritismo, a ele se liga de certo modo, é a do Sr. Elie Berthet, publicada em folhetim pelo *Le Siècle*, em setembro e outubro de 1865, sob o título de *La Double vue*. Aqui o autor dá provas de um conhecimento aprofundado dos fenômenos de que fala, e o seu livro alia a este mérito, o do estilo e de um interesse contínuo. É, ao mesmo tempo, moral e instrutivo.

La Second vie, de X.-B. Saintine, publicada em folhetim no grande *Le Moniteur*, em fevereiro de 1864, é uma série de novelas que nem têm o fantástico *impossível*, nem o caráter lúgubre dos contos de Edgar Poe,² mas a suave e graciosa simplicidade das cenas íntimas entre os habitantes deste e do outro mundo, nos quais o Sr. Saintine acreditava firmemente. Embora sejam histórias de fantasia, em geral pouco se afastam dos fenômenos que muitas pessoas puderam testemunhar. Aliás, sabemos que, em vida, o autor, que conhecemos pessoalmente, não era incrédulo nem materialista; as ideias espíritas lhe eram simpáticas, e o que escrevia era reflexo de seu próprio pensamento.

Séraphita, de Balzac, é um romance filosófico, baseado na doutrina de Swedenborg. Em *Consuelo* e na *Comtesse de Rudofstadt*, da Sra. George Sand, o princípio da reencarnação representa papel capital. O *Drag*, da mesma autora, é uma comédia representada, há alguns anos, no *Vaudeville*, e cujo enredo é inteiramente espírita. É fundado numa crença popular entre os marinheiros da Provença. Drag é um Espírito manhoso, mais malicioso que mau, que se diverte em pregar peças. É visto sob a figura de um jovem, exercendo sua influência e coagindo um indivíduo a escrever contra sua própria vontade. A imprensa, de ordinário tão benevolente para com essa escritora, mostrou-se severa com esta peça, que mereceria melhor acolhimento.

A França não tem o monopólio deste gênero de produções. O *Progrès Colonial*, da ilha Maurício, publicou em 1865, sob o título de *Histórias do outro mundo, contadas pelos espíritos*, um romance que não ocupava menos de 28 folhetins, cuja trama era toda feita pelo Espiritismo, e no qual o autor, Sr. de Germonville, dá provas de perfeito conhecimento do assunto.

Em alguns outros romances, a ideia espírita simplesmente fornece o tema dos episódios. O Sr. Aurélien Scholl, nos seus

² N.E.: Edgar Allan Poe (1809–1849). Autor, poeta, editor e crítico literário estadunidense.

Novos mistérios de Paris, publicados pelo *Le Petit Journal*, faz intervir um magnetizador, que interroga uma mesa pela tiptologia, depois uma moça posta em sonambulismo, cujas revelações deixam alguns assistentes em maus lençóis. A cena é bem apresentada e perfeitamente verossímil. (*Le Petit Journal* de 23 de outubro de 1866.)

A reencarnação é uma das ideias mais fecundas para os romancistas, e que pode fornecer efeitos tanto mais surpreendentes quanto em nada se afastam das possibilidades da vida material. O Sr. Charles Barbara, jovem escritor morto há alguns meses numa casa de saúde, dela fez aplicação das mais felizes em seu romance intitulado: *l'Assassinat du Pont-Rouge*, que o *Événement* ultimamente reproduziu em folhetim.

O assunto principal é um agente de câmbio que fugia para o estrangeiro, levando a fortuna de seus clientes. Atraído por um indivíduo a uma casa miserável, sob o pretexto de favorecer-lhe a fuga, aí é assassinado, despojado e jogado no Sena, ajudado por uma mulher chamada Rosalie, que morava na casa desse homem. O assassino agiu com tal prudência e soube tomar tão bem suas precauções, que todo traço do crime desapareceu e toda suspeita de assassinato foi afastada. Casou-se pouco depois com sua cúmplice Rosalie e ambos puderam daí por diante, viver na abundância, sem temer perseguição alguma, a não ser a do remorso, quando uma circunstância fez que suas angústias atingissem o mais alto grau. Eis como ele próprio a conta:

Esta quietude foi perturbada desde os primeiros dias de nosso casamento. A não ser que se exclua a intervenção direta de um poder oculto, forçoso é convir que o acaso aqui se mostrou estranhamente inteligente. Por maravilhoso que pareça o fato, não pensareis em pô-lo em dúvida, porque, também, nele tendes a prova viva em meu filho. Aliás, muitas pessoas não deixarão de aí ver um fato puramente físico e fisiológico e de explicá-lo racionalmente. Seja como for, de repente notei traços de tristeza no rosto de Rosalie. Perguntei a razão. Ela evitou responder.

Como no dia seguinte e nos outros sua melancolia só fizesse aumentar, supliquei-lhe que me tirasse da inquietação. Ela acabou me confessando uma coisa que não deixou de me comover no mais alto grau. Logo na primeira noite de nossas núpcias, em meu lugar, embora estivéssemos no escuro, ela tinha visto, mas visto mesmo, garantia, o rosto pálido do agente de câmbio. Inutilmente tinha esgotado suas forças em rechaçar o que tomava a princípio por simples lembrança. O fantasma não saiu de seus olhos senão aos primeiros clarões da aurora. Além disso, o que realmente justificava seu pavor é que a mesma visão a tinha perseguido com uma tenacidade análoga durante várias noites seguidas.

Afetei profundo desdém e tentei convencê-la de que tinha sido vítima de uma simples alucinação. Compreendi, pela tristeza que dela se apoderou e se transformou insensivelmente neste langor em que a vistes, que não tinha conseguido inculcar-lhe o meu sentimento. Uma gravidez penosa, agitada, equivalente a uma doença longa e dolorosa, piorou mais ainda esse mal-estar de espírito; e se um parto feliz, cumulando-a de alegria, teve influência salutar sobre o seu moral, foi de curta duração. Ainda mais, vi-me forçado a privá-la da felicidade de ter o filho ao seu lado, já que, em relação aos meus recursos oficiais, uma ama de leite morando em casa se me teria afigurado uma despesa superior às minhas posses.

Comovidos pelos sentimentos de figurar dignamente numa pastoral, íamos ver nosso filho de quinze em quinze dias. Rosalie o amava até a paixão, e eu mesmo não estava longe de amá-lo com frenesi, porque, coisa singular! nas ruínas que se amontoavam em mim, só os instintos da paternidade ainda restavam de pé. Abandonava-me a sonhos inefáveis; prometia-me dar uma educação sólida ao meu filho, preservá-lo, se possível, de meus vícios, de minhas faltas, de minhas torturas. Ele era minha consolação, minha esperança.

Quando digo eu, falo igualmente da pobre Rosalie, que se sentia feliz à ideia de ver o filho crescer ao seu lado. Assim, quais não foram as nossas inquietações, a nossa ansiedade, quando, à medida

que a criança se desenvolvia, percebemos em seu rosto as linhas que lembravam o de uma pessoa que desejaríamos esquecer para sempre. A princípio não passou de uma dúvida, sobre a qual guardamos silêncio, mesmo um em frente ao outro. Depois a fisionomia do menino aproximou-se a tal ponto da de Thillard, que Rosalie me falou com espanto, que eu mesmo não podia ocultar senão em parte as minhas cruéis apreensões. Enfim, a semelhança se nos mostrou tal, que pareceu realmente que o agente de câmbio tivesse *renascido* em nosso filho.

O fenômeno teria transtornado um cérebro menos sólido que o meu. Ainda muito firme para ter medo, pretendi ficar insensível ao golpe desferido em minha afeição paternal e fazer Rosalie partilhar de minha indiferença. Sustentei que nisto havia apenas um acaso; acrescentei que nada havia de mais mutável que o rosto das crianças e que, provavelmente, a semelhança desapareceria com a idade. Finalmente, caso acontecesse o pior, sempre nos seria fácil manter a criança afastada. Falhei completamente. Ela se obstinou em ver na identidade dos dois rostos um fato providencial, o germe de um castigo atroz que, mais cedo ou mais tarde, devia esmagar-nos e, sob o império desta convicção, seu repouso foi abolido para sempre.

Por outro lado, sem falar da criança, que era nossa vida? Vós mesmos pudestes ver a perturbação permanente, as agitações, os abalos, cada dia mais violentos. Quando todo traço de meu crime havia desaparecido, quando eu não tinha absolutamente mais nada a temer dos homens, quando a opinião a meu respeito tinha se tornando unanimemente favorável, em vez de uma segurança fundada na razão, eu sentia crescerem as minhas inquietações, as minhas angústias, os meus terrores. Eu mesmo me inquietava com as fábulas mais absurdas; no gesto, na voz, no olhar do primeiro que chegasse eu via uma alusão ao meu crime.

As alusões me mantiveram incessantemente no cadafalso do carrasco. Lembrai-vos desta noite em que o Sr. Durosoir contou uma de

suas instruções. Dez anos de dores lancinantes, que jamais equivaleriam ao que senti no momento em que, saindo do quarto de Rosalie, encontrei-me cara a cara com o juiz, que me fitava no rosto. Eu era de vidro; ele lia no fundo de meu peito. Num instante entrevi o patíbulo. Lembrai-vos do ditado: “Em casa de enforcado não se fala em corda”, e vinte outros detalhes do gênero. Era um suplício de todos os dias, de todas as horas, de todos os segundos. O que quer que fosse fazia-se no meu espírito uma horrorosa devastação.

O estado de Rosalie era ainda muito mais doloroso: vivia realmente nas chamas. A presença da criança na casa acabou por tornar a estada intolerável. Incessantemente, dia e noite, vivemos em meio às cenas mais cruéis. O menino me gelava de horror. Vinte vezes quase que o sufoquei. Além disso, Rosalie, que se sentia morrer, que acreditava na vida futura, nos castigos, aspirava a se reconciliar com Deus. Zombava dela, insultava-a, ameaçava batê-la. Entrava em furores para assassiná-la. Ela morreu a tempo para me preservar de um segundo crime. Que agonia! Ela jamais me sairá da memória.

Depois não vivi. Vangloriava-me de não ter mais consciência: esses remorsos cresceram ao meu lado, em carne e osso, sob a forma de meu filho. Esta criança, que consinto em ser seu guarda e o escravo, a despeito de sua imbecilidade não deixa de me torturar por seu ar, seu olhar estranho, pelo ódio instintivo que me vota. Não importa aonde eu vá, segue-me passo a passo, marcha ou se senta em minha sombra. À noite, após um dia de fadiga, sinto-o ao meu lado e basta seu contato para tirar-me o sono ou, pelo menos, perturbar-me com pesadelos. Receio que de repente a razão lhe venha, sua língua se solte e que ele fale e me acuse.

A Inquisição, em seu gênio de torturas, o próprio Dante, na sua *Suppliciomanie*, jamais imaginaram algo de tão espantoso. Isto me torna monomaníaco. Surpreendo-me desenhando à pena o quarto onde cometi o crime; escrevo em baixo esta legenda: *Neste quarto envenenei o agente de câmbio Thillard-Ducornet*, e assino. É assim

que, nas minhas horas de febre, detalhei em meu jornal mais ou menos palavra por palavra tudo que vos contei.

Mas não é tudo. Consegui subtrair-me ao suplício com que os homens castigam o assassino, e eis que este suplício se renova para mim quase todas as noites.

Sinto uma mão em meu ombro e ouço uma voz que me murmura ao ouvido: “Assassino!” Sou levado diante das togas vermelhas; um rosto pálido se ergue à minha frente e grita: “Ei-lo!” É meu filho. Nego. Meu desenho e minhas próprias memórias me são apresentados com minha assinatura. Como vedes, a realidade se mistura ao sonho e aumenta o meu pavor. Enfim, assisto a todas as peripécias de um processo criminal. Ouço a minha condenação: “Sim, ele é culpado.” Conduzem-me a uma sala escura, onde se vêm juntar a mim o carrasco e seus ajudantes. Quero fugir, laços de ferro me detêm e uma voz me grita: “Não há mais misericórdia para ti!” Experimento até a sensação do frio das lâminas em meu pescoço. Um padre ora ao meu lado e por vezes me convida ao arrependimento.

Repilo-o com mil blasfêmias. Semimorto, padeço os solavancos de uma carroça na via pública; ouço os murmúrios da multidão, comparáveis aos das vagas do mar e, no alto, imprecções de mil vozes. Chego à vista do cadafalso. Subo os degraus. Entretanto, o sonho é interrompido. Desperto justamente no momento em que a lâmina desliza entre as ranhuras, quando ia ser arrastado em presença daquele que quis negar, do próprio Deus, para aí ter os olhos queimados pela luz, mergulhar no abismo de minhas iniquidades e ser supliciado pelo sentimento de minha própria infâmia. Sufoco, o suor me inunda, o horror enche-me a alma. Não sei mais quantas vezes já sofri este suplício.

A ideia de fazer reviver a vítima no próprio filho do assassino, e que aí representa a imagem viva de seu crime, ligada aos seus passos é, ao mesmo tempo, engenhosa e muito moral. Quis o autor mostrar que o criminoso, se sabe escapar às perseguições

dos homens, não poderá subtrair-se às da Providência. Há aqui mais que remorso: é a vítima que se ergue sem cessar à sua frente, não sob a aparência de um fantasma ou de uma aparição, que poderia ser considerada como efeito da imaginação ferida, mas sob os traços de seu filho; é o pensamento que esta criança pode ser a própria vítima, pensamento corroborado pela instintiva aversão do menino, embora idiota, por seu pai; é a luta da ternura paternal contra esse pensamento que o tortura, luta horrível, que não permite ao culpado gozar sossegadamente o fruto de seu crime, como disso se tinha gabado.

Esse quadro tem o mérito de ser verdadeiro, ou melhor, perfeitamente verossímil, isto é, nada se afasta das leis naturais que, sabemos hoje, regem as relações dos seres humanos entre si. Aqui, nada de fantástico nem de maravilhoso; tudo é possível e justificado pelos numerosos exemplos que temos de indivíduos renascendo no meio onde já viveram em contato com os mesmos indivíduos, para repararem seus erros ou cumprirem deveres de reconhecimento.

Admiremos aqui a sabedoria da Providência que, *durante a vida*, lança um véu sobre o passado, sem o qual os ódios se perpetuariam, ao passo que acabam por se apaziguar nesse novo contato e sob o império dos bons procedimentos recíprocos. É assim que, pouco a pouco, o sentimento da fraternidade acaba por substituir o da hostilidade. No caso de que se trata, se o assassino tivesse tido certeza absoluta quanto à identidade de seu filho, teria podido buscar sua segurança num novo crime; a dúvida o deixaria em luta com a voz da Natureza, que nele falava pela voz da paternidade. Mas a dúvida era um suplício cruel, uma ansiedade perpétua, pelo temor que esta fatal semelhança levasse à descoberta do crime.

Por outro lado, o agente de câmbio, ele próprio culpado, tinha, se não como encarnado, mas como Espírito, a consciência de sua posição. Se servia de instrumento para o castigo de seu assassino, sua posição também lhe era um suplício. Assim, esses dois indivíduos, ambos culpados, se puniam reciprocamente, detidos em

seus ressentimentos mútuos pelos deveres que lhes impunha a natureza. Esta justiça distributiva, que castiga por meios naturais, pela consequência mesma da falta, mas que sempre deixa a porta aberta ao arrependimento e à reabilitação, não é mais digna da bondade de Deus que a condenação irremissível às chamas eternas? Porque o Espiritismo repele a ideia do inferno, tal qual o representam, pode dizer-se que tire todo freio às más paixões? Compreende-se esse gênero de punição; é aceito, porque é lógico; ele impressiona tanto mais quanto se o sente equitativo e *possível*. Esta crença é um freio muito mais poderoso que a perspectiva de um inferno em que já não creem, e do qual riem.

Eis um exemplo real da influência desta doutrina, para um caso que, embora menos grave, não prova menos o poder de sua ação:

Um senhor de nosso conhecimento pessoal, espírita fervoroso e esclarecido, vive com um parente muito próximo, que diversos indícios, tendo um grande caráter de probabilidade, lhe fazem crer tenha sido seu pai. Ora, esse parente nem sempre age para com ele como deveria. Sem tal pensamento aquele senhor, em muitas circunstâncias, por questões de interesse, teria usado de um rigor que estava em seu direito, e provocado uma ruptura. Mas a ideia de que poderia ser seu pai o reteve; mostrou-se paciente, moderado; suportou o que não teria tolerado da parte de uma pessoa que tivesse considerado como estranha. Não havia, em vida do pai, uma grande simpatia entre este e seu filho; mas a conduta deste, em tal circunstância, não era suscetível de aproximá-los espiritualmente e de destruir as prevenções que os afastavam um do outro? Se se reconhecessem de maneira certa, sua posição respectiva seria muito falsa e constrangedora; a dúvida em que está o filho basta para impedi-lo de agir mal, embora lhe deixe todo o seu livre-arbítrio. Que o parente tenha sido ou não o seu pai, o filho não tem menos o mérito do sentimento da piedade filial; se não lhe é nada, ser-lhe-á sempre levado em conta de seu bom procedimento, e o verdadeiro Espírito de seu pai lhe será grato.

Vós que zombais do Espiritismo, porque não o conheceis, se soubésseis o que ele encerra de poder para a moralização, compreenderíeis tudo o que a sociedade ganhará com a sua propagação e sereis os primeiros a aplaudi-lo. Vê-la-íeis transformada sob o império das crenças que conduzem, pela própria força das coisas e das leis da Natureza, à fraternidade e à verdadeira igualdade; compreenderíeis que só ele pode triunfar dos preconceitos, que são a pedra de tropeço do progresso social e, em vez de ridicularizar os que o propagam, os encorajaríeis, porque sentiríeis que é do vosso próprio interesse, de vossa segurança. Mas, paciência! Isto virá ou, melhor dizendo, isto já veio. Cada dia as prevenções se apaziguam, a ideia se propaga, infiltra-se sem ruído e começa-se a ver que existe aí algo de mais sério do que se pensava. Não está longe o tempo em que os moralistas, os apóstolos do progresso aí verão a mais poderosa alavanca que jamais tiveram nas mãos.

Lendo o romance do Sr. Charles Barbara, poder-se-ia crer que fosse espírita fervoroso e, contudo, não o era. Como dissemos, morreu numa casa de saúde, atirando-se pela janela num acesso de febre ardente. Era um suicídio, mas atenuado pelas circunstâncias. Evocado pouco tempo depois na Sociedade de Paris, e interrogado quanto às suas ideias a respeito do Espiritismo, eis a comunicação que deu a respeito:

(Paris, 19 de outubro de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Permiti, senhores, a um pobre Espírito infeliz e sofredor, vos pedir autorização para vir assistir às vossas sessões, todas de instrução, de devotamento, de fraternidade e de caridade.

Sou o infeliz que tinha o nome de *Barbara* e, se vos peço esta graça, é que o Espírito despojou o homem velho, e já não se crê mais tão superior em inteligência, como se julgava em vida.

Agradeço ao vosso chamamento e, tanto quanto estiver em meu poder, vou tentar responder à questão motivada por uma

página de uma de minhas obras. Mas eu vos pediria, previamente, levar em conta o meu estado atual, que se ressentia fortemente da perturbação, aliás, muito natural, que se experimenta ao passar bruscamente de uma a outra vida.

Estou perturbado por duas causas principais: a primeira é devida à minha provação, que era de suportar as dores físicas que experimentei, ou, antes, que meu corpo experimentou, quando me suicidei. – Sim, senhores, não temo dizê-lo, eu me suicidei, porque se meu Espírito estava perdido por momentos, eu o recobrei antes de me arrebentar no chão e... Disse: *tanto melhor!*... Que falta e que fraqueza!... As lutas da vida material estavam terminadas para mim, meu nome era conhecido, doravante não tinha senão que marchar a via que me era aberta e tão fácil de seguir!... Tive medo!... E, contudo, nas horas de incerteza e de desânimo, tinha lutado a despeito de tudo. A miséria e suas consequências não me tinham desalentado, e foi quando tudo se acabou para mim que exclamei: *O passo está dado; tanto melhor!*... *Não terei mais que sofrer!* Egoísta e ignorante!...

A segunda é que, depois de haver errado na vida, entre a convicção do nada e o pressentimento de um Deus que não podia ser senão uma força, única, grande, justa, boa e bela, nós nos encontramos em presença de uma inumerável multidão de seres ou Espíritos que nos conheceram, que nos amaram; que descobrimos vivas as nossas afeições, as nossas ternuras e amores; numa palavra, quando percebemos que apenas mudamos de domicílio. Então, concebeis, senhores, que é muito natural que um pobre ser que viveu entre o bem e o mal, entre a crença a incredulidade sobre outra vida, é muito natural, repito, que fique perturbado... de felicidade, de alegria, de emoção, um pouco de vergonha, vendo-se obrigado a confessar a si mesmo que, em seus escritos, o que atribuía à sua imaginação em trabalho, era uma profunda realidade, e que muitas vezes o homem de letras, que se infla de orgulho, vendo ler e ouvindo aplaudir páginas que julgava obra sua, por vezes não passa de um instrumento que escreve sob influência

dessas mesmas potências ocultas, cujo nome lança ao acaso da pena num livro.

Quantos grandes autores de todos os tempos escreveram, sem conhecer todo o valor filosófico, páginas imortais, marcos do progresso, colocadas por eles e por ordem de um poder superior, a fim de que, num dado tempo, a reunião de todos esses materiais esparsos forme um todo, tanto mais sólido quanto é o produto de várias inteligências, porque a obra coletiva é melhor: é, aliás, o que Deus assinará ao homem, pois a grande lei da solidariedade é imutável.

Não, senhores, não; eu não conhecia absolutamente o Espiritismo quando escrevia esse romance, e confesso que eu mesmo notei com surpresa o profundo modo de dizer de algumas linhas que lestes, sem compreender todo o alcance que, hoje, vejo claramente. Depois de havê-las escrito, aprendi a rir do Espiritismo, para fazer como os meus *esclarecidos* colegas e não querer parecer mais adiantado no ridículo do que eles próprios queriam. Ri!...; agora choro; mas também espero, porque mo ensinaram aqui: todo arrependimento sincero é um progresso, e todo progresso leva ao bem.

Não duvideis, senhores, de que muitos escritores são, por vezes, instrumentos inconscientes para a propagação das ideias que as forças invisíveis julgam úteis ao progresso da Humanidade. Não vos admireis, pois, de vê-los escrever sobre o Espiritismo sem nele crer; para eles é um assunto como outro qualquer, que se presta ao efeito, e não suspeitam que a ele sejam levados sem o saber. Todos esses pensamentos espíritas, que vedes emitidos por aqueles mesmos que, ao lado disso, fazem oposição, lhes são sugeridos, mas nem por isso deixam de fazer o seu caminho. Eu fui deste número.

Orai por mim, senhores, porque a prece é um bálsamo infável. A prece é a caridade que se deve fazer aos infelizes do outro mundo, e eu sou um deles.

BARBARA

Variedades

RETRATO FÍSICO DOS ESPÍRITAS

Lê-se no jornal *La France* de 14 de setembro de 1866:

A fé robusta das pessoas que, a despeito de tudo, acreditam em todas as maravilhas, tantas vezes desmentidas, do Espiritismo, é, em verdade, admirável. Mostra-se-lhes o *truque* das mesas girantes, e elas creem; desvendam-se-lhes as imposturas do armário dos Davenport, e elas creem mais ainda; exibem-se-lhes todos os cordões, fazem-nas tocar a mentira com o dedo, furam-lhe os olhos pela evidência do charlatanismo e sua crença apenas se torna mais obstinada. Inexplicável necessidade do impossível! *Credo quia absurdum.*³

Le Messager Franco-Américain, de Nova Iorque, fala de uma convenção dos adeptos do Espiritismo, que acaba de se reunir em Providence (Rhode Island). Homens e mulheres se distinguem por semblantes do outro mundo; a palidez da pele, a emaciação do rosto, o profético devaneio dos olhos, perdidos numa vaga oceânica, tais são, em geral, os sinais exteriores do espírita. Acrescente-se que, contrariamente ao uso geral, as mulheres cortam curtos os cabelos, à *mal-content*, como se dizia outrora, ao passo que os homens têm uma cabeleira abundante, absalônica, enérgica, descendo até as espáduas. Quando se faz comércio com os Espíritos, há que se distinguir do comum dos mortais, da vil multidão.

Vários discursos, muitos discursos foram pronunciados. Os oradores, sem mais preocupação com os desmentidos da Ciência do que com os do senso comum, imperturbavelmente lembraram a grande série, que cada um sabe de cor, dos fatos maravilhosos atribuídos ao Espiritismo.

³ N.E.: Do latim, "Creio, porque é absurdo."

Sem querer fazer-se passar por profetiza, a Srta. Susia Johnson declarou que previa estarem próximos os tempos em que a grande maioria dos homens não mais se rebelará às místicas revelações da religião nova. Apela com todos os seus votos para a criação de numerosas escolas, onde as crianças de ambos os sexos sorverão, desde a mais tenra idade, os ensinamentos do Espiritismo. Só faltava isto!

Sob o título de *Sempre os espíritas! o Événement* de 26 de agosto de 1866 publicou um longo artigo, do qual extraímos a seguinte passagem:

Fostes alguma vez a uma reunião de espíritas, numa noite de ociosidade ou de curiosidade? Geralmente, é um amigo que vos conduz. Sobee-se bastante — os Espíritos gostam de aproximar-se do Céu — para um pequeno apartamento já repleto. Entra-se às cotoveladas.

Amontoam-se pessoas, figuras bizarras, de gestos energúmenos. Sufoca-se nessa atmosfera, comprime-se, inclinam-se sobre as mesas onde médiuns, com os olhos no teto, lápis na mão, escrevem as elucubrações que passam por lá. Há uma surpresa inicial; procuram entre todas essas pessoas repousar o olhar; interrogam, adivinham, analisam.

Velhas de olhos ávidos, jovens magros e fatigados, a promiscuidade das classes e das idades, porteiras da vizinhança e grandes damas do bairro, chita da Índia e renda pura, poetisas do acaso e profetizas de ocasião, alfaiates e laureados do Instituto confraternizam no Espiritismo. Esperam, fazem girar as mesas, levantam-nas, leem em voz alta as garatujas que Homero ou Dante ditaram aos médiuns sentados. Esses médiuns estão imóveis, a mão sobre o papel, sonhando. De repente sua mão se agita, corre, sacode violentamente, cobre as folhas num vai e vem e para bruscamente. Então alguém, no silêncio, cita o nome do Espírito que acaba de ditar a mensagem e a lê. Ah! essas leituras!

Assim, ouvi Cervantes se queixar da demolição do Teatro das Diversões Cômicas⁴ e Lamennais contar que Jean Journet⁵ era seu amigo íntimo no Além. A maior parte do tempo Lamennais comete erros de ortografia e Cervantes não sabe uma palavra de espanhol. Outras vezes os Espíritos tomam um pseudônimo angélico para deixar a seu público algum aforismo à maneira de Pantagruel.⁶ Protestam. Respondem-lhes: Nós nos queixaremos ao vosso cabeça de fila!

O médium que traçou a frase torna-se sombrio e zangado, por estar em relação com *Espíritos* tão mal-educados. Perguntei a que legião pertenciam esses mistificadores do outro mundo e me responderam claramente: — São *Espíritos gaiatos!*

Sei de coisas mais amáveis — por exemplo, o Espírito *desenhista* que impulsionou a mão de Victorien Sardou, e o fez traçar a imagem da casa onde Beethoven habita no Além. Profusão de folhagens ornamentais, entrelaçamentos de colcheias e semicolcheias, é um trabalho de paciência que demandaria meses e que foi feito numa noite. Pelo menos foi o que me afirmaram. Só o Sr. Sardou poderia convencer-me.

Pobre cérebro humano! como estas coisas são dolorosas para contar! Assim, não demos um passo para o lado da Razão e da Verdade! Ou, no mínimo, o batalhão de preguiçosos engrossa dia a dia, à medida que se avança! É formidável, é quase um exército. Sabeis quantas possessas há atualmente na França?

Mais de duas mil. As possessas têm sua presidente, a Sra. B... que, desde a idade de dois anos, vive em contato direto com a Virgem. Duas mil! O Auvergne guardou seus milagres, as Cevenas têm

⁴ N.E.: Théâtre des Délassements-Comiques – nome usado para diferentes teatros em Paris de 1785 a 1890.

⁵ N.E.: Jean Journet (1799–1861) divulgador da doutrina de Charles Fourier.

⁶ N.E.: Personagem do livro *La Vie de Gargantua et de Pantagruel* de François Rabelais (1493–1553).

sempre os seus *Camisards*.⁷ Os livros de Espiritismo, os tratados de misticismo têm sete, oito, dez edições. O maravilhoso é mesmo a doença de um tempo que, nada tendo diante do espírito para se satisfazer, refugia-se nas quimeras, como um estômago debilitado e privado de carne, que se alimentasse de gengibre.

E o número dos loucos aumenta! O delírio é como uma onda, que sobe. Que luz se há de buscar, então, já que a eletricidade é insuficiente para destruir essas trevas?

JULES CLARETIE

Realmente seria um erro irritar-se com tais adversários, pois acreditam de boa-fé e muito ingenuamente que têm o monopólio do bom senso. O que é tão divertido quanto os singulares retratos que fazem dos espíritas, é vê-los gemer dolorosamente por esses pobres cérebros humanos, que não dão nenhum passo para o lado da razão e da verdade, porque querem, custe o que custar, ter uma alma e acreditar no outro mundo, a despeito da eloquência dos incrédulos para provar que isto não existe, para a felicidade da Humanidade; são seus pesares à vista desses livros espíritas, que se esgotam sem o concurso de anúncios, reclames e *elogios pagos* da imprensa; deste batalhão de preguiçosos da razão que, coisa desesperadora! engrossa diariamente e se torna tão formidável que é quase um exército; que nada tendo diante do espírito para os satisfazer, são bastante tolos para recusar a perspectiva do nada, que lhes oferecem para encher o vazio. É realmente para desesperar ver esta pobre Humanidade, bastante ilógica para não achar melhor o *nada* em troca de alguma coisa, por preferir *reviver* a morrer de vez.

Estas facécias, essas imagens grotescas, mais divertidas que perigosas, e que seria pueril levar a sério, têm seu lado instrutivo, razão por que citamos alguns exemplos. Outrora procuravam

⁷ Nota do tradutor: *Grifo nosso*. Calvinistas das Cevenas (Cevennes) que se rebelaram durante as perseguições que se seguiram à revogação do Edito de Nantes.

combater o Espiritismo com argumentos, sem dúvida maus, pois não convenceram a ninguém; mas, enfim, bem ou mal, tentavam discutir a coisa; homens de real valor, oradores e escritores, exploraram o arsenal das objeções para o combater. Qual o resultado? Seus livros foram esquecidos e o Espiritismo está de pé. Eis um fato. Hoje ainda há alguns zombadores, do quilate dos que acabamos de citar, pouco preocupados com o valor dos argumentos, para quem rir de tudo é uma necessidade, mas não mais se discute. A polêmica adversa parece ter esgotado suas munições; os adversários se contentam em lamentar o progresso do que chamam uma calamidade, como se queixam do progresso de uma inundação que não se pode deter. Mas as armas ofensivas para combater a doutrina não deram nenhum passo à frente, e se ainda não acharam o fuzil engatilhado para abatê-lo, não foi por não o terem procurado.

Seria trabalho inútil refutar coisas que se refutam por si mesmas. Às recriminações com que o jornal *La France* faz preceder o burlesco retrato que toma do jornal americano, só há uma coisa a responder. Se a fé dos espíritas resiste à revelação dos truques e dos cordões do charlatanismo, é que isto não é o Espiritismo; se, quanto mais divulgam as manobras fraudulentas, mais redobra a fé, é que esgrimis para combater precisamente o que desaprova e ele próprio combate; se não se abalam com vossas demonstrações, é que estais por fora da questão; se quando feris, o Espiritismo não grita, é que feris na periferia e então os zombadores não estão por vós. Desmascarando os abusos que fazem de uma coisa, fortifica-se a própria coisa, como se fortalece a verdadeira religião estigmatizando os seus abusos. Só os que vivem dos abusos podem lastimar-se, tanto em Espiritismo quanto em religião.

Contradição mais estranha! Os que pregam a igualdade social veem, sob o império das crenças espíritas, os preconceitos de castas se apagarem, as fileiras extremas se reaproximarem, o grande e o pequeno se darem as mãos fraternalmente, e riem! Na verdade, lendo estas coisas, pergunta-se de que lado está a aberração.

Necrológio

SR. LECLERC

A Sociedade Espírita de Paris acaba de sofrer nova perda na pessoa do Sr. Charles-Julien Leclerc, antigo mecânico, de 57 anos, morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, em 2 de dezembro, no momento em que entrava na ópera. Tinha morado muito tempo no Brasil e foi ali que colheu as primeiras noções do Espiritismo, para o que o havia preparado a doutrina de Fourier, da qual era zeloso partidário. Voltando à França, depois de haver conquistado uma posição de independência por seu trabalho, devotou-se à causa do Espiritismo, cujo elevado alcance humanitário e moralizador para a classe operária ele entrevira facilmente. Era um homem de bem, estimado e lamentado por todos que o conheceram, um espírita de coração, esforçando-se para pôr em prática, em benefício de seu avanço moral, os ensinamentos da doutrina, um desses homens que honram a crença que professam.

A pedido da família, fizemos junto ao túmulo a prece pelas almas que acabam de deixar a Terra (*O evangelho segundo o espiritismo*), seguida das seguintes palavras:

“Caro Sr. Leclerc, sois um exemplo da incerteza da vida, pois na antevéspera de vossa morte estáveis entre nós, sem que nada deixasse pressentir uma partida tão súbita. São advertências divinas para que estejamos sempre prontos a prestar contas do emprego que fizemos do tempo que passamos na Terra. Deus nos chama no momento em que menos esperamos. Que seu nome seja bendito por vos ter poupado as angústias e os sofrimentos que por vezes acompanham o trabalho da separação.

Fostes reunir-vos aos colegas que vos precederam e que, sem dúvida, vieram receber-vos no limiar da nova vida; mas essa vida, com a qual estáveis identificado, em nada vos deve surpreender; nela entrastes como num país conhecido, e não duvidamos que

aí gozeis da felicidade reservada aos homens de bem, aos que praticaram as leis do Senhor.

Vossos colegas da Sociedade Espírita de Paris se honram de vos ter contado em suas fileiras, e vossa memória lhes será sempre cara. Por minha voz eles vos oferecem a expressão de seus sentimentos, muito sinceros, da simpatia que soubestes granjear. Se alguma coisa suaviza nosso pesar por esta separação, é o pensamento de que sois feliz como o merecéis, e a esperança de que não deixareis de vir participar dos nossos trabalhos.

Que o Senhor, caro irmão, derrame sobre vós os tesouros de sua infinita bondade. Nós lhe pedimos que vos conceda a graça de velar por vossos filhos e de os dirigir no caminho do bem que havíeis seguido.”

Prontamente desprendido, como o supúnhamos, o Sr. Leclerc pôde manifestar-se na Sociedade, na sessão que se seguiu ao seu enterro. Por conseguinte, não houve nenhuma interrupção em sua presença, já que ele tinha assistido à sessão precedente. Além do sentimento de afeição que nos ligava a ele, esta comunicação devia ter o seu lado instrutivo; seria interessante conhecer as sensações que acompanham esse gênero de morte.

Nada do que possa esclarecer sobre as diversas fases desta passagem, que todo o mundo deve transpor, poderia ser indiferente. Eis a comunicação:

(Sociedade de Paris, 7 de dezembro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Posso, enfim, por minha vez, vir a este mesa! Embora minha morte seja recente, já fui tomado de impaciência mais de uma vez; mas eu não podia apressar a marcha do tempo. Eu também vos devia agradecer a prontidão em cercar os meus despojos mortais e os pensamentos simpáticos que prodigalizastes ao meu Espírito. Oh! mestre, obrigado por vossa benevolência, pela profunda emoção que

sentistes, acolhendo meu amado filho. Como eu seria ingrato se não vos conservasse uma eterna gratidão!

Meu Deus, obrigado! meus votos estão realizados. Este mundo, que eu não conhecia senão por meio das comunicações dos Espíritos, hoje posso apreciar a sua beleza. Em certa medida, experimentei as mesmas emoções ao chegar aqui, mas infinitamente mais vivas do que as que senti ao atracar pela primeira vez nas terras da América. Eu não conhecia esse país senão pelo relato dos viajantes e estava longe de fazer uma ideia de suas luxuriantes produções. Deu-se o mesmo aqui. Como este mundo é diferente do nosso! Cada rosto é a reprodução exata dos sentimentos íntimos; nenhuma fisionomia mentirosa; impossível a hipocrisia; o pensamento se revela inteiramente ao olhar, benévolo ou malevolente, conforme a natureza do Espírito.

Pois bem! Aqui ainda sou castigado por minha falta principal, a que combatia com tanto trabalho na Terra, e que tinha conseguido dominar em parte; a impaciência que tinha de me ver entre vós perturbou-me a tal ponto que já não sei exprimir minhas ideias com lucidez, embora esta matéria que outrora tanto me arrastava à cólera não mais exista! Mas, vamos, é preciso que eu me acalme.

Oh! fiquei muito surpreso com este fim inesperado! Eu não temia a morte e, desde muito tempo, a considerava como o fim da provação; mas essa morte tão imprevisita não deixou de me causar um profundo abalo... Que golpe para minha pobre mulher!... Como o luto sucedeu rapidamente ao prazer! Eu sentia verdadeira satisfação em ouvir boa música, mas não pensava estar tão cedo em contato com a grande voz do Infinito... Como a vida é frágil!... Um glóbulo sanguíneo se coagula, a circulação sanguínea perde sua regularidade e tudo está acabado!... Eu teria querido viver ainda alguns anos, ver meus filhos todos encaminhados, mas Deus decidiu de outro modo. Que seja feita a sua vontade!

No momento em que a morte me feriu, recebi como que uma bordoadada na cabeça; um peso esmagador me derrubou;

de repente senti-me livre, aliviado. Planei acima de meus despojos; considere com espanto as lágrimas dos meus e, enfim, dei-me conta do que me tinha acontecido. Reconheci-me prontamente. Vi meu segundo filho acorrer, chamado pelo telégrafo. Ah! bem que tentei consolá-los; soprei-lhes meus melhores pensamentos e vi, com certa felicidade, alguns cérebros refratários pouco a pouco inclinados para o lado da crença que fez toda a minha força nestes últimos anos, à qual devia tão bons momentos. Se venci um pouco o homem velho, a quem o devo, senão ao nosso caro ensino, aos reiterados conselhos de meus guias? E, contudo, eu corava, não obstante Espírito, deixando-me ainda dominar por esse maldito defeito: a impaciência. Por isso sou castigado, porque estava pressuroso para me comunicar e vos contar mil detalhes, que sou obrigado a adiar. Oh! serei paciente, mas com pesar. Estou tão feliz aqui, que me custa deixar-vos. Entretanto, bons amigos estão junto de mim e eles próprios se uniram para me acolher: Sanson, Baluze, Sonnez, o alegre Sonnez, de cuja verve satírica eu tanto gostava, depois Jobard, o bravo Costeau e tantos outros. Em último lugar a Sra. Dozon; depois um pobre infeliz, muito para lastimar, e cujo arrependimento me toca. Oraí por ele, como por todos os que se deixaram dominar pela prova.

Em breve voltarei para me entreter novamente e, ficai certos, não serei menos assíduo às nossas caras reuniões, como Espírito, do que o era como encarnado.

LECLERC

Notas bibliográficas

POESIAS DIVERSAS DO MUNDO INVISÍVEL

(Recebidas pelo Sr. Vavasseur)

Esta coletânea, que no último número anunciamos como estando no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias

obtidas pelo Sr. Vavas seur como médium, quer em vigília, quer em sonambulismo espontâneo, pelos fragmentos que publicamos. Limitar-nos-emos, pois, a dizer que ao mérito da versificação elas aliam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da doutrina e que, a esse título, terão um lugar de honra em toda biblioteca espírita. Julgamos acrescentar-lhes uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia mediúnica em geral, destinada a responder a certas objeções da crítica sobre esse gênero de produções.

Modificações introduzidas na impressão permitirão pô-las ao preço de 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 15 c.

RETRATO DO SR. ALLAN KARDEC

(Desenhado e litografado pelo Sr. Bertrand, artista-pintor)

Dimensão: papel china, 35 cm x 28 cm; com a margem, 45 cm x 38 cm – Preço: 2 fr. 50 c; pelo correio, para a França e a Argélia, porte e estajo de embalagem, mais 50 c. – Em casa do autor, rua das Dames, 99, Paris-Batignolles e no escritório da *Revista*.

Sr. Bertrand é um dos excelentes médiuns escreventes da Sociedade Espírita de Paris e deu provas de zelo e devotamento pela doutrina. Esta consideração, aliada ao desejo de lhe ser útil, tornando-o conhecido como artista de talento, fez calar o escrúpulo, por nós tido até aqui, de anunciar a venda de nosso retrato, com receio de que nisto vissem uma presunção ridícula. Apressamo-nos, pois, em declarar que somos completamente estranhos a essa publicação, como a de retratos editados por vários fotógrafos.

L'UNION SPIRITE DE BORDEAUX

O jornal *L'Union Spirite* de Bordeaux, redigida pelo Sr. A. Bez, momentaneamente interrompida por uma grave moléstia do diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade, retomou o curso de suas publicações, como tínhamos anunciado, e deve

ser arranjado um meio para que os assinantes não sofram qualquer prejuízo por essa interrupção. Felicitamos sinceramente os Sr. Bez e fazemos votos sinceros para que nada entrave, futuramente, a útil publicação que ele empreendeu e que merece ser encorajada.

LA VOCE DI DIO

O diretor de *La Voce di Dio*, jornal espírita italiano que se publica na Sicília, informa que, por força de acontecimentos sobrevindos naquela região, e sobretudo as devastações causadas pela cólera, a cidade de Catânia, estando quase deserta, ele se vê forçado a interromper a sua publicação. Pretende retomá-la tão logo as circunstâncias o permitam.

RETIFICAÇÃO AOS EVANGELHOS DO SR. ROUSTAING

O Sr. Roustaing, de Bordeaux, dirigiu-nos a carta seguinte, pedindo a sua inserção:

Sr. Diretor da *Revista Espírita*,

Na obra que anunciastes no número da *Revista Espírita* de junho último, e intitulada: “*Espiritismo cristão ou revelação da revelação – Os quatro evangelhos*, seguidos dos mandamentos explicados em *Espírito e em Verdade*, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e Moisés, recolhidos e postos em ordem pelo Sr. J.-B. Roustaing, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário, 3 vol., Paris, Livraria Central, nº 24, 1866”, obra que presenteei à direção da *Revista Espírita* de Paris nos meses de abril e maio últimos, que a aceitou, foi omitida na impressão, o que escapou à correção das provas, uma passagem do manuscrito. Esta passagem omitida e que está assim concebida, tem seu lugar depois da última linha da p. 111 do 3º volume:

“E esta hipótese da parte dos espíritos: — Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre — e se os anjos ou Espíritos

Superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado — no momento mesmo em que a pedra foi arrancada e derrubada, seria, *a priori, inadmissível e falsa*; ela deve, com efeito, ser afastada como tal, em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que então seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, explicada segundo o espírito que vivifica, em Espírito e em Verdade, segundo o curso de leis da Natureza, e não rejeitada.” (Vide *supra*, 3º vol., p. 23 e 24; — 1º vol., p. 27 a 44; 67 a 86; 122 a 129; 165 a 193; 226 a 266; — 3º vol., p. 139 a 145; 161 a 163; 168 a 175.)

Pela publicidade em vosso jornal, para levar ao conhecimento dos que leram, dos que leem e dos que lerão esta obra, esta omissão que ocorreu na impressão, e a fim de que os que têm esta obra possam acrescentá-la a mão, na página indicada, o parágrafo acima mencionado — venho solicitar a gentileza da inserção da presente carta no mais próximo número da *Revista Espírita* de Paris, pelo que vos agradeço antecipadamente.

Aceitai, senhor Diretor etc.

ROUSTAING,
Advogado na Corte Imperial de Bordeaux,
antigo bastonário, rua Saint-Siméon, 17

Aviso aos Srs. Assinantes

Para evitar o acúmulo das distribuições de 1º de janeiro, a *Revista* deste mês será expedida no dia 25 de dezembro. Além disso, é dirigida a todos os antigos assinantes, com exceção dos que o são por intermediários, e cujos nomes não nos são conhecidos. Os números seguintes só serão expedidos se as assinaturas forem renovadas.

Embora seja facultado à *Revista* aparecer de 1º a 5, não aconteceu uma só vez este ano que ela aparecesse no dia 5. Uma verificação muito minuciosa, feita antes de cada remessa, mostrou que os atrasos na recepção não cabem à direção. Várias vezes foi constatado que se deviam a causas locais ou à má vontade de certas pessoas, por cujas mãos passa a *Revista* antes de chegar ao destinatário.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

FEVEREIRO DE 1867

Nº 2

Livre-pensamento e livre-consciência

Num artigo do nosso último número, intitulado: *Olhar retrospectivo sobre o Movimento Espírita*, apresentamos duas classes distintas de livres-pensadores: os incrédulos e os crentes, e dissemos que, para os primeiros, ser livre-pensador não é apenas crer no que se quer, mas não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; para os segundos, é subordinar a crença à razão e libertar-se do jugo da fé cega. Estes últimos têm por órgão de publicidade *La Libre Conscience*, título significativo; os outros, o jornal *La Libre Pensée*, qualificação mais vaga, mas que se especializa pelas opiniões formuladas e que vem em todos os pontos corroborar a distinção que fizemos. Aí lemos no nº 2, de 28 de outubro de 1866:

As questões de origem e de fim até aqui têm preocupado a Humanidade a ponto de, por vezes, lhe perturbar a razão. Esses problemas, que foram qualificados de temíveis, e que julgamos de importância *secundária*, não são do domínio imediato da Ciência. Sua solução científica não pode oferecer senão uma semicerteza. Tal qual é, entretanto, ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. Aliás, nosso objetivo é só nos ocuparmos de assuntos abordáveis pela observação. Pretendemos ficar na Terra. Se, por

vezes, dela nos afastamos para responder aos ataques dos que não pensam como nós, a incursão fora do real será de curta duração. Teremos sempre presente à lembrança este sábio conselho de Helvétio: “É preciso ter coragem de ignorar o que não se pode saber”.

Um novo jornal, *La Libre Conscience*, nosso irmão mais velho, como faz notar, deseja-nos boas-vindas em seu primeiro número. Nós lhe agradecemos pela maneira cortês pelo qual usou o seu direito de progeneritura. Nosso confrade pensa que, malgrado a analogia dos títulos, nem sempre estaremos em “completa afinidade de ideias.” Após a leitura de seu primeiro número estamos certos disso; também não compreendemos a livre-consciência senão como o livre-pensamento com um limite dogmático previamente assinalado. Quando se declara claramente discípulo da Ciência e campeão da livre-consciência, é irracional, em nossa opinião, estabelecer como dogma uma crença qualquer, impossível de provar cientificamente. A liberdade assim limitada não é liberdade. Por nossa vez, damos as boas-vindas à livre-consciência e estamos dispostos a ver nela uma aliada, pois declara querer combater por todas as liberdades... menos uma.

É estranho que considerem a origem e o fim da Humanidade como questões secundárias, próprias para perturbar a razão. Que diriam de um homem que, vivendo apenas o dia de hoje, não se inquietasse como viverá amanhã? Passaria por um homem sensato? Que pensariam daquele que, tendo uma mulher, filhos, amigos, dissesse: Que me importa que amanhã estejam vivos ou mortos? Ora, o amanhã da morte é longo; não é, pois, de admirar que tanta gente se preocupe com ele.

Se se fizer a estatística de todos os que perdem a razão, ver-se-á que o maior número está precisamente do lado dos que não creem nesse amanhã, ou que dele duvidam, e isto pela razão muito simples: a maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e pela falta de coragem moral, que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza desse amanhã torna menos amargas as

vicissitudes do presente, e os faz considerar como incidentes passageiros, cujo moral não se afeta ou só mediocrementemente se afeta. Sua confiança no futuro lhe dá uma força, que jamais terá aquele que só tem o nada como perspectiva. Está na posição de um homem que, arruinado hoje, tem a certeza de ter amanhã uma fortuna superior à que acaba de perder. Neste caso, facilmente toma seu partido e fica calmo; se, ao contrário, nada espera, entra em desespero e sua razão pode sofrer com isto.

Ninguém contestará que saber de onde se vem e para onde se vai, o que se fez na véspera e o que se fará amanhã, não seja uma coisa necessária para regular os negócios diários da vida, e que esse princípio não influa na conduta pessoal. Certamente o soldado que sabe para onde o conduzem, que vê o seu objetivo, marcha com mais firmeza, mais disposição, mais entusiasmo do que se o conduzissem às cegas. Dá-se o mesmo do pequeno ao grande, da individualidade ao conjunto. Saber de onde se vem e para onde se vai não é menos necessário para regular os negócios da vida coletiva da Humanidade. No dia em que a Humanidade inteira tivesse certeza de que a morte não tem saída, veria uma confusão geral e os homens se atirando uns contra os outros, dizendo: se não devemos viver senão um dia, vivamos o melhor possível, não importa à custa de quem!

O jornal *La Libre Pensée* declara que entende ficar na Terra, e se dela sai por vezes, será para refutar os que não pensam como ele, mas que suas incursões fora do real serão de curta duração. Compreenderíamos que assim fosse com um jornal exclusivamente científico, tratando de matérias especiais. É evidente que seria intempestivo falar de espiritualidade, de Psicologia ou de Teologia a propósito de Mecânica, de Química, de Física, de cálculos matemáticos, de comércio ou de indústria; mas, desde que se faz entrar a *filosofia* em seu programa, não poderia executá-lo sem abordar questões metafísicas. Embora a palavra *filosofia* seja muito elástica, e tenha sido singularmente desviada de sua acepção etimológica, implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais.

O conselho de Helvécio: “É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber” é muito sábio e se dirige, sobretudo, aos sábios presunçosos, que pensam que nada pode ser oculto ao homem, e que o que eles não sabem ou não compreendem não deve existir. Entretanto, seria mais justo dizer: “É preciso ter a coragem de *confessar sua ignorância* sobre aquilo que não se sabe.” Tal qual está formulado, poder-se-ia traduzi-lo assim: “É preciso ter a coragem de *conservar a sua ignorância*”, donde esta consequência: “É inútil procurar saber o que não se sabe.” Sem dúvida há coisas que o homem jamais saberá enquanto estiver na Terra, porque, seja qual for a sua presunção, a Humanidade aqui ainda se acha em estado de adolescência. Mas quem ousaria estabelecer limites absolutos àquilo que pode saber? Já que hoje sabe infinitamente mais que os homens dos tempos primitivos, por que, mais tarde, não saberia mais do que sabe agora? É o que não podem compreender os que não admitem a perpetuidade e a perfectibilidade do *ser espiritual*. Muitos pensam: Estou no topo da escada intelectual; o que não vejo e não compreendo, ninguém pode ver nem compreender.

No parágrafo narrado acima e relativo ao jornal *La Libre Conscience*, está dito: “[...] também não compreendemos a livre-consciência senão como o livre-pensamento com um limite dogmático previamente assinalado. Quando se declara discípulo da Ciência, é irracional estabelecer como dogma uma crença *qualquer*, impossível de provar cientificamente. A liberdade assim limitada não é liberdade”.

Toda a doutrina está nestas palavras; a profissão de fé é clara e categórica. Assim, porque Deus não pode ser demonstrado por uma equação algébrica e a alma não é perceptível com o auxílio de um reativo, é absurdo crer em Deus e na alma. Em consequência, todo discípulo da Ciência deve ser ateu e materialista. Mas, para não sair da materialidade, a Ciência é sempre infalível em suas demonstrações? Não se viu tantas vezes dar como verdades o que mais tarde se reconheceu serem erros e *vice-versa*? Não foi em nome da Ciência

que o sistema de Fulton foi declarado uma quimera? Antes de conhecer a lei da gravitação, não demonstrou ela cientificamente que não podia haver antípodas? Antes de conhecer a da eletricidade, não demonstrou por $a + b$ que não existia velocidade capaz de transmitir um despacho a quinhentas léguas em alguns minutos?

Tinha-se experimentado muito a luz e, no entanto, há poucos anos ainda, quem teria suspeitado os prodígios da fotografia? Contudo, não foram os cientistas oficiais que fizeram essa prodigiosa descoberta, como não fizeram as do telégrafo elétrico, nem das máquinas a vapor. Ainda hoje conhece a Ciência todas as leis da Natureza? Sabe todos os recursos que podem ser tirados das leis conhecidas? Quem ousaria dizê-lo? Não é possível que um dia o conhecimento de novas leis torne a vida *extracorpórea* tão evidente, tão racional, tão inteligível quanto a dos antípodas? Tal resultado, pondo termo a todas as incertezas, seria então para desdenhar? Seria menos importante para a Humanidade do que a descoberta de um novo continente, de um novo planeta, de um novo engenho de destruição? Pois bem! esta hipótese tornou-se realidade; é ao Espiritismo que a devemos, e é graças a ele que tanta gente, que acreditava morrer para sempre, agora está certa de viver sempre.

Falamos da força de gravitação, desta força que rege o Universo, desde o grão de areia até os mundos. Mas, quem a viu? Quem a pôde seguir e analisar? Em que consiste? Qual a sua natureza, sua causa primeira? Ninguém o sabe e, contudo, ninguém hoje dela duvida. Como reconheceram? Por seus efeitos; dos efeitos concluíram a causa. Fez-se mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa, que jamais foi vista. Dá-se o mesmo com Deus e a vida espiritual, que também se julga por seus efeitos, conforme o axioma: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito”. Crer em Deus e na vida espiritual não é, pois, uma crença puramente gratuita, mas o resultado de observações, tão positivas quanto as que fizeram crer na força da gravitação.

Depois, em falta de provas materiais, ou concorrentes a estas, não admite a filosofia as provas morais que, por vezes, têm tanto ou mais valor que as outras? Vós, que não tomais por verdade senão o que está provado materialmente, que diríeis se, sendo injustamente acusado de um crime, cujas aparências fossem todas contra vós, como se vê com frequência na justiça, os juízes não levassem em nenhuma conta as provas morais que vos fossem favoráveis? Não seríeis os primeiros a invocá-las? a fazer valer sua preponderância sobre efeitos puramente materiais, que podem criar uma ilusão? a provar que os sentidos podem iludir o mais clarividente? Se, pois, admitis que as provas morais devem pesar na balança de um julgamento, não seríeis consequentes convosco mesmo negando seu valor quando se trata de formar uma opinião sobre as coisas que, por sua natureza, escapam à materialidade.

Que de mais livre, de mais independente, de menos perceptível por sua própria essência, do que o pensamento? E, contudo, eis uma escola que pretende emancipá-lo, subjugando-o à matéria; que avança, em nome da razão, que o pensamento circunscrito sobre as coisas terrenas é mais livre que a que se atira no infinito e quer ver além do horizonte material! Tanto valeria dizer que o prisioneiro, que só pode dar alguns passos em sua cela, é mais livre que o que corre os campos. Se não sois livres para crer nas coisas do Mundo Espiritual, que é infinito, o sois cem vezes menos, vós que vos circunscreveis no estreito limite do tangível, que dizeis ao pensamento: Não sairás do círculo que te traçamos; e se dele saíres, declaramos que não és mais pensamento são, mas a loucura, a tolice, o contrassenso, porque só a nós cabe discernir o falso do verdadeiro.

A isto responde o espiritualismo: Nós formamos a imensa maioria dos homens, dos quais sois apenas a milionésima parte. Com que direito vos atribuíis o monopólio da razão? Dizeis que quereis emancipar nossas ideias impondo-nos as vossas? Mas não nos ensinais nada; sabemos o que sabemos; cremos sem restrição em tudo que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais que vós: em algo fora da matéria; numa força inteligente, superior à Humanidade;

em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual, que limitais à duração da vida do corpo. Nossas ideias são, pois, infinitamente mais largas que as vossas; enquanto circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca horizontes sem limites. Como aquele que concentra o pensamento sobre uma determinada ordem de fatos, que põe um ponto de parada em seus movimentos intelectuais, *em suas investigações*, pode pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do Infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a liberdade, e é o que fazeis.

Dizeis ainda que quereis arrancar o mundo ao jugo das crenças dogmáticas. Fazeis, ao menos, uma distinção entre suas crenças? Não, porque confundis na mesma reprovação tudo quanto não é do domínio exclusivo da Ciência, tudo quanto não se vê pelos olhos do corpo, numa palavra, tudo que é de essência espiritual, por conseguinte Deus, a alma e a vida futura. Mas se toda crença espiritual é um entrave à liberdade de pensar, dá-se o mesmo com toda crença material; aquele que crê que uma coisa é vermelha, porque a vê vermelha, não é livre de julgá-la verde. Desde que o pensamento é detido por uma convicção qualquer, já não é livre. Para ser consequente com a vossa teoria, a liberdade absoluta consistiria em nada crer, nem mesmo em sua própria existência, porque isto seria ainda uma restrição. Mas, então, em que se tornaria o pensamento?

Encarado deste ponto de vista, o livre-pensamento seria um contrassenso. Ele deve ser entendido num sentido mais largo e mais verdadeiro, isto é, do livre uso que se faz da faculdade de pensar, e não de sua aplicação a uma ordem qualquer de ideias. Consiste não em crer numa coisa, em vez de outra, nem em excluir tal ou qual crença, mas na *liberdade absoluta da escolha das crenças*. É, pois, abusivamente que alguns deles fazem aplicação exclusiva às ideias antiespiritualistas. Toda opinião racional, que não é imposta nem subjugada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do exercício do raciocínio pessoal, é um pensamento livre, que seja religioso, político ou filosófico.

Em sua acepção mais vasta, o livre-pensamento significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; não quer mais escravos do pensamento, pois o que caracteriza o livre-pensador é que este pensa por si mesmo, e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma *máquina de crer*.

No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em vez de emancipar o Espírito, restringe a sua atividade, fazendo-o escravo da matéria. Os fanáticos da incredulidade fazem num sentido o que os fanáticos da fé cega fazem em outro. Então estes dizem: Para ser segundo Deus é preciso crer em tudo o que cremos; fora de nossa fé não há salvação. Os outros dizem: Para ser segundo a razão, é preciso pensar como nós, não crer senão no que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há liberdade, nem bom senso, doutrina que se formula por este paradoxo: Vosso Espírito só é livre com a condição de não crer no que quer, o que significa para o indivíduo: Tu és o mais livre de todos os homens, desde que não vás mais longe do que a ponta da corda à qual te amarramos.

Certamente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em coisa alguma além da matéria; mas hão de convir que há singulares contradições na sua pretensão em se atribuir o monopólio da liberdade de pensar.

Dissemos que pela qualidade do livre-pensador, certas pessoas procuram atenuar o que a incredulidade absoluta tem de repulsivo para a opinião das massas. Com efeito, suponhamos que um jornal se intitule abertamente: *O Ateu, O Incrédulo, O Materialista*; pode-se julgar da impressão que este título deixaria no público. Mas se abrigar as mesmas doutrinas sob a capa de *Livre-pensador*, dirão a esta insígnia: É a bandeira da emancipação moral; deve ser a da

liberdade de consciência e, sobretudo, da tolerância. Vejamos. Vê-se que nem sempre é preciso reportar-se à etiqueta.

Aliás, seria erro aterrorizar-se além da medida com as consequências de certas doutrinas; momentaneamente podem seduzir certos indivíduos, mas jamais seduzirão as massas, que a elas se opõem por instinto e por necessidade. É útil que todos os sistemas venham à luz, a fim de que cada um possa julgar o lado forte e o fraco e, em virtude do direito de livre-exame, possa adotá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa. Quando as utopias tiverem sido vistas em ação e quando tiverem provado a sua impotência, cairão para não mais se erguer. Por seu próprio exagero, agitam a sociedade e preparam a renovação. Ainda nisto está o sinal dos tempos.

O Espiritismo é, como pensam alguns, uma nova fé cega, que substituiu outra fé cega? Em outras palavras, uma nova escravidão do pensamento sob nova forma? Para crê-lo, é preciso ignorar os seus primeiros elementos. Com efeito, o Espiritismo estabelece como princípio que antes de crer é preciso compreender. Ora, para compreender é necessário que se faça uso do raciocínio; eis por que ele procura dar-se conta de tudo antes de admitir alguma coisa, a saber, o porquê e o como de cada coisa. É por isso que os espíritas são mais céticos do que muitos outros, em relação aos fenômenos que escapam do círculo das observações habituais. Não se baseia em nenhuma teoria preconcebida ou hipotética, mas na experiência e na observação dos fatos; em vez de dizer: “Crede primeiro, e depois compreenderéis, se puderdes”, diz: “Compreendi primeiro, e depois acreditareis, se quiserdes.” Não se impõe a ninguém; diz a todos: “Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente, se isto vos convém.” Falando assim, ele entra com grande chance no número dos concorrentes. Se muitos vão a ele, é porque satisfaz a muitos, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Aos que não o aceitam, ele diz: “Sois livres e não vos quero; tudo o que vos peço é que me deixeis minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me excluir, temendo que vos suplante, é que não estais muito seguros de vós”.

Não procurando o Espiritismo afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às ideias que devem prevalecer no mundo regenerado, está nas condições do verdadeiro livre-pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não seja fundada na observação, está, ao mesmo tempo, nas do mais rigoroso positivismo; enfim, tem sobre seus adversários das duas extremadas opiniões contrárias, a vantagem da tolerância.

NOTA – Algumas pessoas nos censuraram as explicações teóricas que, desde o princípio, temos procurado dar dos fenômenos espíritas. Essas explicações, baseadas numa observação atenta, remontando dos efeitos à causa, provavam, por um lado, que queríamos nos dar conta, e não crer cegamente; por outro lado, que queríamos fazer do Espiritismo uma ciência de *raciocínio*, e não de *credulidade*. Por estas explicações, que o tempo desenvolveu, mas que consagrou em princípio, porque nenhuma foi contraditada pela experiência, os espíritas creram porque compreenderam, e não há dúvida de que é a isto que se deve atribuir o aumento rápido do número de adeptos sérios. É a estas explicações que o Espiritismo deve o ter saído do domínio do maravilhoso, e de se ter ligado às ciências positivas; por elas demonstrou aos incrédulos que não é uma obra da imaginação; sem elas ainda estaríamos por compreender os fenômenos que surgem diariamente. Era urgente estabelecer o Espiritismo, desde o começo, no seu verdadeiro terreno. A teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a incredulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de desviá-lo de sua rota. Por que os que nos censuram por haveremos tomado esta iniciativa, não a tomaram eles mesmos?

*As três filhas da Bíblia*⁸

Sob este título, o Sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra, na qual prevê a fusão das três grandes religiões oriundas da *Bíblia*. Um dos escritores do jornal *Le Pays* faz a respeito as reflexões seguintes, no número de 10 de dezembro de 1866:

⁸ N.E.: *Le trois filles de la Bible*

Quais são as três filhas da *Bíblia*? A primeira é judia, a segunda é católica, a terceira é maometana.

Compreende-se logo que se trata de um livro importante e que a obra do Sr. Hippolyte Rodrigues interessa especialmente os espíritos sérios, que se comprazem nas meditações morais e filosóficas sobre o destino humano.

O autor crê numa próxima fusão das três grandes religiões, que chama as três filhas da *Bíblia*, e trabalha para levar a este resultado, no qual vê um progresso imenso. É desta fusão que sairá a religião nova, que ele considera como devendo ser a religião definitiva da Humanidade.

Não quero aqui encetar com o Sr. Hippolyte Rodrigues uma polêmica inoportuna sobre a questão religiosa, que se agita desde tantos anos no fundo das consciências e nas entranhas da sociedade. Permitir-me-ei, contudo, uma reflexão. Ele quer que a crença nova seja aceita pelo raciocínio. Até hoje não há senão a fé que fundou e manteve as religiões, por esta razão suprema: quando se raciocina, não se crê mais, e quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.

A. DE CÉSENA

Essa tendência, que se generaliza, de prever a unificação dos cultos, como tudo que se liga à fusão dos povos, à diminuição das barreiras que os separam moralmente e comercialmente, é também um dos sinais característicos dos tempos. Não julgaremos a obra do Sr. Rodrigues, já que não a conhecemos; também não há por que examinar, no momento, as circunstâncias pelas quais poderá ser atingido o resultado que ele espera, e que considera, com toda razão, como um progresso. Queremos apenas apresentar algumas observações sobre o artigo acima.

O autor labora em grande erro ao dizer que “quando se raciocina não se crê mais”. Nós dizemos, ao contrário, que quando

se raciocina sua crença, crê-se mais firmemente, porque se compreende. É em virtude desse princípio que dissemos: Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.

O erro da maior parte das religiões é ter erigido, como dogma absoluto, o princípio da fé cega, e de ter, em favor desse princípio, que aniquila a ação da inteligência, feito aceitar, durante algum tempo, crenças que os progressos ulteriores da Ciência vieram contradizer. Disto resultou, em grande número de pessoas, a prevenção de que toda crença religiosa é incapaz de suportar o livre-exame, confundindo, numa reprovação geral, o que não passava de casos particulares. Esta maneira de julgar as coisas não é mais racional do que se se condenasse todo um poema, porque encerra alguns versos incorretos, mas é mais cômoda para os que em nada querem crer, porque, rejeitando tudo, se julgam livres para nada examinar.

O autor comete outro erro capital ao dizer: “[...] quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.” Onde ele viu na História, um povo, uma época sem religião?

A maior parte das religiões surgiu nos tempos recuados, quando os conhecimentos científicos eram muito limitados ou nulos. Erigiram como crenças noções erradas, que só o tempo podia retificar. Infelizmente, todas se fundaram sobre o princípio da imutabilidade, e como quase todas confundiram, num mesmo código, a lei civil e a lei religiosa, disso resultou que, em dado momento, tendo avançado o espírito humano, enquanto as religiões ficaram estacionárias, estas não mais se encontraram à altura das ideias novas. Então caem pela força das coisas, como caem as leis, os costumes sociais, os sistemas políticos que não podem corresponder às necessidades novas. Mas como as crenças religiosas são instintivas no homem e constituem, para o coração e para o Espírito, uma necessidade tão imperiosa quanto a legislação civil para a ordem social, não se aniquilam: transformam-se.

A transição jamais se opera de maneira brusca, mas pela mistura temporária das ideias antigas e das ideias novas; é de início, uma fé mista, que participa de umas e de outras; pouco a pouco a velha crença se extingue, a nova cresce, até que a substituição seja completa. Por vezes a transformação é apenas parcial; então são seitas que se separam da religião mãe, modificando alguns pontos de detalhe. Foi assim que o Cristianismo sucedeu ao paganismo, que o Islamismo sucedeu ao fetichismo árabe, que o Protestantismo, a religião grega se separaram do Catolicismo. Por toda parte veem-se os povos não deixar uma crença senão para tomar outra, apropriada ao seu adiantamento moral e intelectual; mas em parte alguma há solução de continuidade.

É verdade que hoje se vê a incredulidade absoluta fazer-se passar por doutrina e ser professada por algumas seitas filosóficas; mas seus representantes, que constituem uma ínfima minoria na população inteligente, erram por se julgarem todo um povo, toda uma época e, porque não querem mais religião, imaginam que sua opinião é a medida dos tempos religiosos, quando não passa de uma transição parcial a outra ordem de ideias.

O abade Lacordaire e as mesas girantes

(Extraído de uma carta do abade Lacordaire à Sra. Swetchine, datada de Flavigny, 29 de junho de 1853, tirada de sua correspondência, publicada em 1865)

“Vistes girar e ouvistes falar das mesas? — Desdenhei vê-las girar, como uma coisa muito simples, mas ouvi e as fiz falar. Elas me disseram coisas deveras notáveis sobre o passado e o presente. Por mais extraordinário que isto seja, é para um cristão que acredita nos Espíritos um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos houve modos mais ou menos bizarros para se comunicar com os Espíritos; apenas outrora se fazia mistério desses processos, como se fazia mistério da Química; a justiça, por meio de execuções terríveis, reprimia na sombra essas estranhas práticas. Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que

era um segredo tornou-se uma fórmula popular. Talvez, também, por essa divulgação, Deus queira proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que há dois mundos incluídos um no outro: *o mundo dos corpos e o mundo dos Espíritos*.

É provável que esse desenvolvimento paralelo vá crescendo até o fim do mundo, o que trará um dia o reino do anticristo, onde se verá, de um lado e do outro, para o bem e para o mal, o emprego de armas sobrenaturais e de prodígios pavorosos. Disto não concluo que o anticristo esteja próximo, porque as operações que testemunhamos nada têm, salvo a publicidade, de mais extraordinário do que o que se via outrora. Os pobres incrédulos devem estar bastante inquietos com sua razão; mas têm o recurso de tudo crer para escapar à verdadeira fé e não falharão. Ó profundeza dos desígnios de Deus!”

O abade Lacordaire escrevia isto em 1853, isto é, quase no começo das manifestações, numa época em que esses fenômenos eram muito mais objeto de curiosidade do que assuntos de meditações sérias. Embora eles não se tivessem constituído, então, nem em ciência, nem em corpo de doutrina, o abade lhe tinha entrevisto o alcance e, longe de considerá-los como coisa efêmera, previa o seu desenvolvimento no futuro. Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica. Ora, como ele é tido, geralmente, por todo o mundo como uma das altas inteligências do século, parece difícil colocá-lo entre os loucos, depois de tê-lo aplaudido como homem de grande senso e de progresso. Pode-se, pois, ter o senso comum e crer nos Espíritos.

As mesas girantes, diz ele, são “um fenômeno muito vulgar e muito pobre”. Com efeito, bem pobre quanto ao meio de comunicação com os Espíritos, porque se não se tivessem tido outros, o Espiritismo quase não teria avançado; então se conheciam apenas os médiuns escreventes e não se suspeitava o que iria sair desse meio,

aparentemente tão pueril. Quanto ao reino do anticristo, Lacordaire parece não se assustar muito, porque não o vê chegar tão cedo. Para ele essas manifestações *são providenciais*; devem *perturbar e confundir os incrédulos*; nelas admira a profundidade dos julgamentos de Deus; elas não são, pois, obra do diabo, que deve impelir a renegar Deus, e não a reconhecer o seu poder.

O extrato acima da correspondência de Lacordaire foi lido na Sociedade de Paris, na sessão de 18 de janeiro. Nessa mesma sessão o Sr. Morin, um dos médiuns escreventes habituais, adormeceu espontaneamente sob a ação magnética dos Espíritos; era a terceira vez que nele se produzia este fenômeno, pois habitualmente só adormece pela magnetização ordinária. Durante o sono falou sobre diferentes assuntos e de vários Espíritos presentes, cujo pensamento nos transmitiu. Entre outras coisas disse o seguinte:

“Um Espírito que todos conheceis, e que também reconheço; um Espírito de grande reputação na Terra, elevado na escala intelectual dos mundos está aqui. Espírita antes do Espiritismo, eu o vi ensinando a doutrina, não mais como encarnado, mas como Espírito. Vi-o pregando com a mesma eloquência, com o mesmo sentimento de convicção íntima que quando vivo, o que por certo não teria ousado pregar abertamente do púlpito, mas aquilo a que conduziam os seus ensinamentos. Vi-o pregar a doutrina aos seus, à sua família, a todos os seus amigos. Vi-o exaltar-se, embora em estado espiritual, quando encontrava um cérebro refratário ou uma resistência obstinada às inspirações que soprava; sempre vivo e impetuoso, querendo fazer penetrar a convicção nas inteligências, como se faz penetrar na rocha viva o cinzel impellido por vigorosa martelada. Mas este não entra tão depressa; entretanto, sua eloquência converteu mais de um. Este Espírito é o do abade Lacordaire.

Ele pede uma coisa, não por espírito de orgulho, não por um interesse pessoal qualquer, mas no interesse de todos e para o bem da doutrina: a inserção na *Revista* do que escreveu há treze anos. Se peço esta inserção, diz ele, é por dois motivos: o primeiro

porque mostrareis ao mundo, como dizeis, que se pode não ser tolo e crer nos Espíritos; o segundo, porque a publicação dessa primeira citação fará descobrir em meus escritos outras passagens que vos serão assinaladas, como concordes com os princípios do Espiritismo.”

Refutação da intervenção do demônio

(Por monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis)

Em resposta à opinião que atribui a uma astúcia do demônio as transformações morais operadas pelo ensino dos Espíritos, temos dito muitas vezes que o diabo seria muito pouco hábil se, para chegar a perder o homem, começasse por tirá-lo do atoleiro da incredulidade e o reconduzisse a Deus; que esta seria a conduta de um tolo e de um simplório. A isto objetam que é precisamente aí que está a obra-prima da malícia desse inimigo de Deus e dos homens. Confessamos não compreender a malícia.

Um dos nossos correspondentes nos dirige, em apoio ao nosso raciocínio, as palavras que seguem, de monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tiradas de suas *Conferências sobre a religião*, tomo II, p. 341; Paris, 1825.

Se Jesus Cristo tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria trabalhado para destruir o seu império e teria empregado seu poder contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um demônio singular. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: “Se opero prodígios em nome do demônio, então o demônio está dividido consigo mesmo; ele procura, pois, destruir-se”, *resposta que não sofre réplica*.

Obrigado ao nosso correspondente pelo obséquio de nos assinalar esta importante passagem, da qual nossos leitores saberão aproveitar oportunamente. Obrigado, também, a todos os que

nos transmitem o que encontram, em suas leituras, de interessante para a doutrina. Nada é perdido.

Como se vê, nem todos os eclesiásticos professam, sobre a doutrina demoníaca, opiniões tão absolutas quanto as de certos membros do clero. Nestas matérias, o monsenhor de Hermópolis é uma autoridade cujo valor não poderiam recusar. Seus argumentos são precisamente os mesmos que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. Com efeito, que fazem os Espíritos, senão destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude? reconduzir a Deus os que o desconhecem e o negam? Se tal fosse a obra do demônio, ele agiria como um ladrão profissional, que restituísse o que tinha roubado e induzisse os outros ladrões a se tornarem honestos. Então deveria ser cumprimentado por sua transformação. Sustentar a cooperação *voluntária* do Espírito do mal para produzir o bem, não só é um contrassenso, mas é renegar a mais alta autoridade cristã: a do Cristo.

Que os fariseus do tempo de Jesus tivessem acreditado nisto de boa-fé, podia conceber-se, porque então não se era mais esclarecido sobre a natureza de Satã do que sobre a de Deus, e que entrava na teogonia dos judeus deles fazer dois grandes rivais. Mas hoje tal doutrina é tão inadmissível quanto a que atribuía a Satã certas invenções industriais, como a imprensa, por exemplo. Os mesmos que a defendem talvez sejam os últimos a nela crer; já cai no ridículo e não amedronta a ninguém; em pouco tempo ninguém ousará mais invocá-la seriamente.

A Doutrina Espírita não admite poder rival ao de Deus, e ainda menos poderia admitir que um ser decaído, precipitado por Deus no abismo, pudesse ter recuperado bastante poder para contrabalançar os seus desígnios, o que tiraria de Deus a sua onipotência. Segundo esta doutrina, Satã é a *personificação alegórica* do mal, como entre os pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a da guerra, Vênus a da beleza.

Os Espíritos que se manifestam são as almas dos homens e no número os há, como entre os homens, bons e perversos, adiantados e atrasados; os bons dizem boas coisas, dão bons conselhos; os perversos os dão maus, inspiram maus pensamentos e fazem o mal como o faziam na Terra. Vendo a maldade, a velhacaria, a ingratidão, a perversidade de certos homens, reconhece-se que não valem mais que os piores Espíritos; mas, encarnados ou desencarnados, esses Espíritos maus um dia chegarão a se melhorar, quando tiverem sido tocados pelo arrependimento.

Comparai uma e outra doutrina, e vereis qual a mais racional, a mais respeitosa para com a Divindade.

Variedades

EUGÉNIE COLOMBE – PRECOCIDADE FENOMENAL

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

O Sentinelle, de Toulon, fala de um jovem fenômeno, que se admira no momento nesta cidade.

É uma menina de dois anos e onze meses, chamada Eugénie Colombe.

Esta menina já sabe ler e escrever perfeitamente; além disso, está em condição de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro operações de aritmética.

Conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos esses assuntos.

Esta admirável menina começou a falar muito distintamente com quatro meses de idade.

Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um semblante encantador, obteve um sucesso admirável.

Este artigo nos tinha parecido, como a muitas outras pessoas, marcado de tal exagero, que não havíamos ligado nenhuma importância. Todavia, para saber positivamente a quem nos atermos, pedimos a um dos nossos correspondentes, oficial de marinha em Toulon, que se informasse do fato. Eis o que nos respondeu:

“Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da menina referida pelo *Sentinelle Toulonnaise* de 19 de novembro; vi essa encantadora menina, cujo desenvolvimento físico é compatível com sua idade: ela não tem mais que três anos. Sua mãe é professora e dirige a sua instrução. Em minha presença interrogou-a sobre o catecismo, a história sagrada, desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas a seus reinados e ao de Napoleão I. Quanto à Geografia, a menina citou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que encerram, várias capitais dos Departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções de gramática francesa e o sistema métrico. A menina deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha em mãos. Sua mãe me disse que ela sabe ler desde os dois anos e meio e garantiu-me que é capaz de responder do mesmo modo a mais de quinhentas perguntas.”

O fato, escoimado do exagero do relato dos jornais, e reduzido às proporções acima, não é menos notável e importante em suas consequências. Chama forçosamente a atenção sobre fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente se procura a sua explicação, e com as ideias que circulam, da pluralidade das existências, chega-se a encontrar a sua solução racional numa existência anterior. Há que se colocar esses fenômenos no número dos que são anunciados como devendo, por sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso de que se trata, a memória parece certamente desempenhar um papel importante. Sendo professora a mãe da menina, sem dúvida a pequena se encontrava habitualmente na escola e terá

retido as lições dadas aos alunos por sua mãe, ao passo que se veem certos alunos possuir, por intuição, conhecimentos de certo modo inatos e fora de qualquer ensino. Mas por que, nela e não em outros, esta facilidade excepcional para assimilar o que ouvia e que, provavelmente, não pensavam em lhe ensinar? É que o que ela ouvia apenas lhe despertava a lembrança do que sabia. A precocidade de certas crianças para as línguas, a música, as matemáticas etc., todas as ideias inatas, numa palavra, igualmente não passam de lembranças; elas se lembraram do que souberam, como se veem certas pessoas lembrar-se, mais ou menos vagamente, do que fizeram ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversa poderia ter provocado uma ideia a esse respeito, pôs-se a dizer: “Eu fui casado, e me lembro bem; tinha uma mulher, de baixa estatura, jovem e linda, e tive vários filhos.” Certamente não se tem nenhum meio de controlar sua asserção, mas, pergunta-se, de onde lhe poderia ter vindo semelhante ideia, quando nenhuma circunstância a teria provocado?

Disto se deve concluir que as crianças que só aprendem à custa do trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Por certo que não. A faculdade de se recordar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, isto é, ao mais fácil despreendimento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual, que lhes lembra o passado, ao passo que os que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente*. O passado é como um sonho, do qual nos lembramos com maior ou menor exatidão, ou do qual perdemos totalmente a lembrança (Vide *Revista Espírita* de julho de 1860; idem de novembro de 1864).

No momento de ir para o prelo, recebemos de um dos nossos correspondentes da Argélia, que, de passagem por Toulon, viu a pequena Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e acrescenta detalhes que não deixam de ter interesse:

“Esta menina, de notável beleza e extrema vivacidade, é de uma doçura angelical. Sentada nos joelhos de sua mãe, respondeu

a mais de cinquenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre Geografia, designou-me todas as capitais da Europa e de diversos estados da América; todas as capitais dos Departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os particípios e os adjetivos. Ela conhece, ou pelo menos define, as quatro operações. Escreveu o que lhe ditei com tal rapidez que fui levado a crer que escrevia mediunicamente. Na quinta linha interrompeu a escrita, olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis e me disse bruscamente: ‘Senhor, é bastante’. Depois desceu da cadeira e correu aos seus brinquedos.

Esta criança é certamente um Espírito muito avançado, porque se vê que responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe me disse que desde a idade de 12 a 15 meses ela sonha à noite, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção da mãe, quando avista um pobre; não suporta que batam nos cães, nos gatos, nem em qualquer animal. Seu pai é um operário do arsenal marítimo.”

Só espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podiam apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta menina e sondar-lhe a causa; porque, assim como para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar fatos espíritas é preciso ser espírita. Ora, em geral a quem encarregam da constatação e da explicação dos fenômenos deste gênero? Precisamente a pessoas que não os estudaram e que, negando a causa primária, não lhe podem admitir as consequências.

TOM, O CEGO, MÚSICO NATURAL⁹

Lê-se no *Spiritual Magazine*, de Londres:

A celebridade de *Tom, o cego*, que há pouco fez o seu aparecimento em Londres, já se tinha espalhado aqui; alguns anos atrás um artigo no jornal *All the Year Round* tinha descrito suas notáveis faculdades

⁹ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 515.

e a sensação que haviam produzido na América. A maneira pela qual as faculdades se desenvolveram nesse negro, escravo e cego, ignorante e totalmente iletrado; como, menino ainda, um dia surpreendido pelos sons da música na casa de seu senhor, correu sem cerimônia a tomar lugar ao piano, reproduzindo nota por nota o que acabava de ser tocado, rindo e se contorcendo de alegria ao ver o novo mundo de prazeres que acabava de descobrir, tudo isto foi tão frequentemente repetido, que julgo inútil mencioná-lo outra vez. Mas um fato significativo e interessante me foi contado por um amigo, que foi o primeiro a testemunhar e apreciar a faculdade de Tom. Um dia uma obra de Haendel foi tocada. Imediatamente Tom a repetiu corretamente e, ao terminar, esfregou as mãos com uma expressão de indefinível alegria, exclamando: “Eu o vejo; é um velho com uma grande peruca; ele tocou primeiro e eu depois.” É incontestável que Tom tinha visto Haendel e o tinha ouvido tocar.

Tom exibiu-se várias vezes em público, e a maneira por que executa os trechos mais difíceis quase faria duvidar de sua enfermidade. Repete sem falha no piano e, necessariamente, de memória, tudo quanto lhe tocam, quer sonatas clássicas antigas, quer fantasias modernas. Ora, bem que gostaríamos de ver quem pudesse aprender desta maneira as variações de Thalberg com os olhos fechados, como ele fez.

Este fato surpreendente de um cego, ignorante, desprovido de qualquer instrução, mostrando um talento que outros são incapazes de adquirir, mesmo com todas as vantagens do estudo, provavelmente será explicado por um grande número, segundo a maneira ordinária de encarar estas coisas, dizendo: é um gênio e uma organização excepcional. Mas só o Espiritismo pode dar a chave deste fenômeno de maneira compreensível e racional.

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon naturalmente se aplicam a Tom, o cego. Tom deve ter sido um grande músico, ao qual bastou ouvir para estar na via do que soube. O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num

negro, escravo e cego, tríplice causa que se opunha à cultura de suas aptidões nativas e a despeito das quais se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germinando aos raios de sol. Ora, como a raça negra, em geral, e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, forçoso é concluir que o Espírito Tom não pertence a esta raça, mas que nela se terá encarnado, quer como expiação, quer como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito foi dito e escrito contra a escravidão e o preconceito da cor. Tudo quanto disseram é justo e moral; mas não passava de uma tese filosófica. A lei da pluralidade das existências e da reencarnação vem a isto acrescentar a irrefutável sanção de uma Lei da Natureza, que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um protesto vivo contra os preconceitos ainda reinantes nesse país (Vide a *Revista* de abril de 1862: *Perfectibilidade da raça negra. Frenologia espiritualista*).

SUICÍDIO DOS ANIMAIS

Le Petit Journal, 15 de maio de 1866:

Há alguns dias o *Morning-Post* contava a estranha história de um cão que se teria suicidado. O animal pertencia a um Sr. Home, de Frinsbury, perto de Rochester. Parece que certas circunstâncias o tinham como suspeito de hidrofobia e que, por conseguinte, o evitavam e o mantinham afastado da casa tanto quanto possível. Ele parecia experimentar muito pesar por ser assim tratado, e durante alguns dias notaram que estava de mau humor, sombrio e angustiado, mas sem mostrar ainda nenhum sintoma da raiva. Quinta-feira viram-no deixar o seu nicho e dirigir-se para a residência de um amigo íntimo de seu dono, em Upnor, onde recusaram acolhê-lo, o que lhe arrancou um grito lamentoso.

Depois de ter esperado algum tempo diante da casa, sem conseguir ser admitido em seu interior, decidiu partir e viram-no ir para o

lado do rio, que passa perto de lá, descer a ribanceira com passo deliberado; em seguida, e após voltar-se e soltar uma espécie de uivo de adeus, entrou no rio, mergulhou a cabeça na água e, ao cabo de um ou dois minutos, reapareceu sem vida à superfície.

Segundo dizem, este ato de suicídio extraordinário foi testemunhado por grande número de pessoas. O gênero de morte prova claramente que o animal não era hidrófobo.

Este fato parece muito extraordinário. Sem dúvida encontrará incrédulos. Contudo, diz o *Droit*, não lhe faltam precedentes.

A História nos conservou a lembrança de cães fiéis, que se deram a uma morte voluntária, para não sobreviverem aos seus donos. Montaigne cita dois exemplos tomados da Antiguidade: “Hyrcanus, o cão do rei Lysimachus,¹⁰ seu dono morto, ficou obstinado sobre sua cama, sem querer beber nem comer, e no dia em que queimaram o corpo, correu e atirou-se ao fogo, onde foi queimado. O mesmo sucedeu com um cão chamado Pyrrhus, porque não saiu de cima do leito do seu dono desde que este morreu; e quando o levaram, deixou-se levar e, finalmente, lançou-se na fogueira onde queimava o corpo de seu dono.” (*Ensaaios*, livro II, capítulo XII.) Nós mesmos registramos, há alguns anos, o fim trágico de um cão que, tendo incorrido na desgraça de seu dono, e não achando consolo, tinha-se precipitado do alto de uma passarela no canal Saint-Martin. O relato muito circunstanciado que então fizemos do caso jamais foi contraditado, nem deu lugar a qualquer reclamação das partes interessadas.

Não faltam exemplos de suicídio entre os animais. Como foi dito acima, o cão que se deixa morrer de inanição pelo pesar de haver perdido o dono, comete um verdadeiro suicídio. O escorpião, cercado por carvões em brasa, vendo que dali não pode

¹⁰ N.E.: Lysimachus foi um dos generais de Alexandre, o Grande e controlava as terras europeias (Macedônia e Trácia) em 281 a.C.

sair, mata-se. É uma analogia a mais a constatar entre o espírito do homem e o dos animais.

Poesia espírita

(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vavasour)

LEMBRANÇA

Dois jovens são: irmã e irmão,
 Juntos em noite de verão,
 Entram na choça. E a noite avança
 A passo lento, sem palrança,
 Por detrás deles, vaporosa
 Como uma sombra misteriosa.
 Já dorme o pássaro na mata,
 E o vento norte se recata;
 Tudo sonhava em doce arcano.
 E diz a irmã, baixinho, ao mano:
 Estou com medo; ouves, irmão
 Chorar um sino ao longe, então?
 É um dobre lúgubre a finados,
 A um morto, pois. Não assustados,
 Irmã, fiquemos, é uma alma
 Que sai da Terra e que com calma
 Reclama prece pra pagar
 No eterno Além o seu lugar.
 Vamos, irmã, orar na igreja
 De laje cinza e poenta, seja
 Local em que de luto, um dia,
 Por trás do esquife em que dormia,

A pobre mãe nós vimos pois.
Vamos orar também, irmã;
Bênçãos teremos amanhã.
Vamos já, vamos! — Logo, os dois,
De olhos em lágrimas, depois,
Deram-se as mãos e, com carinho,
Tomam, assim, logo o caminho
Que ambos conduz à velha igreja.
Segunda vez o sino harpeja
E lhes oferta o triste adeus
Do morto em busca de seu Deus,
Cessando o sino o seu lamento;
Mudos de medo e em desalento
Caminham as duas crianças
Co'olhar nos céus, têm esperanças.
Da igreja, então, já quase à entrada
Uma mulher viram sentada
À sombra da pilastra triste
Que a pia benta erguer lhe assiste.
Tendo os pés nus, face velada,
Pálida, louca e desgrenhada,
Ela exclamava alto: Ó meu Deus!
Vós que se adora aqui, nos céus,
Em todo o tempo, em toda a Terra,
E, no céu, pobre mãe se encerra
Tremendo aos pés de vosso altar,
Ante o amor vosso singular,
Diante de vós, ouse a aflição
De lamentar-se a estar então.
Senhor! Não tinha eu mais que um filho,

Um só; de um róseo e de um brilho
Qual branco raio que colora
Uma manhã de fresca aurora.
O terno azul dos olhos seus
Lembrava o azul dos vossos céus,
E em sua boca um riso doce
Fulgia assim como se fosse
Dizer: Não chores em teu lar;
É Deus que vem de me enviar.
Vê, a tormenta, mãe, cessou;
Espera! o céu limpo ficou;
E eu esperava. Mas, infante,
Tu te enganavas, inconstante.
Do vento o sopro sobre a praia
Tudo destrói e se desmaia,
Senão caniços que deixando
Ao pé das águas vão chorando.
E quando a morte bate à porta
De um lar, ela entra e então transporta
Consigo tudo! E por reduto
Só deixa a marca atroz do luto.
Sabia eu pois que um belo sonho
De uma manhã, finda tristonho,
À tarde aqui; que a noite, entanto,
Do sol inveja o brilho santo
Que empalidece a sua sombra,
Lançando um véu por toda a alfombra
A escurecer seus mil fulgores,
Fechando aos olhos esplendores.
Sim, eu sabia; a mãe, porém,

Ignora tudo; e não lhe vem
O que ela espera crente em tudo;
Bem para o filho, sobretudo.
Toda uma vida de ventura,
Eu não podia sem loucura
Um dia ter felicidade?
E outra é, Senhor, vossa vontade!
Seja ela feita, assim suspiro,
Só, neste humilde e atroz retiro,
Onde eu já vi morrer-me o esposo,
Onde, sem cor no ermo espinhoso,
Eu recebi de um pai o adeus,
Onde tirais da mãe os seus
Últimos sonhos de esperança
Diante do algoz de uma criança.
Morte, que a vítima vigia
Com cruel riso de alegria,
Senhor! Eu lhe suplico a mão
Que fere os meus, um dia, então,
Da própria mãe não lhe poupar
De o filho à terra reclamar.
E o sino última vez badala,
A estas palavras a voz fala
Da alma do filho sobre a terra
Consolo à pobre mãe encerra,
Ao lhe dizer: Nos céus estou!
Quando o casal de irmãos deixou
A velha igreja logo à entrada,
Veem a mulher inda sentada.

Dissertações espíritas

AS TRÊS CAUSAS PRINCIPAIS DAS DOENÇAS

(Paris, 25 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de qualquer um destes três princípios levaria necessariamente ao aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não mais existir, haverá o Espírito e não mais o homem; se o perispírito faltar ou não puder funcionar, não podendo o imaterial agir diretamente sobre a matéria e, desse modo, achando-se na impossibilidade de manifestar-se, poderá haver alguma coisa no gênero do cretino ou do idiota, mas jamais haverá um ser inteligente. Enfim, se o Espírito faltar, ter-se-á um feto vivendo a vida animal, e não um Espírito encarnado. Se, pois, temos três princípios frente a frente, esses três princípios devem reagir um sobre o outro, e seguir-se-á a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou discordância parcial.

Se a doença ou a desordem orgânica, como se queira chamar, procede do corpo, os medicamentos materiais, sabiamente empregados, bastarão para restabelecer a harmonia geral.

Se a perturbação vier do perispírito, se for uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se ache alterado, será preciso uma medicação em relação com a natureza do órgão perturbado, para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença proceder do Espírito, não se poderá empregar, para combatê-la, outra coisa senão uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral e, pode-se mesmo dizer, o que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata ao mesmo tempo todas as causas da desordem por meios diversos, para obter a cura. Ora, que fazem geralmente os médicos? Cuidam do corpo e o curam; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque

sendo o perispírito um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá tornar-se a causa em relação a esta e, se for entravado, os órgãos materiais, que se acham em relação com ele, serão igualmente atingidos na sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruireis o efeito; contudo, residindo a causa no perispírito, a doença voltará novamente quando os cuidados cessarem, até que se perceba que é preciso dirigir alhures a atenção, tratando fluidicamente o princípio fluídico mórbido.

Se, enfim, a doença procede da mente, do Espírito, o perispírito e o corpo, postos sob sua dependência, serão entravados em suas funções, e nem será cuidando de um nem de outro que se fará desaparecer a causa.

Assim, não é vestindo a camisa de força num louco, ou lhe dando pílulas ou duchas, que se conseguirá restabelecer o seu estado normal; apenas acalmarão seus sentidos revoltados; acalmarão os seus acessos, mas não destruirão o germe senão combatendo por seus semelhantes, fazendo homeopatia espiritualmente e fluidicamente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de paciência, de calma e de resignação, conforme o caso, como lhe dão uma dose infinitesimal de brucina, de digitális ou de acônito.

Para destruir uma causa mórbida, deve-se combatê-la em seu terreno.

DR. MOREL LAVALLÉE

A CLAREZA

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866 – Médiun: Sr. Leymarie)

Conceder-me-íeis hospitalidade para a vossa primeira sessão de 1866? Abraçando-o fraternalmente, desejo vos apresentar votos amigos; que possais ter muitas satisfações morais, muita vontade e caridade perseverante.

Neste século de luz, o que mais falta é clareza! Os semissábios, os papões da imprensa, fizeram valentemente o trabalho da aranha, para obscurecer, por meio de um tecido supostamente liberal, tudo o que é claro, tudo que aclara.

Caros espíritas, encontrastes em todas as camadas sociais esta força de raciocínio que é a marca da inteligência dos seres bem-sucedidos? Ao contrário, não tendes a certeza de que a grande maioria de vossos irmãos apodrece numa ignorância malsã? Por toda parte as here-sias e as más ações! As boas intenções, viciadas em seu princípio, caem uma a uma, semelhantes a esses belos frutos, cujo cerne um verme rói e o vento lança por terra. A clareza nos argumentos, no saber, acaso teria escolhido domicílio nas academias, entre os filósofos, os jornalistas ou os panfletários?... Ao que parece, poder-se-ia duvidar, vendo-os, a exemplo de Diógenes, de lanterna à mão, procurar uma verdade em pleno sol.

Luz, claridade, sois a essência de todo movimento inteligente! Logo inundareis com os vossos raios benfazejos os mais obscuros refolhos desta pobre Humanidade; sois vós que tirareis do lamaçal tantos terrícolas pasmados, embrutecidos, Espíritos infelizes que devem ser purificados pela instrução, pela liberdade e, sobretudo, pela consciência de seu valor espiritual. A luz expulsará as lágrimas, as penas, os sombrios desesperos, a negação das coisas divinas, todas as más vontades! Sitiando o materialismo, ela o forçará a não mais se abrigar por trás dessa barreira factícia, carcomida, de onde arremessa desajeitadamente suas flechas sobre tudo quanto não é obras sua.

Mas as máscaras serão arrancadas e então saberemos se os prazeres, a fortuna e o sensualismo são mesmo os emblemas da vida e da liberdade. A clareza é útil em tudo e a todos; no embrião como no homem é preciso luz! sem ela *tudo marcha às cegas e, às apalpadelas, a alma busca a alma.*

Que se faça uma noite eterna! logo as coisas harmoniosas desaparecerão de vosso globo, as flores estiolar-se-ão, as grandes árvores serão destruídas; os insetos, a Natureza inteira não mais darão esses

mil ruídos, a eterna canção de Deus! Os regatos banharão barrancos desolados; o frio terá tudo mumificado, a vida terá desaparecido!...

É o mesmo para o Espírito. Se fizerdes noite em seu redor, ele ficará doente; o frio petrificará suas tendências divinas; o homem, como na Idade Média, entorpecer-se-á, semelhante em sua alma às solidões selvagens e desoladas das regiões boreais!

É por isto, espíritas, que vos deveis a todas as clarezas. Mas antes de aconselhar e ensinar, começai primeiro por esclarecer os menores recônditos de vossa alma. Quando, bastante depurados para nada temer, puderdes elevar a voz, o olhar, o gesto, fareis uma guerra implacável à sombra, à tristeza, à ausência de vida; ensinareis as grandes leis espíritas aos irmãos que nada sabem do papel que Deus lhes assinala.

Para os anos por vir, 1866, possas tu, ser esta estrela luminosa, que conduzia os reis magos para a manjedoura de uma humilde criança do povo. Eles vinham render homenagem à encarnação que devia representar, no mais vasto sentido, o Espírito de Verdade, esta luz benfeitora que transformou a Humanidade. Por esse menino tudo foi realizado! É bem ele que eterniza a graça e a simplicidade, a caridade, a benevolência, o amor e a liberdade.

O Espiritismo, estrela luminosa que também é, deve rasgar, como o fez aquela há dezoito séculos, o véu sombrio dos séculos de ferro, conduzir os terrícolas à conquista das verdades prometidas. Saberá ele bem se desvencilhar das tempestades que nos prometem as evoluções humanas e as resistências desesperadas da ciência em apuros? É o que vós todos, meus amigos, e nós, vossos irmãos da erraticidade, somos chamados a melhor acusar, inundando este ano com as claridades conquistadas.

Trabalhar com este objetivo é ser adepto do Menino de Belém, é ser filho de Deus, de quem emanam toda luz e toda clareza.

COMUNICAÇÃO PROVIDENCIAL DOS ESPÍRITOS

(Grupo Delanne – Paris, 8 de janeiro de 1865 – Médiun: Sra. Br...)

Os tempos são chegados em que esta palavra do profeta deve ser realizada: “Espalharei, diz o Senhor, do meu Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos profetizarão, vossos velhos terão sonhos.”¹¹ O Espiritismo é esta difusão do Espírito Divino, vindo instruir e moralizar todos esses pobres deserdados da vida espiritual que, não vendo senão a matéria, esquecem que o homem não vive apenas de pão.

É preciso ao corpo um organismo material a serviço da alma, um alimento apropriado à sua natureza; mas à alma, emanção do Espírito Criador, é preciso um alimento espiritual, que só encontra na contemplação das belezas celestes, resultante da harmonia das faculdades inteligentes em sua inteira manifestação.

Enquanto o homem negligencia cultivar o seu Espírito e fica absorvido pela busca ou pela posse dos bens materiais, sua alma está de certo modo estacionária, e lhe é preciso um grande número de encarnações antes que possa, obedecendo insensivelmente e como por força à lei inevitável do progresso, chegar a esse começo de vitalidade intelectual, que a torna a diretora do ser material, ao qual está unida. É por isto que, malgrado os ensinamentos dados pelo Cristo, para fazer a Humanidade avançar, ela está ainda tão atrasada, pois o egoísmo não quis apagar-se diante desta lei de caridade, que deve mudar a face do mundo e dele fazer uma morada de paz e de felicidade.

Mas a bondade de Deus é infinita, ultrapassando a indiferença e a ingratidão de seus filhos. Eis por que lhes envia esses

¹¹ Nota do tradutor: *Atos dos apóstolos*, 2:17. O versículo completo está assim concebido: “E nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos.” Referência mais que explícita sobre a explosão da mediunidade no século XIX.

mensageiros divinos, que vêm lembrar-lhes que Deus não os criou para a Terra, onde apenas estão por algum tempo, a fim de que, pelo trabalho, desenvolvam as qualidades postas em germe em sua alma, e que, cidadãos dos céus, não se devam comprazer numa estação inferior à sua ignorância, onde só as suas faltas os retêm.

Agradecei, pois, ao Senhor, e saudai com alegria o advento do Espiritismo, pois que ele é a realização das profecias, o sinal retumbante da bondade do Pai de misericórdia, e para vós um novo apelo a esse desprendimento da matéria, tão desejável, considerando-se que só Ele pode vos proporcionar a verdadeira felicidade.

LUÍS DE FRANÇA

Notas bibliográficas

*MIRETTE*¹²

(Romance espírita pelo Sr. Élie Sauvage,¹³ membro da Sociedade dos Homens de Letras)¹⁴

Para o Espiritismo, o ano de 1867 foi aberto pela publicação de uma obra que, de certo modo, inaugura a nova via aberta à literatura pela Doutrina Espírita. *Mirette* não é um desses livros em que a ideia espírita não passa de acessório, e como que lançada, *para o efeito*, ao acaso da imaginação, sem que a crença a venha animar e aquecer. É esta mesma ideia que lhe forma o dado principal, menos ainda pela ação que pelas consequências gerais dela decorrentes.

¹² N.E.: Obra publicada pela FEB Editora com o título *Mirêta*.

¹³ N.E.: Élie François Victor Sauvage (1814–1871) romancista e dramaturgo francês.

¹⁴ Nota de Allan Kardec: 1 vol. In-12. Librairie des Auteurs, 10, rue de la Bourse. Preço: 3 fr. Pelo correio (França e Argélia): 3 fr. 30 c.

Em *Spirite*, de Théophile Gautier, o fantástico supera de muito o real e o possível, do ponto de vista da doutrina. É menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, e que este não pode aceitar como um quadro fiel das manifestações; além disso, o dado filosófico e moral aí é um tanto nulo. Essa obra não deixou de ser muito útil à vulgarização da ideia, pela autoridade do nome do autor, que lhe soube dar o cunho de seu incontestável talento, e por sua publicação no jornal oficial. Ademais, era a primeira obra de real importância desse gênero, na qual a ideia era levada a sério.

A do Sr. Sauvage é concebida num plano inteiramente diverso. É um quadro da vida real, onde nada se afasta do possível e da qual o Espiritismo tudo pode aceitar. É uma história simples, ingênua, de um interesse contínuo e tanto mais atraente quanto tudo aí é natural e verossímil; aí não se encontram situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres traçados conforme a Natureza; também se veem os mais nobres e puros sentimentos, em luta com o egoísmo e a mais sórdida maldade, a fé lutando contra a incredulidade. O estilo é claro, conciso, sem loquacidade nem acessórios inúteis, sem ornamentos supérfluos e sem pretensões ao efeito. O autor se propôs, antes de tudo, a fazer um livro moral e hauriu os seus elementos na filosofia espírita e suas consequências, muito mais que no fato das manifestações, mostrando a que elevação de pensamentos conduzem suas crenças. Sobre este ponto, resumimos nossa opinião dizendo que este livro pode ser lido com proveito pela juventude de ambos os sexos, que nele encontrará belos modelos, bons exemplos e úteis instruções, sem prejuízo do proveito e da concordância que dele se deve tirar em qualquer idade. Acrescentaremos que para ter escrito este livro no sentido em que o fez, é preciso estar profundamente penetrado dos princípios da doutrina.

O autor coloca sua ação em 1831; não pode, pois, falar *nominalmente* do Espiritismo, nem das obras espíritas atuais. Assim, teve que remontar seu ponto de partida aparente a Swedenborg; mas tudo é aí conforme aos dados do Espiritismo moderno, que estudou com esmero.

Eis, em duas palavras, o assunto da obra:

O conde de Rouville, forçado a deixar subitamente a França durante a Revolução, ao partir para o exílio tinha confiado uma importante soma e seus títulos de família a um homem sobre cuja lealdade julgava poder contar. Mas este homem, abusando de sua confiança, apropria-se da soma, com o que enriquece. Quando o emigrado regressa, o depositário declara não o conhecer e nega o depósito. O Sr. de Rouville, privado de todos os recursos por esta infidelidade, morre de desespero, deixando uma filhinha de três anos, chamada Mirette. A criança é recolhida por um antigo servo da família, que a educa como sua filha. Esta tinha apenas dezesseis anos quando seu pai adotivo, muito pobre, veio a morrer. Lucien, jovem estudante de Direito, de alma grande e nobre, que tinha assistido o velho em seus últimos momentos, tornou-se o protetor de Mirette, deixada sem apoio e sem asilo; ele a faz admitir em casa de sua mãe, rica padeira, mas de coração duro e egoísta. Ora, descobre-se que Lucien é filho do espoliador; este último, sabendo mais tarde que Mirette é a filha daquele a quem causou a ruína e a morte, cai doente e morre, torturado de remorsos, nas convulsões de terrível agonia. Daí complicações, porque os jovens se amam e acabam se casando.

As principais personagens são: Lucien e Mirette, duas almas de escol; a mãe de Lucien, tipo perfeito do egoísmo, de cupidez e de estreiteza de ideias, em luta com o amor materno; o pai de Lucien, exata personificação da consciência perturbada; uma entregadora de pães, vil, má e ciumenta; um velho médico, excelente homem, mas incrédulo e zombador; um estudante de Medicina, seu aluno espiritualista, homem de coração e hábil magnetizador; uma sonâmbula muito lúcida, e uma irmã de caridade, de ideias generosas e elevadas, típico modelo.

Sobre esta obra ouvimos fazerem a seguinte crítica:

A ação começa sem preâmbulo, por um desses fatos de manifestações espontâneas, como se veem tantos em nossos dias, e que

consistem em batidas nas paredes. Esses ruídos levam ao encontro das duas principais personagens da história, Lucien e Mirette, a qual se desenrola a seguir. Dizem que o autor deveria ter dado uma explicação do fenômeno, para uso das pessoas estranhas ao Espiritismo, cujo ponto de partida não compreendem. Não partilhamos desta opinião, porque seria preciso dizer outro tanto das cenas de visões extáticas e de sonambulismo. O autor não quis, e nem podia, a propósito de um romance, fazer um tratado didático de Espiritismo. Todos os dias escritores apoiam suas concepções sobre fatos científicos, históricos ou outros, que não podem senão supô-los conhecidos dos leitores, sob pena de transformar suas obras em enciclopédias; aos que não os conhecem cabe buscá-los ou pedir uma explicação. O Sr. Sauvage, situando seu enredo em 1831, não podia desenvolver teorias que só foram conhecidas vinte anos mais tarde. Aliás, os Espíritos batedores, em nossos dias, têm bastante repercussão, graças mesmo à imprensa hostil, para que poucas pessoas dele não tenham ouvido falar. Esses fatos são mais vulgares hoje do que muitos outros citados diariamente. Ao contrário, o autor nos parece ter realçado o Espiritismo, admitindo o fato como suficientemente conhecido para não precisar ser explicado.

Também não compartilhamos a opinião dos que lhe censuram o quadro um tanto familiar e vulgar, a pouca complicação da intriga do enredo, numa palavra, de não ter feito uma obra literária mais magistral, como certamente seria capaz de fazer. Em nossa opinião, a obra é o que devia ser para alcançar o objetivo proposto; não é um monumento que o autor quis erigir, mas uma simples e graciosa casinha, onde o coração pudesse repousar. Tal como está, dirige-se a todo o mundo: grandes e pequenos, ricos e proletários, mas, sobretudo, a certa classe de leitores aos quais teria convindo menos, se tivesse revestido uma forma mais acadêmica. Pensamos que sua leitura pode ser muito proveitosa à classe laboriosa e, a esse título, gostaríamos de ver a popularidade de certos escritos cuja leitura é menos salutar.

As duas passagens seguintes podem dar uma ideia do espírito no qual é concebida a obra. A primeira é uma cena entre Lucien e Mirette, no enterro do pai adotivo desta:

Meu pobre pai, então não te verei mais! disse Mirette soluçando.

Mirette, respondeu Lucien, com voz doce e grave, os que creem em Deus e na imortalidade da alma humana não devem desolar-se como infelizes que não têm esperança. Para os verdadeiros cristãos a morte não existe. Olhai em torno de nós: estamos sentados entre túmulos, no lugar terrível e fúnebre que a ignorância e o medo chamam o campo dos mortos. Pois bem! o Sol do mês de maio aqui resplandece como no seio dos campos mais risonhos. As árvores, os arbustos e as flores inundam o ar com seus mais suaves perfumes; do pássaro ao inseto imperceptível, cada ser da Criação lança sua nota nesta grande sinfonia, que canta a Deus o hino sublime da vida universal. Não está aí, dizei, um notável protesto contra o nada, contra a morte? A morte é uma *transformação* para a matéria, para os seres bons e inteligentes, é uma transfiguração. Vosso pai cumpriu a tarefa que Deus lhe havia confiado; Deus o chamou a si. Que nosso amor egoísta não inveje a palma ao mártir, a coroa ao vencedor!... Mas não creiais que ele vos esqueça. O amor é o laço misterioso que liga todos os mundos. O pai de família, forçado a realizar uma grande viagem, não pensa em seus filhos queridos? Não vela de longe por sua felicidade? Sim, Mirette, que este pensamento vos console; jamais somos órfãos na Terra; primeiramente temos Deus, que nos permitiu chamá-lo nosso pai, e depois os amigos, que nos precederam na vida eterna.

— Aquele que chorais está aqui, eu o vejo... ele vos sorri com uma ternura inefável... ele vos fala... escutai...

De repente o rosto de Lucien adquiriu uma expressão extática; o olhar fixo, o dedo levantado no ar, mostrava alguma coisa no espaço; o ouvido atento parecia escutar palavras misteriosas.

Filha, diz ele, com uma voz que não era mais a sua, por que fixar teu olhar velado de lágrimas neste canto de terra onde depositaram meus despojos mortais? Eleva os olhos para o Céu; é lá que o Espírito purificado pelo sofrimento, pelo amor e pela prece, alça voo para o

objeto de suas sublimes aspirações! Que importa à borboleta os restos de seu grosseiro envoltório, desde que ao Sol exhibe as asas radiosas? A poeira volta à poeira, a centelha sobe para o seu divino foco. Mas o Espírito deve passar por terríveis provas antes de receber sua coroa. A Terra na qual rasteja o formigueiro humano é um lugar de expiação e de preparação à vida bem-aventurada. Grandes lutas te esperam, pobre criança, mas tem confiança: Deus e os Espíritos bons não te abandonarão. Fé, esperança, amor, seja esta a tua divisa. Adeus.

A obra termina pelo seguinte relato de uma excursão extática dos dois jovens, então casados:

Depois de uma viagem, cuja duração não puderam apreciar, os dois navegantes aéreos abordaram uma terra desconhecida e maravilhosa, onde tudo era luz, harmonia e perfumes, onde a vegetação era tão bela que diferia tanto da nossa quanto a flora dos trópicos difere da flora da Groelândia e das terras austrais. Os seres que habitavam esse mundo perdido no meio dos mundos pareciam bastante com a ideia que aqui fazemos dos anjos. Seus corpos leves e transparentes nada tinham do nosso grosseiro envoltório terreno, seus rostos irradiavam inteligência e amor. Uns repousavam à sombra de árvores carregadas de frutos e de flores, outros passeavam como essas sombras bem-aventuradas que nos mostra Virgílio em sua encantadora descrição dos Campos Elíseos. As duas personagens que Lucien já tinha visto várias vezes em suas visões precedentes, avançaram com os braços estendidos para os dois viajantes. O sorriso com que os abraçaram os encheu de celeste alegria. Aquele que tinha sido o pai adotivo de Mirette lhe disse com uma doçura inefável: “Meus caros filhos, vossas preces e vossas boas obras encontraram graça diante de Deus. Ele tocou a alma do culpado e a manda de volta à vida terrena para *expiar suas faltas e se purificar por novas provas*, porquanto Deus não castiga eternamente e sua justiça é sempre temperada pela misericórdia”.

Eis agora a opinião dos Espíritos sobre esta obra, dada na Sociedade de Paris na sessão em que foi feito o seu relato.

(Sociedade de Paris, 4 de janeiro de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Cada dia a crença afasta das ideias adversas um Espírito irresoluto; cada dia novos adeptos obscuros ou ilustres vêm abrigar-se sob sua bandeira; os fatos se multiplicam e a multidão reflete. Depois os temerosos tomam coragem com duas mãos e, então, gritam: Avante! com toda a força dos pulmões. Os homens sérios trabalham, e a Ciência, moral ou material, romances e novelas, se deixam penetrar pelos princípios novos em páginas eloquentes. Quantos espíritas sem o saber entre os espiritualistas modernos! Quantas publicações às quais não falta senão uma palavra para serem apontadas à opinião pública como emanando de uma fonte espírita!

O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para mostrá-la, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e feito desabrochar. O ano de 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mirette*, e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero e mais sérias ainda, no sentido de que o romance tornar-se-á filosofia e a filosofia se fará história.

Não se fará mais do Espiritismo uma crença ignorada e aceita apenas por alguns cérebros supostamente doentes; será uma filosofia admitida ao banquete da inteligência, uma ideia nova tendo posição ao lado das ideias progressivas, que marcam a segunda metade do século XIX. Assim, felicitamos vivamente aquele que soube, como primeiro, pôr de lado todo falso respeito humano, para arvorar francamente e claramente sua crença íntima.

DR. MOREL LAVALLÉE

ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO

Coletânea de poesias mediúnicas pelo Sr. Vavasour; precedida de um *Estudo sobre a poesia mediúnica*, pelo Sr. Allan

Kardec. 1 vol. In-12, preço: 1 fr. Pelo correio, para a França e Argélia, 1 fr. 20 c. – Paris, livraria central, 24, Boulevard des Italiens; no escritório da *Revista Espírita* e com o autor, 3, rua da Mairie, em Paris-Montmartre.

Esta obra, da qual falamos em nosso último número, e cuja impressão foi retardada, encontra-se à venda.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA

(Pelo Dr. Brízio, de Turim)

Não conhecemos essa obra senão pelo prospecto em língua italiana, que nos foi enviado, mas só podemos nos alegrar por ver o interesse das nações estrangeiras em seguir o Movimento Espírita e felicitar os homens de talento que entram na via das aplicações do Espiritismo à Ciência. A obra do Dr. Brízio será publicada em 20 ou 30 fascículos a 20 c. cada um, e a impressão será iniciada desde que haja 300 subscritores. Subscrições em Turim, na livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS – TRADUÇÃO EM ESPANHOL

Tradução em espanhol, da 9ª edição francesa. Madri – Barcelona Marselha – Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

MARÇO DE 1867

Nº 3

A homeopatia nas doenças morais

Pode a homeopatia modificar as disposições morais? Tal é a pergunta que se fazem alguns médicos homeopatas e à qual não hesitam em responder afirmativamente, apoiando-se em fatos. Levando-se em conta a sua extrema gravidade, vamos examiná-la com cuidado, de um ponto de vista que nos parece ter sido negligenciado por aqueles senhores, por mais espiritualistas e mesmo espíritas que sem dúvida o sejam, porque há pouquíssimos médicos homeopatas que não sejam uma ou outra coisa. Mas, para a compreensão de nossas conclusões, algumas explicações preliminares sobre as modificações dos órgãos cerebrais são necessárias, sobretudo para as pessoas estranhas à fisiologia.

Um princípio que a simples razão faz admitir, que a Ciência constata diariamente, é que nada há de inútil na Natureza, que, até nos mais imperceptíveis detalhes, tudo tem um fim, uma razão de ser, uma destinação. Este princípio é particularmente evidente no que respeita ao organismo dos seres vivos.

Em todos os tempos o cérebro foi considerado como o órgão da transmissão do pensamento e a sede das faculdades

intelectuais e morais. Hoje é reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais e são afetadas por uma ordem particular de pensamentos e de sentimentos, pelo menos no que concerne à generalidade; é assim que se colocam, instintivamente, na parte anterior, as faculdades do domínio da inteligência, e que uma fronte fortemente deprimida e estreitada, é, para todo o mundo, um sinal de inferioridade intelectual. As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões se acham, por isto mesmo, como tendo sua sede em outras partes do cérebro.

Ora, se se considera que os pensamentos e os sentimentos são excessivamente múltiplos, e partindo do princípio de que tudo tem sua destinação e sua utilidade, é permitido concluir que cada feixe fibroso do cérebro não só corresponde a uma faculdade geral distinta, mas que cada fibra corresponde à manifestação de uma das nuances desta faculdade, como cada corda de um instrumento corresponde a um som particular. É uma hipótese, sem dúvida, mas que tem todos os caracteres da probabilidade, e cuja negação não infirmaria as consequências que deduziremos do princípio geral; ela nos ajudará em nossa explicação.

O pensamento é independente do organismo. Não há por que discutir aqui esta questão, nem refutar a opinião materialista, segundo a qual o pensamento é secretado pelo cérebro, como a bile o é pelo fígado, nasce e morre com esse órgão; além de suas funestas consequências morais, esta doutrina tem contra si o fato de nada explicar.

Segundo as doutrinas espiritualistas, que são as da imensa maioria dos homens, não podendo a matéria produzir o pensamento, este é um atributo do Espírito, do ser inteligente, que, quando unido ao corpo, serve-se dos órgãos especialmente destinados à sua transmissão, como se serve dos olhos para ver, dos pés para andar. Sobrevivendo o Espírito ao corpo, o pensamento também lhe sobrevive.

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas *preexiste* ao corpo; não é um ser novo; traz, ao nascer, as

ideias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as ideias, as aptidões e os pendores inatos. O pensamento é, pois, *preexistente e sobrevivente* ao organismo. Este ponto é capital e é por não o terem reconhecido que tantas questões ficaram insolúveis.

Estando na Natureza todas as faculdades e aptidões, o cérebro encerra os órgãos, ou, pelo menos, o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado impele ao desenvolvimento da fibra ou, querendo-se, do órgão correspondente; se uma faculdade não existir no Espírito, ou se, existindo, deve ficar em estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão for atrofiado congenitamente, não podendo manifestar-se a faculdade, o Espírito parece dele privado, embora de fato o possua, desde que lhe é inerente. Enfim, se o órgão, primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, vai perdendo a cor, depois se apaga, mas não se destrói; é apenas um véu que a obscurece.

Conforme os indivíduos, há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o começo da vida, enquanto outras se revelam em épocas mais tardias e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, geralmente não são disposições novas, mas aptidões preexistentes, que dormitam até que uma circunstância as venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas, que por vezes se manifestam subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, marchando sempre para o progresso, se for essencialmente bom não pode tornar-se mau, ao passo que de mau pode tornar-se bom.

O desenvolvimento ou o enfraquecimento dos órgãos cerebrais acompanha o movimento que se opera no Espírito. Essas modificações são favorecidas em todas as idades, mas, sobretudo, na juventude, pelo trabalho íntimo de renovação que se opera incessantemente no organismo, da seguinte maneira:

Como se sabe, os principais elementos do organismo são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que, por suas múltiplas combinações, formam o sangue, os nervos, os músculos, os humores e as diferentes variedades de substâncias. Pela atividade das funções vitais, as moléculas orgânicas são incessantemente expelidas do corpo pela transpiração, pela exalação e por todas as secreções, de sorte que se não fossem substituídas, o corpo se reduziria e acabaria por definhar. O alimento e a aspiração incessantemente trazem novas moléculas, destinadas a substituir as que se vão, de onde se segue que, num dado tempo, todas as moléculas orgânicas são inteiramente renovadas e, numa certa idade, não existe mais uma só das que formavam o corpo em sua origem. É o caso de uma habitação, da qual se arrancassem as pedras uma a uma, substituindo-as à medida por uma nova pedra da mesma forma e tamanho, e assim por diante, até a última. Ter-se-ia sempre a mesma casa, mas formada de pedras diferentes.

Dá-se o mesmo com o corpo, cujos elementos constitutivos são, conforme os fisiologistas, totalmente renovados de sete em sete anos. As diversas partes do organismo sempre subsistem, mas os materiais são mudados. Dessas mudanças gerais ou parciais nascem as modificações que sobrevêm, com a idade, no estado sanitário de certos órgãos, as variações que sofrem os temperamentos, os gostos, os desejos que influem sobre o caráter.

Nem sempre as aquisições e as perdas estão em perfeito equilíbrio. Se as aquisições superam as perdas, o corpo cresce, aumenta; se se dá o contrário, o corpo diminui. Assim se explicam o crescimento, a obesidade, o emagrecimento, a decrepitude.

A mesma causa produz a expansão ou a interrupção do desenvolvimento dos órgãos cerebrais, conforme as modificações que se operam nas preocupações habituais, nas ideias e no caráter. Se as circunstâncias e as causas que agem diretamente sobre o Espírito, provocando o exercício de uma aptidão ou de uma paixão, forem mantidas em estado de inércia, a atividade que se produz no

órgão correspondente aí faz afluir o sangue e, com ele, as moléculas constituintes do órgão, que cresce e toma força em proporção desta atividade. Pela mesma razão, a inatividade da faculdade produz o enfraquecimento do órgão, do mesmo modo que uma atividade muito intensa e persistente também pode levar à sua desorganização ou enfraquecimento, por uma espécie de gasto, tal como acontece com uma corda muito esticada.

As aptidões do Espírito são, pois, sempre uma causa, e o estado dos órgãos um *efeito*. Pode suceder, entretanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença acidental, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, *não alterando as suas faculdades*, mas perturbando a sua *manifestação*.

Um efeito semelhante pode resultar das substâncias ingeridas no estômago, como alimentos ou medicamentos. Essas substâncias aí se decompõem, e os princípios essenciais que encerram, misturados ao sangue, são levados, pela corrente da circulação, a todas as partes do corpo. É reconhecido pela experiência que os princípios ativos de certas substâncias são levados mais particularmente a tal ou qual víscera: o coração, o fígado, os pulmões etc., e aí produzem efeitos reparadores ou deletérios, conforme sua natureza e propriedades especiais. Algumas, agindo desta maneira sobre o cérebro, podem exercer sobre o conjunto, ou sobre partes determinadas, uma ação estimulante ou estupefaciente, conforme a dose e o temperamento, por exemplo, as bebidas alcoólicas, o ópio e outras.

Nós nos estendemos um pouco sobre os detalhes que precedem, a fim de dar a compreender o princípio sobre o qual pode apoiar-se, com aparência de lógica, a teoria das modificações do estado moral por meios terapêuticos. Esse princípio é o da ação direta de uma substância sobre uma parte do organismo cerebral, tendo por função especial servir à manifestação de uma faculdade, de um sentimento ou de uma paixão, porque não pode vir ao pensamento de ninguém que tal substância possa agir sobre o Espírito.

Admitido, pois, que o princípio das faculdades esteja no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se reconheça numa substância a propriedade de modificar as disposições morais, neutralizar uma inclinação má: isto só poderia ser por sua ação sobre o órgão correspondente a essa inclinação, ação que teria por efeito interromper o desenvolvimento desse órgão, atrofiá-lo ou paralisá-lo, se for desenvolvido. Torna-se evidente que, neste caso, não se suprime a inclinação, mas a sua manifestação, absolutamente como se ao músico se tirasse o seu instrumento.

Provavelmente são efeitos desta natureza que certos homeopatas observaram, e que os levaram a crer na possibilidade de corrigir, com o auxílio de medicamentos apropriados, vícios tais como o ciúme, o ódio, o orgulho, a cólera etc. Tal doutrina, se verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque, então, a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico; o pior homem poderia tornar-se bom sem grandes esforços, e a Humanidade poderia ser regenerada com o auxílio de algumas pílulas.¹⁵ Se, ao contrário, como não padece dúvida, as imperfeições forem inerentes à própria inferioridade do Espírito, não se o melhorará pela modificação de seu invólucro carnal, como não se endireitaria um corcunda, dissimulando sua deformidade sob os tecidos de suas roupas.

Contudo, não duvidamos que tais resultados sejam obtidos em alguns casos particulares, porquanto, para afirmar um fato

¹⁵ Nota do tradutor: É perfeitamente lógico este raciocínio de Allan Kardec, considerando-se o estado em que se achava a ciência médica do seu tempo. Então não se dispunham dos avanços conquistados no campo da farmacologia, da bioquímica, da genética, da biologia e da engenharia moleculares, que permitiram a síntese de medicamentos de real valor, hoje usados com sucesso nos distúrbios mentais. Embora não curem a doença em si, cujo substrato está no Espírito imortal, é inegável que trazem certo alívio às partes lesadas, ou supostas como tais, alcançando, quem sabe, o próprio perispírito, e *propiciando uma trégua* ao doente, seguida de visível melhora, a fim de que a sua reforma moral, esta sim, e os recursos da prece e da fluidoterapia possam operar a cura definitiva, na atual ou no curso de outras existências.

tão grave, é preciso ter observado; mas estamos convictos de que se enganaram com a causa e o efeito. Por sua natureza etérea os medicamentos homeopáticos têm uma ação de certa forma molecular; sem dúvida podem agir, mais que outros, sobre certas partes elementares e fluídicas dos órgãos e lhes modificar a constituição íntima. Se, pois, como é racional admitir, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre essa fibra, quer para paralisá-la, quer para exaltar sua sensibilidade, paralisaria ou exaltaria, por isso mesmo, a *expressão* do sentimento, do qual fosse instrumento, mas o sentimento não deixaria de subsistir. O indivíduo estaria na posição de um assassino a quem se tirasse a possibilidade de cometer homicídios, cortando-lhe os braços, mas que conservasse o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão por meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se fosse constatado o efeito acima, talvez fosse de dominar mais facilmente o Espírito, de torná-lo mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas nos embalaríamos em ilusões se esperássemos de uma medicação qualquer um resultado definitivo e duradouro.

Seria completamente diferente se se tratasse de ajudar a manifestação de uma faculdade existente. Suponhamos um Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado e não podendo, por conseguinte, manifestar suas ideias: será para nós um idiota. Admitindo, o que julgamos possível à homeopatia, mais do que a qualquer outro gênero de medicação, que se possa dar mais flexibilidade e sensibilidade às fibras cerebrais, o Espírito manifestaria seu pensamento, como um mudo, ao qual se tivesse desatado a língua. Mas se o Espírito fosse idiota por si mesmo, ainda que tivesse ao seu serviço o cérebro do maior gênio, nem por isso seria menos idiota. Não podendo um medicamento qualquer agir sobre o Espírito, não lhe poderia dar o que não tem, nem tirar o que tem; mas agindo sobre o órgão da transmissão do pensamento, pode facilitar essa transmissão sem que, por isto, nada seja mudado no estado do Espírito. O que é difícil, o mais das vezes mesmo

impossível no idiota de nascença, porque há interrupção completa e quase sempre geral do desenvolvimento nos órgãos, torna-se possível quando a alteração é acidental e parcial. Neste caso, não é o Espírito que se aperfeiçoa, são os meios de comunicação.

Exploração das ideias espíritas

A PROPÓSITO DA APRECIÇÃO CRÍTICA DE *MIRETTE*

Vários jornais referiram-se com elogios ao romance *Mirette*, do qual falamos na *Revista* de fevereiro de 1867. Só podemos cumprimentar os jornalistas, que não se detiveram ante as ideias contidas nessa obra, embora contrárias às suas convicções. É um progresso, porque tempo houve em que o simples colorido espírita teria sido motivo de reprovação. Viu-se com que parcimônia e embaraço os próprios amigos de Théophile Gautier falaram de seu romance *Spirite*. É verdade que, fora do que toca o Mundo Espiritual, o caráter essencialmente moral de *Mirette* pouco se prestava à zombaria. Por mais cético que se seja, não se ri daquilo cuja consequência é o bem.

A crítica fixou-se principalmente neste ponto: Por que misturar o sobrenatural neste simples relato? Era útil à ação apoiar-se em casos de visões e aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar os seus heróis para o mundo *imaginário* da vida espiritual, para chegar à realização da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias edificantes sem o emprego de semelhantes recursos?

Certamente isto não era necessário. Mas diremos a esses senhores: Se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, far-lhe-íeis, por mais céticos que fôsseis, uma censura por empregar como recurso da ação o inferno, o paraíso, os anjos, os demônios e todos os símbolos da fé? Por fazer intervirem os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, então, achar mau que um escritor, espírita ou não, utilize os elementos oferecidos pelo

Espiritismo, que é uma crença como qualquer outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao assunto? Com menos forte razão pode ser censurado se, em sua convicção, aí vê um meio providencial para chegar ao castigo dos culpados e à recompensa dos bons.

Se, pois, no pensamento do escritor, essas crenças são verdadeiras, por que não as exporia num romance, tanto quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como temos dito muitas vezes, estas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e novo de exploração, onde colherão a mancheias quadros comoventes e as mais interessantes situações. Vede o partido que tirou Barbara, por mais incrível que fosse, em seu romance *L'Assassinat du Pont-Rouge* (*Revista* de janeiro de 1867). Apenas, como aconteceu com a arte cristã, os que tiverem fé lhes tirarão melhor proveito; aí encontrarão motivos de inspiração, que jamais terão os que só fazem obras de fantasia.

As ideias espíritas estão no ar; como se sabe, abundam na literatura atual; os mais céticos escritores a elas recorrem sem o suspeitar, impelidos pela força mesma do raciocínio, a empregá-las como explicações ou meios de ação. É assim que, muito recentemente, o Sr. Ponson du Terrail,¹⁶ que mais de uma vez divertiu-se à custa do Espiritismo e de seus adeptos, num romance-folhetim intitulado *Mon Village*, publicado pelo *Le Moniteur* da tarde (7 de janeiro de 1867), assim se exprime:

Estas duas crianças já se amam e talvez jamais ousassem dizê-lo.

Por vezes o amor é instantâneo e facilmente levaria a crer na transmissão das almas e na *pluralidade das existências*. Quem sabe? Estas duas almas, que palpitam ao primeiro contato e que, há pouco, se julgavam desconhecidas uma da outra, *outrora não foram irmãs?*

¹⁶ N.E.: Pierre Alexis, visconde de Ponson du Terrail (1829–1871). Escritor francês, durante sua carreira, escreveu simultaneamente cinco novelas diferentes, uma para cada jornal, entre eles *L'Opinion Nationale*, *La Patrie*, *Le Moniteur*, *Le Petit Journal*.

E, quando chegavam na Grand'Rue de Saint-Florentin, cruzaram com um homem que andava muito depressa e que, à sua vista, experimentou uma espécie de comoção elétrica. Esse homem era Mulot, que saía do café Universo. Mas o Sr. Anatole e Mignonne não o viram. Recolhidos e silenciosos, vivendo por assim dizer em si mesmos, *sem dúvida suas almas estavam longe desta terra que pisavam.*

Então o autor viu no mundo situações semelhantes às que acaba de descrever, e que são um problema para o moralista; não encontra solução lógica senão admitindo que essas duas almas encarnadas, solicitadas uma para a outra por irresistível atração, podiam ter sido irmãs em outra existência. Onde colheu este pensamento? Por certo não foi nas obras espíritas, que provavelmente não leu, como o provam os erros cometidos toda vez que falou da doutrina. Colheu-a nessa corrente de ideias que atravessam o mundo, às quais nem mesmo os incrédulos podem escapar, e que de boa-fé julgam tirar do próprio íntimo. Mesmo combatendo o Espiritismo, trabalham sem o querer para acreditar os seus princípios. Pouco importa a via pela qual esses princípios se infiltram; mais tarde reconhecerão que só lhe falta o nome.

Sob o título de *Conte de Noël*, o *L'Avenir National* de 26 de dezembro de 1866 publicava um artigo do Sr. Taxile Delord,¹⁷ escritor muito pouco espírita, como se sabe, no qual o autor supõe um jornalista sentado, na véspera do Natal, ao pé do fogo, perguntando em que se havia tornado a Boa-Nova que os anjos, em tal dia, tinham vindo anunciar ao mundo há dois mil anos. Como se entregasse às suas reflexões, o jornalista ouviu uma voz firme e doce, que lhe dizia:

Eu sou o Espírito; o da Revolução; o Espírito que fortifica os indivíduos e os povos; trabalhadores, de pé! o passado ainda conserva um sopro de vida e desafia o futuro. O progresso, mentira ou

¹⁷ N.E.: Jornalista e político francês (1815–1877).

utopia! vos gritam; não escuteis estas vozes enganosas; para tomar forças e marchar para frente, olhai um momento para trás de vós.

O progresso é invencível; ele se serve até dos que lhe resistem para avançar.

Não acompanharemos o jornalista e o Espírito no diálogo que se estabeleceu entre eles, e no qual este último desdobra o futuro, porque marcham num terreno que nos é interdito; apenas faremos notar que recurso emprega o autor para chegar aos seus fins. Aos seus olhos esse recurso é pura fantasia, mas não nos surpreenderíamos se um verdadeiro Espírito lhe tivesse soprado a frase acima, que sublinhamos.

Neste momento representam no teatro *Ambiguidade* um drama dos mais comoventes, intitulado *Maxwel*, pelo Sr. Jules Barbier. Eis, em duas palavras, o nó da intriga.

Um pobre tecelão, chamado Butler, é acusado do assassinato de um gentil-homem, e todas as aparências são de tal modo contra ele que é condenado pelo juiz Maxwel a ser enforcado. Só um homem poderia justificá-lo, mas não se sabe que fim levou. Entretanto, a mulher do tecelão, num acesso de sono sonambúlico, viu esse homem e o descreveu; então poderiam encontrá-lo. Um bom e sábio médico, que acredita no sonambulismo, amigo do juiz Maxwel, vem informá-lo desse incidente, a fim de obter um *sursis* para a execução. Mas Maxwel, cético quanto a essas faculdades, que considera sobrenaturais, mantém a sentença e se dá a execução. Algumas semanas depois o homem reaparece e conta o que se passou. A inocência do condenado é demonstrada e a visão da sonâmbula confirmada.

Contudo, o verdadeiro assassino permaneceu desconhecido. Passaram-se quinze anos, durante os quais se sucederam vários incidentes. O juiz, acabrunhado de remorsos, dedica a vida à procura do culpado. A viúva de Butler, que se expatriou levando a filha, morreu na miséria. Mais tarde a filha se torna cortesã da moda, sob

outro nome. Uma circunstância fortuita lhe põe nas mãos o cutelo usado pelo assassino; como sua mãe, cai em sonambulismo e esse objeto, como fio condutor, levando-a ao passado, ela conta todas as peripécias do crime e revela o verdadeiro culpado, que não é outro senão o próprio irmão do juiz Maxwel.

Não é a primeira vez que o sonambulismo foi posto em cena; mas o que distingue o drama novo é que é representado sob uma luz eminentemente séria e prática, sem qualquer mistura do maravilhoso e em suas consequências mais graves, pois serve de meio de protesto contra a pena de morte. Provando que o que o homem não pode ver com os olhos do corpo não está oculto aos da alma, é demonstrar a existência da alma e sua ação independente da matéria. Do sonambulismo ao Espiritismo a distância não é grande, pois se explicam, se demonstram e se completam um pelo outro; tudo o que tende a propagar um, tende igualmente a propagar o outro. Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que a ideia espírita surgiria por todos os meios. A dupla vista e a pluralidade das existências, confirmadas pelos fatos e acreditadas por inúmeras publicações, entram cada dia mais nas crenças e não mais surpreendem: são duas portas abertas de par em par ao Espiritismo.

ROBINSON CRUSOÉ ESPÍRITA

Quem suspeitaria que o inocente livro *Robinson Crusóé* fosse marcado pelos princípios do Espiritismo, e que a juventude, em cujas mãos o põem sem desconfiança, aí pudesse colher a doutrina malsã da existência dos Espíritos? Nós mesmos o ignoraríamos ainda, se um dos nossos assinantes não nos tivesse assinalado as passagens seguintes, que se acham nas edições completas, mas não nas edições resumidas.

Esta obra, na qual se viram principalmente aventuras curiosas, próprias para divertir as crianças, é marcada por uma alta filosofia moral e um profundo sentimento religioso.

Lê-se na p. 161 (edição ilustrada por Granville):

Esses pensamentos me inspiraram uma tristeza que durou bastante, mas, enfim, tomaram outra direção; senti quanto devia de reconhecimento ao Céu, que me impedira de entregar-me a um perigo, cuja existência eu ignorava. O caso fez nascer em mim uma reflexão, que já me tinha vindo algumas vezes, desde que havia reconhecido quanto, em todos os perigos da vida, a Providência mostra sua bondade por disposições cuja finalidade não compreendemos. Com efeito, muitas vezes saímos dos maiores perigos por vias maravilhosas; muitas vezes um *impulso secreto* nos decide de repente, num momento de grave incerteza, a tomar tal caminho e não outro, que nos teria conduzido à nossa perda.

Tomei como lei jamais resistir a essas vozes misteriosas, que nos convidam a tomar tal partido, a fazer ou não fazer tal coisa, embora nenhuma razão apoie esse impulso secreto. Eu poderia citar mais de um exemplo, onde o acatamento a semelhantes avisos teve pleno sucesso, sobretudo na última parte de minha estada nessa ilha infeliz, sem contar muitas outras ocasiões que me devem ter escapado e às quais eu *teria prestado atenção, se desde logo meus olhos se tivessem aberto sobre este ponto*. Mas nunca é tarde demais para ser prudente, e aconselho a todos os homens refletidos, cuja existência, como a minha, estivesse submetida a acidentes extraordinários, mesmo às vicissitudes mais comuns, a jamais negligenciarem *esses avisos íntimos da Providência, seja qual for a inteligência invisível que no-los transmite*.

Na p. 284:

Muitas vezes tinha ouvido pessoas muito sensatas dizerem que tudo o que se conta dos fantasmas e das aparições se explica pela força da imaginação; que jamais um Espírito apareceu a quem quer que fosse; mas que, pensando assiduamente nos que perdemos, eles se tornam de tal modo presentes ao pensamento que, em certas circunstâncias, julgamos vê-los, falar-lhes, ouvir suas respostas, e que tudo isto não passa de uma ilusão, uma sombra, uma lembrança.

Por mim, não posso dizer se atualmente existem *aparições verdadeiras*, espectros, *pessoas mortas que vêm errar pelo mundo*, ou se as histórias que contam sobre tais fatos se fundam apenas em visões de cérebros doentes, de imaginações exaltadas e desordenadas; mas sei que a minha chegou a tal ponto de excitação, lançou-me em tal excesso de vapores fantásticos — não importa que nome lhe queiram dar — que por vezes julgava estar em minha ilha, em meu velho castelo nos confins da mata; via meu Espanhol, o pai de Sexta-feira e os marinheiros condenados que eu tinha deixado nessas paragens; julgava mesmo conversar com eles, e embora bem desperto, olhava-os fixamente, como se estivessem em minha frente. Isto aconteceu muitas vezes para me amedrontar. Uma vez, em meu sonho, o primeiro Espanhol e o velho selvagem me contaram, em termos tão naturais e tão enérgicos as maldades dos três marinheiros piratas, o que de fato surpreendia. Disseram-me como esses homens perversos tinham tentado assassinar os espanhóis, e como em seguida tinham queimado todas as suas provisões, com a intenção de os fazer morrer de fome. E este fato, que então eu não podia saber, e que era verdadeiro, foi-me mostrado tão claramente por minha imaginação, que fiquei convencido de sua realidade. Acreditei-o mesmo na continuação desse sonho. Escutei as queixas do Espanhol com profunda emoção; fiz vir os três culpados diante de mim e os condenei à forca. Ver-se-á, em seu lugar, o que havia de exato no sonho. Mas como tais fatos me foram revelados? *Por que secreta comunicação dos Espíritos invisíveis* me tinham eles trazido? É o que não posso explicar. Nem tudo era literalmente certo; mas os pontos principais eram conforme à realidade, e a conduta infame desses três celerados endurecidos tinha ido além do que se podia supor. Meu sonho, a esse respeito, tinha muita semelhança com os fatos. Além disso, quando me achei na ilha, quis puni-los muito severamente; e se os tivesse mandado enforcar, eu teria sido justificado pelas leis divinas e humanas.

Na p. 289:

Nada demonstra mais claramente a realidade de uma vida futura e de um Mundo Invisível que o concurso de causas secundárias com

certas ideias que formamos interiormente, sem ter recebido nem dado a seu respeito nenhuma comunicação humana.

Tolerância e caridade

CARTA DO NOVO ARCEBISPO DE ARGEL¹⁸

O jornal *La Vérité* de Lyon, de 17 de fevereiro, publica a seguinte carta, que monsenhor Lavigerie, bispo de Nancy, nomeado arcebispo de Argel, escreveu ao Sr. Prefeito daquela cidade, em 15 de janeiro último:

“Senhor Prefeito,

Acabo de saber, pelo *Le Moniteur*, da notícia oficial de minha promoção ao arcebispado de Argel e, embora não possa exercer nenhum ato de meu ministério na diocese, sem primeiro ter recebido a missão e a instituição da Santa Sé, não posso ficar insensível aos acentos dolorosos que repercutem em toda a França e que nos chegam do pé do Atlas. A administração municipal de Argel tomou a generosa iniciativa de uma subscrição pública para as vítimas do último terremoto. Permitti-me que envie meu óbolo por vosso intermédio. Encontrareis anexa a soma de mil francos: é tudo que minha pobreza me permite fazer, mas esse pouco pelo menos o faço com todo o coração.

Desejo que esta soma seja distribuída igualmente e sem distinção de raças nem de cultos, entre todos os que foram atingidos pelo flagelo. Se, mais tarde, nem todos devem reconhecer-me por pai, eu reclamo o privilégio de amá-los igualmente como meus filhos. Tomei por divisa de minhas armas episcopais uma só palavra: caridade! e a caridade não conhece gregos, nem bárbaros, nem infieis, nem israelitas; assim como fala o Apóstolo Paulo, ela não vê em todos os homens senão a imagem viva de Deus! Possa eu, se ele me

¹⁸ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 515.

chamar logo ao vosso meio, dar a todos, por meus atos e palavras, o exemplo e o amor desta virtude, que prepara todas as outras.

Dignai-vos aceitar, Senhor Prefeito, a expressão dos sentimentos de respeitoso devotamento com os quais tenho a honra de ser vosso humilde e obediente servo.”

CHARLES, Bispo de Nancy,
nomeado arcebispo de Argel

O novo arcebispo de Argel se anuncia por um ato de beneficência que é uma digna introdução. Mas o que ainda vale mais, o que sobretudo será apreciado, são os princípios de tolerância pelos quais inaugura sua administração. Em vez do anátema, é a caridade que confunde todos os homens num mesmo sentimento de amor, sem distinção de crença, porque todos são a viva imagem de Deus. Eis aí verdadeiras palavras evangélicas. Não fala dos espíritas, contra os quais seu predecessor havia lançado todos os raios da maldição (Vide a *Revista* de novembro de 1863). Mas é provável que se sua tolerância se estende aos judeus e aos infiéis, não pode fazer exceção para os que, de conformidade com as palavras do Cristo, inscrevem em sua bandeira: Fora da caridade não há salvação.

Lincoln e seu assassino

Extraído do *Banner of Light*, de Boston

(Análise de uma comunicação de Abraão Lincoln
por um médium de Ravenswood)

Quando Lincoln voltou de seu atordoamento e despertou no Mundo dos Espíritos, ficou muito surpreendido e perturbado, porque não fazia a menor ideia de que estivesse morto. O golpe que o feriu suspendeu instantaneamente toda sensação, e ele não compreendeu o que lhe havia acontecido. Esta confusão e esta perturbação, contudo, não duraram muito. Ele era bastante

espiritualista para compreender o que é a morte, e não ficou, como muitos outros, admirado da nova existência para a qual fora transportado. Viu-se cercado por muitas pessoas, que sabia mortas há bastante tempo, e logo soube a causa de sua morte. Foi recebido cordialmente por muita gente por quem tinha simpatia. Compreendeu sua afeição por ele e, num olhar, pôde abarcar o mundo ditoso no qual havia entrado.

No mesmo instante experimentou um sentimento de angústia pela dor por que devia passar sua família, e uma grande ansiedade a propósito das consequências que sua morte poderia acarretar ao país. Esses pensamentos o trouxeram violentamente à Terra.

Tendo sabido que William Booth estava mortalmente ferido, veio a ele e curvou-se sobre seu leito de morte. Nesse momento, Lincoln tinha recobrado a perfeita consciência e a tranquilidade de seu Espírito, e esperou com calma o despertar de Booth para a vida espiritual.

Booth não ficou espantado ao despertar, porque esperava a morte. O primeiro Espírito que encontrou foi Lincoln; olhou-o com muita petulância, como se se glorificasse do ato que havia cometido. O sentimento de Lincoln a seu respeito, entretanto, não respirava nenhuma ideia de vingança, muito ao contrário; este se mostrou suave e bom e sem a mais leve animosidade. Booth não pôde suportar este estado de coisas, e o deixou cheio de emoção.

O ato que ele cometeu teve vários motivos; primeiro, sua falta de raciocínio, que o fazia considerar esse ato como meritório e, depois, seu amor desregrado aos louvores que o tinham convencido de que seria cumulado de elogios e olhado como um mártir.

Depois de ter vagado, sentiu-se de novo atraído para Lincoln. Às vezes enchia-se de arrependimento, outras vezes seu orgulho o impedia de emendar-se. Entretanto compreendia quanto seu orgulho era vão, sabendo, sobretudo, que não podia esconder, como em vida,

nenhum dos sentimentos que o agitavam, e que seus pensamentos de orgulho, de vergonha ou de remorso são conhecidos dos que o cercam. Sempre em presença de sua vítima, e dela não recebendo senão marcas de bondade, eis o seu estado atual e a sua punição. Quanto a Lincoln, sua felicidade ultrapassa o que poderia ter esperado.

OBSERVAÇÃO – A situação desses dois Espíritos é, em todos os pontos, conforme àquela que diariamente vemos exemplos nos relatos de Além-Túmulo. Ela é perfeitamente racional e em relação com o caráter dos dois indivíduos.

Poesia espírita

A BERNARD PALISSY

Quando sobre o futuro incerto e flutuante,
Duvidava pra mim dessa imortalidade,
Vieste em meu socorro, e tua mão vibrante
A venda retirou-me da incredulidade;
Dize-me donde vem a doce simpatia
Que te fazia vir da celeste morada?
De uma vida passada a lembrança seria
De um fraternal amor que em teu ser dera entrada?
Caro Espírito, sim, pois que noutra existência
Fostes talvez meu guia, apoio e protetor.
Mas interrogo em vão: Deus, por providência
Dos olhos meus tirou da lembrança o vigor
Até o tempo em que a tua esfera então verei,
Onde o meu ser a ti poderá se elevar!
Mas se a esta Terra triste eu voltar deverei,
Bem-amado Bernard, pensa sempre em mim.

SRTA. L. O. LIEUTAUD, de Rouen

A Liga do Ensino

Vários de nossos correspondentes se admiraram por ainda não termos falado da associação designada sob o título de *Liga do Ensino*. Por seu caráter progressivo, esse progresso parece-lhes merecer as simpatias do Espiritismo; entretanto, antes de nele participar, desejariam ter a nossa opinião. Agradecendo-lhes esse novo testemunho de confiança, repetiremos o que lhes temos dito muitas vezes, a saber: que jamais tivemos a pretensão de cercear a liberdade de ninguém, nem de impor nossas ideias a quem quer que seja, nem as considerando como devendo fazer lei. Guardando silêncio, quisemos não prejudicar a questão e deixar a cada um a mais inteira liberdade. Quanto ao motivo de nossa abstenção pessoal, não temos nenhuma razão de calá-lo e, já que desejam conhecê-lo, di-lo-emos francamente.

Nossa simpatia, como a de todos os espíritas, está naturalmente garantida a todas as ideias progressivas, a todas as instituições que tendem a propagá-las; mas ainda é necessário que tal simpatia tenha um objetivo determinado. Ora, até o presente a Liga do Ensino não nos oferece senão um *título*, sedutor é verdade, mas nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nenhum objetivo preciso. Esse título tem, mesmo, o inconveniente de ser tão elástico que poderia prestar-se a combinações *muito divergentes* em suas tendências e em seus resultados. Cada um pode entendê-lo como quiser e, sem dúvida, imaginar, por antecipação, um plano conforme à sua maneira de ver; poderia, então, acontecer que, quando estivesse em execução, a coisa não correspondesse à ideia que certas pessoas tinham feito. Daí as inevitáveis defecções.

Mas, dizem, nada se arrisca, já que são os próprios subscritores que regularão o emprego dos fundos. Razão a mais para que não se entendam e, nesse conflito de opiniões e de vistas diversas, forçosamente haverá decepções.

Ao contrário, com um objetivo bem definido, um plano claramente traçado, sabe-se em que se compromete, ou, pelo

menos, se se adere a uma coisa praticável ou a uma utopia; pode-se apreciar a sinceridade da intenção, o valor da ideia, a combinação mais ou menos feliz das engrenagens, as garantias de estabilidade, e calcular as chances de êxito ou de insucesso. Ora, no caso, esta apreciação não é possível, porque a ideia fundamental é cercada de mistérios e deve ser aceita sob palavra como boa. Queremos mesmo acreditá-la perfeita, nós a desejamos sinceramente, e quando o bem que dela deve sair nos for demonstrado e, sobretudo, quando lhe virmos o lado prático, nós o aplaudiremos de coração; mas, antes de dar a nossa adesão seja ao que for, queremos fazê-lo com conhecimento de causa; temos de ver muito claro em tudo o que fazemos e saber onde pomos o pé. No estado das coisas, não tendo os elementos necessários para louvar ou censurar, reservamos o nosso julgamento.

Esta maneira de ver é inteiramente pessoal e não deve induzir os que se julgam suficientemente esclarecidos.

Dissertações espíritas

COMUNICAÇÃO COLETIVA

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1866 – Médium: Sr. Bertrand)

Como de hábito, estando a Sociedade reunida em 1º de novembro para a comemoração dos mortos, foram recebidas muitas comunicações, entre as quais sobretudo uma se distinguia por sua feitura completamente nova, e que consiste numa série de pensamentos avulsos, cada um assinado por um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

Meus amigos, quantos Espíritos em torno de vós, que gostariam de comunicar-se e dizer o quanto vos amam! E como seríeis felizes se o nome de todos os que vos são caros fosse pronunciado à mesa dos médiuns! Que felicidade! Que alegria para cada

um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, vossos filhos e vossos amigos viessem falar convosco! Mas compreendeis que é impossível sejais todos satisfeitos: o número de médiuns não é suficiente. Mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha dizer-vos: Obrigado por vossa boa lembrança e por vossas fervorosas preces; coragem! tende esperança de que um dia, depois da vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai certos de que o que vos ensina o Espiritismo é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor tornai-vos todos irmãos, e aliviareis o fardo pesado que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos Protetores virão trazer-vos o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis seguir suas ideias.

A Medicina faz o que fazem os lagostins espantados.

DR. DEMEURE

Porque o magnetismo progride e, progredindo, esmaga a medicina atual, para a substituir proximamente.

MESMER

A guerra é um duelo que só cessará quando os combatentes tiverem forças iguais.

NAPOLEÃO

Forças iguais material e moralmente.

GENERAL BERTRAND

A igualdade moral reinará quando o orgulho for destituído.

GENERAL BRUNE

As revoluções são abusos que destroem outros abusos.

LUÍS XVI

Mas esses abusos fazem nascer a liberdade.

(SEM NOME)

Para serem iguais é preciso que sejam irmãos. Sem fraternidade, nenhuma igualdade e nenhuma liberdade.

LAFAYETTE

A Ciência é o progresso da inteligência.

NEWTON

Mas o que lhe é preferível é o progresso moral.

JEAN REYNAUD

A Ciência ficará estacionária até que a moral a tenha atingido.

FRANÇOIS ARAGO

Para desenvolver a moral é preciso, antes, extirpar o vício.

BÉRANGER

Para extirpar o vício é preciso desmascará-lo.

EUGÈNE SUE

É o que todos os Espíritos fortes e superiores procuram fazer.

FRANÇOIS ARAGO

Três coisas devem progredir: a música, a poesia, a pintura. A música transporta a alma ferindo o ouvido.

MEYERBEER

A poesia transporta a alma abrindo o coração.

CASIMIR DELAVIGNE

A pintura transporta a alma afagando os olhos.

FLANDRIN

Portanto, a poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão as mãos; uma para adoçar o coração, a outra para abrandar os costumes e a última para abrir a alma; as três para vos elevar ao Criador.

ALFRED DE MUSSET

Mas nada, nada deve progredir mais momentaneamente do que a filosofia; ela deve dar um passo imenso, deixando estacionar a Ciência e as artes, mas para elevá-las tão alto, quando for tempo, porque essa elevação seria muito súbita para vós hoje.

Em nome de todos,

SÃO LUÍS

No dia 6 de dezembro o Sr. Bertrand recebeu, no grupo do Sr. Desliens, uma comunicação do mesmo gênero, que, de certo modo, é continuação da precedente:

O amor é uma lira cujas vibrações são acordes divinos.

HELOÍSA

O amor tem três cordas em sua lira: a emanação divina, a poesia e o canto; se faltar uma delas, os acordes serão imperfeitos.

ABELARDO

O amor verdadeiro é harmonioso; suas harmonias inebriam o coração, elevando a alma. A paixão afoga os acordes, rebaixando a alma.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE

Era o amor que Diógenes buscava, procurando um homem... que veio alguns séculos mais tarde, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram.

SÓCRATES

Os sábios da Grécia por vezes o foram mais nos escritos e nas palavras que em sua pessoa.

PLATÃO

Ser sábio é amar; busquemos, pois, o amor pelo caminho da sabedoria.

FÉNELON

Não sabeis ser sábios se não souberdes vos elevar acima da maldade dos homens.

VOLTAIRE

Sábio é aquele que não acredita sê-lo.

CORNEILLE

Quem se julga pequeno é grande; quem se julga grande é pequeno.

LAFONTAINE

O sábio julga-se ignorante e quem se julga sábio é ignorante.

ESOPO

A humildade ainda se crê orgulhosa e quem se crê humilde não o é.

RACINE

Não confundais com os humildes os que dizem, por falsa modéstia, ou por interesse, o contrário do que são. Erraríeis. No caso a verdade silencia.

BONNEFOND

O gênio se possui por inspiração e não se adquire; Deus quer que as maiores coisas sejam descobertas ou inventadas por seres sem instrução, a fim de paralisar o orgulho, tornando o homem solidário do homem.

FRANÇOIS ARAGO

Só tratam de loucos aqueles cujas ideias não são chanceladas pela autoridade da Ciência; é assim que os que julgam tudo saber rejeitam os pensamentos de gênio dos que nada sabem.

BÉRANGER

A crítica é o estimulante do estudo, mas é a paralisação do gênio.

MOLIÈRE

A ciência aprendida não passa de um esboço da ciência inata; não se torna inteligência senão na nova encarnação.

J.-J. ROUSSEAU

A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida são os seus sonhos.

BALZAC

Às vezes a vida é horroroso pesadelo para o Espírito e muitas vezes custa a terminar.

LA ROCHEFOUCAULT

Aí está sua prova; se resiste, dá um passo para o progresso; senão entrava o caminho que deve conduzir ao porto.

MARTIN

Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrenas, o Espírito está maior e mais elevado; se sucumbir encontra-se tal qual estava.

PASCAL

É renegar o progresso querer que a língua seja emblema da imutabilidade de uma doutrina religiosa; além disso, é forçar o homem a orar mais com os lábios que com o coração.

DESCARTES

A imutabilidade não reside na forma das palavras, mas sobretudo no verbo do pensamento.

LAMENNAIS

Jesus dizia aos seus apóstolos que fossem pregar o Evangelho em sua língua, e que todos os povos os compreenderiam.

LACORDAIRE

A fé desinteressada faz milagres.

BOILEAU

A doutrina de Jesus não se sente nem se compreende senão pelo coração; assim, seja qual for a maneira por que a falam, ela é sempre o amor e a caridade.

BOSSUET

As preces ditas ou escritas que não se compreende, deixam vagar o pensamento, permitindo que os olhos se distraiam pelo fausto das cerimônias.

MASSILLON

Tudo mudará, sem, contudo, voltar à simplicidade de outrora, o que seria a negação do progresso. As coisas se farão sem fausto e sem orgulho.

SIBOUR

O amor triunfará e, com ele, virão a sabedoria, a caridade, a prudência, a força, a Ciência, a humildade, a calma, a justiça, o gênio, a tolerância, o entusiasmo e a glória majestosa e divina esmagará, por seu esplendor, o orgulho, a inveja, a hipocrisia, a maldade e o ciúme, que arrastam no seu séquito a preguiça, a gula e a luxúria.

EUGÈNE SUE

O amor reinará; e, para que não tarde, é preciso, como Dionísio, tomar com uma das mãos o facho do Espiritismo e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam a chaga em sua alma.

SÃO LUÍS

OBSERVAÇÃO – Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de tão grande número de Espíritos podem assimilar-se quase instantaneamente com o fluido do médium, para lhe transmitir seu pensamento, quando muitas vezes essa assimilação é difícil da parte de um único Espírito, e geralmente não se estabelece senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois lhe deu, espontaneamente, a seguinte explicação:

“A comunicação que recebestes no dia de Todos os Santos, assim como a última, que é o seu complemento, embora haja nomes repetidos, foram obtidas da seguinte maneira: como sou teu Espírito Protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te o mais exatamente possível os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejavam manifestar-se. Eles formaram em torno de mim uma assembleia cujos membros ditavam, alternadamente, os pensamentos que eu te transmitia. Isto foi espontâneo e o que naquele dia tornava as comunicações mais fáceis é que os Espíritos presentes tinham *saturado* o apartamento com seus fluidos.

Quando um Espírito se comunica a um médium, fá-lo com tanto mais facilidade quanto melhor estabelecidas entre eles as relações fluídicas, sem o que o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética, que alcança o cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou por qualquer outra causa, não pode estabelecer esta corrente, recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como acabo de indicar.”

SLENER

Outra pergunta é esta: No número destes Espíritos não há alguns encarnados neste e em outros mundos e, neste caso, como podem comunicar-se? Eis a resposta que foi dada:

“Os Espíritos de certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nalguns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira bastante completa para impedi-los de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, tanto mais fracos são os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e se pode dizer que está onde está o seu pensamento.”

UM ESPÍRITO

MANGIN, O CHARLATÃO

Todo o mundo conheceu esse vendedor de lápis que, montado num carro ricamente decorado, com um capacete brilhante e uma roupa extravagante, por muitos anos foi uma das celebridades das ruas de Paris. Não era um charlatão vulgar e os que o conheceram pessoalmente eram concordes em lhe reconhecer uma inteligência pouco comum, certa elevação de pensamento e qualidades morais acima de sua profissão nômade. Morreu o ano passado e, desde então, comunicou-se várias vezes, espontaneamente, com um dos nossos médiuns. Conforme o caráter que lhe reconheciam, não será de admirar o verniz filosófico que se encontra em suas comunicações.

O LÁPIS

(Paris, 20 de dezembro de 1866 – Grupo do Sr. Desliens – Médiun: Sr. Bertrand)

O lápis é a palavra do pensamento. Sem o lápis o pensamento fica mudo e incompreensível para os vossos sentidos grosseiros. O lápis é a alma ofensiva e defensiva do pensamento; é a mão que fala e se defende.

O lápis!... e sobretudo o lápis Mangin!... Oh! perdão... eis que me torno egoísta!... Mas por que eu não poderia, como outrora, elogiar os meus lápis? Não são bons?... Tendes de que vos queixar? Ah! se eu ainda estivesse em meu veículo francês, com meu costume romano... acreditar-me-íeis... Eu sabia fazer tão bem minha propaganda e o pobre bobo julgava branco o que era preto, simplesmente porque Mangin, o célebre charlatão, o havia dito!... Eu disse charlatão... Não, é preciso dizer propagandista... Vamos! charlatães, desatai os cordões de vossa bolsa; comprai esses soberbos lápis, mais negros que a tinta e duros como pedra... Acorrei, acorrei: a venda vai terminar!... Ah! o que foi mesmo que eu disse?... Palavra de honra! creio que me engano de papel e que acabei muito mal, depois de ter começado bem...

Todos vós, munidos de lápis, sentados em redor desta mesa, ide dizer e provai aos jornalistas orgulhosos que Mangin não está morto. Ide dizer aos que esqueceram minha mercadoria, porque eu não estava mais lá, para fazê-los acreditar em suas admiráveis qualidades; ide dizer a todo o mundo que ainda vivo e que, se morri, foi para viver melhor...

Ah! senhores jornalistas, zombáveis de mim e, contudo, se em vez de me considerar como um charlatão a roubar o dinheiro do povo, tivésseis me estudado mais atentamente e filosoficamente, teríeis reconhecido um ser com reminiscências de seu passado. Teríeis compreendido o porquê de meu gosto por este costume de guerreiro romano, o porquê deste amor às arengas em praça pública. Então, sem dúvida, teríeis dito que eu tinha sido soldado ou general romano e não vos teríeis enganado.

Vamos! vamos! então comprai lápis e usai-os; mas servi-vos deles utilmente, não como eu para perorar sem motivo, mas para propagar esta bela doutrina que muitos dentre vós não seguis senão de muito longe.

Armai-vos, pois, de vossos lápis e abri uma larga estrada neste mundo de incredulidade. Fazei tocar com o dedo a todos estes

São Tomés incrédulos as sublimes verdades do Espiritismo, que um dia farão que todos os homens sejam irmãos.

MANGIN

O PAPEL

(Grupo do Sr. Delanne – 14 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Bertrand)

Falei do lápis e do charlatanismo, mas ainda não falei do papel. Sem dúvida é porque me reservava fazê-lo esta noite.

Ah! como eu gostaria de ser papel! não quando ele se avilta a fazer o mal, mas, ao contrário, quando cumpre seu verdadeiro papel, que é fazer o bem! Com efeito, o papel é o instrumento que, juntamente com o lápis, semeia aqui e ali nobres pensamentos do Espírito. O papel é o livro aberto onde cada um pode colher com o olhar os conselhos úteis à sua viagem terrestre!...

Ah! como eu gostaria de ser papel, a fim de cumprir com ele o papel de moralizador e de instrutor, dando a cada um o encorajamento necessário para suportar com firmeza os males que, tantas vezes, são causas de vergonhosas fraquezas!...

Ah! se eu fosse papel aboliria todas as leis egoístas e tirânicas, para não deixar irradiar senão as que proclamam a igualdade. Eu só falaria de amor e de caridade. Queria que todos fossem humildes e bons, que o mau se tornasse melhor, que o orgulhoso se tornasse humilde, que o pobre se tornasse rico, enfim, que a igualdade surgisse e, em todas as bocas, fosse como a expressão da verdade e não a esperança de ocultar o egoísmo e a tirania, que dominam o coração.

Se eu fosse papel, queria ser branco para a inocência, e verde para quem não tem esperança de um alívio para seus males. Queria ser ouro nas mãos do pobre, felicidade nas mãos do aflito, bálsamo nas do doente. Queria ser o perdão de todas as ofensas. Não

condenaria, não maldiria, não lançaria anátemas; não criticaria com malevolência; nada diria que pudesse prejudicar a alguém. Enfim, faria o que fazeis: apenas ensinar o bem e falar desta bela doutrina que vos reúne a todos e sob todas as formas; professaria sempre esta sublime máxima: Amai-vos uns aos outros.

Aquele que gostaria de voltar à Terra, não charlatão, não para vender apenas lápis, mas para a isto juntar a venda de papel e que diria a todos: o lápis não pode ser útil sem o papel e o papel não pode dispensar o lápis.

MANGIN

A SOLIDARIEDADE

(Paris, 26 de novembro de 1866 – Médiun: Sr. Sabb)

Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade!

O estudo do Espiritismo não deve ser vã. Para certos homens levianos, é uma diversão; para os homens sérios, deve ser sério.

Antes de tudo refleti numa coisa. Não estais na Terra para aí viver à maneira dos animais, para vegetar à maneira de gramíneas ou de árvores. As gramíneas e árvores têm a vida orgânica, mas não têm a vida inteligente, como os animais não têm a vida moral. Tudo vive, tudo respira em a Natureza, mas só o homem sente e se sente.

Como são lamentáveis e insensatos aqueles que se desprezam a ponto de se compararem a um pé de erva ou a um elefante! Não confundamos os gêneros nem as espécies. Não são grandes filósofos e grandes naturalistas que, por exemplo, veem no Espiritismo uma nova edição da metempsicose e, sobretudo, de uma metempsicose absurda. A metempsicose não é outra coisa senão o sonho de um homem de imaginação. Um animal, um vegetal produz o seu congêner, nada mais, nada menos. Que isto seja dito para impedir velhas ideias falsas de serem novamente acreditadas, à sombra do Espiritismo.

Homem, sede homem; sabei de onde vindes e para onde ides. Sois o filho amado d'Aquele que tudo fez e vos deu um fim, um destino que deveis realizar sem o conhecer absolutamente. Éreis necessário aos seus desígnios, à sua glória, à sua própria felicidade? Questões inúteis, porque insolúveis. Vós *sois*; sede reconhecidos por isto; mas *ser* não é tudo; é preciso ser segundo as leis do Criador, que são as vossas próprias leis. Lançado na existência, sois ao mesmo tempo causa e efeito. Ao menos quanto ao presente, não podeis determinar o vosso papel, nem como causa, nem como efeito, mas podeis seguir as vossas leis. Ora, a principal é esta: O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento de seu ser, isto é, a felicidade em si mesmo ou no que o cerca isoladamente; não pode encontrá-lo senão no *homem* ou na *Humanidade*. Então nada fazeis para ser pessoalmente feliz, tanto quanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmo, poderá vos afligir.

Mas, direis, é a moral que ensinais. Ora, a moral é um velho lugar-comum. Olhai em torno de vós: que há de mais ordinário, de mais comum que a sucessão periódica do dia e da noite, que a necessidade de vos alimentardes e de vos vestirdes? É para isto que tendem todos os vossos cuidados, todos os vossos esforços. E é necessário, pois assim o exige a parte material do vosso ser. Mas a vossa natureza não é dupla, e não sois mais Espírito do que corpo? Como, pois, vos é mais difícil ouvir lembrar as Leis Morais do que as leis físicas, que aplicais a todo instante? Se fôsseis menos preocupados e menos distraídos essa repetição não seria tão necessária.

Não nos afastemos de nosso assunto. Bem compreendido, o Espiritismo é, para a vida da alma, o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele com este objetivo e ficai certos de que quando tiverdes feito, para o vosso melhoramento moral, a metade do que fazeis para melhorar a vossa existência material, tereis feito a Humanidade dar um grande passo.

TUDO VEM A SEU TEMPO

(Odessa, Grupo Familiar, 1866 – Médiun: Srta. M...)

Pergunta – Lendo as experiências magnéticas no jornal *La Vérité* de 1866, estava maravilhado e pensava intimamente que esta força tão admirável talvez pudesse ser a causa de todas as maravilhas, de todas as belezas, incompreensíveis para nós, dos planetas superiores, e cuja descrição nos dão os Espíritos. Peço aos Espíritos bons que me esclareçam a respeito.

Resposta – Pobres homens! A avidez de saber, a devoradora impaciência de ler o livro da Criação, vos transtorna a cabeça e deslumbra os vossos olhos habituados à escuridão, quando caem sobre algumas passagens que o vosso espírito, ainda escravo da matéria, não é capaz de compreender. Mas tende paciência, os tempos são chegados. O grande arquiteto já começa a desenrolar diante dos vossos olhos o plano do edifício do Universo, já levanta uma ponta do véu que vos oculta a verdade, e um raio de luz vos ilumina. Contentai-vos com essas premissas; habituai os vossos olhos à doce claridade da aurora, até que possam suportar o esplendor do Sol em todo o seu vigor.

Agradecei ao Todo-Poderoso, cuja bondade infinita poupa a vossa vista fraca, erguendo gradualmente o véu que a cobre. Se o levantasse de uma vez, ficaríeis deslumbrados e nada veríeis; recairíeis na dúvida, na confusão, na ignorância da qual apenas saís. Já vos foi dito que tudo vem a seu tempo: não o antecipeis por vossa grande avidez de tudo saber. Deixai ao Senhor a escolha do método que julgue mais conveniente para vos instruir. Tendes diante de vós uma obra sublime: “A Natureza, sua essência, suas forças.” Ela começa pelo *abecê*. Aprendei primeiro a soletrar, a compreender as primeiras páginas; progredi com paciência e perseverança e chegareis ao fim, ao passo que, saltando páginas e capítulos, o conjunto vos parece incompreensível. Aliás, não está nos desígnios do Todo-Poderoso que o homem saiba tudo. Conformai-vos, pois, com a sua vontade: ela tem por objetivo o vosso bem.

Lede no grande livro da Natureza; instruí-vos, esclarecei o vosso Espírito, contentai-vos em saber o que Deus julga a propósito vos ensinar durante vossa passagem na Terra; não tereis tempo de chegar à ultima página e não a lereis senão quando estiverdes desligados da matéria, quando vossos sentidos espiritualizados vos permitirem compreendê-lo.

Sim, meus amigos, aprendei e instrui-vos e, antes de tudo, progredi em moralidade pelo amor do próximo, pela caridade, pela fé: é o essencial, é o passaporte à vista do qual as portas do santuário infinito vos são abertas.

HUMBOLDT

RESPEITO DEVIDO ÀS CRENÇAS PASSADAS

(Paris, Grupo Delanne, 4 de fevereiro de 1867 – Médium: Sr. Morin)

A fé cega é o pior de todos os princípios! Crer com fervor num dogma qualquer, quando a sã razão se recusa a aceitá-lo como uma verdade, é fazer ato de nulidade e privar-se voluntariamente do mais belo de todos os dons que nos concedeu o Criador; é renunciar à liberdade de julgar, ao livre-arbítrio que deve presidir a todas as coisas na medida da justiça e da razão.

Geralmente os homens são negligentes e não creem numa religião senão por descargo de consciência e para não rejeitar inteiramente as boas e doces preces que embalaram a sua juventude e que sua mãe lhes ensinou ao pé do fogo, quando a noite trazia consigo a hora do sono. Mas se esta lembrança por vezes se apresenta ao seu Espírito, é, no mais das vezes, com um sentimento de pesar que eles fazem um retorno a esse passado, onde as preocupações da idade madura ainda estavam mergulhadas na noite do futuro.

Sim, todo homem tem saudade desta idade despreocupada e pouquíssimos podem pensar em seus jovens anos!... Mas, que deles resta um instante depois?... — Nada!...

Comecei dizendo que a fé cega era perniciososa; mas nem sempre se deve rejeitar como essencialmente mau tudo quanto parece manchado de abuso, composto de erros e, sobretudo, inventado à vontade, para a glória dos orgulhosos e benefício dos interessados.

Espíritas, deveis saber melhor que ninguém que nada se realiza sem a vontade do Senhor Supremo; cabe a vós refletir antes de formular o vosso julgamento. Os homens são vossos irmãos encarnados e é possível que *numerosos trabalhos dos tempos antigos sejam obras vossas, realizadas numa existência anterior*. Os espíritas devem, antes de tudo, ser lógicos com seu ensino e não atirar pedra às instituições e às crenças de outros tempos, só porque são de outra época. A sociedade atual precisou, para ser o que é, que Deus lhe concedesse, pouco a pouco, a luz e o saber.

Não vos cabe, pois, julgar se os meios empregados por Ele eram bons ou maus. Não aceiteis senão o que vos pareça racional e lógico; mas não vos esqueçais de que as coisas velhas tiveram a sua juventude e que o que ensináis hoje se tornará velho por sua vez. Respeito, pois, à velhice! Os velhos são vossos pais, como as coisas velhas foram precursoras das coisas novas. Nada envelhece, e se faltais a esse princípio por tudo o que é venerável, faltais ao vosso dever, mentis à doutrina que professais.

As velhas crenças elaboraram a renovação que começa a realizar-se!... Todas, conquanto não fossem exclusivamente materiais, possuíam uma centelha da verdade. Lamentai os abusos que se introduziram no ensino filosófico, mas perdoai os erros de outra época, se, por vossa vez, quizerdes ser desculpados pelos vossos, ulteriormente. Não deis vossa fé ao que vos parece mau, mas não creiais também que tudo quanto hoje vos é ensinado seja expressão da verdade absoluta. Crede que em cada época Deus alarga os horizontes dos conhecimentos, em razão do desenvolvimento intelectual da Humanidade.

A COMÉDIA HUMANA

(Paris, Grupo Desliens, 29 de novembro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

A vida do Espírito encarnado é como um romance, ou antes, como uma peça teatral, da qual cada dia se percorre uma folha contendo uma cena. O autor é o homem; as personagens são as paixões, os vícios e as virtudes, a matéria e a inteligência, disputando a posse do herói, que é o Espírito. O público é o mundo em geral durante a encarnação, os Espíritos na erraticidade, e o censor que examina a peça para a julgar em última instância e proferir uma censura ou um louvor é Deus.

Fazei, pois, de modo que sejais aplaudido o maior número de vezes possível e que só raramente cheguem aos vossos ouvidos o barulho desagradável dos assobios. Que a intriga seja sempre simples, e não busqueis interesse senão nas situações naturais, que possam servir para fazer triunfar a virtude, desenvolver a inteligência e moralizar o público.

Durante a execução da peça, a cabala posta em movimento pela inveja, pode tentar criticar as melhores passagens e só incensar as que são medíocres ou más. Fechai os ouvidos a essas bajulações e lembrai-vos de que a posteridade vos apreciará no vosso justo valor! Deixareis um nome obscuro ou ilustre, manchado de vergonha ou coberto de glória, conforme o mundo; mas, quando a peça estiver terminada e a cortina, caída sobre a última cena, vos puser em presença do regente universal, do diretor infinitamente poderoso do teatro onde se passa a comédia humana, não haverá bajuladores, nem cortesãos, nem invejosos, nem ciumentos: estareis sós com o juiz supremo, imparcial, equitativo e justo.

Que a vossa obra seja séria e moralizadora, porque é a única que tem algum peso na balança do Todo-Poderoso.

É preciso que cada um dê à sociedade ao menos o que dela recebe. Aquele que, tendo recebido a assistência corporal e espiritual, que lhe permite viver, se vai sem ao menos restituir o que

gastou, é um ladrão, porque desperdiçou uma parte do capital inteligente e nada produziu.

Nem todo o mundo pode ser homem de gênio, mas todos podem e devem ser honestos, bons cidadãos, e devolver à sociedade o que a sociedade lhes emprestou.

Para que o mundo esteja em progresso, é preciso que cada um deixe uma lembrança útil de sua personalidade, uma cena a mais nesse número infinito de cenas úteis que os membros da Humanidade deixaram, desde que a vossa Terra serve de lugar de habitação dos Espíritos.

Fazei, pois, que leiam com interesse cada uma das folhas de vosso romance, e que não o percorram apenas com o olhar, para o fechar com enfado, depois de o ter lido pela metade.

EUGÈNE SUE

Notas bibliográficas

LUMEN – RELATO EXTRATERRENO

(Por Camille Flammarion, professor de Astronomia,
adido ao Observatório de Paris)

Isto não é um livro, mas um artigo que poderia constituir um livro interessante e, sobretudo, instrutivo, porque os seus dados são fornecidos pela ciência positiva e tratados com a clareza e a elegância que o jovem sábio exhibe em todos os seus escritos. O Sr. Camille Flammarion é conhecido de todos os nossos leitores por sua excelente obra sobre a *Pluralidade dos mundos habitados* e por artigos científicos que publica pelo *Le Siècle*. Este de que vamos dar conta foi publicado na *Revue du XIX^e Siècle* de 1^o de fevereiro de 1867.¹⁹

¹⁹ Nota de Allan Kardec: Cada número forma um volume de 160 p. grande in-8. Preço: 2 fr. Paris, Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, e 18, avenue Montaigne, Palais Pompéien.

O autor imagina um diálogo entre um indivíduo vivo chamado *Sitiens*, e o Espírito de um de seus amigos, chamado *Lumen*, que lhe descreve seus últimos pensamentos terrestres, as primeiras sensações da vida espiritual e as que acompanham o fenômeno da separação. Este quadro é de perfeita conformidade com o que os Espíritos nos ensinaram a respeito; é o mais genuíno Espiritismo, menos a palavra, que não é pronunciada. Poder-se-á julgá-lo pelas citações seguintes:

“A primeira sensação de identidade que se experimenta depois da morte assemelha-se à que se sente ao despertar durante a vida, quando, recobrando pouco a pouco a consciência pela manhã, ainda se é atravessado pelas visões da noite. Solicitado pelo futuro e pelo passado, o Espírito busca ao mesmo tempo retomar plena posse de si mesmo e captar as impressões fugidias do sonho que acabara de ter, que ainda perduram com seu cortejo de quadros e acontecimentos. Por vezes, absorvido por esta retrospectiva de um sonho cativante, ele sente nas pálpebras que se fecham a corrente da visão se restabelecendo, e o espetáculo continuando; cai ao mesmo tempo no sonho e numa espécie de semissono. Assim se equilibra a nossa faculdade pensante ao sair desta vida, entre uma realidade que ainda não compreende e um sonho que não desapareceu completamente.”

OBSERVAÇÃO – Nesta situação do Espírito, nada há de surpreendente que alguns não se julguem mortos.

“A morte não existe. O fato que designais sob esse nome, a separação entre o corpo e a alma, a bem dizer não se efetua sob uma forma material comparável às separações químicas dos elementos dissociados, observada no mundo físico. Quase não se percebe esta separação definitiva, que nos parece tão cruel, mas que o recém-nascido não percebe ao nascer; *fomos concebidos para a vida futura, como nascemos para a vida terrena*. Apenas a alma, não mais estando envolvida nas vestes corporais, que a revestiam aqui, adquire mais prontamente a noção de seu estado e de sua

personalidade. Contudo, essa faculdade de percepção varia essencialmente de uma alma a outra. Umhas há que, durante a vida do corpo, nunca se elevaram para o céu e jamais se sentiram ansiosas por penetrar as leis da Criação. Estas, ainda dominadas pelos apetites corporais, ficam muito tempo num estado de perturbação inconsciente. Felizmente há outras que, desde esta vida, alçam voo nestas aspirações aladas para os cimos da beleza eterna; estas veem chegar com calma e serenidade o instante da separação; sabem que o progresso é a lei da existência e que entrarão, no Além, numa vida superior à de cá; seguem passo a passo a letargia que lhes sobe no coração, e quando a última batida, lenta e insensível, o detém em seu curso, já estão acima do corpo, cujo adormecimento observam e, libertando-se dos laços magnéticos, sentem-se rapidamente transportadas, por uma força desconhecida, para o ponto da Criação onde suas aspirações, seus sentimentos, suas esperanças as atraem.

Os anos, os dias e as horas são constituídos pelos movimentos da Terra. Fora desses movimentos o tempo terreno não existe mais no espaço; é, pois, absolutamente impossível ter noção desse tempo.”

OBSERVAÇÃO – Isto é rigorosamente certo. Assim, quando os Espíritos querem especificar uma duração inteligível para nós, são obrigados a se identificarem novamente com os hábitos terrestres, a se refazerem homens por assim dizer, a fim de se servirem dos mesmos pontos de comparação. Logo depois da libertação, o Espírito Lumen é transportado com a rapidez do pensamento para o grupo de mundos que compõem o sistema da estrela designada em astronomia sob o nome de *Capela* ou *Cabra*. A teoria que ele dá da visão da alma é notável.

“A visão de minha alma tinha um poder incomparavelmente superior à dos olhos do organismo terrestre, que eu acabava de deixar; e, observação surpreendente, seu poder me parecia submetido à vontade. Basta que vos faça pressentir que, em vez de

ver simplesmente as estrelas no céu, como as vedes na Terra, eu distinguia claramente os mundos que gravitam em volta; quando eu desejava não mais ver a estrela, a fim de não ficar incomodado pelo exame desses mundos, ela desaparecia de minha visão e me deixava em excelentes condições para observar um desses mundos. Além disso, quando minha vista se concentrava num mundo particular, eu chegava a distinguir os detalhes de sua superfície, os continentes e os mares, as nuvens e os rios. Por uma intensidade particular de concentração na visão de minha alma, eu conseguia ver o objeto sobre o qual ela se concentrava, por exemplo, uma cidade, um campo, os edifícios, as ruas, as casas, as árvores, os atalhos; reconhecia mesmo os habitantes e seguia as pessoas nas ruas e nas habitações. Para isto bastava limitar o meu pensamento ao quarteirão, à casa ou ao indivíduo que eu queria observar. No mundo nas proximidades do qual eu acabava de chegar, os seres, não encarnados num invólucro grosseiro como na Terra, mas livres e dotados de faculdades de percepção elevadas num eminente grau de poder, podem perceber distintamente detalhes que, a essa distância, escapariam absolutamente aos olhos das organizações terrestres.

Sitiens – Para isto eles se servem de instrumentos superiores aos nossos telescópios?

Lumen – Se, por ser menos rebelde à admissão desta maravilhosa faculdade, vos é mais fácil concebê-los munidos de instrumentos, teoricamente o podeis. Mas devo advertir-vos que esses tipos de instrumentos não são *exteriores a esses seres, e que pertencem ao próprio organismo de sua vista*. É claro que essa construção óptica e esse poder de visão são naturais nesses mundos e não sobrenaturais. Pensai um pouco nos insetos que gozam da propriedade de contrair ou de alongar os olhos, como os tubos de uma luneta, de inflar ou aplanar o cristalino para dele fazer uma lente de diferentes graus, ou ainda concentrar no mesmo foco uma porção de olhos assestados como outros tantos microscópios, para captar o infinitamente pequeno, e podereis mais legitimamente admitir a faculdade desses seres extraterrenos.”

O mundo onde se acha Lumen está a uma distância tal da Terra que a luz não chega de um ao outro senão ao cabo de setenta e dois anos. Ora, nascido em 1793 e morto em 1864, à sua chegada em Capela, de onde lança o olhar sobre Paris, Lumen não conhece mais a Paris que acaba de deixar. Os raios luminosos partidos da Terra, só chegando a Capela depois de setenta e dois anos, trar-lhe-iam a imagem do que aí se passava em 1793.

Eis a parte realmente científica do relato. Todas as dificuldades aí são resolvidas da maneira mais lógica. Os dados, admitidos em teoria pela Ciência, aí são demonstrados pela experiência; mas não podendo essa experiência ser feita diretamente pelos homens, o autor supõe um Espírito que dá conta de suas sensações, e colocado em condições de poder estabelecer uma comparação entre a Terra e o mundo que habita.

A ideia é engenhosa e nova. É a primeira vez que o Espiritismo verdadeiro e sério, embora anônimo, é associado à ciência positiva, e isto por um homem capaz de apreciar um e outra, e de captar o traço de união que um dia os deverá ligar. Este trabalho, ao qual reconhecemos, sem restrição, uma importância capital, parece-nos ser um daqueles que os Espíritos nos anunciaram como devendo marcar o presente ano. Analisaremos esta segunda parte num próximo artigo.

*NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA*²⁰

(Pelo Dr. Brízio, de Turim)

Não conhecemos esta obra senão pelo prospecto em língua italiana, que nos foi enviado, mas só podemos nos alegrar de ver o ardor das nações estrangeiras em seguir o Movimento Espírita, e cumprimentar os homens de talento, que entram no caminho das

²⁰ Nota do tradutor: Embora Kardec já tivesse anunciado estes dois livros [*Nova teoria médico-espírita* e *O livro dos médiuns*] na *Revista Espírita* do mês de fevereiro de 1867, houve por bem repeti-los aqui.

aplicações do Espiritismo à Ciência. A obra do doutor Brízio será publicada em 20 ou 30 fascículos, a 20 c. cada, e a impressão será começada desde que haja 300 subscrições. Subscrição em Turim, na Livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS – TRADUÇÃO EM ESPANHOL

Tradução em espanhol, da 9ª edição francesa. Madri – Barcelona – Marselha – Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X ABRIL DE 1867 Nº 4

Galileu

A PROPÓSITO DO DRAMA DO SR. PONSARD

O acontecimento literário do dia é a representação de Galileu, drama em versos do Sr. Ponsard. Embora nele não se cogite de Espiritismo, a ele se liga por um lado essencial: o da pluralidade dos mundos habitados e, sob tal ponto de vista, podemos considerá-lo como uma das obras chamadas a favorecer o desenvolvimento da Doutrina, popularizando um de seus princípios fundamentais.

O destino da Humanidade está ligado à organização do Universo, como o do habitante o está à sua habitação. Na ignorância desta organização, o homem deve ter feito sobre o seu passado e o seu futuro ideias em conformidade com o estado de seus conhecimentos. Se tivesse sempre conhecido a estrutura da Terra, jamais teria pensado em situar o inferno em suas entranhas; se tivesse conhecido o infinito do espaço e a multidão de astros que aí se movem, não teria localizado o céu acima do *céu das estrelas*; não teria feito da Terra o ponto central do Universo, a única habitação dos seres vivos; não teria condenado a crença nos antípodas como uma heresia; se tivesse conhecido a Geologia, jamais teria

acreditado na formação da Terra em seis dias e em sua existência desde seis mil anos.

A ideia mesquinha que o homem fazia da Criação devia dar-lhe uma ideia mesquinha da Divindade. Não pôde compreender a grandeza, o poder e a sabedoria infinitos do Criador senão quando seu pensamento pôde abarcar a imensidade do Universo e a sabedoria das leis que o regem, como se julga o gênio de um mecânico pelo conjunto, a harmonia e a precisão de um mecanismo, e não à vista de uma simples engrenagem. Só então suas ideias puderam crescer e elevar-se acima de seu horizonte limitado. Em todos os tempos suas crenças religiosas foram calcadas na ideia que fazia de Deus e de sua obra. O erro de suas crenças sobre a origem e o destino da Humanidade tinha por causa sua ignorância das verdadeiras Leis da Natureza; se, desde a origem, tivesse conhecido essas leis, outros teriam sido seus dogmas.

Galileu, um dos primeiros a revelar as leis do mecanismo do Universo, não por hipóteses, mas por uma demonstração irrecusável, abriu caminho a novos progressos. Por isto mesmo devia produzir uma revolução nas crenças, destruindo os fundamentos científicos errôneos sobre os quais elas se apoiavam.

A cada um a sua missão. Nem Moisés, nem o Cristo tinham a de ensinar aos homens as leis da Ciência; o conhecimento dessas leis devia ser o *resultado do trabalho e das pesquisas do homem*, da atividade e do desenvolvimento de seu próprio Espírito, e não de uma revelação *a priori*, que lhe tivesse dado o saber sem esforço. Eles não deviam nem podiam lhes ter falado senão numa linguagem apropriada ao seu estado intelectual, sem o que não teriam sido compreendidos. Moisés e o Cristo tiveram sua missão moralizadora; a gênios de outra ordem são deferidas missões científicas. Ora, como as Leis Morais e as leis da Ciência são Leis Divinas, a religião e a filosofia só podem ser verdadeiras pela aliança destas leis.

O Espiritismo baseia-se na existência do princípio espiritual, como elemento constitutivo do Universo; repousa sobre

a universalidade e a perpetuidade dos seres inteligentes, sobre seu progresso indefinido, por meio dos mundos e das gerações; sobre a pluralidade das existências corporais, necessárias ao seu progresso individual; sobre sua cooperação relativa, como encarnados ou desencarnados, na obra geral, na medida do progresso realizado; sobre a solidariedade que une todos os seres de um mesmo mundo e dos mundos entre si. Nesse vasto conjunto, encarnados e desencarnados, cada um tem sua missão, seu papel, deveres a cumprir, desde o mais ínfimo até os anjos, que nada mais são que Espíritos humanos chegados ao estado de Espíritos puros, e aos quais são confiadas as grandes missões, o governo dos mundos, como a gerais experimentados. Em vez das solidões desertas do espaço sem limites, por toda parte a vida e a atividade, em parte alguma a ociosidade inútil; por toda parte o emprego dos conhecimentos adquiridos; em toda parte o desejo de progredir ainda e de aumentar a soma de felicidades, pelo emprego útil das faculdades da inteligência. Em vez de uma existência efêmera e única, passada num cantinho da Terra, que decide para sempre de sua sorte futura, impõe limite ao seu progresso e torna estéril, para o futuro, o trabalho a que se entrega para instruir-se, o homem tem por domínio o Universo; nada do que sabe ou do que faz fica perdido: o futuro lhe pertence; em vez do isolamento egoísta, a solidariedade universal; em lugar do nada, segundo alguns, a vida eterna; em lugar da beatitude contemplativa perpétua, segundo outros, que a tornaria de uma inutilidade perpétua, um papel ativo, proporcionado ao mérito adquirido; em vez de castigos irremissíveis por faltas temporárias, a posição que cada um conquista por sua perseverança no bem ou no mal; em vez de uma mancha original, que o torna passível de faltas que não cometeu, a consequência natural de suas próprias imperfeições nativas; em vez das chamas do inferno, a obrigação de reparar o mal que se fez e recomeçar o que se fez mal; em vez de um Deus colérico e vingativo, um Deus justo e bom, que leva em conta todo arrependimento e toda boa vontade.

Tal é, em resumo, o quadro que apresenta o Espiritismo, e que ressalta da situação mesma dos Espíritos que se manifestam; não é mais uma simples teoria, mas resultado da observação.

O homem que encara as coisas deste ponto de vista sente-se crescer; ergue-se aos seus próprios olhos; é estimulado em seus instintos progressivos ao ver um objetivo para os seus trabalhos, para os seus esforços em se melhorar.

Mas, para compreender o Espiritismo em sua essência, na imensidade das coisas que ele abarca, para compreender o objetivo e o destino do homem, não era preciso relegar a Humanidade a um pequeno globo, limitar a existência a alguns anos, rebaixar o Criador e a criatura. Para que o homem pudesse fazer uma ideia justa de seu papel no Universo, era preciso que compreendesse, pela pluralidade dos mundos, o campo aberto às suas explorações futuras e a atividade de seu Espírito; para recuar indefinidamente os limites da Criação, para destruir os preconceitos sobre os lugares especiais de recompensa e de punição, sobre os diferentes estágios dos céus, era preciso que penetrasse as profundezas do espaço; que em lugar do cristalino e do empíreo, aí visse circular, em majestosa e perpétua harmonia, os mundos inumeráveis, semelhantes ao seu; que em toda parte seu pensamento encontrasse a criatura inteligente.

A história da Terra se liga à da Humanidade. Para que o homem pudesse desfazer-se de suas mesquinhas e falsas opiniões sobre a época, a duração e o modo de criação do nosso globo, de suas crenças lendárias sobre o dilúvio e sua própria origem; para que consentisse em desalojar do seio da terra o inferno e o império de Satã, era preciso que pudesse ler nas camadas geológicas a história de sua formação e de suas revoluções físicas. A Astronomia e a Geologia, secundadas pelas descobertas da Física e da Química, apoiadas sobre as leis da Mecânica, são as duas poderosas alavancas que atacarão os seus preconceitos sobre a sua origem e o seu destino.

A matéria e o Espírito são os dois princípios constitutivos do Universo. Mas o conhecimento das leis que regem a matéria devia preceder o das leis que regem o elemento espiritual; só as primeiras poderiam combater vitoriosamente os preconceitos, pela evidência dos fatos. O Espiritismo, que tem como objetivo especial

o conhecimento do elemento espiritual, só podia vir depois; para que pudesse tomar o seu impulso e dar frutos, para que pudesse ser compreendido em seu conjunto, era preciso que encontrasse o terreno preparado, o campo do espírito humano liberto dos preconceitos e das ideias falsas, se não na totalidade, ao menos em grande parte, sem o que só se teria tido um Espiritismo acanhado, bastardo, incompleto e misturado a crenças e práticas absurdas, como ainda hoje o é nos povos atrasados. Se se considerar a situação das nações adiantadas, reconhecer-se-á que ele veio em tempo oportuno, para preencher os vazios que se fazem nas crenças.

Galileu abriu o caminho. Rasgando o véu que ocultava o infinito, alargou o domínio da inteligência e desferiu um golpe fatal nas crenças errôneas; destruiu mais superstições e ideias falsas do que todas as filosofias, porque as sapou pela base, mostrando a realidade. O Espiritismo deve colocá-lo na classe dos grandes gênios que rasgaram a via, diminuindo as barreiras opostas pela ignorância. As perseguições de que foi objeto, e que são o quinhão de quem quer que ataque os preconceitos, fizeram-no grande aos olhos da posteridade, ao mesmo tempo que rebaixaram os perseguidores. Quem é hoje maior: ele ou eles?

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citar alguns fragmentos do belo drama do Sr. Ponsard. Fá-lo-emos no próximo número.

Espírito profético

(Pelo conde Joseph de Maistre)

O conde Joseph de Maistre, nascido em Chambéry em 1753, morto em 1821, foi enviado pelo rei da Sardenha, como ministro plenipotenciário na Rússia, em 1803. Deixou esse país em 1817, quando da expulsão dos jesuítas, cuja causa tinha abraçado. Entre suas obras, uma das mais conhecidas na literatura e no mundo religioso, está a que se intitula: *Noites de São Petersburgo*, publicada em 1821.

Embora escrita de um ponto de vista exclusivamente católico, certos pensamentos parecem inspirados pela previsão dos tempos presentes e, a esse título, merecem particular atenção. As passagens seguintes são tiradas da 11ª conversa, tomo II, p. 121, edição de 1844:

[...] Mais do que nunca, senhores, devemos ocupar-nos dessas altas especulações, porque precisamos estar preparados para *um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual marchamos em velocidade acelerada, que deve chocar todos os observadores*. Não há mais religião na Terra: o gênero humano não pode ficar neste estado. *Oráculos terríveis, aliás, anunciam que os tempos são chegados*.

Vários teólogos, mesmo católicos, acreditam que fatos de primeira ordem e pouco afastados estavam anunciados na revelação de João e, embora os teólogos protestantes, em geral, só tenham debitado tristes sonhos sobre esse mesmo livro, onde jamais viram senão o que desejavam, contudo, depois de haver pago esse infeliz tributo ao fanatismo de seita, vejo que certos escritores desse partido já adotam este princípio: *Várias profecias contidas no Apocalipse se referiam aos nossos tempos modernos. Um desses escritores até chegou a dizer que o acontecimento já tinha começado, e que a nação francesa devia ser o grande instrumento da maior das revoluções*.

Talvez não haja um homem verdadeiramente religioso na Europa — falo da classe instruída — que no momento não espere algo de extraordinário. Ora, digei-me, senhores, acreditais que essa concordância de todos os homens possa ser desprezada? Nada representa esse grito geral que anuncia grandes coisas? Remontai aos séculos passados; transportai-vos ao nascimento do Salvador. Naquela época uma voz alta e misteriosa, partida das regiões orientais, não exclamava: “O Oriente está a ponto de triunfar? O vencedor partirá da Judeia; um menino divino nos é dado; vai aparecer; desce do mais alto dos céus; trará a idade de ouro sobre a Terra.” Sabeis o resto.

Estas ideias eram espalhadas universalmente, e como se prestavam infinitamente à poesia, o maior poeta latino dela se apoderou e a

revestiu das mais brilhantes cores em seu *Pollion*, que foi depois traduzido em muitos belos versos gregos e lidos nesta língua no concílio de Niceia, por ordem do imperador Constantino. Por certo era bem digno da Providência ordenar que esse grande grito do gênero humano repercutisse para sempre nos versos imortais de Virgílio; mas a incurável incredulidade de nosso século, em vez de ver nessa peça o que ela realmente encerra, isto é, um monumento infável do espírito poético, que então se agitava no Universo, diverte-se em nos provar doutamente que Virgílio não era profeta, ou seja, que uma flauta não sabe música, e que nada há de extraordinário na décima primeira écloga desse poeta. *O materialismo que contamina a filosofia de nosso século a impede de ver que a Doutrina dos Espíritos e, em particular, a do espírito profético, é inteiramente plausível em si mesma, e, além disso, a melhor sustentada pela mais universal e imponente tradição jamais havida.* Como a eterna doença do homem é penetrar o futuro, é uma prova certa de que tem direitos sobre esse futuro e de que tem meios de atingi-lo, ao menos em certas circunstâncias. Os oráculos antigos se davam a esse movimento interior do homem, que o advertia de sua natureza e de seus direitos. A ponderosa erudição de Van Dale e as belas frases de Fontenelle em vão foram empregadas no século passado para estabelecer a nulidade geral desses oráculos. Mas, seja como for, jamais o homem teria recorrido aos oráculos, jamais teria podido imaginá-los, se não tivesse partido de uma ideia primitiva, em virtude da qual as olhava como possíveis, e mesmo como existentes.

O homem está sujeito ao tempo e, contudo, por sua natureza, estranho ao tempo. O profeta gozava do privilégio de sair do tempo; não sendo mais as suas ideias distribuídas na duração, tocam-se em virtude da simples analogia e se confundem, o que necessariamente espalha uma grande confusão em seus discursos. O próprio Salvador submeteu-se a esse estado quando, entregue voluntariamente ao espírito profético, as ideias análogas de grandes desastres, separadas do tempo, o conduziram a misturar a destruição de Jerusalém à do mundo. É ainda assim que Davi, levado por seus próprios sofrimentos, a meditar sobre o “justo perseguido”, de repente sai do

tempo e reclama, diante do futuro: “Trespasaram meus pés e minhas mãos; quebraram os meus ossos; partilharam as minhas vestes; deitaram sorte sobre as minhas roupas” (*Salmos*, 21:18 e 19).²¹

Poder-se-iam acrescentar outras reflexões tiradas da astrologia judiciária, dos oráculos, das adivinhações de todo o gênero, cujo abuso sem dúvida desonrou o espírito humano, mas que, não obstante, tinham uma raiz verdadeira, como todas as crenças gerais. O espírito profético é natural ao homem e não cessará de se agitar no mundo. Ensaando o homem, em todas as épocas e em todos os lugares, penetrar o futuro, declara não ser feito para o tempo, porque o tempo é algo de forçado, que só pede para acabar. Daí vem que, nos nossos sonhos, jamais temos ideia do tempo, e que o estado de sono sempre foi considerado favorável às comunicações divinas.

Se me perguntardes a seguir o que é esse espírito profético, ao qual me referia há pouco, responderei que “jamais houve no mundo grandes acontecimentos que, de alguma maneira, não tivessem sido preditos”. Maquiavel foi o primeiro homem de meu conhecimento que tinha avançado esta proposição; mas se vós mesmos refletirdes achareis que sua asserção está justificada por toda a História. Tendes um último exemplo na Revolução Francesa, predita de todos os lados e da maneira mais incontestável.

Mas, para voltar ao ponto de partida, credes que ao século de Virgílio faltassem belos Espíritos que zombavam “do grande ano, do século de ouro, da casta Lucina, da augusta mãe e da misteriosa criança”? Entretanto, tudo isto havia chegado: “A criança, do alto do céu, estava prestes a descer”. E podeis verno vários escritos, notadamente nas observações que Pope juntou à sua tradução em versos do *Pollion*, que esta peça poderia passar por uma versão de Isaías. *Por que quereis que hoje também não seja assim? O Universo está à espera. Como desprezariamos esta grande persuasão? E com que direito condenariamos os homens que, advertidos por esses sinais divinos, se entregam a santas pesquisas?*

²¹ Nota do tradutor: Conforme a versão francesa de Lemaitre de Sacy.

Quereis uma nova prova do que se prepara? Buscai nas ciências; considerai bem a marcha da Química, da própria Astronomia, e vereis para onde elas nos conduzem. Acreditaríeis, por exemplo, se não estivésseis advertidos, que Newton nos reconduz a Pitágoras, e que incessantemente será demonstrado que *os corpos celestes são movidos precisamente como os corpos humanos, por inteligências que lhes estão unidas, sem que se saiba como? É o que, entretanto, está prestes a se verificar, sem que haja, em breve, qualquer meio de disputar. Esta doutrina poderá parecer paradoxal, sem dúvida, e mesmo ridícula, porque a opinião ambiente o impõe; mas esperai que a afinidade natural da religião e da Ciência as reúna na cabeça de um só homem de gênio; o aparecimento deste homem não poderia estar distante e talvez mesmo ele já exista.* Ele será famoso e porá fim ao século dezoito, que dura sempre; porque os séculos intelectuais não se regulam pelo calendário, como os séculos propriamente ditos. *Então as opiniões que hoje nos parecem bizarras ou insensatas, serão axiomas, dos quais não será permitido duvidar, e falarão de nossa estupidez atual como falamos da superstição da Idade Média. A força das coisas já obrigou alguns sábios da escola material a fazer concessões, que os aproximam do Espírito.* E outros, não se podendo impedir de sentir esta tendência surda de uma opinião poderosa, contra ela tomam precauções que talvez causem sobre os verdadeiros observadores mais impressão que uma resistência direta. Daí a sua atenção escrupulosa em não empregar senão expressões materiais. Só se tratam em seus escritos de leis mecânicas, princípios mecânicos, Astronomia, Física etc. Não que eles não sintam maravilhosamente que as teorias materiais absolutamente não contentam a inteligência, porque se algo existe de evidente para o espírito humano não preocupado, é que os movimentos do Universo não podem ser explicados apenas pelas leis mecânicas; mas é precisamente porque o sentem que, por assim dizer, põem palavras em guarda contra a verdade. *Não querem confessá-lo, mas não se é mais detido senão pelo compromisso ou pelo respeito humano.* Os sábios europeus são neste momento espécies de conjurados ou de iniciados, como quiserdes chamar,

que fizeram da Ciência uma espécie de monopólio e que não querem absolutamente que se saiba mais que eles ou de modo diferente. Mas essa Ciência será incessantemente odiada por uma posteridade iluminada, que acusará justamente os adeptos de hoje por não terem sabido tirar das verdades que Deus lhes havia entregado as mais preciosas consequências para o homem. *Então toda a Ciência mudará de face; o Espírito, longamente destronado, retomará o seu lugar.*

Será demonstrado que todas as tradições antigas são verdadeiras; que o paganismo inteiro não passa de um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que, por assim dizer, basta limpá-las e repô-las em seu lugar, para vê-las brilhar por todos os seus raios. Numa palavra, todas as ideias mudarão; e porque de todos os lados uma multidão de eleitos exclamam concordes: “Vinde, Senhor, vinde!” por que censuraríeis esses homens que se lançam nesse futuro majestoso e se glorificam de adivinhá-lo? Como os poetas que, até nos nossos tempos de fraqueza e de decrepitude, ainda apresentam alguns pálidos clarões do espírito profético, *os homens espirituais por vezes experimentam movimentos de entusiasmo e de inspiração que os transportam para o futuro e lhes permitem pressentir os acontecimentos que o tempo amadureceu ao longe.*

Lembraí-vos, senhor conde, do cumprimento que me dirigistes sobre minha erudição a respeito do número três. Com efeito, este número se mostra de todos os lados, no mundo físico, como no mundo moral, e nas coisas divinas. Deus falou uma primeira vez aos homens no monte Sinai e esta revelação foi restringida, por razões que ignoramos, nos estreitos limites de um só povo e de um só país. Após quinze séculos, uma Segunda Revelação se dirigiu a todos os homens, sem distinção, e é a que desfrutamos. Mas a universalidade de sua ação devia ser ainda infinitamente restrita, pela circunstância de tempos e lugares. Quinze séculos a mais deviam escoar-se antes que a América visse a luz e suas vastas regiões ainda encerram uma porção de hordas selvagens tão estranhas ao grande benefício, que se seria levado a crer que

elas deles são excluídas por natureza, em razão de algum anátema primitivo inexplicável. Só o Grande Lama tem mais súditos espirituais que o papa; Bengala tem sessenta milhões de habitantes, a China tem duzentos, o Japão vinte e cinco ou trinta. Contemplai esses arquipélagos do grande oceano, que hoje formam a quinta parte do mundo. Vossos missionários sem dúvida fizeram maravilhosos esforços para anunciar o Evangelho em algumas dessas regiões longínquas, mas vedes com que sucesso. Quantas miríades de homens que a Boa-Nova jamais atingirá! A cimitarra do filho de Ismael não expulsou o Cristianismo inteiramente da África e da Ásia? E em nossa Europa, que espetáculo se oferece ao olho religioso!...

Contemplai esse quadro lúgubre; juntai a espera dos homens escolhidos e vereis se os iluminados estão errados ao encarar como *mais ou menos próxima uma terceira explosão da onipotente bondade em favor do gênero humano*. Eu não terminaria se quisesse juntar todas as provas que se reúnem para justificar esta grande espera. Ainda uma vez, não censureis as pessoas que disto se ocupam e que veem na própria revelação as razões para prever *uma revelação da revelação*. Se quiserdes, chamai estes homens iluminados; estarei inteiramente de acordo convosco, desde que pronuncieis este nome seriamente.

Tudo anuncia, e vossas próprias observações o demonstram, *não sei qual a grande unidade para a qual marchamos a grandes passos*. Não podeis, pois, sem vos pôr em contradição convosco, condenar os que de longe saúdam esta unidade, e que tentam, conforme suas forças, penetrar mistérios tão terríveis, sem dúvida, mas ao mesmo tempo tão consoladores para nós.

E não dizeis que *tudo está dito, que tudo está revelado* e que não nos é permitido esperar nada de novo. Sem dúvida nada nos falta para a salvação; mas, *do lado dos conhecimentos divinos, falta-nos muito; e quanto às manifestações futuras, como vedes, tenho mil razões para esperar, ao passo que não tendes nenhuma para me provar o contrário*.

O hebreu que cumpria a lei não estava em segurança de consciência? Eu vos citaria, se preciso fosse, não sei quantas passagens da *Bíblia* que prometem ao sacrífico judaico e ao trono de Davi uma duração igual à do Sol. O judeu, *que se prendia à casca*, tinha toda razão, até o acontecimento, de crer no reino temporal do Messias; todavia, enganava-se, como se viu depois. Mas sabemos o que nos aguarda a nós mesmos? Deus estará conosco até a consumação dos séculos; as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja etc. Muito bem! Pergunto: disso resulta que *Deus interdita toda manifestação nova* e não lhe é mais permitido nada além do que sabemos? É preciso convir que seria um estranho argumento.

De agora em diante, uma nova efusão do Espírito Santo está no rol das coisas mais razoavelmente esperadas; daí por que é preciso que os pregadores desse novo dom possam citar as Santas Escrituras a todos os povos. Os apóstolos não são tradutores; têm muitas outras ocupações; mas a Sociedade Bíblica, instrumento cego da Providência, prepara suas diferentes versões, que os verdadeiros enviados explicarão um dia, em virtude de uma missão legítima, nova ou primitiva, não importa! que expulsará a dúvida da cidade de Deus; e é assim que os terríveis inimigos da unidade trabalham para a estabelecer.

OBSERVAÇÃO – Estas palavras são tanto mais notáveis porque emanam de um homem de mérito incontestável como escritor, e que é tido em grande estima no mundo religioso. Talvez não se tenha visto tudo quanto elas encerram, porquanto são um protesto evidente contra o absolutismo e o estreito exclusivismo de certas doutrinas. Elas denotam no autor uma amplidão de vistas que tocam de leve a independência filosófica. Muitas vezes a ortodoxia se escandaliza por menos. As passagens sublinhadas são bastante explícitas e é supérfluo comentá-las; sobretudo os espíritas compreenderão facilmente o seu alcance. Seria impossível aí não ver a previsão de coisas que hoje se passam e as que o futuro reserva à Humanidade, tamanha é a relação dessas palavras com o estado atual e com o que, por todos os lados, anunciam os Espíritos.

Comunicação de Joseph de Maistre

(Sociedade de Paris, 22 de março de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Pergunta – Conforme os pensamentos contidos nos fragmentos cuja leitura acaba de ser feita, pareceis ter sido animado pelo espírito profético, do qual falais e descreveis tão bem. Apenas meio século nos separa da época em que escrevíeis estas linhas notáveis, e já vemos se realizarem as nossas previsões. Talvez não sejam do ponto de vista exclusivo em que então vos colocavam as vossas crenças, mas com certeza tudo nos mostra como iminente e em via de realizar-se, a grande revolução moral que pressentistes e que prepararam as ideias novas. O que dizeis tem uma relação tão evidente com o Espiritismo, que podemos, com toda a razão, vos considerar como um dos profetas de seu advento. Sem dúvida a Providência vos tinha colocado no meio em que, pelo fato mesmo dos vossos princípios, vossas palavras deviam ter mais autoridade. Foram compreendidas por vosso partido? Este ainda as compreende agora? É lícito duvidar.

Hoje que podeis encarar as coisas de maneira mais larga e abarcar mais vastos horizontes, ficaríamos satisfeitos em ter a vossa apreciação atual sobre o *espírito profético* e sobre a parte que deve ter o Espiritismo no movimento regenerador.

Além disso, ficaríamos muito honrados se, doravante, pudéssemos contar convosco no número dos Espíritos bons que querem bem concorrer para a nossa instrução.

Resposta – Senhores, embora não seja a primeira vez que me encontro entre vós, como me introduzi oficialmente hoje, pedirei que aceiteis os meus agradecimentos pelas palavras benevolentes que houvestes por bem pronunciar em minha intenção, e que recebais minhas felicitações pela sinceridade e pelo devotamento que presidem aos vossos trabalhos.

O amor da verdade foi o meu único guia, e se em vida fui partidário de uma seita que se aprendeu a julgar com

severidade, é que nela acreditava encontrar os elementos, a força de ação necessária para chegar ao conhecimento desta verdade que eu suspeitava. — Vi a terra prometida, mas não pude penetrá-la em vida. Mais feliz que eu, senhores, aproveitai o favor que vos é conferido por vossa boa vontade, melhorando o vosso coração e o vosso Espírito, e fazendo partilhar de vossa felicidade a todos os vossos irmãos em Humanidade, que não oporão à vossa propaganda senão a reserva natural a cada homem posto em face do desconhecido.

Como eles, eu teria querido raciocinar vossa crença antes de aceitá-la, mas não a teria odiado, por mais bizarro que fossem seus meios de manifestação, pela simples razão de que poderia prejudicar meus interesses, ou porque me agradasse agir assim.

Pudestes vos convencer, eu estava com o clero, adepto da moral do Evangelho, mas não estava com ele como partidário da imutabilidade do ensino e da impossibilidade de novas manifestações da vontade divina. Penetrado das Santas Escrituras, que li, reli e comentei, a letra e o espírito me faziam prever o acontecimento novo. Agradeço-o a Deus, porque era feliz em esperança, porque sentia intuitivamente que participaria da felicidade de conhecer as novas verdades, onde quer que eu estivesse; por meus irmãos em Humanidade que viriam se dissiparem as trevas da ignorância e do erro, diante de uma evidência irrecusável.

O espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. — Na Europa, como na América, na Ásia, em toda parte, entre os católicos como entre os muçulmanos, em todos os países, em todos os climas, em todas as seitas religiosas, a Nova Revelação se infiltra, com a criança que nasce, com o jovem que se desenvolve, com o velho que se vai. — Uns chegam com os materiais necessários para a edificação da obra; os outros aspiram a um mundo que lhes revelará os mistérios que pressentem. — E se a perseguição moral vos dobra sob o seu jugo, se o interesse material, a posição social detém alguns dos filhos do Espírito em sua marcha

ascendente, estes serão os mártires do pensamento, cujos suores intelectuais fecundarão o ensino e prepararão as gerações do futuro para uma vida nova.

Na França o Espiritismo se manifesta sob outro nome que na Ásia. Tem agentes nas diferentes tendências da religião católica, como as tem entre os sectários da religião muçulmana. — Lá a revelação, num grau inferior de desenvolvimento, é afogada no sangue; mas nem por isso deixa de prosseguir a sua marcha, e suas ramificações cercam o mundo numa vasta rede, cujas malhas vão se apertando à medida que o elemento regenerador mais se descobre. — Católicos e protestantes buscam fazer penetrar a nova crença entre os filhos do Islã, mas encontram obstáculos intransponíveis e pouquíssimos adeptos vêm colocar-se sob sua bandeira.

O espírito profético aí tomou outra forma; assimilou sua linguagem, suas instruções, às formas materiais e aos pensamentos íntimos daqueles a quem se dirige. — Bendizei a Providência, que vê melhor que vós como e por que ela deve trazer o movimento que impele os mundos para o infinito.

A aspiração a novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta; a ideia se imprime no mármore do escultor, como sob a pena do historiador, e aquele que muito se admirasse de ser colocado entre os espíritas, é um instrumento do Todo-Poderoso para a edificação do Espiritismo.

Interrompo esta comunicação, que se torna fatigante para o médium, que não está habituado ao meu influxo fluídico. Continué-la-ei de outra vez, e virei, já que tal é o vosso desejo, trazer minha parte de ação aos vossos trabalhos, pois não mais me contento de a eles assistir, testemunha invisível ou inspirador desconhecido, como já tenho sido muitas vezes.

J. DE MAISTRE

A Liga do Ensino

(2º artigo)

(Vide o número precedente)

A propósito do artigo que publicamos sobre a Liga do Ensino, recebemos do Sr. Macé, seu fundador, a carta seguinte, que julgamos um dever publicar. Se expusemos os motivos sobre os quais apoiamos a opinião restritiva que emitimos, é de toda equidade confrontar as explicações do autor.

BEBLLENHEIM, 5 de março de 1867.

Senhor,

O Sr. Ed. Vauchez me comunica o que dissestes da *Liga do Ensino* na *Revista Espírita*, e tomo a liberdade de vos dirigir, não uma resposta para ser publicada em vossa revista, mas algumas explicações pessoais sobre o objetivo que persigo, e o plano que tracei. Ficaria satisfeito se elas pudessem dissimular os escrúpulos que vos detêm e vos ligar a um projeto que não tem, pelo menos no meu espírito, o vácuo que nele vistes.

Trata-se de agrupar, em cada localidade, todos os que se sentem prontos a fazer ato de cidadania, contribuindo *pessoalmente* ao desenvolvimento da instrução pública em seu redor. Cada grupo deverá necessariamente fazer o seu programa, pois a medida de sua ação é necessariamente determinada por seus meios de ação. Aí me era impossível precisar alguma coisa; mas a natureza desta ação, o ponto capital, eu a precisei da maneira mais clara e mais nítida: Fazer instruir pura e simples, fora de toda preocupação de seita e de partido. Aí está um primeiro artigo uniforme, inscrito antecipadamente no topo de todos os prospectos; aí estará sua unidade moral. Todo círculo que vier a infringi-lo sairá de pleno direito da liga.

Sois, eu não poderia duvidá-lo, muito leal para não convir que não haverá, depois disto, lugar para nenhuma decepção,

quando se chegar à execução. Aí só se decepcionariam os que tivessem entrado na liga com a secreta esperança de fazê-la servir ao triunfo de uma opinião particular: eles estão prevenidos.

Quanto às intenções que poderia ter o próprio autor do projeto, e à confiança que convém conceder-lhe, permiti-me ficar com a resposta que já dei uma vez a uma suspeita emitida nos *Anais do Trabalho*, da qual vos peço que tomeis conhecimento. Ela se dirige a uma dúvida quanto às minhas tendências liberais; pode dirigir-se também às dúvidas que poderiam ser levantadas em outros espíritos sobre a lealdade de minha declaração de neutralidade.

Ouso esperar, senhor, que essas explicações vos pareçam suficientemente claras para modificar vossa primeira impressão e que julgareis acertado, se assim o for, dizê-lo aos vossos leitores. Todo bom cidadão deve o apoio de sua influência pessoal ao que reconhece útil, e eu me sinto tão convencido da utilidade de nosso projeto da Liga, que me parece impossível possa ela escapar a um espírito tão experimentado quanto o vosso.

Recebei, senhor, minhas mui cordiais e fraternas saudações.

JEAN MACÉ

A esta carta o Sr. Macé houve por bem juntar o número dos *Anais do Trabalho*, no qual se acha a resposta mencionada acima, e que reproduzimos integralmente.

BELENHEIM, 4 de janeiro de 1867.

Senhor Redator,

A objeção que fizestes relativamente a uma possível modificação de minhas ideias liberais e, em consequência, ao perigo, também possível, de uma direção má, dada ao ensino da Liga, tal objeção me parece lamentável, e eu vos peço permissão para responder aos que

vo-la fizeram, não pelo que me concerne — julgo-o inútil — mas pela honra de minha ideia, que não compreenderam. A Liga nada ensina e não terá direção a dar. É, pois, supérfluo inquietar-se desde já com as opiniões mais ou menos liberais de quem procura fundá-la.

Faço apelo a todos os que levam a sério o desenvolvimento da instrução em seu país e que desejam nela trabalhar, quer para os outros, ensinando, quer para si mesmos, aprendendo. Convido-os a se associarem em todos os pontos do território; a fazer ato de cidadania, combatendo a ignorância, e de sua bolsa e de sua pessoa, o que vale ainda mais; a perseguir homem a homem, os maus pais, que não mandam os filhos à escola; a fazer vergonha aos camaradas que não sabem ler nem escrever; a lhes lembrar que sempre é tempo; em lhes pôr o livro e a pena na mão, caso necessário, improvisando-se professores, cada um daquilo que sabe; em criar cursos e bibliotecas, em benefício dos ignorantes que desejam cessar de o ser; enfim, em formar por toda a França um só feixe para se prestar mútuo auxílio contra as influências inimigas — algumas há, infelizmente, de uma elevação considerada perigosa, segundo o nível intelectual do povo.

Caso se consiga fazer tudo isto, por favor, em que sentimento inquietante esse movimento poderia ser dirigido, fosse por quem fosse? Que se organize, por exemplo, em Paris, entre operários, *Sociedades de cultura intelectual*, como as que existem às centenas em cidades da Alemanha, e das quais o Sr. Edouard Pfeiffer, presidente da Associação de Instrução Popular de Wurtemberg, explicava o funcionamento de maneira tão interessante no número do *Coopération* de 30 de setembro último; que, no bairro de Saint-Antoine, no quarteirão do Temple, em Montmartre, em Batignolles, grupos de trabalhadores entrados na *Liga* se reúnam para se dar, em conjunto, em certos dias, saraus de instrução com professores de boa vontade, ou mesmo pagos, por que não? — os operários ingleses e alemães não se recusam a este luxo — eu queria bem saber o que virão lá fazer as doutrinas de um professor de moças que dá suas aulas em Beblenheim, e que não tem a menor vontade de mudar de alunos. — Esta gente não estará em casa? Precisar-se-á pedir licença a mim?

Não que eu me proíba de ter uma doutrina em matéria de ensino popular. Certamente tenho uma; sem isto não me permitira pôr-me como meu próprio chefe, à frente de um movimento como este. Ei-la tal qual acabo de a formular no *Anuário da Associação de 1867*. É a negação mesma de toda direção “em tal sentido em vez de outro”, para me servir da expressão dos que não estão inteiramente seguros de mim, e me declaro pronto a pôr a seu serviço tudo quanto eu possa ter de autoridade pessoal — não temo falar disto porque tenho consciência de havê-la ganho legalmente:

“Pregar ao ignorante num ou noutro sentido, nada adianta e não o faz avançar. Ele fica depois à mercê de pregações contrárias, delas não sabendo mais do que sabia antes. Que aprenda o que sabem os que lhe pregam — já é outra coisa; ficará em estado de pregar e os que temessem que ele próprio fosse um mau pregador, podem assegurar-se previamente. A instrução não tem duas maneiras de agir sobre os que a possuem. Se nelas se acham bem por sua conta, por que não prestaria ela o mesmo serviço aos outros?”

Se os vossos correspondentes “de fora” conhecem uma maneira mais liberal de entender a questão do ensino popular, que tenham a bondade de mo ensinar. Não conheço nenhuma.

JEAN MACÉ

P. S. — Pedis que eu responda a uma pergunta que vos foi feita sobre o destino futuro de somas subscritas para a Liga.

A subscrição aberta presentemente destina-se a cobrir as despesas de propaganda do projeto. Publicarei em cada boletim, como acabo de fazer no primeiro, o balanço das receitas e das despesas e prestarei minhas contas, com documentos comprobatórios, à comissão que for nomeada para tal fim, na primeira assembleia-geral.

Quando a liga for constituída, o emprego das cotizações anuais deverá ser determinado — pelo menos é a minha

opinião — no seio dos grupos aderentes que se formarem. Cada grupo fixaria a parte que lhe conviria no fundo geral de propaganda da obra, para onde iriam igualmente as cotizações dos aderentes que não julgassem a propósito engajar-se num grupo especial.

Reflexões sobre as cartas precedentes:

Talvez isto se deva à falta de perspicácia de nossa inteligência, mas confessamos com toda a humildade não estar mais esclarecido do que antes; diremos mesmo que as explicações acima vêm confirmar nossa opinião. Haviam-nos dito que o autor do projeto tinha um programa bem definido, mas que se reservava para dá-lo a conhecer quando as adesões fossem suficientes. Esta maneira de proceder nem nos parecia lógica, nem prática, porquanto, racionalmente, não se pode aderir àquilo que não se conhece. Ora, a carta que o Sr. Macé teve a gentileza de nos escrever, não nos dá absolutamente a entender que seja assim; ao contrário, diz: “*Cada grupo necessariamente deverá fazer seu próprio programa*”, o que significa que o autor não tem um que lhe seja pessoal. Disso resulta que se houver mil grupos, pode haver mil programas; é a porta aberta à anarquia dos sistemas.

É verdade que ele acrescenta que o ponto capital é precisado da maneira mais clara e mais nítida pela indicação do objetivo, que é “fazer instrução pura e simples, fora de qualquer preocupação de seita e de partido”. O objetivo é louvável, sem dúvida, mas nele não vemos senão boa intenção e não a indispensável precisão das coisas práticas.

“Todo círculo — acrescenta ele — que viesse a infringi-lo, sairia de pleno direito da Liga.” Eis a medida cominatória. Pois bem! esses círculos serão livres para sair da Liga, e para formar outras ao lado, sem julgar ter desmerecido fosse no que fosse. Eis, pois, a Liga principal rompida desde o princípio, por falta de unidade de vistas e de conjunto. O objetivo indicado é tão geral que se presta a um erro de aplicações muito contraditórios, e que cada um,

interpretando-o segundo suas opiniões pessoais, julgará estar certo. Aliás, onde está a autoridade que legalmente pode pronunciar esta exclusão? Não existe. Não há nenhum centro regulador com qualidade para apreciar ou controlar os programas individuais que se afastassem do plano geral. Tendo cada grupo sua própria autoridade e seu centro de ação, é o único juiz do que faz. Em tais condições cremos impossível um entendimento.

Até aqui só vemos nesse projeto uma ideia geral. Ora, uma ideia não é um programa. Um programa é uma linha traçada, da qual ninguém pode afastar-se conscientemente, um plano decidido nos mais minuciosos detalhes, e que nada deixa ao arbitrário, onde todas as dificuldades de execução estão previstas e onde as vias e meios são indicados. O melhor programa é o que dá menos chance à improvisação.

“Era-me mesmo impossível precisar alguma coisa — diz o autor — porque a medida de ação de cada grupo será necessariamente determinada por seus meios de ação.” — Em outros termos, pelos recursos materiais de que poderá dispor. Mas isto não é uma razão. Todos os dias fazem-se planos, elaboram-se projetos subordinados aos meios eventuais de execução. É somente vendo um plano, que o público se decide a associar-se, conforme compreenda a sua utilidade e nele veja elementos de sucesso.

O que, antes de tudo, teria sido preciso fazer, era assinalar com precisão as lacunas do ensino que se propunham encher, as necessidades que se queria prover; dizer: se se entendia favorecer a gratuidade do ensino, retribuindo ou indenizando professores ou professoras; fundar escolas onde não as há; suprir a insuficiência do material de instrução nas escolas muito pobres para dele se prover; fornecer livros às crianças que não os podem comprar; instituir prêmios de encorajamento para os alunos e professores; criar cursos para adultos; pagar homens de talento para ir, como missionários, fazer conferências instrutivas no campo e destruir as ideias supersticiosas com o auxílio da Ciência; definir o objetivo e o espírito desses cursos

e dessas conferências etc., essas e outras coisas. Só então o objetivo teria sido claramente especificado. Depois poderiam dizer: “Para atingi-lo, são precisos recursos materiais.” Então vamos apelar aos homens de boa vontade, aos amigos do progresso, aos que simpaticizam com nossas ideias; que formem comitês por Departamentos, bairros, cantões ou comunas, encarregados de recolher subscrições. Não haverá caixa geral e central; cada comitê terá a sua, cujo emprego dirigirá conforme o programa traçado, em razão dos recursos de que poderá dispor; se recolher muito, fará muito; se recolher pouco fará menos. Mas haverá um comitê diretor, encarregado de centralizar as informações, transmitir os avisos e as instruções necessárias, resolver as dificuldades que possam surgir, imprimir ao conjunto um cunho de unidade, sem o qual a *liga* seria uma palavra vã. Entende-se uma *liga* como uma associação de indivíduos marchando de comum acordo e solidariamente para a realização de um objetivo determinado. Ora, desde o instante que cada um pode entender o objetivo à sua maneira, e agir como quiser, não há mais liga nem associação.

Aqui não se trata apenas de uma meta a alcançar. Desde o instante que sua realização repousa em capitais a recolher por meio de subscrições, há combinação financeira; a parte econômica do projeto não pode ser deixada ao capricho dos indivíduos, nem ao sabor dos acontecimentos, sob pena de periclitarem; ela reclama uma elaboração prévia, séria, um plano concebido com previdência na previsão de todas as eventualidades.

Um ponto essencial no qual parece não terem pensado, é este: Sendo *permanente* o fim a que se propõem, e não temporário, como quando se trata de um infortúnio a aliviar, ou de um monumento a erguer, exige recursos permanentes. Prova a experiência que jamais se deve contar com subscrições voluntárias regulares e perpétuas; assim, se se operasse diretamente com o produto das subscrições, logo tal produto seria absorvido. Se se quiser que a operação não seja interrompida em sua própria fonte, é preciso constituir uma receita para não viver do seu capital; por conseguinte, capitalizar as subscrições da maneira mais segura e produtiva. Como? com que

garantia e sob que controle? Eis o que todo projeto, que se baseie num movimento de capitais, deve prever antes de tudo, e determinar antes de algo recolher, como igualmente deve determinar o emprego e a repartição dos fundos coletados por antecipação, no caso em que, por uma causa qualquer, não lhe dessem continuidade. Por sua natureza, o projeto comporta uma parte econômica tanto mais importante quanto é dela que depende seu futuro, e aqui falta completamente.

Suponhamos que antes do estabelecimento das sociedades de seguros, um homem tivesse dito: “Os incêndios fazem devastações diárias; pensei que se nos associássemos e nos cotizássemos poderíamos atenuar os efeitos do flagelo. Como? Ignoro-o. Primeiramente farei a minha subscrição, depois decidiremos. Vós mesmos procurareis o meio que melhor vos convier e tratareis de vos entender.” Sem dúvida a ideia teria sorrido a muitos; mas quando se tivessem posto à obra, com quantas dificuldades práticas não se teriam chocado, por não terem tido uma base previamente elaborada! Parece-nos que aqui o caso é mais ou menos o mesmo.

A carta publicada nos *Anais do Trabalho* e referida acima, não elucida mais a questão; confirma que o plano e a execução do projeto são deixados ao arbítrio e à iniciativa dos subscritores. Ora, quando a iniciativa é deixada a todos, ninguém a toma. Aliás, se os homens têm bastante raciocínio para apreciar se o que lhes oferecem é bom ou mau, nem todos estão aptos para elaborar uma ideia, sobretudo quanto ela abarca um campo tão vasto quanto este. Essa elaboração é o complemento indispensável da ideia primitiva. Uma liga é um corpo organizado, que deve ter um regulamento e estatutos, para marchar em conjunto, se quiser chegar a um resultado. Se o Sr. Macé tivesse estabelecido estatutos, mesmo provisórios, sob a condição de submetê-los mais tarde à aprovação dos subscritores, que os poderiam modificar livremente, como é de praxe em todas as associações, teria dado um corpo à Liga, um ponto de ligação, ao passo que ela não tem nem um nem outro. Dizemos mesmo que não tem bandeira, já que é dito na carta precitada: *A liga nada ensinará e não terá direção a dar; é, pois, supérfluo inquietar-se desde*

já com as opiniões mais ou menos liberais de quem procura fundá-la. Conceberíamos esse raciocínio se se tratasse de uma operação industrial; mas numa questão tão delicada quanto o ensino, que é encarado sob pontos de vista tão controversos, que toca os mais graves interesses da ordem social, não compreendemos que se possa fazer abstração da opinião daquele que, a título de fundador, deve ser a alma do empreendimento. Tal asserção é um erro lamentável.

Do vácuo que reina na economia do projeto, resulta que, subscrevendo-o, ninguém sabe a que, nem por que se empenha, pois não sabe que direção tomará o grupo do qual faz parte; que se encontrarão até subscritores que não farão parte de nenhum grupo. A organização desses grupos nem sequer é determinada; suas circunscrições, suas atribuições, sua esfera de atividade, tudo é deixado no desconhecido. Ninguém tem qualificação para convocá-los; contrariamente ao que se pratica em casos semelhantes, nenhum comitê de vigilância é instituído para regular e controlar o emprego dos fundos recolhidos por antecipação e que servem para pagar as despesas de propaganda da ideia. Já que há despesas gerais pagas com os fundos dos subscritores, seria preciso que estes últimos soubessem em que consistem. O autor quer lhes deixar toda a liberdade de agir para se organizarem como bem entenderem; quer ser apenas o promotor da ideia. Seja. E longe de nós o pensamento de levantar contra a sua pessoa a menor suspeita de desconfiança; mas dizemos que para a marcha regular de uma operação deste gênero e para lhe garantir o sucesso, há medidas preliminares indispensáveis, que foram totalmente negligenciadas, o que vemos com pesar, no interesse mesmo da causa. Se for intencionalmente, julgamos mal fundado o pensamento; se for por esquecimento, é lastimável.

Não temos autoridade para dar qualquer conselho nesta questão, mais eis como geralmente se procede em semelhantes casos.

Quando o autor de um projeto que necessita de um apelo à confiança pública não quer assumir sozinho a responsabilidade da execução e, também com o objetivo de cercar-se de mais luzes,

preliminarmente reúne em redor certo número de pessoas cujos nomes sejam uma recomendação, que se associam à sua ideia e a elaboram com ele. Essas pessoas constituem o primeiro comitê, quer consultivo, quer cooperativo, provisório até a constituição definitiva da operação e da nomeação, pelos interessados, de um conselho fiscal permanente. Tal comitê é para estes últimos uma garantia, pelo controle que exerce sobre as primeiras operações, das quais é encarregado de prestar contas, bem como das primeiras despesas. Além disso, é um apoio e uma divisão de responsabilidade para o fundador. Este, falando em seu nome, e escorado no conselho de vários, haure nessa autoridade coletiva uma força moral sempre mais preponderante sobre a opinião das massas do que a autoridade de um só. Se tivessem procedido assim com a Liga do Ensino, e se o projeto tivesse sido apresentado nas formas usuais e em condições mais práticas, sem dúvida alguma os aderentes teriam sido mais numerosos. Mas tal como está, em nossa opinião deixa muitos indecisos.

Embora o projeto esteja entregue à publicidade e, por conseguinte, ao livre-exame de cada um, dele não teríamos falado se, de certo modo, não tivéssemos sido constrangidos pelos pedidos que nos eram dirigidos. Em princípio, sobre coisas às quais, do nosso ponto de vista, não podemos dar inteira aprovação, preferimos guardar silêncio, a fim de não lhe trazer nenhum entrave. Como nos pediram novas explicações a propósito de nosso último artigo, julgamos necessário motivar nossa maneira de ver com maior precisão. Mas, ainda uma vez, apenas damos a nossa opinião, que não compromete ninguém. Seríamos felizes se fôssemos o único de nossa opinião, e se o acontecimento viesse provar que nos enganamos. Associamo-nos de coração à ideia matriz, mas não ao seu modo de execução.

Manifestações espontâneas

O MOINHO DE VICQ-SUR-NAHON

Sob o título de *O diabo do moinho*, o *Moniteur de l'Indre* de fevereiro de 1867 contém o seguinte relato:

O Sr. François Garnier é fazendeiro e moendeiro no burgo de Vicq-sur-Nahon. É, gostamos de pensar, um homem pacífico e, contudo, desde o mês de setembro, seu moinho é teatro de fatos miraculosos, próprios a fazer supor que o diabo, ou pelo menos um Espírito brincalhão, ali elegeu o seu domicílio. Por exemplo, parece fora de dúvida que, diabo ou Espírito, o autor dos fatos que vamos narrar gosta de dormir à noite, porque só trabalha de dia.

Nosso Espírito gosta de fazer malabarismos com as cobertas das camas. Toma-as sem que ninguém o perceba, leva-as e vai escondê-las, ora nas vigas do teto, ora no forno, ora sob montes de feno. Transporta de uma cavaliça para a outra os lençóis da cama do rapaz, e mais de uma hora depois são encontrados sob o feno ou nas grades da manjedoura. Para abrir as portas, o Espírito Vicq-sur-Nahon não precisa de chave. Um dia o Sr. Garnier, em presença de seus empregados, fechou com duas voltas a porta da padaria e pôs a chave no bolso; mesmo assim, a porta abriu-se quase imediatamente, aos olhos de Garnier e dos criados, sem que pudessem explicar como.

Outra vez, a 1^o de janeiro — maneira inteiramente nova de fazer votos de feliz Ano-novo a alguém — um pouco antes da noite, o leito de penas, os lençóis, os cobertores de uma cama situada num quarto são levantados sem que a cama se desarrume e encontram esses objetos no chão, perto da porta do quarto. Garnier e os seus imaginam, então, na esperança de conjurar toda esta feitiçaria, mudar as camas de quarto, o que de fato ocorre; mas, feita a troca, os fatos diabólicos que acabamos de contar recomeçam com mais intensidade. Por diversas vezes, um rapaz da cavaliça encontra aberta sua arca, onde guarda seus objetos pessoais, e estes espalhados na cocheira.

Mas eis duas circunstâncias em que se revela toda a diabólica habilidade do Espírito. No número dos domésticos do Sr. Garnier encontra-se uma mocinha de 13 anos, chamada Marie Richard. Um dia, estando esta menina num quarto, de repente viu surgir sobre o leito uma pequena capela, e todos os objetos colocados sobre a chaminé, 4 vasos, 1 Cristo, 3 copos, 2 xícaras, numa das quais havia

água-benta, e uma pequena garrafa também cheia de água-benta, ir sucessivamente, como se obedecesse à ordem de um ser invisível, tomar lugar sobre o altar improvisado. A porta do quarto estava entreaberta, e a mulher do irmão da pequena Richard, perto da porta. Uma sombra saiu da capela, no dizer da pequena Richard, aproximou-se dela e a encarregou de convidar os donos a dar um pão bento e mandar dizer uma missa. A menina promete; durante nove dias reina a calma no moinho. Garnier manda rezar a missa pelo cura de Vicq, oferece um pão bento e a partir do dia seguinte, 15 de janeiro, as diabruras recomeçam.

As chaves das portas desaparecem; as portas, deixadas abertas, aparecem fechadas; um serralheiro, chamado para abrir a porta do moinho, não o consegue e se vê na necessidade de desmontar a fechadura. Estes últimos fatos se passavam a 29 de janeiro. No mesmo dia, por volta do meio-dia, quando os empregados tomavam sua refeição, a menina Richard toma um cântaro de bebida, serve-se, e o relógio do Sr. Garnier, pendurado a um prego na chaminé, cai em seu copo. Repõem o relógio na chaminé; mas a menina Richard, tomando um prato servido sobre a mesa, traz o relógio com sua colher. Pela terceira vez penduram o relógio em seu lugar e, pela terceira vez, a pequena Richard o encontra numa panela que fervia ao fogo, assim como uma garrafinha de remédio, cuja rolha lhe salta ao rosto.

Em suma, o terror se apodera dos habitantes do moinho; ninguém mais quer ficar numa casa enfeitçada. Por fim Garnier toma o partido de prevenir o Sr. Comissário de polícia de Valençay, que se dirige a Vicq, acompanhado de dois guardas. Mas o diabo não quis mostrar-se aos agentes da autoridade. Apenas estes aconselharam Garnier que despedisse a mocinha Richard, o que logo fez. Esta medida terá bastado para pôr o diabo em debandada? Esperemo-lo, para tranquilidade da gente do moinho.

Num número posterior, o *Moniteur de l'Indre* contém o que segue:

Contamos, no devido tempo, todas as diabruras que se passaram no moinho de Vicq-sur-Nahon, cujo locatário é o Sr. Garnier. Até agora cômicas, essas diabruras começam a virar tragédia. Depois das farsas, dos malabarismos, das prestidigitações, eis que o diabo recorre ao incêndio.

No dia 12 deste mês ocorreram duas tentativas de incêndio, quase que simultaneamente, nas cavaliças do Sr. Garnier. A primeira aconteceu pelas cinco horas da tarde. O fogo tomou a palha, ao pé da cama dos rapazes moendeiros. O segundo incêndio surgiu cerca de uma hora depois, mas em outra estrebaria. O fogo surgiu igualmente ao pé de uma cama e na palha.

Felizmente esses dois incêndios foram extintos pelo pai de Garnier, de 80 anos, e seus empregados, prevenidos pela citada Marie Richard.

Nossos leitores devem lembrar-se de que essa mocinha de 14 anos, era sempre a primeira que percebia as feitiçarias que ocorriam no moinho, não obstante, seguindo os conselhos que lhe tinham sido dados, Garnier houvesse despedido a pequena Richard. Quando os dois incêndios surgiram, essa jovem tinha voltado há quinze dias à casa do Sr. Garnier. Foi ela ainda a primeira a notar os dois incêndios de 12 de março.

Conforme as pesquisas feitas no moinho, as suspeitas caíram sobre duas empregadas.

A família Garnier está de tal modo chocada com os acontecimentos de que seu moinho foi teatro, que se persuadiu de que o diabo, ou pelo menos algum Espírito malfazejo, fixou domicílio em sua morada.

Um dos nossos amigos escreveu ao Sr. Garnier, pedindo que lhe informasse se eram reais ou contos para divertir, os fatos relatados no jornal e, em todo o caso, o que podia haver de verdadeiro ou de exagerado na história.

O Sr. Garnier respondeu que tudo era perfeitamente exato e conforme a declaração que ele próprio havia feito ao comissário de polícia de Valençay. Confirma, também, os dois incêndios e acrescenta: O jornal nem contou tudo. De acordo com sua carta, os fatos se produziam há quatro ou cinco meses, e se viu forçado a fazer a declaração porque não conseguiu descobrir o autor. Termina dizendo: “Não sei, senhor, com que propósito me pedis estas informações; mas se tiverdes algum conhecimento dessas coisas, peço-vos participar de minhas penas, pois vos asseguro que não estamos à vontade em nossa casa. Se puderdes encontrar um meio de descobrir o autor de todos esses fatos escandalosos, prestar-nos-eis um grande serviço.”

Um ponto importante a esclarecer era saber qual podia ser a participação da mocinha, seja voluntariamente por malícia, seja inconscientemente por sua influência. Sobre esta questão, o Sr. Garnier disse que a jovem, só tendo estado ausente da casa durante quinze dias, não tinha podido julgar o efeito de sua ausência; mas que não lhe tem nenhuma suspeita, como malevolência, nem sobre os outros empregados; que quase sempre ela tinha anunciado o que se passava fora de seu alcance; que, assim, dissera várias vezes: “Eis a cama que se desarruma em tal quarto” e que, aí entrando sem a perder de vista, encontravam o leito desarrumado; que também preveniu os dois incêndios, ocorridos depois de sua volta.

Como se vê, esses fatos pertencem ao mesmo gênero de fenômenos dos de Poitiers (*Revista* de fevereiro e março de 1864; idem, maio de 1865); de Marselha (abril de 1865); de Dieppe (março de 1860), e tantos outros que podem ser chamados *manifestações barulhentas e perturbadoras*.

De início faremos notar a diferença que existe entre o tom deste relato e o do jornal de Poitiers, por ocasião do que se passou naquela cidade. Lembre-se o dilúvio de sarcasmos que, a respeito, fizeram chover sobre os espíritas, e sua persistência em sustentar, contra a evidência, o que só podia ser obra de gracejadores de mau gosto, que não tardariam a ser descobertos, mas que, em definitivo,

jamais descobriram. O *Moniteur de l'Indre*, mais prudente, limita-se a um relato, que não é temperado por nenhuma troça descabida, e que antes implica uma afirmação que uma negação.

Outra observação é que fatos deste gênero ocorreram muito antes que se cogitasse do Espiritismo e que, desde então, quase sempre se passaram entre pessoas que não o conheciam nem de nome, o que exclui qualquer influência devida à crença e à imaginação. Se acusassem os espíritas de simular essas manifestações com vistas à propaganda, perguntar-se-ia quem os poderia produzir antes que houvesse espíritas.

Não conhecendo o que se passou no moinho de Vicq-sur-Nahon senão pelo relato que fizeram, limitamo-nos a constatar que aqui nada se afasta daquilo cuja possibilidade o Espiritismo admite, nem das condições normais nas quais semelhantes fatos podem produzir-se; que esses fatos se explicam por leis perfeitamente naturais e, por conseguinte, nada têm de maravilhoso. Só a ignorância dessas leis pôde, até hoje, fazer que fossem consideradas como efeitos sobrenaturais, como tem ocorrido com quase todos os fenômenos cujas leis mais tarde a Ciência revelou.

O que pode parecer mais extraordinário, e se explica menos facilmente é o fato das portas abertas, depois de cuidadosamente fechadas a chave. As manifestações modernas disto oferecem vários exemplos. Um fato análogo passou-se em Limoges, há alguns anos (*Revista* de agosto de 1860). Mesmo que o estado de nossos conhecimentos ainda não nos permita dar-lhe uma explicação conclusiva, isto nada prejudica, porque estamos longe de conhecer todas as leis que regem o Mundo Invisível, todas as forças que encerra este mundo, nem todas as aplicações das leis que conhecemos. O Espiritismo ainda não disse a última palavra; longe disso: nem sobre as coisas físicas, nem sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão fruto de observações ulteriores. De certo modo o Espiritismo não fez, até agora, senão fincar as primeiras balizas de uma ciência cujo alcance é desconhecido. Com o auxílio do que já descobriu,

abre aos que vierem depois de nós, o caminho das investigações numa ordem especial de ideias. Só procede por observações e deduções, e jamais por suposição. Se um fato é constatado, diz-se que deve ter uma causa e que esta causa só pode ser natural; então ele a procura. Em falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até que seja confirmada, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. Em relação ao fenômeno das portas abertas, como ao dos transportes por meio de corpos rígidos, ainda está reduzido a uma hipótese, baseada nas propriedades fluídicas da matéria, muito imperfeitamente conhecidas, ou, melhor dizendo, apenas suspeitadas. Se o fato em questão for confirmado pela experiência, deve ter, como dissemos, uma causa natural; se se repetir, não é uma exceção, mas a consequência de uma lei. A possibilidade da libertação de Pedro de sua prisão, referida nos *Atos dos apóstolos*, capítulo 12, seria assim demonstrada sem que houvesse necessidade de recorrer ao milagre.

De todos os efeitos mediúnicos, as manifestações físicas são as mais fáceis de simular. Por isso, deve-se evitar aceitar muito levemente, como autênticos, os fatos deste gênero, sejam espontâneos, como os do moinho de Vicq-sur-Nahon, sejam conscientemente provocados pelo médium. A imitação, é verdade, só poderia ser grosseira e imperfeita, mas com habilidade pode-se enganar facilmente, como outrora fizeram com a dupla vista, aos que não conheciam as condições nas quais os fenômenos reais podem produzir-se. Vimos supostos médiuns de rara habilidade simulando transportes, escrita direta e outros gêneros de manifestações. Assim, só se deve admitir com conhecimento de causa a intervenção dos Espíritos nessas espécies de coisas.

No caso de que se trata não afirmamos esta intervenção; limitamo-nos a dizer que ela é possível. Apenas os dois princípios de incêndio poderiam fazer suspeitar um ato humano, suscitado pela malevolência, que sem dúvida o futuro levará a descobrir. Todavia, é bom notar que, graças à clarividência da jovem, suas consequências puderam ser evitadas. Com exceção deste último fato, os demais

não passaram de travessuras sem maior importância. Se são obra dos Espíritos, só podem provir dos Espíritos levanos, divertindo-se com os terrores e as impaciências que causam. Sabe-se que os há de todos os caracteres, como na Terra. O melhor meio de se desembaraçar deles é não se inquietar com eles e esgotar a sua paciência, que jamais é tão longa quando veem que ninguém se preocupa com eles, o que se lhes prova rindo de suas malícias e os desafiando a fazer mais. O meio mais seguro de excitá-los a perseverar é atormentar-se e encolerizar-se contra eles. Pode-se ainda livrar-se deles evocando-os com o auxílio de um bom médium e orando por eles; então, entretendo-se com eles, pode saber-se o que são e o que querem, e os fazer escutar a razão.

Aliás, estes tipos de manifestações têm um resultado mais sério: o de propagar a ideia do Mundo Invisível que nos rodeia, e afirmar a sua ação sobre o mundo material. É por isto que elas se produzem de preferência entre pessoas estranhas ao Espiritismo, antes que nos espíritas, que delas não necessitam para se convencerem.

A fraude, em semelhante caso, por vezes pode ser apenas inocente brincadeira, ou um meio de se dar importância, fazendo crer numa faculdade que não se possui, ou se a possui imperfeitamente. Mas na maioria dos casos ela tem por móvel um interesse patente ou dissimulado, e por objetivo explorar a confiança das pessoas demasiado crédulas ou inexperientes. É então uma verdadeira fraude. Seria supérfluo insistir em dizer que os que se tornam culpados de quaisquer enganos deste gênero, mesmo que fossem solicitados apenas pelo amor-próprio, não são espíritas, ainda que se deem como tais. Os fenômenos reais têm um caráter *sui generis*, e se produzem em circunstâncias que desafiam toda suspeição. Um conhecimento completo desses caracteres e dessas circunstâncias pode facilmente levar a descobrir a trapaça.

Se essas explicações chegarem ao conhecimento do Sr. Garnier, ele aí encontrará a resposta ao pedido que faz em sua carta.

Um de nossos correspondentes nos transmite o relato, escrito por uma testemunha ocular, de manifestações análogas ocorridas em janeiro último, no burgo da Basse-Indre (Loire-Inférieure). Consistiam em batidas com obstinação, durante várias semanas e que puseram em polvorosa todos os habitantes de uma casa. As pesquisas e investigações feitas pela autoridade para lhes descobrir a causa não conduziram a nada. Aliás, este fato não apresenta nenhuma particularidade mais notável, a não ser, como todas as manifestações espontâneas, chamar a atenção para os fenômenos espíritos.

Como fato de manifestações físicas, as que se produzem assim espontaneamente exercem sobre a opinião pública uma influência infinitamente maior que os efeitos provocados diretamente por um médium, seja porque têm maior repercussão e notoriedade, seja porque dão menos ensejo às suspeitas de charlatanismo e de prestidigitação.

Isto nos lembra um fato que se passou em Paris, no mês de maio do ano passado. Ei-lo, tal como foi referido na ocasião, pelo *Le Petit Journal*.

MANIFESTAÇÕES DE MÉNILMONTANT

Um fato singular se repete frequentemente no bairro de Ménilmontant, sem que se tenha ainda podido explicar sua causa.

O Sr. X..., fabricante de bronzes, mora num pavilhão ao fundo da casa; aí se entra pelo jardim. Os ateliês estão à esquerda e a sala de jantar à direita. Uma campainha está colocada acima da porta da sala de jantar; naturalmente o cordão está à porta do jardim. A aleia é bastante longa para que uma pessoa, tendo tocado, possa fugir antes que tenham vindo abrir.

Várias vezes o contramestre, tendo ouvido a campainha, foi à porta e não viu ninguém. A princípio pensaram numa mistificação; mas, por mais que espreitassem e se assegurassem de que não havia

nenhum fio que levasse à campainha, nada descobriram, e a artimanha continuava sempre. Um dia a campainha se agitou enquanto o Sr. e a Sra. X... achavam-se precisamente embaixo e um aprendiz estava na aleia diante do cordão. O fato se repetiu três vezes na mesma noite. Acrescente-se que por vezes a campainha tocava bem baixinho e outras vezes de maneira muito barulhenta.

Desde alguns dias o fenômeno tinha cessado, mas anteontem à noite renovou-se com mais persistência.

A Sra. X... é uma mulher muito piedosa. Há uma crença em sua região que os mortos veem reclamar preces dos parentes. Ela pensou numa tia morta e julgou ter achado a explicação. Mas preces, missas, novenas, nada resolveu: a campainha toca sempre.

Um distinto metalurgista, a quem o fato foi contado, pensou que fosse um fenômeno científico e que certa quantidade de água-forte e de vitríolo, que se achava na oficina, podia desprender uma força bastante grande para mover o fio de ferro. Mas afastadas as substâncias, o fato não cessou de se produzir.

Não procuraremos explicá-lo, pois é assunto dos cientistas, diz *La Patrie*, que bem poderia enganar-se. Essas espécies de mistérios muitas vezes terminam se explicando sem que a Ciência aí constate o menor fenômeno ainda desconhecido.

Dissertação espírita

MISSÃO DA MULHER

(Lyon, 6 de julho de 1866 – Grupo da Sra. Ducard – Médiun: Sra. B...)

Cada dia os acontecimentos da vida vos trazem ensinamentos suscetíveis de vos servir de exemplo e, contudo, passais sem os compreender, sem tirar uma dedução útil das circunstâncias que os provocaram. Entretanto, nesta união íntima da Terra e do espaço,

dos Espíritos livres e dos Espíritos cativos, ligados à realização de sua tarefa, há desses exemplos, cuja lembrança deve perpetuar-se entre vós: é a paz proposta na guerra. Uma mulher, cuja posição social atrai todos os olhares, vai-se, humilde irmã de caridade, levar a todos a consolação de sua palavra, a afeição de seu coração, a carícia de seus olhos. Ela é imperatriz; sobre sua fronte brilha a coroa de diamantes, mas ela esquece a sua posição, esquece o perigo para acorrer ao meio do sofrimento e dizer a todos: “Consolai-vos; eis-me aqui! Não sofrai mais: eu vos falo; não vos inquieteis: eu tomarei conta de vossos órfãos!...” O perigo é iminente, o contágio está no ar e, contudo, ela passa, calma e radiosa, em meio a estes leitos, onde jaz a dor. Nada calculou, nada temeu, foi aonde a chamava o coração, como a brisa vai refrescar as flores murchas e endireitar suas frágeis hastes.

Este exemplo de devotamento e de abnegação, quando os esplendores da vida deveriam engendrar o orgulho e o egoísmo, por certo é um estimulante para as mulheres que sentem vibrar em si essa delicadeza de sentimento que Deus lhes deu para cumprir sua tarefa; porque elas estão encarregadas principalmente de espalhar a consolação e, sobretudo, a conciliação. Não têm a graça e o sorriso, o encanto da voz e a doçura da alma? É a elas que Deus confia os primeiros passos de seus filhos; ele as escolheu como as nutrizes das meigas criaturas que vão nascer.

Este Espírito rebelde e orgulhoso, cuja existência será uma luta constante contra a desgraça, não lhes vem pedir que lhe inculque ideias diferentes das que traz ao nascer? É para elas que estende suas mãozinhas; sua voz, outrora rude, e seus acentos, que vibravam como o cobre, se abrandarão como um doce eco, quando disser: mamãe.

É a mulher que ele implora, esse doce querubim, que vem aprender a ler no livro da Ciência; é para lhe agradar que fará todos os esforços para se instruir e tornar-se útil à Humanidade. — É ainda para ela que ele estende as mãos, esse jovem que se transviou na estrada e quer voltar ao bem; não ousaria implorar a seu pai,

cuja cólera receia, mas sua mãe, tão doce e tão generosa, não terá para ele senão esquecimento e perdão.

Não são elas as flores animadas da vida, os devotamentos inalteráveis, essas almas que Deus criou mulheres? Atraem e encantam. Chamam-nas a tentação, mas deviam chamá-las a lembrança, porque sua imagem fica gravada em caracteres indeléveis no coração de seus filhos, quando não mais existem; não é no presente que são apreciadas, mas no passado, quando a morte as restituiu a Deus. — Então seus filhos as buscam no espaço, como o marinheiro busca a estrela que o deve conduzir ao porto. Elas são a esfera de atração, a bússola do Espírito que ficou na Terra e que espera encontrá-las no Céu. São ainda a mão que conduz e sustenta, a alma que inspira e a voz que perdoa; e, assim como foram o anjo do lar terreno, elas se tornam o anjo consolador que ensina a orar.

Oh! vós que tendes sido oprimidas na Terra, mulheres que sois tidas como escravas do homem, porque vos submetestes à sua dominação, vosso reino não é deste mundo! Contentai-vos, pois, com a sorte que vos está reservada; continuai vossa tarefa; ficai como medianeiras entre o homem e Deus, e compreendi bem a influência de vossa intervenção. — Este é um Espírito ardente, impetuoso; o sangue lhe ferve nas veias; vai se exaltar, será injusto; mas Deus pôs a doçura em vossos olhos, a carícia em vossa voz; olhai-o, falai-lhe: a cólera se apaziguará e a injustiça será afastada. Talvez tenhais sofrido, mas tereis poupado uma falta ao vosso companheiro de jornada e vossa tarefa foi cumprida. Aquele ainda é infeliz, sofre, a fortuna o abandona, julga-se um pária!... Mas aí há um devotamento à prova, uma abnegação constante para levantar esse moral abatido, para restituir a esse Espírito a esperança que o havia abandonado.

Mulheres, sois as companheiras inseparáveis do homem; com ele formais uma cadeia indissolúvel que a desgraça não pode romper, que a ingratidão não deve manchar, e não poderia quebrar-se, porque o próprio Deus a formou e, embora às vezes tenhais na alma essas preocupações sombrias, que acompanham a luta, contudo

rejubilai-vos, porque nesse imenso trabalho de harmonia terrestre, Deus vos deu a mais bela parte.

Coragem, pois! Ó vós que viveis humildemente, trabalhando pela vossa melhora íntima, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou doces mães de família, estão todas envolvidas na mesma bandeira, e trazem escrito na frente e no coração estas duas palavras mágicas, que enchem a eternidade: Amor e Caridade.

CÁRITA

Bibliografia

MUDANÇA DE TÍTULO DO *LA VÉRITÉ*, DE LYON

O jornal *La Vérité*, de Lyon, acaba de mudar o seu título: a partir de 10 de março de 1867, toma o de *La Tribune Universelle, Journal de La Libre Conscience et La Libre Pensée*. Anuncia e expõe os motivos na nota seguinte, inserida no número de 24 de fevereiro.

Aos nossos irmãos e irmãs espíritas.

Philaléthès, o infatigável campeão que conheceis, julgou por bem vos informar que de agora em diante dirigiria suas investigações para a filosofia geral, e não apenas para o Espiritismo, do qual, graças a seus preconceitos, os cientistas não querem nem mesmo ouvir pronunciar o nome. Mas não deveis imaginar, caros irmãos, que tirando a etiqueta da bolsa, afinal muito indiferente, ela queira, tanto quanto nós, lançar o conteúdo às urtigas! No que nos concerne pessoalmente, ficaríamos desolados se nossos leitores pudessem suspeitar um só instante que queremos desertar de uma ideia para a qual temos consumido todas as forças vivas de que somos capazes. A ideia espírita hoje faz parte integral do nosso ser, e aboli-la seria votar à morte o nosso coração, o nosso espírito.

Todavia, se somos espíritas, e precisamente porque cremos sê-lo no verdadeiro sentido da palavra, queremos nos mostrar caridosos, tolerantes para com todos os sistemas opostos, e queremos correr para eles, já que se recusam vir a nós.

A etiqueta de espíritas colada em nossa frente vos é um espantalho, senhores negadores? Pois bem! consentimos de bom grado em retirá-la, reservando-nos a trazê-la alto em nossas almas. Assim, não nos chamaremos mais *La Vérité, Journal du Spiritisme*, mas *Tribune Universelle, Journal de La Libre Conscience et La Libre Pensée*. Este terreno é tão vasto quanto o mundo, e os sistemas de toda sorte poderão aí se debater à vontade, manter discussões acesas com os trânsfugas do *Vérité*, que reclamarão para si próprios o direito concedido a todos: a discussão. É então que, inflamados pela luta, inspirados pela fé e guiados pela razão, esperamos fazer brilhar aos olhos dos nossos adversários uma luz tão viva, que Deus e a imortalidade se erguerão diante deles, não mais como um horrendo fantasma, produto dos séculos de ignorância, mas como doce e suave visão, onde, enfim, repousará a Humanidade inteira.

E. E.

CARTA DE UN ESPIRITISTA

(Carta de um espírita)

Ao Dr. Francisco de Paula Canalejas

Brochura impressa em Madri,²² em língua espanhola, contendo os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, tirados de *O que é o espiritismo*, com esta dedicatória:

“Ao senhor Allan Kardec, o primeiro que descreveu com método e coordenou com clareza os princípios filosóficos da nova

²² Nota de Allan Kardec: Tipografia de Manuel Galiano, Plaza de los Ministérios, 3.

escola, é dedicado este humilde trabalho, por seu devotado correli-gionário.” Malgrado os entraves que as ideias novas encontram nesse país, o Espiritismo aí encontra simpatias mais profundas do que se poderia supor, principalmente nas classes elevadas, onde conta numerosos adeptos, fervorosos e devotados. Porque aí, devido às opiniões religiosas, os extremos se tocam e, aliás, como em toda parte, os excessos de um produzem em uns reações contrárias. Na antiga e poética mitologia, teriam feito do fanatismo o pai da incredulidade.

Cumprimentamos o autor deste opúsculo por seu zelo na propagação da doutrina e agradecemos sua graciosa dedicatória, bem como as boas palavras que acompanham a remessa da brochura. Seus sentimentos e os de seus irmãos em crença se refletem nesta frase característica de sua carta: “Estamos prontos a tudo, mesmo a baixar a cabeça para receber o martírio, como a erguemos bem alto para confessar a nossa fé.”

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X MAIO DE 1867 Nº 5

Atmosfera espiritual

O Espiritismo nos ensina que os Espíritos constituem a população invisível do globo, estão no espaço e entre nós, vendo-nos e nos acotovelando incessantemente, de tal sorte que, quando nos julgamos sós, temos constantemente testemunhas secretas de nossas ações e de nossos pensamentos. Isto pode parecer constrangedor para certas pessoas, mas desde que assim é, não se pode impedir que assim seja. Cabe a cada um fazer como o sábio, que não teria medo se sua casa fosse de vidro. Sem nenhuma dúvida é a esta causa que se deve atribuir a revelação de tantas torpezas e infrações que se pensava sepultados na sombra.

Além disso, sabemos que, numa reunião, além dos assistentes corporais, há sempre ouvintes invisíveis; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem achar-se em número ilimitado num dado espaço. Muitas vezes nos foi dito que em certas sessões eles eram em quantidades inumeráveis. Na explicação dada ao Sr. Bertrand, a propósito das comunicações coletivas que ele obteve, foi dito que o número de Espíritos presentes era tão grande que a atmosfera estava, a bem dizer, *saturada* de seus fluidos. Isto não é novo para os espíritas, mas talvez não tenham sido deduzidas todas as consequências.

Sabe-se que os fluidos que emanam dos Espíritos são mais ou menos salutaros, conforme o grau de sua depuração; conhece-se o seu poder curativo em certos casos e, também, seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, desde que o ar pode ser saturado desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que sobejam em determinado lugar, o ar ambiente não se ache carregado de elementos salutaros ou prejudiciais, que devem exercer uma influência sobre a saúde física, tanto quanto sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, é de admirar-se da que deve resultar da aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem num dado meio um fluido benéfico ou maléfico, agindo à maneira das emanações fortificantes ou dos miasmas deletérios, que se espalham no ar. Assim se podem explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se experimenta em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou para o mal, os impulsos generosos, o entusiasmo ou o desânimo, por vezes a espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembleia, de toda uma cidade, mesmo de todo um povo. Cada indivíduo, em razão do seu grau de sensibilidade, sofre a influência desta atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida e que confirma, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, nós achamos nas relações do Mundo Espiritual com o mundo corporal, um novo princípio de higiene que, sem dúvida, um dia a Ciência levará em consideração.

Podemos, então, subtrair-nos a essas influências que emanam de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem sombra de dúvida, porquanto, assim como saneamos os lugares insalubres, destruindo a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos envolve, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que podemos escapar às exalações paludosas, pois depende unicamente de nossa vontade, e aí não estará um dos menores

benefícios do Espiritismo, quando for universalmente compreendido e, sobretudo, praticado.

Um princípio perfeitamente constatado por todo espírita, é que as qualidades do fluido perispiritual estão na razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais elevados e desprendidos das influências da matéria forem os sentimentos, mais depurado será o seu fluido. Conforme os pensamentos que o dominam, o encarnado irradia fluidos, impregnados desses mesmos pensamentos, que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, conquanto impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis pelos sentidos perispirituais e visíveis pelos olhos da alma, pois impressionam fisicamente e afetam aparências muito diferentes para os que são dotados de visão espiritual.

Pelo só fato da presença dos encarnados numa assembleia, os fluidos ambientes serão bons ou maus. Quem quer que traga consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, numa palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha em torno de si eflúvios fluídicos enfermiços, que reagem sobre os que o cercam. Ao contrário, numa assembleia em que cada um só trouxesse sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar é impregnado de emanções salubres, em meio às quais se sente viver mais à vontade.

Se agora se considerar que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo traga consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que, assim, o ar seja *saturado* de fluidos em relação com os pensamentos que predominam. Se os maus pensamentos forem em minoria, não impedirão que as boas influências se produzam, pois estas os paralisam. Se dominarem, enfraquecerão a irradiação fluídica dos Espíritos bons, ou,

mesmo, por vezes impedirão que os bons fluidos penetrem nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios de sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Esse meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconhece que um alimento é prejudicial à saúde? É rejeitado e substituído por outro mais saudável. Já que são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem, deve-se envidar esforços para só os ter bons, repelir tudo o que é mal, como se repele um alimento que nos pode tornar doentes; numa palavra, trabalhar por seu melhoramento moral e, para nos servirmos de uma comparação do Evangelho, “não só limpar o vaso por fora, mas, sobretudo, limpá-lo por dentro”.

Melhorando-se, a Humanidade verá depurar-se a atmosfera fluídica em cujo meio vive, porque não lhe enviará senão bons fluidos, e estes oporão uma barreira à invasão dos maus. Se um dia a Terra chegar a ser povoada somente por homens que, entre si, pratiquem as leis divinas de amor e de caridade, ninguém duvida que eles se encontrarão em condições de higiene física e moral completamente diversas das hoje existentes.

Sem dúvida esse tempo ainda está longe, mas, enquanto se espera, essas condições podem existir parcialmente, cabendo às assembleias espíritas dar o exemplo. Os que tiverem possuído a luz serão mais repreensíveis, porque terão tido em mãos os meios de se esclarecer; incorrerão na responsabilidade dos retardamentos que seu exemplo e sua má vontade tiverem trazido ao melhoramento geral.

Isto é uma utopia, um discurso vão? Não; é uma dedução lógica dos próprios fatos, que o Espiritismo revela diariamente. Com efeito, o Espiritismo nos prova que o elemento espiritual, que até o presente tem sido considerado como a antítese do elemento material, tem com esse último uma conexão íntima, donde resulta uma porção de fenômenos não observados ou incompreendidos. Quando a Ciência tiver assimilado os elementos fornecidos pelo

Espiritismo, ela aí colherá novos e importantes elementos para o melhoramento material da Humanidade. Assim, a cada dia vemos alargar-se o círculo das aplicações da doutrina que, como alguns ainda pensam, está longe de se restringir ao pueril fenômeno das mesas girantes e outros efeitos de mera curiosidade. Realmente o Espiritismo não tomou o seu impulso senão no momento em que entrou na via filosófica; é menos divertido para certa gente, que nele buscava apenas uma distração, mas é mais bem apreciado pelas pessoas sérias, e o será ainda mais, à medida que for mais bem compreendido em suas consequências.

Emprego da palavra milagre

O jornal *La Vérité*, de Lyon, de 16 de setembro de 1866, num artigo intitulado *Renan e sua escola*, continha as reflexões seguintes, a propósito da palavra *milagre*.

Renan e sua escola nem se dão ao trabalho de discutir os fatos; rejeitam todos *a priori*, qualificando-os erroneamente de sobrenaturais e, portanto, impossíveis e absurdos, opondo-lhes um fim de não-aceitação absoluto e um *desdém transcendente*. Acerca disto Renan disse uma palavra eminentemente verdadeira e profunda: “*O sobrenatural não seria outra coisa senão o superdivino.*” Aderimos com toda a nossa energia a esta grande verdade, mas fazemos observar que a própria palavra *milagre* (*mirum*, coisa admirável e até então inexplicável) não quer dizer intervenção das leis da Natureza; longe disso: antes significa *flexibilidade dessas mesmas leis, ainda desconhecidas do espírito humano*. Diremos mesmo que sempre haverá milagres, porque a ascensão da Humanidade para o conhecimento cada vez mais perfeito, sendo sempre progressivo, esse conhecimento necessitará constantemente ser superado e aguilhoado por fatos que parecerão maravilhosos na época em que se produzirem e não serão compreendidos e explicados senão mais tarde. Um escritor muito acreditado de nossa escola deixou-se tomar por essa objeção; (Allan Kardec) repete em muitas passagens de suas obras que não há maravilhoso, nem milagres; é uma inadvertência resultante do falso

sentido de *sobrenatural*, repellido completamente pela etimologia da palavra. Dizemos nós que se a palavra *milagre* não existisse, para qualificar fenômenos ainda em estudo e saindo da ciência vulgar, seria preciso inventá-la, como a mais apropriada e a mais lógica.

Nada é sobrenatural, repetimos, porque fora da Natureza criada e inciada não há absolutamente nada de concebível; mas há o *sobre-humano*, isto é, fenômenos que podem ser produzidos por seres inteligentes outros que não os homens, segundo as leis de sua *natureza*, ou produzidos, quer mediatamente, quer imediatamente por Deus, conforme sua *natureza* ainda e conforme suas relações naturais com suas criaturas.

PHILALÉTHÈS

Graças a Deus não ignoramos o sentido etimológico da palavra *milagre*. Temo-lo provado em muitos artigos e, notadamente, no da *Revista* do mês de setembro de 1860. Não é, pois, nem por engano, nem por *inadvertência* que repelimos a sua aplicação aos fenômenos espíritos, por mais extraordinários que possam parecer à primeira vista, mas com perfeito conhecimento de causa e intencionalmente.

Em sua acepção usual a palavra *milagre* perdeu sua significação primitiva, como tantas outras, a começar pelo vocábulo *filosofia* (amor à sabedoria), da qual se servem hoje para exprimir as ideias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, *milagre* implica a ideia de um fato extranatural. Perguntai a todos os que acreditam nos milagres se os encaram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada neste ponto que anatematiza os que pretendem explicar os milagres pelas Leis da Natureza. A Academia mesma assim define este vocábulo: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. – Verdadeiro, falso milagre – Milagre comprovado – Operar milagres – O dom dos milagres.*

Para ser compreendido por todos, é preciso falar como todo o mundo. Ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos*, o público ter-se-ia enganado quanto ao seu verdadeiro caráter, a menos que empregasse de cada vez um circunlóquio e dissesse que há milagres que não são milagres, como geralmente se os entendem. Desde que a generalidade a isto liga a ideia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não passam de aplicação dessas mesmas leis, é muito mais simples e, sobretudo, mais lógico dizer claramente: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, nem há engano, nem falsa interpretação. Assim como o progresso das ciências físicas destruiu uma porção de preconceitos, e fez entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir mais ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, razão por que não é mal visto em parte alguma, tanto quanto não o são a Astronomia e a Geologia.

Se os que creem nos milagres entendessem esta palavra em sua acepção etimológica (coisa admirável), admirariam o Espiritismo, em vez de lhe lançar anátema; em lugar de aprisionar Galileu por ter demonstrado que Josué não podia ter parado o Sol, ter-lhe-iam tecido coroas por haver revelado ao mundo coisas de outro modo admiráveis, e que atestam infinitamente melhor a grandeza e o poder de Deus.

Pelos mesmos motivos, repelimos a palavra *sobrenatural* do vocabulário espírita. *Milagre* ainda teria sua razão de ser em sua etimologia, salvo em determinar a sua acepção; *sobrenatural* é uma insensatez do ponto de vista do Espiritismo.

O vocábulo *sobre-humano*, proposto por Philaléthès, em nossa opinião é igualmente impróprio, porque os seres que são agentes primitivos dos fenômenos espíritas, embora no estado de Espíritos, não deixam de pertencer à Humanidade. A palavra *sobre-humano* tenderia a sancionar a opinião longamente acreditada, e destruída pelo Espiritismo, que os Espíritos são criaturas à parte, fora da Humanidade. Outra razão peremptória é que muitos desses fenômenos

são o produto direto dos Espíritos encarnados, por conseguinte, homens, e em todo o caso, requerem quase sempre o concurso de um encarnado; portanto, não são mais sobre-humanos que sobrenaturais.

Uma palavra que também se afastou completamente de sua significação primitiva é *demônio*. Sabe-se que, entre os Antigos, dizia-se *dáimon* dos Espíritos de certa ordem, intermediários entre os homens e aqueles que eram chamados *deuses*. Esta denominação não implicava, na origem, nenhuma qualidade má; ao contrário, era tomada em bom sentido. O demônio de Sócrates certamente não era um Espírito mau, ao passo que, segundo a opinião moderna, saída da teologia católica, os demônios são anjos decaídos, seres à parte, essencialmente e perpetuamente votados ao mal.

Para ser conseqüente com a opinião de Philaléthès, seria preciso, em respeito pela etimologia, que o Espiritismo também conservasse a qualificação de demônios. Se o Espiritismo chamasse os seus fenômenos de *milagres* e os Espíritos de *demônios*, seus adversários teriam o queijo e a faca na mão! Seria repellido por três quartos dos que hoje o aceitam, porque nele veriam um retorno a crenças que já não são de nosso tempo. Vestir o Espiritismo com roupas usadas seria uma inabilidade, um golpe funesto na doutrina, que se veria em dificuldade para dissipar as prevenções que denominações impróprias tivessem alimentado.

Revista Retrospectiva das Ideias Espíritas

PUNIÇÃO DO ATEU

“*Viagem pitoresca e sentimental ao Campo de Repouso de Montmartre e do Père-Lachaise*; por Ans. Caillot, autor da *Enciclopédia das Jovens*, e das *Novas Lições Elementares da História de França*.” Tal é o título de um livro publicado em Paris em 1808, e que hoje deve ser muito raro. O autor, depois de historiar e descrever

esses dois cemitérios, cita um grande número de inscrições tumulares, sobre cada uma das quais faz reflexões filosóficas, marcadas por profundo sentimento religioso, provocado pelo pensamento que as ditou. De início observamos a passagem seguinte, na qual se encontra claramente expressa a ideia da reencarnação:

Que sábio e que homem profundamente religioso foi o primeiro a chamar *Campo de repouso* o último asilo deste ser cuja existência, até seu último suspiro, é atormentado pelos seres que o cercam e por si mesmo! Aqui todos repousam no seio da mãe-comum, num sono que não é senão o *precursor do despertar*, isto é, de uma nova existência. Esses restos veneráveis a terra os conserva como um depósito sagrado; e se ela se apressa em dissolvê-los, é para depurar seus elementos e os tornar mais dignos da inteligência que os *reanimará um dia para novos destinos*.

Mais adiante diz:

Oh! quanto o cego e audacioso mortal que ousou te expulsar de seu espírito e de seu coração (o ateu que renega a Deus) ficou admirado quando sua alma compareceu ante a Majestade Infinita! Como não se viu seus despojos agitar-se e tremer de surpresa e de terror! Como sua língua gelada não se animou para exprimir o espanto de que estava ferida, quando a carne não mais se achou entre ela e teus divinos olhares! Grande Deus! causa universal, alma da Natureza! todos os seres te reconhecem e te celebram como teu único autor: só o homem desviaria de ti o espírito inteligente e racional que lhe dás para te glorificar? Ah! sem dúvida, e apraz-me crê-lo, não houve um só dos quarenta mil mortais, cujos corpos jazem aqui no pó, que não tivesse a convicção de tua existência e o sentimento de tuas adoráveis perfeições.

Quando eu acabava de pronunciar com emoção estas últimas palavras, um ruído se fez ouvir ao meu lado. Lancei o olhar para esse lado e — coisa admirável e inaudita! — percebi um espectro que, envolto em sua mortalha, tinha saído de um túmulo e avançava gravemente para mim, para me falar. Esta aparição não seria um

jogo de minha imaginação? É o que me é impossível assegurar. Mas o diálogo seguinte, que bem conservei, fez-me crer que eu não era o único interlocutor para dois papéis ao mesmo tempo.

Aqui faremos uma pequena observação crítica, primeiramente sobre a qualificação de *espectro*, dada pelo autor à aparição, real ou suposta. Esta palavra lembra muito as ideias lúgubres que a superstição liga ao fenômeno das aparições, hoje perfeitamente *explicado*, conforme o conhecimento que se tem da constituição dos seres espirituais. Em segundo lugar, sobre o fato de ele fazer essa aparição sair do túmulo, como se alma aí tivesse a sua habitação. Mas isto não passa de um detalhe de forma, devido a preconceitos longamente arraigados; o essencial está no quadro que ele apresenta da situação moral dessa alma, situação idêntica à que hoje nos revelam as comunicações com os Espíritos.

O autor relata como segue o diálogo que teve com o ser que lhe apareceu:

Quando o espectro se aproximou de mim, fez-me ouvir estas palavras com uma voz tal que me era impossível especificar o som, pois jamais tinha ouvido som semelhante entre os homens:

“Fazes bem em adorar a Deus. Guarda-te de jamais me imitar, porque fui um ateu.”

Eu – Então não acreditavas que existisse um Deus?

O espectro – Não. Ou antes, eu fingi que não acreditava.

Eu – Que razões tinhas para não acreditar que o Universo foi criado e é governado por uma Inteligência Suprema?

O espectro – Nenhuma. Por mais que procurasse, não encontrava pontos sólidos e estava reduzido a só repetir vãos sofismas, que havia lido nas obras de alguns supostos filósofos.

Eu – Se não tinhas boas razões para ser ateu, então tinhas motivos para o parecer?

O espectro – Sem dúvida. Vendo todos os meus semelhantes penetrados da ideia de um Deus e do sentimento de sua existência, o orgulho que me cegava levou-me a me distinguir da multidão, sustentando a quem quer que me quisesse ouvir que Deus não existia e que o Universo era obra do acaso, ou mesmo que sempre tinha existido. Considerava como uma glória pensar neste grande assunto de modo diverso de todos os homens, e *não achava nada mais lisonjeiro que ser considerado no mundo como um Espírito bastante forte para se levantar contra a crença comum de todos os homens e de todos os séculos.*

Eu – Não tinhas outro móvel além do orgulho para abraçar o ateísmo?

O espectro – Sim.

Eu – Qual? Dize a verdade.

O espectro – A verdade!... Sem dúvida eu a direi, pois me é impossível na ordem de coisas em que existo combatê-la ou dissimulá-la.

Como todos os meus semelhantes, nasci com o sentimento da existência de um Deus, autor e princípio de todos os seres. Esse sentimento, que a princípio não passava de um germe, no qual meu Espírito nada descobria, desenvolveu-se pouco a pouco; e quando atingi a idade da razão e adquiri a faculdade de refletir, não tive de fazer nenhum esforço para dele me livrar. Quantas lições de meus pais e de meus mestres me agradavam, quando Deus e suas perfeições infinitas eram o assunto! Quanto me encantava o espetáculo da Natureza e que doce satisfação experimentava quando me falavam desse grande Deus, que tudo criou por seu poder, sustenta, governa e conserva tudo por sua sabedoria!

Entretanto, cheguei à adolescência e as paixões começaram a me fazer ouvir sua voz sedutora. Estabelecia ligações com jovens da

minha idade; segui seus funestos conselhos e me conformei com seus perigosos exemplos. Entrando no mundo com essas disposições condenáveis, não pensei mais senão em lhe fazer o sacrifício de todos os princípios de virtude e de sabedoria que a princípio me havia inspirado. Esses princípios, diariamente atacados por minhas paixões, refugiaram-se no fundo de minha consciência e aí se transformaram em remorsos. Como esses remorsos não me deixassem nenhum repouso resolvi aniquilar, tanto quanto estava em mim, a causa que os havia gerado. Achei que essa causa não era outra senão a ideia de um Deus remunerador da virtude e vingador do crime; e o ataquei com todos os sofismas que meu Espírito pôde inventar ou descobrir nas obras destinadas a espalhar a doutrina do ateísmo.

Eu – Ficavas mais tranquilo quando amontoavas sofismas sobre sofismas contra a existência de Deus?

O espectro – Por mais que fizesse, o repouso me fugia incessantemente. Mau grado meu, eu estava convencido e, embora a boca não pronunciasse uma palavra que não fosse uma blasfêmia, não tinha um sentimento que não combatesse contra mim, em favor de Deus.

Eu – Que se passou contigo durante a moléstia de que morreste?

O espectro – Eu quis sustentar até o fim o caráter de espírito forte, mas o orgulho me impedia de confessar o meu erro, não obstante sentisse interiormente uma premente necessidade. Foi nesta criminosa e falsa disposição que deixei de existir.

Eu – O que te aconteceu quanto teus olhos se fecharam para sempre à luz?

O espectro – Encontrei-me inteiramente cercado pela majestade de Deus e fui tomado de tão profundo terror que não acho um termo que te possa dar uma ideia justa. Eu esperava muito ser rigorosamente punido, mas o soberano juiz, cuja misericórdia suaviza a

justiça, relegou-me a uma tenebrosa região, habitada pelos Espíritos que tiveram mãos inocentes e cérebro doentio.

Eu – Qual a sorte dos ateus que cometeram crimes contra a sociedade de seus semelhantes?

O espectro – O Ser dos seres os pune por terem sido maus, e não por se terem enganado, pois despreza as opiniões e só recompensa ou pune as ações.

Eu – Então não és castigado na morada tenebrosa onde estás exilado?

O espectro – Aí sofro uma pena mais cruel do que podes imaginar. Deus, depois de me haver condenado, afastou-se de mim; imediatamente *perdi toda ideia de sua existência, e o nada se me apresentou em todo o seu horror.*

Eu – O quê! perdeste inteiramente a ideia da Deus?

O espectro – Sim. *É o maior suplício que um Espírito imortal pode suportar, e nada pode fazer conceber o estado de abandono, de dor e de desordem em que se encontra.*

Eu – Qual é, pois, a tua ocupação com os Espíritos submetidos ao mesmo suplício?

O espectro – Nós nos altercamos incessantemente, sem nos entendermos. O desatino e a loucura presidem a todos os nossos debates e, na profunda escuridão em que se acha sepultada a nossa inteligência, não há nenhuma opinião, nenhum sistema que ela não adote, para logo os rejeitar e conceber novas extravagâncias. É, pois, a agitação perpétua desse fluxo e refluxo de ideias sem fundamento, sem continuidade, sem ligação, que consiste o castigo dos filósofos que foram ateus.

Eu – A despeito de tudo, raciocinas neste momento.

O espectro – É porque meu suplício logo vai terminar. Ele foi muito longo, porque, embora na Terra não se contem senão dois anos desde minha morte, sofri de tal modo essas loucuras que disse e ouvi, que me parece já se terem passado milhares de séculos na região dos sistemas e das disputas.

Depois de ter assim falado, o espectro inclinou-se, adorou a Deus e desapareceu.

Quando me refiz da emoção causada pelo que acabara de ver e ouvir, meus pensamentos se reportaram às coisas espantosas que o espectro me havia ensinado. O que me disse do primeiro Ser corresponde à ideia que tão grande número de homens fizeram? Que acabo de ouvir? Quê! o próprio ateu, o horror de seus semelhantes, acabou por encontrar graça aos olhos desta Divindade que me apresentam como uma natureza vingativa e invejosa? Oh! quem ousará dizer-me agora: Se não adotares tal ou qual opinião, serás condenado a eternos suplícios? Que bárbaro ousará dizer: Fora de minha comunhão não há salvação? Ser incompreensível e todo misericordioso, tu encarregaste alguém do cuidado de te vingar? É a uma vil criatura que compete dizer aos seus semelhantes: pensai como eu, ou sereis infeliz para sempre! Que limites, grande Deus! Podemos nós, seres limitados que somos, fixar a tua clemência e a tua justiça? E com que direito eu te diria: Aqui tu recompensarás, ali tu punirás? Respondei, ó mortos que jazeis no pó! Foi possível a todos vós que tivésseis a mesma crença na qual eu nasci? Vossas inteligências foram todas igualmente tocadas por provas que estabelecem os mistérios que eu adoro e os dogmas nos quais creio? Oh! como os degraus de uma crença seriam os mesmos em toda parte, assim como os degraus da convicção? Homem intolerante e cruel vem se tens coragem, sentar-te ao meu lado, e ousa dizer às vítimas da morte, cujas lições escutei: “Aqui sois quarenta mil. Pois bem! não há senão dez, cinquenta, cem entre vós que o Deus vingador não devotou às chamas eternas!”

Se esse fosse o discurso de um insensato, para que serviria a religião dos túmulos? Por que deveria eu respeitar as cinzas dos que adoram

o grande Ser à minha maneira? É neste recinto, onde os inimigos de minha crença repousam, confundidos com seus sectários, que eu poderia ouvir as lições da verdadeira sabedoria? E de que impiedade eu me tornaria culpado, comunicando com inteligências reprovadas, a cujos despojos venho render uma homenagem inspirada pela religião, como pela Humanidade?

Uma expiação terrestre

O JOVEM FRANÇOIS

As pessoas que leram *O céu e o inferno* sem dúvida se lembram da tocante história de “Marcel, o menino do nº 4”, referida no capítulo VIII das *Expiações terrestres*. O fato seguinte apresenta um caso mais ou menos análogo e não menos instrutivo, como aplicação da soberana justiça e como explicação do que muitas vezes parece inexplicável em certas posições da vida.

Numa boa e honesta família morreu, em outubro de 1866, um rapazote de 12 anos, cuja vida, durante nove anos, tinha sido um sofrimento contínuo, que nem os cuidados afetuosos de que era cercado, nem os socorros da Ciência tinham podido ao menos suavizar. Era acometido de paralisia e hidropisia; seu corpo estava coberto de chagas, invadidas pela gangrena e suas carnes caíam aos pedaços. Muitas vezes, no paroxismo da dor, ele exclamava: “Que fiz eu então, meu Deus, para merecer tanto sofrer? E, contudo, desde que estou no mundo não fiz mal a ninguém!” Instintivamente esse rapazinho compreendia que o sofrimento devia ser uma expiação, mas, ignorando *a lei de solidariedade das existências sucessivas*, não remontando seu pensamento além da vida presente, não se dava conta da causa que nele pudesse justificar tão cruel castigo.

Uma particularidade digna de nota foi o nascimento de uma irmã, quando ele tinha cerca de três anos. Foi nesta época que se declararam os primeiros sintomas da terrível enfermidade da qual devia sucumbir. Desde esse momento ele sentiu pela recém-vinda

uma repulsa tal que não podia suportar sua presença, parecendo que sua vista redobrava seus sofrimentos. Muitas vezes ele se censurava por esse sentimento, que nada justificava, porque a pequena não o partilhava; ao contrário, ela era doce e amável para com ele. Ele dizia à sua mãe: “Por que, então, a vista de minha irmã me é tão penosa? Ela é boa para mim e, mau grado meu, não me posso impedir de detestá-la.” Entretanto, não podia suportar que lhe fizessem o menor mal, nem que a contrariassem; longe de se deleitar com suas penas, afligia-se quando a via chorar. Era evidente que nele dois sentimentos se combatiam; compreendia a injustiça de sua antipatia, mas seus esforços para superá-la eram impotentes.

Que tais enfermidades fossem, em certa idade, consequência de mau procedimento, seria uma coisa muito natural. Mas de que faltas tão graves uma criança desta idade pode tornar-se culpada para suportar semelhante martírio? Além disso, de onde podia provir esta repulsa por um ser inofensivo? Estes são problemas que se apresentam a todo instante, e que levam muita gente a duvidar da justiça de Deus, porque aí não encontram solução em nenhuma religião. Ao contrário, essas aparentes anomalias encontram sua completa justificação na solidariedade das existências. Um observador espírita poderia, então, dizer, com toda aparência de razão, que esses dois seres eram conhecidos e tinham sido colocados ao lado do outro na existência atual para alguma expiação, e para a reparação de alguma falta. Do estado de sofrimento do irmão, podia-se concluir que ele era o culpado, e que os laços de parentesco próximo que o uniam ao objeto de sua antipatia lhe eram impostos para preparar entre eles as vias de uma reconciliação. Assim, já se vê no irmão uma tendência e esforços para superar a sua aversão, que reconhece injusta. Esta antipatia não tinha os caracteres do ciúme que por vezes se nota em crianças do mesmo sangue. Ela provinha, pois, conforme toda a probabilidade, de lembranças dolorosas, e, talvez, do remorso que despertava a presença da menina. Tais as deduções que, racionalmente e por analogia, podem ser tiradas da observação dos fatos, e que foram confirmadas pelo Espírito do rapazote.

Evocado quase imediatamente após a morte, por uma amiga da família, pela qual nutria grande afeição, de início não pôde explicar-se de maneira completa, prometendo, ulteriormente, dar detalhes mais circunstanciados. Entre as diversas comunicações que deu, eis as duas que se referem mais particularmente à questão:

Esperais de mim o relato que prometi acerca do que fui numa existência anterior, e a explicação da causa de meus grandes sofrimentos; será um ensinamento para todos. Bem sei que esses ensinamentos estão em toda parte e se encontram por todos os lados; mas o relato de fatos cujas consequências nós mesmos vimos, é sempre, para os que existem, uma prova muito mais admirável.

Pequei, sim pequei! Sabeis o que é ter sido assassino, ter atentado contra a vida de seu semelhante? Não o fiz pela maneira como os assassinos empregam, matando imediatamente, seja com uma corda, seja com uma faca ou qualquer outro instrumento; não, não foi dessa maneira. Matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, eu detestava esta criança que julgava não me pertencer! Pobre inocente! Tinha merecido esta triste sorte? Não, meus pobres amigos, não o tinha merecido, ou, pelo menos, não me cabia fazê-la sofrer esses tormentos. E, contudo, eu o fiz, razão por que fui obrigado a sofrer como vistes.

Eu sofri, meu Deus! Terá sido bastante? Sois tão bom, Senhor! Sim, em presença de meu crime e da expiação, acho que fostes muito misericordioso.

Orai por mim, caros pais, caros amigos. Agora meus sofrimentos passaram. Pobre Sra. D..., eu vos faço sofrer! é que era muito penoso para mim vir fazer a confissão desse crime imenso!

Esperança, meus bons amigos, Deus perdoou minha falta; agora estou na alegria e, entretanto, também na pena. Vedel! Por mais que se esteja num estado melhor, por mais que se tenha

expiado, o pensamento, a lembrança dos crimes deixam tal impressão que é impossível que não se sinta ainda por muito tempo todo o horror, porque não foi somente na Terra que sofri, mas antes, nesta vida espiritual! E quanto sofri para me decidir a vir sofrer esta expiação terrível! Não vos posso narrar tudo isto, porque seria muito horroroso! A visão constante de minha vítima, e a outra, a pobre mãe! Enfim, meus amigos: preces por mim e graças ao Senhor! Eu vos tinha prometido este relato. Era preciso que eu pagasse até o fim a minha dívida, custasse o que custasse.

(Até aqui o médium havia escrito sob o império de viva emoção.

Continuou com mais calma.)

E agora, meus bons pais, uma palavra de consolação. Obrigado, oh! obrigado! a vós que me ajudastes nesta expiação e que carregastes uma parte; suavizastes, tanto quanto de vós dependia, o que havia de amargo em meu estado. Não vos entristeçais, é coisa passada; estou feliz, eu vo-lo disse, sobretudo comparando o estado passado com o presente. Amo-vos a todos; agradeço-vos; abraço-vos; amai-me sempre. Encontrar-nos-emos e, todos juntos, continuaremos esta vida eterna, esforçando-nos para que a vida futura resgate inteiramente a vida passada.

Vosso filho, FRANÇOIS E.

Numa outra comunicação, o Espírito do jovem François completou as informações acima:

P. – Caro rapaz, não disseste de onde vinha tua antipatia por tua irmãzinha.

Resp. – Não o adiviniais? Esta pobre e inocente criatura era minha vítima, que Deus tinha ligado à minha última existência como um remorso vivo. Eis por que sua vista me fazia sofrer tanto.

P. – Entretanto, não sabias quem era ela.

Resp. – Não o sabia em vigília, sem o que meus tormentos teriam sido cem vezes mais horríveis; tão horríveis quanto tinham sido na vida espiritual, em que eu a via incessantemente. Mas credes que meu Espírito, nos momentos em que estava desprendido, não o soubesse? Era a causa de minha repulsa, e se me esforçava por combatê-la, é que instintivamente sentia que era injusta. Eu não era ainda bastante forte para fazer o bem àquela que eu não podia impedir-me de detestar, mas não queria que lhe fizessem mal: era um começo de reparação. Deus me levou em conta este sentimento, permitindo que cedo eu ficasse livre de minha vida de sofrimento, sem o que eu teria podido viver ainda longos anos na horrível situação em que me vistes.

Bendizei, pois, minha morte, que pôs um termo à expiação, porque foi a garantia de minha reabilitação.

P. – [Ao guia do médium] Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que a isto seja necessário juntar os sofrimentos corporais?

Resp. – Sofrer num mundo ou no outro é sempre sofrer, e se sofre por tanto tempo até que a reabilitação seja completa. Este menino sofreu muito na Terra. Pois bem! isto nada é em relação com o que suportou no Mundo dos Espíritos. Aqui ele tinha, em compensação, os cuidados e a afeição de que era rodeado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual: o primeiro é quase sempre aceito voluntariamente, como complemento de expiação, ou como prova para adiantar-se mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: inicialmente para que a reparação se faça nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrer e sabendo a razão disto, ficam muito mais impressionados do que saber que são infelizes como Espíritos; podem melhor explicar-se a causa de seus próprios sofrimentos; de certo modo a Justiça Divina se mostra palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião para os encarnados exercitarem

a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração e, muitas vezes, um meio de reparar erros anteriores; porque, crede-o bem, quando um infeliz se acha em vosso caminho, não é por efeito do acaso. Para os pais do jovem François, era uma grande prova ter um filho nessa triste posição. Pois bem! eles cumpriram dignamente sua missão, e serão tanto mais recompensados quanto agiram espontaneamente, pelo próprio impulso do coração. Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é porque na Terra só haveria Espíritos perfeitos.

Galileu

FRAGMENTOS DO DRAMA DO SR. PONSARD

(Ver o número precedente)

Um século antes de Galileu, Copérnico tinha concebido o sistema astronômico que traz o seu nome.²³ Com o auxílio do telescópio que havia inventado, e juntando a observação direta à teoria, Galileu completou as ideias de Copérnico e demonstrou sua verdade pelo cálculo. Com seu instrumento, pôde estudar a natureza dos planetas e, de sua similitude com a Terra, concluiu pela sua habitabilidade. Igualmente tinha reconhecido que as estrelas são outros tantos sóis, disseminados nos espaços sem limites, e pensou que cada um devia ser o centro do movimento de um sistema planetário. Aca- bava de descobrir os quatro satélites de Júpiter e este acontecimento abalou o mundo científico e o mundo religioso. O poeta se dedica a pintar, no seu drama, a diversidade dos sentimentos que excitou, conforme o caráter e os preconceitos dos indivíduos.

Dois estudantes da Universidade se entretêm com a descoberta de Galileu, e como não estão de acordo, buscam a opinião de um professor de renome.

²³ Nota de Allan Kardec: Copérnico, astrônomo polonês, nascido em Thorn (Estados prussianos) em 1473, morto em 1543. – Galileu, nascido em Florença em 1564, condenado em 1633, morto em 1644, cego. O sistema de Copérnico já era condenado pela Igreja.

Albert:

Nós num ponto, doutor, em desacordo estamos,
Queríamos, pois, saber o que pensais.

Pompeu:

Ele aceita pedir conselhos bons, reais,
— De que se trata, então?

Vivian:

Dos satélites vistos
De Júpiter ao redor nos orbitais previstos.

Pompeu:

Não existem, não.

Vivian:

Mas...

Pompeu:

Não podem existir.

Vivian:

Podemos, entretanto, os ver e conferir.

Pompeu:

Não, nem mesmo os contar que inexistentes são.

Albert:

Tu o ouves, Vivian?

Vivian:

E por que mestre, então?

Pompeu:

E porque sustentar que Deus pode ter feito
Quatro globos além dos sete com efeito.
É propósito mau, um tema em fantasia,
Antirreligioso e sem filosofia.

(E vendo Galileu seguido por muitos estudantes)

Basbaques, tolos, são! e infame charlatão!

Albert a Vivian:

Vês que o doutor Pompeu contra ti se revela.

Vivian:

Bem melhor pra Doutrina em que creio e tão bela;

É de toda a verdade a marcha natural,

Contra ela amotinar-se os pedantes do mal.

Aí bem está a força do raciocínio de certos negadores das ideias novas: isto não é porque não pode ser. Perguntava-se a um sábio: Que diríeis se vísseis uma mesa erguer-se sem ponto de apoio? — Não acreditaria, respondeu ele, porque sei que isto não pode ser.

Um monge, pregando à multidão:

Escutai o que diz o Apóstolo: Nos céus

Vossos olhos passeais, por que, ó Galileus?

Que ele, assim, de antemão anátema lançava

Contra ti, Galileu, e teu plano atacava.

Nós mesmos vemos, hoje, e muito claramente,

Quanto horror tem o céu a este ensino inciente,

E o Arno transbordado e o gelo nos vinhais,

Do divino furor são dolentes sinais.

Meus irmãos, desdenhai as mentiras grosseiras;

Para a Terra marchar só com pés, sem canseiras?

Pois se a Lua se move é que há um anjo que a guia;

Porque a cada planeta um condutor vigia;

Mas da Terra, seu anjo, onde ele está, nos montes?

Seria visto aí. — No centro? O mal tem fontes.

Lívia, mulher de Galileu, é o tipo de pessoa de mente estreita, mais preocupada com a vida material do que com a glória e a verdade.

Lívia, a Galileu:

...Por que a mente esquentar,
 Novos ensinos tens em vão a divulgar?
 Tais novidades são resumíveis num termo.
 Invenção do diabo e o mal expresso em ermo.
 Pelo modo por que vos olha cada qual.
 Se não te guardas bem, isto acabará mal.
 Oh! por que não seguir os dignos professores
 Que isso dizem citando os seus predecessores?
 Eis pessoas em quem reina sempre o bom senso;
 Ensinam sem questão no que esperam consenso,
 E sem se desgastar em público abatido
 Se a Aristóteles ou Copérnico haver crido,
 Sustentam com saber que a certa opinião
 Aquela deve ser por qual se paga então,
 Se a Aristóteles cabe o cofre-forte abrir,
 Aristóteles faz Copérnico sair.
 Não se fazem assim dissentir com ninguém;
 Mas embolsam em paz os florins que lhes vêm;
 Prosperam; moram bem; e sempre bem nutridos;
 As filhas dotes têm com que encontram maridos;
 Seu auditório é suave e nunca atormentado;
 Retornam sempre ao lar para o caldo esperado;
 Mas vós, vós fazeis raiva, e alguém vos aplaudia
 E nesse meio tempo, eis que o jantar esfria.

Fragmentos do monólogo de Galileu no começo do
 segundo ato:

Não mais o tempo em que, no reino solidão,
 A Terra no seu trono era imóvel então;
 Não, o carro veloz, levando o astro do dia
 Do nascer até se pôr não mais seu rumo guia;

Pois já do firmamento a curva cristalina
Que, como um teto azul, de lustres se ilumina;
Não é só para nós que Deus fez universos;
Mas antes de nos ter fomos no orgulho imersos!
Pois se abdicamos nós uma realeza falsa,
Porquanto da verdade a Ciência nos exalça;
Faz-se o corpo menor, mais o Espírito cresce;
Nossa nobreza crê ou nossa fé decresce.
Para o homem é mais belo, ínfima criatura,
Os intrincados véus ele abrir da Natura,
E de ousar abraçar em sua concepção
A lei universal da própria Criação,
Como nos dias ser, de vaidosa mentira
Rei de certa ilusão que num sonho se mira,
Centro inculco de um todo e do qual crê-se autor,
E só por ter pensado, hoje acha-se senhor.
O Sol, globo de fogo, gigantesca fornalha.
Um caos incandescente e de onde a vida espalha,
Tempestivo oceano onde oscilam perdidos
Rochas que se diluem e alguns metais fundidos,
Batendo e misturando, as vagas inflamadas
São negras explosões de fumo carregadas,
Uma ilhota vermelha exsurge do crisol,
Tolda pela manhã, hoje a face do Sol;
Almeja em torno a ti, ó incêndio fecundo,
A Terra, nossa mãe, um resfriar profundo,
E, resfriados como ela, e, que *vivem como ela;*
Marte sempre sangrento e Vênus de luz bela;
Junto ao teu esplendor, Mercúrio vive assim,
E desse reino teu Saturno no confim,

E por Deus, para mim, e com venturas suas
 A Júpiter coroa um quádruplo de luas.
 Mas, astro soberano e centro desses mundos
 Para além desse império os limites profundos,
 Os milhares de sóis numerosos e densos,
 Que ninguém contar pode em seus grupos imensos.
 Prolongam, como tu, suas vastas crateras,
 Movendo, como tu, planetárias esferas,
 Que lhes giram em torno, o seu curso a compor,
 E colhem de seu rei claridade e calor.
 Oh! sim, sois vós melhor que as lâmpadas noturnas,
 Que dariam mais luz que as chamas taciturnas,
 Inúmeros clarões, estrelas que empoeirais,
 De vossa areia de ouro as sendas azulais.
Em casa vos palpita a vida universal,
 Mais não vemos senão uma centelha astral.

...

E em toda a parte ação, o movimento e a alma!
 Rolando, aqui e ali, em seus centros sem calma,
Globos de habitação, cujos homens pressinto,
Viverem meu viver, sentirem como eu sinto,
Uns rebaixados mais, enquanto outros talvez
Em mais altos degraus na ordem de sua vez!
 Quão grande! Como é belo! Em que culto profundo!
 O Espírito em torpor, se perde em abismo fundo!
 Copiosíssimo autor, que tua onipotência
 Aí se mostra em glória e em tal magnificência!
 Que a vida a se expandir em ondas no infinito,
 Vastamente proclama o teu nome bendito!
 Perseguidores, ide! Anátemas lançai!

Tenho mais fé que vós, sabendo pois ficai.
Deus, que vós invocais, melhor que vós imerso
Nele vejo: só lama, e pra vós é o Universo;
Para mim sobretudo a obra divina brilha;
Vós a fazeis estreita, e eu lhe redobro a trilha;
Como se dava aos reis carro triunfador,
Universos coloco aos pés do Criador.

Fragmentos do diálogo entre o inquisidor e Galileu:

O Inquisidor:

Verdadeiro não é qual o das Escrituras;
Erro é tudo o que resta, e visões, e imposturas;
Quem no contrário crê em seu ensinamento
Não é esclarecido, é um cego desatento.

Galileu:

Sim, a fé do cristão tem a norma que a guia;
Seu único poder reina na teologia.
E deve a adoração curvar nossos esp'ritos
Aos dogmas divinais em que aí são inscritos;
Mas da matéria o mundo escapa à força insana;
Deus o entrega inteiro à discussão humana;
Por de coisas tratar que caem sob os sentidos,
Sentidos e razão se mostram combalidos;
A autoridade cala; e nula a ordem se faz
Bem no centro da esfera os raios desiguais.
De heresia se anula acusar-se o compasso.
Nem aos corpos impor que não girem no espaço.
Enfim, o olho é juiz do Universo visível.
Se o imutável dogma é na Bíblia intangível,
A Ciência repele essa imobilidade.

E nos ferros morrendo alcança a liberdade.

...

O Inquisidor:

...

Ora, não vês então que teu novo sistema
 Turvando a astronomia à fé deixa em dilema?
 O erro material em certo ponto aceito,
 Em todo o Testamento o exame faz suspeito;
 Quem uma vez falhou não é mais infalível;
 A dúvida se aceita, o exame é ato possível,
 E logo há conclusão, se alguém ousa julgar,
 Da física inexata o dogma se enganar.

Galileu:

Eu a fé destruir, quando engrandeço o culto!
 Em sua obra ver Deus é lhe fazer insulto?
 Ah! senti-la melhor, é melhor adorá-la,
 E entanto, honrá-la mal é que é desfigurá-la.
 Os céus conforme a *Bíblia* em que devemos crer,
 Os céus de seu Autor glória nos fazem ver;
 Bem melhor que ninguém lhe escuto a narração,
 E tenho repetido o que a dizer estão.

...

De uma verdade nova há quem lhe barre o fio?
 Uma gota deter, será deter um rio?
 Crede-me, respeitai estas aspirações,
 Elas têm muito impulso e muitas expansões
 Pra deixar-se reter nas grades da prisão;
 Deixai-lhes livre o campo ou *morte ao barreirão!*
 – Ah! Roma ao ver um dia os teus cultos proscritos,
 Dizias nada opor senão do gládio aos ritos;

Só triunfaste, então, ao mudar de papel
E opondo ao próprio gládio a palavra em laurel.
Antônia, filha de Galileu, vendo proscrito o pai, lhe diz:
Tua filha, eis-me aqui. Sim, meu piedoso amor
Seguirá o proscrito, e dos céus vencedor.
Levando, vale a vale, o teu bastão assim,
Direi: “De Galileu o pão trouxe-mo a mim,
Para aquele que um lar negaram-lhe os cristãos,
E altar teria tido entre os povos pagãos”.

Galileu sondou as profundezas dos céus e revelou a pluralidade dos mundos materiais. Como dissemos, foi toda uma revelação nas ideias; um novo campo de exploração foi aberto à Ciência. O Espiritismo vem operar outra não menor, revelando a existência do Mundo Espiritual que nos rodeia; graças a ele o homem conhece seu passado e seu verdadeiro destino. Galileu derubou as barreiras que circunscreviam o Universo: o Espiritismo o povoa e enche o vazio dos espaços infinitos. Embora mais de dois séculos nos separem das descobertas de Galileu, muitos preconceitos ainda estão vivos; a nova doutrina emancipadora encontra os mesmos obstáculos; atacam-na com as mesmas armas, opõem-lhe os mesmos argumentos. Lendo o drama do Sr. Ponsard, poder-se-ia dar nomes próprios modernos a cada um de seus personagens. Entretanto, a má vontade e a perseguição não impediram que a doutrina de Galileu triunfasse, porque era a verdade. Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo, porque é, também, uma verdade. Seus detratores serão olhados pela geração futura com os mesmos olhos com que olhamos os de Galileu.

Lumen

Por Camille Flammarion

(2º artigo – Vide o número de março)

Deixamos Lumen em *Capela*, ocupado em considerar a Terra, que acabava de deixar. Estando este mundo situado a 170 trilhões e 392 bilhões de léguas da Terra, e percorrendo a luz 70 mil léguas por segundo, esta não pode chegar de um a outro senão em 71 anos, 8 meses e 24 dias, ou seja, cerca de 72 anos. Disso resulta que o raio luminoso que leva a imagem da Terra só chega aos habitantes de Capela ao cabo de 72 anos. Tendo Lumen morrido em 1864, e lançando o olhar sobre Paris, a viu tal qual era 72 anos antes, isto é, em 1793, ano de seu nascimento.

De início ficou muito surpreso por encontrar tudo diferente do que tinha visto, de ver ruelas, conventos, jardins, campos, em lugar de avenidas, novos bulevares, estações ferroviárias etc. Viu a Place de la Concorde ocupada por uma imensa multidão e foi testemunha ocular do advento de 21 de janeiro.²⁴ A teoria da luz lhe deu a chave deste estranho fenômeno. Eis a solução de algumas dificuldades que ele levanta.²⁵

Sitiens – Mas, então, se o passado pode confundir-se com o presente; se a realidade e a visão se casam do mesmo modo; se

²⁴ Nota do tradutor: Flammarion se refere à execução de Luís XVI, ocorrida em 21 de janeiro de 1793.

²⁵ Nota de Allan Kardec: Segundo o cálculo, e em razão da distância do Sol, que é de 38 milhões e 230 mil léguas de 4 quilômetros, a luz desse astro nos chega em 8 minutos e 13 segundos. Disso resulta que um fenômeno que se passasse em sua superfície só nos chegaria 8 minutos e 13 segundos mais tarde, e se tal fenômeno fosse instantâneo, já não existiria mais quando o víssemos. Sendo a distância da Lua de apenas 85 mil léguas, sua luz nos chega mais ou menos em um segundo e um quarto; por conseguinte, as perturbações que aí pudessem acontecer nos apareceriam pouco depois do momento em que ocorressem. Se Lumen estivesse na Lua, teria visto a Paris de 1864, e não de 1793. Se estivesse num mundo duas vezes mais afastado do que Capela, teria visto a Regência.

peças mortas há muito tempo ainda podem ser vistas representando na cena; se as construções novas e as metamorfoses de uma cidade como Paris podem desaparecer e deixar ver em seu lugar a cidade de outrora; enfim, se o presente pode apagar-se para a ressurreição do passado, sobre que certeza, de agora em diante, podemos confiar? Em que se tornam a Ciência e a observação? Em que se tornam as deduções e as teorias? Em que se fundam os nossos conhecimentos, que nos parecem os mais sólidos? E se essas coisas são verdadeiras, não devemos, doravante, duvidar de tudo ou crer em tudo?

Lumen – Estas considerações e muitas outras, meu amigo, me absorveram e atormentaram, mas não impediram de ser a realidade que eu observava. Quando tive a certeza de que tínhamos presente sob os olhos o ano de 1793, pensei imediatamente que a própria Ciência, em vez de combater esta realidade — porque duas verdades não podem opor-se entre si — devia me dar a sua explicação. Então interrogué a física e esperei sua resposta. (Segue a demonstração científica do fenômeno.)

Sitiens – Assim, o raio luminoso é como um correio, que nos traz notícias do estado do país que o envia, e que, se levar 72 anos para nos chegar, dá-nos o estado desse país no momento de sua partida, isto é, cerca de 72 anos antes do momento em que nos chega.

Lumen – Adivinhastes o mistério. Para falar mais exatamente ainda, o raio luminoso seria um correio que nos trouxesse, não notícias escritas, mas a fotografia, ou mais rigorosamente ainda, o próprio aspecto do país de onde saiu. Quando, pois, examinamos ao telescópio a superfície de um astro, ainda não vemos esta superfície tal qual é no momento mesmo em que a observamos, mas tal qual era no momento em que a luz que nos chega foi emitida por essa superfície.

Sitiens – De sorte que se uma estrela cuja luz leva, supo-
nhamos, dez anos para chegar até nós, fosse subitamente aniquilada

hoje, nós a veríamos ainda durante dez anos, pois seu último raio só nos chegaria em dez anos.

Lumen – É exatamente isto. Há, pois, aí, uma surpreendente transformação do passado em presente. Para o astro observado é o passado, já desaparecido; para o observador é o presente, o atual. O passado do astro é rigorosa e positivamente o presente do observador.

Mais tarde Lúmen vê a si mesmo, menino, com seis anos, brincando e discutindo com um grupo de outros meninos na Praça do Panthéon.

Sitiens – Confesso que me parece impossível que se possa ver assim a si mesmo. Não podeis ser duas pessoas. Já que tínheis 72 anos quando morrestes, vosso estado de infância tinha passado, desaparecido há muito tempo. Não podeis ver uma coisa que não mais existe. Não se pode ver em duplicata, menino e velho.

Lumen – Não refletis bastante, meu amigo. Compreendestes muito bem o fato geral para admiti-lo; mas não observastes suficientemente que este último fato particular entra absolutamente no primeiro. Admitis que o aspecto da Terra leva 72 anos para vir a mim, não é? que os acontecimentos não me chegam senão com este intervalo de tempo depois de sua atualidade? Numa palavra, que eu veja o mundo tal qual era naquela época. Igualmente admitis que, vendo as ruas daquela época, eu veja, ao mesmo tempo, os meninos que corriam naquelas ruas? Pois bem! desde que vejo este grupo de crianças, do qual fazia parte, por que quereis que não me veja tão bem quanto vejo os outros?

Sitiens – Mas não estais mais naquele grupo.

Lumen – Ainda uma vez, este grupo mesmo não mais existe agora, mas eu o vejo tal qual existia no instante em que partia o raio luminoso que hoje me chega e, já que distingo os quinze ou

dezoito meninos que o compunham, não há razão para que o menino que era eu desapareça, só porque sou eu quem o olha. Outros observadores o veriam em companhia de seus camaradas.

Por que quereis que haja exceção quando sou eu quem olha? Eu os vejo todos, e me vejo com eles.

Lumen passa em revista a série dos principais acontecimentos políticos, ocorridos desde 1793 até 1864, quando ele próprio se vê em seu leito de morte.

Sitiens – Estes acontecimentos passaram rapidamente sob os vossos olhos?

Lumen – Eu não poderia apreciar a medida do tempo. Mas todo esse panorama retrospectivo se sucedeu certamente em menos de um dia... talvez em algumas horas.

Sitiens – Então não compreendo mais. Se 72 anos terrestres passaram sob vossos olhos, deveriam ter gasto exatamente 72 anos para vos aparecer, e não algumas horas. Se o ano de 1793 só vos apareceu em 1864, em compensação o de 1864 não vos deveria aparecer senão em 1936.

Lumen – Vossa objeção é fundada e me prova que compreendestes bem a teoria do fato. Por isso, vou explicar-vos por que não me foi necessário esperar 72 novos anos para rever minha vida, e como, sob o impulso de uma força inconsciente, de fato a revi em menos de um dia.

Continuando a seguir minha existência, cheguei aos últimos anos, notáveis pela transformação radical que sofreu Paris; vi meus últimos amigos e vós mesmo; minha família e meu círculo de relações; enfim chegou o momento em que me vi deitado em meu leito de morte e onde assisti à última cena. É dizer-vos que tinha voltado à Terra.

Atraída pela contemplação que a absorvia, rapidamente minha alma tinha esquecido um montão de velhos e Capela. Como se o sente por vezes em sonho, ela voava para o objetivo de seus olhares. De início não me apercebi, tanto a estranha visão cativava todas as minhas faculdades. Não vos posso dizer nem por que lei, nem por que força as almas podem transportar-se tão rapidamente de um a outro lugar; mas a verdade é que eu tinha *voltado à Terra* em menos de um dia, e que penetrava em meu quarto no exato momento de meu enterro.

Porque, nesta viagem de volta, eu ia à frente dos raios luminosos, eu diminuía incessantemente a distância que me separava da Terra, a luz tinha cada vez menos caminho a percorrer e abreviava assim a sucessão dos acontecimentos. Em meio do caminho, não me mostravam mais a Terra de 72 anos antes, mas de 36. Aos três quartos do caminho, os aspectos eram atrasados apenas 18 anos. Na metade do último quarto, chegavam-me apenas após passados nove anos, e assim por diante; de sorte que a série inteira de minha existência se achou condensada em menos de um dia, devido à rápida volta de minha alma, indo à frente dos raios luminosos.

Quando Lumen chegou a Capela, viu um grupo de velhos ocupados em considerar a Terra, e dissertando sobre o acontecimento de 1793. Um deles disse aos companheiros:

“De joelhos! meus irmãos; peçamos indulgência ao Deus universal. Esse mundo, essa nação, essa cidade estão manchados por um grande crime; a cabeça de um rei inocente acaba de cair.” Aproximei-me do ancião, diz Lumen, e lhe pedi que me fizesse o relato de suas observações.

“Informou-me que, pela intuição de que são dotados os Espíritos do grau dos que habitam este mundo, e pela faculdade íntima de percepção que receberam em partilha, possuem uma espécie de relação magnética com as estrelas vizinhas. Estas estrelas são em número de doze ou quinze; são as mais próximas; fora dessa

região a apercepção torna-se confusa. Nosso Sol é uma dessas estrelas vizinhas.²⁶ Eles conhecem, pois, vagamente mais sensivelmente, o estado das humanidades que habitam os planetas dependentes desse sol e o seu relativo grau de elevação intelectual e moral.

Além disso, quando uma grande perturbação atravessa uma dessas humanidades, quer na ordem física, quer na ordem moral, eles sofrem uma espécie de comoção íntima, como se vê uma corda vibrante fazer entrar em vibração outra corda situada a distância.

Há um ano — o ano deste mundo é igual a dez dos nossos — eles se tinham sentido atraídos por uma emoção particular para o planeta terrestre, e os observadores tinham seguido com interesse e inquietude a marcha deste mundo.”

Laboraríamos em erro se inferíssemos do que precede que os habitantes das diferentes esferas, do ponto de vista onde estão, lançam um olhar investigativo sobre o que se passa nos outros mundos, e que os acontecimentos que aí se realizam passam sob seus olhos como no campo de uma luneta. Aliás, cada mundo tem suas preocupações especiais, que cativam a atenção de seus habitantes,

²⁶ Nota de Allan Kardec: 170 trilhões e 392 bilhões de léguas! Pela distância que separa as estrelas vizinhas pode-se julgar a extensão ocupada pelo conjunto das que, entretanto, nos parecem à vista tão perto umas das outras, sem contar o número infinitamente maior das que só são perceptíveis com o auxílio do telescópio e que não são, elas próprias, senão uma ínfima fração das que, perdidas nas profundezas do infinito, escapam a todos os nossos meios de investigação. Se se considerar que cada estrela é um sol, centro de um turbilhão planetário compreender-se-á que o nosso próprio turbilhão não passa de um ponto nessa imensidade. Que é, pois, nosso globo de 3 mil léguas de diâmetro, entre esses bilhões de mundos? Que são seus habitantes, que durante muito tempo acreditaram que seu pequeno mundo era o ponto central do Universo, e eles próprios se creram os únicos seres vivos da criação, concentrando apenas em si as preocupações e a solicitude do Eterno e crendo de boa-fé que o espetáculo dos céus não tinha sido feito senão para lhes recrear a vista? Todo esse sistema egoísta e mesquinho, que, durante longos séculos, constituiu o fundamento da fé religiosa, desmoronou-se diante das descobertas de Galileu.

conforme suas próprias necessidades, seus costumes completamente diferentes e seu grau de adiantamento. Quando os Espíritos encarnados num planeta têm motivos pessoais para se interessarem pelo que se passa em outro mundo, ou por alguns dos que o habitam, sua alma para lá se transporta, como fez a de Lumen, em estado de desprendimento, e então se tornam momentaneamente, a bem dizer, habitantes espirituais desse mundo, ou aí se encarnam em missão. Eis, pelo menos, o que resulta do ensinamento dos Espíritos.

Esta última parte do relato de Lumen carece, pois, de exatidão; mas não se deve perder de vista que esta história não passa de uma hipótese, destinada a tornar mais acessíveis à inteligência e, de certo modo, palpáveis pela entrada em ação, da demonstração de uma teoria científica, como fizemos observar em nosso artigo precedente.

Chamamos a atenção para o parágrafo acima, no qual é dito que: “As grandes perturbações *físicas e morais* de um mundo produzem sobre os mundos vizinhos uma espécie de comoção íntima, como uma corda vibrante faz vibrar outra corda colocada a distância.” O autor, que em matéria de ciência não fala levemente, anuncia aí um princípio que um dia bem poderia ser convertido em lei. A Ciência já admite, como resultado da observação, a ação recíproca material dos astros. Se, como se começa a suspeitar, esta ação, aumentada pelo fato de certas circunstâncias, pode ocasionar perturbações e cataclismos, nada haveria de impossível que essas mesmas perturbações tivessem seu contragolpe. Até o presente a Ciência considerou apenas o princípio material; mas, se se levar em conta o princípio espiritual como elemento ativo do Universo, e se se pensar que esse princípio é tão geral e tão essencial quanto o princípio material, conceber-se-á que uma grande efervescência deste elemento e as modificações que ele sofre num ponto dado possam ter sua reação, por força da correlação necessária que existe entre a matéria e o Espírito. Há certamente nesta ideia o germe de um princípio fecundo e de um estudo sério para o qual o Espiritismo abre caminho.

Dissertações espíritas

A VIDA ESPIRITUAL

(Grupo Lampérière, 9 de janeiro de 1867 – Médium: Sr. Delanne)

Estou aqui, feliz por vir saudar-vos, encorajar-vos e vos dizer:

Irmãos, Deus vos cumula de benefícios, permitindo-vos nestes tempos de incredulidade que respireis a plenos pulmões o ar da vida espiritual, que sopra com vigor por meio das massas compactas.

Crede em vosso antigo associado, crede em vosso amigo íntimo, vosso irmão pelo coração, pelo pensamento e pela fé; crede nas verdades ensinadas: elas são tão seguras quanto lógicas; crede em mim que, há alguns dias, me contentava, como vós, em crer e esperar, ao passo que hoje a doce ficção é para mim uma imensa e profunda verdade. Toco, vejo, existo, possuo; portanto, esta vida é real; analiso minhas impressões de hoje e as comparo com as ainda recentes, da véspera.

Não só me é permitido comparar, sintetizar, avaliar minhas ações, meus pensamentos, minhas reflexões, julgá-las pelo critério do bom senso, mas as vejo, as sinto, sou testemunha ocular, sou a coisa realizada. Não são mais consoladoras hipóteses, sonhos dourados, esperanças; é mais que uma certeza moral: é o fato real, palpável, o fato material que se toca, que vos toma sob sua forma tangível, e que nos diz: isto é.

Aqui tudo respira calma, sabedoria, felicidade; tudo é harmonia, tudo diz: eis o sumo do senso íntimo; não mais quimeras, falsas alegrias, temores pueris, falsa vergonha, dúvidas, angústias, perjúrios, nada desse cortejo vil de fabulosas dores, de erros grosseiros, como se vê diariamente na Terra.

Aqui se é penetrado de uma quietude inefável; admira-se, ora-se, adora-se, rendem-se ações de graça ao sublime autor de tantos benefícios; estuda-se e se entreveem todas as potências infinitas; vê-se o movimento das leis que regem a Natureza. Cada obra tem uma finalidade, que conduz ao amor, diapasão da harmonia geral. Vê-se o progresso progredir a todas as transformações físicas e morais, porque o progresso é infinito como Deus, que o criou. Tudo é compreensível; nada de abstrações: toca-se com o dedo e a razão o porquê das coisas humanas. As legiões espirituais adiantadas só têm um objetivo, o de se tornarem úteis a seus irmãos atrasados, para elevá-los para elas.

Trabalhai, pois, sem cessar, conforme vossas forças, meus bons irmãos, para vos melhorardes e serdes úteis aos vossos semelhantes; não só fareis dar um passo a doutrina que é vossa alegria, mas tereis contribuído poderosamente ao progresso do vosso planeta; a exemplo do grande legislador cristão sereis homens, homens de amor, e concorrereis para implantar o Reino de Deus sobre a Terra.

Aquele que é ainda e mais que nunca vosso condiscípulo.

LECLERC

OBSERVAÇÃO – Tal é, com efeito, o caráter da vida espiritual; mas seria um erro crer que basta ser Espírito para encará-la deste ponto de vista. Dá-se com o Mundo Espiritual o que sucede com o mundo corporal: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é necessário um desenvolvimento intelectual e moral que não é peculiar senão aos Espíritos adiantados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais, como o eram na Terra naquilo que constitui a admiração dos homens esclarecidos, porque não o podem compreender. Como seu pensamento circunscrito num horizonte limitado não pode abarcar o infinito, não podem ter os prazeres que resultam do alargamento da esfera de atividade espiritual. A soma de felicidade, no Mundo dos Espíritos, aí está, pois, pela força das coisas, em razão do desenvolvimento do senso moral,

de onde resulta que, trabalhando na Terra por nosso melhoramento e nossa instrução, aumentamos as fontes de felicidade para a vida futura. Para o materialista, o trabalho só tem um resultado limitado à vida presente, que pode acabar de um instante para outro; o espírita, ao contrário, sabe que nada do que adquire, mesmo à última hora, é uma pura perda, e que todo progresso realizado lhe será proveitoso.

As profundas considerações de nosso antigo colega, Sr. Leclerc, sobre a vida espiritual, são, pois, uma prova de seu adiantamento na hierarquia dos Espíritos, pelo que o felicitamos.

PROVAS TERRESTRES DOS HOMENS EM MISSÃO

(Douay, 8 de março de 1867 – Médium: Sra. M...)

...É preciso, meus filhos, que o sangue depure a Terra; terrível luta, ainda mais horrível pelo esplendor da civilização em cujo meio ela rebenta. Que, Senhor! quando tudo se prepara para apertar os laços dos povos de um extremo a outro do mundo! quando na aurora da fraternidade material se veem as linhas de demarcação de raças, costumes e linguagem tenderem para a unidade, chega a guerra com seu cortejo de ruínas, de incêndios, de profundas divisões, de ódios religiosos. Sim, tudo isto porque nada em nosso progresso foi segundo o Espírito de Deus; porque vossos laços não foram apertados nem pela bondade, nem pela lealdade, mas apenas pelo interesse; porque não é a verdadeira caridade que impõe silêncio aos ódios religiosos, mas a indiferença; porque as barreiras não foram diminuídas em vossas fronteiras pelo amor de todos, mas pelos cálculos mercantis; enfim, porque as vistas são humanas e instintivas, e não espirituais e caridosas; porque os governantes só buscam os seus proveitos, e cada um, entre os povos, faz outro tanto.

Sublime desinteresse de Jesus e de seus apóstolos, onde estás? — Ficais tristes, meus filhos, quando algumas vezes pensais na rude missão desses Espíritos sublimes, que vêm levantar a coragem da Humanidade e morrer na tarefa, depois de ter esvaziado o cálice

amargo das ingratidões humanas. Gemeis por ver que o Senhor, que os enviou, parece abandoná-los no momento em que sua proteção parece mais necessária. Não vos falaram das provas que sofrem os Espíritos elevados no momento de transpor um degrau mais alto na iniciativa espiritual? Não vos disseram que cada grau da hierarquia celeste se compra pelo mérito, pelo devotamento, como entre vós, no exército, pelo sangue derramado e pelos serviços prestados? Pois bem! é o caso em que se encontram os messias nesta terra de dores; são sustentados enquanto dura sua obra humanitária, enquanto trabalham pelo homem e para Deus, mas, quando só eles estão em jogo, quando sua prova se torna individual, o socorro visível se afasta, a luta se mostra áspera e rude quando o homem deve sofrê-la.

Eis a explicação desse aparente abandono, que vos aflige na vida dos missionários de todos os graus de vossa Humanidade. Não penseis que Deus abandone jamais a sua criatura por capricho ou impotência; não, mas no interesse de seu adiantamento Ele a deixa às suas próprias forças, ao completo emprego de seu livre-arbítrio.

CURA D'ARS

O GÊNIO

(Douai, 13 de março de 1867 – Médiun: Sra. M...)

P. – O gênio é conferido a cada Espírito conforme a sua conquista, ou segundo uma Lei Divina, em relação com as necessidades de um povo ou da Humanidade?

Resp. – O gênio, caros filhos, é a irradiação das conquistas anteriores. Essa irradiação é o estado do Espírito no desprendimento ou nas encarnações superiores: há, pois, duas distinções a fazer. O gênio mais comum entre vós é simplesmente o estado de um Espírito, do qual uma ou duas faculdades ficaram desvendadas e em estado de agir livremente; recebeu um corpo que permite sua expansão na plenitude adquirida. A outra espécie de gênio é o Espírito que vem dos mundos felizes e adiantados, onde a aquisição é universal sobre todos

os pontos; onde todas as faculdades da alma chegaram a um grau eminente, desconhecido na Terra. Estas espécies de gênio se distinguem dos primeiros por uma aptidão excepcional para todos os talentos, para todos os estudos. Concebem todas as coisas por uma intuição segura, e que confunde a ciência ensinada pelos mais sábios. Distinguem-se em bondade, em grandeza de alma, em verdadeira nobreza, em obras excelentes. São faróis, iniciadores, exemplos. São homens de outras terras, vindos para fazer resplandecer a luz do alto num mundo obscuro, assim como se enviam entre os bárbaros, para instruí-los, alguns sábios de uma capital civilizada. Tais foram entre vós os homens que, em diversas épocas, fizeram avançar a Humanidade, os sábios que alargaram os limites dos conhecimentos e dissiparam as trevas da ignorância. Vieram e pressentiram o destino terrestre, por mais longe que estivessem da realização deste destino. Todos lançaram os fundamentos de alguma ciência, ou foram o seu ponto culminante.

O gênio não é, pois, gratuito e não está subordinado a uma lei; sai do próprio homem e de seus antecedentes. Refleti que os antecedentes são todo o homem. O criminoso o é por seus antecedentes; o homem de mérito, o homem de gênio é superior pela mesma causa. Nem tudo é velado na encarnação a ponto de nada transparecer de nosso ser anterior. A inteligência e a bondade são luzes muito vivas, focos muito ardentes para que a vida terrena os reduza à obscuridade.

As provas a sofrer bem podem velar, atenuar algumas de nossas faculdades, adormecê-las, mas se tiverem chegado a um alto grau, o Espírito não pode perder inteiramente a sua posse e exercício; tem em si a segurança de que os mantém sempre à sua disposição; muitas vezes mesmo não pode consentir em delas se privar. Eis o que causa as vidas tão dolorosas de certos homens adiantados, que preferiam sofrer por suas altas faculdades a deixar que estas se apagassem por algum tempo.

Sim, todos nós somos pela esperança, e alguns pela lembrança, cidadãos dessas altas esferas celestes, onde o pensamento

irradia puro e poderoso. Sim, todos seremos Platões, Aristóteles, Erasmos; nosso Espírito não verá mais empalidecer suas aquisições sob o peso da vida do corpo, ou extinguir-se sob o peso da velhice e das enfermidades.

Amigos, eis verdadeiramente a mais sublime esperança. Que são junto de tudo isto as dignidades e os tesouros que se punham aos pés destes homens! Os soberanos mendigavam suas obras, disputavam a sua presença. — Credes que essas vãs honrarias os lisonjeavam? Não; a lembrança de sua gloriosa pátria era muito viva. Eles voltaram felizes sobre o raio de sua glória, aos mundos que seus Espíritos desejavam incessantemente.

Terra! Terra! região fria, obscura, agitada; terra cega, ingrata e rebelde! não lhes podias fazer esquecer a pátria celeste onde viveram, onde voltariam a viver.

Adeus, amigos! ficai certos de que todo homem de bem se tornará cidadão desses mundos felizes, dessas Jerusaléns esplêndidas, onde o Espírito vive livre num corpo etéreo, possuindo sem nuvens e sem véus todas as suas conquistas. Então, conhecereis tudo quanto aspirais conhecer, compreendereis tudo quanto procurais compreender, mesmo o meu nome, caro médium, que não te quero dizer.

UM ESPÍRITO

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X JUNHO DE 1867 Nº 6

Emancipação das mulheres nos Estados Unidos²⁷

Le Siècle, 5 de abril de 1867:

“Mandam dizer de Nova Iorque que no número das petições recentemente dirigidas ao presidente dos Estados Unidos, encontra-se uma que levantou mais uma vez a questão da admissibilidade das mulheres aos empregos públicos. A senhorita Françoise Lord, de Nova Iorque, pediu para ser enviada como consulesa ao estrangeiro. O presidente levou seu pedido em consideração, e ela espera que o Senado lhe seja favorável. O sentimento público não se mostra tão hostil a essa inovação quanto se poderia supor, e vários jornais defendem a pretensão da senhorita Lord.”

Grande *Le Moniteur*, 9 de maio de 1867:

“No distrito comandado pelo general Shéridan, formado pelos estados da Louisiana e do Texas, as listas eleitorais foram abertas, e a população branca ou de cor começou a se

²⁷ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 515.

inscrever, sem levantar objeção a respeito da ingerência da autoridade militar em todo este caso. Apesar dos esforços dos legisladores de Washington, a população do norte guarda uma grande parte de seus preconceitos contra os negros. Com a maioria de 35 votos contrários, a Câmara dos Deputados de Nova Jersey lhes recusou o gozo dos direitos políticos e o Senado do Estado associou-se a esse voto, que é objeto dos mais vivos ataques em toda a imprensa republicana. Em compensação, um dos estados do Oeste, o Wisconsin, deu o direito de sufrágio às mulheres de mais de 21 anos. Este princípio novo faz seu caminho nos Estados Unidos, e não faltam jornalistas para aprovar a galanteria política dos senadores do Wisconsin. Fazendo alusão a um romance célebre, um orador de uma reunião popular perguntou: Como recusaríamos capacidade política à Sra. Beecher Stowe,²⁸ quando a reconhecemos no *pai Tomás*?”

A Câmara dos Comuns da Inglaterra também se ocupou desta questão em sua sessão de 20 de maio último, sobre proposição de um de seus membros. Lê-se no relato do *Morning-Post*:

“Sobre a cláusula 4, o Sr. Mill pede que se suprima a palavra *homem* e que se insira a palavra *pessoa*.

Diz ele: “Meu objetivo é admitir a liberdade eleitoral a uma parte muito grande da população, atualmente excluída do seio da constituição, isto é, as mulheres. Não vejo por que as senhoras não casadas, maiores, e as viúvas não teriam voz na eleição dos membros do Parlamento.

Talvez digam que as mulheres já têm bastante poder, mas sustento que se elas obtivessem os direitos civis, que proponho se lhes conceda, elevaríamos a sua condição e as

²⁸ N.E.: Harriet Elizabeth Beecher Stowe (1811–1896), autora do livro *Uncle Tom's cabin* (*A cabana do pai Tomás*), abolicionista e escritora estadunidense.

desembaraçaríamos de um obstáculo que hoje impede a expansão de suas faculdades.

Confesso que as mulheres já possuem um grande poder social, mas não em demasia, e não são crianças mimadas, como geralmente se supõe. Aliás, seja qual for o seu poder, quero que seja responsável, e lhes darei o meio de fazer conhecer suas necessidades e seus sentimentos.

O Sr. Lang – A proposição é, segundo ele, insustentável, e está convencido de que a grande maioria das próprias mulheres a rejeitaria.

Sir John Bowyer pensa de outro modo. As mulheres agora podem ser vigilantes diretoras dos povos, e ele não vê por que não votariam para os membros do Parlamento. O ilustre baronete cita o caso da Srta. Burdetts Coutts, para mostrar que a propriedade das mulheres, embora imposta como a dos homens, não está de modo algum representada.

Procedeu-se à votação: a emenda foi rejeitada por 196 votos contra 73, e foi ordenado que a palavra homem fará parte da cláusula.”

O jornal *La Liberté*, de 24 de maio, faz acompanhar o relato das seguintes e judiciosas reflexões:

“Será que as mulheres não são admitidas a ter assento e votar nas assembleias de acionistas, da mesma maneira que os homens?”

Se fosse certo, como pretendeu o honrado Sr. Lang, que as mulheres recusassem o direito que o Sr. Stuart Mill propõe se lhes reconheça, não seria razão para que ele não lhes fosse atribuído, já que lhes pertence legitimamente. As que tivessem repugnância de exercê-lo, estariam livres para não votar, salvo, mais tarde, a reconsiderar, quando o uso as tivesse feito mudar de opinião.

Os *Langs*, que fazem questão de manter os olhos fechados, acham monstruoso que as mulheres votem, mas muito natural e perfeitamente simples que elas reinem!

Oh! inconseqüência humana! oh! contradição social!”

A. FAGNAN

Tratamos da questão da emancipação das mulheres no artigo intitulado: *As mulheres têm alma?* publicado na *Revista* de janeiro de 1866, ao qual enviamos o leitor, para não nos repetirmos aqui. As considerações seguintes servirão para completá-lo.

Numa época em que os privilégios, resquícios de outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da igualdade de direitos de toda criatura humana, não é de duvidar que os da mulher não tardassem a ser reconhecidos, e que, em futuro próximo, a lei não a tratará mais como menor. Até o presente, o reconhecimento desses direitos é considerado como uma concessão da força à fraqueza, razão por que é regateada com tanta parcimônia. Ora, como tudo quanto é concedido facultativamente pode ser retirado, esse reconhecimento só será definitivo e imprescritível quando não mais for subordinado ao capricho do mais forte, mas fundado num princípio que ninguém possa contestar.

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista *circunscrito*, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes.

Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.

Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.

Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece seus direitos sobre a própria Natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos. Desde que a mulher não pertence a uma *criação distinta*; que o Espírito pode nascer à vontade homem ou mulher, conforme o gênero de provas a que quer submeter-se para seu adiantamento; que a diferença não está senão no invólucro exterior, que modifica suas aptidões, da identidade na natureza do ser, deve-se concluir, necessariamente, pela igualdade dos direitos. Isto decorre não de uma simples teoria, mas da observação dos fatos e do conhecimento das leis que regem o Mundo Espiritual. Encontrando os direitos da mulher uma consagração na Doutrina Espírita, fundada nas leis da Natureza, daí resulta que a propagação

dessa doutrina apressará sua emancipação e lhe dará, de maneira estável, a posição social que lhe pertence. Se todas as mulheres compreendessem as consequências do Espiritismo, todas seriam espíritas, porque aí encontrariam o mais poderoso argumento que pudessem invocar.

O pensamento da emancipação da mulher neste momento germina num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as ideias de renovação social e em que as mulheres, tanto quanto os homens, sofrem a influência do sopro progressivo que agita o mundo. Depois de se terem ocupado muito de si mesmos, os homens começam a compreender que seria justo fazer algo por elas, afrouxar um pouco os laços da tutela sob os quais as mantêm. Devemos felicitar tanto mais os Estados Unidos pela iniciativa que tomam a este respeito, porque foram mais longe concedendo uma posição legal e de direito comum a toda uma raça da Humanidade.

Mas da igualdade dos direitos seria abusivo concluir pela igualdade de atribuições. Deus dotou cada ser de um organismo apropriado ao papel que deve desempenhar na Natureza. O da mulher é traçado por sua organização, e não é o menos importante. Há, pois, atribuições bem caracterizadas, conferidas a cada sexo pela própria Natureza, e essas atribuições implicam deveres especiais que os sexos não poderiam cumprir eficazmente saindo de seu papel. Há uns em cada sexo, como de um sexo a outro; a constituição física determina aptidões especiais; seja qual for sua constituição, todos os homens certamente têm os mesmos direitos, mas é evidente, por exemplo, que aquele que não está organizado para o canto não poderia tornar-se um cantor. Ninguém lhe pode tirar o direito de cantar, mas esse direito é incapaz de lhe dar as qualidades que lhe faltam. Se, pois, a Natureza deu à mulher músculos mais fracos do que ao homem, é que ela não foi chamada aos mesmos exercícios; se sua voz tem outro timbre, é que não está destinada a produzir as mesmas impressões.

Ora, é para temer, e é o que ocorrerá, que na febre de emancipação que a atormenta, a mulher se julgue apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois de ter tido muito pouco, queira ter em demasia. Tal resultado é inevitável, mas absolutamente não é para assustar. Se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus, que jamais perde. Em breve elas se cansarão dos papéis que não são os seus. Deixai-as, pois, que reconheçam pela experiência sua insuficiência nas coisas às quais a Providência não as requisitou; ensaios infrutíferos as reconduzirão forçosamente ao caminho que lhes é traçado, caminho que pode e deve ser ampliado, mas que não pode ser desviado sem prejuízo para elas próprias, abalando a influência toda especial que elas devem exercer. Reconhecerão que só terão a perder na troca, porque a mulher de atitudes muito viris jamais terá a graça e o encanto que constituem a força daquela que sabe ficar mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua verdadeira realeza; olham-na como um fenômeno.

Depois de lidos os dois artigos acima na Sociedade de Paris, foi proposta aos Espíritos, como assunto de estudo, a seguinte questão:

Que influência deve ter o Espiritismo sobre a condição da mulher?

Como todas as comunicações obtidas concluíssem no mesmo sentido, referir-nos-emos à seguinte, por ser a mais desenvolvida:

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo – Dissertação verbal)

“Em todos os tempos os homens têm sido orgulhosos; é um vício constitucional, inerente à sua natureza. O homem — falo do sexo — o homem, forte pelo desenvolvimento de seus músculos, pelas concepções um tanto ousadas de seus pensamentos, não

levou em conta a fraqueza a que se faz alusão nas Santas Escrituras, fraqueza que fez a desgraça de toda a sua descendência. Julgou-se forte e serviu-se da mulher, não como de uma companheira, de uma família, mas dela se servindo do ponto de vista puramente bestial, transformando-a num animal bastante agradável e acostumando-a a manter respeitosa distância do senhor. Mas como Deus não quis que uma metade da Humanidade fosse dependente da outra, não fez duas criações distintas: uma para estar constantemente a serviço da outra. Quis que todas as suas criaturas pudessem participar do banquete da vida e do infinito na mesma proporção.

Nesses cérebros, por tanto tempo mantidos afastados de toda ciência como impróprios a receber os benefícios da instrução, Deus fez nascer, como contrapeso, astúcias que põem em xeque as forças do homem. A mulher é fraca, o homem é forte, concebe-se; mas a mulher é astuciosa e a ciência contra a astúcia nem sempre triunfa. Se fosse a verdadeira ciência, ela a venceria; mas é uma ciência falsa e incompleta, e a mulher facilmente encontra o seu calcanhar de Aquiles. Provocada pela posição que lhe era dada, a mulher desenvolveu o germe que sentia em si; a necessidade de sair do seu aviltamento lhe deu o desejo de romper suas cadeias. Segui sua marcha; tomai-a desde a Era Cristã e observai-a: vê-la-eis cada vez mais dominante, mas ela não consumiu toda a sua força; conservou-a para tempos mais oportunos e aproxima-se a época em que chegará a sua vez de a exhibir. Aliás, a geração que se ergue traz em seus flancos a mudança que nos é anunciada desde muito tempo, e a mulher atual quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem.

Observai bem; olhai os interiores e vede quanto a mulher tende a libertar-se do jugo; ela reina como senhora, por vezes como déspota. Vós a tivestes vergada por muito tempo; ela se empertiga como uma mola comprimida que se distende, pois começa a compreender que é chegada a sua hora.

Pobres homens! Se refletísseis que os Espíritos não têm sexo; que aquele que hoje é homem pode ser mulher amanhã; que

escolhem indiferentemente, e por vezes de preferência, o sexo feminino, antes deveríeis regozijar-vos que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência, abrindo-lhe de par em par todas as portas da Ciência, porque ela tem concepções mais finas, mais suaves, toques mais delicados que os do homem. Por que a mulher não poderia ser médica? Não é chamada naturalmente a prodigalizar cuidados aos doentes, e não os daria com mais inteligência se tivesse os conhecimentos necessários? Não há casos em que, quando se trata de pessoas de seu sexo, seria preferível uma médica? Muitas mulheres não têm dado provas de sua aptidão por certas ciências? da finura de seu tato nos negócios? Por que, então, os homens reservariam para si o monopólio, senão por medo de vê-las ganhar em superioridade? Sem falar das profissões especiais, a primeira profissão da mulher não é a de mãe de família? Ora, a mãe instruída é mais apta para dirigir a instrução e a educação de seus filhos; ao mesmo tempo que alimenta o corpo, pode desenvolver o coração e o Espírito. Sendo a primeira infância necessariamente confiada aos cuidados da mulher, quando esta for instruída a regeneração social terá dado um passo imenso, e é o que será feito.

A igualdade do homem e da mulher teria ainda outro resultado. Ser senhor, ser forte, é muito bom; mas é, também, assumir grande responsabilidade. Partilhando o fardo dos negócios da família com uma companheira capaz, esclarecida, naturalmente devotada aos interesses comuns, o homem alivia a sua carga e diminui sua responsabilidade, ao passo que a mulher, estando sob tutela e, por isto mesmo, num estado de submissão forçada, não tem voto na matéria senão quando o homem houver por bem condescender em lho dar.

Diz-se que as mulheres são muito tagarelas e muito frívolas; mas, de quem a falta, senão dos homens que não lhes permitem a reflexão? Dai-lhes o alimento do espírito, e elas falarão menos; meditarão e refletirão. Acusai-as de frivolidade? Mas o que é que elas têm a fazer? — falo sobretudo da mulher do mundo — Nada, absolutamente nada. Em que ela pode ocupar-se? Se reflete e transcreve

seus pensamentos, tratam-na ironicamente de *mulher pedante*. Se cultiva as ciências ou as artes, seus trabalhos não são levados em consideração, salvo raríssimas exceções e, contudo, como o homem, ela precisa de emulação. Lisonjear um artista é dar-lhe tom e coragem; mas, para a mulher, isto realmente não vale a pena! Então lhes resta o domínio da frivolidade, no qual elas podem estimular-se entre si.

Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher e logo a verá alçar o seu voo, com grande vantagem para a sociedade. Ficai sabendo que a mulher, como todos vós, tem a centelha divina, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher.”

A homeopatia no tratamento das doenças morais

(2º artigo – Vide o número de março de 1867)

O artigo que publicamos no número de março sobre a ação da homeopatia nas doenças morais, nos valeu, de um dos mais ardentes partidários deste sistema e, ao mesmo tempo, um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo, o doutor Charles Grégory, a seguinte carta, que julgamos por bem publicar, em razão da luz que a discussão pode trazer à questão.

“Caro e venerado mestre,

Vou tentar explicar-vos como compreendo a ação da homeopatia sobre o desenvolvimento das faculdades morais.

Como eu, admitis que todo homem saudável possui rudimentos de todas as faculdades e de todos os órgãos cerebrais necessários à sua manifestação. Também admitis que certas faculdades vão se desenvolvendo sempre, enquanto outras, as que sem dúvida são apenas rudimentares, depois de mal terem dado alguns lampejos,

parecem extinguir-se completamente. No primeiro caso, em vossa opinião, os órgãos cerebrais que dizem respeito às faculdades em pleno desenvolvimento teriam sua livre manifestação, ao passo que os rudimentares, que a maior parte das vezes se relacionam, também, com aptidões rudimentares, se atrofiam completamente com o avançar da idade, por falta de atividade vital.

Se, pois, por meio de medicamentos apropriados, eu agir sobre os órgãos imperfeitos, se aí desenvolver um acréscimo de atividade vital, se para aí requisito uma nutrição mais poderosa, é bem claro que, aumentando o volume, eles permitirão que a faculdade rudimentar melhor se manifeste, e que, pela transmissão das ideias e dos sentimentos que tiverem colhido, pelos sentidos, no mundo exterior, imprimirão à faculdade correspondente uma influência salutar e, por sua vez, a desenvolverão, porque tudo se liga e se mantém no homem; a alma influi sobre o físico, como o corpo influi sobre a alma. Esta já é, portanto, uma primeira influência dos medicamentos por meio do aumento dos órgãos sobre as faculdades correspondentes da alma; uma possibilidade de o homem crescer em potencialidades e em aptidões, por meio de forças tiradas do mundo material.

Agora, para mim não está provado de modo algum que nossas pequenas doses, chegadas a um estado de sublimação e de sutileza que ultrapassam todos os limites, de certo modo não tenham em si algo de espiritual, que por sua vez age sobre o Espírito. Nossos medicamentos, dados no estado de divisão que a arte os faz sofrer, não são mais substâncias materiais, mas, em minha opinião, forças que, necessariamente, devem agir sobre as faculdades da alma que, também elas, são forças.

E, depois, como creio que o Espírito do homem, antes de encarnar-se na Humanidade, sobe todos os degraus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na maior parte dos tipos de cada espécie, onde preludia para seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando medicamento que nem

é mineral, nem planta, nem animal, mas o que poderia chamar sua essência e, de certo modo, seu espírito, não se age sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, digam o que disserem, o espírito é bem alguma coisa e, desde que se desenvolveu e se desenvolve incessantemente, deve ter tomado seus elementos em alguma parte.

Tudo quanto posso dizer é que não agimos sobre a alma com as nossas 200^a e 600^a diluições, materialmente, mas virtualmente e, de certo modo, espiritualmente.

Os fatos estão aí, fatos numerosos, bem observados, e que bem poderiam demonstrar que não estou completamente errado. Para citar a mim mesmo, embora não goste muito de questões pessoais, direi que, experimentando em mim mesmo, há trinta anos, remédios homeopáticos, de certo modo criei em mim novas faculdades, sem dúvida rudimentares, mas que na minha mais exuberante juventude jamais tinha conhecido quando ignorava a homeopatia, e que hoje, aos 52 anos, encontro bem desenvolvidas: o sentimento da cor e das formas.

Acrescentarei ainda que, sob a influência de nossos meios, vi caracteres mudarem completamente; à leviandade sucederam a reflexão e a solidez do raciocínio; à lubricidade, a continência; à maldade, a benevolência; ao ódio, a bondade e o perdão das injúrias. Evidentemente não é coisa para alguns dias; são mesmo precisos alguns anos de cuidados, mas se chega a esses belos resultados por meios *tão cômodos*, que não há nenhuma dificuldade em decidir os clientes que vos são devotados, e um médico os tem sempre. Eu mesmo observei que os resultados obtidos por nossos meios eram adquiridos para sempre, ao passo que os dados pela educação, os bons conselhos, as exortações seguidas, os livros de moral quase não resistiam ante a possibilidade de satisfazer uma paixão ardente, e as tentações em relação com nossas fraquezas, antes adormecidas e entorpecidas do que curadas. Se, neste último caso, surgiam triunfos, não era sem lutas violentas, que não convinha prolongar por muito tempo.

Eis, caro mestre, as observações que desejava submeter-vos sobre esta questão tão grave da influência da homeopatia sobre o moral humano.

Para concluir: quer seja pelo cérebro que o medicamento age sobre as faculdades, quer aja ao mesmo tempo sobre a fibra cerebral e sobre a faculdade correspondente, não está menos demonstrado para mim, por centenas de fatos, que a ação sutil e profunda de nossas doses sobre o moral humano é bem real. Além disso, é-me demonstrado que a homeopatia deprime certas faculdades, certos sentimentos ou certas paixões muito exaltadas, para realçar outras muito enfraquecidas, e como que paralisadas, conduzindo, por isto mesmo, ao equilíbrio e à harmonia e, por conseguinte, à melhora real e ao progresso do homem em todas as suas aptidões, e facilidade de vencer-se a si mesmo.

Não julgueis que tal resultado anule a responsabilidade humana, e que se chegue a esse progresso tão desejado sem sofrimentos e sem lutas. Não basta tomar um medicamento e dizer: “Vou vencer a minha inclinação para a cólera, o ciúme e a luxúria.” Oh! não! O remédio apropriado, uma vez introduzido no organismo, aí não traz uma modificação profunda senão ao preço de violentos sofrimentos morais e físicos e, muitas vezes, de longa, muito longa duração; sofrimentos que devem ser repetidos várias vezes, variando os medicamentos e as doses, e isto durante meses e, às vezes, anos, se se quiser chegar a resultados concludentes. É este o preço a pagar por seu melhoramento moral; é esta a prova e a expiação pelas quais tudo se paga neste mundo inferior, e vos confesso que não é coisa fácil de se corrigir, mesmo pela homeopatia. Não sei se, pelas angústias interiores que se sofre, não se paga mais caro esse progresso do que pela modificação mais lenta, é verdade, mas sem dúvida mais suave e mais suportável da ação puramente moral de todos os dias, pela observação de si mesmo e o ardente desejo de vencer-se.

Termino aqui. Mais tarde eu vos contarei inúmeros fatos que bem vos poderão convencer.

Recebei etc.”

Esta carta em nada modifica a opinião que emitimos sobre a ação da homeopatia no tratamento das doenças morais, e que, ao contrário, vem confirmar os próprios argumentos do Dr. Grégory. Insistimos, pois, em dizer que, se os medicamentos homeopáticos podem ter uma ação sobre o moral, é agindo sobre os órgãos das manifestações, o que pode ter sua utilidade em certos casos, mas não sobre o Espírito; que as qualidades boas ou más e as aptidões são inerentes ao grau de *adiantamento ou de inferioridade* do Espírito, e que não é com um medicamento qualquer que se pode fazê-lo avançar mais depressa, nem lhe dar qualidades que não pode adquirir senão sucessivamente e pelo trabalho; que tal doutrina, fazendo depender as disposições morais do organismo, tira do homem toda responsabilidade, a despeito do que diz o Sr. Grégory, e o dispensa de todo trabalho sobre si mesmo para se melhorar, desde que se poderia torná-lo bom à sua revelia, administrando-lhe tal ou qual remédio; que se, com a ajuda de meios materiais, podem modificar-se os órgãos das manifestações, o que admitimos perfeitamente, esses meios não podem mudar as tendências instintivas do Espírito, do mesmo modo que, cortando a língua de um falador, não se lhe tira a vontade de falar. Um costume do Oriente vem confirmar nossa asserção por um fato material bem conhecido.

Evidentemente o estado patológico influi sobre o moral em certos aspectos, mas as disposições que têm esta fonte são acidentais e não constituem o fundo do caráter do Espírito; são estas, sobretudo, que uma medicação apropriada pode modificar. Há pessoas que só são benevolentes depois de ter jantado bem e às quais nada se deve pedir quando estão em jejum; deve-se concluir, por isto, que um bom jantar seria um remédio contra o egoísmo? Não, porque essa benevolência, provocada pela plenitude da satisfação sensual, é um efeito do próprio egoísmo; não passa de uma benevolência aparente, de um produto deste pensamento: “Agora que não mais preciso de nada, posso ocupar-me um pouco com os outros”.

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos — e os homeopáticos mais que qualquer outro — produzem alguns dos efeitos indicados, mas contestamos enfaticamente seus resultados permanentes e, sobretudo, *tão universais*, como pretendem algumas pessoas. Um caso em que a homeopatia nos parece particularmente aplicável com sucesso é o da *loucura patológica*, porque aqui a desordem moral é consequência da desordem física, e que agora é constatado pela observação dos fenômenos espíritos, que o Espírito não é louco. Não há por que o modificar, mas lhe dar os meios de manifestar-se livremente. A ação da homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz, quanto age principalmente pela natureza espiritualizada de seus medicamentos, sobre o perispírito, que apresenta papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta, mas isto nos levaria muito longe. Contentamo-nos, pois, em considerar as duas opiniões. Como, em tudo, os fatos são mais concludentes que as teorias, e são eles, em última análise, que confirmam ou destroem as últimas, desejamos ardentemente que o Dr. Gregóry publique um tratado especial prático de Homeopatia aplicado ao tratamento das doenças morais, a fim de que a experiência possa generalizar-se e decidir a questão. Mais que qualquer outro, ele nos parece capaz de fazer esse trabalho *ex professo*.

O sentido espiritual

Uma segunda carta do doutor Gregóry contém o seguinte:

“Numa comunicação, Erasto enunciou uma ideia que me surpreendeu e me fez refletir. O homem, diz ele, tem sete sentidos: os sentidos bem conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do tato e, além destes, *o sentido sonambúlico e o sentido mediúnico*.

Acrescento a estas palavras que estes dois últimos não existem senão por exceção, bastante desenvolvidos nalgumas

naturezas privilegiadas, caso existam em todo homem em estado rudimentar. Ora, há em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma experiência bastante longa dos poderes homeopáticos: é que nossos medicamentos, bem escolhidos e tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades.”

Em nossa opinião seria erro considerar o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, considerando-se que não passam de dois efeitos resultantes de uma mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. A bem dizer é o *sexto sentido*, que é designado sob o nome de *sentido espiritual*.

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido que, como se sabe, apresentam inúmeros matizes e constituem aptidões especiais. Fora destas duas faculdades, mais notáveis porque mais aparentes, seria erro crer que o *sentido espiritual* não exista senão em estado rudimentar. Como os outros sentidos, é mais ou menos desenvolvido, ou mais ou menos sutil conforme os indivíduos, mas todo o mundo o possui, e não é o que presta menos serviços, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, assim como a ausência da vista ou da audição. É por este sentido que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos, que nos inspiramos, malgrado nosso, em seus pensamentos, que nos são dados os avisos íntimos da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento etc. Essas percepções são dadas ao homem pela Providência, assim como a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato, para a sua conservação; são fenômenos muito vulgares, que ele apenas os nota pelo hábito que tem de os experimentar, e dos quais não se deu conta até hoje, devido sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, em

alguns, da existência desse princípio. Mas quem quer que leve sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar, e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhecerá quanto eles são frequentes e como são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo.

A vista espiritual, vulgarmente chamada *dupla vista* ou *segunda vista*, é um fenômeno menos raro do que se pensa; muitas pessoas têm esta faculdade sem o suspeitar; apenas é mais ou menos acentuada, e é fácil certificar-se de que ela é estranha aos órgãos da visão, pois que se exerce sem o auxílio desses órgãos e até os cegos a possuem. Existe em certas pessoas no mais perfeito estado normal, sem o menor traço aparente de sono nem de estado estático. Conhecemos em Paris uma senhora na qual ela é permanente, e tão natural quanto a vista ordinária; ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de quem quer que dela se aproxime; descreve as doenças e prescreve tratamentos eficazes com mais facilidade que muitos sonâmbulos ordinários; basta pensar numa pessoa ausente para que a veja e a designe. Um dia, estávamos em sua casa e vimos passar na rua alguém com quem temos relações, e que ela jamais tinha visto. Sem ser provocada por qualquer pergunta, fez-lhe o mais exato retrato moral e nos deu a seu respeito conselhos muito sensatos.

E, contudo, essa senhora não é sonâmbula. Fala do que vê, comoalaria de qualquer outra coisa, sem se desviar de suas ocupações. É médium? Ela mesma não sabe, porque até pouco tempo atrás nem mesmo conhecia de nome o Espiritismo. Assim, nela essa faculdade é tão natural e tão espontânea quanto possível. Como ela percebe, senão pelo sentido espiritual?

Devemos acrescentar que essa senhora tem fé nos sinais da mão, examinando-a quando a interrogam e dizendo aí ver o indício das doenças. Como vê certo e é evidente que muitas das coisas que diz não podem ter nenhuma relação fisiológica com a mão, estamos persuadidos de que para ela é simplesmente

um meio de se pôr em relação e desenvolver sua vista, fixando-a num ponto determinado; a mão faz o papel de espelho mágico ou psíquico; ela aí vê como outros veem num vaso, numa garrafa ou noutro objeto. Sua faculdade tem muita relação com a do *Vidente da floresta de Zimmerwald*, mas lhe é superior em certos aspectos. Aliás, como não tira disto nenhum proveito, esta consideração afasta toda suspeita de charlatanismo e, considerando-se que dela só se serve para prestar serviço, deve ser assistida por Espíritos bons (Vide a *Revista* de outubro de 1864: *O sexto sentido e a visão espiritual*; outubro de 1865: *Novos estudos sobre os espelhos psíquicos. O vidente da floresta de Zimmerwald*).

Grupo Curador de Marmande

INTERVENÇÃO DOS PARENTES NAS CURAS

“Marmande, 12 de maio de 1867.

Caro senhor Kardec,

Há algum tempo vos entretive com o resultado de nossos trabalhos espíritas, que continuamos com perseverança e, sinto-me feliz em dizê-lo, com sucessos satisfatórios. Os obsidiados e os doentes são sempre objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

Nossos Espíritos bons, que se devotam à propagação do Espiritismo, tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de moléstias, eles pedem o auxílio dos parentes: um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo são requisitados para dar passes. Essas bravas criaturas ficam surpresas de debelar crises, de acalmar dores. Parece-me que este meio é engenhoso e seguro para fazer adeptos; por isso a confiança se estende cada vez mais em nosso país. Os grupos que se ocupam de curas talvez fizessem bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de maneira

evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou aliviar o semelhante não é privilégio exclusivo de algumas pessoas; que, para tanto, não é preciso senão boa vontade e confiança em Deus. Não falo aqui de uma boa saúde, que é condição indispensável, compreende-se. Reconhecendo-se que se tem tal poder em si mesmo, adquire-se a certeza de que não há astúcia, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as ideias supersticiosas.

Eis alguns exemplos de curas obtidas.

Uma menina de seis ou sete anos estava acamada, com uma dor de cabeça contínua, febre, tosse frequente com expectoração e dor viva do lado esquerdo e também nos olhos, que, de vez em quando, se cobriam de uma substância leitosa, formando uma espécie de belida.²⁹ Sob os cabelos, a pele do crânio estava coberta de películas brancas; urina espessa e turva. Fraca e abatida, a criança não comia nem dormia. O médico acabara por suspender as visitas. A mãe, *pobre*, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. Consultados, nossos guias prescreveram como único remédio a imposição das mãos, os passes fluídicos por parte da mãe, recomendando-me que fosse, durante alguns dias, fazer-lhe ver como deveria se conduzir. Comecei por drenar as vesículas e fazer secá-las. Depois de três dias de passes e de imposição das mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuadas *a título de lições*, mas feitas com alma, a criança pediu para se levantar; a febre tinha passado e todos os acidentes descritos acima desapareceram ao cabo de dez dias.

Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, fez que me chamassem dois dias mais tarde, junto a outra menina de três ou quatro anos, que tinha febre. Depois dos passes e imposição das mãos, a febre cessou, desde o primeiro dia.

As curas de algumas obsessões não nos dão menos satisfação e confiança. Marie B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto

²⁹ N.E.: Mancha na córnea do olho.

de Marmande, punha-se nua como um bicho, corria nos campos e ia deitar-se ao lado do cachorro num buraco de palheiro. A moralização do obsessor por nossa parte e os passes fluídicos feitos pelo marido, conforme as nossas instruções, logo a livraram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da Medicina para curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para trazê-la ao estado normal.

A Sra. D..., de 22 anos, da comuna de Sainte-Marthe, não muito longe de Marmande, caía em crises extraordinárias e violentas; berrava, mordía, rolava-se, sentia golpes terríveis no estômago, desfalecia e, às vezes, ficava quatro ou cinco horas inconsciente; uma vez passou oito dias sem recobrar a lucidez. Em vão o Dr. D... lhe havia prestado cuidados. O marido, depois de ter corrido à busca de profissionais, sacerdotes da região reputados como curadores e exorcistas, adivinhos, pois confessou os haver consultado, dirigiu-se a nós, pedindo que nos ocupássemos de sua mulher, se, como lhe haviam contado, estivesse em nós o poder de curá-la. Prometemos escrever-lhe, para indicar o que deveria fazer.

Consultados, nossos guias disseram: Cessem qualquer tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido eleve sua alma a Deus, imponha as mãos sobre a fronte da esposa e lhe dê passes fluídicos com amor e confiança; que observe pontualmente as recomendações que lhe vamos fazer, por mais contrariado que possa ficar (seguem as recomendações, absolutamente pessoais), e bem se compenetre da ideia que estas são necessárias em benefício de sua pobre atormentada, e em breve terá a sua recompensa.

Também nos disseram que chamássemos e moralizássemos o Espírito obsessor, sob o nome de *Lucie Cédar*. Este Espírito revelou a causa que o levava a atormentar a Sra. D...

Esta causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Tendo este último se conformado a tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre no espaço de dez dias.

Disse-me: Já que os Espíritos se comunicam, não me admiro de que vos tenham dito o que só era conhecido por mim, mas estou muito mais admirado que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se me tivesse dirigido a vós desde o começo, teria 150 francos no bolso, que aí não estão mais, pois os gastei em medicamentos.

Aperto a vossa mão muito cordialmente.”

DOMBRE

Estes casos de cura nada têm de mais extraordinários que os que já temos citado, provenientes do mesmo centro; mas provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter pela perseverança e pela dedicação, razão por que nunca lhes falta a assistência dos Espíritos bons. Eles só abandonam os que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio do sucesso, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Elevam o que se humilha e humilham o que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

Nada desanimou o Sr. Dombre. Ele lutou energicamente contra todos os entraves que lhe foram suscitados e deles triunfou; desprezou as injúrias e as ameaças dos nossos adversários comuns e os forçou ao silêncio por sua firmeza; não poupou seu tempo, nem seu esforço, nem os sacrifícios materiais; jamais procurou prevalecer-se do que faz para pôr-se em evidência ou disso fazer um trampolim qualquer; seu desinteresse moral iguala o seu desinteresse material; se é feliz por triunfar, é porque cada sucesso o é para a doutrina. Eis os títulos sérios ao reconhecimento de todos os espíritos presentes e futuros, títulos aos quais é preciso associar os membros do grupo que o secundam com tanto zelo e abnegação, e cujos nomes lamentamos não poder citar.

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma

ideia nova, cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis. É a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam, para fazer penetrar a ideia nas massas. Como não o seria, desde que se lhe abrem, incessantemente, novos canais e lhe são dados os meios de bater em todas as portas?

Esta prática, pois, nunca seria demasiado encorajada.

Todavia, não se deve perder de vista que os resultados estarão na razão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores, e do impulso que souberem imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo.

Nova Sociedade Espírita de Bordeaux

Desde o mês de junho de 1866, uma nova Sociedade Espírita, já numerosa, formou-se em Bordeaux, sobre bases que atestam o zelo e a boa vontade de seus membros, e um perfeito entendimento dos verdadeiros princípios da doutrina. Extraímos do relatório anual publicado pelo presidente, algumas passagens que darão a conhecer o seu espírito.

Depois de ter falado das vicissitudes que o Espiritismo tem experimentado nesta cidade, das circunstâncias que levaram à formação da nova sociedade e de sua organização, que “permite àqueles de seus membros que sentem a sua força, desenvolver por palestras, no começo de cada sessão, os grandes princípios da doutrina, princípios que muitos só combatem porque não os conhecem”, acrescenta:

“São essas palestras que até aqui nos atraíram numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes vêm à nossa casa para instruir-se; muitos, sem dúvida, aqui comparecem na expectativa de pegar-nos em falta; é a sua tarefa. A nossa é espalhar o Espiritismo

nas massas, e o Espiritismo nos provou que o melhor meio, depois da prática da sublime moral que dele decorre, e das comunicações dos Espíritos bons, é fazê-lo pela palavra.

Desde que nos constituímos temos duas sessões por semana. Esse duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. Acrescentarei, para justificar nossas sessões das quintas-feiras, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador de faculdades bem desenvolvidas, conhecido por sua caridade, modéstia e desinteresse; é tão conhecido fora quanto no seio de nossa sociedade, de sorte que não lhe faltam doentes.

Aliás, há em Bordeaux muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores, está longe de ser suficiente, pois o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, por vezes, por alguns de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente ao resultado.

Ao médium curador veio juntar-se um dos nossos irmãos, magnetizador de grande força e de um devotamento a toda prova que, também ajudado pelos Espíritos bons, auxilia o primeiro, de tal sorte que podemos dizer que a Sociedade possui dois médiuns curadores, embora em graus diferentes.”

Segue o relato de várias curas, entre as quais citaremos a seguinte:

Senhorita A..., de 12 anos.

Órfã, cuidada por parentes muito pobres, esta menina nos foi apresentada em estado lastimável. Seu corpo inteiro era

tomado de movimentos convulsivos; seu rosto contraía-se incessantemente e fazia caretas horríveis; os braços e as pernas eram constantemente agitados, a ponto de gastar as roupas da cama no espaço de oito dias. As mãos, que não podiam segurar nenhum objeto, rodopiavam sem parar em torno dos punhos. Enfim, em consequência da doença, sua língua se tornara de uma espessura extrema, acarretando o mais completo mutismo.

À primeira vista compreendemos que aí também havia uma obsessão. Como nossos guias confirmassem esta opinião, agimos como convém.

Segundo a opinião de um médico que se achava *incógnito* na casa da doente enquanto a submetíamos a um tratamento fluídico, a doença devia traduzir-se, *em três dias*, na dança de São Guido e, visto o estado de fraqueza em que se achava a doente, matá-la-ia impiedosamente no máximo em oito dias.

Não detalharei aqui os inúmeros incidentes a que deu lugar esta cura. Não vos falarei dos obstáculos de toda sorte, acumulados aos nossos passos, por influências contrárias e que tivemos de superar. Direi apenas que, dois meses após nossa entrevista com o médico, a menina falava como vós e eu, servia-se das mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

Eis, acrescenta o Sr. Peyranne, os principais ensinamentos que saíram para nós das sessões consagradas aos Espíritos obsessores:

“Para agir eficazmente sobre um obsessor, é preciso que os que o moralizam e o combatem pelos fluidos, valham mais que ele. Isto se compreende tanto melhor quanto o poder dos fluidos está em relação direta com o adiantamento moral daquele que o emite. Um Espírito impuro chamado a uma reunião de homens moralizados aí não se sente à vontade; compreende a sua inferioridade e, se tentar afrontar o evocador, como por vezes acontece, ficai

persuadidos de que logo abandonará o papel, sobretudo se as pessoas que compõem o grupo onde se comunica se unem ao evocador pela vontade e pela fé.

Creio que ainda não compreendemos bem tudo quanto podemos sobre os Espíritos impuros, ou melhor, ainda não sabemos servir-nos dos tesouros que Deus colocou em nossas mãos.

Sabemos, ainda, que uma descarga fluídica feita sobre um obsedado por vários espíritos, por meio da cadeia magnética, pode romper o laço fluídico que o liga ao obsessor e tornar-se para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe a sua impotência.

Sabemos, igualmente, que todo encarnado, animado do desejo de aliviar o seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, se não curar, ao menos aliviar sensivelmente um doente.

Termino as sessões de quinta-feira fazendo notar que nenhum Espírito obsessor continuou rebelde. Todos aqueles de que nos ocupamos acabaram por reconhecer seus erros, abandonaram suas vítimas e entraram em melhor caminho.”

A respeito das sessões de sábado, ele diz:

“Essas sessões são abertas, como bem o sabeis, por uma conversa feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e termina por um resumo sucinto, feito pelo presidente.

Na conversa é deixado ao orador total liberdade de linguagem, contanto que não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele encara sob o seu ponto de vista os diversos assuntos de que trata; desenvolve-os como bem entende e tira as consequências que julga convenientes; mas jamais poderia comprometer a responsabilidade da Sociedade.

No fim da sessão o presidente resume os trabalhos e, se não estiver de acordo com a opinião do orador, combate-o, fazendo notar ao auditório que, do mesmo modo que o primeiro, não compromete outra responsabilidade senão a sua, deixando a cada um o uso do livre-arbítrio e o cuidado de julgar e decidir, segundo a sua consciência, de que lado está a verdade ou, pelo menos, quem dela mais se aproxima. Porque, para mim, a verdade é Deus; quanto mais dele nos aproximarmos — o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando pelo nosso progresso — tanto mais próximos estaremos da verdade.”

Chamamos ainda a atenção para o parágrafo seguinte:

“Embora tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que seu número se havia tornado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. A escassez dos médiuns muitas vezes veio trazer obstáculos à marcha regular dos nossos trabalhos, e compreendemos que era necessário, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que jazem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isto que acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios mediúnicos seria realizada aos domingos, às duas horas da tarde, na sala de nossas reuniões. Julguei dever para elas convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estrangeiros que desejassem tornar-se úteis. Estas sessões já deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa. Aí fazemos escrita, tiptologia, magnetismo. Várias faculdades muito diversas aí foram descobertas e daí saíram dois sonâmbulos que, parece, devem ser muito lúcidos.”

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e cumprimentá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. Um dos nossos colegas, de passagem por aquela cidade, assistiu ultimamente a algumas de suas sessões, delas trazendo a mais favorável impressão. Perseverando neste caminho, ela só poderá obter resultados cada vez mais satisfatórios, e jamais faltarão elementos para a sua atividade. A maneira por que

procede para o tratamento das obsessões é, ao mesmo tempo, notável e instrutiva, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é que dá resultado. Voltaremos depois a este assunto, em artigo especial.

Seria supérfluo realçar a utilidade das instruções verbais, que designa sob o simples nome de conversas. Além da vantagem de exercitar no manejo da palavra, elas têm outra, não menor, de provocar um estudo mais completo e mais sério dos princípios da doutrina, de facilitar a sua compreensão, de ressaltar a sua importância e, pela discussão, de trazer a luz sobre os pontos controvertidos. É o primeiro passo para conferências regulares, que não podem deixar de ocorrer, mais cedo ou mais tarde, e que, vulgarizando a doutrina, contribuirão poderosamente para retificar a opinião pública, falseada pela crítica mal-intencionada ou ignorante daquilo que ela é.

Refutar as objeções, discutir os sistemas divergentes, são pontos essenciais que importa não negligenciar, e que podem fornecer matéria para instruções úteis; não somente é um meio de dissipar os erros que poderiam ser acreditados, mas é fortalecer-se para as discussões particulares, que se pode ter que sustentar. Nessas instruções orais, sem dúvida, muitos serão assistidos pelos Espíritos, e daí não podem deixar de sair médiuns falantes. Os que fossem contidos pelo temor de falar perante um auditório, devem lembrar-se de que Jesus dizia aos seus apóstolos: “Não vos inquieteis com o que haveis de dizer; as palavras vos serão inspiradas no momento mesmo”.

Um grupo de província, que pode ser classificado entre os mais sérios e mais bem dirigidos, introduziu este uso em suas reuniões, que igualmente se realizam duas vezes por semana. É composto exclusivamente de oficiais de um regimento. Mas aí não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento, falar cada um por sua vez. Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve preparar-se para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina. Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propaganda e defender a causa, se necessário.

Necrológio

SR. QUINEMANT, DE SÉTIF

Escrevem-nos de Sétif (Argélia):

“Venho comunicar-vos a morte de um fervoroso adepto do Espiritismo, o Sr. Quinemant, falecido no sábado santo de 20 de abril de 1867. Foi o primeiro em Sétif que dele se ocupou comigo. Defendeu-o constantemente contra seus detratores, sem se preocupar com os ataques, nem com o ridículo. Era, ao mesmo tempo, um bom magnetizador e, por sua dedicação desinteressada, prestou numerosos serviços a pessoas sofredoras.

Estava doente desde novembro; tinha febre de dois em dois dias, e quando não a tinha salivava água constantemente. Comia e digería bem, achava bom tudo quanto tomava e, não obstante isto emagrecia a olhos vistos; homem de compleição muito robusta, seus membros chegaram à dimensão dos de um menino. Extinguia-se lentamente e compreendia muito bem sua posição; tinha dito que queria morrer no dia em que morrera o Cristo. Conservou toda a lucidez de Espírito e conversava como se não estivesse doente. Morreu quase sem sofrimentos, com a tranquilidade e a resignação de um espírito, dizendo à sua mulher que se consolasse, que se encontrariam no Mundo dos Espíritos. Todavia, embora pouco gostasse de padres, nos últimos momentos pediu o cura, a despeito de com este ter tido vivas alterações no que respeita ao Espiritismo.

Far-me-eis um grande favor se o evocardes, caso possível. Não tenho dúvida de que ele sentirá prazer em vir ao vosso apelo, e como era um homem esclarecido e de bom senso, penso que nos poderá dar úteis conselhos. Era sua opinião que o Espiritismo cresceria, apesar de todos os entraves que lhe suscitam. Pedi-lhe, também, a causa de sua doença, que ninguém conhecia.”

DUMAS

Evocado em particular, o Sr. Quinemant deu a comunicação que segue e no dia seguinte deu espontaneamente, na Sociedade, a que publicamos em separado, sob o título de *O magnetismo e o Espiritismo comparados*.

(Paris, 16 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

“Apresso-me em vir ao vosso apelo com tanto maior facilidade quanto, desde o enterro de meus restos mortais, vim a todas as vossas reuniões. Tinha grande desejo de julgar o desenvolvimento da doutrina em seu centro natural; e se não o fiz em vida do corpo, meus negócios materiais foram sua única causa. Agradeço vivamente ao meu amigo Dumas o pensamento benévolo que o levou a vos assinalar a minha partida e a vos pedir a minha evocação; maior prazer ele não me podia dar.

Embora meu retorno ao Mundo dos Espíritos seja recente, estou suficientemente desprendido para me comunicar com facilidade; as ideias que já possuía sobre o Mundo Invisível, minha crença nas comunicações e a leitura das obras espíritas haviam-me preparado para ver sem espanto, mas não sem infinita felicidade, o espetáculo que me aguardava. Estou feliz pela confirmação de meus mais íntimos pensamentos. Eu estava convencido, pelo raciocínio, do desenvolvimento ulterior, e da importância da Doutrina dos Espíritos sobre as gerações futuras. Mas, ah! eu percebia inúmeros obstáculos e fixava uma época indefinidamente afastada para a predominância de nossas ideias, efeito de minha curta visão e dos limites marcados pela matéria à minha concepção do futuro. Hoje tenho mais que convicção: tenho certeza. Ainda há pouco eu não via senão efeitos muito lentos, ao sabor dos meus desejos; hoje vejo, toco a causa desses efeitos, e meus sentimentos se modificaram. Sim, ainda é preciso muito tempo para que nossa Terra seja uma terra espírita, em toda a acepção da palavra. Mas será preciso um tempo relativamente muito curto para trazer uma considerável modificação na maneira de ser dos indivíduos e das nacionalidades.

Os ensinamentos que colhi entre vós, o desenvolvimento importante de certas faculdades, os conciliábulos espirituais, aos quais me foi permitido assistir desde minha chegada aqui, persuadiram-me de que grandes acontecimentos estavam próximos, e que num tempo pouco afastado, numerosas forças latentes serão postas em atividade, para auxiliar na renovação geral. Por toda parte o fogo jaz latente sob a cinza; se uma faísca surgir, e ela surgirá, a conflagração tornar-se-á universal.

Elementos espirituais atuais, triturados na imensa fornalha dos cataclismos físicos e morais que se preparam, uns mais depurados seguem o movimento ascensional; outros, lançados fora com as mais grosseiras escórias, deverão sofrer ainda várias destilações sucessivas, antes de se juntarem aos seus irmãos mais adiantados. Ah! eu compreendo, diante dos acontecimentos que o futuro nos reserva, estas palavras do filho de Maria: Haverá choro e ranger de dentes. Fazei, pois, meus amigos, de modo a serdes convidados ao banquete da inteligência e não fazer parte dos que serão lançados nas trevas exteriores.

Antes de morrer cedi a uma última fraqueza, obedecendo a um preconceito; não que minha crença tivesse fraquejado ante o medo do desconhecido, mas para não me distinguir dos outros. Pois bem! depois de tudo, a palavra de um homem que vos fala do futuro é boa para ouvir no momento da grande viagem; essa palavra é cercada de ensinamentos antiquados, de práticas desgastadas, vejo-o bem, mas não deixa de ser a palavra de esperança e de consolação.

Ah! vejo com os olhos do Espírito, vejo um tempo em que o espírita, ao partir, também será cercado de irmãos que lhe falarão do futuro, da esperança de felicidade! Obrigado, meu Deus, porque me permitistes ver o clarão da verdade nos meus últimos instantes; obrigado por esse abrandamento de minhas provas. Se fiz algum bem, é a esta crença abençoada que o devo; foi ela que me deu a fé, o vigor material e a força moral necessária para curar; foi ela que me deu a lucidez de Espírito até os meus últimos momentos, que me permitiu suportar sem murmurar a cruel doença que me levou.

Perguntais qual é esta afecção a que sucumbi. Ah! meu Deus, é muito simples; as vísceras nas quais se opera a assimilação dos elementos novos, não tendo mais a força necessária para agir, as moléculas gastas pela ação vital eram eliminadas, sem que outras as viessem substituir. Mas que importa a doença de que se morre, quando a morte é uma libertação! Obrigado ainda, caro amigo, pelo bom pensamento que vos levou a pedir a minha evocação. Dizei à minha mulher que sou feliz, que em mim ela encontrará o amado de sempre e que, esperando sua volta, não deixarei de cercá-la com a minha afeição e de ajudá-la com os meus conselhos.

Agora, algumas palavras para vós pessoalmente, meu caro Dumas. Fostes um dos primeiros chamados a fincar a bandeira da doutrina neste país e, naturalmente, encontrastes obstáculos, dificuldades. Se vosso zelo não foi recompensado por tanto zelo quanto esperáveis, e que pareciam prometer no início, é que é preciso tempo para desarraigar os preconceitos e a rotina num meio inteiramente consagrado à vida material; é preciso já estar adiantado para assimilar prontamente novas ideias, que mudam os hábitos. Lembrai-vos de que o primeiro pioneiro que desbrava o terreno muito raramente é o que colhe; ele prepara o terreno para os que vêm depois dele. Fostes esse pioneiro: era a vossa missão; é uma honra e uma felicidade, que sou feliz por ter partilhado um pouco e que apreciareis um dia, como posso fazê-lo hoje, porquanto vossos esforços vos serão levados em conta. Mas não creiais que nos tenhamos dado a um trabalho inútil; não, nenhuma das sementes que espalhamos está perdida; elas germinarão e frutificarão quando chegar o momento de sua eclosão. A ideia está lançada e fará o seu caminho. Felicitai-vos por ter sido um dos obreiros escolhidos para esta obra. Tivestes dissabores, desilusões: era a prova de vossa fé e de vossa perseverança, sem o que, onde estaria o mérito para realizar uma missão, se só se encontrassem rosas sobre o caminho?

Portanto, não vos deixeis abater pelas decepções; sobretudo não cedais ao desencorajamento e lembrai-vos destas palavras do Cristo: 'Bem-aventurados os que perseverarem até o fim'; e desta

outra: ‘Bem-aventurados os que sofrerem por meu nome’. Perseverai, pois, caro amigo, prossegui vossa obra e pensai que os frutos que se colhem para o mundo onde estou agora, valem mais que os que se colhem na Terra, onde se os deixa ao partir.

Peço-vos que digais a todos os que me testemunharam afeição e me guardam um bom lugar em sua lembrança, que não os esqueço e que muitas vezes estou em meio deles. Dizei aos que ainda repelem nossas crenças que quando estiverem onde estou, reconhecerão que era a verdade, e que lamentarão amargamente por as terem desprezado, porque terão de recomeçar penosas provações. Dizei aos que me fizeram mal que eu lhes perdoo e que peço a Deus que os perdoe.

Aquele que vos será sempre devotado.”

E. QUINEMANT

O CONDE DE OURCHES

O Sr. conde de Ourches foi um dos primeiros em Paris que se ocuparam das manifestações espíritas, desde o momento em que chegaram os relatos das que haviam ocorrido na América. Pelo crédito que lhe conferiam sua posição social, sua fortuna, suas relações de família e, acima de tudo, pela lealdade e honorabilidade de seu caráter, ele contribuiu poderosamente para a sua vulgarização. Ao tempo da moda das mesas girantes, seu nome tinha adquirido grande notoriedade e certa autoridade no mundo dos adeptos; ele tem, pois, seu nome marcado nos anais do Espiritismo. Apaixonado pelas manifestações físicas, a elas votava uma confiança ingênua e um tanto cega, da qual por vezes abusaram, pela facilidade com que se prestam à imitação. Exclusivamente dedicado a esse gênero de manifestações, do ponto de vista único do fenômeno, não acompanhou o Espiritismo na sua nova fase científica e filosófica, pela qual tinha pouca simpatia, ficando estranho ao grande movimento que se operou nos últimos dez anos.

Morreu no dia 5 de maio de 1867, aos 80 anos. Sobre ele o *Indépendance Belge* publicou um longo e interessantíssimo artigo biográfico, assinado por Henry de Pène, e reproduzido na *Gazette des Étrangers* de Paris (5, rua Scribe) de quinta-feira, 23 de maio; aí é feita plena justiça às suas eminentes qualidades, e a sua crença nos Espíritos é julgada com moderação, à qual o primeiro destes jornais não nos havia habituado. Assim termina o artigo:

Tudo isto, bem o sei, fará que certo número de espíritos positivos dê de ombros e diga: “Ele é louco!”; por mais cérebro que tenha, logo dirão que ele é louco. O conde de Ourches era um homem superior, que se tinha proposto como objetivo ultrapassar os seus semelhantes, unindo as luzes positivas da Ciência aos lampejos e às visões do sobrenatural.

Dissertação espírita

O MAGNETISMO E O ESPIRITISMO COMPARADOS

(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

“Em vida ocupei-me da prática do magnetismo, do ponto de vista exclusivamente material; ao menos assim o cria. Hoje sei que a elevação voluntária ou involuntária da alma, que faz desejar a cura do doente, é uma verdadeira magnetização espiritual.

A cura se deve a causas excessivamente variáveis: tal doença, tratada de tal maneira, cede ante a força de ação material; tal outra, que é idêntica, mas menos acentuada, não experimenta qualquer melhora, embora os meios curativos empregados talvez sejam ainda mais poderosos. A que se devem, então, essas variações de influências? — A uma causa ignorada pela maioria dos magnetizadores, que não se atacam senão aos princípios mórbidos materiais; elas são consequência da situação moral do indivíduo.

A doença material é um efeito; para destruí-lo não basta atacá-lo, tomá-lo corpo a corpo e aniquilá-lo. Como a causa existe

sempre, reproduzirá novos efeitos mórbidos quando estiver afastada a ação curativa.

O fluido transmissor da saúde no magnetismo é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que poderia comparar-se ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem operar a cura nos órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, por força de sua constituição molecular, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual quanto uma influência puramente animal.

Em última análise, que é o Espiritismo, ou antes, que é a mediunidade, essa faculdade até aqui incompreendida, e cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da Nova Revelação? É pura e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou vários magnetizadores desencarnados, sobre um paciente humano agindo no estado de vigília ou no estado extático, consciente ou inconscientemente.

Por outro lado, que é o magnetismo? uma variedade do Espiritismo, na qual Espíritos encarnados agem sobre outros Espíritos encarnados.

Finalmente, existe uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, conforme se tome por ponto de partida a ação dos encarnados sobre os encarnados, ou a dos Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; esta terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, revela-se no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

Assim, o Espiritismo não é senão magnetismo espiritual, e o magnetismo outra coisa não é senão Espiritismo humano.

De fato, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sensitivo sonambúlico? Envolve-o em seu

fluido; ele o possui numa certa medida e, notai-o bem, sem jamais conseguir aniquilar seu livre-arbítrio, sem dele poder fazer coisa sua, um instrumento puramente passivo. Muitas vezes o magnetizado resiste à influência do magnetizador e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora no geral o sonâmbulo esteja adormecido e o seu próprio Espírito aja enquanto o seu corpo fica mais ou menos inerte, também acontece, porém mais raramente, que o sensitivo, simplesmente fascinado, iluminado, fique em vigília, posto que com maior tensão de espírito e uma inabitual exaltação de suas faculdades.

E agora, como procede o Espírito que deseja comunicar-se? Envolve o médium com o seu fluido; em certa medida o possui, sem jamais dele fazer coisa sua, um instrumento puramente passivo. Talvez me objetareis que nos casos de obsessão, de possessão, o aniquilamento do livre-arbítrio parece ser completo. Muito haveria a dizer sobre esta questão, porque a ação aniquiladora se faz mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito, que pode achar-se paralisado, dominado e impotente para resistir, mas cujo pensamento jamais é nulificado, como foi possível constatar em muitas ocasiões. Encontro no próprio fato da obsessão uma confirmação, uma prova em apoio de minha teoria, lembrando que a obsessão também se exerce *de encarnado a encarnado*, e que se tem visto magnetizadores aproveitando o domínio que exerciam sobre os seus sonâmbulos, para levá-los a cometer ações censuráveis. Como sempre, aqui a exceção confirma a regra.

Embora no geral o sensitivo mediúcnico esteja desperto, em certos casos que se tornam cada vez mais frequentes, o sonambulismo espontâneo se instala no médium e este fala por si mesmo, ou por sugestão, absolutamente como o sonâmbulo magnético nas mesmas circunstâncias.

Enfim, como procedeis relativamente aos Espíritos obsessores ou simplesmente inferiores, que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; magnetizai-os, na maioria das vezes

inconscientemente, para retê-los em vosso círculo de ação; algumas vezes conscientemente, quando estabeleceis em torno deles uma camada fluídica, que não podem penetrar sem a vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral, que não é outra coisa senão uma ação magnética quintessenciada.

Como vos foi dito muitas vezes, não há lacunas na obra da Natureza, nem saltos bruscos, mas transições insensíveis, que fazem que se passe pouco a pouco de um a outro estado, sem que não se perceba a mudança senão pela consciência de uma situação melhor.

O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo, e que insensivelmente se confunde com este último por uma série de variedades, pouco diferindo um do outro, como o animal é um estado superior da planta etc. Num caso, como no outro, são dois degraus da escada infinita, que liga todas as criações, desde o ínfimo átomo até Deus criador! Acima de vós está a luz ofuscante, que os vossos fracos olhos ainda não podem suportar; abaixo estão as trevas profundas, que os vossos mais poderosos instrumentos de óptica ainda não puderam iluminar. Ontem nada sabéis; hoje vedes o abismo profundo no qual se perde a vossa origem. Presentis o objetivo infinitamente perfeito, para o qual tendem todas as vossas aspirações. E a quem deveis todos esses conhecimentos? ao magnetizador! ao Espiritismo! a todas as revelações que decorrem de uma lei de relação universal entre todos os seres e seu Criador! a uma ciência surgida ontem por vossa concepção, mas cuja existência se perde na noite dos tempos, porque é uma das bases fundamentais da Criação.

De tudo isto concluo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a pedra angular da saúde moral e material da Humanidade futura.”

E. QUINEMANT

OBSERVAÇÃO – A justeza das apreciações e as profundezas do novo ponto de vista, que encerra esta comunicação, a ninguém

escaparão. Embora partido há pouco tempo, o Sr. Quinemant se revela, inicialmente e sem a menor hesitação, como um Espírito de incontestável superioridade. Apenas desprendido da matéria, que não parece ter deixado qualquer traço sobre ele, desdobra suas faculdades com uma força notável, que promete aos seus irmãos da Terra mais um bom conselheiro.

Os que pretendiam que o Espiritismo se arrastasse na rotina dos lugares-comuns e das banalidades podem ver, pelas questões que ele aborda desde algum tempo, se fica estacionário; e o verão ainda melhor à medida que lhe for permitido desenvolver as suas consequências. Entretanto, a bem dizer, ele não ensina nada de novo. Se se estudar cuidadosamente os seus princípios constitutivos fundamentais, ver-se-á que encerram os germes de tudo; mas esses germes não podem desenvolver-se senão gradualmente; se nem todos florescem ao mesmo tempo, é que a extensão do círculo de suas atribuições não depende *da vontade dos homens*, mas da dos Espíritos, que regulam o grau de seu ensino conforme a oportunidade. É em vão que os homens queriam antecipar-se sobre o tempo; não podem constringer a vontade dos Espíritos, que agem conforme as inspirações superiores e não se deixam levar pela impaciência dos encarnados; se necessário, eles sabem *tornar estéril essa impaciência*. Deixai-os, pois, agir; fortifiquemo-nos no que eles ensinam, e estejamos certos de que saberão, em tempo útil, fazer que o Espiritismo dê o que deve dar.

Bibliografia

L'UNION SPIRITE DE BORDEAUX

O último número do jornal *L'Union Spirite*, que agora nos chega, e que completa seu segundo ano, traz o seguinte aviso:

Absorvido pelo trabalho material que nos impõe a exigência de prover às nossas e às necessidades da família, que temos a obrigação de educar, não nos foi possível fazer sair regularmente os

últimos números do *Union Spirite*. Não o ocultaremos, em face desta tarefa ao mesmo tempo tão penosa e tão ingrata, que nos impusemos, que nos perguntamos a nós mesmos se não devíamos parar no caminho, e deixar a outros, mais favorecidos pela fortuna do que nós, o cuidado de continuar a obra que empreendemos com tanto ardor, convicção e fé. Mas cedendo às instâncias de muitos dos nossos leitores, que pensam que o *Union Spirite* não só tem sua razão de ser, mas já prestou, e está chamado a prestar, em futuro talvez muito próximo, grandes serviços ao Espiritismo, resolvemos marchar ainda para frente, e enfrentar as dificuldades de toda sorte, que se amontoam sob os nossos passos. Apenas, a fim de nos tornar possível semelhante tarefa e para evitar a irregularidade da qual, infelizmente, até aqui, tantas vezes temos sido vítima, fomos obrigados a promover grandes modificações em nosso modo de publicação.

O *Union Spirite*, que em junho próximo começará o seu terceiro ano, aparecerá de agora em diante apenas uma vez por mês, em cadernos de 32 páginas, grande in-8º. O preço da assinatura será fixado em 10 francos por ano.

Esperamos que nossos assinantes aceitem estas condições, que são, aliás, as da *Revista Espírita* de Allan Kardec, e de quase todas as publicações ou revistas filosóficas de Paris, e que, enviando o mais cedo possível a sua adesão, nos tornem tão fácil quanto possível a realização da obra, para a qual, há mais de quatro anos, temos feito tão grandes sacrifícios.

A. BEZ

Somos dos que consideram esse jornal como tendo sua razão de ser e sua utilidade; pelo espírito no qual é redigido, pode e deve prestar incontestáveis serviços à causa do Espiritismo. Cumprimentamos o Sr. Bez por sua perseverança, a despeito das dificuldades materiais que encontra mesmo em sua posição. Em nossa opinião, ele tomou um partido muito sensato, fazendo-o aparecer

apenas uma vez por mês, embora lhe dando a mesma quantidade de matérias. Não se pode imaginar o tempo e a despesa que acarretam as publicações que aparecem várias vezes por mês, quando se é obrigado a bastar-se só, ou quase só; é absolutamente necessário não ter outra coisa a fazer e renunciar a qualquer outra ocupação. Aparecendo a 15 de cada mês, por exemplo, alternará com a nossa *Revista*. Desta maneira, os que quisessem que esta aparecesse mais vezes, o que é impossível, aí encontrarão o complemento do que desejam e não ficarão privados tanto tempo da leitura de assuntos pelos quais se interessam. Fazemos um apelo ao seu concurso, para sustentar essa publicação.

PROGRESSO ESPIRITUALISTA

Novo jornal que aparece duas vezes por mês, desde 15 de abril, no formato do antigo *L'Avenir*, ao qual anuncia suceder. *L'Avenir* se constituíra no representante de ideias às quais não podíamos dar a nossa adesão. Não é uma razão para que tais ideias não tenham o seu órgão, a fim de que cada um esteja em condição de apreciá-las, e que se possa julgar de seu valor pela simpatia que encontram na maioria dos espíritas e sua concordância com o ensinamento da generalidade dos Espíritos. Como o Espiritismo só adota os princípios consagrados pela universalidade do ensinamento, sancionado pela razão e pela lógica, sempre marchou e marchará sempre com a maioria; é o que constitui a sua força. Não há, pois, nada a temer das ideias divergentes; se forem justas, prevalecerão e o Espiritismo as adotará; se forem falsas, cairão.

Ainda não podemos apreciar a linha que seguirá, a esse respeito, o novo jornal. Em todo o caso, julgamos um dever assinalar o seu aparecimento aos nossos leitores, a fim de que o possam julgar por si mesmos. Seremos felizes por encontrar nele um novo campeão sério de sua doutrina e, neste caso, desejamos-lhe grande sucesso.

Redação: Rua da Victoire, nº 34. – Preço: 10 francos por ano.

PESQUISAS SOBRE AS CAUSAS DO ATEÍSMO

Em resposta à brochura de monsenhor Dupanloup, por uma católica.

Brochura in-8º, livraria dos Srs. Didier & Companhia, 35, quai des Augustins e no escritório da *Revista Espírita*. – Preço: 1 fr. 25 c.; pelo correio: 1 fr. 45 c.

O autor deste notável escrito, embora sinceramente ligado às crenças católicas, propôs-se demonstrar ao monsenhor Dupanloup quais são as verdadeiras causas da praga do ateísmo e da incredulidade que invade a sociedade; segundo ele, interpretações hoje inadmissíveis e inconciliáveis com os dados positivos da Ciência. Ele prova que em muitos pontos a Igreja afastou-se do sentido real das Escrituras e do pensamento dos escritores sacros; que a religião só tem a ganhar com uma interpretação mais racional que, sem tocar nos princípios fundamentais dos dogmas, se conciliasse com a razão; que o Espiritismo, fundado sobre as próprias leis da Natureza, é a única chave possível de uma sã interpretação e, por isto mesmo, o mais poderoso remédio contra o ateísmo. Tudo isto é dito simplesmente, sem entusiasmo, sem ênfase nem exaltação, e com uma lógica cerrada. Este escrito é um complemento de *A fé e a razão*, pela Sra. J. B., e dos *Dogmas da igreja do Cristo explicados segundo o Espiritismo*, pelo Sr. de Bottinn.

Não obstante mulher, a autora dá prova de grande erudição teológica; cita e comenta com notável justeza os escritores sacros de todos os tempos, e com quase tanta facilidade quanto o Sr. Flammarion cita os autores científicos. Vê-se que lhe são familiares, o que nos leva a dizer que provavelmente não debuta nessas matérias, e que deve ter sido algum eminente teólogo em sua precedente existência. Sem partilhar de todas as suas idéias, dizemos que, do ponto de vista em que se colocou, não podia falar melhor, nem de outro modo, e que fez uma coisa útil para a época em que estamos.

LE ROMAN DE L'AVENIR

(Por E. Bonnemère)

Um volume in-12. Librairie internationale, 15, boulevard Montmartre. – Preço: 3 fr., pelo correio: 3 fr. 30 c.

A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número a análise desta importante obra, que recomendamos à atenção dos nossos leitores, como muito interessante para o Espiritismo.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

JULHO DE 1867

Nº 7

Breve excursão espírita

A Sociedade de Bordeaux, reconstituída, como dissemos em nosso número precedente, reuniu-se este ano, como no ano passado, num banquete no dia de Pentecostes, banquete simples, digamos logo, como convém em semelhante circunstância, e a pessoas cujo objetivo principal é encontrar uma ocasião para se reunirem e estreitarem os laços de confraternidade; a pesquisa e o luxo aí seriam uma insensatez.

A despeito das ocupações que nos retinham em Paris, pudemos atender ao amável e insistente convite que nos foi feito para nele tomar parte. O do ano passado, que era o primeiro, não havia reunido mais que trinta convivas; no deste ano havia quatro vezes mais, alguns dos quais vindos de grande distância; Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort e até Carcassonne, que fica a oitenta léguas, aí tinham seus representantes. Todas as classes da sociedade estavam confundidas numa comunhão de sentimentos; aí se encontravam o artífice, o agricultor ao lado do burguês, do negociante, do médico, dos funcionários, dos advogados, dos homens de ciência etc.

Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como devia ter se passado, entre gente que tem por divisa: “Fora da caridade

não há salvação”, e que professa a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções. Por isso, nas alocações de circunstância que foram pronunciadas, nem uma palavra foi dita que pudesse ferir a mais sombria suscetibilidade; se os nossos maiores adversários aí se encontrassem, não teriam ouvido uma palavra, nem uma alusão que lhes dissesse respeito.

A autoridade se havia mostrado cheia de benevolência e de cortesia em relação a essa reunião, pelo que lhe devemos agradecer. Ignoramos se estava representada de maneira oculta, mas certamente pôde convencer-se, como sempre, de que as doutrinas professadas pelos espíritas, longe de ser subversivas, são uma garantia de paz e de tranquilidade; que a ordem pública nada tem a temer de gente cujos princípios são os do respeito às leis, e que, em nenhuma circunstância, cedeu às sugestões dos agentes provocadores que buscavam comprometê-la. Sempre foram vistos retirando-se e se abstenendo de toda manifestação ostensiva, todas as vezes que temeram que eles fossem tomados como motivo de escândalo.

É fraqueza de sua parte? Não certamente; ao contrário, é a consciência da força de seus princípios que os torna calmos e a certeza, que têm, da inutilidade dos esforços tentados para abafá-los; quando se abstêm, não é para se porem em segurança, mas para evitar o que pudesse respingar sobre a doutrina. Sabem que ela não necessita de demonstrações exteriores para triunfar. Veem suas ideias germinando em toda parte, propagando-se com uma força irresistível; por que precisariam fazer barulho? Deixam esse encargo aos seus antagonistas que, por seus clamores, ajudam a propagação. Mesmo as perseguições são o batismo necessário de todas as ideias novas um pouco grandes; em vez de prejudicá-las, dão-lhe vigor. Mede-se a sua importância pela obstinação com que a combatem. As ideias que não se aclimatam senão à força de reclamos e de exhibições têm apenas uma vitalidade factícia e de curta duração; as que se propagam por si mesmas e pela força das coisas têm vida em si, e são as únicas duráveis. É o caso em que se encontra o Espiritismo.

A festa terminou por uma coleta em benefício dos infelizes, sem distinção de crenças, e com uma precaução cuja sabedoria só merece louvores. Para deixar inteira liberdade, não humilhar ninguém e não estimular a vaidade dos que dariam mais que os outros, as coisas foram dispostas de maneira que ninguém, nem mesmo os coletores, soubessem o que cada um tinha dado. A receita foi de 85 fr. e comissários foram designados imediatamente para fazer o seu emprego.

Malgrado nossa curta estada em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões da Sociedade: uma consagrada ao tratamento dos doentes e outra a estudos filosóficos. Assim pudemos constatar por nós mesmos os bons resultados que sempre são o fruto da perseverança e da boa vontade. Pelo relato que publicamos em nosso número precedente sobre a sociedade bordelesa, pudemos, com conhecimento de causa, acrescentar nossas felicitações pessoais. Mas não se deve esconder que, quanto mais prosperar, tanto mais estará exposta aos ataques de nossos adversários; que ela desconfie, sobretudo, das manobras surdas que contra ela pudessem urdir e dos pomos de discórdia que, sob a aparência de zelo exagerado, poderiam lançar em seu seio.

Sendo limitado o tempo de nossa ausência de Paris, pela obrigação de aí estar de volta em dia fixo, não pudemos, para nosso grande pesar, comparecer aos diversos centros para os quais fomos convidados. Não pudemos parar senão alguns instantes em Tours e Orléans, que estavam em nosso caminho. Aí também pudemos constatar o ascendente que adquire a doutrina dia a dia na opinião e seus felizes resultados que, por serem ainda individuais, não deixam de ser menos satisfatórios.

Em Tours a reunião devia contar cerca de cento e cinquenta pessoas, tanto da cidade quanto das cercanias, mas em razão da precipitação com que foi feita a convocação, só dois terços puderam comparecer. Uma circunstância imprevista não tendo permitido aproveitar a sala que havia sido escolhida, nós nos reunimos, em noite magnífica, no jardim de um dos membros da Sociedade. Em Orléans os espíritas são menos numerosos, mas nem por isso deixa

de contar com adeptos sinceros e devotados, cujas mãos tivemos o prazer de apertar.

Um fato constante e característico, e que se deve considerar como um grande progresso é a diminuição gradual e mais ou menos geral das prevenções contra as ideias espíritas, mesmo entre os que não as compartilham. Agora se reconhece a cada um o direito de ser espírita, como o de ser juiz ou protestante; já é alguma coisa. As localidades como Illiers, no Departamento de Eure-et-Loire, em que se estimulam os garotos para persegui-los a pedradas, são exceções cada vez mais raras.

Outro sinal de progresso não menos característico é a pouca importância que, por toda parte, mesmo nas classes menos esclarecidas, os adeptos ligam aos fatos de manifestações extraordinárias. Se efeitos desse gênero se produzem espontaneamente, as pessoas os constataam, mas não se comovem, não os procuram e, menos ainda, se empenham em provocá-los. Dão pouca importância ao que apenas satisfaz aos olhos e à curiosidade; o objetivo sério da doutrina, suas consequências morais, os recursos que ela pode oferecer para o alívio do sofrimento, a felicidade de reencontrar os parentes ou amigos que perderam, de com eles conversar, escutar conselhos que vêm dar, constituem o objetivo exclusivo e preferido das reuniões espíritas. Mesmo no campo e entre os artistas, um poderoso médium de efeitos físicos seria menos apreciado que um bom médium escrevente que desse, por comunicações racionais, consolação e esperança. O que se busca na doutrina é, antes de tudo, o que toca o coração. É uma coisa notável a facilidade com que, mesmo as pessoas mais iletradas, compreendem e assimilam os princípios desta filosofia, pois não é necessário ser sábio para ter coração e raciocínio. Ah! dizem eles, se sempre nos tivessem falado assim, jamais teríamos duvidado de Deus e de sua bondade, mesmo nas maiores misérias!

Sem dúvida crer é alguma coisa, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é letra morta. Ora, sentimo-nos felizes em dizer que, em nossa breve excursão, entre numerosos exemplos de efeitos moralizadores da doutrina,

encontramos bom número desses espíritas de coração, que poderíamos dizer completos, se fosse dado ao homem ser completo no que quer que fosse, e que podem ser olhados como os tipos da geração futura transformada; há-os de ambos os sexos, de todas as idades e condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que desde esta vida realizam as promessas que nos são feitas para o futuro. São fáceis de reconhecer; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade, que impõe a confiança; desde logo se sente que não há nenhuma segunda intenção dissimulada sob palavras douradas ou cumprimentos hipócritas. Em torno deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores abençoados respira-se uma atmosfera serena que se reconcilia com a Humanidade, e se compreende o Reino de Deus sobre a Terra. Bem-aventurados os que sabem gozá-lo por antecipação! Em nossas excursões espíritas é menos o número dos crentes que computamos, e o que mais nos satisfaz é o desses adeptos que são a honra da doutrina e, ao mesmo tempo, os seus mais firmes sustentáculos, porque a fazem estimada e respeitada neles.

Vendo o número dos felizes que faz o Espiritismo, esquecemos facilmente as fadigas inseparáveis de nossa tarefa. Eis uma satisfação, um resultado positivo, que a malevolência mais obstinada não nos pode roubar. Poderiam tirar-nos a vida, os bens materiais, mas jamais a felicidade de ter contribuído para trazer a paz a esses corações ulcerados. Para quem quer que sonde os motivos secretos que fazem agir certos homens, há lamaçais que sujam os que o atiram, e não aqueles em que é lançado.

Que todos os que nos deram, nessa última viagem, tão tocantes testemunhos de simpatia, recebam aqui nossos mui sinceros agradecimentos e estejam certos de que serão pagos na mesma moeda.

A lei e os médiuns curadores

Sob o título de *Um mistério*, vários jornais do mês de maio último relataram o seguinte fato:

Um dia desses, duas senhoras do bairro de Saint-Germain apresentaram-se ao comissário de seu quarteirão e lhe chamaram a atenção sobre um tal P..., que, segundo elas, abusaram de sua confiança e de sua credulidade, afirmando que as curaria de doenças, contra as quais seus cuidados tinham sido impotentes.

Tendo aberto um inquérito a respeito, o magistrado soube que P... passava por hábil médico, cuja clientela aumentava diariamente, e que fazia curas extraordinárias.

Conforme suas respostas às perguntas do comissário, P... parece convencido de que é dotado de uma faculdade sobrenatural, que lhe dá o poder de curar apenas pela aposição das mãos sobre os órgãos doentes.

Durante vinte anos ele foi cozinheiro; era mesmo citado como hábil em seu ofício, que abandonou há um ano para consagrar-se à arte de curar.

A acreditar nele, teria tido várias visões e aparições misteriosas, nas quais um enviado de Deus lhe teria revelado que ele tinha uma missão humanitária a cumprir na Terra, à qual não devia faltar, sob pena de ser danado. Obedecendo, disse ele, a essa ordem vinda do Céu, o antigo cozinheiro instalou-se num apartamento da rua Saint-Placide, e os doentes não tardaram em abundar às suas consultas.

Não receita medicamentos; examina o paciente, que deve tratar quando em jejum, apalpa-o, procura e descobre a sede do mal, sobre a qual aplica as mãos em cruz, pronuncia algumas palavras que são, diz ele, o seu segredo; depois, com a sua prece, vem um Espírito invisível e arranca o mal.

Certamente P... é um louco. Mas o que há de extraordinário, de inexplicável, é que provou, como o constata o inquérito, que curou, por esse processo singular, mais de quarenta pessoas afetadas de moléstias graves.

Várias lhe testemunharam o seu reconhecimento por donativos em dinheiro. Conforme testamento encontrado em sua casa, uma senhora idosa, proprietária nas cercanias de Fontainebleau, fê-lo herdeiro de uma soma de 40 mil francos.

P... foi detido e seu processo, que certamente não tardará a correr na polícia correccional, promete ser curioso.

Não somos apologista nem detractor do Sr. P..., a quem não conhecemos. Está em boas ou más condições? É sincero ou charlatão? Ignoramo-lo; é o futuro que o provará; não tomamos partido nem pró nem contra ele. Mencionamos o fato tal qual é relatado, porque vem juntar-se à ideia de todos os que acreditam na existência de uma dessas faculdades estranhas, que confundem a Ciência e os que nada querem admitir fora do mundo visível e tangível. De tanto ouvir falar nisto e ver os fatos se multiplicando, é-se forçado a convir que há qualquer coisa e, aos poucos, faz-se a distinção entre a verdade e a hipocrisia.

No relato que precede, por certo notaram essa curiosa passagem, e a contradição não menos curiosa que ela encerra: “*Certamente P... é um louco. Mas o que há de extraordinário, de inexplicável, é que provou, como o constata o inquérito, que curou, por esse processo singular, mais de quarenta pessoas afetadas de moléstias graves.*”

Assim, o inquérito *constata* as curas; mas, porque o meio que emprega é inexplicável e não é reconhecido pela Faculdade, *certamente* ele é louco. Sendo assim, o abade príncipe de Hohenlohe, cujas curas maravilhosas relatamos na *Revista* de dezembro de 1866, era louco; o venerável Cura d’Ars, que, também ele, fazia curas por singulares processos, era louco; e tantos outros. O Cristo, que curava sem diploma e não empregava medicamentos, era louco e teria pago muitas multas em nossos dias. Loucos ou não, quando há cura, muitas pessoas preferem ser curadas por um louco a ser enterradas por um homem de bom senso.

Com um diploma, todas as excentricidades médicas são permitidas. Um médico, cujo nome esquecemos, mas que ganha muito dinheiro, emprega um processo muito mais bizarro; com um pincel, pinta no rosto de seus doentes pequenos losangos vermelhos, amarelos, verdes, azuis, rodeando os olhos, o nariz e a boca, em quantidade proporcional à natureza da doença. Sobre que dado científico se baseia este gênero de medicação? Uma brincadeira de mau gosto de um redator pretendeu que, para poupar enormes gastos de publicidade, esse médico fazia que os doentes a veiculassem de graça, no rosto. Vendo nas ruas esses rostos tatuados, naturalmente pergunta-se o que é. E os doentes respondem: é o processo do célebre doutor fulano. Mas ele é médico; não importa se seu processo é bom, mau ou insignificante; tudo lhe é permitido, mesmo ser charlatão: está autorizado pela Faculdade. Se um indivíduo não diplomado quiser imitá-lo, será perseguido por vigarice.

Gritam contra a credulidade do público em relação aos charlatães; admiram-se da afluência de pessoas à casa do primeiro que surge anunciando um novo método de curar, à casa dos sonâmbulos, dos impostores e de outros; da predileção pelos remédios das comadres, e se prendem à inézia da espécie humana! A primeira causa se deve à vontade muito natural que têm os doentes de se curar, e ao insucesso da Medicina em grandíssimo número de casos. Se os médicos curassem com mais frequência e segurança, não se iria alhures; acontece mesmo quase sempre que não se recorre a meios excepcionais senão depois de haver esgotado inutilmente os recursos oficiais. Ora, o doente que quer ser curado a qualquer preço, pouco se inquieta de o ser segundo a regra, ou contra a regra.

Não repetiremos aqui o que hoje está claramente demonstrado quanto às causas de certas curas, inexplicáveis somente para os que não querem dar-se ao trabalho de remontar à fonte do fenômeno. Se se deu a cura, isto é um fato, e esse fato tem uma causa. Será mais racional negá-lo do que procurá-lo? — Dirão que é o acaso; o doente curou-se sozinho. — Seja; mas, então, o médico que o declarou incurável dava prova de grande ignorância. E, depois, se há vinte, quarenta, cem curas semelhantes, é sempre o acaso?

É preciso convir que seria um acaso singularmente perseverante e inteligente, ao qual poderia dar-se o nome de *doutor Acaso*.

Examinaremos a questão sob um ponto de vista mais sério. As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que não é senão uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são passíveis da lei contra o exercício ilegal da Medicina?

Os termos da lei certamente são muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosamente e logicamente não se pode considerar como exercendo a arte de curar, senão os que dela fazem profissão, isto é, que dela tiram proveito. Entretanto, viram-se ser pronunciadas condenações contra indivíduos que se ocupam desses cuidados por puro devotamento, sem qualquer interesse ostensivo ou dissimulado. O delito está, pois, sobretudo na prescrição de remédios. Contudo, o desinteresse *notório* geralmente é levado em consideração como circunstância atenuante.

Até agora não se tinha pensado que uma cura pudesse ser operada sem o emprego de medicamentos; portanto, a lei não previu o caso dos tratamentos curativos sem remédios, e apenas por extensão é que seria aplicada aos magnetizadores e aos médiuns curadores. Não reconhecendo a Medicina oficial nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos, e ainda menos na intervenção dos Espíritos, não se poderia legalmente condenar por exercício ilegal da Medicina, os magnetizadores e os médiuns curadores, que nada prescrevem além da água magnetizada, porque, então, seria reconhecer oficialmente uma virtude no agente magnético e o colocar na classe dos meios curativos; seria incluir o magnetismo e a mediunidade curadora na arte de curar, e dar um desmentido à Faculdade. O que se faz algumas vezes em semelhantes casos é condenar por *delito de vigarice* e abuso de confiança, como fazendo pagar uma coisa sem valor, aquele que disso tira proveito direto ou indireto, ou mesmo

dissimulado, sob o nome de retribuição facultativa, véu no qual nem sempre se deve confiar. A apreciação do fato depende inteiramente da maneira de encarar a coisa em si mesma; muitas vezes é uma questão de opinião pessoal, a menos que haja abuso presumido, caso em que a questão de boa-fé sempre deve ser levada em consideração. Então a justiça aprecia as circunstâncias agravantes ou atenuantes.

Tudo é inteiramente diverso para aquele cujo desinteresse é comprovado e completo. Desde que nada prescreve e nada recebe, a lei não o pode alcançar, do contrário seria preciso lhe dar uma extensão que não comportam nem o espírito, nem a letra. Onde nada há a ganhar, não pode haver charlatanismo. Não há nenhum poder no mundo que possa opor-se ao exercício da mediunidade ou magnetização curadora, na verdadeira acepção da palavra.

Entretanto, dirão, o Sr. Jacob nada cobrava, e nem por isso deixou de ser interdito. É verdade; mas nem foi perseguido, nem condenado pelo fato de que se tratava. A interdição era uma medida de disciplina militar, por causa da perturbação que podia causar no campo a afluência de pessoas que para lá se dirigiam; e se, depois, ele alegou essa interdição, foi porque lhe convinha. Se ele não pertencesse ao exército, ninguém poderia inquietá-lo (Vide a *Revista* de março de 1866: *O espiritismo e a magistratura*).³⁰

Illiers e os espíritas

Sob este título, o *Journal de Chartres*, de 26 de maio último, continha a seguinte correspondência:

Illiers, 20 de maio de 1867.

Estamos em maio ou no carnaval? Domingo passado julguei-me nesta última época. Quando atravessava Illiers, por voltadas quatro

³⁰ Nota do tradutor: Embora no original conste o ano de 1865, o artigo acima foi publicado em 1866.

horas da tarde, encontrei-me em frente a uma aglomeração de sessenta, oitenta, talvez cem garotos, seguidos de numerosa multidão, gritando com toda a força o refrão: Eis o feiticeiro! eis o feiticeiro! eis o cachorro louco! eis Grezelle! e acompanhando de vaías um bravo e plácido camponês, de olhar desvairado, ar espantado, que ficou felicíssimo ao encontrar uma mercearia que lhe serviu de abrigo. É que, depois dos cantos e dos apupos vinham as injúrias, as pedras voavam e o pobre diabo, sem este asilo, talvez levasse a pior.

Perguntei a um grupo que aí se achava o que aquilo significava. Contaram-me que desde algum tempo todas as sextas-feiras havia uma reunião de espíritas em Sorcellerie, comuna de Vieuviq, às portas de Illiers. O grande pontífice que presidia a essas reuniões era um pedreiro, chamado Grezelle, e era esse infeliz que acabava de se vê tão maltratado. É que, diziam, desde alguns dias se passavam coisas muito estranhas. Ele teria visto o diabo, evocado almas que lhe teriam revelado coisas pouco lisonjeiras para certas famílias.

Em suma, várias mulheres tinham ficado loucas e alguns homens seguiam nos seus rastros; parece mesmo que o pontífice abria o caminho. A verdade é que uma jovem mulher de Illiers perdeu a cabeça completamente; ter-lhe-iam dito que, por certas faltas, seria preciso que ela fosse ao purgatório. Sexta-feira ela se despedia de todos os parentes e vizinhos, e sábado, depois de ter feito os preparativos para a partida, ia atirar-se no rio. Felizmente estava sendo vigiada e chegaram a tempo de adiar-lhe a viagem.

Compreende-se que tal acontecimento tenha excitado a opinião pública. A família dessa senhora tinha perdido a cabeça e vários membros, armados de bom chicote, corriam atrás do pontífice, que teve a sorte de escapar de suas mãos. Ele queria deixar a Sorcellerie de Vieuviq para vir montar o seu sabá em Illiers, no lugar chamado Folie-Valleran. Diz-se que dois valentes pais de família, que lhe serviam de cantores no coro, pediram-lhe que não viesse a Folie: a loucura é que iria para sua casa. Falavam também que a polícia iria ocupar-se do caso.

Deixai, então, por conta dos garotos de Illiers. Eles saberão como vencer as resistências. Há dessas coisas que morrem, abatidas pelo ridículo.

LÉON GAUBERT

O mesmo jornal, em seu número de 13 de junho de 1867, contém o seguinte:

Em resposta a uma carta com a assinatura do Sr. Léon Gaubert, publicada em nosso número de 26 de maio último, recebemos a comunicação seguinte, da qual conservamos escrupulosamente a originalidade:

La Certellerie, 4 de junho de 1867.

Senhor Redator,

Em vosso jornal de 26 de maio, dais publicidade a uma carta, na qual o vosso correspondente me aborrece profundamente, para fazer ver quanto fui maltratado em Illiers. Pedreiro e pai de família tenho direito à reparação, depois de ter sido tão violentamente atacado, e espero que vos digneis dar a conhecer a verdade, depois de ter deixado pagar o erro.

É bem verdade, como o diz aquela carta, que os meninos da escola e muitas pessoas que eu estimava me perseguem todas as vezes que passo por Illiers. Duas vezes, sobretudo, quase sucumbi a pedradas, bordoadas e outros objetos que me atiravam, e ainda hoje, se fosse a Illiers, onde sou muito conhecido, seria cercado ameaçado, maltratado. Além dos materiais que caem, enchem o ar de injúrias: *louco, feiticeiro, espírita*, tais são as amenidades mais comuns com que me regalam. Felizmente, há somente isto de verdadeiro; tudo o que o vosso correspondente *vos escreve* (o texto diz: tudo o que o vosso correspondente *acrescenta*), é falso e só existiu na imaginação de pessoas que procuraram amotinar a população contra nós.

O Sr. Léon Gaubert, que assinou vossa carta, é completamente desconhecido nesta região; dizem-me que é um anônimo, se bem

retive a palavra. Digo que se se oculta, é que sente que não faz o bem; direi, pois, com toda a franqueza ao Sr. Léon Gaubert: Fazei como eu e ponde o vosso verdadeiro nome.

Disse o Sr. Léon Gaubert que uma mulher, em razão de excitações e de práticas espíritas, enlouqueceu e quis afogar-se. Não sei se realmente ela quis afogar-se; muitas pessoas me dizem que não é verdade; mas ainda que o fosse, nada tenho com isso. Essa mulher é uma mexeriqueira; sua reputação aqui está feita há muito tempo, e ainda não se falava de Espiritismo e ela já era *como aqui* (o texto diz *conhecida aqui*), como o é agora. Suas irmãs a ajudam a me perseguir. Eu vos declaro que ela jamais se ocupou de Espiritismo: seus instintos a levam em direção contrária. Nunca assisti às nossas reuniões e jamais pôs os pés na casa de algum espírita da região.

Então, perguntareis, por que ela investe contra vós, e por que tantos vos hostilizam em Illiers? É um enigma para mim. Só me apercebi de uma coisa: é que muitas pessoas, antes que a primeira cena rebentasse, pareciam previamente instruídas e, quando entrei naquele dia nas ruas de Illiers, notei muita gente às portas e às janelas.

Sou um operário honesto, senhor. Ganho decentemente meu pão. O Espiritismo não me impede absolutamente de trabalhar, e se alguém tiver a menor exprobração séria a me dirigir, que nada tema. Nós temos leis e, nas circunstâncias em que me encontro, sou o primeiro a pedir que as leis do país sejam bem observadas.

Quanto a ser espírita, não o escondo; é bem verdade, sou espírita. Meus dois filhos, jovens ativos, ordeiros e prósperos, são médiuns. Ambos gostam do Espiritismo e, como seu pai, creem, oram, trabalham, melhoram-se e procuram elevar-se. Mas, que mal há nisto? Quando a cólera me diz que me vingue, o Espiritismo me contém e me diz: Todos os homens são irmãos; faze o bem aos que te fazem o mal. E eu me sinto mais calmo, mais forte.

“O cura me repele do confessionário porque sou espírita. Se eu viesse a ele carregado de todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas espírita, crente em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontro graça aos seus olhos. Muitas pessoas de Illiers não procedem de outro modo e aquele dos nossos inimigos, que agora me atira pedra porque sou espírita, faria mais: não só me absolveria mas me aplaudiria no dia em que me encontrasse numa orgia”.

OBSERVAÇÃO – Este último parágrafo, entre aspas, que estava na carta original, foi suprimido pelo jornal.

“Para agradecer, eu não poderia dizer preto quando vejo branco. Tenho convicções. Para mim o Espiritismo é a mais bela das verdades. Que quereis? Querem forçar-me a dizer o contrário do que penso, de tudo o que vejo, e quando se fala tanto de liberdade, é preciso que a suprimam na prática?

Vossa correspondência diz que eu queria deixar a Sorcellerie para ir estabelecer meu sabá em Folie-Valleran. Ao ver o Sr. Léon Gaubert inventar tantas palavras desagradáveis, dir-se-ia verdadeiramente que ele está possuído da raiva de dar sobre a cabeça de todo o mundo os mais desajeitados golpes de colher de pedreiro. O Sr. Valleran é um dos proprietários mais respeitáveis da região e, levantando uma construção magnífica, faz que muitos operários ganhem dinheiro, por um trabalho honesto e lucrativo. Tanto pior para quem ficasse vexado por isso ou não o imitasse senão andando para trás.

Tende a bondade, senhor, de comunicar minha carta aos vossos leitores e dissuadir, como é justo, as pessoas que a primeira carta por vós publicada induziu em erro.

Aceitai etc.”

O redator do jornal diz que conserva escrupulosamente a originalidade dessa carta. Por certo quer dizer com isto a forma do estilo que, num pedreiro de aldeia, não é a de um literato. Se esse pedreiro tivesse escrito contra o Espiritismo, e num estilo ainda mais incorreto, é provável que não o tivessem achado ridículo. Mas já que ele queria conservar tão escrupulosamente a originalidade da carta, por que lhe suprimiu um parágrafo? Em caso de inexactidão, a responsabilidade cairia sobre o seu autor. Para estar rigorosamente certo, o jornal deveria ter acrescentado que a princípio se tinha recusado a publicar essa carta, e que não cedeu senão ante a iminência de perseguições judiciárias, cujas consequências eram inevitáveis, pois se tratava de um homem estimado, atacado pelo próprio jornal em sua honra e em sua consideração.

O autor da primeira carta sem dúvida pensou que a deturpação burlesca dos fatos não fosse suficiente para lançar o ridículo sobre os espíritas. Acrescentou uma forte malícia, transformando o nome da localidade, que é *Certellerie*, no de *Sorcellerie*.³¹ Talvez seja muito espirituoso para as pessoas que gostam de sal grosso, mas é uma piada sem graça e muito desajeitada. Este gênero de ridículo jamais matou coisa alguma.

Deve-se considerar esses fatos como lamentáveis? Sem dúvida o são para os que foram suas vítimas, mas não para a doutrina, à qual só podem aproveitar.

De duas uma: ou as pessoas que se reúnem nessa localidade se entregam a uma comédia indigna, ou são criaturas honradas, sinceramente espíritas. No primeiro caso, é prestar um grande serviço à doutrina desmascarar os que dela abusam ou que misturam seu nome a práticas ridículas. Os espíritas sinceros não podem senão aplaudir a tudo o que tende a desembaraçar o Espiritismo dos parasitas da má-fé, seja qual for a forma que se apresentem, pois jamais tomaram a defesa dos prestidigitadores e dos charlatães. No segundo caso, ele só pode ganhar com a

³¹ Nota do tradutor: Feitiçaria.

repercussão que lhe dá uma perseguição apoiada em fatos controvertidos, porque excita as pessoas a se informarem do que ele é. Ora, o Espiritismo só pede para ser conhecido, muito certo de que um exame sério é o melhor meio de destruir as prevenções suscitadas pela malevolência dos que não o conhecem. Assim, não nos surpreenderíamos se essa escaramuça tivesse um resultado bem diverso do esperado por aqueles que a provocaram, e fosse a causa de uma recrudescência no número dos adeptos da localidade. Assim tem sido em toda parte onde uma oposição um tanto violenta se manifestou.

Que fazer, então? perguntarão os adversários. Se não intervimos, o Espiritismo caminha; se agimos contra, ele marcha com mais vigor. — A resposta é muito simples: reconhecer que aquilo que não se pode impedir está na vontade de Deus, e o que há de melhor a fazer é deixá-lo passar.

Dois de nossos correspondentes, estranhos um ao outro, transmitiram-nos sobre estes fatos informações precisas e perfeitamente concordantes. Um deles, o Sr. Quômes de Arras, homem de ciência e distinto escritor, ao primeiro relato desses acontecimentos, referidos pelo *Journal de Chartres*, ignorando a causa do conflito, não quis precipitar-se em defender os fatos nem as pessoas, que abandonava à severidade da crítica, se o merecessem; mas tomou a defesa do Espiritismo. Numa carta cheia de moderação e de conveniência, dirigida ao jornal, ele se empenha em demonstrar que se os fatos fossem tais quais relatados pelo Sr. Léon Gaubert, o Espiritismo nada teria a ver com isso, ainda mesmo que tivessem usado seu nome. Qualquer pessoa imparcial teria olhado como um dever dar oportunidade a uma retificação tão legítima. Não foi o que aconteceu, e as reiteradas instâncias não resultaram senão numa recusa formal. Isto se passava antes da carta de Grezelle, que, como se viu, devia ter a mesma sorte. Se o jornal temia levantar em suas colunas a questão do Espiritismo, não devia admitir a carta do Sr. Gaubert. Reservar-se o direito de atacar e recusar o de defesa, é um meio fácil, mas muito pouco lógico, de se dar razão.

O Sr. Quômes de Arras dirigiu-se àqueles lugares, a fim de ele próprio se dar conta do estado das coisas. Houve por bem enviar-nos um relato detalhado de sua visita. Lamentamos que a extensão desse documento não nos permita publicá-lo neste número, onde nem tudo o que nele devia estar pôde encontrar lugar. Resumimos suas principais consequências. Eis o que ele ficou sabendo em Illiers, junto a diversas pessoas honradas, estranhas ao Espiritismo.

Grezzelle é um excelente pedreiro, proprietário em Certellerie. Longe de desarraçar, todos os que o conhecem não podem senão fazer justiça ao seu bom senso, aos seus hábitos de ordem, de trabalho, de regularidade. É um bom pai de família; seu único erro é inquietar os materialistas e os indiferentes da região por suas afirmações enérgicas, multiplicadas, sobre a alma, sobre suas manifestações após a morte e sobre os nossos destinos futuros. Ele está longe de ser, na região, o único partidário do Espiritismo, que aí conta, sobretudo em Brou, numerosos e devotados adeptos.

Quanto às mulheres, que, segundo o *Journal de Chartres*, o Espiritismo teria enlouquecido ou arrastado a atos culposos, é pura invenção. O caso a que faz alusão é o de uma mexeriqueira muito conhecida em Illiers, dada à bebida, e cuja razão sempre foi fraca. Ela quer a Grezzelle e fala mal dele, não se sabe por quê. Como as ideias espíritas circulam na região, delas deve ter ouvido falar e as mistura em suas próprias incoerências, mas dele jamais se ocupou seriamente. Quanto a ter querido afogar-se, tal pensamento nada teria de impossível, tendo em vista o seu estado habitual; mas o fato parece inventado.

De lá o Sr. Quômes de Arras foi a Certellerie, cinco quilômetros além de Illiers.

Lá chegando, diz ele, procurei a casa da Sra. Jacquet, cujo nome me haviam dito em Illiers. Ela estava no jardim com seu filho, em meio às flores, ocupada com trabalhos de agulha. Assim que soube o motivo de minha viagem, conduziu-me à sua casa, onde logo

se juntaram a sua empregada, moça de 20 anos, médium falante e espírita fervorosa, Grezelle e seu filho mais velho, de 20 anos. Não foi preciso conversar muito com essas pessoas, para perceber que não me achava em relação com espíritos agitados, tristes, singulares, exaltados ou fanáticos, mas com pessoas sérias, razoáveis, benevolentes, de uma sociedade perfeita; franqueza, clareza, simplicidade, amor ao bem, tais eram os traços salientes que se pintavam em seu exterior, em suas palavras, e — confessarei para minha confusão — eu não esperava tanto.

Grezelle tem 45 anos, é casado e tem dois filhos; ambos são médiuns escreventes, como o pai. Contou-me calmamente os sofrimentos que suportava e as intrigas de que era objeto. A Sra. Jaquet também me disse que muitas pessoas, na região, alimentavam os piores sentimentos contra eles, porque são espíritas. Aos meus olhos pareceu muito provável, adquirindo depois a mais completa certeza de que essas diversas famílias são tranquilas, benevolentes para com todos, incapazes de fazer mal a quem quer que seja, e sinceramente dedicadas a todos os seus deveres; dando graças aos céus, admirei a firmeza, a força de caráter, a solidez das convicções, o profundo apego ao bem dessas excelentes criaturas que, no campo, sem grande instrução, sem estímulo e sem recursos visíveis, cercadas de inimigos e de gracejadores, mantêm alto, há quatro anos, seus princípios, sua fé, suas esperanças. Para defender sua bandeira contra os risos, têm uma coragem que, infelizmente, muitas vezes falta aos nossos sábios das cidades, e até a muitos espíritas adiantados.

Grezelle, o único que realmente foi maltratado, embora seja espírita há três anos, tem todo o fervor de um neófito, todo o zelo de um apóstolo e ainda toda a atividade exuberante de uma natureza ardente, enérgica e empreendedora. Em razão de seus negócios, está continuamente em contato com a população da região e, cheio do Espiritismo, amando-o mais que a vida, não pode impedir-se de falar nele, de fazê-lo ressaltar, de mostrar suas belezas, grandezas e maravilhas. De uma palavra realmente obstinada e forte, produz no meio dos indiferentes que o cercam o efeito do fogo na água. Como não leva em conta o tempo, nem as circunstâncias

contrárias, poder-se-ia dizer que peca um pouco por excesso de zelo e, talvez, também por falta de prudência.

No dia seguinte, à noite, o Sr. Quômes assistiu, em casa de Grezelle, a uma sessão espírita composta de 18 ou 20 pessoas, entre as quais se achava o prefeito, notabilidades do lugar, pessoas de notória honorabilidade, que certamente não teriam vindo a uma assembleia de loucos e de iluminados. Tudo aí se passou na maior ordem, com o mais perfeito recolhimento e sem o menor vestígio das práticas ridículas da magia e da feitiçaria. Começa-se pela prece, durante a qual todos se ajoelham. Às preces tiradas de *O evangelho segundo o espiritismo*, juntam-se a prece da noite e outras, tiradas do ritual ordinário da Igreja.

Nossos detratores, sobretudo os eclesiásticos, acrescenta o Sr. Quômes, talvez não tivessem notado, sem embaraço e sem admiração, o fervor destas almas sinceras e sua atitude recolhida, denotando profundo sentimento religioso. Havia seis médiuns, dos quais quatro homens e duas mulheres, entre as quais a empregada da Sra. Jacquet, médium falante e escrevente. Em geral as comunicações são fracas de estilo, as ideias aí são prolixas e sem encadeamento; até algumas manias aparecem no modo de comunicação; mas, afinal de contas, nada há de mau, de perigoso e tudo quanto se obtém edifica, encoraja, fortalece, leva o Espírito ao bem ou o eleva para Deus.

O Sr. Quômes encontrou nesses espíritas a sinceridade e um devotamento a toda prova, mas também uma falta de experiência, que se esforçou em suprir por seus conselhos. O fato essencial que constatou é que nada em sua maneira de agir justifica o quadro ridículo feito pelo *Journal de Chartres*. Os atos selvagens que se passaram em Illiers foram, evidentemente, suscitados pela malevolência e parecem ter sido premeditados.

De nossa parte sentimo-nos felizes que assim seja, e cumprimos os nossos irmãos do cantão de Illiers pelos excelentes sentimentos que os animam.

Como dissemos, as perseguições são o quinhão inevitável de todas as grandes ideias novas, pois todas têm tido os seus mártires. Os que as suportam um dia serão felizes, por terem sofrido pelo triunfo da verdade. Assim, que perseverem sem desanimar e sem fraquejar, e serão sustentados pelos Espíritos bons que os observam; mas, também, que jamais renunciem à prudência que as circunstâncias exigem, evitando com cuidado tudo quanto possa provocar os nossos adversários. É no interesse da Doutrina.

Epidemia da ilha Maurício

Há alguns meses um dos nossos médiuns, o Sr. T..., que frequentemente cai em sonambulismo espontâneo, sob a magnetização dos Espíritos, nos disse que naquele momento a ilha Maurício estava sendo devastada por uma terrível epidemia, que dizimava a população. Esta previsão realizou-se, até com circunstâncias agravantes. Acabamos de receber de um dos nossos correspondentes da ilha Maurício uma carta, datada de 8 de maio, da qual extraímos as passagens seguintes.

“Vários Espíritos nos anunciaram, uns claramente, outros em termos proféticos, um flagelo destruidor prestes a nos fulminar. Tomamos estas revelações do ponto de vista moral, e não do ponto de vista físico. De repente uma moléstia estranha irrompe nesta pobre ilha; uma febre sem nome, que reveste todas as formas, começa suavemente, hipocritamente, depois aumenta e derruba a todos os que pode atingir. É agora uma verdadeira peste; os médicos não a entendem; até agora, nenhum dos que foram atingidos se curaram. São terríveis acessos que vos prostram e vos torturam durante doze horas no mínimo, atacando, cada um por sua vez, cada órgão importante; depois o mal cessa durante um ou dois dias, deixando o doente acobardado até o próximo acesso, e assim se vai, mais ou menos rapidamente, para o termo fatal.

Para mim, vejo em tudo isto um desses flagelos anunciados, que devem retirar do mundo uma parte da geração presente, e

destinados a operar uma renovação tornada necessária. Vou dar-vos um exemplo das infâmias que aqui se passam.

O quinino em dose muito forte detém os acessos apenas por alguns dias; é o único específico capaz de interromper, pelo menos momentaneamente, os progressos da cruel moléstia que nos dizima.

Os negociantes e os farmacêuticos o tinham em certa quantidade, e lhes custava cerca de 7 fr. a onça. Ora, como esse remédio era forçosamente comprado por todo o mundo, aqueles senhores aproveitaram a ocasião para elevar o preço da poção de um indivíduo, de 1 fr., preço ordinário, até 15 fr. Depois o quinino veio a faltar; isto é, os que o tinham, ou o recebiam pelo correio, o vendiam ao preço fabuloso de 2 fr. 50 c. o grão, a retalho, e a 675 e 800 fr. a onça, no atacado. Numa poção entram pelo menos 30 grãos, totalizando 75 fr. a poção. Assim, só os ricos podiam comprar e aqueles negociantes viam com indiferença milhares de infelizes morrendo ao seu redor, por falta do dinheiro necessário para adquirir o medicamento.

Que dizeis disto? Ah! é história! Ainda neste momento o quinino chega em quantidade; as farmácias o têm em abundância, mas não querem vender a dose por menos de 12 fr. 50 c. Por isso os pobres morrem sempre, olhando desolados esse tesouro que não podem alcançar!

Eu mesmo fui atingido pela epidemia e estou na quarta recaída. Arruíno-me com o quinino. Isto prolonga a minha existência, mas, como receio, se as recaídas continuarem, caro senhor, palavra de honra! é muito provável que em pouco tempo terei o prazer de assistir como Espírito às vossas sessões parisienses e nelas tomar parte, se Deus o permitir. Uma vez no Mundo dos Espíritos, estarei mais perto de vós e da Sociedade do que estou na ilha Maurício. *Num pensamento* transporto-me às vossas sessões, sem fadiga e sem temer o mau tempo. Aliás, não tenho o menor receio, eu vo-lo juro; sou muito sinceramente espírita para isto. Todas as minhas precauções estão tomadas; e se vier a deixar este mundo, sereis avisado.

Enquanto espero, caro senhor, tende a bondade de pedir aos meus irmãos da Sociedade Espírita que unam as suas às nossas preces pelas infelizes vítimas da epidemia, pobres Espíritos muito materiais, na maioria, cujo desprendimento dever ser penoso e longo. Oremos também por aqueles, muito mais infelizes que, ao flagelo da moléstia, juntam o da desumanidade.

Nosso pequeno grupo está disperso há três meses; todos os membros foram mais ou menos atingidos, mas, até agora, nenhum morreu.

Recebei etc.”

É preciso ser espírita de verdade para encarar a morte com este sangue-frio e essa indiferença, quando ela estende seus malefícios em redor de nós e quando se sentem os seus ataques. É que, em semelhante caso, a fé séria no futuro, tal qual só o Espiritismo pode dar, proporciona uma força moral que, ela mesma, é um poderoso preservativo, como foi dito a propósito da cólera. (*Revista* de novembro de 1865). Isto não quer dizer que nas epidemias os espíritos sejam necessariamente poupados, mas em tais casos eles têm sido, até agora, os menos atingidos. Escusado dizer que se trata de espíritos de coração, e não dos que só o são em aparência.

Os flagelos destruidores, que devem causar danos à Humanidade, não sobre um ponto do globo, mas em toda parte, são em toda parte pressentidos pelos Espíritos.

A seguinte comunicação, verbal e espontânea, foi dada sobre o assunto, logo após a leitura da carta acima:

(Sociedade de Paris, 21 de junho de 1867 – Médiun: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo)

“Avança a hora, a hora marcada no grande e perpétuo relógio do infinito, a hora na qual vai começar a operar-se a

transformação de vosso globo, para fazê-lo gravitar rumo à perfeição. Muitas vezes vos foi dito que os mais terríveis flagelos dizimariam as populações; não é preciso que tudo morra para se regenerar? Mas, o que é isto? A morte não é senão a transformação da matéria; o Espírito não morre, apenas muda de habitação. Observai e vereis começar a realização de todas essas previsões. Oh! como são felizes aqueles que nessas terríveis provações foram tocados pela fé espírita sincera! Permanecem calmos no meio da tormenta, como o marinheiro aguerrido em meio à tempestade.

Eu, neste momento personalidade espiritual, muitas vezes sou acusado de brutalidade, de dureza e de insensibilidade pelas personalidades terrestres!... É verdade, contemplo com calma todos esses flagelos destruidores, todos esses terríveis sofrimentos físicos. Sim, atravesso sem me comover todas essas planícies devastadas, juncadas de restos humanos! Mas se o posso fazer, é que minha visão espiritual vai além desses sofrimentos e, antecipando-se ao futuro, ela se apoia no bem-estar geral que será a consequência desses males passageiros para a geração futura, para vós mesmos, que fareis parte dessa geração e que, então, recolhereis os frutos que tiverdes semeado.

Espírito de conjunto, olhando do alto de uma esfera onde habita (muitas vezes ele fala de si na terceira pessoa), seu olhar fica em branco; entretanto, sua alma palpita, seu coração sangra em face de todas as misérias que a Humanidade deve atravessar, mas a visão espiritual repousa do outro lado do horizonte, contemplando o resultado que será a sua consequência certa.

A grande emigração é útil e aproxima-se a hora em que deve efetuar-se... ela já começa... A quem será fatal ou proveitosa? Olhai bem, observadores; considerai os atos desses exploradores dos flagelos humanos, e distinguireis, mesmo com os olhos do corpo, os homens predestinados à decadência. Vede-os ávidos de honras, inflexíveis no ganho, presos, como sua vida, a todas as posses terrenas, e sofrendo mil mortes pela perda de uma parcela do que, entretanto,

precisarão deixar... Como será terrível para eles a pena de talião, porquanto, no exílio que os espera, lhes recusarão um copo de água para estancar a sede!... Olhai-os e neles reconheceréis, sob as riquezas que acumulam à custa dos infelizes, os futuros humanos decaídos! Considerai seus trabalhos, e vossa consciência vos dirá se esses trabalhos devem ser pagos lá no alto, ou aqui embaixo! Olhai-os bem, homens de boa vontade, e vereis que o joio começa, desde esta Terra, a ser separado do bom grão.

Minha alma é forte, minha vontade é grande! — Minha alma é forte porque sua força é o resultado de um trabalho coletivo de alma a alma; minha vontade é grande porque tem como ponto de apoio a imensa coluna formada por todos os sentimentos de justiça e de bem, de amor e de caridade. Eis por que sou forte, eis por que sou calmo para olhar; eis por que seu coração, que bate quase a estourar em seu peito, não se comove. Se a decomposição é o instrumento necessário da transformação, assiste ó minha alma, calma e impassível, a essa destruição!”

Variedade

CASO DE IDENTIDADE

Um dos nossos correspondentes de Maine-et-Loire transmite-nos o fato seguinte, que se passou aos seus olhos, como prova de identidade.

Desde algum tempo o Sr. X... estava gravemente enfermo em C..., na Touraine, e sua morte era esperada a qualquer momento. No dia 23 de abril último, tínhamos por alguns dias em nosso grupo uma senhora médium, a quem devemos comunicações muito interessantes. Veio ao pensamento de um dos assistentes, que conhecia o Sr. X..., perguntar a um Espírito familiar do nosso grupo, Espírito leviano, mas não mau, se aquele senhor tinha morrido. — Sim, foi-lhe respondido. — Mas, é bem verdade, já que às vezes falas tão levianamente? — O Espírito respondeu de novo

afirmativamente. No dia seguinte, o Sr. A. C..., que até então tinha sido pouco crente, e que também conhecia particularmente o Sr. X..., quis ele próprio tentar evocá-lo, se, de fato, ele tivesse morrido. O Espírito veio imediatamente ao seu apelo e disse: “Por favor, não me esqueçais. Orai por mim.” — Desde quanto tempo estais morto? perguntou o Sr. A. C... — Um dia. — Quando sereis enterrado? Esta tarde, às quatro horas. — Sofreis? — Tudo que uma alma pode sofrer. — Guardais rancor de mim? — Sim. — Por quê? Sempre fui muito rígido convosco.

As relações desses dois senhores sempre tinham sido frias, embora perfeitamente polidas. Rogado a assinar, o Espírito deu as três iniciais de seu prenome e de seu nome. No mesmo dia o Sr. A. C. recebeu uma carta, anunciando-lhe a morte do Sr. X... À noite, após o jantar, ouviram-se pancadas. O Sr. A. C. tomou a pena e escreveu o ditado sob a batida do Espírito:

Fui ambicioso; sem dúvida todo homem o é;
 Mas nunca rei, pontífice, chefe ou cidadão
 Concebeu um projeto tão grande quanto o meu.

As batidas eram fortes, acentuadas, quase imperiosas, como vindas de um Espírito iniciado há muito tempo nas relações do Mundo Invisível com os homens. O Sr X... tinha exercido altas funções administrativas; talvez nos lazeres da aposentadoria e sob a influência da lembrança de suas antigas ocupações, seu Espírito tivesse elaborado algum grande projeto. Uma carta recebida há dois dias confirma todos os detalhes acima.

OBSERVAÇÃO – Sem dúvida o fato nada tem de extraordinário e que não se encontre muitas vezes; mas esses fatos íntimos nem sempre são os menos instrutivos e convincentes; causam mais impressão nos círculos onde se passam do que o fariam fenômenos estranhos, que seriam olhados como excepcionais. O Mundo Invisível aí se revela em condições de simplicidade que o aproximam de nós e melhor convencem da continuidade de suas relações com o

mundo visível. Numa palavra, os mortos e os vivos aí estão mais em família e se reconhecem melhor. Os fatos deste gênero, por sua multiplicidade e pela facilidade de obtê-los, contribuíram mais à propagação do Espiritismo do que as manifestações que têm as aparências do maravilhoso. Um incrédulo ficará muito mais tocado por uma simples prova de identidade, dada espontaneamente, na intimidade, por algum parente, amigo ou conhecido, do que por prodígios que mal o tocam e nos quais não acredita.

Poesia espírita

AOS ESPÍRITOS PROTETORES

Mais alto, ainda mais alto! É teu voo, ó minha alma,
A este puro ideal que Deus te há revelado!
Bem para além dos céus, e esses mundos sem calma,
Para o seu fim divino, eu me sinto chamado.
De Jacob subirei, adormecido, a escada,
Eu sempre a subirei sem descê-la jamais;
Porque, bondosa e doce, em mão fraternizada,
Um Espírito bom meus passos guia em paz.
Ele me mostra o fim, e com amor me consola;
Ele está lá, eu sinto, e sua voz escuto
Me soar no coração, como Éolo que se evola
Em sopros na montanha e bosques que eu perscruto.
Que importa o nome seu! Se já não é da Terra;
Anjo misterioso e de amores celestes,
Tem do desconhecido um charme a sós que o encerra;
Ele habita bem longe, em mundos incontestes!
Lá!... Seu corpo que um raio em glória transfigura,
Na sutilização do éter puro impalpável
Ele os males não vê que há na frágil natura,

E portanto ele é bom, porque na dor afável.
No silêncio sempre me falas,
Eu te vejo na escuridade;
Pressentir me fazes te embalas
Bem nas glórias da eternidade.
Não me culpas se algum mal faço:
Se em vigília os meus sonhos passo,
Me completas coisas que abraço;
Facho que, em uma sombra, luz,
A coragem tu me sustentas,
Minha nave segura orientas,
Preservando-me nas tormentas,
E teu brilho a noite reduz.
Dizes tu: amor; oração;
Esperança; dizes: virtude,
E dás bem o nome de irmão
À criança humílima e rude;
Forte, buscas minha fraqueza,
Tanto queres minha baixeza
E ditosa, a minha pobreza.
És sagrado, angélico ser,
Depurado teu fluido em graça
Esta minha mortal carcaça,
E o ar das asas tuas me enlaça
A alma envolta em paz e prazer.
Quem tu sejas, alma esperança,
Obrigado, irmão lá do Além;
Mulher jovem, velho ou criança,
Que me importa! Não és o bem?
Planas sobre a minha cabeça,

Em correndo assim, tua pressa
Um cometa pois atravessa,
Algum outro astro em formação;
Tu habitas nessa atmosfera,
Marte ou de Saturno na esfera,
Ou da grande Ursa vens de espera,
De Aldebaran, de Orion, então?
E que me importa a mim onde moras!
E que importa a mim de onde venhas!
Que inaudito céus e que auroras.
Ao senti-los os meus são brenhas?
Salve, ó minha tão doce estrela;
Guia a minha indecisa vela,
Sobre o mar que a bruma cancela,
Longe enfim de escolhos, porém,
Sejas um farol na tormenta,
A se erguer da vaga espumenta,
E essa luz que amiga contenta,
Findo o exílio buscar-me vem.

JULES-STANY DOINEL (d'Aurillac)

Nota bibliográfica

LE ROMAN DE L'AVENIR

(Por E. Bonnemère)

No ano passado os Espíritos nos haviam dito que em breve a literatura entraria na via do Espiritismo, e que 1867 veria aparecerem várias obras importantes. Com efeito, pouco depois apareceu o *Spirite*, de Théophile Gautier. Como dissemos, era menos

um romance espírita que o romance do Espiritismo, mas que teve sua importância pelo nome do autor.

Vem a seguir, no começo deste ano, a tocante e graciosa história de *Mirette*. Nesta ocasião o Espírito Morel Lavallée disse na Sociedade:

“O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para o mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e desabrochado. O ano de 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se inicia sob os auspícios de *Mirette* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, em que o romance se fará filosofia e a filosofia se fará história” (*Revista* de fevereiro de 1867).

Estas palavras proféticas se realizam. Temos como certo que uma obra importante aparecerá em breve; não será um romance, que pode ser considerado como uma obra de imaginação e de fantasia, mas a filosofia mesma do Espiritismo, altamente proclamada e desenvolvida por um nome que poderá fazer refletirem os que pretendem que todos os partidários do Espiritismo são loucos.

Esperando, eis uma obra que de romance só tem o nome, porque a intriga aí é quase nula e é apenas um quadro para desenvolver, sob a forma de conversas, os mais altos pensamentos da filosofia moral, social e religiosa. O título de *Le Roman de l'avenir* não lhe parece ter sido dado senão por alusão às ideias que regerão a sociedade no futuro e que, no momento, apenas estão no estado de romance. O Espiritismo aí não é citado, mas pode tanto melhor reivindicar suas ideias, quanto em sua maioria parecem colhidas textualmente na doutrina, e que se algumas delas se afastam um pouco, são em pequeno número e não tocam o fundo da questão. O autor admite a pluralidade das existências, não só como racional, conforme a justiça de Deus, mas como necessária, indispensável ao progresso da alma e adquirida pela sã filosofia. Mas o autor parece

inclinado a crer, embora não o diga claramente, que a sucessão das existências se realize antes de mundo a mundo, do que no mesmo meio, porque não fala de modo explícito das múltiplas existências num mesmo mundo, não obstante esta ideia possa ser subentendida. Talvez aí esteja um dos pontos mais divergentes, mas que, aliás, absolutamente não prejudica o fundo, pois, em última análise, o princípio seria o mesmo.

Assim, essa obra pode ser posta na classe dos livros mais sérios, destinados a vulgarizar os princípios filosóficos da doutrina no mundo literário, no qual o autor tem uma posição notável. Disseram-nos que quando o escreveu, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, mas, se assim é, seria uma das provas mais retumbantes da fermentação espontânea dessas ideias e de seu poder irresistível, porque o acaso, sozinho, não faz encontrar tantos pesquisadores no mesmo terreno.

O prefácio não é a parte menos curiosa desse livro. O autor aí explica a origem de seu manuscrito. “Qual é — pergunta ele — a minha colaboração em *Le Roman de l’avenir*? Somos dois ou três, ou o autor se chama legião? Deixo estas coisas à apreciação do leitor, depois que lhe tiver contado uma aventura muito verídica, conquanto tenha todas as aparências de uma história do outro mundo.”

Tendo parado um dia em modesto vilarejo da Bretanha, a proprietária do albergue lhe contou que havia na região um jovem que fazia coisas extraordinárias, verdadeiros milagres. Disse ela: “Sem nada ter aprendido, ele sabe mais que o reitor, o médico e o tabelião juntos, e mais do que todos os feiticeiros reunidos. Fecha-se todas as manhãs em seu quarto; vê-se sua lâmpada por meio das cortinas, porque ele precisa da lâmpada, mesmo de dia; então escreve coisas que ninguém jamais viu, mas que são sublimes. Anuncia com seis meses de antecedência, o dia, a hora, o minuto em que cairá nos seus grandes acessos de feitiçaria. Uma vez que disse ou escreveu, nada mais sabe, mas é verdadeiro como a palavra do Evangelho e infalível como a decisão do papa, em Roma. Cura à primeira vista, sem cobrar,

àqueles que lhe são simpáticos e, às barbas do médico, os doentes que este não cura, mesmo cobrando. O Sr. reitor diz que não pode ser senão o diabo que lhe dá o poder de curar aqueles a quem o bom Deus envia doenças para o seu bem, a fim de os provar ou os castigar.

Fui vê-lo, acrescenta o autor, e minha boa estrela quis que eu lhe fosse simpático. Era um rapaz de 25 anos, ao qual seu pai, rico camponês do cantão, tinha propiciado certa educação, a despeito do que disse a minha hospedeira; simples, melancólico e sonhador, levando a bondade até a excelência, e dotado de um temperamento, no qual o sistema nervoso dominava sem contrapeso. Levantava-se ao amanhecer, presa de uma febre de inspiração que não podia dominar, e espalhava abundantemente sobre o papel, às vezes contra a vontade e sem se dar conta, as estranhas ideias que germinavam por si mesmas em seu cérebro.

Vi-o à obra. No espaço de uma hora ele cobria invariavelmente o seu caderno com quinze ou dezesseis páginas de escrita, sem hesitação, sem rasuras, sem se deter um segundo à busca de uma ideia, uma frase, uma palavra. Era uma torneira aberta, de onde a inspiração se escoava em jato sempre igual. Absolutamente mudo durante essas horas de trabalho obstinado, dentes cerrados e lábios contraídos, a palavra lhe vindo no instante em que o relógio batia a hora de retomada dos trabalhos campestres. Voltava, então à vida de todo o mundo, e tudo quanto acabava de pensar ou escrever durante essas duas ou três horas de uma outra existência, pouco a pouco se apagava de sua memória, como o sono que se desvanece e desaparece à medida que se desperta. No dia seguinte, expulso da cama por uma força invencível, entregava-se à obra e continuava a frase ou a palavra começada no dia anterior.

Abriu-me um armário, no qual se acumulavam cadernos cheios de sua escrita. — Que há em tudo isto? — perguntei. — Ignoro-o tanto quanto vós, respondeu sorrindo. — Mas como vos vem tudo isto? — Não posso senão repetir a mesma resposta: ignoro-o tanto quanto vós. Por vezes sinto que está em mim; outras

vezes escuto o que me dizem. Então, sem ter consciência e sem ouvir o ruído de minhas próprias palavras, eu o repito aos que me cercam, ou o escrevo.

Isto constituía cerca de 17 mil páginas, escritas em quatro anos. Aí se achavam uma centena de novelas e de romances, tratados sobre diversos assuntos, receitas médicas e outras, máximas etc. Notei sobretudo isto:

Estas coisas me são reveladas, a mim, simples de espírito e de instrução, porque, nada sabendo, não tendo a respeito ideias preconcebidas, estou mais apto a assimilar as ideias alheias.

Os seres superiores, partidos primeiro, depurados ainda pela transformação, vêm envolver-me e me dizer:

Dão-vos tudo o que não se aprende e que pode esclarecer o mundo onde, ao partir, deixamos a nossa marca inapagável. Mas é preciso reservar sua parte no trabalho pessoal, sem usurpar a ciência adquirida, nem o *trabalho que cada um pode e deve fazer*.

Nessa enorme confusão, escolhi um simples idílio, obra de fantasia, estranha, impossível, e no qual são lançados, sob uma forma mais ou menos ligeira, as bases de uma nova cosmogonia toda inteira. Nesses cadernos, o estudo tinha como título: *l'Unité*, que julguei dever substituir pelo de *Le Roman de l'avenir*". Eis os elementos principais do enredo:

Paul de Villeblanche morava na Normandia, com seu pai, nas ruínas de um velho castelo, outrora residência senhorial de sua família, arruinada e dispersa pela Revolução. Era um rapaz de uns vinte anos, de grande inteligência, ideias mais largas e mais avançadas e que tinha posto de lado todos os preconceitos de raça.

No mesmo cantão, vivia uma velha marquesa muito devota que, para resgatar os pecados e salvar sua alma, tinha imaginado

tirar da miséria e da abjeção social uma pequena cigana para dela fazer uma religiosa. Desta maneira, pensava ela, estaria certa de ter alguém que, por reconhecimento e por dever, por ela orasse incessantemente, durante sua vida e após a morte. Essa mocinha era, pois, educada no convento, desde cerca dos oito anos e, esperando que tomasse o hábito, vinha de dois em dois anos passar seis semanas em casa de sua benfeitora. Mas a jovem, de rara inteligência, tinha intuitivamente e sobre muitas coisas, ideias à altura das de Paul. Estava então com 16 anos. Numa de suas férias, os dois jovens se encontram, ligam-se por uma afeição toda fraterna e têm conversas em que Paul desenvolve à sua inteligente companheira princípios filosóficos novos para ela, mas que esta compreende sem esforço e, por vezes, leva vantagem. Estas duas almas de escol estão à altura uma da outra. O romance acaba em casamento, como é de justiça, mas aí está apenas um pretexto para dar uma lição prática sobre um dos pontos mais importantes da ordem social e dos preconceitos de casta.

Inscrevemos com muito gosto este livro no rol dos que são úteis propagar, e que têm seu lugar marcado na biblioteca dos espíritas.

São essas conversas que fazem o enredo principal do livro; o resto não passa de um quadro muito simples para a exposição das ideias que um dia devem prevalecer na sociedade.

Para referir tudo o que, desse ponto de vista, mereceria sê-lo, seria preciso citar a metade da obra. Reproduzimos apenas alguns dos pensamentos que poderão fazer julgar do espírito no qual ela foi concebida.

“Achar é a recompensa de haver procurado; e tudo quanto nós mesmos podemos fazer, não devemos pedir aos outros.

O mundo é um vasto canteiro, no qual Deus distribuiu a cada um a sua tarefa, distribuindo a nossa conforme as nossas forças. Deste imenso atrito de inteligências diversas, opostas, hostis em aparência, jorra a luz, sem que se apague na hora do nosso último

sono. Ao contrário, a marcha constante das gerações que se sucedem traz uma nova pedra ao edifício social; a luz torna-se mais brilhante quando nasce uma criança, trazendo, para continuar o progresso, o primeiro elemento de uma inteligência sempre renovada.”

“Mas a marquesa me repete incessantemente (diz a jovem), que todos nascemos maus, que não diferimos senão pela maior ou menor propensão para o pecado, e que a existência inteira é uma luta contra as nossas inclinações, que todos tenderiam para a eterna danação, se a religião que ela me ensina não nos retivesse à beira do abismo.

— Não creia nesses blasfemadores. Deus seria o agente do mal, se não tivesse posto em cada um de nós a bússola que deve guiar nossos passos para a realização dos nossos destinos, e se o homem não tivesse podido marchar em seu caminho até o dia em que a Igreja veio corrigir a obra imperfeita e mal acabada do Eterno.”

“Quem sabe se, na imensa rotação do mundo, nossos filhos, por sua vez, não se tornarão nossos pais, e se não nos restituirão, intacta, esta soma de misérias, que lhes teremos deixado ao partir?”

“Nenhum mal pode vir de Deus, no tempo nem na eternidade. A dor é obra nossa, é o protesto da Natureza para nos indicar que não mais estamos nos caminhos por ela fixados à atividade humana. Ela se torna um meio de salvação, porque é o seu próprio excesso que nos impele para frente, incita nossa imaginação preguiçosa e nos leva a fazer grandes descobertas, que aumentam o bem-estar dos que devem passar por este globo depois de nós.”

“Cada um de nós é um anel dessa cadeia sublime e misteriosa que liga todos os homens entre si, bem como com a Criação inteira, e que jamais, em parte alguma, poderiam ser quebradas.”

“Depois da morte, os órgãos esgotados precisam de repouso, e o corpo devolve à terra os elementos de que se constituem, ao infinito, os seres que se sucedem. Mas a vida renasce da morte.”

“Ao partir, levamos conosco a lembrança dos conhecimentos aqui adquiridos; o mundo para onde remos nos dará os seus e nós os agruparemos todos em feixes, para deles formar o progresso.”

“Entretanto, arriscou a moça, haverá um termo, um inevitável fim, tão afastado quanto o suponhas.

— Por que limitar a eternidade, depois de a ter admitido em princípio?

Aquilo que se chama o fim do mundo é apenas uma figura. Jamais houve começo e jamais haverá fim do mundo. Tudo vive, tudo respira, tudo é povoado. Para que o juízo final pudesse chegar, seria preciso um cataclismo geral, que fizesse o Universo inteiro entrar no nada. Deus, que tudo criou, não pode destruir sua obra. Para que serviria o aniquilamento da vida?”

“Sem dúvida a morte é inevitável. Mas, melhor compreendida no futuro, esta morte que nos apavora, não se dará senão na hora prevista, talvez esperada, da partida, para fornecer uma nova etapa. Um chega, outro se põe a caminho, e a esperança enxuga as lágrimas que ocorrem no instante do adeus. A imensidade, o infinito, a eternidade prolongam suas perspectivas aos nossos olhos ávidos, cujo desconhecido nos atrai. Já mais aperfeiçoados, faremos uma viagem mais bela, depois partiremos ainda outra vez, e sempre marcharemos, elevando-nos incessantemente, pois depende de nós que a morte seja a recompensa do dever cumprido, ou o castigo, quando a obra encomendada não tiver sido feita.”

“Em qualquer lugar que estejamos no Universo, prendemo-nos por laços misteriosos e sagrados, que nos tornam solidários uns com os outros, e recolheremos fatalmente a colheita do bem e do mal que cada um de nós semeou atrás de si, antes de partir para a grande viagem.”

“A criança que nasce traz seu germe de progresso; o homem que morre deixa o seu lugar para que, depois dele, o progresso

se realize e ele continue a trabalhar, levando alhures, e a outro ser, sua alma aperfeiçoada.”

“Aqueles a quem debes a luz expiaram nesta vida as faltas de um passado misterioso. Sofreram, mas sofreram corajosamente. O Deus de amor e de misericórdia necessitava deles, sem dúvida, para uma missão mais importante em outro mundo. Ele os chamou a si, concedendo-lhes assim o salário merecido antes que o dia tivesse acabado.”

(A propósito de uma jovem que, ainda criança, operava curas surpreendentes, indicando os remédios por intuição)

“Isto fez ruído, e a principal autoridade, o cura, inquietou-se e interveio. A criança fazia, por meios naturais, o que nem o médico com sua ciência, nem o cura com suas preces, era capaz de obter!... Evidentemente ela era possessa. Para os homens de pouca fé e inteligência obtusa, é Deus que, com o propósito de nos castigar, como se não tivesse a eternidade à sua frente, ou de nos provar, como se não soubesse o que vamos fazer, nos envia todos os males, os flagelos de todo o gênero, as ruínas, a perda dos que nos são caros. Ao contrário, é Satã quem dá a prosperidade, faz encontrar tesouros, cura os doentes, e nos prodigaliza todas as alegrias deste mundo. Enfim, segundo eles, Deus faz o mal, enquanto o diabo é ao autor de todo o bem. Então Maria foi exorcizada, rebatizada ao acaso, a fim de que não pudesse mais aliviar os seus semelhantes. Mas nada adiantou: ela continua a fazer o bem ao seu redor.

— Mas tu, que sabes tudo, Paul, que dizes de tudo isto?

— Se jamais creio no que minha razão repele, respondeu o jovem conde, não nego os fatos atestados por numerosas testemunhas, só porque a Ciência ainda não os sabe explicar. Deus deu aos animais o instinto de ir direto à planta que pode curar as raras doenças que os atingem. Por que nos teria recusado esse precioso privilégio? Mas o homem saiu dos caminhos que o Criador

lhe havia fixado; pôs-se em hostilidade com a Natureza, cujos avisos deixou de escutar. O facho extinguiu-se nele, e a Ciência veio substituir o instinto que, no seu orgulho de novo-rico, negou, combateu, perseguiu, aniquilou tanto quanto nela estava fazê-lo. Mas quem pode afirmar que não sobrevive em alguns seres simples e primitivos, decididos a se esclarecerem docilmente por todos os lampejos que entreveem, animados que estão do desejo de vir em auxílio aos sofrimentos alheios? Quem sabe se Maria, tendo vivido outrora entre essas populações na infância, entre as quais ainda sobrevive o instinto e que sabem segredos maravilhosos, ou então em algum mundo mais adiantado, de onde suas faltas a fizeram decair, Deus não lhe permite recordar-se de coisas que os outros esqueceram?

“Não são certos conhecimentos, para cada um de nós, que parecem reencontrar-se em nós, tão fácil nos é o seu estudo, ao passo que outros não podem penetrar em nosso espírito, sem dúvida porque vêm feri-lo pela primeira vez, ou porque várias gerações acumularam sobre tais conhecimentos montanhas de ignorância e de esquecimento?”

(A propósito das visões nos sonhos)

“É a alma mantida no seu exílio que conversa com a alma desprendida de sua parte terrena; por isso essas visões são iluminadas por um raio luminoso, que deixa entrever aos pobres humanos quanto é resplandecente o ponto onde chegaram os que souberam dirigir o seu esquife no oceano perigoso, onde flutua a existência.”

“Por certo, em mundos diferentes, nossos corpos se constituem de elementos diferentes, e aí revestimos outro envoltório, mais perfeito ou mais imperfeito, conforme o meio onde devem agir. Mas é sempre certo que esses corpos vivem, animados pelo mesmo sopro de Deus; que a transmissão das almas se faz, nuns como nos outros inumeráveis planetas que povoam o Espaço Infinito, e que sendo a emanação mesma de Deus, existem identicamente as mesmas, em todos os mundos. Do outro lado da vida, Ele nos dá

uma alma sempre purificada, que permite que nos aproximemos incessantemente do Céu; só a nossa vontade por vezes a faz desviar-se do reto caminho.

— Entretanto, Paul, ensinam-nos que ressuscitaremos com os nossos corpos de hoje!

— Tudo isto é loucura e orgulho! Nossos corpos não são nossos, mas de todo o mundo, dos seres que ontem devoramos, dos que nos devorarão amanhã. São de um dia; a terra no-los empresta e no-los retomará. Só a nossa alma nos pertence; só ela é eterna, como tudo quanto vem de Deus e a Ele retorna”.

Dissertação espírita

LUTA DOS ESPÍRITOS PARA VOLTAR AO BEM

(Paris, 24 de março de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Obrigado, caro irmão, por vossa compaixão por aquele que expia pelo sofrimento as faltas cometidas; obrigado por vossas boas preces, inspiradas por vosso amor aos vossos irmãos. Chamai-me algumas vezes; será um encontro a que jamais faltarei, ficai certos. Disse numa comunicação dada na Sociedade que, depois de ter sofrido, me seria permitido vir dar minha opinião sobre algumas questões de que vos ocupais. Deus é tão bom que, depois de me haver imposto a expiação pelo sofrimento, teve piedade de meu arrependimento, porque sabe que se eu fali, foi por fraqueza, e que o orgulho é filho da ignorância. É-me permitido instruir-me, e se não posso, como os Espíritos bons que deixaram a Terra, penetrar os mistérios da Criação, posso estudar os rudimentos da ciência universal, a fim de progredir e ajudar os meus irmãos a progredirem também.

Dir-vos-ei a relação que existe entre o estado da alma e a natureza dos fluidos que a envolvem em cada meio em que momentaneamente ela é colocada. E se, como vos foi dito, a alma pura

saneia os fluidos, crede bem que o pensamento impuro os vicia. Julgai que esforços deve fazer o Espírito que se arrepende, para combater a influência desses fluidos de que é envolvido, aumentada ainda pela reunião de todos os maus fluidos que lhe trazem, para o sufocar, os Espíritos perversos. — Não creiais que me baste querer melhorar-me, para expulsar os Espíritos orgulhosos que me rodeavam durante minha estada na Terra. Eles estão sempre perto de mim, procurando reter-me em sua atmosfera insalubre. Os Espíritos bons vêm esclarecer-me, trazer-me a força de que necessito para lutar contra a influência dos Espíritos maus, afastando-se depois e me deixando entregue às minhas próprias forças, para lutar contra o mal. É então que eu sinto a influência benfazeja de vossas boas preces, porquanto, sem o saber, continuais a obra dos Espíritos bons de Além-Túmulo.

Como vedes, caro irmão, tudo se encadeia na imensidade; todos somos solidários uns com os outros, e não há um só pensamento bom que não leve consigo frutos de amor, de melhora e de progresso moral. Sim, tendes razão de dizer de vossos irmãos que sofrem que basta uma palavra para explicar o Criador; que esta palavra deve ser a estrela que guia cada Espírito, seja qual for o grau da escala espírita a que pertença por todos os seus pensamentos, por todos os seus atos, nos mundos inferiores, como nos superiores; que esta palavra, o evangelho de todos os séculos, o alfa e o ômega de toda ciência, a luz da verdade eterna, é amor! Amor de Deus, amor de seus irmãos. Ditosos os que oram pelos irmãos que sofrem. Suas proações na Terra tornar-se-ão leves, e a recompensa que os espera estará acima de suas expectativas!...

Como vedes, caro irmão, o Senhor é cheio de misericórdia, visto que, a despeito de meus sofrimentos, permite-me vir falar-vos a linguagem de um Espírito bom.

A...

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

AGOSTO DE 1867

Nº 8

Fernande

NOVELA ESPÍRITA

Tal é o título de um romance-folhetim, pelo Sr. Jules Doinel (d'Aurillac), publicado no *Moniteur du Cantal*, de 23 e 30 de maio, 6, 13 e 20 de junho de 1866. Como se vê, o nome do Espiritismo não está dissimulado, pelo que se deve cumprimentar tanto mais o autor por essa coragem de opinião, que é mais rara nos escritores de província, onde as influências contrárias exercem uma pressão maior do que em Paris.

Lamentamos que, depois de ter sido publicada em folhetins, forma sob a qual uma ideia se espalha mais facilmente nas massas, esta novela não tenha sido enfeixada em volume, e que os nossos leitores estejam privados do prazer de adquiri-la. Embora seja uma obra sem pretensões e circunscrita num quadro muito pequeno, é um retrato verdadeiro e atraente das relações do Mundo Espiritual e do mundo corporal, que traz o seu contingente à vulgarização da ideia espírita, do ponto de vista sério e moral. Mostra os puros e nobres sentimentos que esta crença pode desenvolver no coração do homem, a serenidade que dá nas aflições, pela certeza de um futuro

que corresponde a todas as aspirações da alma e dando plena satisfação à razão. Para pintar essas aspirações com verdade, como o faz o autor, é preciso ter fé *naquilo que se diz*. Um escritor, para quem semelhante assunto não passasse de um quadro banal, sem convicção, acreditaria que para fazer Espiritismo bastaria associar o fanatismo, o maravilhoso e as aventuras estranhas, como certos pintores julgam ser suficiente espalhar cores vivas para fazer um quadro. O Espiritismo verdadeiro é simples; toca o coração e não fere a imaginação com marteladas. Foi o que compreendeu o autor.

O enredo de *Fernande* é muito simples. Trata-se de uma jovem, ternamente amada por sua mãe, arrancada à flor da idade à sua ternura e ao amor de seu noivo, e que evidencia sua coragem manifestando-se à sua vista e ditando ao seu amado, que em breve deve reunir-se a ela, o quadro do mundo que o espera. Citaremos alguns dos pensamentos que aí notamos.

“Desde a aparição de Fernande, eu me tornara um adepto resoluto da ciência de Além-Túmulo. Por que, aliás, dela eu teria duvidado? Terá o homem o direito de marcar limites ao pensamento e dizer a Deus: Não irás mais longe?”

“Considerando que estamos perto dela e que pisamos uma terra que é santa, eu vou, meu caro amigo, falar-te com o coração aberto, tomando a Deus por testemunha da sinceridade de tudo quanto vais ouvir. Sei que crês nos Espíritos, e mais de uma vez me pediste para precisar tua crença sobre este ponto. Não o fiz e, é preciso dizê-lo, sem as manifestações estranhas que tiveste, jamais eu o teria feito. Meu amigo, creio que Deus deu a certas almas uma força de simpatia de tal modo grande que ela pode propagar-se às regiões desconhecidas da outra vida. É sobre este fundamento que repousa toda a minha doutrina. O charlatanismo e a hipocrisia de certos adeptos me fazem mal, porque não compreendo que se possa profanar uma coisa tão santa.”

“Oh! Stéphen Stany (o noivo) tinha muita razão de dizer que o charlatanismo e a hipocrisia profanam as coisas mais santas. A

crença nos Espíritos deve tornar a alma serena; de onde vem, pois, que na obscuridade o menor ruído me apavore? Por vezes vi desenhar-se, na penumbra de minha alcova, quer o fantasma de Fernande de Moeris, quer o perfil vago de minha mãe; e eles eu sorri. Mas, muitas vezes também, minha vista se desviou com pavor dos esgares de alguns Espíritos maus, aí vindos para me afastar do bem e me desviar de Deus.”

“Enquanto me falava, Stany estava calmo. Não notei em sua fisionomia nenhum traço de exaltação. Mas, perto dessa pedra, sua diafaneidade tornava-se ainda mais visível. A alma de meu amigo mostrava-se toda inteira ao meu olhar. Essa bela alma nada tinha a ocultar. Eu compreendia que o laço que o prendia ao corpo de lama era muito fraco, e que não estava longe a hora em que voaria para *outro mundo*.”

“Ela me tinha dito: ‘Vai à casa de minha mãe’ — Isto me foi penoso, confesso-o; embora noivo de Fernande, eu não estava muito bem com tua prima. Sabes quanto ela era ciumenta de todo aquele que retivesse uma parte da afeição de sua filha. Dir-te-ei que me recebeu de braços abertos e me disse, chorando: ‘Eu a reví!’ . O gelo estava quebrado; nós íamos nos compreender pela primeira vez. — Meu caro Stéphen, acrescentou ela, creio ter sonhado! Mas, enfim, eu a reví, e eis o que me disse: ‘Mãe, pedirás a Stéphen Stany que fique oito dias no quarto que foi meu. Durante esse período, não permitirás que o incomodem. Durante esse retiro, Deus lhe revelará muitas coisas’. — Conduziram-me imediatamente ao quarto de tua prima; e desde aquele mesmo dia até ontem, dia em que te reví, sua alma esteve ininterruptamente comigo. Eu a vi e vi muito bem, com os olhos do Espírito, e não com os olhos do meu corpo, embora estes estivessem abertos. Ela me falou. Quando digo que me falou, quero dizer que houve entre nós *transmissão de pensamento*. Sei agora tudo quanto precisava saber. Sei que este globo nada representa para mim e que uma existência melhor me aguarda.”

“Aprendi a estimar o mundo no seu justo valor. Retém estas palavras, meu amigo: Todo Espírito que quer alcançar a

felicidade superior deve manter seu corpo casto, seu coração puro, sua alma livre. Feliz quem sabe perceber a forma imaterial de Deus por meio das sombras do que se passa!”

“Não nos esqueçamos jamais, ó irmãos, de que Deus é Espírito, e que quanto mais nos tornamos Espírito, mais nos aproximamos de Deus. Não é permitido ao homem romper violentamente os laços da matéria, da carne e do sangue. Esses laços supõem deveres; mas lhe é permitido deles se desprender pouco a pouco pelo idealismo de suas aspirações, pela pureza de suas intenções, pela irradiação de sua alma, reflexo sagrado cujo dever é o lar, até que, pomba livre, seu Espírito, liberto das cadeias mortais, voe e plane nos espaços incomensuráveis.”

O manuscrito ditado pelo Espírito Fernande, durante os oito dias do retiro de Stéphen, contém as seguintes passagens:

“Morri na perturbação e despertei na alegria. Vi meu corpo, apenas esfriado, estender-se no leito funerário, e me senti como que aliviada de um pesado fardo. Foi então que te percebi, meu bem-amado, e que pela permissão de Deus, unida ao livre exercício de minha vontade, eu te distingui junto ao meu cadáver.

Enquanto os vermes prosseguiam sua obra de corrupção, eu penetrava, curiosa, os mistérios do mundo novo que habitava. Pensava, sentia, amava como na Terra; mas meu pensamento, minha sensação, meu amor tinham aumentado. Compreendia melhor os desígnios de Deus, *aspirava sua vontade divina*. Vivemos uma vida quase imaterial, e somos superiores a vós tanto quanto os anjos o são a nós. Vemos Deus, mas não claramente; nós o vemos como se vê o Sol de vossa Terra, por meio de espessa nuvem. Mas esta visão imperfeita basta à nossa alma, que ainda não está purificada.

Os homens nos aparecem como fantasmas errantes numa bruma crepuscular. Deus conferiu a alguns dentre nós a graça de ver mais claramente os que amam de preferência. Eu te via assim,

caro amor, e minha vontade te envolvia de uma simpatia amorosa a todo momento. É assim que teus pensamentos vinham a mim, que teus atos eram inspirados por mim, que tua vida, numa palavra, não era senão um reflexo de minha vida. Assim como podemos comunicar-nos convosco, os Espíritos Superiores podem revelar-se aos nossos olhares. Por vezes, na transparência imaterial, vemos passar a silhueta augusta e luminosa de algum Espírito. É-me impossível descrever-te o respeito que esta visão nos inspira. Felizes aqueles dentre nós que são honrados com estas visitas divinas. Admira a bondade de Deus! os mundos se correspondem todos. Nós nos mostramos a vós; eles se mostram a nós: é a escada simbólica de Jacó.”

“É assim que, num só bater de asas, se elevavam até Deus. Mas esses são raros. Outros sofrem longas provações das existências sucessivas. É a virtude que dá as posições, e o mendigo curvado para a terra é, por vezes, aos olhos do Deus justo e severo, maior que o rei soberbo ou o conquistador invicto. Nada vale senão a alma; é o único peso que importa na balança de Deus.”

Agora que fizemos a parte do elogio, façamos a da crítica. Ela não será longa, porque só se reporta a dois ou três pensamentos. Inicialmente, no diálogo entre os dois amigos, encontramos a seguinte passagem:

“Temos existências anteriores? Não o creio: Deus nos tira do nada; mas do que estou certo é de que, depois daquilo que chamamos morte, começamos — e quando digo nós, falo da alma — começamos, digo, uma série de novas existências. No dia em que estivermos bastante puros para ver, compreender e amar a Deus inteiramente, só nesse dia morreremos. Note bem que nesse dia não amamos mais que Deus e nada senão Deus. Se, pois, Fernand estava purificada, ela não pensaria, não poderia pensar em mim. Uma vez que se manifestou, concluo que ela vive. Onde? logo saberei! Está feliz de sua vida, eu o creio, porque enquanto o Espírito não tiver sido completamente purificado, não pode compreender que a felicidade só está em Deus. Pode ser relativamente feliz. À medida

que ascendemos, a ideia de Deus se alarga cada vez mais em nós, e somos, por isso mesmo, cada vez mais felizes. Mas essa felicidade jamais é senão uma felicidade relativa. Assim, minha noiva vive. Qual é sua vida? ignoro-o. Só Deus pode dizer aos Espíritos que revelem esses mistérios aos homens.”

Depois de ideias como as que encerram as passagens precitadas, nós nos surpreendemos de encontrar uma doutrina como esta, que faz da felicidade perfeita uma felicidade egoísta. O encanto da Doutrina Espírita, o que dela faz uma suprema consolação, é precisamente a ideia da perpetuidade das afeições, depurando-se e estreitando-se à medida que o Espírito se depura e se eleva. Aqui, ao contrário, quando o Espírito é perfeito, esquece aqueles a quem amou, para pensar apenas em si; está *morto* para qualquer outro sentimento senão o de sua felicidade; a perfeição lhe tiraria a *possibilidade*, o *desejo mesmo* de vir consolar os que ele deixa na aflição. Forçoso é convir que isto seria uma triste perfeição ou, melhor dizendo, seria uma imperfeição. A felicidade eterna, assim concebida, quase não seria mais invejável que a da perpétua contemplação, da qual a reclusão claustral nos dá a imagem pela morte antecipada das mais santas afeições da família. Se assim fosse, uma mãe estaria reduzida a temer, em vez de desejar, a completa depuração dos seres que lhe são mais caros. Jamais a generalidade dos Espíritos ensinou coisa semelhante; dir-se-ia um ajuste entre o Espiritismo e a crença vulgar. Mas esse ajuste não é feliz, porquanto, não satisfazendo às aspirações íntimas da alma, não tem nenhuma chance de prevalecer na opinião.

Quando o autor diz que não acredita nas existências anteriores, mas que está certo de que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, não se deu conta de que cometia uma contradição flagrante. Se admite a pluralidade das existências posteriores, como coisa lógica e necessária ao progresso, em que se baseia para não admitir as existências anteriores? Não diz como explica de maneira conforme à justiça de Deus, a desigualdade inata, intelectual e moral, que existe entre os homens. Se esta existência for

a primeira, e se todos saíram do nada, cai-se na doutrina absurda, inconciliável com a soberana justiça, de um Deus parcial, que favorece algumas de suas criaturas, criando almas de todas as qualidades. Poder-se-ia igualmente aí ver um ajustamento com as ideias novas, mas que não é mais feliz que a precedente.

Finalmente, nós nos admiramos de ver Fernande, Espírito adiantado, sustentar esta proposição de outro tempo: “Laura tornou-se mãe; Deus teve piedade dela e chamou a si esta criança. Ela a vem rever por vezes. Está triste, porque, tendo morrido sem batismo, *jámais* gozará da contemplação divina”. Assim, eis um Espírito que *Deus chama a si*, e que está para sempre infeliz e privado da contemplação de Deus, porque não recebeu o batismo, quando dele não dependia recebê-lo, e que a falta é do próprio Deus, que o chamou muito cedo. São essas doutrinas que fizeram tantos incrédulos, enganando-se os que esperam fazê-las passar por ideias espíritas, que fincam raízes; aceitar-se-ão das ideias espíritas somente o que for racional e sancionado pela universalidade do ensino dos Espíritos. Se aí ainda há acordo, ele é desajeitado. Damos como certo que em mil centros espíritas onde as proposições que acabamos de criticar forem submetidas aos Espíritos, haverá novecentos e noventa onde elas serão resolvidas em sentido contrário.

É a universalidade do ensino, sancionada, ademais, pela lógica, que fez e que completará a Doutrina Espírita. Nessa universalidade do ensino dado em todos os pontos do globo, por Espíritos diferentes, e em centros completamente estranhos uns aos outros, e que não sofrem qualquer pressão comum, esta doutrina colhe uma força contra a qual em vão lutarão as opiniões individuais, seja dos Espíritos, seja dos homens. A aliança que se pretendesse estabelecer das ideias espíritas com ideias contraditórias, não pode ser senão efêmera e localizada. As opiniões individuais podem congregiar alguns indivíduos, mas, forçosamente circunscritas, não podem congregiar a maioria, a menos que tenha a sanção dessa maioria. Repelidos pelo maior número, não têm vitalidade e se extinguem com seus representantes.

Isto é resultado de um cálculo exclusivamente matemático. Se, em mil centros, houver 990 onde se ensina da mesma maneira, e dez de modo contrário, é evidente que a opinião dominante será a de 990 em mil, isto é, a quase unanimidade. Pois bem! estamos certos de atribuir uma parte muito larga às ideias divergentes, levando-as a um centésimo. Jamais formulando um princípio antes de estar assegurado do assentimento geral, estamos sempre de acordo com a opinião da maioria.

O Espiritismo está hoje de posse de uma soma de verdades de tal modo demonstradas pela experiência, que ao mesmo tempo satisfazem a razão tão completamente, que passaram a artigos de fé na opinião da imensa maioria dos adeptos. Ora, pôr-se em aberta hostilidade com esta maioria, chocar suas aspirações e suas mais caras convicções é preparar-se um revés inevitável. Tal é a causa do insucesso de certas publicações.

Mas, dirão, então é proibido a quem não compartilha as ideias da maioria, publicar as suas opiniões? Certamente, não; é mesmo útil que o faça. Mas, nesse caso, deve fazê-lo com seu próprio risco e perigo, e não contar com o apoio moral e material daqueles cujas crenças querem atacar com furor.

Voltando a *Fernande*, os pontos de doutrina que combatemos parecem ser a opinião pessoal do autor, que não sentiu o lado fraco. Reportando-nos à sua obra, início de carreira de um jovem, diz-nos ele que ao escrever essa novela apenas tinha um conhecimento superficial da Doutrina Espírita e que, sem dúvida, nela encontraríamos várias coisas a censurar, sobre as quais pedia a nossa opinião; que, mais esclarecido hoje, há princípios que formularia de outro modo. Cumprimentando-o por sua franqueza e modéstia, informamos a ele que, se houvesse lugar para refutá-lo, fá-lo-íamos na *Revista*, para instrução de todos.

À exceção dos pontos que acabamos de citar, não há nenhum que a Doutrina Espírita não possa aceitar. Cumprimentamos

o autor pelo ponto de vista moral e filosófico em que se colocou, e consideramos seu trabalho como eminentemente útil à difusão da ideia, porque a faz encarar sob sua verdadeira luz, que é o ponto de vista sério (Vide no número precedente a poesia do mesmo autor, intitulada: *Aos Espíritos Protetores*).

Simonet

MÉDIUM CURADOR DE BORDEAUX

Le Figaro de 5 de julho último dava conta, nestes termos, de um julgamento pronunciado pelo tribunal de Bordeaux:

Nestes últimos tempos, a grande paixão em Bordeaux era ir consultar o feiticeiro de Cauderan. Avalia-se em mil ou mil e duzentos o número de visitas que ele recebia diariamente. A polícia, que faz profissão de ceticismo, inquietou-se com semelhante sucesso e quis proceder a uma investigação judicial no castelo de Bel-Air, onde o feiticeiro estabelecera o seu domicílio. Nos arredores da morada do feiticeiro encontrava-se uma multidão que se dizia afetada de toda sorte de doenças; grandes damas também aí vinham de carruagem para consultar o iluminado.

Assim que interrogaram o feiticeiro, os magistrados não duvidaram que se tratasse de um pobre louco, explorado pelos mesmos que lhe davam hospedagem. Por isso, o feiticeiro Simonet não foi incluído na perseguição, que se limitou em se dirigir contra os irmãos Barbier, hábeis comparsas que recolhiam todos os lucros da credulidade gascã.

Como verdadeiros gascões que eram, adornavam sua casa como um castelo, a qual tinha sido convertida em albergue; apenas os vinhos que eles aí produziam nada tinham de comum com os que no Languedoc são chamados vinhos de Château; e, depois, tinham esquecido de se prover de uma licença, de modo que a administração das contribuições indiretas movia um processo contra eles.

O feiticeiro Simonet era citado como testemunha.

— Onde aprendestes a Medicina, se sois simples caldeireiro?

— E que pensais da revelação? Quem eram, então, os discípulos do Cristo? Que faziam esses pobres pescadores, que converteram o mundo? Deus me apareceu; deu-me sua ciência e eu não preciso de remédios: sou um médico curador.

— Onde aprendestes tudo isto?

— Em Allan Kardec... e mesmo, Sr. presidente, eu vo-lo digo com todo o respeito possível, pareceis não conhecer a ciência do Espiritismo, e eu vos exorto muitíssimo a estudá-la (Hilaridade a que não resistiram os próprios juízes).

— Abusais da credulidade pública. Assim, para citar apenas um exemplo, há um pobre cego que toda Bordeaux conhece. Ele teve a fraqueza de ir a vós e vos levava os óbolos que recolhia da caridade pública. Restituíste-lhe a vista?

— Eu não curo todo o mundo, mas forçoso é crer que eu faça curas, pois no dia em que a justiça chegou, havia mais de 1.500 pessoas que esperavam sua vez.

— Infelizmente é verdade.

O Sr. procurador imperial — E se isto continuar, tomaremos uma dessas duas medidas: ou vos intimaremos aqui por vigarice — e a justiça apreciará se sois louco — ou tomaremos uma medida administrativa contra vós. É preciso proteger as pessoas honestas contra sua incredulidade.

No castelo de Bel-Air não pediam dinheiro aos consulentes; apenas lhes distribuíam um número de ordem, pelo qual pagavam vinte centavos; depois havia os que traficavam com esses

números, revendendo-os por até quinze francos. Enfim, davam decomer aos pobres camponeses, vindos algumas vezes dos limites do Departamento. Havia uma caixa de esmolas para os pobres; desnecessário dizer que os hospedeiros do feiticeiro se apossavam do dinheiro dos pobres.

O tribunal condenou os senhores Barbier a dois meses e um mês de prisão e 300 francos por contribuições indiretas.

AD. ROCHER

Eis a verdade sobre Simonet, e de que maneira sua faculdade se revelou.

Os senhores Barbier construíram em Cauderan, subúrbio de Bordeaux, um vasto estabelecimento, como há vários no bairro, destinado a bailes, núpcias e banquetes, e ao qual deram o nome de *Château du Bel-Air*, o que não é mais gascão que o Château-Rouge ou o Château des Fleurs de Paris. Simonet ali trabalhava como *marceneiro*, e não como *caldeireiro*. Durante os trabalhos de construção, acontecia muitas vezes que operários se ferissem ou adocessem. Simonet, espírita desde muito tempo, e conhecendo um pouco de magnetismo, foi levado instintivamente, e sem desígnio premeditado, a deles cuidar pela influência fluídica, e curou a muitos. O ruído dessas curas espalhou-se e logo ele viu uma multidão de doentes acorrer a ele, tanto é certo que, faça-se o que se fizer, não se tirará dos doentes o desejo de serem curados, não importa por quem. Sabemos por testemunhas oculares que a média dos que se apresentavam era de mais de mil por dia. A estrada estava atulhada de carros de todo tipo, vindos de várias léguas de distância, de charretes ao lado de equipagens. Havia pessoas que passavam a noite à espera de sua vez.

Mas nesta multidão havia pessoas que necessitavam beber e comer. Os empreiteiros do estabelecimento os forneciam, e isto se tornou para eles um bom negócio. Quanto a Simonet,

que era uma fonte de lucros indiretos, pelo menos era hospedado e alimentado, e não se lhe poderia fazer qualquer exprobração. Como se acotovelavam à porta, para evitar confusão, tomaram o sábio partido de dar um número de ordem aos que chegavam; mas tiveram a ideia menos feliz de cobrar dez centavos por número e, mais tarde, vinte centavos, o que, em razão da afluência, dava por dia uma soma bem avultada. Por menor que fosse essa retribuição, todos os espíritas, e o próprio Simonet, que nada tinha com isto, a viram com pesar, pressentindo o efeito funesto que isto produziria. Quanto ao tráfico dos bilhetes, parece certo que algumas pessoas mais apressadas, para serem atendidas mais cedo, compravam o lugar dos pobres que estavam à sua frente, muito contentes com esta fortuna. Nisto não há grande mal, mas podia e devia necessariamente resultar em abuso. Foram tais abusos que motivaram a ação judiciária, dirigida contra os senhores Barbier, como tendo aberto um estabelecimento de consumo antes de se haverem munido de uma patente. Quanto a Simonet, não foi posto em causa, mas simplesmente citado como testemunha.

A reprovação geral que se liga à exploração, em casos análogos ao de Simonet, é digna de nota. Parece que um sentimento instintivo leva os próprios incrédulos a ver no desinteresse absoluto uma prova de sinceridade, que inspira uma espécie de respeito involuntário; não creem na faculdade; ridicularizam-na, mas alguma coisa lhes diz que se ela existe, deve ser uma coisa santa, que não pode, sem profanação, tornar-se uma profissão. Limitam-se a dizer: é um pobre louco de boa-fé; mas todas as vezes que a especulação, seja qual for a sua forma, se mistura a uma mediunidade qualquer, a crítica se julga dispensada de qualquer consideração.

Simonet cura realmente? Pessoas dignas de fé, muito dignas, e que antes teriam interesse em desmascarar a fraude do que preconizá-la, nos citaram numerosos casos de cura perfeitamente autênticos. Aliás, parece-nos que se não tivesse curado ninguém, já teria perdido todo o crédito. Além disso, ele não tem a pretensão de curar todo o mundo; nada promete; diz que a cura não depende

dele, mas de Deus, do qual não passa de um instrumento, e cuja assistência deve ser implorada; recomenda a prece e ele próprio ora. Lamentamos muito não ter podido vê-lo durante nossa estada em Bordeaux; mas todos os que o conhecem concordam em dizer que é um homem afável, simples e modesto, sem jactância nem bravata, que não procura prevalecer-se de uma faculdade que sabe que lhe pode ser retirada. É benevolente com os doentes, que encoraja por boas palavras. O interesse que lhes devota não se baseia na posição que ocupam; tem tanta solicitude pelo mais miserável quanto pelo mais rico. Se a cura não for instantânea, o que ocorre no mais das vezes, ele aí põe toda a firmeza necessária.

Eis o que nos foi dito. Ignoramos quais serão para ele as consequências deste caso, mas é certo que, se for sincero e perseverar nos sentimentos de que parece animado, não lhe faltarão a assistência e a proteção dos Espíritos bons; ele verá sua faculdade desenvolver-se e crescer, ao passo que a veria declinar e perder-se se entrasse num mau caminho, sobretudo se dela se envaidecesse.

NOTA – No momento de ir para o prelo, soubemos que, em consequência da fadiga para ele resultante do longo e penoso exercício de sua faculdade, mais do que para escapar aos aborrecimentos de que era objeto, Simonet resolveu suspender qualquer recepção até nova ordem. Se os doentes sofrem por esta abstenção, ao menos se produziu um grande efeito.

Entrada dos incrédulos no Mundo dos Espíritos

O DOUTOR CLAUDIUS

(Sociedade de Paris – Médiun: Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo)

Um médico, que designaremos sob o nome de doutor Claudius, conhecido de alguns dos nossos colegas, e cuja vida

tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum tempo de uma afecção orgânica, que ele sabia incurável. Atraído, sem dúvida, pelo pensamento dos que o haviam conhecido e que desejavam conhecer sua posição, manifestou-se espontaneamente por intermédio do Sr. Morin, um dos médiuns da Sociedade, em estado de sonambulismo espontâneo. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e por outros adormecidos no sono espiritual.

O Espírito que assim se manifesta apodera-se do médium, serve-se de seus órgãos como se ainda estivesse vivo. Então não é mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos.

Foi nestas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. Sua comunicação, que publicamos textualmente a seguir, é instrutiva por várias razões, principalmente quando descreve os sentimentos que o agitam; a dúvida ainda constitui o seu tormento; a incerteza de sua situação o mergulha numa terrível perplexidade, e aí está a sua punição. É um exemplo a mais que vem confirmar o que se viu muitas vezes em casos semelhantes.

Após uma dissertação sobre outro assunto, o médium absorvido se recolhe alguns instantes; depois, como se despertasse penosamente, assim se exprime, falando a si mesmo:

Ah! ainda um sistema!... Que há de verdadeiro e de falso na existência humana, na Criação, na criatura, no Criador?... A coisa é?... A matéria é mesmo verdade?... A Ciência é uma verdade?... O saber, uma aquisição?... A alma... a alma existe?

O Criador, a Divindade, não é um mito?... Mas, que digo eu?... por que essas blasfêmias multiplicadas?... Por que, em face da matéria, não posso crer, ó meu Deus, não posso ver, sentir, compreender?... Matéria!... matéria!... mas sim, tudo é matéria...

Tudo é matéria!... e, contudo, a invocação a Deus veio-me à boca!... Por que, então, eu disse: ó meu Deus?... Por que esta palavra, já que tudo é matéria?... Sou eu?... Não é um eco do meu pensamento, que ressoa e se escuta?... Não são as últimas badaladas do sino que eu tocava?

Matéria!... Sim, a matéria existe, eu o sinto!... A matéria existe; eu a toquei!... mas!... nem tudo é matéria e, contudo... contudo tudo foi auscultado, palpado, tocado, analisado, dissecado fibra a fibra, e nada!... Nada senão a carne, a matéria sempre que, desde o instante em que o grande movimento se deteve, também parou!... O movimento para, o ar não chega mais... Mas!... se tudo é matéria, por que ela não mais se põe em movimento, desde que tudo o que existia quando ela se agitava, existe ainda?... E, contudo, *ele* não existe mais!...

Mas se existo!... nem tudo acabou com o corpo!... Na verdade... estou mesmo morto?... entretanto, esse corrosivo que alimentei, que cuidei com minhas mãos, não me perdoou!... É verdade; estou morto!... Mas esta doença que vi nascer... crescer... tinha uma alma?

Ah! a dúvida! sempre a dúvida!... em resposta a todas as minhas secretas aspirações!... Mas, se sou eu, ó meu Deus, se sou eu... ah! fazei que eu me reconheça!... fazei que vos pressinta!... porque, se sou eu, que longa sucessão de blasfêmias!... que longa negação de vossa sabedoria, de vossa bondade, de vossa justiça!... Que imensa responsabilidade de orgulho assumi sobre minha cabeça, ó meu Deus!... Mas, se ainda tenho um eu, eu que nada queria admitir fora do possível ao toque... Duvidei de vossa sabedoria, ó meu Deus! é justo que eu duvide!... Sim, duvidei; a dúvida me persegue e me castiga.

Oh! é preferível mil mortes à dúvida em que vivo!... Vejo, encontro antigos amigos... e, contudo, todos morreram antes! Méry, meu pobre louco!... mas não seria eu o louco?... o epíteto

de louco se adapta à sua personalidade? – Vejamos, então. O que é a loucura?...

A loucura!... A loucura!... decididamente, a loucura é universal!... todos os homens são loucos num grau maior ou menor... mas sua loucura, *a dele*, não era sabedoria ao lado de minha própria loucura?... Para ele, os sonhos, as imagens, as aspirações do Além... mas, é justiça!... Conhecia eu esse desconhecido, que a mim se apresenta inopinadamente? Não, não, o nada não existe, porque se existisse, esta encarnação de negação, de crimes, de infâmia, não me torturaria assim!... Vejo, mas vejo tarde demais, todo o mal que fiz!... Vendo-o hoje, e reparando-o pouco a pouco, talvez um dia eu seja digno de ver e de fazer o bem!...

Sistemas!... sistemas orgulhosos, produtos de cérebros humanos, eis para onde nos conduzis!... Num, é a divindade; noutro, a divindade material e sensual; noutro ainda, o nada, nada!... Nada, divindade material, divindade espiritual são palavras? Oh! eu peço para ver, meu Deus!... e se eu existo, se vós existis, concedei-me o favor que vos peço; aceitai minha prece, porque vos peço, ó meu Deus, que me façais ver se eu existo, se eu sou!... (Estas últimas palavras foram ditas com uma inflexão dilacerante.)

OBSERVAÇÃO – Se o Sr. Claudius perseverou até o fim na sua incredulidade, não foram os meios de se esclarecer que lhe faltaram. Como médico, tinha necessariamente o espírito culto, a inteligência desenvolvida, um saber acima do vulgo e, no entanto, isto não lhe bastou. Em suas minuciosas investigações da natureza morta e da natureza viva, não entreviu Deus, não entreviu a alma! Vendo os efeitos, não soube remontar à causa! ou, melhor dizendo, tinha concebido uma causa à sua maneira, e seu orgulho de sábio o impedia de confessar a si mesmo, sobretudo de confessar à face do mundo que podia se ter enganado. Circunstância digna de nota, morreu de um mal orgânico que *sabia*, por sua própria ciência, *ser incurável*. Esse mal, que ele tratava, era uma advertência permanente; a dor que lhe causava era uma voz que lhe gritava incessantemente para pensar no

futuro. Entretanto, nada pôde triunfar de sua obstinação; fechou os olhos até o último momento. Será que esse homem jamais teria podido tornar-se espírita? Certamente não. Nem fatos, nem raciocínios teriam podido vencer uma opinião preconcebida, e da qual estava decidido a não se desviar. Ele era desses homens que não querem render-se à evidência, porque neles a incredulidade é *inata*, como a crença em outros. O sentido pelo qual um dia poderão assimilar os princípios espirituais ainda não despontou; são para a espiritualidade quais cegos de nascença para a luz: não a compreendem.

Assim, não basta a inteligência para conduzir pelo caminho da verdade; ela é como o cavalo que nos carrega, e que segue a rota na qual o lançaram. Se esta rota conduz a um atoleiro, ele aí precipita o cavaleiro; mas, ao mesmo tempo, lhe dá os meios de se reerguer.

Tendo o Sr. Claudius morrido voluntariamente como cego espiritual, não é de admirar que não tenha visto a luz imediatamente; que não se reconheça num mundo que não quis estudar; que, morto com a ideia do nada, duvide da própria existência, incerteza pungente que constitui o seu tormento. Caiu no precipício para onde o impeliu o seu corcel. Mas pode levantar-se desta queda, e já parece entrever um clarão que, se o seguir, o conduzirá ao porto. É em seus louváveis esforços que deve ser sustentado pela prece. Quando uma vez tiver gozado dos benefícios da luz espiritual, terá horror às trevas do materialismo; e se um dia voltar à Terra, será com intuições e aspirações muito diversas das que tinha em sua última existência.

UM OPERÁRIO DE MARSELHA

Num grupo espírita de Marselha, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a seguinte comunicação:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... Em meio às trevas

em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito, ao que me dizem; mas não creio nos Espíritos. Sei bem que é uma fábula, inventada por cabeças malucas e crédulas... De minha parte não compreendo mais nada... Vejo-me duplo; um corpo mutilado jaz ao meu lado e, contudo, estou vivo... Vejo os meus que se desolam, sem contar meus companheiros de infortúnio, que não veem tão claramente como eu; assim, aproveitei a luz que aqui me conduziu, para vir colher ensinamentos junto de vós.

Parece-me que não é a primeira vez que vos vejo. Minhas ideias ainda estão confusas... Permitam-me que eu volte outra vez, quando estiver melhor habituado à minha posição atual... Dá no mesmo, eu me vou com pesar; encontrava-me em meu centro... mas sinto que é preciso obedecer; este Espírito me parece bom, mas severo. Vou esforçar-me para conquistar as suas boas graças, a fim de falar mais vezes convosco.

UM OPERÁRIO DO CURSO LIEUTAUD

No desmoronamento de uma ponte, ocorrido poucos dias antes, seis operários tinham morrido. Foi um deles que se manifestou.

Depois desta comunicação, o guia do médium ditou-lhe o seguinte:

Cara irmã, este desditoso Espírito foi conduzido a ti para exercitares a caridade. Como nós a praticamos para com os encarnados, a vossa deve exercer-se para com os desencarnados.

Embora esse infeliz seja sustentado por seu anjo da guarda, este deve ficar-lhe invisível, até que se reconheça bem na sua situação. Para isto, cara irmã, toma-o sob tua proteção, que, reconheço, ainda é fraca; mas, apoiado na tua fé, em breve esse Espírito verá luzir a aurora de um novo dia, e o que recusou reconhecer depois de sua catástrofe logo se tornará para ele um motivo de paz e de

alegria. Tua tarefa não será muito difícil, porque ele tem o essencial para te compreender: a bondade do coração.

Escuta, cara irmã, os impulsos do teu coração, e sairás vitoriosa da prova que tua nova missão te impõe.

Sustentai-vos mutuamente, caros irmãos e bem-amadas irmãs, e a nova Jerusalém, que estais prestes a atingir, vos será aberta com cantos de triunfo, porque o cortejo que vos seguirá vos tornará vitoriosos. Mas para bem combater os obstáculos exteriores é preciso, antes de tudo, ter vencido a si mesmo. Deveis manter uma disciplina severa para o vosso coração; a menor infração deve ser reprimida, sem buscar atenuar a falta, sem o que jamais sereis vencedores dos outros. Entre vós, é preciso que rivalizeis em virtudes e vigilância.

Coragem, amigos; não estais sós. Sois sustentados e protegidos pelos combatentes espirituais, que esperam em vós, e invocam sobre vós a bênção do Altíssimo.

VOSSO GUIA

Como se vê, este fato tem alguma analogia de situação com o precedente. É também um Espírito que não se reconhece, que não compreende sua situação. Mas é fácil ver qual dos dois sairá primeiro da incerteza. Pela linguagem de um, se reconhece o sábio orgulhoso, que filosofou sobre sua incredulidade, que, parece, nem sempre fez de sua inteligência e saber o melhor uso possível. O outro é uma natureza inculta, mas boa, à qual, sem dúvida, só faltou boa direção. Nele a incredulidade não era um sistema, mas consequência da falta de ensinamento conveniente. Aquele que, em vida, pudesse ter tido compaixão do outro, em breve poderia tê-lo visto numa posição mais feliz que ele. Praza a Deus colocá-los em presença um do outro, para sua mútua instrução; é possível que o sábio se sentisse feliz em receber lições do ignorante.

Variedades

A LIGA DO ENSINO

Lê-se em *Le Siècle* de 10 de julho de 1867:

“A prefeitura de Metz acaba de autorizar uma sessão da associação fundada por Jean Macé, sob o nome de ‘Círculo de Metz da *Liga do Ensino*’.”

A respeito, lê-se no jornal *Moselle*:

A comissão diretora, eleita, do círculo entrou em atividade e decidiu começar seus trabalhos pela fundação de uma biblioteca popular, nos moldes das que prestam tão grandes serviços na Alsácia.

Para esta obra, o círculo de Metz reclama o concurso de todos e solicita a adesão de quem quer que se interesse pelo desenvolvimento da instrução e da educação em nossa cidade. Essas adesões, acompanhadas de uma cotização, cujo valor e modo de pagamento são facultativos, bem como as ofertas de livros, serão recebidos por qualquer um dos membros da comissão.

Assim como dissemos, ao falarmos da Liga do Ensino (*Revista* de março e abril de 1867), nossas simpatias são conquistadas por todas as ideias progressistas. Nesse projeto não criticamos senão o modo de execução. Assim, sentir-nos-emos felizes por ver aplicações práticas desta bela ideia.

SRA. WALKER, DOUTORA EM CIRURGIA

Os médicos e os internos do Hôpital de la Charité [Hospital de Caridade] receberam sábado, durante a visita da manhã, um de seus confrades americanos, a quem a última guerra da América deu certa reputação.

Esse doutor em Medicina não era outro senão a Sra. Walker, que, durante a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, dirigiu um importante serviço de ambulâncias. Pequena, de complexão delicada, vestida com a elegante simplicidade que distingue as damas da sociedade, a Sra. Walker foi recebida com grande simpatia e mui respeitosa. Interessou-se vivamente nos dois grandes serviços, o cirúrgico e o médico.

Sua presença no Charité proclamava um princípio novo, que recebeu sua consagração no Novo Mundo: a igualdade da mulher perante a Ciência.

(OPINION NATIONALE)

(Ver a *Revista* de junho de 1867 e janeiro de 1866, sobre a emancipação das mulheres)

O IMÃ, GRÃO-CAPELÃO DO SULTÃO

“Sábado (6 de julho) — diz o jornal *La Presse* — o imã ou grão-capelão do sultão, Hairoulah-Effendi, fez uma visita ao monsenhor Chigi, núncio apostólico, e ao monsenhor arcebispo de Paris.”

A viagem do sultão a Paris é mais que um acontecimento político, é um sinal dos tempos, o prelúdio do desaparecimento dos preconceitos religiosos que por tanto tempo levantaram uma barreira entre os povos e ensanguentaram o mundo. Vindo o sucessor de Maomé, de sua livre vontade, visitar um país cristão, fraternizando com um soberano cristão, teria sido, de sua parte e não há muito tempo, um ato audacioso. Hoje o fato parece muito natural. O que é ainda mais significativo é a visita do imã, seu grão-capelão, aos chefes da Igreja. A iniciativa que tomou nessa circunstância, já que o cerimonial a isto não o obrigava, é uma prova do progresso das ideias. Os ódios religiosos são anomalias no século em que estamos, e é de bom augúrio para o futuro ver um dos príncipes da religião muçulmana dar o exemplo de tolerância e abjurar as prevenções seculares.

Uma das consequências do progresso moral será certamente um dia a unificação das crenças; ela ocorrerá quando os diferentes cultos reconhecerem que há um só Deus para todos os homens, e que é absurdo e indigno d'Ele lançar-se anátemas por não se o adorar da mesma maneira.

JEAN RYZAK – A FORÇA DO REMORSO

ESTUDO MORAL

Escrevem de Winschoten, em 2 de maio de 1867, ao *Journal de Bruxelles*:

Sábado passado, um operário cavouqueiro de nossa comuna apresentou-se à casa do guarda rural, onde intimou esse funcionário a prendê-lo e o entregar à justiça, diante da qual, dizia, deveria fazer a confissão de um crime por ele cometido há vários anos. Levado à presença do burgomestre, esse operário, que declarou chamar-se J. Ryzak fez o seguinte relato:

“Há cerca de doze anos eu era empregado nos trabalhos de dessecação do lago de Harlem, quando um dia o cabo, pagando a minha quinzena, entregou-me o soldo devido a um de meus camaradas, com ordem de o entregar a este último. Gastei o dinheiro e, querendo evitar os dissabores das investigações, resolvi matar o amigo a quem acabava de roubar. Para isto, precipitei-o num dos abismos do lago, mas, vendo-o voltar à superfície e fazer esforços para nadar para a margem, dei-lhe duas facadas na nuca.

Tão logo cometi o crime, comecei a sentir remorso. Em breve tornou-se intolerável e foi-me impossível continuar no trabalho. Comecei por fugir do teatro do meu crime, e não achando em parte alguma do país nem paz nem trégua, embarquei para as Índias, onde me engajei no exército colonial. Mas lá, também, o espectro de minha vítima perseguiu-me noite e dia; minhas torturas eram incessantes e inauditas e, assim que terminou o meu tempo de

serviço, uma força irresistível impeliu-me a voltar a Winschoten e a pedir à justiça o apaziguamento de minha consciência. Ela mo dará, impondo-me a expiação que julgar conveniente. E se ordenar que eu morra, prefiro este suplício à tortura que me faz experimentar, há doze anos, a toda hora do dia e da noite, o carasco que trago no peito.”

Após esta declaração, e certificando-se de que o homem que estava à sua frente era são de espírito, o burgomestre requisitou a polícia, que prendeu Ryzak e relatou imediatamente o fato ao oficial de justiça.

Aqui se aguarda com emoção os desdobramentos que poderá ter este estranho acontecimento.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE ESTE CASO

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Srta. Lateltin)

Como sabeis, cada ser tem a liberdade do bem e do mal, o que chamais de livre-arbítrio. O homem tem em si a consciência, que o adverte quando fez bem ou fez mal, cometeu uma má ação ou descurou de fazer o bem; sua consciência que, como guardiã vigilante, encarregada de velar por ele, aprova ou desaprova sua conduta. Muitas vezes acontece que se mostre rebelde à sua voz, que repila suas inspirações; quer sufocá-la pelo esquecimento; mas jamais ela é completamente aniquilada para que, num dado momento, não desperte mais forte e mais poderosa e não exerça um severo controle de vossas ações.

A consciência produz dois efeitos diferentes: a satisfação de ter agido bem, a paz que deixa a consciência do dever cumprido, e o remorso que penetra e tortura quando se praticou uma ação reprovada por Deus, pelos homens ou pela honra. É, propriamente falando, o senso moral. O remorso é como uma serpente de mil voltas, que circula em redor do coração e o destrói; é o remorso que sempre

faz ouvir as mesmas inflexões e vos grita: Fizeste uma ação má; devereis ser punido; teu castigo só cessará depois da reparação. E quando, a este suplício de uma consciência atormentada, vem juntar-se a visão constante da vítima, da pessoa a quem se fez o mal; quando, sem repouso nem trégua, sua presença exprobra ao culpado sua conduta indigna, repetindo-lhe incessantemente que sofrerá enquanto não tiver expiado e reparado o mal que fez, o suplício se torna intolerável. É então que, para pôr fim às suas torturas, seu orgulho se dobra e ele confessa seus crimes. O mal traz em si a sua pena, pelo remorso que deixa e pelos reproches feitos só pela presença daqueles contra os quais se agiu mal.

Crede-me, escutai sempre essa voz que vos adverte quando estais prestes a falar; não a sufoqueis pela revolta do vosso orgulho; e se falirdes, apressai-vos em reparar o mal, sem o que o remorso será a vossa punição. Quanto mais vos demorardes, mais penosa será a reparação e mais prolongado o suplício.

UM ESPÍRITO

(Mesma sessão – Médiun: Sra. B...)

Hoje tendes um exemplo notável da punição que sofrem, mesmo na Terra, os que se tornaram culpados de uma ação má. Não é somente no Mundo Invisível que a visão da vítima vem atormentar o assassino para o forçar ao arrependimento; lá onde a justiça dos homens não começou a expiação, a Justiça Divina faz começar, à revelia de todos, o mais lento e o mais terrível dos suplícios, o mais temível castigo.

Há certas pessoas que dizem que a punição infligida ao criminoso no Mundo dos Espíritos, e que consiste na visão contínua de seu crime, não pode ser muito eficaz, e que em nenhum caso não é esta punição que, por si só, determina o arrependimento. Dizem que um naturalmente perverso, como é um criminoso, não pode senão amargurar-se cada vez mais por essa visão, e assim se tornando

pior. Os que assim falam não fazem ideia do que pode tornar-se tal castigo; não sabem quanto é cruel esse espetáculo contínuo de uma ação que jamais se queria haver cometido. Certamente vemos alguns criminosos empedernidos, mas muitas vezes é só por orgulho e por quererem parecer mais fortes que a mão que os castiga; é para fazer crer que não se deixam abater pela visão de imagens vãs; mas essa falsa coragem não tem longa duração, pois logo os vemos fraquejar em presença desse suplício, que deve muito de seus efeitos à sua lentidão e persistência. Não há orgulho que possa resistir a esta ação, semelhante à da gota d'água sobre a rocha; por mais dura que possa ser a pedra, é inevitavelmente atacada, desagregada, reduzida a pó. É assim que o orgulho, que faz com que esses infelizes se obstinem contra seu soberano senhor, mais cedo ou mais tarde é abatido, e que o arrependimento, enfim, pode ter acesso à sua alma. Como sabem que a origem de seus sofrimentos está em sua falta, pedem para repará-la, a fim de trazer um abrandamento a seus males.

Aos que pudessem duvidar, não tendes senão que citar o fato que vos foi assinalado esta noite; ali não é só a hipótese, não é mais só o ensinamento dos Espíritos, mas um exemplo de certo modo palpável, que se vos apresenta. Nesse exemplo, o castigo seguiu de perto a falta e foi tal que, ao cabo de vários anos, forçou o culpado a pedir a expiação de seu crime à justiça humana, e ele mesmo disse que todas as penas, a própria morte, lhe pareceriam menos cruéis do que aquilo que sofria, no momento em que se entregou à justiça.

UM ESPÍRITO

OBSERVAÇÃO – Sem ir buscar aplicações do remorso nos grandes criminosos, que são exceções na sociedade, nós as encontramos nas mais ordinárias circunstâncias da vida. É esse sentimento que leva todo indivíduo a afastar-se daqueles contra os quais sente que tem censuras a se fazer; em presença deles sente-se mal; se a falta não for conhecida, ele teme ser adivinhado; parece-lhe que um olhar pode penetrar o fundo de sua consciência; vê em toda palavra, em

todo gesto uma alusão à sua pessoa, razão por que, desde que se sente desmascarado, retira-se. O ingrato também foge de seu benfeitor, já que sua visão é uma censura incessante, da qual em vão procura desembaraçar-se, pois uma voz íntima lhe grita no fundo da consciência que ele é culpado.

Se o remorso já é um suplício na Terra, quão maior não será esse suplício no Mundo dos Espíritos, onde não é possível subtrair-se à vista daqueles a quem se ofendeu! Felizes os que, tendo reparado já nesta vida, poderão sem receio enfrentar todos os olhares no mundo onde nada é oculto.

O remorso é uma consequência do desenvolvimento do senso moral; não existe onde o senso moral ainda se acha em estado latente. É por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem sem remorsos as piores ações. Aquele, pois, que se pretendesse inacessível ao remorso, assimilar-se-ia ao bruto. À medida que o homem progride, o senso moral torna-se mais apurado; ofusca-se ao menor desvio do reto caminho. Daí o remorso, que é o primeiro passo para o retorno ao bem.

Dissertações espíritas

PLANO DE CAMPANHA – A ERA NOVA – CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONAMBULISMO ESPONTÂNEO

(Paris, 10 de fevereiro de 1867 – Médiun: Sr. T..., em sono espontâneo)

NOTA – Nesta sessão, nenhuma pergunta prévia tinha provocado o assunto que foi tratado. Inicialmente o médium se havia ocupado de saúde; depois, pouco a pouco, viu-se conduzido às reflexões, cuja análise damos a seguir. Falou durante cerca de uma hora, sem interrupção.

Os progressos do Espiritismo causam aos seus inimigos um pavor que não podem dissimular. No começo brincaram com as

mesas girantes, sem pensar que acariciavam uma criança que devia crescer; a criança cresceu... então eles pressentiram o seu futuro e disseram de si para si que em breve estariam com a razão... Mas, como se diz, a criança tinha sete fôlegos. Resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo às zombarias. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inúmeros rebentos; para um que destruía, brotavam cem outros.

Primeiro empregaram contra ele as armas de outra era, as que outrora eram bem-sucedidas contra as ideias novas, porque essas ideias não passavam de lampejos esparsos, que tinham dificuldade de vir à luz por meio da ignorância e porque ainda não haviam criado raízes nas massas... hoje é outra coisa, tudo mudou: os costumes, as ideias, o caráter, as crenças; a Humanidade não mais se inquieta com as ameaças que amedrontavam as crianças; o diabo, tão temido por nossos ancestrais, já não causa medo: riem dele.

Sim, as armas antigas se gastaram contra a couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte, guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas dos nossos antepassados.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a ideia regeneradora; longe de prejudicá-lo, seus esforços só serviam para propagá-lo.

Para lutar vantajosamente contra as ideias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas seria necessário opor doutrinas ainda mais progressistas; mas o menos não pode sobrepujar o mais.

Não podendo, pois, triunfar pela violência, recorreram à astúcia, a arma dos que têm consciência de sua fraqueza... de lobos, fizeram-se cordeiros, para se introduzirem no aprisco e aí semearem a desordem, a divisão, a confusão. Porque conseguiram lançar a perturbação em algumas fileiras, cedo demais se julgaram senhores da

praça. Nem por isto os adeptos isolados deixaram de continuar sua obra, e diariamente a ideia abre o seu caminho sem muito alarido... Eles é que fizeram barulho... Não a vedes penetrar em toda parte? nos jornais, nos livros, no teatro e mesmo no púlpito? Ela trabalha todas as consciências; arrasta os Espíritos para novos horizontes; é encontrada em estado de intuição naqueles mesmos que dela não ouviram falar. Eis um fato que ninguém pode negar e que cada dia se torna mais evidente. Não é a prova de que a ideia é irresistível e que é um sinal dos tempos?

Aniquilá-lo, portanto, é uma coisa impossível, porque seria preciso aniquilá-lo não num ponto, mas no globo inteiro; e, depois, as ideias não são levadas nas asas dos ventos? e como atingi-las? Pode-se pegar fardos de mercadorias na alfândega; mas, ideias! elas são inatingíveis.

Que fazer, então? Tentar apoderar-se delas, para acomodá-las à sua vontade... Pois bem! é o partido pelo qual se decidiram. Disseram a si mesmos: O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que se realize completamente, tratemos de desviá-la em nosso proveito; façamos de modo que aconteça com ela como com certas revoluções políticas; desnaturando o seu espírito, poder-se-ia imprimir-lhe outro curso.

Assim, o plano de campanha está mudado... Vereis se formarem reuniões espíritas, cujo objetivo confessado será a defesa da Doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns que terão comunicações encomendadas, adequadas ao fim a que se propõem; publicações que, à sorrelfa do Espiritismo, se esforçarão para o demolir; doutrinas que lhe tomarão algumas ideias, mas com o pensamento de o suplantar. Eis a luta, a verdadeira luta que ele terá de sustentar, e que será perseguida obstinadamente, mas da qual sairá vitorioso e mais forte.

Que podem os homens contra a vontade de Deus? É possível desconhecê-la diante do que se passa? Seu dedo não é visível

nesse progresso que desafia todos os ataques? nesses fenômenos que surgem em toda parte como um protesto, como um desmentido dado a todas as negações?... A vida dos homens, a sorte da Humanidade, não está em suas mãos?... Cegos!... Eles não contam com a nova geração que se ergue e que diariamente suplanta a geração que se vai... Mais alguns anos e esta terá desaparecido, não deixando atrás de si senão a lembrança de suas tentativas insensatas, para deter o impulso do espírito humano que marcha, marcha a despeito de tudo... Eles não contam com os acontecimentos que vão apressar a eclosão do novo período humanitário... com os apoios que vão levantar-se em favor da nova doutrina e cuja voz poderosa imporá silêncio aos seus detratores em razão de sua autoridade.

Oh! como estará mudada a face do mundo para aqueles que virem o começo do próximo século!... Quantas ruínas verão em sua retaguarda, e que esplêndidos horizontes se abrirão à sua frente!... será como a aurora afastando as sombras da noite... Aos ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão cantos de alegria; depois das angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o século vinte será um século abençoado, porque verá a Era Nova, anunciada pelo Cristo.

NOTA – Aqui o médium para, dominado por indizível emoção e como que esgotado de fadiga. Após alguns minutos de repouso, durante os quais parece voltar ao grau de sonambulismo ordinário, continua:

— Que vos dizia eu, então? — Faláveis do novo plano de campanha dos adversários do Espiritismo; depois considerastes a era nova. — É isso.

Enquanto esperam, disputam o terreno palmo a palmo. Renunciaram mais ou menos às armas de outros tempos, cuja ineficácia reconheceram; agora ensaiam as que são todo-poderosas neste século de egoísmo, de orgulho e de cupidez: o ouro, a sedução do amor-próprio. Junto aos que são inacessíveis ao medo,

exploram a vaidade, as necessidades terrenas. Aquele que se obstinou contra a ameaça, às vezes dá ouvidos complacentes à lisonja, ao atrativo do bem-estar material... Prometem pão a quem não o tem, trabalho ao artesão, clientela ao negociante, promoção ao empregado, honras aos ambiciosos se renunciarem às suas crenças; ferem-nos em sua posição, em seus meios de subsistência, em suas afeições, se são indóceis; depois, a miragem do ouro produz sobre alguns seu efeito ordinário. Nesse número encontram-se, necessariamente, alguns caracteres fracos, que sucumbem à tentação. Há os que caem na armadilha de boa-fé, porque a mão que os dirige se esconde... Há, também, e muitos, que cedem à dura necessidade, mas que não pensam menos nisto; sua renúncia é apenas aparente; curvam-se, mas para se erguerem na primeira ocasião... Outros, os que têm em mais alto grau a verdadeira coragem da fé, afrontam o perigo resolutamente; esses vencem sempre, porque são sustentados pelos Espíritos bons... Alguns, oh!... mas estes jamais foram espíritas de coração... preferem o ouro da Terra ao ouro do Céu; ficam, pela forma, ligados à doutrina e, sob esse manto, apenas servem melhor à causa de seus inimigos... É uma triste troca que fazem e que pagarão muito caro!

Nos tempos de cruéis provas que ides atravessar, ditosos aqueles sobre os quais se estender a proteção dos Espíritos bons, porque jamais esta foi tão necessária!... Orai pelos irmãos transviados, a fim de que aproveitem os breves instantes de mora que lhes são concedidos, antes que a Justiça do Altíssimo se torne mais pesada sobre eles... Quando virem rebentar a tempestade, mais de um exclamará graça! Mas lhes será respondido: Que fizestes dos nossos ensinos? Vossos médiuns não escreveram centenas de vezes a vossa própria condenação?... Tivestes a luz, e não a aproveitastes; nós vós tínhamos dado um abrigo: por que o abandonastes? Sofrei, pois, a sorte daqueles que preferistes. Se vosso coração tivesse sido tocado por nossas palavras, teríeis ficado firmes no caminho do bem, que vos era traçado; se tivésseis tido fé, teríeis resistido as seduções armadas contra o vosso amor-próprio e a vossa vaidade. Então acreditastes no-las impor, como aos homens, por falsas aparências? Sabeis, se

duvidastes, que não há um só movimento da alma que não tenha seu contragolpe no Mundo dos Espíritos?

Credeis que seja por nada que se desenvolve a faculdade da vidência em tão grande número de pessoas? que seja para oferecer um novo alimento à curiosidade que hoje tantos médiuns adormecem espontaneamente em sono de êxtase? Não; desiludi-vos. Esta faculdade, que há tanto tempo vos é anunciada, é um sinal característico dos tempos que são chegados; é um prelúdio da transformação, porque, como vos foi dito, deve ser um dos atributos da nova geração. Essa geração, mais depurada moralmente, sê-lo-á também fisicamente; a mediunidade sob todas as formas será mais ou menos geral, e a comunhão com os Espíritos um estado, a bem dizer, normal.

Deus envia a faculdade de vidência nesses momentos de crise e de transição, para dar aos seus fiéis servidores um meio de desmanchar a trama de seus inimigos, porque os maus pensamentos, que se julgam escondidos na sombra dos refolhos da consciência, se refletem nessas almas sensitivas, como num espelho, e se descobrem por si mesmos. Aquele que só emite bons pensamentos não teme que se os conheça. Feliz o que pode dizer: Lede em minha alma como num livro aberto.

OBSERVAÇÃO – O sonambulismo espontâneo, do qual já falamos, não é, com efeito, senão uma forma de mediunidade vidente, cujo desenvolvimento já era anunciado há algum tempo, assim como o aparecimento de novas aptidões mediúnicas. É notável que em todos os momentos de crise geral ou de perseguição, as pessoas dotadas desta faculdade são mais numerosas do que nos tempos normais. Houve-os muito no momento da Revolução; os calvinistas das Cevenas, perseguidos como animais selvagens, tinham numerosos videntes que os advertiam do que se passava ao longe; por este fato, e por ironia, foram classificados de iluminados; hoje, começa-se a compreender que a visão a distância, independente dos órgãos da visão, pode bem ser um dos atributos da natureza humana, e o

Espiritismo o explica pela faculdade expansiva e pelas propriedades da alma. Os fatos deste gênero se multiplicaram de tal maneira, que já não causam tanta admiração; o que outrora parecia a alguns milagre ou sortilégio, hoje, é considerado como efeito natural. É uma das mil vias pelas quais penetra o Espiritismo, de sorte que, se se estanca uma fonte, ele surge por outros caminhos.

Assim, esta faculdade não é nova, mas tende a generalizar-se, sem dúvida pelo motivo indicado na comunicação acima, mas, também, como meio de provar aos incrédulos a existência do princípio espiritual. No dizer dos Espíritos, ela se tornaria mesmo epidêmica, o que naturalmente se explicaria pela transformação moral da Humanidade, transformação que deveria produzir no organismo modificações que facilitassem a expansão da alma.

Como outras faculdades mediúnicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo. Desse modo, é bom precaver-se contra a trapaça que, por um motivo qualquer, poderia tentar simulá-la, e assegurar-se, por todos os meios possíveis, da boa-fé dos que dizem possuí-la. Além do desinteresse material e moral e da honorabilidade notória da pessoa, que são as primeiras garantias, convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais se produz o fenômeno, e ver se nada oferecem de suspeito.

OS ESPIÕES

(Sociedade de Paris, 12 de julho de 1867— Médiun: Sr. Morin,
em sono espontâneo)

Quando, em consequência de uma terrível convulsão humanitária, a sociedade inteira se movia lentamente, oprimida, esmagada, e ignorando a causa de sua opressão, alguns seres privilegiados, alguns velhos veteranos do bem, pondo à disposição de todos sua experiência da dificuldade de reproduzi-lo, e juntando a isto o respeito que devia provocar sua conduta e sua posição, resolveram procurar aprofundar as causas dessa crise geral, que fere cada um em particular.

Começa a Era Nova e, com ela, o Espiritismo (esta palavra foi criada; não resta senão torná-la compreendida, e cada um aprender a sua significação). O tempo impassível marcha sempre, e o Espiritismo, que não é mais uma simples palavra, já não tem que se fazer compreender: é compreendido!... Mas, alguns veteranos espíritas, essas criaturas, esses missionários estão sempre à testa do movimento... Seu pequeno batalhão é muito fraco em número; mas, paciência!... pouco a pouco ganha aderentes, e logo será um exército: o exército dos veteranos do bem! Porque, em geral, em seu começo e em seus primeiros anos, o Espiritismo quase só tocou os corações já consumidos pelos conflitos da vida, os corações que sofreram e pagaram, os que traziam em germe os princípios do belo, do bem, do bom, do grande.

Descendo sucessivamente do velho à idade madura, da idade madura à idade viril e da idade viril à adolescência, o Espiritismo infiltrou-se em todas as idades, como em todos os corações, em todas as religiões, em todas as seitas, em toda parte! A assimilação foi lenta, mas segura!... E hoje não temais que caia essa bandeira espírita, sustentada desde o início por uma mão firme e segura; porque hoje, as jovens falanges dos batalhões espíritas não vociferam, como seus adversários: “Lugar aos jovens.” Não, eles não dizem: “Saí, velhos, para deixar subirem os jovens.” Eles não pedem senão um lugar no banquete da inteligência, senão o direito de se sentarem ao lado de seus antecessores, trazendo seu óbolo ao grande todo. Hoje, a juventude se viriliza; traz sua contribuição à idade madura, em troca da experiência desta última, em razão da grande lei de reciprocidade e das consequências do trabalho coletivo para a Ciência, a moralidade, o bem, porque, em última análise, se a Ciência progride, em benefício de quem progride? Não são os corpos humanos que aproveitam todas as elucidações, todos os problemas resolvidos, todas as invenções realizadas? e isto aproveita a todos, assim como se progredirdes em moralidade, isto aproveita a todos os Espíritos. Hoje, portanto, jovens e velhos são iguais ante o progresso e devem combater lado a lado por sua realização.

O batalhão tornou-se um exército, exército invulnerável, mas que deve combater não um, mas milhares de adversários

coligados contra ele. Assim, jovens, trazei com confiança o entusiasmo de vossas convicções, e vós, velhos, vossa sabedoria, vosso conhecimento dos homens e das coisas, vossa experiência sem ilusões.

O exército está na frente de batalha. Vossos inimigos são numerosos, mas não estão em vossa frente, face a face, peito contra peito; estão em toda parte, ao vosso lado, na frente, atrás, no meio de vós, no próprio seio do vosso coração e, para os combater, não tendes senão vossa boa vontade, vossas consciências leais e vossas tendências ao bem. Desses exércitos coligados, um tem nome: o orgulho; os outros: ignorância, fanatismo, superstição, preguiça, vícios de toda natureza.

E vosso exército, que deve combater de frente, também deve saber lutar em particular, porque não sereis um contra um, mas um contra dez!... Bela vitória a conquistar!... Pois bem!... se combaterdes todos em massa, com a esperança de triunfar, inicialmente combatei contra vós mesmos, dominai as más tendências. Hipócritas, conquistai a sinceridade; preguiçosos, tornai-vos trabalhadores; orgulhosos, sede humildes, estendei a mão à lealdade vestida com uma blusa em farrapos, e todos, solidariamente, tomai e sustentai o compromisso de fazer a outrem o que gostaríeis que vos fosse feito. Assim, não gritemos: Lugar aos jovens, mas lugar a tudo o que é belo, bom, a tudo o que tende a aproximar da Divindade.

Hoje, começa-se a tomar em consideração esse pobre Espiritismo, que diziam natimorto; nele veem um inimigo sério. E por quê? Não o temiam em seu começo: a criança era frágil; riam-se de seus esforços impotentes. Mas hoje, que a criança tornou-se homem, temem-no, porque tem a força da idade viril. É que reuniu em torno de si homens de todas as idades, de todas as posições sociais, de todos os graus de inteligência, que compreendem que a sabedoria, a ciência adquirida podem tão bem residir no coração de um jovem de 20 anos quanto no cérebro de um homem de 60 anos.

Hoje, portanto, esse pobre Espiritismo é temido; não ousam vir de frente, medir-se com ele; tomam os atalhos, o

caminho dos covardes! Não vêm dizer-lhe à luz do dia: Tu não existes; vêm em meio de seus partidários dizer como eles, fazer como eles, aplaudir a aprovar tudo quanto fazem, quando estão com eles, para combatê-los e os trair quando estão de costas. Sim, eis o que fazem hoje! No começo diziam de cara o que pensavam da criança mirrada, mas hoje não ousam mais, porque ela cresceu e, contudo, jamais mostrou os dentes.

Se me dizem para vos dizer isto, embora me seja sempre penoso, é que isto tinha a sua utilidade; nada, nem uma palavra, um gesto, uma inflexão de voz se efetuam sem que haja uma razão de ser e que não tragam seu contingente para o equilíbrio geral. A administração dos correios lá do Alto é muito mais inteligente e mais completa que a da vossa Terra; toda palavra vai ao seu objetivo, ao seu endereço, sem sobrescrito, ao passo que entre vós a carta que não o traz não chega nunca.

OBSERVAÇÃO – Como se vê, a comunicação acima é uma aplicação do que foi dito na precedente, sobre o efeito da faculdade de vidência, e não é a única vez que nos foi dado constatar os serviços que essa faculdade é chamada a prestar. Não significa que seja preciso juntar uma fé cega a tudo quanto pode ser dito em casos semelhantes; haveria tanta imprudência em crer sem reservas no primeiro que aparecesse, quanto desprezar os avisos que podem ser dados por essa via. O grau de confiança que se pode a isso permitir depende das circunstâncias; essa faculdade precisa ser estudada; antes de tudo há que se agir com circunspeção e guardar-se de um julgamento precipitado.

Quanto ao fundo da comunicação, sua coincidência com a que foi dada cinco meses antes, por outro médium, e em outro meio, é um fato digno de nota, e sabemos que instruções análogas são dadas em diferentes centros. É, pois, prudente manter-se em reserva com as pessoas sobre cuja sinceridade não se tem certeza para se ficar edificado. Sem dúvida os espíritas só têm princípios altamente confessáveis; nada têm a ocultar; mas o que têm a temer

é ver suas palavras desnaturadas e suas intenções mascaradas; são as armadilhas estendidas à sua boa-fé, por pessoas que defendem o falso para saber a verdade; que, sob as aparências de um zelo muito exagerado para ser sincero, tentam arrastar os grupos por um caminho comprometedor, seja para lhes suscitar embaraços, seja para lançar o descrédito sobre a Doutrina.

A RESPONSABILIDADE MORAL

(Sociedade de Paris, 9 de julho de 1867 – Médiun: Sr. Nivard)

Assisto a todas as tuas conversas mentais, mas sem as dirigir; teus pensamentos são emitidos em minha presença, mas eu não os provoco. É o pressentimento dos casos, que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer em ti os pensamentos adequados à resolução das dificuldades que poderiam te suscitar. Aí está o livre-arbítrio; é o exercício do Espírito encarnado, tentando resolver problemas que suscita em si mesmo.

Com efeito, se os homens só tivessem as ideias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouca responsabilidade e pouco mérito; só teriam a responsabilidade de haver escutado maus conselhos, ou o mérito de ter seguido os bons. Ora, esta responsabilidade e este mérito evidentemente seriam menores do que se fossem o inteiro resultado do livre-arbítrio, isto é, de atos realizados na plenitude do exercício das faculdades do Espírito, que, neste caso, age sem qualquer solicitação.

Resulta do que digo que muitas vezes os homens têm pensamentos que lhes são essencialmente próprios, e que os cálculos a que se entregam, os raciocínios que fazem, as conclusões a que chegam são o resultado do exercício intelectual, do mesmo modo que o trabalho manual é o resultado do exercício corporal. Daí não se deveria concluir que o homem não fosse assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam; muito ao contrário; os Espíritos, sejam benevolentes, sejam malévolos, muitas vezes são a causa provocadora dos vossos atos e pensamentos; mas ignorais completamente em que

circunstâncias se produz essa influência, de sorte que, agindo, pensais fazê-lo em virtude de vosso próprio movimento: vosso livre-arbítrio fica intacto; não há diferença entre os atos que realizais sem serdes a eles impelidos, e os que realizais sob a influência dos Espíritos, senão no grau do mérito ou da responsabilidade.

Num e noutro caso, a responsabilidade e o mérito existem, mas, repito, não existem no mesmo grau. Creio que esse princípio que enuncio não precisa de demonstração; para prová-lo, basta-me-á fazer uma comparação no que existe entre vós.

Se um homem cometeu um crime, e o fez seduzido pelos conselhos perigosos de outro homem que sobre ele exerce muita influência, a justiça humana saberá reconhecê-lo, concedendo-lhe o benefício das circunstâncias atenuantes; irá mais longe: punirá o homem cujos conselhos perniciosos provocaram o crime e, mesmo sem haver contribuído de outra maneira, este homem será mais severamente punido do que o que foi o instrumento, porque foi seu pensamento que concebeu o crime, e sua influência sobre um ser mais fraco que o fez executar. Pois bem! se assim fazem os homens, diminuindo a responsabilidade do criminoso e a partilhando com o infame que o impeliu a cometer o crime, como quereríeis que Deus, que é a justiça mesma, não fizesse o mesmo, já que vossa razão vos diz que é justo agir assim?

No que concerne ao mérito das boas ações, que eu disse ser menor se o homem tiver sido solicitado a praticá-las, é a contrapartida do que acabo de dizer a respeito da responsabilidade, e pode demonstrar-se invertendo a proposição.

Assim, pois, quando te acontece refletir e passar tuas ideias de um a outro assunto; quando discutes mentalmente sobre os fatos que prevês ou que já se realizaram; quando analisas, quando raciocinas e quando julgas, não crês que sejam Espíritos que te ditam teus pensamentos ou que te dirigem; eles lá estão, perto de ti, e te escutam; veem com prazer esse exercício intelectual, ao qual te entregas; seu prazer é duplo, quando veem que tuas conclusões são conforme à verdade.

Por vezes lhes acontece, evidentemente, que se misturem nesse exercício, quer para o facilitar, quer para dar ao Espírito alguns alimentos, ou lhe criar algumas dificuldades, a fim de tornar esta ginástica intelectual mais proveitosa a quem a pratica. Mas, em geral, o homem que busca, quando entregue às suas reflexões, quase sempre age só, sob o olhar vigilante de seu Espírito Protetor, que intervém se o caso for bastante grave para tornar necessária a sua intervenção.

Teu pai, que vela por ti, e que está contente por te ver quase restabelecido (O médium saía de uma grave moléstia).

LOUIS NIVARD

Reclamação ao jornal *La Marionnette*

La Marionnette, novo jornal de Lyon, havia publicado o artigo seguinte em seu número de 30 de junho último:

Assinalamos a chegada a Lyon do museu antropológico e etnológico do Sr. A. Neger, sucessor do Sr. Th. Petersen.

Entre outras coisas extraordinárias, veem-se nesse museu de cera:

1º) Uma infortunada princesa da costa de Coromandel que, casada com um grande chefe de tribo, cometeu a infâmia de esquecer seus deveres conjugais com um europeu muito sedutor, e morreu em Londres de uma doença de languidez;

2º) Triquinias vinte vezes maiores do que o natural, em todas as fases de sua existência, desde a mais tenra infância até a mais extrema velhice;

3º) A célebre mexicana *Julia Pastrana*, morta de parto em Moscou, no ano da graça de 1860.

Não é sem legítima admiração que soubemos dessa morte prematura, considerando-se que, em 1865, Julia Pastrana entregava-se a exercícios equestres num circo cujas representações se davam no passeio Napoleão.

Como uma mulher morta em 1860 pôde atravessar círculos de papel em 1865? Isto faz sonhar!

ALLAN KARDEC

Como esse número nos foi enviado, dirigimos ao diretor a seguinte reclamação:

Senhor,

Remeteram-me o número 6 do vosso jornal, onde se encontra um artigo assinado: *Allan Kardec*. Penso não ter homônimo; em todo o caso, como só respondo pelo que escrevo, peço-vos a gentileza de inserir a presente carta no vosso próximo número, a fim de informar aos vossos leitores que o Sr. Allan Kardec, autor de *O livro dos espíritos*, é estranho ao artigo que leva o seu nome e que não autoriza ninguém a dele se servir.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

ALLAN KARDEC

O diretor do jornal imediatamente nos respondeu o seguinte:

Senhor,

Nosso amigo *Acariâtre*, autor do artigo assinado por engano com o vosso nome, já se lamentou do descuido do revisor. Eis a frase: *Isto faz sonhar Allan Kardec*, alusão ao Espiritismo. Os

embelezamentos de Lyon são todos assinados por *Acariâtre*. Em nosso próximo número retificaremos este engano.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

E. B. LABAUME

NOTA – Este jornal sai aos domingos; 5, cours Lafayette,
Lyon.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

SETEMBRO DE 1867

Nº 9

Caráter da Revelação Espírita^{32, 33}

1. Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido teológico da palavra, isto é, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, visto que essa moral não é diferente da moral cristã, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisará de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto lhe é

³² Nota de Allan Kardec: Este artigo é extraído de uma nova obra que neste momento se acha no prelo e que aparecerá antes do fim do ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar este extrato por antecipação na *Revista*. Apesar de sua extensão, julgamos dever inseri-lo de uma vez, para não interromper o encadeamento das ideias. A obra inteira será do formato e do volume de *O céu e o inferno*.

³³ Nota do tradutor: Trata-se do primeiro capítulo de *A gênese*, com ligeiras modificações; livro publicado em 1868.

necessário para se conduzir na vida? Tais as questões que devemos considerar.

2. Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*. Revelar, vem do latim *revelāre*, cuja raiz *vēlum*, *vēu*, significa literalmente *sair de sob o véu*, e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer ideia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e se pode dizer que há para a Humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por conseguinte, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser, caso seja atribuída a Deus. E, visto que não podemos conceber Deus mentindo, nem se enganando, ela não pode emanar d'Ele: deve ser considerada como produto de concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma infinidade de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre.

5. Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? De onde vieram? Que é feito deles? Notemos que a maioria deles traz, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos mortais? Suposição igualmente ilógica, pois que qualificaria Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que, tendo vivido mais tempo, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Ao encarnar, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, já era Espírito adiantado; reencarna para fazer que os outros aproveitem do seu saber, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência. Mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, surgidos em diversas épocas, para impulsioná-los e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes — por sua energia e superioridade de conhecimento —, de fazer que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? É este o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Se não ensinassem aos homens nada além do que estes últimos já sabem, sua presença seria completamente inútil. As coisas novas que ensinam aos homens quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, nem com o auxílio dos sentidos e esse conhecimento lhe é dado por Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas

doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desabrochar, ou se desabrochariam um dia à luz brilhante do Cristianismo. É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, tão logo a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta sempre tentou as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretendidos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos toda a atenção para o capítulo XXI de *O evangelho segundo o espiritismo* — *Haverá falsos cristos e falsos profetas*.

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que parece certo é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se impregnam do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de saber a que chegaram, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela

inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vidência dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, como se vê tantas vezes na *Bíblia*, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. O que não significa que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus” (*I Epístola*, 4:4).

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificações não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

11. Importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do Mundo Espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações estava abafada sob a superstição; o homem era incapaz de

tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-las dos acessórios ridículos, compreender-lhes o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. O Espiritismo, dando-nos a conhecer o Mundo Invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a Revelação Espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desejo premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da Doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a Doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as consequências e aplicações. Em suma, *o que caracteriza a Revelação Espírita é o fato de ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.*

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplicando o método experimental. Quando fatos novos se apresentam,

que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os preside; depois, lhes deduz as consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não estabeleceu como hipótese a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.

15. Citemos um exemplo: passa-se no Mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem! os Espíritos Superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer previamente: “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos”. Em vez disso, provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos. Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações habituais, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos provou que o caso não era excepcional, mas uma das fases da vida do Espírito; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente, e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar dias, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da Doutrina Espírita.

16. Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir

incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; que a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria, e é por ter feito abstração do princípio espiritual que ela se deteve em tão numerosos impasses; que o Espiritismo sem a Ciência, carece de apoio e controle e poderia embalar-se em ilusões. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria malgrado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia, nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras ciências, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. A ciência moderna refutou os quatro elementos primitivos dos Antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si só, é inerte; não tem vida, nem pensamento, nem sentimento; é preciso a sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas foi o primeiro a demonstrá-lo, por meio de provas irrecusáveis; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao *elemento material*, juntou ele o *elemento espiritual*. *Elemento material* e *elemento espiritual*, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.

Tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas, nasceu pela força das coisas, pela impossibilidade de o homem explicar todas as coisas apenas com o auxílio das leis da matéria.

19. Acusam o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria, esquecendo, porém, que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o gérmen das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros que ela estudara; mas, ignorando as verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um senso revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o Mundo Espiritual, elas misturavam, a essas relações, práticas e crenças ridículas, as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, nada tem a ver. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Queer confundi-las é dar provas de que de nada se sabe a respeito delas.

20. O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do Mundo Espiritual traz consequências incalculáveis

da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção. O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior e mais poderosa por não se circunscrever a um povo, nem a uma casta, visto atingir simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos. Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, depurando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, de que Moisés não falara, assim como a revelação das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte (Vide *Revista Espírita* de março e de setembro de, 1861).

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primeira, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual Ele considera a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas um Deus clemente,

soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido *e dá a cada um segundo as suas obras*. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no Reino Celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados.” Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis vos façam.” Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que não se honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas têm de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por o acreditarem mais ou menos contaminado das fraquezas e bagatelas humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que Ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Aí estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei*. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, toda uma revolução nas ideias, revolução que forçosamente devia reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas consequências, o ponto principal da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, é lamentável dizer, é também o ponto de que a Humanidade mais se tem afastado, que mais tem ignorado na interpretação dos seus ensinamentos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as podeis compreender e muitas outras eu teria a dizer, que não compreenderíeis; é por isso que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*”

Se, pois, o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como Ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, visto anunciar a vinda daquele que deveria completá-lo; previra, pois, que suas palavras seriam desprezadas ou mal interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que Ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. Por que Ele chama de *Consolador* ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambiguidade, encerra toda uma revolução. Assim, Ele previra que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram a devida atenção, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar e desenvolver*, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe somente a chave para se apreender o sentido das palavras.

29. Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, senão os teólogos? Quem o ousa? Primeiro, a Ciência, que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos, e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais, necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, ainda não eram esclarecidos o bastante para não condenarem, como heresia, o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram anátema à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por muito instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que lhes eram desconhecidas.

Quem, porém, julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, dadas fora do campo da Teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando, saberão separar da realidade os sistemas utópicos. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à Teologia, essa não poderá judiciosamente alegar contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do Mundo Invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a Justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, por meio de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há diferença entre elas, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo fim, mais ou menos rapidamente, conforme seu trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus não privilegiou a criação de nenhuma delas, nem dispensou quem quer que fosse do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no Espaço, como o praticavam na Terra, mas que se

adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na Criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem palmilhado a estrada do progresso; que, desse modo, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a Criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

31. Pelas relações que agora pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, o homem possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no Mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizeram. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente se persistisse sempre no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada qual o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.

33. Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas,

muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem, todavia, defini-lo como a muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas de curta duração; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e que traz, ao renascer, o que adquiriu em suas existências anteriores (it. 5).

35. Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, cai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros e nada os liga, os laços de família são puramente carnavais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida e, assim, os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no Mundo Espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo, e o mal, consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça de servidão e da escravidão, contra a sujeição da

mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também firma na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.³⁴

37. Tirei ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e *pronta para ser explorada* como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, faz de tudo para aumentar os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Ainda que o Espiritismo, só servisse para libertar o homem da dúvida quanto à vida futura, já teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que não o transformam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a Justiça de Deus, como tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só; seria também um contrassenso, e tanto menos justificável porque, segundo essa doutrina, a alma não existia na época em que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência o homem traz, ao *renascer*, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou qual vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências sofre naturalmente, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não a pena das faltas cometidas por outrem; contudo, existe ainda outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equitativa, segundo a qual cada existência lhe oferece os meios de progredir e de se redimir pela reparação, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos,

³⁴ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 515.

até que, suficientemente depurado, o homem não mais necessite da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. *A mesma causa produz o pecado original e a virtude original.*

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a Antiguidade e designado por Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, após a destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é inseparável da alma, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à Fisiologia, assim como à Psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a solução de uma série de fenômenos incompreendidos até agora, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos, aliás, negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos

repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por conseguinte, a fonte da maior parte das superstições. Se leva à crença na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede se creia em muitas outras, comprovando a sua impossibilidade e a irracionalidade.

41. Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta Doutrina; veem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, mas um Messias Divino.

42. Além disso, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que confere a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter, cada um, perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até a última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*.³⁵

³⁵ Nota de Allan Kardec: Muitos pais de família deploram a morte prematura dos filhos, para a educação deles fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que nada disso lhes aproveitou. À luz do Espiritismo, porém, não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo com a certeza de que veriam

43. Se a estes resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da ideia, prova que ele corresponde a uma necessidade, qual a de crer o homem em alguma coisa para encher o vácuo aberto pela incredulidade e que, portanto, veio no momento preciso.

44. Os aflitos são em grande número; não é, pois, de admirar que tanta gente acolha uma Doutrina que consola, de preferência às que desesperam, porque aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, é que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma; fazei como o comerciante que, para disputar com o concorrente, oferece mercadoria de melhor qualidade e a preço mais baixo. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamadas

morrer seus filhos, porque sabem que se estes não a aproveitam na vida presente, essa educação servirá, primeiro que tudo, para o seu adiantamento espiritual; além disso, serão aquisições novas para outra existência e, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas, sabendo, por assim dizer, sem precisarem aprender. Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, gozá-lo-ão certamente mais tarde, quer como Espíritos, quer como homens. Talvez sejam eles de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente. Assim também se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em novas existências.

do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua. Que diríeis de um comerciante que tratasse de loucos todos os fregueses que não querem sua mercadoria e vão ao vizinho? Fazeis o mesmo, tachando de loucura e de inércia todos os que não querem vossas doutrinas, que se equivocam por não achar de seu gosto.³⁶

³⁶ Nota de Allan Kardec: O Espiritismo não é contrário à crença dogmática relativa à natureza do Cristo e, neste caso, pode-se dizer o complemento do Evangelho, se o contradiz?

A solução desta questão não toca apenas de maneira acessória o Espiritismo, que não deve preocupar-se com dogmas particulares de tal ou qual religião. Simples doutrina filosófica, não se apresenta como campeão, nem como adversário sistemático de nenhum culto, deixando a cada um a sua crença.

A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão. Não pode ser tratada levemente, e não são as opiniões pessoais, *nem dos homens, nem dos Espíritos*, que a podem decidir. Em assunto semelhante, não basta afirmar ou negar, é preciso provar. Ora, de todas as razões alegadas a favor ou contra, nenhuma há que não seja mais ou menos hipotética, visto que todas são questionáveis. Os materialistas não viram a coisa senão com os olhos da incredulidade e a ideia preconcebida da negação; os teólogos, com os olhos da fé cega, e a ideia preconcebida da afirmação; nem uns, nem outros estavam em condições necessárias de imparcialidade; interessados em sustentar sua opinião, só viram e buscaram o que a ela poderia ser favorável e fecharam os olhos ao que lhe podia ser contrário. Se, desde que a questão foi agitada, ainda não foi resolvida de maneira peremptória, é que faltaram elementos, os *únicos* que lhe podiam dar a chave, absolutamente como faltava aos sábios da antiguidade o conhecimento das leis da luz, para explicar o fenômeno do arco-íris.

O Espiritismo é neutro nesta questão; não está mais interessado numa solução do que na outra; marchou sem isto e marchará ainda, seja qual for o resultado; colocado fora dos dogmas particulares, não é para ele questão de vida ou de morte. Quando a abordar, apoiando todas as suas teorias nos fatos, resolvê-la-á pelos fatos, e em tempo oportuno; se tivesse urgência, ela já estaria resolvida. Os elementos de uma solução hoje estão completos, mas o terreno ainda não está preparado para receber a semente. Uma solução prematura, fosse qual fosse, encontraria muita oposição de parte a parte, e o Espiritismo perderia mais partidários do que os conquistaria. Eis por que a prudência nos impõe o dever de nos abstermos de toda polêmica sobre o assunto, até que estejamos certos de poder colocar o pé em terra firme. Enquanto se espera, deixemos que discutam os prós e os contras *fora do Espiritismo*, sem nisto tomar parte, deixando que os dois partidos esgotem seus argumentos. Quando o momento for propício, levaremos para a balança, não a nossa opinião, que não tem nenhum peso, nem pode fazer lei, mas *fatos* até este momento não observados, e então cada um pode

45. A Primeira Revelação teve a sua personificação em Moisés, a Segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos *Atos dos apóstolos* [2:17 e 18]: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e vossos velhos sonharão.” Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação.³⁷

julgar com conhecimento de causa. Tudo quanto podemos dizer, sem prejudicar a questão, é que a solução, em qualquer sentido em que for dada, não contradirá nem os atos, nem as palavras do Cristo, mas, ao contrário, os confirmará, elucidando-os.

Portanto, aos que nos perguntam o que diz o Espiritismo sobre a natureza do Cristo, respondemos invariavelmente: “É uma questão de dogma, estranha ao objetivo da Doutrina.” O objetivo que todo espírita deve perseguir, se quiser merecer esse título, é o seu próprio melhoramento moral. Sou melhor do que o era? Corrigime de algum defeito? Fiz o bem ou o mal ao próximo? Eis o que todo espírita sincero e convicto deve se perguntar. Que importa saber se o Cristo era Deus, ou não, se se é sempre egoísta, orgulhoso, ciumento, invejoso, colérico, maledicente, caluniador? A melhor maneira de honrar o Cristo é imitá-lo em sua conduta. Fazendo o contrário do que Ele diz, quanto mais se o eleva no pensamento, menos se é digno d’Ele e mais se o insulta e profana. O Espiritismo diz aos seus adeptos: “Praticai as virtudes recomendadas pelo Cristo e sereis mais cristãos do que muitos que se fazem passar como tais.” Aos católicos, protestantes e outros, Ele diz: “Se temeis que o Espiritismo perturbe a vossa consciência, não vos ocupeis dele.” Dirige-se apenas aos que a ele vêm livremente, e dele necessitam. Não se dirige aos que têm uma fé qualquer e que esta fé basta, mas aos que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais particularmente a do Catolicismo, do Protestantismo, do Judaísmo ou do Islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião. Aí termina o seu papel. Estabelecida esta base, cada um é livre para seguir a rota que melhor satisfaça à sua razão.

³⁷ Nota de Allan Kardec: O nosso papel pessoal no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma imensidade de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

operar-se é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as conseqüências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da Doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de grande número de pessoas, mas disso não nos envaidecemos de modo algum, visto que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito em nosso lugar, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal. Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos ser assistido pelos Espíritos em nossos trabalhos, pois temos provas muito evidentes para duvidar disto, o que, sem dúvida, devemos à nossa boa vontade, o que é dado a cada um merecer. Além das ideias que reconhecemos que nos são sugeridas, é notável que os assuntos de estudo e de observação, numa palavra, tudo quanto pode ser útil à realização da obra, sempre nos chega a propósito — noutros tempos diriam: como por encanto — de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos faltam. Se tivermos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem o pedir, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios muito naturais, mas que, sem dúvida, são provocados pelos nossos colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso.

Essa uma das causas da rápida propagação da Doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, houvera formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já fincou balizas de um polo a outro.

47. Esta circunstância, verdadeiro fenômeno na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe dificultem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte de que ela promana. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre *um fato que está na Natureza* e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que se devem convencer-se aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: *Perpetuidade do Espiritismo*).

48. Entretanto, em virtude da disseminação dos centros, estes poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, ou confinados em países longínquos, como sucede com alguns deles. Faltava entre eles uma ligação, que os pusesse em comunhão de ideias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia algures. Esse traço de união, que na Antiguidade teria faltado ao Espiritismo, hoje existe nas publicações que vão a toda parte, condensando, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas e nas diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre.

Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das ideias, embora feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários.

50. A Terceira Revelação, vinda numa época de emancipação e madureza intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se conforma em representar um papel meramente passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas, ao contrário, quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa, tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. *Os Espíritos só ensinam o que é preciso para guiar o homem no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que ele pode descobrir por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao crivo da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Os Espíritos fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabendo a ele aproveitá-los e pô-los em obra (it. 15).

51. Tendo sido os elementos da Revelação Espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre que haviam de firmar-se as ideias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito dentro de um círculo restrito, não vendo na maioria das vezes mais que uma ordem particular de fatos, não raro contraditórios na aparência, geralmente lidando com a mesma categoria de Espíritos e, além disso, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo,

incapaz de conjugar as observações isoladas a um princípio comum. Apreciando cada qual os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião especial dos Espíritos que se manifestassem, bem cedo teriam surgido tantas teorias e sistemas, quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame.

52. Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de maneira completa; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível se acharem reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os sistemas parciais que constituíram a *Doutrina Espírita*.

Era, pois, necessário agrupar os fatos esparsos para se lhes verificar a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, a fim de compará-las, analisá-las, estudar as suas analogias e diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do

Mundo Invisível e formar com isso um todo homogêneo. Era preciso, em suma, um centro de elaboração, independente de qualquer ideia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem desígnio premeditado*.³⁸

53. De todas essas coisas resultou dupla corrente de ideias: umas se dirigindo das extremidades para o centro; as outras se encaminhando do centro para a periferia. Desse modo a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde emanou; os sistemas diversos ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante do ascendente da opinião da maioria, por não encontrar repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de pensamentos se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

³⁸ Nota de Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos fatos; que abordou todas as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de união para o qual convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Por certo não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece, mas, a ideia, que não perece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas suscitou uma amplíssima correspondência, monumento único do mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, em que se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas por meio de documentos autênticos. Em face desses testemunhos irrecusáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?

Sentindo-se mais fortes, os espíritas lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que sentiram um ponto de apoio, um laço a prendê-los à grande família. Os fenômenos que presenciavam já não lhes pareciam singulares, anormais, contraditórios, desde que puderam conjugá-los a leis gerais de harmonia, perceber num piscar de olhos toda a obra e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto.³⁹

54. Não existe nenhuma ciência que haja saído prontinha do cérebro humano. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em

³⁹ Nota de Allan Kardec: Significativo testemunho, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de ideias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

É digno de nota que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, assim como aqueles que, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram bastante fortes para caminhar sozinhos, dotados de luzes suficientes para dispensarem conselhos, nenhum chegou a constituir uma ideia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguíram e/ou vegetaram na sombra. Nem poderia ser de outro modo visto que, para se exalçarem, em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações, esses grupos discordantes rejeitavam princípios da Doutrina, justamente o que há de mais atraente nela, mais consolador e mais racional. Se tivessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não se teriam embalado com ilusões quiméricas. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que uma camarilha facilmente derrubável por outra contrária. Era equivocar-se de modo singular, no tocante aos caracteres essenciais da Doutrina, e esse erro só podia acarretar decepções, pois não se fere impunemente o sentimento de uma massa que tem convicções assentadas em bases sólidas. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida (Veja-se: *Revista Espírita*, abril de 1866: *O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente*).

observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com relação ao Espiritismo, razão por que é gradativo o ensino que ministraram, pois eles não abordam as questões, senão à medida que os princípios sobre os quais hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e bastante amadurecida a opinião para assimilá-los. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, capital diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências: a de que estas não atingiram o ponto em que chegaram, senão após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos ao Espiritismo, quando não a galgar o ponto culminante, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma doutrina. Resulta esse fato da inumerável multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da Doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, o foram quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Quis Deus fosse assim, primeiro para que o edifício chegasse mais rapidamente ao fim; em seguida, para que se pudesse, por meio da comparação, ter um controle, a bem dizer imediato e permanente, da universalidade do ensino, pois nenhuma de suas partes tem valor, nem *autoridade*, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos harmonizar-se, achando cada uma o devido lugar e vindo cada qual a seu tempo.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a Doutrina, quis Deus, também, que tanto o menor quanto

o maior, tanto entre os Espíritos quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas oriundas de um tronco único.

Por outro lado, dispendo todo Espírito, como todo homem, apenas de limitada soma de conhecimentos, não estavam aptos, individualmente, a tratar *ex professo* das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. É por isso também que a Doutrina, em cumprimento dos desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium. Tinha que emergir da coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros (Vide em *O evangelho segundo o espiritismo, Introdução*, it. II, e *Revista Espírita*, de abril de 1864: *Autoridade da Doutrina Espírita; Controle universal do ensino dos Espíritos*).

55. Um último caráter da Revelação Espírita, a ressaltar das próprias condições em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das Leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às Leis de Deus, autor daquelas leis. *As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; apenas destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus.*

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto somente o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Interessando-se a todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar*

*em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.*⁴⁰

ROBINSON CRUSOÉ ESPÍRITA

(Continuação)

Na *Revista Espírita* de março de 1867 citamos algumas passagens das aventuras de *Robinson Crusóé*, tiradas de um pensamento evidentemente espírita. Devemos à gentileza de um dos nossos correspondentes de Antuérpia o conhecimento do complemento dessa história, na qual os princípios do Espiritismo são expressos e afirmados de maneira bem mais explícita e não se encontra em nenhuma das edições modernas. A obra completa, traduzida da edição original inglesa, compreende três volumes e faz parte de uma coleção de mais de trinta volumes, intitulada: *Viagens imaginárias, sonhos, visões e romances cabalísticos*, impressa em Amsterdã em 1787. O título também mostra que se encontra em Paris, *rua e hotel Serpente*.

Os dois primeiros volumes desta coleção contêm as viagens propriamente ditas de *Robinson Crusóé*; o terceiro volume, que nosso correspondente de Antuérpia houve por bem nos confiar, tem por título: *Reflexões sérias e importantes de Robinson Crusóé*. Diz o tradutor em seu *Prefácio*:

Eis enfim o enigma das aventuras de Robinson Crusóé; é uma espécie de Telêmaco burguês, cujo objetivo é levar os homens comuns à virtude e à sabedoria, por acontecimentos acompanhados de reflexões. Contudo, há algo a mais na história de Robinson Crusóé

⁴⁰ Nota de Allan Kardec: Diante de declarações tão claras e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à Doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas; temo-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que não paire dúvida a tal respeito. Além disso, elas nos mostram o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

do que em *As aventuras de Telêmaco*; não é um simples romance, é antes uma história alegórica, da qual cada incidente é um emblema de algumas particularidades da vida do nosso autor. Não digo mais sobre este artigo, porque ele próprio o tratou a fundo em seu prefácio, que traduzi do inglês, cuja leitura aconselho intensamente a todos esses homens apressados, que se habituaram a saltar todos os discursos preliminares dos livros.

A obra que aqui se dá ao público, e que constitui o terceiro volume de *Robinson Crusoe*, é completamente diferente das duas partes precedentes, embora tenda para o mesmo fim. A bem dizer, o autor aí dá a última demão ao seu projeto de reformar os homens e de exortá-los a conduzir-se de maneira digna da excelência de sua natureza. Não está contente por lhes haver dado instruções envoltas em fábulas; acha bom estender os seus preceitos e os dar de maneira direta, a fim de que aí nada escape à argúcia do grande número de leitores que não têm bastante gênio para separar a alma da alegoria, do corpo que a envolve.

Este volume compreende duas partes. Na primeira, voltando Robinson à vida calma do lar, entrega-se a meditações sugeridas pelas peripécias de sua existência agitada; essas reflexões são marcadas por alta moralidade e profundo sentimento religioso, no gênero das seguintes:

Página 301:

Confessemos, se quiserem, que não podemos compreender a imutabilidade da Natureza e das ações de Deus, e que nos é absolutamente impossível conciliá-la com essa variedade da Providência, que, em todas as suas ações, nos parece numa liberdade inteira e perfeita de formar todos os dias novos desígnios, de mudar os acontecimentos para este ou aquele lado, como apraz à soberana sabedoria. Porque não podemos conciliar estas coisas, pode-se concluir que sejam absolutamente incompatíveis? Seria o mesmo que sustentar que a natureza de Deus é inteiramente incompreensível,

porque não a compreendemos, e que, na Natureza, todo fenômeno em que não penetramos é impenetrável. Onde o filósofo que ousa vangloriar-se de compreender a causa que faz girar para o polo uma agulha imantada, e a maneira pela qual a virtude magnética é comunicada por um simples toque? Quem me dirá por que essa virtude não pode ser comunicada senão ao ferro, e por que a agulha não é atraída pelo ouro, pela prata e por outros metais? Que comércio secreto há entre o ímã e o polo norte, e por que força misteriosa a agulha que se há friccionado se vira para o polo sul, desde que se atravessou a linha equinocial? Nada compreendemos destas operações da Natureza e, contudo, nossos sentidos nos asseguram da realidade dessas operações, da maneira mais incontestável do mundo. A menos que levemos o ceticismo ao mais alto grau do absurdo, devemos confessar que nada há de contraditório nesses fenômenos, embora nos seja impossível conciliá-los em conjunto e que eles sejam incompreensíveis, desde que não os compreendemos.

Por que a nossa sabedoria não nos incita a seguir o mesmo método de raciocinar em relação ao objeto da questão? É natural crer, a despeito desta aparência de mudança que descobrimos nos atos da providência, apesar desses desígnios que parecem destruir-se mutuamente e erguer-se um sobre as ruínas do outro, que nada é mais real que a imutabilidade da Natureza e dos decretos de Deus. Que há de mais temerário do que alegar a fraqueza e o pequeno alcance da razão como uma prova contra a existência das coisas? Nada é mais bizarro do que raciocinar precisamente nos limites do nosso espírito, em relação aos objetos finitos da Física, e de não prestar atenção à natureza de nossa alma, quando se trata das operações de um ser infinito, tão superior às nossas fracas luzes.

Se, pois, é razoável crer que a Providência Divina seja livre em suas ações, e que, dirigida por sua própria soberania, siga, no curso ordinário das coisas humanas, esses métodos que julga adequados, é nosso dever ligar um comércio estreito com essa parte ativa da providência, que influi diretamente em nossa conduta, sem nos embarçar o espírito em vãs discussões sobre a maneira pela qual

essa providência influi em nossos negócios, e sobre o objetivo que ela se propõe.

Entrando nesta correspondência com esta virtude ativa da sabedoria de Deus, devemos examinar os seus caminhos, enquanto pareçam acessíveis à nossa penetração e às nossas pesquisas; devemos prestar a mesma atenção à voz secreta que já tive o cuidado de descrever, quanto a essa voz clara e forte que nos fala dos acontecimentos mais adequados a nos ferir.

Quem quer que não faça um estudo sério de penetrar no sentido dessa voz secreta, que se oferece à sua intenção, se priva deliberadamente de grande número de conselhos úteis e de fortes consolações, dos quais por vezes sente necessidade no caminho que deve percorrer neste mundo.

Que consolação não é para os que escutam essa voz, ver a cada momento que um poder invisível e infinitamente poderoso se ocupa em conservar e administrar os seus interesses! Com essa atenção religiosa, é impossível não se dar conta dessa proteção, não refletir sobre as soluções imprevistas, que todo homem encontra na variedade dos incidentes da vida humana, evidentemente sem ver que não o deve à sua própria prudência, mas unicamente ao socorro eficaz de um poder infinito, que o favorece porque o ama.

A segunda parte, intitulada: *Visão do mundo angélico* contém o relato de fatos que pertencem mais particularmente à ordem dos fatos espíritas, dos quais tomamos as seguintes passagens:

Página 359:

Em minha opinião, o Espírito que apareceu a Saul devia ser um Espírito bom, que se chamava o anjo de um homem, como parece pelo que dizia aquela serva dos *Atos dos apóstolos*, ao ver Pedro diante da porta, saído miraculosamente da prisão. Se se tomar a coisa desta maneira, ela confirma minha ideia no que tange ao

comércio dos Espíritos puros com os Espíritos encerrados em corpos e quanto às vantagens que os homens podem tirar de tal comércio. Os que pretendem que foi um Espírito mau, devem, ao mesmo tempo, supor que Deus possa servir-se do diabo como de um profeta, pôr na boca da mentira as verdades que julgue por bem revelar aos homens, e admitir que ele pregue aos transgressores de sua lei a justiça dos castigos que resolveu infligir-lhes. Não sei de que arдил esses intérpretes se serviram para salvar todos os inconvenientes de tal opinião; para mim, não acho que convenha à Majestade Divina emprestar a Satã o seu Espírito de Verdade e dele fazer um pregador e um profeta.

Página 365:

Os efeitos mais diretos de nosso comércio com as inteligências puras, e que me pareciam tão sensíveis que é impossível negá-los, são: sonhos, certas vozes, certos ruídos, avisos, pressentimentos, temores, uma tristeza involuntária.

Página 380:

Parece-me que examinais com muita atenção a natureza dos sonhos e as provas que deles podem ser tiradas da realidade do Mundo dos Espíritos. Mas peço-vos que me digais o que pensais dos sonhos que nos vêm em vigília, dos transportes, êxtases, visões, ruídos, vozes e pressentimentos? Não vedes que são provas ainda mais fortes da mesma verdade, pois que nos chocam ao tempo em que nossa razão é senhora de si mesma, e que a sua luz não está envolta nos vapores do sono?

Página 393:

Ainda vi, como num golpe de vista, a maneira pela qual esses Espíritos maus exercem seu poder; até que ponto se estende, que obstáculos devem superar e que outros Espíritos se opõem ao êxito de seus abomináveis desígnios [...]

[...] Embora o diabo tenha ao seu serviço um número infinito de ministros fiéis, que nada negligenciam para executar os seus projetos, não há somente um número igual, mas infinitamente maior de anjos e de Espíritos bons, que, armados de um poder superior, velam de um lugar muito mais elevado, sobre a sua conduta e fazem todos os esforços para fazer fracassarem as suas maquinações. Esta descoberta faz ainda ver mais claramente que ele nada poderia fazer senão pela sutileza e pela astúcia, mantidas por uma vigilância e uma atenção extraordinárias, pois sofre a humilhação de se ver a todo instante tolhido e contrariado em seus desígnios pela prudente atividade dos Espíritos bons, que têm o poder de castigá-lo e de o repreender, como faz o homem a um cão de guarda que espreita os transeuntes para se atirar sobre eles.

Página 397:

Em minha opinião, as inspirações não são outra coisa, senão discursos que nos são soprados imperceptivelmente ao ouvido, ou pelos bons anjos que nos favorecem, ou por esses diabos insinuantes que nos espreitam continuamente, para nos fazerem cair numa armadilha qualquer. *A única maneira de distinguir os autores desses discursos é guardar-se quanto à natureza dessas inspirações e examinar se tendem a nos levar ao bem ou ao mal.*

Página 401:

É infinitamente melhor para nós que um véu espesso nos oculte esse Mundo Invisível, tanto quanto a conduta da Providência em relação ao futuro. A bondade divina se manifesta até mesmo nas conversas dos Espíritos e nos avisos que eles nos dão, por serem efetuados de maneira alegórica, por inspirações e por sonhos, e não de maneira direta, clara, evidente. Os que desejam uma visão mais distinta das coisas futuras, não sabem o que almejam; e se seus desejos fossem atendidos, talvez encontrassem a sua curiosidade cruelmente castigada.

Página 408:

Ao despertar certa manhã, com uma porção de pensamentos aflitivos em seu Espírito, ela sentiu fortemente em sua alma uma espécie de voz, que lhe dizia: Escrevei-lhes uma carta. Essa voz era tão inteligente e tão natural que, não tivesse eu certeza de estar só, teria pensado que as palavras tinham sido pronunciadas por uma criatura humana qualquer. Durante vários dias elas lhe foram repetidas a todo instante; enfim, passeando no quarto onde se havia ocultado, tomada de pensamentos sombrios e melancólicos, ela as ouviu novamente e respondeu em voz alta: A quem quereis, pois, que eu escreva? E a voz lhe replicou imediatamente: Escrevei ao juiz. Estas palavras ainda lhe foram repetidas várias vezes, levando-a, finalmente, a tomar da pena e preparar-se para escrever uma carta, sem ter no espírito qualquer ideia necessária ao seu desígnio; mas, *dabitur in hoec hora* etc. Pensamentos e expressões não lhe faltaram; corriam da pena com tanta abundância e tamanha facilidade que ela ficou deveras admirada, concebendo as mais fortes esperanças de um excelente sucesso.

Página 413:

Entretanto, o que se pode imaginar de mais razoável acerca disto, é que esses Espíritos nos dão, nessas ocasiões, todas as luzes que estão em condições de nos dar, e que nos dizem o que sabem ou, pelo menos, tudo quanto o seu e o nosso mestre lhes permitem que nos comuniquem. Se eles não tivessem um desígnio real e sincero de nos favorecer e de nos garantir contra a infelicidade que paira sobre a nossa cabeça, não diriam absolutamente nada; por conseguinte, se suas advertências não são mais consideráveis e mais bem desenvolvidas, certamente não deve estar em seu poder dar-nos outras mais úteis.

Página 416:

Uma vez que temos pressentimentos que são verificados pela experiência, é necessário que haja Espíritos instruídos quanto ao futuro;

que haja um lugar para os Espíritos onde as coisas futuras se desenvolvem à sua penetração, e não poderíamos agir melhor senão acreditando nas notícias que nos vêm de lá. O dever de prestar atenção a esses pressentimentos não é a única consequência que se deve tirar desta verdade; há outros que nos podem ser de uma utilidade muito considerável:

1^o) *Ela nos explica a natureza do Mundo dos Espíritos e nos prova a certeza de nossa lama depois da morte;*

2^o) Ela nos faz ver que a direção da Providência, em relação aos homens e aos acontecimentos futuros, não está tão oculta aos habitantes do Mundo Espiritual quanto o está a nós;

3^o) Daí podemos concluir que a penetração dos Espíritos desprendidos da matéria é de uma extensão muito maior que a dos Espíritos encerrados em corpos, já que os primeiros sabem o que nos deve acontecer, enquanto nós mesmos o ignoramos.

A persuasão da existência do Mundo dos Espíritos pode ser-nos útil de muitas maneiras diferentes. Somos senhores de tirar, sobretudo, grandes vantagens da certeza, em que estamos, de que eles sabem desvendar o futuro e nos comunicar as luzes que têm lá em cima, de modo a nos fazer velar por nossa conduta, evitar desgraças, pensar em nossos interesses e até esperar a morte com a alma firme e o Espírito preparado para recebê-la com coragem e com uma firmeza cristã. Seria também um meio seguro de ampliar a esfera de nossas luzes e de nos levar a raciocinar com justeza sobre o verdadeiro valor das coisas.

Página 427:

Se se fizesse um tal uso (arrepentimento e reforma de uma conduta má) das aparições reais do diabo, estou convencido de que seria o meio de o expulsar para sempre do Mundo Invisível. É muito natural crer que ele nos fizesse visitas muito raras, se estivesse

persuadido, por sua experiência, de que elas nos levariam à virtude, bem longe de nos fazer cair em armadilhas. Pelo menos, jamais viria ver-nos por sua própria iniciativa, porquanto, para se decidir a isso, precisaria de uma força superior.

Página 457:

Minha conversão vem diretamente do Céu. A luz que envolveu Paulo no caminho de Damasco não o feriu mais vivamente do que a que me deslumbrou. É verdade que não era acompanhada por nenhuma voz do Céu, mas estou certo de que uma voz secreta falou eficazmente à minha alma; fez-me compreender que eu estava exposto à cólera desse poder, dessa majestade, desse Deus que antes renegara com toda a impiedade imaginável.

Página 462:

Numa palavra, acidentes semelhantes são de grande força para nos convencerem da influência da Providência Divina nos negócios humanos, por menores que sejam em aparência, da existência de um *Mundo Invisível*, e da realidade do comércio das *inteligências puras* com os Espíritos encerrados em corpos. Espero nada ter dito sobre este assunto delicado que possa levar meus leitores a fantasias absurdas e ridículas. Pelo menos posso protestar que não tive tal propósito, e que minha intenção foi unicamente excitar no coração dos homens sentimentos respeitosos pela Divindade e de docilidade aos avisos dos *Espíritos bons* que se interessam pelo que nos diz respeito.

OBSERVAÇÃO – Há quase um século que Daniel Defoe, o autor de *Robinson Crusóé*, escrevia estas coisas, que, até nas expressões, dir-se-iam tomadas à moderna Doutrina Espírita. Numa segunda comunicação, dada na Sociedade de Paris, depois da leitura desses fragmentos, ele explicou suas crenças sobre este ponto, dizendo que pertencia à seita dos *teósofos*, seita que, com efeito,

professava estes mesmos princípios. Por que, então, esta doutrina não tomou a extensão que hoje tem? Há várias razões para isto: 1^a) os teósofos mantinham suas doutrinas quase secretas; 2^a) a opinião das massas não estava madura para assimilá-las; 3^a) era preciso que uma sucessão de acontecimentos desse outro curso às ideias; 4^a) era necessário que a incredulidade preparasse os caminhos e que, por seu desenvolvimento, fizesse sentir o vazio que cava sob os passos da Humanidade e a necessidade de algo para enchê-lo; 5^a) enfim, a Providência não tinha julgado que já fosse tempo de tornar gerais as manifestações dos Espíritos; foi a generalização desta ordem de fenômenos que vulgarizou a crença nos Espíritos, e a doutrina que é o seu corolário.

Se as manifestações tivessem permanecido como privilégio de alguns indivíduos, o Espiritismo ainda não teria saído do seu foco de origem; ainda estaria, para as massas, no estado de teoria, de opinião pessoal, sem consistência. Foi a sanção prática que cada um encontrou nas manifestações, *provocadas ou espontâneas*, de um extremo a outro do mundo, que vulgarizou a doutrina e lhe deu uma força irresistível, a despeito dos que a combatem.

Embora os teósofos tenham tido pouca repercussão e apenas hajam saído da obscuridade, seus trabalhos não foram perdidos para a causa; semearam germens que só deviam frutificar mais tarde, mas que formaram homens predispostos à aceitação das ideias espíritas, como fez a seita dos “swedenborgianos” e, mais tarde, a dos “fourieristas”. É de notar que jamais uma ideia um tanto grande sofre uma interrupção brusca no mundo. Muitas vezes ela lança os seus balões de ensaio muitos séculos antes de sua eclosão definitiva. É a gestação.

Nota bibliográfica

DEUS NA NATUREZA

Por Camille Flammarion⁴¹

Como se sabe, depois de haver tratado, do ponto de vista da Ciência, a questão da habitabilidade dos mundos, que se liga intimamente ao Espiritismo, o Sr. Flammarion hoje aborda a demonstração de outra verdade, incontestavelmente a mais capital, porque é a pedra angular do edifício social, aquela sem a qual o Espiritismo não teria sua razão de ser: *A existência de Deus*. O título de sua obra — *Deus na natureza* — resume toda a sua economia; logo de saída ele diz que não é um livro litúrgico, nem místico, mas filosófico.

Do ceticismo de um grande número de sábios, concluiu-se erradamente que, por si mesma, a Ciência era ateia, ou conduzia fatalmente ao ateísmo. É um erro que o Sr. Flammarion se empenha em refutar, demonstrando que se os cientistas não viram Deus em suas pesquisas, foi porque não o quiseram ver. Aliás, estão longe de ser ateus todos os sábios, embora muitas vezes se confunda o ceticismo relativo aos dogmas particulares de tal ou qual culto com o ateísmo. O Sr. Flammarion se dirige especialmente à classe dos filósofos, que abertamente fazem profissão de materialismo.

Diz ele:

O homem traz em sua natureza uma necessidade tão imperiosa de se deter numa convicção, particularmente do ponto de vista da existência de um ordenador do mundo e do destino dos seres, que se nenhuma fé o satisfaz, ele sente necessidade de demonstrar a si mesmo que Deus não existe, buscando o repouso de sua alma no ateísmo e na doutrina do nada. Assim, a questão atual

⁴¹ Nota de Allan Kardec: Um grande volume in-12. Preço: 4 fr. Paris, Didier et Comp., quai des Grands-Augustins, 35.

que nos apaixona não é mais saber qual a forma do Criador, o caráter da mediação, a influência da graça, nem discutir o valor dos argumentos teológicos: a verdadeira questão é saber se Deus existe ou não existe.

Nesse trabalho o autor procedeu da mesma maneira que na sua *Pluralidade dos mundos habitados*, colocando-se no próprio terreno de seus adversários. Se tivesse haurido seus argumentos na teologia, no Espiritismo ou em doutrinas espiritualistas quaisquer, teria estabelecido premissas que seriam rejeitadas. É por isso que toma a dos negadores e demonstra, pelos próprios fatos, que se chega a uma conclusão diametralmente oposta; não invoca novos argumentos controvertíveis; não se perde nas nuvens da metafísica, do subjetivo e do objetivo, nas argúcias da dialética; fica no terreno do positivismo; combate os ateus com suas próprias armas. Tomando um a um os seus argumentos, ele os destrói com o auxílio da mesma ciência que invocam. Não se apoia na opinião dos homens; sua autoridade é a Natureza e aí mostra Deus em tudo e por toda parte.

Diz ele:

A natureza explicada pela Ciência no-lo mostrou num caráter particular. Ele está lá, visível, como a força íntima de todas as coisas. Nenhuma poesia humana nos pareceu comparável à verdade natural, e o Verbo eterno nos falou com mais eloquência nas mais modestas obras da Natureza, do que o homem nos seus mais pomposos cantos.

Dissemos os motivos que levaram o Sr. Flammarion a colocar-se fora do Espiritismo, e não podemos senão louvá-lo. Se algumas pessoas pensavam que foi por antagonismo pela doutrina, bastaria, para desenganá-los, citar a passagem seguinte:

Poderíamos acrescentar, para fechar o capítulo da personalidade humana, algumas reflexões sobre certos assuntos de estudo ainda misteriosos, mas não insignificantes. O sonambulismo natural, o

magnetismo, o Espiritismo oferecem aos experimentadores sérios, que os sabem examinar cientificamente, fatos característicos, que bastariam para demonstrar a insuficiência das teorias materialistas. Confessamos que é triste, para o observador consciencioso, ver o charlatanismo descarado insinuar sua avidez pérfida em causas que deveriam ser respeitadas; é triste constatar que 99 fatos em cem podem ser falsos ou imitados; mas um único fato bem constatado lança por terra todas as negações. Ora, que partido tomam certas doudas personagens diante dos fatos? Simplesmente os negam.

A Ciência não duvida — disse em particular o Sr. Buchner — que todos os casos de pretensa clarividência sejam efeitos de astúcia e de conluio. A lucidez é, por razões naturais, uma *impossibilidade*. Está nas leis da Natureza que os efeitos dos sentidos sejam reduzidos a certos limites do espaço, que não podem ser transpostos. Ninguém tem a faculdade de adivinhar os pensamentos, nem ver com os olhos fechados o que se passa à sua volta. Estas verdades são baseadas nas leis naturais, que são imutáveis e não comportam exceções.

Ora, senhor juiz, então conheceis perfeitamente as leis naturais? Homem feliz! Como sucumbis sob o excesso de vossa ciência! Mas, quê? Volto duas páginas e eis o que leio:

O sonambulismo é um fenômeno do qual infelizmente não temos senão observações muito inexatas, embora fosse desejável que dele tivéssemos noções precisas, *dada a sua importância para a Ciência. Contudo, sem ter dele dados certos* (escutai!), *pode-se relegar entre as fábulas* todos os fatos maravilhosos que se contam dos sonâmbulos. Não é dado a um sonâmbulo escalar paredes etc. Ah! Senhor, como raciocinais com sabedoria! e como vos teria feito bem, antes de escrever, saber um pouco o que pensais!

Uma apreciação analítica da obra exigiria desenvolvimentos que a falta de espaço nos interdiz e, aliás, seria supérfluo. Bastaria mostrar o ponto de vista em que se colocou o autor para se compreender a sua utilidade. Reconciliar a Ciência com as ideias

espiritualistas é aplinar as vias de sua aliança com o Espiritismo. O autor fala em nome da ciência pura, e não de uma ciência fantasista ou superficial, e o faz com a autoridade que lhe dá seu saber pessoal. Seu livro é um desses que tem lugar marcado nas bibliotecas espíritas, porque é uma *monografia* de uma das partes constituintes da doutrina, onde o crente encontra para se instruir tanto quanto o incrédulo. Teremos mais de uma vez ocasião de a ele voltar.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

OUTUBRO DE 1867

Nº 10

O Espiritismo em toda parte

A PROPÓSITO DAS POESIAS DO SR. MARTEAU

É uma coisa verdadeiramente curiosa ver os mesmos que repelem o nome do Espiritismo com a maior obstinação, semearem suas ideias em profusão. Não há um dia em que, na imprensa, nas obras literárias, na poesia, nos discursos, até nos sermões, não se encontrem pensamentos pertencentes ao mais puro Espiritismo. Perguntai a esses escritores se são espíritas, e responderão com desdém que se guardam de o ser; se lhes disserdes que o que escrevem é Espiritismo, responderão que não pode ser, pois não é a apologia dos Davenport e das mesas girantes. Para eles aí está todo o Espiritismo e daí não saem, nem querem sair. Já se pronunciaram: seu julgamento é inapelável.

Contudo, ficariam muito surpresos se soubessem que a cada instante fazem Espiritismo sem o saber, que com ele se relacionam sem perceberem que estão tão perto! Mas, que importa o nome, desde que as ideias fundamentais sejam aceitas! Que vale a forma da charrua, contanto que ela prepare o terreno! Em vez de chegar de uma vez, a ideia vem por fragmentos, eis toda a diferença. Ora, quando

virem mais tarde que os fragmentos reunidos não são outra coisa senão o Espiritismo, forçosamente voltarão atrás quanto à opinião que dele haviam feito. Os espíritas não são tão pueris para ligarem mais importância ao nome do que à coisa; é por isso que se congratulam, vendo suas ideias se espalhando sob uma forma qualquer.

Os Espíritos que conduzem o movimento se dizem: Já que não querem a coisa com este nome, vamos lhes fazer aceitá-la em detalhes, sob outra forma; julgando-se inventores da ideia, serão seus próprios propagadores. Faremos o que se faz com os doentes que não querem tomar certos remédios, e que os tomam sem que o suspeitem, quando se lhes muda a cor.

Geralmente os adversários conhecem tão pouco o que constitui o Espiritismo, que temos por certo que o mais fervoroso espírita, que não fosse conhecido como tal, poderia, com o auxílio de algumas precauções oratórias, e desde que se abstinésse de falar dos Espíritos, desenvolver os mais essenciais princípios da doutrina e ser aplaudido pelos mesmos que não lhe teriam concedido a palavra, se se tivesse apresentado como adepto.

Mas, de onde vêm essas ideias, uma vez que os que as emitem não as colheram na doutrina, que desconhecem?

Já o dissemos várias vezes: quando uma verdade chega ao termo e o espírito das massas está maduro para a assimilar, a ideia germina em toda parte; está no ar, levada a todos os pontos pelas correntes fluídicas; cada um lhe aspira algumas parcelas e as emite como se tivessem brotado de seu cérebro. Se alguns se inspiram na ideia espírita sem ousar confessá-lo, certamente é que em muitos ela é espontânea. Ora, achando-se o Espiritismo na coletividade e na coordenação dessas ideias parciais, um dia será, pela força das coisas, o traço de união entre os que as professam; é uma questão de tempo.

É de notar que quando uma ideia deve tomar lugar na Humanidade, tudo concorre para lhe abrir o caminho. É assim com

o Espiritismo. Observando o que se passa no mundo neste momento, os grandes e pequenos acontecimentos que surgem ou se preparam, não há um espírito que não diga que tudo parece feito de propósito para aplainar as dificuldades e facilitar o seu estabelecimento. Seus próprios adversários parecem impelidos por uma força inconsciente a desobstruir o caminho e a cavar um abismo sob seus pés, para melhor fazer sentir a necessidade de enchê-lo.

E não se creia que os contrários sejam prejudiciais; longe disso. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça mais corajosamente e proclamaram suas pretensões. Não são mais opiniões pessoais, respeitáveis quanto tudo que é da alçada da consciência íntima: são as doutrinas que querem impor e com o auxílio das quais pretendem governar os homens, mau grado seu. O próprio exagero dessas doutrinas é o seu remédio, porque se pergunta o que seria da sociedade, se algum dia viessem a prevalecer. Era preciso esse exagero para fazer melhor compreender o benefício das crenças que podem ser a salvaguarda da ordem social.

Mas, que cegueira estranha! ou, melhor dizendo, que cegueira providencial! Os que querem se substituir ao que existe, como os que querem se opor às ideias novas, no momento em que se agitam as mais graves questões, em vez de atraírem a si, de conciliarem as simpatias pela doçura, a benevolência, a persuasão, parecem arrogar-se a tarefa de tudo fazerem para inspirar a repulsa; não encontram nada melhor senão se impondo pela violência, comprimindo consciências, chocando convicções, perseguindo. Singular meio de se fazerem bem-vindos das populações!

No estado atual do nosso mundo, a perseguição é o batismo obrigatório de toda crença nova de algum valor. Recebendo o seu, o Espiritismo é a prova da importância que ligam a ele. Mas repetimos, tudo isto tem sua razão de ser e sua utilidade; é preciso que assim seja, para preparar os caminhos. Os espíritas devem considerar-se como soldados num campo de batalha; eles se devem à causa e só podem esperar repouso quando a vitória for

conquistada. Felizes os que tiverem contribuído para a vitória ao preço de alguns sacrifícios!

Para o observador que, de sangue-frio, contempla o trabalho de criação da ideia, é algo maravilhoso ver como tudo, mesmo o que, à primeira vista, parece insignificante ou contrário, converge definitivamente para o mesmo objetivo; ver a diversidade e a multiplicidade dos recursos que as potências invisíveis põem em jogo para atingir esse objetivo; tudo lhes serve, tudo é utilizado, mesmo o que nos parece mau.

Não há, pois, que se inquietar com as flutuações que o Espiritismo pode experimentar no conflito das ideias que estão em fermentação; é um efeito da mesma efervescência que produz na opinião, onde não pode encontrar simpatias por toda parte; é preciso contar com essas flutuações, até que seja restabelecido o equilíbrio. Esperando, a ideia marcha; é o essencial. E como dissemos no começo, ela surge por todos os poros; todos, amigos e inimigos, nela trabalham à porfia, e não é duvidoso que sem a ativa colaboração involuntária dos adversários, os progressos da doutrina, que jamais fez propaganda para se tornar conhecida, não tivessem sido tão rápidos.

Creem abafar o Espiritismo proscrevendo-lhe o nome. Mas como ele não consiste em palavras, se lhe fecham a porta por causa de seu nome, ele penetra sob a forma impalpável da ideia. E o que há de curioso é que muitos que o repelem, não o conhecendo, não querendo conhecê-lo, ignorando, por conseguinte, o seu objetivo, suas tendências e seus mais sérios princípios, aclamam certas ideias, que por vezes são as suas, sem suspeitar que muitas vezes elas fazem parte essencial e integrante da doutrina. Se o soubessem, é provável que se abstivessem.

O único meio de evitar o equívoco seria estudar a doutrina a fundo, para saber o que ela diz e o que não diz. Mas, então, surgiria outro embaraço: O Espiritismo toca em tantas questões, as ideias que se agrupam em torno dele são tão múltiplas, que se

quisessem abster de falar de tudo quanto a ele se liga, encontrar-se-iam muitas vezes singularmente impedidos e, muitas vezes mesmo, tolhidos nos impulsos de suas próprias inspirações; porquanto, por esse estudo, se convenceriam de que o Espiritismo está em tudo e por toda parte e ficariam surpresos de encontrá-lo nos escritores mais acreditados; mais ainda, eles próprios se surpreenderiam de fazê-lo em muitas circunstâncias, sem o querer. Ora, uma ideia que se torna patrimônio comum é imperecível.

Por várias vezes já reproduzimos os pensamentos espíritas, encontrados em profusão na imprensa e nos escritos de todo gênero, e continuaremos a fazê-lo de vez em quando, sob o título de *O Espiritismo em toda parte*. O artigo seguinte, sobretudo, vem em apoio das reflexões acima; é extraído do *Le Phare de la Manche*, jornal de Cherbourg, de 18 de agosto de 1867.

O autor aí dá conta de uma coletânea de poesias do Sr. Amédée Marteau⁴² e, a respeito, assim se exprime:

Há dois mil anos, algum tempo antes do estabelecimento do Cristianismo, a casta sacerdotal dos druidas ensinava aos seus adeptos uma doutrina singular. Dizia: Nenhum ser jamais acabará; mas todos os seres, exceto Deus, começaram. Todo ser é criado no mais baixo grau da existência. Inicialmente a alma não tem consciência de si mesma; submetida às leis invariáveis do mundo físico, Espírito escravo da matéria, força latente e obscura, ela sobe fatalmente os degraus da natureza inorgânica, depois da natureza organizada. Então o relâmpago cai do céu, o ser se conhece, é homem.

A alma humana começa no alvorecer as provas de seu livre-arbítrio; ela própria faz o seu destino, avança de existência em existência, de transmigração em transmigração, pela libertação que lhe dá a morte; ou, então, volta-se sobre si mesma, cai de degrau em degrau,

⁴² Nota de Allan Kardec: *Espoirs et Souvenirs* [Esperanças e lembranças], Hachette, 77, boulevard Saint-Germain.

se não tiver merecido elevar-se, sem que, todavia, nenhuma queda seja para sempre irreparável.

Quando a alma tiver chegado ao mais alto ponto da ciência, da força, da virtude de que é suscetível a condição humana, escapa ao círculo das provas e das transmigrações, atinge o termo da felicidade: o Céu. Uma vez chegado a este termo, o homem não cai mais; sobe sempre, eleva-se para Deus por um progresso eterno, sem, todavia, jamais se confundir com Ele. Bem longe de perder no Céu a sua atividade, a sua individualidade, e é ali que cada alma adquire a sua plena posse, com a memória de todos os estados anteriores, pelos quais passou. Sua personalidade, sua natureza própria aí se desenvolve, cada vez mais distinta, à medida que sobe na escada infinita, cujos degraus não passam de realizações da vida, que a morte não separa mais.

Tal era a concepção que o druidismo tinha da alma e de seus destinos. Era a ideia pitagórica ampliada, tornada dogma e aplicada ao infinito.

Como esta opinião, depois de ter adormecido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, desperta hoje? Talvez tenha a sua razão de ser na revolução que, a partir de Galileu, se operou no sistema astronômico; talvez deva sua ressurreição às sedutoras perspectivas que apresenta aos devaneios dos filósofos e dos pensadores; ou, enfim, a essa curiosidade inata que, incessantemente, impele o homem para o desconhecido.

Seja como for, Fontenelle foi o primeiro cuja pena espiritual transformou estas questões na sua encantadora pilhéria sobre a pluralidade dos mundos.

Da habitabilidade dos mundos à transmigração das almas o declive é escorregadio, e nosso século aí se deixou arrastar. Apoderou-se dessa ideia e, escorando-se na Astronomia, tenta elevá-lo à altura de uma ciência. Jean Reynaud a desenvolveu, sob forma magistral,

em *Terre et Ciel* [*Terra e Céu*]; Lamennais a adota e generaliza no *Esboço de uma filosofia*; Lamartine e Hugo a preconizam; Máxime Ducamp a popularizou num romance; Flammarion publicou um livro em seu favor; enfim, o Sr. Amédée Marteau, numa obra poética, que lemos com o mais vivo interesse, reveste com as cores de sua paleta sedutora esta vasta e magnífica utopia.

O Sr. Marteau é o poeta da ideia nova; é um crente entusiasta e devotado da transmigração das almas em corpos celestes e é preciso convir que conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto. Deus, o homem, o tempo, o espaço são os inspiradores de sua musa. Abismos vertiginosos, elevações incomensuráveis, nada o detém, nada o aterroriza. Ele se diverte na imensidade, bordejando sem empalidecer as barrancas do Infinito. Viaja nos astros, como uma águia sobre os altos píncaros. Descreve numa linguagem harmoniosa, com precisão matemática, suas formas, sua marcha, sua cor, seus contornos.

Depois de citar um fragmento de uma das odes da coletânea, acrescenta o autor do artigo:

O Sr. Marteau não é apenas um poeta de alta distinção: é, além disso, um filósofo e um sábio. A Astronomia lhe é familiar; colore a sua poesia com o pó de ouro que faz cair das esferas siderais. Não saberíamos dizer o que mais nos cativou: se o interesse da dicção, se a originalidade do pensamento. Tudo isto se ajusta, se coordena de maneira tão nítida, tão clara, tão natural, que se fica como que fascinado sob o encanto.

Não conhecemos o Sr. Marteau. Mas pensamos que, se para compor um livro como este é preciso ser dotado de grande talento, também é preciso ser dotado de grande coração, porquanto, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.

Assim, não podemos deixar de conclamar aos que não se absorvem nas preocupações e nos interesses materiais, a darem uma olhadela

nas obras do Sr. Marteau. Aí encontrarão consolações e esperanças, sem contar os prazeres intelectuais que faz experimentar a leitura de uma poesia generosa, rica de concepções, ideal e destinada, não temos dúvida, a um brilhante sucesso.

DIGARD

Como se vê, a exposição da doutrina druídica sobre os destinos da alma, pela qual começa o artigo, é um resumo completo da Doutrina Espírita sobre o mesmo assunto. Sabe-o o autor? É lícito duvidar; do contrário seria estranho que se tivesse abtido de citar o Espiritismo, a menos que tivesse receado fazê-lo participar dos elogios que prodigaliza às ideias do autor. Não lhe faremos a injúria de supor tão ingênua parcialidade; preferimos imaginar que até ignore a sua existência. Quando ele pergunta: “Como esta opinião, depois de ter adormecido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, desperta hoje?” se tivesse estudado o Espiritismo, este lhe teria respondido e ele teria visto que essas ideias são mais populares do que se pensa.

“O Sr. Marteau, diz ele, é o poeta da ideia nova; é um crente entusiasta e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto.” Mais adiante, acrescenta: “Se, para compor um livro como este, é preciso ser dotado de grande talento, também é preciso ser dotado de um grande coração, porquanto, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus”. Então o Sr. Marteau não é um louco por professar semelhantes ideias? Jean Reynaud, Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Louis Jourdan, Máxime Ducamp, Flammarion, então não são loucos por tê-los preconizado? Fazer o elogio dos homens não é elogiar os seus princípios? Aliás, pode-se fazer maior elogio de um livro dizendo que os leitores aí colherão esperanças e consolações? Considerando-se que estas doutrinas são as do Espiritismo, não é acreditar estas na opinião?

Assim, eis um artigo onde se diria que o nome do Espiritismo é omitido de propósito, e onde se aclamam as ideias que ele

professa sobre os pontos mais essenciais: a pluralidade das existências e os destinos da alma.

Sra. condessa Adélaïde de Clérambert

MÉDIUM-MÉDICO

A Sra. condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, Departamento do Loire; faleceu há alguns anos, em idade avançada. Dotada de inteligência superior, tinha mostrado, desde a juventude, um gosto particular pelos estudos médicos e se comprazia na leitura de obras que tratavam desta ciência. Nos vinte últimos anos de sua vida havia-se consagrado ao alívio do sofrimento com um devotamento inteiramente filantrópico e a mais completa abnegação. As numerosas curas que operava em pessoas consideradas incuráveis tinham-lhe dado certa reputação; mas tão modesta quanto caridosa, disto não tirava proveito nem vaidade.

Aos conhecimentos médicos adquiridos, de que ela certamente utilizava em seus tratamentos, juntava uma faculdade de intuição, que outra coisa não era senão a mediunidade inconsciente, porque muitas vezes ela tratava por correspondência e, sem ter visto os doentes, descrevia a doença perfeitamente; aliás, ela mesma dizia receber instruções, sem explicar a maneira por que lhe eram transmitidas. Muitas vezes tivera manifestações materiais, tais como transporte, deslocamento de objetos e outros fenômenos do gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinham sobrevivido abscessos, e para lhe dar uma ideia, modelara o padrão numa folha de papel; mas tendo esquecido de juntá-lo à carta, aquela senhora respondeu pela volta do correio: “Como o padrão que me anunciais em vossa carta não veio, pensei que era esquecimento de vossa parte; acabo de encontrar um esta manhã em minha gaveta, que deve ser parecido ao vosso e que vos remeto.” Com efeito, esse padrão reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, na maior parte das vezes, ela mesma preparava, conforme as indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, conforme os indivíduos; não tinha receita secreta de eficácia universal, mas se guiava segundo as circunstâncias. Algumas vezes o resultado era quase instantâneo, e em certos casos não se o obtinha senão após um tratamento continuado, mas sempre curto, em relação à medicina ordinária. Ela curou radicalmente grande número de epiléticos e de doentes acometidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A Sra. Clérambert não era um médium curador, no sentido ligado a esta expressão, mas um *médium-médico*. Gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal e a guiava na aplicação dos remédios, que lhe eram inspirados; além disso, era secundada pelo conhecimento que tinha da matéria médica e, sobretudo, das propriedades das plantas. Por sua dedicação, por seu desinteresse moral e material, jamais desmentidos, por sua inalterável benevolência para os que a ela se dirigiam, a Sra. Clérambert, assim como o abade príncipe de Hohenlohe, deve ter conservado até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe fora concedida, e que, sem dúvida, teria visto enfraquecer-se e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre emprego que dela fazia.

Sua posição de fortuna, sem ser brilhante, era suficiente para tirar qualquer pretexto a uma remuneração qualquer; assim, não recebia absolutamente nada, mas recebia dos ricos, reconhecidos por terem sido curados, aquilo que julgassem dever lhe dar, e o empregava para suprir as necessidades daqueles a quem faltava o necessário.

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela Sra. Clérambert, e foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo sido lida

esta nota na Sociedade Espírita de Paris, a Sra. Clérambert deu a resposta que se segue.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Evocação – O relato que acabamos de ler naturalmente provoca em nós a vontade de nos entretermos convosco, e de vos contar no número dos Espíritos que desejam concorrer para a nossa instrução. Esperamos tenhais a bondade de vir ao nosso apelo e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as seguintes perguntas:

1º) Que pensais da nota que acaba de ser lida e das reflexões que a acompanham?

2º) Qual a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3º) Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4º) Podeis, como Espírito e com a ajuda de um médium, continuar prestando os serviços que prestáveis como encarnada, quando éreis chamada para um doente?

Resposta – Agradeço-vos, Sr. presidente, as palavras benevolentes que pronunciastes em minha intenção, e aceito de bom grado o elogio feito ao meu caráter. Creio ser a expressão da verdade, e não terei orgulho ou falsa modéstia de o recusar. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida por causa de minha boa vontade e da aptidão particular, que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever, consagrando-me ao alívio dos que reclamavam o meu socorro. Algumas vezes acolhida pelo reconhecimento, muitas vezes pelo esquecimento, meu coração não se envaideceu mais com os sufrágios de uns, do que sofreu com a ingratidão de outros, considerando-se que eu sabia muito bem ser indigna de uns e colocar-me acima de outros.

Mas, é ocupar-se demais com minha pessoa. Vamos à faculdade que me valeu a honra de ser chamada no meio desta simpática Sociedade, onde se gosta de repousar a vista, sobretudo quando se foi, como eu, vítima da calúnia e dos ataques malévolos, daqueles cujas crenças foram feridas, ou cujos interesses foram prejudicados. Que Deus lhes perdoe como eu mesma o faço!

Desde minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me vinha este gosto, ordinariamente pouco natural em meu sexo? Então eu o ignorava, mas hoje sei que não era a primeira vez que a saúde humana era objeto de minhas mais vivas preocupações: eu tinha sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver a distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via para todo o mundo), e prescrever os medicamentos que deviam restituir a saúde, era de todo semelhante à dos vossos médiuns médicos atuais. Como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se dizia Espírito, e cuja influência salutar ajudou-me poderosamente a aliviar os infelizes que se valiam de mim. Ele me havia prescrito o mais completo desinteresse, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que constituía a minha felicidade. Não sei por que razão, talvez porque teria sido prematuro desvendar a origem de minhas prescrições, ele igualmente me havia recomendado, da maneira mais formal, que não dissesse de quem recebia as prescrições que dirigia aos meus doentes. Enfim, ele considerava o desinteresse moral, a humildade e a abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos e só me posso congratular.

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a representar um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver conquistado a influência considerável que o fará, no futuro, instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades desta natureza e poderão prestar serviços tanto maiores, quanto mais facilmente os seus conhecimentos adquiridos lhes permitirem assimilar espiritualmente as instruções que lhes

serão dadas. Há um fato que deveis ter notado: as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto mais os conhecimentos pessoais do médium se aproximarem da natureza daqueles que ele é chamado a transmitir. Assim, certamente eu poderia prescrever tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter a cura, mas não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; enquanto uns facilmente transmitiriam minhas prescrições, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. Entretanto, se meu concurso vos puder ser útil, seja em que circunstância for, terei prazer em vos ajudar nos vossos trabalhos, segundo a medida de meus conhecimentos, oh! bem limitados fora de certas atribuições especiais.

ADÈLE DE CLÉRAMBERT

OBSERVAÇÃO – O Espírito assina *Adèle*, embora, em vida, fosse chamada *Adélaïde*. Tendo-lhe sido perguntada a razão, respondeu que *Adèle* era o seu verdadeiro nome, e que só por hábito de infância a chamavam *Adélaïde*.

Os médicos-médiuns

A Sra. condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo precedente, oferecia uma das variedades da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuanças, apropriadas às aptidões especiais de cada indivíduo. Em nossa opinião, ela era o tipo do que poderiam ser muitos médicos; de que muitos virão a ser, sem dúvida, quando entrarem na via da espiritualidade, que lhes abre o Espiritismo, porque muitos verão desenvolver-se em si faculdades intuitivas, que lhes serão um precioso auxílio na prática.

Dissemos e repetimos: seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destruir a Medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a Ciência e seus doentes; numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, já que há

peessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos nenhuma dúvida de que um dia haja *médicos-médiuns*, como há *médiuns-médicos*, que à ciência adquirida, juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais.

Apenas como essas faculdades só têm valor efetivo pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar os seus efeitos pela retirada de seu concurso, que frustram à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, é evidente que não prestarão sua assistência aos que os renegarem e entenderem servir-se deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como os Espíritos trabalham para a Humanidade e não vêm para servir a interesses egoístas e individuais; como, em tudo que fazem, agem em vista da propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, nada tendo a fazer com poltrões, que têm medo da sombra da verdade. Assim, secundarão os que, sem resistência e *sem pensamento preconcebido*, colocarem suas aptidões a serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será, também, uma das condições da medicina mediúnica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto requer algumas explicações, porque a posição já não é a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não lhe exigiu estudo, nem trabalho, nem despesas; recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros, e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se o médium não tiver, por si mesmo, recursos que o tornem independente, deve achar os meios no seu trabalho ordinário, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; só deve dar ao exercício de sua faculdade o tempo que lhe pode consagrar materialmente. Se tira esse tempo de seu repouso, e se o emprega em tornar-se útil aos seus semelhantes o que teria consagrado a distrações mundanas, pratica o verdadeiro devotamento, e

nisto só tem mais mérito. Os Espíritos não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar devotamento e abnegação o abandono de seu trabalho para entregar-se a uma condição menos penosa e mais lucrativa. Na proteção que concedem, os Espíritos, aos quais não nos podemos impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Completamente diversa seria a posição dos médicos-médiums. A Medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para dela fazer uma profissão, e a ciência médica não se adquire senão a título oneroso, por um trabalho assíduo, por vezes penoso; o saber do médico é, pois, uma conquista pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos juntam seu concurso pelo dom de uma aptidão mediúnica, para o médico é um meio a mais de se esclarecer, de agir com mais segurança e eficácia, pelo que deve ser reconhecido, mas não deixa de ser sempre médico; é a sua profissão, que não deixa para fazer-se médium. Nada há, pois, de repreensível em que continue a dela viver, e isto com tanto mais razão quanto a assistência dos Espíritos muitas vezes é inconsciente, intuitiva, e sua intervenção por vezes se confunde com o emprego dos meios ordinários de cura.

Pelo fato de um médico ter-se tornado médium e ser assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar a toda remuneração, o que o obrigaria a procurar os meios de subsistência fora da Medicina e, assim renunciar à sua profissão. Mas se for animado do sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe é concedido, saberá conciliar os seus interesses com os deveres humanitários.

Não se dá o mesmo com o desinteresse moral que, em todos os casos, pode e deve ser absoluto. Aquele que, em lugar de ver na faculdade mediúnica um meio a mais de tornar-se útil aos seus semelhantes, nela só procurasse uma satisfação ao amor-próprio, e que considerasse um mérito pessoal os sucessos obtidos por esse meio, dissimulando a verdadeira causa, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem renegar os Espíritos, não visse em seu concurso,

direto ou indireto, senão um meio de suprir a insuficiência de sua clientela produtiva, seja qual for a aparência filantrópica com que se oculte aos olhos dos homens, faria, por isso mesmo, ato de exploração. Num e noutro caso, tristes decepções seriam a sua consequência inevitável, porque os simulacros e os subterfúgios não podem enganar os Espíritos, que leem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade curadora não matará a Medicina nem os médicos, mas não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida haverá sempre médiuns curadores, porque sempre os houve, e esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à medida que o número de *médicos-médiuns* aumentar, e quando a Ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

Não se podem contestar as virtudes curativas de certas plantas e de outras substâncias que a Providência pôs ao alcance do homem, colocando o remédio ao lado do mal; o estudo dessas propriedades é da alçada da Medicina. Ora, como os médiuns curadores só agem por influência fluídica, sem o emprego de medicamentos, se um dia devessem suplantar a Medicina, resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que não é admissível. Deve-se, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial, e não como meio absoluto de cura; o fluido, como novo agente terapêutico aplicável em certos casos, e que vem acrescentar um novo recurso à Medicina; em consequência, a mediunidade curadora e a Medicina como devendo, de agora em diante, marchar simultaneamente, destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementarem e a se completarem uma pela outra. Eis por que se pode ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então por que esta faculdade hoje se desenvolve quase que exclusivamente entre os ignorantes, em vez de nos homens de ciência? Pela razão muito simples que, até agora, os homens de ciência a repelem. Quando a aceitarem, vê-la-ão desenvolver-se entre si,

como entre os outros. Aquele que hoje a possuísse iria proclamá-la? Não; ocultá-la-ia com o maior cuidado. Já que ela seria inútil em suas mãos, por que lha dar? Seria o mesmo que dar um violino a um homem que não sabe ou não quer tocar.

A este estado de coisas, há outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que nem tudo sabem, e que há leis naturais além das que a Ciência reconhece. Quanto maior a distância entre a ignorância e o saber, mais evidente é o fato. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que ali o saber humano em nada participou.

Mas, como a Ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, assim como a faculdade de vidência, não podem ser atributos senão do Espírito. Elas provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais e, muitas vezes, de conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos têm, pois, ao mesmo tempo, a consequência de serem úteis à Humanidade, e de provarem a existência do princípio espiritual.

O alcaide Hassan, curador tripolitano

OU A BÊNÇÃO DO SANGUE

O fato seguinte, publicado no jornal *Le Tour du Monde*, páginas 74 e seguintes, é tirado dos *Promenades dans la Tripolitaine*, pelo Sr. barão de Krafft.

Muitas vezes tenho como guia e companheiro de passeio em minhas excursões fora da cidade, o *cavas-bachi* (chefe dos janízaros)⁴³ do consulado da França, que o cônsul-geral teve a gentileza de pôr à

⁴³ N.E.: Soldado de um corpo de elite das tropas turcas criado no século XIV e abolido em 1826.

minha disposição. É um magnífico negro de Ouaddaï,⁴⁴ de seis pés de altura e que, a despeito de sua barba grisalha, conservou toda a atividade e toda a energia da mocidade. O alcaide Hassan não é um homem comum: ao tempo dos Caramanlys, governou a tribo dos Ouarchéfâna durante dezoito anos, e ninguém melhor que ele soube manter nas rédeas esta hora turbulenta. Valente até a temeridade, sempre defendeu os interesses de seus administrados contra as tribos vizinhas e, se necessário, contra o próprio governo; mas ao mesmo tempo, os seus não mais podiam entregar-se aos seus caprichos e não brincavam com a severidade do alcaide *Hassan*. Para ele, a vida de um homem era apenas mais preciosa que a de um carneiro, e certamente ficaria muito embaraçado se lhe perguntassem o número exato de cabeças que ele tinha feito cair com sua mão, tanto a sua consciência está tranquila a esse respeito. Excelente homem, aliás, inteiramente devotado ao consulado, ao qual serve há dez anos.

Numa de nossas primeiras saídas, vi um grupo de cinco ou seis mulheres aproximarem-se dele com ar súplice. Duas delas tinham nos braços pobres criancinhas de peito, cujos rostos, cabeças e pescoços estavam cobertos por uma placa dartrosa de crostas purulentas. Era horrível e desagradável à vista.

— Nosso pai, disseram as mães desoladas ao alcaide Hassan, é o profeta de Deus que te traz perto de nossa casa, porque queríamos ir à cidade para te encontrar e há bem dez dias que esperávamos a ocasião. O *djardoun* (pequeno lagarto branco muito inofensivo) passou sobre o nosso seio e envenenou o nosso leite; vê o estado de teus filhos e cura-os para que Deus te abençoe.

— Então és médico? — perguntei ao meu companheiro.

— Não — respondeu ele —, mas tenho a *bênção do sangue* nas mãos, e quem quer que a tenha, como eu, pode curar esta

⁴⁴ N.E.: É uma região da República do Chade. Seus principais grupos étnicos são os árabes e os maba. A economia é baseada na agricultura de subsistência e na criação de animais.

doença. É um dom natural de todo homem cujo braço cortou algumas cabeças.

— Vamos, mulheres, dai o que é preciso.

E logo uma das mães apresenta ao doutor uma galinha branca, sete ovos e três moedas de vinte paras; depois se agacha aos seus pés, erguendo o pequeno paciente acima de sua cabeça. Hassan tira solenemente da cintura seu isqueiro e sua pedra de fogo, como se quisesse acender o cachimbo. *Bismillah!* (em nome de Allah!) diz ele e se põe a fazer saltar do sílex numerosas fagulhas sobre a criança doente, enquanto recitava o *surah al-fatiha*, o primeiro capítulo do *Alcorão*.

Terminada a operação, chegou a vez da outra criança, mediante a mesma oferenda; contentes, e depois de terem beijado respeitosamente a mão que acabava de restituir a saúde aos seus filhos, as mulheres partiram.

Parece que o meu rosto denunciava a minha incredulidade, porque o alcaide Hassan, reunindo os honorários de sua cura maravilhosa, gritou às clientes: “Não deixeis de vir em sete dias me apresentar vossos filhos na *skifa* do consulado” (A *skifa* é o vestíbulo externo, a sala de espera nas grandes casas).

Com efeito, uma semana mais tarde, os pequeninos me foram mostrados; um estava completamente curado, o outro tinha apenas algumas cicatrizes de aparência muito satisfatória, indicando uma cura muito próxima. Fiquei estupefato, mas não convencido. Contudo, mais de vinte experiências semelhantes depois me forçaram a crer na incrível virtude das mãos abençoadas pelo sangue.

Há criaturas que nem os fatos mais patentes podem convencer; todavia, é preciso convir que, neste caso, é permitido logicamente não acreditar na eficácia da *bênção do sangue*, obtida sobretudo em tais condições, nem na das fâscas do isqueiro. Entretanto,

não deixa de existir o fato material da cura; se não tem esta causa, deve ter outra. Se vinte experiências semelhantes, do conhecimento do narrador, vieram confirmá-lo, essa causa não pode ser fortuita e deve provir de uma lei. Ora, esta lei não é senão a faculdade curadora de que aquele homem é dotado. Na sua ignorância do princípio, ele atribuía a faculdade ao que chamava a bênção do sangue, crença em relação com os costumes do país, onde a vida de um homem nada vale. O isqueiro e as outras fórmulas são acessórios que só têm valor na sua imaginação e que servem, sem dúvida, pela importância a elas ligadas, para lhe dar mais confiança em si mesmo e, conseqüentemente, para aumentar o seu poder fluídico.

Este fato levanta naturalmente uma questão de princípio, relativa ao dom da faculdade de curar, à qual responde a comunicação seguinte, dada a respeito.

(Sociedade de Paris, 23 de fevereiro de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Por vezes as pessoas se admiram, com aparente razão, quando encontram em indivíduos indignos, faculdades notavelmente desenvolvidas, e que deveriam ser, de preferência, atribuído de homens virtuosos e isentos de preconceitos; e, contudo, a história dos séculos passados apresenta, quase que a cada página, exemplos de mediunidades notáveis, possuídas por Espíritos inferiores e impuros, por fanáticos sem raciocínio! Qual pode ser o motivo de tal anomalia?

Entretanto, aí nada há que possa causar admiração; um estudo um pouco sério e refletido do problema dará a sua chave.

Quando fenômenos extraordinários, pertencentes à ordem extracorporal, são produzidos, realmente o que acontece? É que individualidades encarnadas servem de órgãos de transmissão à manifestação. Elas são instrumentos movidos por uma vontade exterior. Ora, demandariam a um simples instrumento o que se exigiria do artista que o faz vibrar? Se é evidente que um bom piano é preferível

a um defeituoso, não é menos certo que, num como no outro, se distinguirá o toque do artista do de um principiante. Se, pois, o Espírito que intervém na cura encontra um bom instrumento, dele se servirá de bom grado; senão empregará o que lhe oferecerem, por mais defeituoso que seja.

Também é preciso considerar, no exercício da faculdade mediúnica, e em particular no exercício da mediunidade curadora, que podem apresentar-se dois casos bem distintos: ou o médium pode ser curador por sua própria iniciativa, ou não passa de um agente, mais ou menos passivo, de um motor excepcional.

No primeiro caso, só poderá agir se suas virtudes e sua força moral lho permitirem. Será um exemplo na sua conduta, privada ou pública, um modelo, um missionário vindo para servir de guia ou de sinal de ligação aos homens de boa vontade! O Cristo é a personificação suprema do curador.

Quanto àquele que é apenas um médium, sendo instrumento, pode ser mais ou menos defeituoso, e os atos que se operam por seu intermédio de modo algum o impedem de ser imperfeito, egoísta, orgulhoso ou fanático. Membro da grande família humana, da mesma maneira que a generalidade participa de todas as suas fraquezas.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus: “Não são os que gozam de saúde que precisam de médico.” Há que se ver, então, um sinal da vontade da Providência nessas faculdades que se desenvolvem em meios e em pessoas imperfeitas. É um meio de lhes dar a fé que, mais cedo ou mais tarde, os conduzirá ao bem; se não for hoje, será amanhã; são sementes que não estão perdidas, porque vós, espíritas, sabeis que nada se perde para o Espírito.

Em naturezas moralmente e fisicamente mais rudes, não é raro encontrar faculdades transcendentais, porque essas individualidades, por terem pouca ou nenhuma vontade pessoal, limitam-se a

deixar agir a influência que as dirige. Poder-se-ia dizer que agem por instinto, ao passo que uma inteligência mais desenvolvida, querendo se dar conta da causa que a põe em movimento, por vezes se coloca em condições que não permitem uma realização tão fácil dos desígnios providenciais.

Por mais bizarros e inexplicáveis que sejam os efeitos que se produzem aos vossos olhos, estudai-os atentamente, antes de considerar um só como infração às leis eternas do Mestre Supremo! Não há uma só que não afirme a sua existência, a sua justiça e a sua sabedoria eternas; se a aparência disser o contrário, crede bem que será apenas uma aparência, que desaparecerá para dar lugar à realidade, com um estudo mais aprofundado das leis conhecidas e o conhecimento daquelas cuja descoberta está reservada ao futuro.

CLÉLIE DUPLANTIER

O zuavo Jacob

Estando na ordem do dia a faculdade curadora, não é de admirar que a ela tenhamos consagrado a maior parte deste número e, seguramente, estamos longe de ter esgotado o assunto. Por isso a ele voltaremos.

Logo de saída, para fixar as ideias de muitas pessoas interessadas na questão relativa ao Sr. Jacob, as quais nos escreveram ou poderiam escrever-nos a respeito, dizemos:

1^o) Que as sessões do Sr. Jacob estão suspensas. Assim, seria inútil apresentar-se no lugar onde se realizavam (rua do Roquette, 80) e que, até o presente, não as retomou em parte alguma. O motivo foi a excessiva aglomeração de pessoas, que dificultava a circulação numa rua muito frequentada, e um beco sem saída, ocupado por grande número de industriais, que se viam impedidos em seus negócios, não podendo receber os clientes, nem expedir as suas

mercadorias. Neste momento o Sr. Jacob não dá sessões públicas, nem particulares.

2º) Dada a afluência, e devendo cada um esperar muito tempo a sua vez, aos que nos perguntaram, ou no futuro nos perguntarem se, conhecendo pessoalmente o Sr. Jacob, poderiam, com uma recomendação nossa, conseguir atendimento preferencial, diremos que nunca pedimos e jamais o pediríamos, sabendo que seria inútil. Se ingressos preferenciais tivessem sido concedidos, teria sido em prejuízo dos que esperam e não deixariam de provocar justas reclamações. O Sr. Jacob não fez exceções para ninguém; o rico devia esperar como o infeliz, porque, em última análise, o infeliz sofre tanto quanto o rico; como este, não tem o conforto por compensação e, além disso, muitas vezes espera a saúde para ter de que viver. Por isso felicitamos o Sr. Jacob; e se ele não tivesse agido assim, ao solicitarmos um favor apenas teríamos feito uma coisa que nele haveríamos de censurar.

3º) Aos doentes que nos perguntaram, ou poderiam perguntar, se lhes aconselhamos fazer a viagem de Paris, dizemos: O Sr. Jacob não cura todo o mundo, como ele mesmo declara; nunca sabe por antecipação se curará ou não um doente; é somente quando está em sua presença que julga da ação fluídica e vê o resultado; é por isso que nunca promete nada e jamais responde. Aconselhar alguém a fazer a viagem de Paris, seria assumir uma responsabilidade sem certeza de sucesso. É, pois, um risco que se corre, e se não se obtiver resultado, a gente está livre das despesas de viagem, ao passo que se gastam, muitas vezes, somas enormes em consultas, sem maiores vantagens. Se não se fica curado, não se pode dizer que se pagou cuidados inutilmente.

4º) Aos que nos perguntam se, indenizando o Sr. Jacob de suas despesas de viagem, já que não aceita honorários, ele concordasse em vir a tal ou qual localidade para cuidar de um doente, respondemos: O Sr. Jacob não atende a convites desse gênero, pelas razões desenvolvidas acima. Não podendo responder previamente

pelos resultados, consideraria uma indelicadeza induzir gastos sem certeza de êxito; e em caso de insucesso, seria dar ensejo à crítica.

Aos que escrevem ao Sr. Jacob, ou nos enviam cartas para fazê-las chegar até ele, dizemos: O Sr. Jacob tem em sua casa um armário cheio de cartas, que ele não lê, e não responde a ninguém. Com efeito, que poderia dizer? Aliás, ele não cura por correspondência. Falar com afetação? não é o seu gênero; dizer se tal doença é curável por ele? ele não o sabe. Pelo fato de ter curado uma pessoa de tal doença, não se segue que cure a mesma doença em outras pessoas, porque as condições fluídicas não são as mesmas; indicar um tratamento? ele não é médico e se absteria de fornecer esta arma contra si.

Assim, escrever a ele é trabalho inútil. A única coisa a fazer, caso ele retomasse as sessões, classificadas por engano como consultas, já que não o consultam, é apresentar-se tão logo chegue, entrar na fila, esperar pacientemente e arriscar a chance. Se não se ficar curado, não se pode queixar de ter sido enganado, desde que ele nada promete.

Há fontes que têm a propriedade de curar certas doenças. Vão lá; uns se sentem bem, outros são apenas aliviados; outros, enfim, não experimentam absolutamente nada. Deve-se considerar o Sr. Jacob como uma fonte de fluidos salutares, a cuja influência vão submeter-se, mas que, não sendo uma panaceia universal, não cura todos os males e pode ser mais ou menos eficaz, conforme as condições do doente.

Mas, enfim, houve curas? Um fato responde a esta pergunta: se ninguém tivesse sido curado, a multidão não teria ido para lá, como fez.

Mas a multidão crédula não pode ter sido enganada por falsas aparências e para lá se dirigir confiando numa reputação usurpada? Comparsas não podem ter simulado doenças para parecerem ter sido curados?

Sem dúvida, isto se viu e se vê todos os dias, quando cúmplices têm interesse em representar a comédia. Ora, aqui, que proveito teriam tirado? Quem os teria pago? Certamente não foi o Sr. Jacob, com o seu soldo de músico dos zuavos; nem a concessão de um desconto sobre as consultas, já que ele nada recebia. Compreende-se que aquele que quer fazer uma clientela a qualquer preço empregue semelhantes meios; mas o Sr. Jacob não tinha o menor interesse em atrair a si a multidão; não a chamou: foi ela que veio a ele e, pode dizer-se, à sua revelia. Se não tivesse havido os fatos, ninguém teria vindo, pois ele não chamava ninguém. Sem dúvida os jornais contribuíram para aumentar o número de visitantes, mas só falaram do caso porque já existia a multidão, sem o que nada teriam dito, pois o Sr. Jacob não lhes tinha pedido que falasse dele, nem pago para fazer propaganda. Deve-se, pois, afastar toda ideia de subterfúgios, que não teriam nenhuma razão de ser na circunstância de que se trata.

Para apreciar os atos de um indivíduo, é preciso buscar o interesse que o pode solicitar na sua maneira de agir. Ora, está comprovado que não havia nenhum da parte do Sr. Jacob; que também não o havia para o Sr. Dufayet, que cedia seu local gratuitamente, e punha seus operários a serviço dos doentes, para carregar os enfermos, e isto com prejuízo de seus próprios interesses; enfim, que comparsas nada tinham a ganhar.

Como as curas operadas pelo Sr. Jacob, nestes últimos tempos, são do mesmo gênero das obtidas o ano passado no campo de Châlons, e tendo-se passado os fatos mais ou menos da mesma maneira, apenas em maior escala, remetemos nossos leitores aos relatos e apreciações que demos na *Revista* de outubro e novembro de 1866. Quanto aos incidentes particulares deste ano, não poderíamos senão repetir o que todos souberam pelos jornais. Limitar-nos-emos, pois, quanto ao presente, a algumas considerações gerais sobre o fato em si mesmo.

Há cerca de dois anos, os Espíritos nos haviam anunciado que a mediunidade curadora tomaria grandes desenvolvimentos,

e seria um poderoso meio de propagação para o Espiritismo. Até então só havia curadores que operavam, por assim dizer, na intimidade e sem alarido. Dissemos aos Espíritos que, a fim de que a propagação fosse mais rápida, era preciso que surgissem outros mais poderosos, para que as curas tivessem repercussão no público. Isto acontecerá, foi a resposta, e haverá mais de um.

Essa previsão teve um começo de realização o ano passado, no campo de Châlons, e Deus sabe se este ano faltou repercussão às curas da rua do Roquette, não só na França, mas no estrangeiro.

A comoção geral que estes fatos causaram é justificada pela gravidade das questões que eles levantam. Não há por que se equivocar: aqui não está um desses acontecimentos de mera curiosidade, que por um momento apaixonam a multidão ávida de novidades e distrações. A gente não se distrai com o espetáculo das misérias humanas; a visão desses milhares de doentes, correndo em busca da saúde, que não puderam encontrar nos recursos da Ciência, nada tem de prazeroso e leva a sérias reflexões.

Sim, há aqui algo mais que um fenômeno vulgar. Sem dúvida admiram-se das curas obtidas em condições tão excepcionais que parecem raiar o prodígio; mas o que impressiona mais ainda que o fato material, é que aí presentem a revelação de um princípio novo, cujas conseqüências são incalculáveis, de uma dessas leis por tanto tempo ocultas no santuário da Natureza, que, à sua aparição, mudam o curso das ideias e modificam as crenças profundamente.

Diz uma secreta intuição que se os fatos em questão são reais, é mais que uma mudança nos hábitos: é um elemento novo introduzido na sociedade, uma nova ordem de ideias que se estabelece.

Embora os acontecimentos do campo de Châlons tenham preparado para o que acaba de se passar, em conseqüência da inatividade do Sr. Jacob durante um ano, eles quase tinham sido esquecidos; a emoção se havia acalmado, quando, de repente, os

mesmos fatos explodem no seio da capital e de súbito tomam proporções inauditas. É, por assim dizer, como se tivéssemos despertado no dia seguinte a uma revolução, e só nos abordássemos perguntando: Sabeis o que se passa na rua do Roquette? Tendes notícias? Dispensavam os jornais, como se se tratasse de um grande acontecimento. Em 48 horas a França inteira ficou sabendo.

Há nesta instantaneidade algo de notável e de mais importante do que se pensa.

A impressão do primeiro momento foi de estupor: *ninguém riu*. A própria imprensa facciosa simplesmente relatou os fatos e os boatos, sem fazer comentários. Diariamente ela dava o boletim, sem se pronunciar pró, nem contra, e foi possível notar que a maioria dos artigos não eram escritos em tom de zombaria; exprimiam a dúvida, a incerteza quanto à realidade de fatos tão estranhos, inclinando-se, porém, mais para a afirmação do que para a negação. É que o assunto, por si mesmo, era sério; tratava-se do sofrimento e o sofrimento tem algo de sagrado, que impõe respeito; em semelhante caso a pilhéria seria inconveniente e universalmente reprovada. Jamais se viu a verve zombeteira exercitar-se diante de um hospital, mesmo de loucos, ou de um comboio de feridos. Homens de coração e de senso não podiam deixar de compreender que, numa coisa que diz respeito a questões de humanidade, a zombaria teria sido indecorosa, por insultar a dor. Assim, é com um sentimento penoso e uma espécie de desgosto que hoje se vê o espetáculo desses infelizes doentes reproduzido grotescamente nos teatros de feira e traduzido em canções burlescas. Admitindo de sua parte uma credulidade pueril e uma esperança mal fundada, não é uma razão para faltar ao respeito que se deve ao sofrimento.

Em presença de tal repercussão, a denegação absoluta era difícil; a dúvida só é permitida àquele que não sabe ou que não viu. Entre os incrédulos de boa-fé e por ignorância, muitos compreenderam que seria imprudência inscrever-se prematuramente em falso contra fatos que, um dia ou outro, poderiam receber uma

consagração e lhes dar um desmentido. Assim, sem nada negar nem afirmar, a imprensa geralmente limitou-se a registrar o estado de coisas, deixando à experiência o cuidado de confirmá-los ou desmentir e, sobretudo, de os explicar. Era o partido mais prudente.

Passado o primeiro momento de surpresa, os adversários obstinados de toda coisa nova que contraria as suas ideias, atordoados em alguns momentos pela violência da irrupção, tomaram coragem, principalmente quando viram que o zuavo era paciente e de humor pacífico. Começaram o ataque a todo vapor, servindo-se das armas habituais dos que não têm boas razões para objetar: o gracejo e a calúnia excessivos. Mas a sua polêmica acrimoniosa denuncia cólera e evidente embaraço, e seus argumentos, quase sempre assentados em falso e sobre alegações notoriamente inexatas, não são dos que convencem, porque se refutam por si mesmos.

Seja como for, não se trata aqui de uma questão pessoal. Que o Sr. Jacob sucumba, ou não, na luta, é uma questão de princípios que está em jogo, posta com imensa repercussão e que seguirá seu curso. Traz à memória inumeráveis fatos do mesmo gênero, que a História menciona, e que se multiplicam em nossos dias. Se é uma verdade, não está encarnada num homem, e nada poderia abafá-la; a própria violência dos ataques prova que temem que seja uma verdade.

Nesta circunstância, os que testemunham menos surpresa e menos se emocionam são os espíritas, porque essas espécies de fatos nada têm de que eles não se deem conta perfeitamente. Conhecendo a causa, não se admiram dos efeitos.

Quanto aos que não conhecem a causa do fenômeno, nem a lei que o rege, naturalmente se perguntam se é uma ilusão ou uma realidade; se o Sr. Jacob é um charlatão; se realmente cura todas as doenças; se é dotado de um poder sobrenatural e de quem o tem; se voltamos ao tempo dos milagres. Vendo a multidão que o envolve e o segue, como outrora a que seguia a Jesus na Galileia, alguns se

perguntam mesmo se não seria o Cristo reencarnado, enquanto outros pretendem que sua faculdade seja um presente do diabo.

Desde muito tempo todas estas questões estão resolvidas para os espíritas, que têm a sua solução nos princípios da doutrina. Não obstante, como daí podem sair vários ensinamentos importantes, nós os examinaremos num próximo artigo, no qual faremos ressaltar igualmente a inconsequência de certas críticas.

Dissertações espíritas

CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA

I

(Paris, 12 de março de 1867 – Grupo Desliens – Médium: Sr. Desliens)

Como já vos foi dito muitas vezes nas diferentes instruções, a mediunidade curadora, juntamente com a faculdade de vidência, é chamada a desempenhar um grande papel no período atual da revelação. São os dois agentes que cooperam com a maior força na regeneração da Humanidade e na fusão de todas as crenças numa crença única, tolerante, progressiva, universal.

Recentemente, quando me comuniquei numa reunião da Sociedade, onde me haviam evocado, disse e o repito: todo o mundo possui mais ou menos a faculdade curadora, e se cada um quisesse consagrar-se seriamente ao estudo dessa faculdade, muitos médiuns que se ignoram poderiam prestar úteis serviços aos seus irmãos em humanidade. Então o tempo não me permitiu desenvolver todo o meu pensamento a esse respeito; aproveitarei o vosso apelo para fazê-lo hoje.

Em geral os que buscam a faculdade curadora têm como único desejo obter o restabelecimento da *saúde material*, restituir a liberdade de ação a tal *órgão*, impedido nas suas funções por uma

causa material qualquer. Mas, sabei-o bem, é o menor dos serviços que esta faculdade é chamada a prestar, e só a conheceis em suas primícias e de maneira completamente rudimentar, se lhe conferis este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais nobre e mais extensa!... Se pode restituir aos corpos o vigor da saúde, também deve dar às almas toda a pureza de que são suscetíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.

Muitas vezes vos disseram, e vossos instrutores nunca vo-lo repetiriam em demasia, que o aparente efeito material, o sofrimento, quase sempre tem uma causa mórbida imaterial, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador ataca o corpo, não ataca senão o efeito; permanecendo a causa primeira do mal, o efeito pode reproduzir-se, quer sob a forma primordial, quer sob outra aparência qualquer. Muitas vezes aí está uma das razões pelas quais tal doença, subitamente curada pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benfazeja se afaste, porque não resta nada, absolutamente nada para combater a causa mórbida.

Para evitar essas recidivas, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus efeitos; numa palavra, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o corpo e a alma.

Para ser bom médium curador, não só é preciso que o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores, mas, ainda, que o Espírito possua uma força moral, que só pode adquirir por seu próprio melhoramento. Para ser médium curador é preciso, pois, preparar-se não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo pelos meios físicos, e de influenciar a alma pela força moral.

Uma última reflexão. Aconselham-vos que busqueis de preferência os pobres, que não têm outros recursos além da caridade

do hospital. Não é esta absolutamente a minha opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não dos que gozam de boa saúde. Lembrai-vos de que na questão de saúde moral, há doentes por toda parte, e que o dever do médico é ir a toda parte onde o seu socorro é necessário.

ABADE PRÍNCIPE DE HOHENLOHE

II

(Sociedade de Paris, 15 de março de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Numa comunicação recente, eu falava da mediunidade curadora, de um ponto de vista mais largo do que o que foi considerado até agora, e a fazia consistir antes no tratamento moral que no tratamento físico dos doentes, ou, pelo menos, reunia esses dois tratamentos num só. Pedirei me permitais dizer algumas palavras a esse respeito.

O sofrimento, a doença, a própria morte, nas condições sob as quais as conheceis, não são mais especialmente a partilha dos mundos habitados pelos Espíritos inferiores, ou pouco adiantados? O desenvolvimento moral não tem por objetivo principal conduzir a Humanidade à felicidade, fazendo-a adquirir conhecimentos mais completos, desembaraçando-a das imperfeições de toda natureza, que retardam sua marcha ascensional para o Infinito? Ora, melhorando o Espírito dos doentes, não se os põe em melhores condições para suportarem seus sofrimentos físicos? Atacando os vícios, as más inclinações, que são a fonte de quase todas as desorganizações físicas, não se põem essas desorganizações na impossibilidade de se reproduzirem? Destruindo a causa, necessariamente se impede o efeito de se manifestar novamente.

A mediunidade curadora pode, pois, comportar duas formas; e essa faculdade não estará em seu apogeu, nos que a possuem, senão quando reunirem em si essas duas maneiras de ser.

Ela pode compreender unicamente o alívio material dos doentes e, então, se dirige aos encarnados; pode compreender a melhora moral dos indivíduos e, neste caso, se dirige tanto aos Espíritos quanto aos homens; enfim, ela pode compreender o melhoramento moral e o alívio material: neste caso, tanto a causa quanto o efeito poderão ser combatidos vitoriosamente. Efetivamente, em que consiste o tratamento dos Espíritos obsessores, senão numa espécie de influência semelhante à mediunidade curadora, exercida conjuntamente por médiuns e Espíritos sobre uma personalidade desencarnada?

Assim, a mediunidade curadora abrange ao mesmo tempo a saúde moral e a saúde física, o mundo dos encarnados e o dos Espíritos.

ABADE PRÍNCIPE DE HOHENLOHE

III

(Paris, 24 de março de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Venho continuar a instrução que dei a um médium da Sociedade. Por que duvidáveis que eu tivesse vindo ao vosso apelo? Não sabeis que um Espírito bom se sente sempre feliz por ajudar os seus irmãos da Terra na via do melhoramento e do progresso?

Hoje conheceis o que eu disse do considerável papel reservado à mediunidade curadora; sabeis que, conforme o estado de vossa alma e as aptidões do vosso organismo podeis, se Deus vo-lo permitir, tanto curar as dores físicas quanto os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais se sois capaz de fazer uma ou outra, porque conheceis as vossas imperfeições; mas Deus não exige a perfeição, a pureza absoluta aos homens da Terra. A esse título, ninguém entre vós seria digno de ser médium curador. Deus pede que vos melhoréis, que façais esforços constantes para vos purificardes, e vos leva em conta a vossa boa vontade.

Já que desejais seriamente aliviar os vossos irmãos que sofrem física e moralmente, tende confiança, esperai que o Senhor vos conceda esse favor. Mas, repito-o, não sejais exclusivos na escolha dos vossos doentes; todos, quaisquer que sejam, ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, todos têm direito ao vosso socorro. Será que o Senhor priva os maus do calor benfazejo do Sol, que aquece, reanima e vivifica? Será que a luz é recusada a quem quer que não se prosterne diante da bondade do Todo-Poderoso? Curai, pois, quem quer que sofra e aproveitai o bem que trouxestes ao corpo para purificar a alma ainda mais sofredora e ensinai-lhe a orar. Não vos aborreçais pelas recusas que encontrardes; fazei sempre vossa obra de caridade e de amor e não duvideis que o bem, embora retardado por uns, jamais ficará perdido. Melhorai-vos pela prece, pelo amor do Senhor, de vossos irmãos, e não duvideis que o onipotente não vos dê as ocasiões frequentes de exercer vossa faculdade mediúnica. Sede felizes quando, após a cura, vossa mão apertar a do vosso irmão reconhecido; e que ambos, prosternados aos pés de vosso Pai Celestial, possais orar juntos para o agradecer e o adorar. Mais feliz ainda quando, acolhido pela ingratidão, depois de ter curado o corpo, mas impotente para curar a alma endurecida, elevardes o vosso pensamento para o Criador, pois vossa prece será a primeira centelha destinada a acender mais tarde o facho que brilhará aos olhos do vosso irmão curado de sua cegueira, e direis a vós mesmos que quanto mais um doente sofre, tanto mais atenção lhe deve dar o médico.

Coragem, irmão; esperai e aguardai que os Espíritos bons, que vos dirigem, vos inspirem quando começardes a aplicação de vossa nova faculdade mediúnica, junto aos vossos irmãos que sofrem. Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo, e jamais deixeis fugir a menor ocasião de esclarecer os vossos irmãos. Deus vela sobre cada um de vós, e aquele que hoje é o mais incrédulo, amanhã poderá ser o mais fervoroso e o mais crente.

OS ADEUSES

(Sociedade de Paris, 16 de agosto de 1867— Médium: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo)

NOTA — Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresenta um caráter particular, que foge da forma habitual. Vários Espíritos dos que são assíduos às sessões e aí se manifestam algumas vezes, vieram sucessivamente dirigir algumas palavras aos membros da Sociedade antes de sua separação, por meio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir e dar testemunho de simpatia, no momento da partida. A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de atitude, de expressão, de fisionomia e, pela linguagem, se reconhecia o Espírito que falava, antes que fosse nomeado. Era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não o seu pensamento, traduzido mais ou menos fielmente ao passar por um intermediário; assim, a identidade era patente e, salvo a semelhança física, tinha-se diante de si o Espírito como em sua vida. Depois de cada alocução o médium ficava absorto durante alguns minutos; era o tempo de substituição de um Espírito por outro; depois, voltando a si pouco a pouco, retomava a palavra num outro tom. O primeiro que se apresentou foi o nosso antigo colega Leclerc, falecido em dezembro do ano passado:

Alguns de vossos irmãos que partiram vêm aproveitar a ocasião para vos manifestar a sua simpatia, no momento de vossa separação.

A morte nada é, quando tem como resultado fazer nascer uma vida muito maior, muito mais larga, muito mais útil que a vida humana! Sobrevém um atordoamento, segue-se uma prostração (alusão à maneira por que morreu) e me levanto mais livre e feliz ao entrar neste Mundo Invisível, que minha alma havia presenciado, que todo o meu ser desejava!... Livre!... planar no Espaço!... Vi, observei, e minha alegria delirante só era temperada pelo

exagerado pesar dos meus, pela ausência de minha personalidade material; mas hoje, que lhe pude provar a minha existência, e que demonstrei que se meu corpo não mais estava lá, meu Espírito lá estava mais ainda, sou feliz, muito feliz; porque o que não pôde fazer o encarnado, pôde obter no estado de espiritualidade. Hoje sou útil, muito útil, e graças à simpática afeição dos que me conheceram, minha utilidade é mais eficaz.

Como é bom poder servir aos irmãos e assim ser útil à Humanidade inteira! Como é bom, como é doce à alma poder fazer participar a Humanidade no pouco saber que se adquiriu pelo sofrimento! Eu que, outrora aprisionado neste corpo obtuso, hoje sou grande, e se não fosse o medo do vosso ridículo, eu me admiraria; porque, vede, ser bom é participar de Deus; e esta bondade eu a possuía? oh! respondi-me; vosso testemunho será uma felicidade a mais, aliada à felicidade que desfruto; mas, preciso de vossas palavras? não posso ler em vossos corações e ver os vossos sentimentos mais íntimos? Hoje, graças à minha desmaterialização, não posso ver os vossos mais secretos pensamentos?

Oh! Deus é grande e sua bondade é sublime! Meus amigos, inclinai-vos, como eu, ante a sua majestade; trabalhai para a realização de seus desígnios, fazendo mais e melhor do que eu mesmo pude fazer.

LECLERC

Para a alma que aspira à liberdade, como é longo o tempo na Terra, e como se faz esperar o momento tão sonhado! Mas, também, uma vez rompido o laço, com que rapidez o Espírito corre e voa para o Reino Celeste, que em vida via em sonhos e ao qual aspirava sem cessar! O belo, o infinito, o impalpável, todos os sentimentos mais puros, eis o apanágio dos que desprezam os tesouros humanos, querendo marchar na vida santa do bem, da caridade e do dever. Tenho minha recompensa e sou muito feliz, porque agora não mais espero as visitas dos que me são caros; agora não há mais limites

para a minha vista, e esse sofrimento, esse longo emagrecimento do corpo acabou; sou alegre, contente, cheia de vivacidade. Não espero mais os visitantes: vou visitá-los.

ERNESTINE DOZON

São muito felizes os que hoje podem vir sem envergonhar-se ao vosso meio, comunicar-vos a sua alegria, o seu prazer ao entrarem aqui! Mas eu, que tomei o caminho dos covardes para evitar o caminho trilhado; eu, que entrei de surpresa num mundo que não me era desconhecido; eu, que quebrei a porta da prisão, em vez de esperar que ela me fosse largamente aberta, é em razão dessa mesma vergonha que me cobre o rosto, que venho a esta mesa, porque aqui encontro o meio de vos dizer: Obrigado por vosso perdão sincero, obrigado por vossas preces, pelo interesse que me prodigalizastes e que abreviaram os meus sofrimentos! Obrigado, ainda, pelos pensamentos de futuro, que vejo germinar em vossos corações, pela coletividade fraterna de vossas simpatias, das quais me beneficiarei!

Hoje, o clarão apenas entrevisto tornou-se um farol luminoso, de raios largos e brilhantes; doravante vejo o caminho, e se vossas preces me sustentarem, como pressinto, se minha humildade e meu arrependimento não se desmentirem, podeis contar com mais um viajante nesta larga estrada que se chama o bem.

D.

Fali... pequei... pequei muito!... E, contudo, se Deus coloca no cérebro de um homem uma inteligência e ao lado põe desejos a saciar, inclinações impossíveis de superar, por que faria o Espírito suportar as consequências desses obstáculos que não pôde vencer? Mas eu me perco, blasfemo!... porque, desde que me tinha dado uma inteligência, era o instrumento com a ajuda do qual eu podia vencer os obstáculos. Quanto maior era essa inteligência, menos escusável sou.

Minha própria inteligência, sobretudo minha presunção, me perderam. Sofri moralmente todas as minhas decepções, muito mais que fisicamente, e não é dizer pouco! Fazendo-vos estas confissões, sofro o passado e todos os sofrimentos dos meus, que vêm aumentar a bagagem dos males que já me esmagam... Oh! orai por mim! Hoje é um dia de indulgência. Pois bem! reclamo a vossa. Que me perdoem aqueles a quem ofendi e desprezei!

Espectador invisível, desde algum tempo assisto aos vossos estudos com uma felicidade muito grande! Vossos trabalhos ainda absorvem mais as minhas faculdades intelectuais do que quando eu era vivo. Vejo, observo, estudo, e hoje que as minhas fibras cerebrais não são mais obstruídas pela matéria, abri os olhos espirituais e posso ver os fluidos, que em vão tinha procurado perceber em vida.

Pois bem! se pudésseis ver essa imensa teia, esse emaranhado fluídico, vossos raios visuais se aniquilariam de tal modo que só perceberíeis as trevas. Eu vejo, sinto, ressinto!... e nessas moléculas fluídicas, átomos impalpáveis, distingo as diferentes forças propulsoras; analiso-as, delas formo um todo que emprego ainda em benefício dos pobres corpos sofredores; reúno, aglomero os fluidos simpáticos, e vou simplesmente, gratuitamente, derramá-los sobre os que deles necessitam.

Ah! o estudo dos fluidos é uma bela coisa! E compreenderíeis quanto todos esses mistérios são preciosos para mim, se, como eu, tivésseis consagrado em vão toda a vossa existência em penetrá-los. Graças ao Espiritismo, o aparente caos desses conhecimentos foi posto em ordem; o Espiritismo distinguiu o que é do domínio físico daquilo que pertence ao Mundo Espiritual; reconheceu duas partes bem distintas no magnetismo; tornou seus efeitos fáceis de reconhecer, e Deus sabe o que o futuro lhe reserva!

Mas, percebo que absorvo todo o vosso tempo em meu benefício, quando outros Espíritos ainda vos desejam falar.

Voltarei, pela escrita, para continuar a vos desenvolver minhas ideias sobre esses estudos com que, em vida, tanto gostei de me entreter.

E. QUINEMANT

Meus caros filhos: O ano social espírita foi proveitoso para os vossos estudos, e venho com prazer testemunhar toda a minha satisfação. Muitos fatos foram analisados, muitas coisas incompreendidas foram elucidadas, e tocastes em certas questões que não tardarão a ser admitidas em princípio. Estou, ou antes, estamos satisfeitos.

Não obstante todo o ardor empregado até aqui, no meio de vós e por vossos inimigos, contra as vossas boas intenções, vossa falange foi a mais forte; se o mal fez algumas vítimas, é que nelas a lepra já existia. Mas já a chaga se cicatriza; entram os bons, e os maus se vão. E para os maus, que ficam no meio de vós, mais tarde o remorso será terrível, porque às suas taras juntam a da hipocrisia. Mas os que são sinceros, os que hoje se juntam a vós, os que trazem o seu devotamento à verdade e o desejo de comunicá-la a todos, esses, meus filhos, eu vos digo que serão abençoados, porque levarão a felicidade não só para si, mas para todos os que os escutam. Olhai em vossas fileiras e vereis que os vazios criados pelas defecções são bem depressa preenchidos com vantagem por novas individualidades, e estas fruirão os benefícios que serão o apanágio da geração futura.

Ide, meus filhos! vossos estudos ainda são muito rudimentares; mas cada dia traz os meios de aprofundar mais e, para isto, novos instrumentos virão juntar-se aos que já tendes. Tereis instruções mais extensas e isto para maior glória de Deus e para maior bem-estar da Humanidade.

Há entre vós vários desses instrumentos, que tomarão lugar à vossa mesa, na reabertura; ainda não ousam declarar-se; mas encorajai-os; trazei ao vosso lado os tímidos e os orgulhosos,

que julgam fazer melhor que os outros, e então veremos se os tímidos têm medo e se os orgulhosos não terão que refrear suas pretensões.

SÃO LUÍS

A epidemia que vem dizimar o mundo em certos momentos, e que conviestes chamar cólera, fere de novo e por golpes redobrados a Humanidade; seus efeitos são prontos e sua ação rápida. Sem nenhum aviso, o homem passa da vida à morte, e aqueles, mais privilegiados, poupados por sua mão fulminante, ficam estupefatos, trêmulos, ante as espantosas consequências de um mal desconhecido em suas causas, cujo remédio se ignora completamente.

Nesses tristes momentos, o medo se apodera dos que apenas encaram a ação da morte, sem pensar no Além, e que, só por este fato, com mais facilidade oferecem o flanco ao mal. Mas como a hora de cada um de nós está marcada, há que partir, a despeito de tudo, se ela tiver soado. A hora está marcada para bom número dos habitantes do universo terrestre; partem todos os dias; pouco a pouco o flagelo se espalha e vai estender-se sobre toda a superfície do globo.

Este mal é desconhecido e talvez o seja mais ainda hoje, porque, à sua constituição própria, juntam-se diariamente outros elementos que confundem o saber humano e impedem de achar o remédio necessário para deter a sua marcha. Assim, a despeito de sua ciência, os homens devem sofrer as suas consequências, e esse flagelo destruidor é muito simplesmente um dos meios para ativar a renovação humanitária, que se deve realizar.

Mas não vos inquieteis; para vós espíritas, que sabeis que morrer é renascer, se fordes atingidos e partirdes, não ireis à felicidade? Se, ao contrário, fordes poupados, agradecei-o a Deus, que assim vos permitirá aumentar a soma dos vossos sofrimentos e pagar mais pela prova.

De um lado como de outro, quer a morte vos fira, quer vos poupe, só tendes a ganhar; ou, então, não vos digais espíritas.

DOUTOR DEMEURE

Isto é para ele (o médium fala de si na terceira pessoa). Vede, foi dito que virá um momento em que ele poderia ver, ouvir e repousar por sua vez. Pois bem! esse momento é chegado, para vós e não para os outros; na reabertura ele não adormecerá mais, salvo alguns casos excepcionais, nos quais a sua utilidade se fizer sentir; neste momento ele o lamenta, mas, daqui a pouco, quando despertar e souber, ficará muito contente... o egoísta!... Contudo, ele ainda tem muito a fazer; daqui até lá, ele dormirá; raramente felicitará e fustigará muitas vezes: é a sua tarefa. Orai para que ela lhe seja fácil, para que sua palavra leve a paz, a consolação e a conciliação, onde se fizerem necessárias. Ajudai-o com o vosso pensamento; ao retornar ele porá toda a sua boa vontade em vos secundar, e o fará de todo o coração; mas sustentai-o, pois precisa muito. Aliás, as circunstâncias excepcionais em que irá dormir talvez não sejam, infelizmente, muitas vezes motivadas. Enfim, dizei como ele: Que a vontade de Deus seja feita!

MORIN

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

NOVEMBRO DE 1867

Nº 11

Impressões de um médium inconsciente a propósito do *Le Roman de l'avenir*

(Pelo Sr. Eug. Bonnemère)

O Sr. Bonnemère houve por bem nos transmitir, sobre o jovem bretão tratado no *Prefácio* do interessante livro que publicou, sob o título de *Le Roman de l'avenir*, detalhes circunstanciados que complementam os que demos a respeito na *Revista* de julho de 1867. Estas novas informações são do mais alto interesse e os nossos leitores serão gratos ao autor, como nós também, por havê-las posto à nossa disposição. Faremos segui-las de algumas observações.

Senhor,

Um amigo me envia, com muito atraso, o número da *Revista Espírita* em que comentais *Le Roman de l'avenir* que assinei com o meu nome. Permitti que vos dê alguns esclarecimentos a respeito de uma passagem deste artigo, na qual se acha esta reflexão:

“Disseram-nos que o autor, quando escreveu este livro, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil etc.”

Entretanto, isto é rigorosamente exato. Confesso com toda sinceridade e humildade, senhor, que errei por não vos ter oferecido este volume; jamais fui à vossa casa; nem mesmo conhecia o título da *Revista Espírita* e minha biblioteca não possui nenhuma obra sobre as questões que aí são tratadas; eis por que chamei o meu jovem bretão um extático natural, quando para vós ele é um médium.

Contei no *Prefácio de Le Roman de l'avenir* que, em consequência daquela estranha aventura, eu, que fui um historiador na maturidade de minha vida, ia tornar-me um romancista, depois de haver ultrapassado os 50 anos. Os leitores aí não viram senão um desses procedimentos familiares aos autores, para dar algo de picante ao seu relato. Atesto sob palavra que, à exceção de um detalhe, que nada tem a ver com o caso, e que não me é ainda permitido revelar, tudo o que avanço neste prefácio é verdadeiro e, longe de exagerar, não digo tudo.

Meu jovem bretão explica em vinte passagens de seus volumosos manuscritos (perto de 18 mil páginas) as causas e os efeitos desta espécie de condenação aos trabalhos forçados que sofreu, maldizendo-a.

Todas as noites — escreveu ele em 24 de agosto de 1864 — deito-me muito fatigado, após um dia de trabalho; adormeço; uma hora depois desperto; estou triste, parece que um crepe negro me envolve; estou sem palavra, mas não sofro. Algo de vago está em meu cérebro; é sob essa impressão que por vezes meus olhos se fecham, com lágrimas no coração. Depois, pela manhã, desperto com um mutismo persistente, isto é, com intoleráveis sofrimentos no lado esquerdo e no coração, que não me permitiam conciliar o sono. Experimento um estado de angústia intolerável, que me força a levantar-me. Sufoco; é preciso que me desafogue. Então vou à minha mesa e lá sou constrangido a trabalhar.

Quanto mais soffro, mais e melhor trabalho. Então minha imaginação explode. Quando uma obra está composta, e apenas precisa ser passada para o papel, invento outra, sem jamais a buscar, enquanto escrevo mecanicamente aquella que chegou à maturidade.

Quando devo servir de instrumento a algum dos amigos desaparecidos, seu nome ressoa ao meu ouvido. Quando escrevo, esse nome não me deixa e experimento, mesmo em meio aos meus sofrimentos físicos, por vezes agudos, sobretudo no coração, uma espécie de doçura em escrever o que ele põe em mim. É como uma inspiração, mas muito involuntária. Todas as fibras de meu ser moral são postas em alerta. Então sinto mais vivamente; parece que vibro; todos os ruídos são mais fortes, mais perceptíveis; vivo de vibrações intellectuais e morais ao mesmo tempo.

Quando estou neste estado de mutismo, sinto-me como que envolto numa rede, que estabelece uma separação entre o meu ser intellectual e a massa dos objetos materiais ou das pessoas que me cercam. É um isolamento absoluto em meio à multidão; minha palavra e meu Espírito estão alhures. O ser inspirador que vem em mim não me deixa mais; *é uma espécie de penetração íntima dele em mim; sou como uma esponja embebida de seu pensamento.* Pressionada e dela sai a quintessência de sua intelligência, isenta de todas as mesquinhas de nossa vida na Terra.

Por vezes, mesmo sem mutismo, quer esteja só, quer com outros, pouco importa, converso, rio, percebo tudo na conversação dos outros e, no entanto, trabalho; as ideias se acumulam, mas fugidias; estou e não estou mais; volto a mim e não tenho mais lembrança de nada; mas o estado de mutismo faz reviver as imagens apagadas.

Se for um romance que devo escrever, primeiro me vem o título, depois vêm os acontecimentos; às vezes é questão de um ou dois dias para compô-lo inteiramente. Se se trata de coisa mais séria, o título também me é ditado, depois os pensamentos superabundam, até mesmo quando pareço muito distraído. A elaboração se faz no

tempo certo, até o instante em que atinge o clímax e transborda sobre o papel.

Muitas vezes me aconteceu, depois de terminado um longo romance, e quando não tinha nada pronto para despejar em meus cadernos, experimentar essa estranha sensação, como se em meu cérebro houvesse um vazio. Então sofro muito mais; é um estado de completa atonia, até o momento em que minha cabeça se enche de outra coisa.

Geralmente, desde a noite mesmo, ou de manhã na cama, acerto um plano novo. Contudo, por vezes me levanto sem pensar em nada do que vou fazer e sem nada ter elaborado de antemão. Acesa a vela, ponho-me diante do papel. Então escuto do lado esquerdo, no ouvido esquerdo, um nome, uma palavra, um enredo de romance em duas ou três palavras. Isto é suficiente. As palavras se sucedem sem interrupção; os acontecimentos vêm alinhar-se por si mesmos sob a pena, sem um instante de interrupção, até que a história fique terminada. Quando as coisas se passam assim, é que se trata apenas de uma novela muito curta, que será concluída numa sessão.

Há ainda em meu estado uma particularidade muito singular: é quando me inquieto pela saúde de alguém a quem amo. Verdaderamente isto se torna uma moléstia atroz para mim, e creio que sofro mais que o próprio doente. Durante alguns instantes sou tomado na cabeça, no estômago, no coração e nas entranhas por uma pressão cheia de angústias, que vai até à dor extrema. Há um momento em que só a cabeça sofre. Então um ou vários nomes de remédios vêm a mim. Não quero falar, porque duvido e receio fazer mal, quando tanto queria aliviar! Mas estas palavras voltam sem cessar; estou vencido, cedo e as digo com esforço, ou as escrevo. Então está acabado, não penso mais nisto e tudo está apagado.

Não sei se me engano, mas me parece encontrar aí todos os caracteres da *possessão* de outrora, e creio mesmo que no passado

queimaram muitos possessos que não eram mais feiticeiros do que o meu jovem extático. Evidentemente ele vive uma dupla vida, mas nenhuma delas tem relação com a outra. Vi-o muitas vezes, quando uma das pessoas que a ele se confiava vinha lhe dizer que sofria; o olhar fixo, as pálpebras afastadas, a pupila dilatada, parecia escutar, procurar. “Sim, sim!” murmurava ele como se repetisse a si mesmo o que lhe dizia uma voz interior. Então indicava o remédio necessário, conversava um momento sobre a natureza e a causa do mal, depois, pouco a pouco, tudo se dissipava e ele não tinha consciência nem do instante em que começou o êxtase, nem do momento em que havia cessado. Esse rápido momento de ausência não existia para ele e evitava-se falar do assunto.

Quero e devo viver na sombra, escreveu ele alhures. Dizem-me: *O bem que se faz sem interesse, emanando de uma fonte natural, mas um pouco extraordinária*, parece culposo, ridículo, pelo menos indiscreto. É preciso não se expor à zombaria, ao desprezo, às vezes, por causa de uma boa ação. Conforme o velho provérbio: “Quem diz a verdade não merece castigo”, pode dizer-se que uma boa ação oculta não merece castigo. Assim, deve-se fazer o bem aos outros sem que o suspeitem. É a verdadeira caridade, que dá sem esperar retribuição.

Tudo isto não se realiza sem lutas. Por vezes ele se revolta contra esta obsessão tirânica. Vi-o resistir, debater-se com cólera; depois, domado por uma vontade superior à sua, pôr-se ao trabalho.

Tinha anunciado um grande e extenso trabalho sobre a liberdade. Declarava-se incapaz de fazê-lo, e protestava que não o faria. Uma manhã escreveu:

Não; quero lutar ainda hoje. Sinto que a forma ainda não veio bastante clara... Quando, pois, me deixareis em repouso?... Estou quebrado!... Ah! chamais a isto uma liberdade de pensamento, que infundis em mim! Mas é a escravidão aos vossos pensamentos que se devia dizer! Pretendeis que eu tenha o seu gérmen, e que é

prestar-me um imenso serviço desenvolvê-la, juntando a ela o que aí podeis colocar!

Começarei por esta questão já tratada: O que é a vida?

Uma espécie de anúncio de programa a cumprir assim se continuava por dez páginas de sua escrita, e tinha sido escrito em quarenta minutos.

Todas essas coisas, que me pareceram muito estranhas, talvez o sejam menos para vós, senhor. Em suma, tenho fé em seu poder misterioso, porque me curou de mais de uma afecção, que talvez tivesse embarçado a Faculdade. Jamais alguém está doente junto a ele sem que escreva a sua receitazinha. Muitas vezes o faz malgrado seu, sentindo bem que não levariam em conta as suas prescrições. Um dia terminava por estas linhas uma consulta a propósito de uma pessoa doente do peito que, em sua opinião, era malcuidada, e que julgava ainda poder salvar:

Eis o que posso dizer. Façam o que julgarem conveniente; são minhas observações, eis tudo. Não terei que me censurar por as ter deixado dormir em mim. Nada deve ser feito sem o conselho do médico. Com naturezas como são todos, isto só pode servir como indicação. Que jamais me falem disto; que não me agradeçam. *Não sou um homem, mas uma alma que desperta ao clamor do sofrimento, e que não se lembra mais desde que chegou o alívio.*

Quando não tinha doentes à mão, prescrevia remédios gerais para as afecções que a ciência oficial ainda não sabia curar. Que valem essas prescrições? Ignoro-o. Todavia, o que vi, o que pude experimentar, me leva a crer que talvez pudessem pôr no caminho de novos processos curativos.

Se um indivíduo que jamais abriu um livro de Medicina prescreve, sem ter consciência disso, remédios que podem curar, em muitos casos, a maioria dos males hoje declarados incuráveis,

parece-me incontestável que tais coisas lhe são reveladas por uma força desconhecida e misteriosa. Em presença de semelhante fato, a questão me parece resolvida. Deve-se aceitar como demonstrado que existem sensitivos aos quais é concedido servir de intermediários aos amigos desaparecidos que, não mais tendo órgãos ao serviço de sua vontade, vêm utilizar a voz ou a mão desses seres privilegiados, quando querem curar o nosso corpo, ou fortalecer a nossa alma, esclarecendo-a sobre coisas que lhes é permitido nos dar a conhecer.

Pode arriscar-se uma experiência *in anima vili*⁴⁵ sobre os bichos-da-seda, por exemplo, que quase não servem mais senão para serem atirados aos vermes dos túmulos, tanto eles estão doentes. A questão é grave, porque é por centenas de milhões de francos que se devem contar as perdas que anualmente nos faz sofrer a doença que os colhe. O resultado a obter vale a pena que se tente esta primeira experiência que, em todo o caso, se não der resultado, não poderia agravar a situação.

Aqui pode haver um mistério, mas afirmo que não há mistificação. Se sou mistificado, sempre me restarão os cento e tantos romances e novelas desse romancista sem o saber, cuja publicação vai ocupar agradavelmente os lazeres dos últimos anos de minha existência, e dos quais deixarei a maior parte para os outros depois de mim.

Neste inverno darei outro romance de meu jovem extático bretão. No prefácio transcreverei textualmente tudo quanto ele escreveu sobre a cura dos bichos-da-seda; e acrescentarei mesmo, caso queiram, suas prescrições para prevenir e curar a cólera e as doenças do peito.

Pouco importa que riam de mim durante alguns dias; mas importa muito que esses segredos, que o acaso me fez depositário,

⁴⁵ N.E.: Do latim, significa “em alma [ou ente] vil”. Locução que se emprega a propósito de experiências científicas feitas originariamente em animais (*Dicionário Priberam*).

não morram comigo, se contiverem algo de sério, e que se saiba que existem relações possíveis entre as inteligências superiores do outro lado da vida e as inteligências dóceis do lado de cá. Creio que seria muito importante para nós travar relações cada vez mais seguidas com esses mortos de boa vontade que parecem dispostos a nos prestar semelhantes serviços.

Aceitai etc.

E. BONNEMÈRE

O quadro das impressões desse rapaz, traçado por ele próprio, é tanto mais notável quanto, tendo sido escrito na ausência de qualquer conhecimento espírita, não pode ser o reflexo de ideias colhidas num estudo qualquer, que tivesse exaltado a sua imaginação. É a impressão espontânea de suas sensações, de onde ressaltam, com a maior evidência, todos os caracteres de uma mediunidade inconsciente; a intervenção de inteligências ocultas aí é expressa sem ambiguidade; a resistência que ele opõe, a contrariedade mesmo que sente, provam à saciedade que age sob o império de uma vontade que não é a sua. Esse jovem é, pois, um médium em toda a acepção da palavra, e dotado, além disso, de múltiplas faculdades, pois, ao mesmo tempo, é médium escrevente, falante, vidente, audiente, mecânico, intuitivo, inspirado, impressionável, sonâmbulo, médico, literato, filósofo, moralista etc. Mas nos fenômenos descritos, não há nenhum dos caracteres do *êxtase*. Logo, é impropriamente que o Sr. Bonnemère o qualifica de extático, pois é precisamente uma das faculdades que lhe faltam. O *êxtase* é um estado particular bem definido, que não se apresentou no caso de que se trata. Também não parece dotado da mediunidade de efeitos físicos, nem da mediunidade curadora.

Há médiuns naturais, como há sonâmbulos naturais, que agem espontaneamente e inconscientemente; em outros, os fenômenos mediúnicos são provocados pela vontade, a faculdade é desenvolvida pelo exercício, como em certos indivíduos o sonambulismo é provocado e desenvolvido pela ação magnética.

Há, pois, os *médiuns inconscientes* e os *médiuns conscientes*. A primeira categoria, à qual pertence o jovem bretão, é a mais numerosa; é quase geral e, sem exagerar, pode dizer-se que em cem indivíduos noventa são dotados dessa aptidão em graus mais ou menos ostensivos. Se cada um se estudasse, encontraria nesse gênero de mediunidade, que reveste as mais diversas aparências, a razão de uma porção de efeitos que não se explicam por nenhuma das leis *conhecidas* da matéria.

Esses efeitos sejam materiais ou não, aparentes ou ocultos, não são menos naturais por terem essa origem. O Espiritismo nada admite de sobrenatural nem de maravilhoso; segundo ele tudo entra na ordem das leis da Natureza. Quando a causa de um efeito é desconhecida deve-se buscá-la na realização dessas leis, e não em sua perturbação, provocada pelo ato de uma vontade qualquer, o que seria o verdadeiro milagre. Um homem investido do dom de milagres teria o poder de suspender o curso das leis que Deus estabeleceu, o que não é admissível. Mas sendo o elemento espiritual uma das forças ativas da Natureza, provoca fenômenos especiais, que não parecem sobrenaturais senão porque se obstinam em buscar sua causa somente nas leis da matéria. Eis por que os espíritas não fazem milagres, e jamais tiveram a pretensão de fazê-los. A qualificação de taumaturgos, que lhes dá a crítica por ironia, prova que fala de uma coisa cuja primeira palavra desconhece, já que chama de fazedores de milagres aqueles mesmos que os vêm *destruir*.

Outro fato ressalta das explicações dadas na carta acima: o *Le Roman de l'avenir* é mesmo uma obra mediúnica do jovem bretão, e não se pode senão ser grato ao Sr. Bonnemère por ter declinado a sua paternidade. Pensamentos tão elevados e tão profundos nada tinham que pudessem nos surpreender de sua parte; por isso não hesitamos em os atribuir a ele, e só tínhamos mais estima por seu caráter e por seu talento de escritor, que nos era conhecido; mas eles tomam um interesse particular, considerando-se a fonte de onde promanam. Por mais estranha que pareça essa fonte à primeira vista, nada tem de surpreendente para quem quer que conheça o

Espiritismo. Fatos desse gênero se veem frequentemente, e não há um só espírita, por pouco esclarecido que seja, que dele não se dê conta perfeitamente, sem recorrer aos milagres.

Assim, atribuindo a obra ao Sr. Bonnemère e aí encontrando fatos e pensamentos que parecem tomados à própria doutrina, parecia-nos difícil que o autor a ignorasse. Desde que afirma o contrário, acreditamo-lo sem esforço e encontramos em sua própria ignorância a confirmação deste fato muitas vezes repetido em nossos escritos: as ideias espíritas de tal modo estão em a Natureza que germinam *fora do ensinamento do Espiritismo*, e uma multidão de criaturas são ou se tornam espíritas sem o saber e por intuição; não falta às suas ideias senão o nome. O Espiritismo é como essas plantas cujas sementes são levadas pelo vento e brotam sem cultivo; nasce espontaneamente no pensamento, sem estudo prévio. Que podem, então, contra ele aqueles que sonham com o seu aniquilamento, ferindo a cepa materna?

Assim, eis um médium completo, notável, e um observador que não suspeitam, nem um, nem outro, o que seja o Espiritismo; e o observador, por uma dedução lógica do que vê, chega por si mesmo a todas as consequências do Espiritismo. O que constata, logo de saída, é que os fatos que tem sob os olhos lhe apresentam, no mesmo indivíduo, uma *dupla vida, da qual uma não tem qualquer relação com a outra*. Evidentemente essas duas vidas, nas quais se manifestam pensamentos divergentes, estão submetidas a condições diferentes; não podem ambas provir da matéria; é a constatação da vida espiritual; é a alma que se vê agir fora do organismo. Este fenômeno é muito vulgar; produz-se todos os dias durante o sono do corpo, nos sonhos, no sonambulismo natural ou provocado, na catalepsia, na letargia, na dupla vista, no êxtase. O princípio inteligente isolado do organismo é um fato capital, pois é a prova de sua individualidade. A existência, a independência e a individualidade da alma podem, assim, ser resultado da observação. Se, durante a vida do corpo, a alma pode agir sem o concurso dos órgãos materiais, é porque tem existência própria; a extinção da vida corporal não arrasta, pois, forçosamente, a da vida

espiritual. Vê-se por aí que, de consequência em consequência, se chega a uma dedução lógica.

O Sr. Bonnemère não chegou a este resultado por uma teoria preconcebida, mas pela observação. O Espiritismo não procedeu de outro modo; o estudo dos fatos precedeu a doutrina, e os princípios não foram formulados, como em todas as ciências de observação, senão à medida que eram deduzidos da experiência. O Sr. Bonnemère fez o que deve fazer todo observador sério, porque os fenômenos espontâneos que ressaltam do mesmo princípio são numerosos e vulgares; apenas, não tendo o Sr. Bonnemère visto senão um ponto, só pôde chegar a uma conclusão parcial, ao passo que o Espiritismo, tendo abarcado o conjunto desses fenômenos tão complexos e tão variados, pôde analisá-los, compará-los, controlar uns pelos outros, e aí encontrar a solução de grande número de problemas.

Desde que o Espiritismo é o resultado de observações, quem quer que tenha olhos para ver, razão para raciocinar, paciência e perseverança para ir até o fim, poderá chegar a constituir o Espiritismo, assim como se podem reconstituir todas as ciências; mas, estando feito o trabalho, é tempo ganho e esforço poupado. Se fosse preciso recomeçar incessantemente, não haveria progresso possível.

Como os fenômenos espíritas estão na Natureza, ocorreram em todas as épocas; e precisamente porque tocam a espiritualidade de maneira mais direta, estão misturados a todas as teogonias. O Espiritismo, vindo numa época menos acessível aos preconceitos, esclarecido pelo progresso das ciências naturais, que faltaram aos primeiros homens, e por uma razão mais desenvolvida, pôde observar melhor do que outrora. Hoje, vem separar o que é verdadeiro da mistura introduzida pelas crenças supersticiosas, filhas da ignorância.

O Sr. Bonnemère se felicita pelo *acaso*, que lhe pôs em mãos os documentos fornecidos pelo jovem bretão. O Espiritismo

não admite mais o acaso do que o *sobrenatural* nos acontecimentos da vida. O acaso, que por sua natureza é cego, mostrar-se-ia por vezes singularmente inteligente. Então pensamos que foi intencionalmente que tais documentos vieram à sua posse, depois que ele foi posto em condições de constatar sua origem. Não mãos do jovem, teriam ficado perdidas e, sem dúvida isto não devia acontecer. Era preciso, pois, que alguém se encarregasse de tirá-los da obscuridade; e parece que ao Sr. Bonnemère é que coube esta missão.

Quanto ao valor desses documentos, a julgar pela amostra dos pensamentos contidos no *Le Roman de l'avenir*, certamente ali deve haver coisas excelentes. Serão todas boas? É outra questão. Sob esse aspecto, sua origem não é uma garantia de infalibilidade, considerando-se que os Espíritos, não sendo mais que as almas dos homens, não têm a soberana ciência. Sendo seu adiantamento relativo, há uns mais esclarecidos que outros; se há uns que sabem mais que os homens, também há homens que sabem mais que certos Espíritos. Até agora se tem considerado os Espíritos como seres fora da Humanidade, e dotados de faculdades excepcionais. Eis um erro capital, que engendrou tantas superstições e que o Espiritismo veio retificar. Os Espíritos fazem parte da Humanidade e, até que tenham atingido o ponto culminante da perfeição, para o qual gravitam, estão sujeitos a enganar-se. É por isso que jamais se deve renunciar ao livre-arbítrio e ao raciocínio, mesmo em relação ao que vem do Mundo dos Espíritos; jamais se deve aceitar seja o que for de olhos fechados e sem o controle severo da lógica. Sem nada prejudicar sobre os documentos em questão, eles poderiam contar coisas boas ou más, verdadeiras ou falsas; por conseguinte, teríamos que fazer uma escolha judiciosa, para a qual os princípios da doutrina podem fornecer úteis indicações.

No número desses princípios, um há que não importa perder de vista: é o fim providencial da manifestação dos Espíritos. Eles vêm para atestar a sua presença e provar ao homem que nem tudo se acaba com a vida corporal; vêm instruí-lo sobre sua condição futura, exercitá-lo a adquirir o que é útil ao seu futuro e o que pode levar,

isto é, as qualidades morais, e não para lhe dar meios de enriquecer. O cuidado de sua fortuna e a melhoria de seu bem-estar material deve ser ato de sua própria inteligência, de sua atividade, de seu trabalho e de suas pesquisas. Se assim não fora, o preguiçoso e o ignorante poderiam enriquecer-se sem esforço, pois bastaria dirigir-se aos Espíritos para obter uma invenção lucrativa, fazer descobrir tesouros, ganhar na bolsa ou na loteria. Por isso, todas as esperanças de fortuna fundadas sobre o concurso dos Espíritos fracassaram deploravelmente.

É o que nos suscita algumas dúvidas sobre a eficácia do processo para o bicho-da-seda, processo que teria por efeito fazer ganhar milhões, e dar crédito à ideia de que os Espíritos podem dar os meios de enriquecer, ideia que perverteria a essência mesma do Espiritismo. Seria, pois, imprudente criar quimeras a esse respeito, porque poderia aqui se dar como com certas receitas que deviam fazer correr o Pactolo em certas mãos, e que só levou a ridículas mistificações. Contudo, não é uma razão para calar o processo e para desprezá-lo; se o sucesso deve ter um resultado mais importante e mais sério que a fortuna, é possível que semelhante revelação seja permitida. Mas, na dúvida, é bom não embalar esperanças que talvez não se concretizem. Aprovamos, pois, o projeto do Sr. Bonnemère de publicar as receitas que foram dadas ao seu jovem bretão, porque, dentre elas, podem encontrar-se algumas úteis, sobretudo para as doenças.

O cura Gassner

MÉDIUM CURADOR

No jornal *l'Exposition Populaire Illustrée*, número 24, encontramos num artigo intitulado: *Correspondência sobre os taumaturgos*, uma interessante notícia sobre o cura Gassner, quase tão conhecido em seu tempo quanto o príncipe de Hohenlohe, por seu poder curador.

Gassner (Jean-Joseph) nasceu em 20 de agosto de 1727, em Bratz, perto de Bludens (Suábia); fez os primeiros estudos em Innsbruck e

Praga, recebeu as ordens sacerdotais e, em 1758, foi nomeado cura de Kloesterle, na região dos Grisons.

Depois de quinze anos de vida retirada, revelou-se ao mundo como dotado de um poder excepcional, o de curar todas as doenças pela simples aposição das mãos, sem empregar nenhum remédio e sem exigir qualquer retribuição. Os doentes afluíam logo de toda parte, e em tão grande número que, para se pôr mais em condições de os socorrer, Gassner solicitou e obteve permissão para se ausentar do curato, e foi sucessivamente a Wolfegg, a Weingarten, a Ravensperg, a Detland, a Kirchberg, a Morspurg e a Constance. Os infelizes lhe faziam cortejo; o corpo médico levantou-se contra ele. Uns proclamavam curas maravilhosas, outros o contestavam.

O bispo de Constança o constrangeu a um inquérito, feito pelo diretor do seminário. Gassner declarou jamais ter tido o pensamento de fazer milagres e ter-se limitado a aplicar *o poder que a ordenação confere a todos os padres de exorcizar, em nome de Jesus Cristo, os demônios, que são uma das causas mais frequentes de nossas doenças*. Declarou dividir todas as moléstias em doenças naturais ou lesões, em doenças de obsessões e em doenças complicadas de obsessões. Dizia que não tinha poder sobre as primeiras e fracassava nas da terceira categoria, quando a doença natural era superior à doença de obsessão.

O bispo não se convenceu e ordenou a Gassner que voltasse ao seu curato, mas pouco depois o autorizou a continuar seus exorcismos. O cura apressou-se em aproveitar a autorização e surpreendeu os habitantes de Ellwangen, de Sulzbach e de Ratisbona, pela imensa multidão que sua fama atraía da Suíça, da Alemanha e da França. O duque de Wurtemberg declarou-se abertamente seu admirador e protetor; seus sucessos lhe atraíram poderosos adversários. O célebre Haen e o teatino Sterzinger o atacaram com perseverança e paixão; vários bispos prestaram seu apoio ao feroso teatino e proibiram que Gassner exorcizasse em suas dioceses. Enfim, um decreto de Joseph II ordenava a Gassner deixar Ratisbona; mas fortalecido pela proteção do príncipe-bispo dessa cidade, que lhe havia

conferido o título de conselheiro eclesiástico, com a função de capelão da corte, perseverou. Tal resistência prolongou-se até 1777, época na qual Gassner foi nomeado para o curato de Bondorf, para onde se retirou e morreu em 4 de abril de 1779, com 52 anos.

OBSERVAÇÃO – O Espiritismo protesta contra a qualificação de *taumaturgo*, dada aos curadores, por não admitir que algo se faça com exclusão das leis naturais. Os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos espirituais não são mais miraculosos que os fatos materiais, uma vez que o elemento espiritual é uma das forças da Natureza, como o elemento material também o é. Assim, o cura Gassner não fazia mais milagres do que o príncipe de Hohenlohe e o zuavo Jacob, e pode-se ver singulares analogias entre o que se passava então a seu respeito e o que hoje se passa.

Pressentimentos e prognósticos

Tomamos do mesmo artigo do jornal precitado os fatos abaixo, que acompanham a notícia sobre o cura Gassner, porque o Espiritismo pode tirar deles um útil assunto para instrução. O autor do artigo os faz seguir de reflexões dignas de nota, nestes tempos de ceticismo em relação a causas extramateriais.

Gassner tinha desfrutado de grande favor da imperatriz Maria Teresa, que o consultava muitas vezes, dando algum crédito às suas inspirações. Conta-se (vide as *Memórias da Sra. Campan*) que na época em que tinha sido concebida a ideia de unir a filha de Maria Teresa ao neto de Luís XV, a grande imperatriz chamou Gassner e lhe perguntou: “Minha *Antonietta* será feliz?”

Depois de haver refletido longamente, Gassner empalideceu singularmente e persistiu em guardar silêncio.

Questionado de novo pela imperatriz e, então, procurando dar uma expressão geral à ideia com que parecia fortemente ocupado, respondeu: “*Senhora, há cruces para todos os ombros.*”

O casamento ocorreu em 16 de maio de 1770; o delfim e Maria Antonieta receberam a bênção nupcial na capela de Versalhes (Maria Antonieta havia chegado a Compiègne no dia 14).

Às três horas da tarde o céu cobriu-se de nuvens, e uma chuva torrencial inundou Versalhes; violentos trovões ribombaram, e a multidão de curiosos que lotavam o jardim foi obrigada a retirar-se.

A chegada de Maria Antonieta no palácio dos reis da França (Leiamos a *Vida pública e privada de Luís XVI*, pelo Sr. A... e de Salex; Paris, 1814, p. 340), foi assinalada por um desses prognósticos dos quais geralmente só se lembra quem os viu realizar-se com o passar dos tempos.

No momento em que essa princesa, entrando pela primeira vez nos pátios do castelo de Versalhes, pôs os pés no pátio de mármore, um violento trovão sacudiu o castelo: *Presságio de desgraça!* Gritou o marechal de Richelieu.

A noite foi triste na cidade e as iluminações não produziram nenhum efeito.

Acrescentai a isto o terrível acidente ocorrido em 30 de maio na rua Royale, no dia da festa que deu na praça Luís XV a cidade de Paris, pelo casamento do delfim e da delfina. *Anquetil* eleva a trezentos o número de mortos no local, e a 1.200 o dos que sucumbiram nos hospitais ou em domicílio poucos dias depois, ou que ficaram estropiados.

Em 1757 (vide os *Affiches* de Tours, 25º ano, nº 14 – Quinta-feira, 5 de abril de 1792), madame de Pompadour mandou vir à presença de Luís XV um astrólogo que, depois de ter calculado a posição dos astros no momento de seu nascimento, lhe disse: Sire,⁴⁶ vosso reino é célebre por grandes acontecimentos; o que o seguirá sê-lo-á por grandes desastres.

⁴⁶ N.E.: Senhor; majestade.

No dia da morte de Luís XV houve em Versalhes uma horrível tempestade.

Que acúmulo de prognósticos!

Durante oito anos a rainha não concebeu. No dia 19 de dezembro de 1778 nascia uma filha, Maria Teresa Carlota (mais tarde chamada pelo título de seu esposo, senhora delfina, duquesa de Angoulême). Três anos depois, no dia 22 de outubro de 1781 Maria Antonieta deu um herdeiro à coroa. Por essa ocasião a cidade de Paris ofereceu uma festa à rainha, na qual foi exibida a mais suntuosa munificência.

Essa festa se deu no dia *21 de janeiro de 1782*. Onze anos mais tarde a comuna de Paris dava ao povo o *espetáculo da morte do rei*. A rainha estava presa, esperando que se realizasse a visão de Gassner.

Já que tocamos nestas questões delicadas, escutai ainda as revelações da Sra. Campan. — Estava-se em maio de 1789; os dias 4 e 5 tinham impressionado diversamente os espíritos; quatro velas iluminavam o gabinete da rainha, que contava alguns acidentes notáveis ocorridos durante o dia. — “Uma vela apagou-se por si mesma; acendi-a novamente, disse a Sra. Campan; logo a segunda, depois a terceira também se apagaram; então a rainha, apertando-lhe a mão num movimento de pavor, disse: A desgraça pode tornar-me supersticiosa; se esta quarta vela apagar-se como as outras, nada poderá impedir-me de olhar este sinal como um sinistro presságio... A quarta vela apagou-se!”

Poucas noites antes, a rainha tinha tido um sonho *horroroso*, pelo qual ficara profundamente abalada.

Certamente os espíritos fortes riem de todos esses prognósticos, de todas essas profecias, desse dom de visão antecipada. Eles não creem, ou fingem não crer! Mas, por que, então, em todas as épocas, houve personagens de algum valor, de alguma importância

que, *sem um interesse qualquer*, afirmaram fatos deste gênero, que declararam absolutos, positivos?

Citemos alguns exemplos:

Théodore-Agrippa d'Aubigné, avô de madame de Maintenon, relata em suas memórias ter tido a seu serviço, em Poitou, um surdo-mudo de nascença *dotado do dom da adivinhação*. “Um dia, diz ele, tendo as moças da casa lhe perguntado quantos anos ainda viveria o rei (Henrique IV), o tempo e as circunstâncias de sua morte, ele lhes fixou três anos e meio e designou a cidade, a rua e a carruagem, com duas facadas que receberia no coração.”

Algumas palavras ainda sobre este mesmo Henrique IV.

Que juízo podemos fazer sobre os negros pressentimentos, muitíssimos constantes, que esse infeliz príncipe teve de seu cruel destino? — pergunta Sully em suas Memórias, livro XXVII. — São de uma singularidade que tem algo de aterrador. Já me reportei com que repugnância ele tinha permitido que a cerimônia do coroamento da rainha se realizasse antes de sua partida; quanto mais ele via aproximar-se o momento, mais sentia o medo e o horror redobram em seu coração; vinha abri-lo inteiramente a mim, nesse estado de amargura e de acobramento do qual eu o tirava como de uma fraqueza imperdoável. Suas próprias palavras darão uma impressão completamente diversa de quantas eu pudesse dizer: “Ah! meu amigo, dizia-me ele, *como esta sagração me desagrade; não sei o que é, mas o coração me diz que me acontecerá alguma desgraça*.” Sentava-se, dizendo estas palavras, numa cadeira baixa, que eu tinha mandado fazer de propósito para ele e, entregue a todas as negruras de suas ideias, tamborilava no estojo de seus óculos, sonhando profundamente.

Se saía desse devaneio, era para se levantar bruscamente, batendo as mãos nas coxas e para gritar: “Por Deus! morrerei nesta cidade, dela não sairei mais; eles me matarão; vejo bem que põem seu

último recurso na minha morte. Ah! maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!”

“Meu Deus, Sire, disse-lhe um dia, a que ideia vos entregais? Se ela persiste, sou de opinião que suspendais esta sagração, coroamento, viagem e guerra. Quereis? Logo será feito.

— *Sim*, disse-me enfim, depois que lhe sustentei esse discurso duas ou três vezes; *sim, suspendei a sagração, e que eu não ouça mais falar dela; por este meio terei o espírito curado das impressões que alguns avisos aí deixaram. Sairei desta cidade e não temerei mais nada.*

— Por que sinal se reconheceria esse grito secreto e imperioso do coração, se se desconhecera por estes: “*Não vos quero esconder, dizia-me ele ainda, que me disseram que eu deveria ser morto na primeira magnificência que eu fizesse e que morreria numa carruagem, e é o que me deixa tão medroso.*”

— Parece que jamais me havéis dito isto, sire, respondi-lhe eu. Várias vezes me surpreendi, ouvindo-vos gritar numa carruagem, ver-vos tão sensível a um pequeno perigo, depois de vos ter visto tantas vezes intrépido em meio a tiros de canhão e de mosquete e entre lanças e espadas nuas; mas, desde que esta opinião vos perturba a este ponto, em vosso lugar, sire, eu partiria já amanhã; deixaria fazer a sagração sem vós, ou a adiar para outra ocasião, e por muito tempo não voltaria a Paris, nem entraria em nenhuma carruagem. Quereis que eu despache alguém a Notre-Dame e a Saint-Denis, para mandar cessar tudo e despedir os operários?

— *Quero mesmo*, disse-me ainda o príncipe; *mas, que dirá minha mulher? porque ela tem maravilhosamente essa sagração na cabeça.*

— Ela dirá o que quiser, respondi, vendo quanto minha proposta tinha agradado o rei. Mas creio que quando souber da convicção em que estais, de que a sagração poderá causar tanto mal, ela não se obstinará mais.

Não esperei outra ordem senão mandar interromper os preparativos da coroação. Foi com verdadeiro pesar — vejo-me obrigado a dizê-lo — que por mais esforços que fizesse jamais pude convencer a rainha a dar esta satisfação ao seu esposo.

Passo em silêncio as solicitações, as súplicas e as contestações que empreguei durante três dias inteiros para tentar dobrá-la. O príncipe viu-se obrigado a ceder. Mas Henrique não voltou menos fortemente às suas primeiras apreensões, que ordinariamente me expressava por estas palavras, frequentes em sua boca: “*Ah! meu amigo, jamais sairei desta cidade; eles me matarão aqui! Ó maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!*”

Essa sagração foi feita em Saint-Denis, quinta feira, 13 de maio, e a rainha devia, no domingo, 16 do mesmo mês, fazer sua entrada em Paris.

No dia 14 o rei quis visitar Sully, visita que lhe anunciara para a manhã de sábado, 15. Tomou sua carruagem e saiu, modificando várias vezes o seu itinerário em caminho etc.

Péréfixe, seu historiador, faz observar que “o céu e a terra não tinham dado senão muitos prognósticos do que lhe aconteceria”.

O bispo de Rodez põe no número destes prognósticos *um eclipse do Sol, a aparição de um terrível cometa, tremores de terra, monstros nascidos em diversas regiões da França, chuvas de sangue que caíram em alguns lugares, uma grande peste que havia afligido Paris em 1606, aparições de fantasmas e vários outros prodígios.* (Vide: *História de Henrique, o Grande*, por Hardouin de Péréfixe, bispo de Rodez; *Vida do duque d’Epernon, Mercure français, Mathieu, l’Estoile* etc.)

Paremos! Escreveríamos um volume, volumes, tão abundantes são os fatos. Mas será necessário recorrer aos relatos dos outros? Que cada um pergunte a si mesmo; que cada um invoque suas próprias recordações e responda com lealdade e franqueza, e cada um dirá:

Há em mim um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda o meu eu matéria e lhe obedece. — Esse desconhecido, Espírito, alma, que é? como é? por que é? Mistério; série de mistérios; inexplicável mistério. Como tudo na Natureza, no organismo, na vida, a vida e a morte não são dois impenetráveis mistérios? O sono, este ensaio da morte, não é um mistério inexplicável? A assimilação dos alimentos, que se tornam nós: inexplicável, incompreensível mistério! A geração: misteriosa obscuridade! Essa obediência passiva de meus dedos, que traçam estas linhas e obedecem à minha vontade: trevas cuja profundidade só Deus pode sondar e que se iluminam, por si só, com a luz da verdade!

Baixai a cabeça, filhos da ignorância e da dúvida; humilhai esta orgulhosa, que chamais razão; livres-pensadores, sofrei as cadeias que constroem a vossa inteligência; dobrai os joelhos: Só Deus sabe!

Devemos considerar nestes fatos duas coisas bem distintas: os pressentimentos e os fenômenos considerados como prognósticos de acontecimentos futuros.

Não se poderia negar os pressentimentos, dos quais há poucas pessoas que não tenham tido exemplos. É um desses fenômenos cuja explicação a matéria, sozinha, é impotente para dar, porque se a matéria não pensa, também não pode pressentir. É assim que o materialismo a cada instante se choca contra as coisas mais vulgares que o vêm desmentir.

Para ser advertido de maneira oculta daquilo que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios ordinários, é preciso que algo se desprenda de nós, veja e escute o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para referir a sua intuição ao nosso cérebro. Esse algo deve ser inteligente, visto que compreende e, muitas vezes, de um fato atual ele prevê as consequências futuras; é assim que por vezes temos o pressentimento do futuro. Esse algo não é outra coisa senão nós mesmos, nosso ser espiritual, que não

está confinado no corpo, como um pássaro na gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da Terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É principalmente nos momentos em que o corpo repousa, durante o sono, que o Espírito, aproveitando o pequeno descanso que lhe deixa o cuidado de seu invólucro, recobra parcialmente a liberdade e vai haurir no espaço, entre os outros Espíritos, encarnados como ele, ou desencarnados, e naquilo que vê ideias cuja intuição traz ao despertar.

Esta emancipação da alma frequentemente se dá no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, em que a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; ocorre, sobretudo, de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*.

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, há que se colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, quer em vigília, quer durante o sono, pela transmissão de pensamento de alma a alma. É assim que muitas vezes se é advertido de um perigo, solicitado a tomar tal ou qual direção, sem que por isto o Espírito deixe de ter o seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque é sempre senhor de sua vontade.

Os pressentimentos têm, pois, a sua razão de ser e encontram a sua explicação natural na vida espiritual, que não cessamos um instante de viver, porque é a vida normal.

Já não se dá o mesmo com os fenômenos físicos, considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes. Em geral esses fenômenos não têm nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua consequência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou certas nuvens anunciar uma saraiuada, mas a significação desses fenômenos para as

coisas de ordem moral deve ser classificada entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

Essa crença, que absolutamente não repousa sobre nada de racional, faz que, quando chega um acontecimento, a gente se lembre de algum fenômeno que o precedeu, e ao qual o Espírito impressionado o liga, sem se importar com a possibilidade de relações que só existem na imaginação. Não pensam que os mesmos fenômenos se repetem diariamente, sem que daí resulte nada de azarento, e que os mesmos acontecimentos chegam a cada instante sem serem precedidos por nenhum pretenso sinal precursor. Se se tratar de acontecimentos que digam respeito a interesses gerais, narradores crédulos ou, no mais das vezes, *ofciosos*, para lhes exaltar a importância aos olhos da posteridade, amplificam os prognósticos, que se esforçam por tornar mais sinistros e mais terríveis, adicionando-lhes supostas perturbações da Natureza, das quais os tremores de terra e os eclipses são os acessórios obrigatórios, como fez o bispo de Rodez a propósito da morte de Henrique IV. Esses relatos fantásticos, que muitas vezes tinham sua fonte nos interesses dos partidos, foram aceitos sem exame pela credulidade popular que viu, ou à qual queriam fazer ver, milagres nesses estranhos fenômenos.

Quanto aos acontecimentos vulgares, na maioria das vezes o homem é a sua primeira causa. Não querendo confessar suas próprias fraquezas, busca uma desculpa pondo à conta da Natureza as vicissitudes que são quase sempre o resultado de sua imprevidência e de sua imperícia. É em suas paixões, em seus defeitos pessoais que deve buscar os verdadeiros prognósticos de suas misérias, e não na Natureza, que não se desvia da rota que Deus lhe traçou por toda a eternidade.

Explicando por uma lei natural a verdadeira causa dos pressentimentos, o Espiritismo demonstra, por isso mesmo, o que há de absurdo na crença nos prognósticos. Longe de dar crédito à superstição, ele lhe tira seu último refúgio: o sobrenatural.

O zuavo Jacob

(Segundo artigo – Vide o número de outubro)

O Sr. Jacob é um charlatão? Seu desinteresse material é um fato constante e, talvez, um dos que mais têm desorientado a crítica. Como acusar de charlatanismo um homem que nada pede e nada quer, nem mesmo agradecimentos?

Qual seria, pois, o seu móvel? O amor-próprio, dizem. Sendo o desinteresse moral absoluto o sublime da abnegação, seria preciso ter a virtude dos anjos para não experimentar certa satisfação quando se vê a multidão se comprimir em torno de si, enquanto na véspera se era desconhecido. Ora, como o Sr. Jacob não tem a pretensão de ser anjo, supondo, o que ignoramos, que tenha exaltado um pouco a sua importância aos seus próprios olhos, disso não se lhe poderia fazer um grande crime, nem isto destruiria os fatos, se os há. Preferimos crer que os que lhe imputam essa imperfeição estão muito acima das coisas terrenas, para se fazerem, a esse respeito, a mais leve censura.

Mas, em todo o caso, esse pensamento não podia ser senão *consecutivo* e não preconcebido. Se o Sr. Jacob tivesse premeditado o desígnio de se popularizar fazendo-se passar por curador emérito, sem poder provar algo mais que a sua incapacidade, em vez de aplausos só teria recolhido apupos desde o primeiro dia, o que não lhe teria sido muito lisonjeiro. Para se orgulhar de alguma coisa é preciso uma causa preexistente; fazia-se necessário, pois, que ele curasse, antes de se envaidecer.

Acrescentam que ele queria que falassem dele; seja. Se tal fosse o seu objetivo, deve-se convir que, graças à imprensa, ele foi servido na medida do possível. Mas, qual o jornal que poderá dizer que o Sr. Jacob tenha ido mendigar a menor propaganda, o menor artigo, que tenha pago uma única linha? Foi procurar algum jornalista? Não; os jornalistas é que foram a ele e nem sempre puderam vê-lo facilmente. A imprensa falou dele espontaneamente quando viu a multidão,

e a multidão só veio quando houve fatos. Foi fazer a corte a grandes personagens? A estes se mostrou mais acessível, mais solícito, mais previdente? Todos sabem que, a esse respeito, ele levou o rigorismo ao excesso. Todavia, seu amor-próprio teria encontrado mais elementos de satisfação na alta sociedade do que entre obscuros indigentes.

Naturalmente deve-se afastar toda imputação de intriga e de charlatanismo.

Ele cura todas as doenças? Não só não as cura todas, mas, de dois indivíduos, atingidos pelo mesmo mal, muitas vezes cura um e nada faz pelo outro. Nunca sabe de antemão se curará um doente, por isso nunca promete nada. Ora, sabe-se que os charlatães não são avarentos em promessas. A cura se deve a afinidades fluídicas, que se manifestam instantaneamente, como um choque elétrico, e que não podem ser prejudgadas.

É dotado de um poder sobrenatural? Voltamos ao tempo dos milagres? Perguntau a ele mesmo e ele vos responderá que em suas curas nada há de sobrenatural, nem de miraculoso; que é dotado de um poder fluídico independente de sua vontade, que se manifesta com maior ou menor energia, conforme as circunstâncias e o meio onde se encontra; que o fluido que emite cura certas doenças em certas pessoas, sem que ele saiba por que, nem como.

Quanto aos que pretendem que essa faculdade é um presente do diabo, pode-se responder que, uma vez que só se exerce para o bem, o diabo tem bons momentos, dos quais é bom aproveitar. Também se lhes pode perguntar que diferença existe entre as curas do príncipe de Hohenlohe e as do zuavo Jacob, para que umas sejam reputadas santas e miraculosas e as outras diabólicas? Passemos sobre esta questão, que em nossa época não pode ser levada a sério.

A questão do charlatanismo prejudgava todas as outras, razão por que nela insistimos. Uma vez afastada, vejamos que conclusões podem ser tiradas da observação.

O Sr. Jacob cura instantaneamente doenças consideradas incuráveis: eis um fato positivo. A questão do número de doentes curados aqui é secundária; houvesse apenas um caso em cem e o fato não subsistiria menos. Ora, esse fato tem uma causa.

A faculdade curadora levada a esse grau de força, achando-se num soldado que, por mais honesto que seja, não tem o caráter, nem os hábitos, nem a linguagem, nem a atitude dos santos; exercida fora de toda forma ou aparato místico, nas mais vulgares e nas mais prosaicas condições; aliás, achando-se em diferentes graus numa porção de outras pessoas, em heréticos como os muçulmanos, os hindus, os budistas etc., exclui a ideia de milagres no sentido litúrgico da palavra. É, pois, uma faculdade inerente ao indivíduo; e, desde que não é um fato isolado, é que depende de uma lei, como todo efeito natural.

A cura é obtida sem o emprego de nenhum medicamento; portanto é devida a uma influência oculta. E desde que se trata de um resultado efetivo, material e que o nada não pode produzir coisa alguma, é preciso que essa influência seja algo de material. Então só pode ser um fluido material, conquanto impalpável e invisível. Como o Sr. Jacob nem toca no doente, nem lhe aplica nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade. Ora, não sendo a vontade um atributo da matéria, só pode emanar do Espírito; é, pois, o fluido que age sob o impulso do Espírito. Sendo a maioria das doenças curadas por esse meio aquelas contra as quais a Ciência é impotente, há, então, agentes curativos mais poderosos que os da medicina ordinária. Esses fenômenos são, por conseguinte, a revelação de leis desconhecidas pela Ciência. Em presença de fatos patentes, é mais prudente duvidar do que negar. Tais são as conclusões a que forçosamente chegará todo observador imparcial.

Qual a natureza desse fluido? É eletricidade ou magnetismo? Provavelmente tem um e outro e talvez algo mais; em todo o caso, é uma modificação deles, já que seus efeitos são diferentes. A ação magnética é evidente, embora mais poderosa que a do magnetismo ordinário, de que esses fatos são a confirmação e, ao mesmo tempo, a prova de que não disse a última palavra.

Não entra nos propósitos deste artigo explicar o modo de ação desse agente curativo, já descrito na teoria da mediunidade curadora. Basta ter demonstrado que o exame dos fatos leva a reconhecer a existência de um princípio novo, e que esse princípio, por mais estranho que sejam os seus efeitos, não sai do domínio das leis naturais.

Nos fatos concernentes ao Sr. Jacob, a bem dizer o Espiritismo não foi mencionado, ao passo que toda a atenção concentrou-se no magnetismo. Isto tinha sua razão de ser e sua utilidade. Embora o concurso dos Espíritos desencarnados seja um fato constatado nesses tipos de fenômenos, aqui a sua ação não é evidente, razão por que dela fazemos abstração. Pouco importa que os fatos sejam explicados com ou sem a intervenção de Espíritos estranhos; o magnetismo e o Espiritismo se dão as mãos; são duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência, que se completam e se explicam um pelo outro. Dar crédito ao magnetismo é abrir caminho ao Espiritismo, e reciprocamente.

A crítica não poupou o Sr. Jacob. Como de hábito, e em falta de boas razões, ela lhe prodigalizou chacotas e injúrias grosseiras, com o que ele não se inquietou absolutamente. Desprezou umas e outras, e as pessoas sensatas ficaram gratas por sua moderação.

Alguns chegaram a solicitar o seu encarceramento como impostor abusando da credulidade pública; mas um impostor é quem promete e não cumpre. Ora, como o Sr. Jacob nunca prometeu coisa alguma, ninguém pode queixar-se de ter sido enganado. Que lhe podiam censurar? Onde a contravenção legal? Não exercia a Medicina, nem mesmo ostensivamente o magnetismo. Qual a lei que proíbe curar as pessoas olhando-as?

Denunciaram-no, porque a multidão de doentes que a ele acorria perturbava a circulação. Mas foi ele quem chamou a multidão? Convocou-a por anúncios? Qual o médico que protestaria se tivesse multidão semelhante à sua porta? E se um deles tivesse essa boa sorte, mesmo à custa de anúncios caros, que diria se quisessem inquietá-lo

pelo fato? Disseram que se mil e quinhentas pessoas por dia, durante um mês, totalizando 45 mil doentes, tivessem sido curadas, não deveria mais haver coxos nem estropiados nas ruas de Paris. Seria supérfluo refutar esta singela objeção; apenas diremos que quanto mais cresce o número de doentes, curados ou não, que se acotovelam na rua do Roquette, mais se prova quão grande é o número daqueles que a Medicina não pode curar, pois é evidente que se esses doentes tivessem sido curados pelos médicos, não teriam vindo ao Sr. Jacob.

Como, a despeito das denegações, havia fatos patentes de curas extraordinárias, quiseram explicá-las dizendo que o Sr. Jacob agia, pela própria aspereza de suas palavras, sobre a imaginação dos doentes. Seja. Mas, então, se reconheceis à influência da imaginação um tal poder sobre as paralisias, as epilepsias, os membros anquilosados, por que não empregais esse meio, em vez de deixar que os inditosos enfermos sofram tanto, ou lhes dar drogas que sabeis inúteis?

Disseram que o Sr. Jacob não tinha o poder que se atribuía, e a prova é que se recusou a ir curar num hospital, sob as vistas de pessoas competentes para apreciar a realidade das curas.

Duas razões devem ter motivado a recusa. Primeiro não se podia ocultar que a oferta que lhe faziam não era ditada pela simpatia, mas um desafio que lhe propunham. Se, numa sala de trinta doentes, ele só tivesse levantado ou aliviado três ou quatro, não teriam deixado de dizer que isto nada provava e que havia fracassado.

Em segundo lugar, é preciso levar em conta circunstâncias que podem favorecer ou paralisar sua ação fluídica. Quando está rodeado de doentes que lhe vêm voluntariamente, a confiança que trazem os predispõe. Não admitindo nenhum estranho atraído pela curiosidade, ele se acha num meio simpático, que também o predispõe; é dono de si; seu Espírito se concentra livremente e sua ação tem toda a sua força. Numa sala de hospital, desconhecido dos doentes habituados aos cuidados de seus médicos, cuja fé em outra coisa que não fosse a sua medicação seria suspeita, sob os olhos

inquisidores e zombeteiros de criaturas prevenidas, interessadas em denegri-lo; que, em vez de o secundar pelo concurso de injeções benfazejas, temessem mais do que desejariam vê-lo triunfar — o sucesso de um zuavo ignorante seria um desmentido dado ao seu saber — é evidente que, sob o império dessas impressões e desses eflúvios antipáticos, sua faculdade se acharia neutralizada. O erro desses senhores, nisto como quando se tratou do sonambulismo, sempre foi acreditar que esses tipos de fenômenos seriam manobrados à vontade, como uma pilha elétrica.

As curas desse gênero são espontâneas, imprevisas e não podem ser premeditadas nem constituírem objeto de concurso. Acrescentemos a isto que o poder curador não é permanente; aquele que hoje o possui, pode vê-lo cessar no momento em que menos espera. Essas intermitências provam que depende de uma causa independente da vontade do curador e frustram os cálculos do charlatanismo.

NOTA — O Sr. Jacob ainda não retomou o curso de suas curas. Ignoramos o motivo e parece que não há nada fixado quanto à época em que recomeçará, se é que isto vai acontecer. Esperando, informam-nos que a mediunidade curadora se propaga em diferentes localidades, com aptidões diversas.

Notas bibliográficas

*LA RAISON DU SPIRITISME*⁴⁷ POR MICHEL BONNAMY

(Juiz de instrução; membro dos congressos científicos de França;
antigo membro do Conselho Geral de Tarn-et-Garonne)

Quando apareceu o romance *Mirette*, os Espíritos disseram estas palavras notáveis na Sociedade de Paris:

⁴⁷ Nota de Allan Kardec: Um volume in-12. Preço: 3 francos; pelos correios: 3 fr. 35 c. Librairie Internationale, 15, boulevard Montmartre, Paris.

“O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas ainda é o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para mostrá-la, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e feito desabrochar. O ano de 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mirette* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero e mais sérias ainda, no sentido de que o romance tornar-se-á filosofia e a filosofia se fará história.” (*Revista* de fevereiro de 1867).

Anteriormente eles já haviam dito que se preparavam diversas obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, nas quais o nome da doutrina não seria timidamente dissimulado, mas confessado e proclamado em voz alta por homens cujo nome e posição social dariam peso à sua opinião; e acrescentaram que o primeiro apareceria provavelmente pelo fim do presente ano.

A obra que anunciamos realiza completamente esta previsão. É a primeira publicação deste gênero na qual a questão é encarada em todas as suas partes e em toda a sua grandeza. Pode-se, pois, dizer que inaugura uma das fases da existência do Espiritismo. O que a caracteriza é que não é uma adesão banal aos princípios da doutrina, uma simples profissão de fé, mas uma demonstração rigorosa, onde os próprios adeptos encontrarão novas ideias. Lendo esta argumentação cerrada, levada, a bem dizer, até a minúcia, e por um encadeamento lógico das ideias, perguntar-se-á, sem dúvida, por que singular extensão do vocábulo se poderia aplicar ao autor o epíteto de *louco*. Se é um louco que assim discute, poder-se-á dizer que às vezes os loucos tapam a boca de gente que se diz sensata. É uma defesa exemplar, onde se reconhece o advogado que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites; mas aí se reconhece, também, aquele que estudou a causa seriamente e a perscrutou nos seus mais minuciosos detalhes. O autor não se limita a emitir a sua opinião: ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa. É por isso que, com toda justiça, intitulou seu livro de *La Raison du spiritisme*.

Publicando esta obra, sem cobrir a sua personalidade com o menor véu, o autor prova que tem a verdadeira coragem de sua opinião, e o exemplo que dá é um título ao reconhecimento de todos os espíritas. O ponto de vista em que se colocou é principalmente o das consequências filosóficas, morais e religiosas, as que constituem o objetivo essencial do Espiritismo e dele faz uma obra humanitária.

Aliás, eis como ele se expressa no *Prefácio*.

Está nas vicissitudes das coisas humanas, ou, melhor dizendo, parece fatalmente reservado a toda ideia nova ser mal acolhida ao seu aparecimento. Como, as mais das vezes, tem por missão derrubar ideias que a precederam, encontra resistência muito grande da parte do entendimento humano.

O homem que viveu com preconceitos não acolhe senão com desconfiança a recém-chegada, que tende a modificar, a destruir mesmo combinações e ideias fixas em seu espírito, a forçá-lo, numa palavra, a meter mãos à obra, para correr atrás da verdade. Aliás, sente-se humilhado em seu orgulho, por ter vivido no erro.

A repulsa que inspira a ideia nova é muito mais acentuada ainda quando traz consigo obrigações, deveres; quando impõe uma linha de conduta mais severa.

Ela encontra enfim ataques sistemáticos, ardentes, obstinados, quando ameaça posições conquistadas, e sobretudo quando se defronta com o fanatismo ou com opiniões profundamente arraigadas na tradição dos séculos.

As doutrinas novas, pois, sempre têm numerosos detratores; muitas vezes elas têm mesmo que sofrer perseguição, o que levou Fontenelle a dizer: “Que se tivesse todas as verdades na mão, teria o cuidado de não abri-la.”

Tais eram o desfavor e os perigos que esperavam o Espiritismo quando do seu aparecimento no mundo das ideias. Os insultos, a zombaria, a calúnia não lhe foram poupados; e, talvez, também venha o dia da perseguição. Os adeptos do Espiritismo foram tratados de iluminados, alucinados, patetas e loucos, e a essa enxurrada de epítetos que, todavia, pareciam contradizer-se e excluir-se, acrescentaram os de impostores, charlatães e, finalmente, de partidários de Satã.

A qualificação de louco é a que parece mais especialmente reservada a todo promotor ou propagador de ideias novas. É assim que trataram de louco o primeiro que se atreveu a dizer que a Terra girava em torno do Sol.

Também era louco o célebre navegador que descobriu um novo mundo. Ainda era louco, para o areópago da Ciência, o que descobriu a força do vapor. E a douta assembleia acolheu, com sorriso desdenhoso, a sábia dissertação de Franklin sobre as propriedades da eletricidade e a teoria do para-raios.

Ele também, o divino regenerador da Humanidade, o reformador autorizado da Lei de Moisés, não foi tratado de louco? Não expiou por um suplício ignominioso a propagação dos benefícios da moral divina na Terra?

Galileu não expiou como herético, num sequestro cruel e em amargas perseguições morais, a glória de ter sido o primeiro a ter a iniciativa do sistema planetário cujas leis Newton devia promulgar?

João Batista, o precursor do Cristo, também tinha sido sacrificado à vingança dos culpados, cujos crimes condenara.

Os apóstolos, depositários dos ensinamentos do Divino Messias, tiveram que selar com sangue a santidade de sua missão. E a religião reformada por sua vez não foi perseguida e, após os massacres de São Bartolomeu, não teve que sofrer as dragonadas?

Enfim, remontando até o ostracismo inspirado por outras paixões, vemos Aristides exilado e Sócrates condenado a beber cicuta.

Sem dúvida, graças aos costumes suaves que caracterizam nosso século, sob o império de nossas instituições e das luzes que põem um freio à intolerância fanática, as fogueiras não mais se erguerão para purificar com suas chamas as doutrinas espíritas, cuja paternidade pretendem fazer remontar a Satã. Mas elas também devem esperar um levante dos mais hostis e ataque de ardentes adversários.

Entretanto, este estado militante não poderia debilitar a coragem dos que estão animados por uma convicção profunda, dos que têm a certeza de ter nas mãos uma dessas verdades fecundas, que constituem, em seus desdobramentos, um grande benefício para a Humanidade.

Mas, seja como for o antagonismo das ideias ou das doutrinas que o Espiritismo suscitar; sejam quais forem os perigos que deva abrir sob os passos dos adeptos, o espírita não poderia deixar esta luz sob o alqueire e se recusar a lhe dar todo o brilho que ela comporta, o apoio de suas convicções e o testemunho sincero de sua consciência.

O Espiritismo, revelando ao homem a economia de sua organização, iniciando-o no conhecimento de seus destinos, abre um campo imenso às suas meditações. Assim o filósofo espírita, chamado a levar suas investigações a esses novos e esplêndidos horizontes só tem por limites o infinito. Assiste, de certo modo, ao conselho supremo do Criador. Mas o entusiasmo é o escolho que deve evitar, sobretudo quando lança suas vistas sobre o homem, tornado tão grande e que, no entanto, por orgulho se faz tão pequeno. Não é senão quando esclarecido pelas luzes de uma prudente razão, e tomando por guia a fria e severa lógica, que deve dirigir suas peregrinações no domínio da ciência divina, cujo véu foi erguido pelos Espíritos.

Este livro é o resultado de nossos próprios estudos e de nossas meditações sobre este assunto que, desde o começo, nos pareceu

de importância capital e ter consequências da mais alta gravidade. Reconhecemos que essas ideias têm raízes profundas e nelas entrevimos a aurora de uma nova era para a sociedade. A rapidez com que se propagam é um indício de sua próxima admissão no número das crenças aceitas. Em razão mesmo de sua importância, não nos contentamos com afirmações e argumentos da doutrina; não só nos asseguramos da realidade dos fatos, mas perscrutamos com minuciosa atenção os princípios deles decorrentes; buscamos a sua razão com fria imparcialidade, sem negligenciar o estudo não menos consciencioso das objeções que opõem os antagonistas; como um juiz que escuta as duas partes contrárias, pesamos maduramente os prós e os contras. Só depois de haver adquirido a convicção de que as alegações contrárias nada destroem; que a doutrina repousa sobre bases sérias, numa lógica rigorosa, e não em devaneios quiméricos; que contém o gérmen de uma renovação salutar do estado social, minado secretamente pela incredulidade; que é, enfim, uma poderosa barreira contra a invasão do materialismo e da desmoralização, é que julgamos dever dar nossa apreciação pessoal, e as deduções que tiramos de um estudo atento.

Assim, tendo encontrado uma razão de ser nos princípios desta nova ciência, que tem lugar reservado entre os conhecimentos humanos, intitulamos nosso livro *La Raison du spiritisme*. Este título é justificado pelo ponto de vista sob o qual encaramos o assunto, e os que nos lerem reconhecerão sem dificuldade que este trabalho não é produto de um entusiasmo leviano, mas de um exame maduramente e friamente reflexivo.

Estamos convictos de que, quem quer que, sem partido preconcebido de oposição sistemática, fizer, como nós fizemos, um estudo consciencioso da Doutrina Espírita, a considerará como uma das coisas que interessam no mais alto grau o futuro da Humanidade.

Dando a nossa adesão a esta doutrina, usamos do direito de liberdade de consciência, que a ninguém pode ser contestado, seja qual

for a sua crença. Com mais forte razão esta liberdade deve ser respeitada, quando tem por objetivo princípios da mais alta moralidade, que conduzem os homens à prática dos ensinamentos do Cristo e, por isso mesmo, são a salvaguarda da ordem social.

O escritor que consagra sua pena em fixar no espírito a impressão que tais ensinamentos deixaram no santuário de sua consciência, deve guardar-se bem de confundir as elucubrações brotadas no seu horizonte terrestre com os raios luminosos partidos do céu. Se restam pontos obscuros ou ocultos às suas explicações, pontos que ainda não lhe é dado conhecer, é que, aos olhos da sabedoria divina, ficam reservados para um grau superior na escala ascendente de sua depuração progressiva e de sua perfectibilidade.

Todavia, apressemo-nos em dizê-lo, todo homem convicto e consciencioso, consagrando suas meditações à difusão de uma verdade fecunda para a felicidade da Humanidade, mergulha sua pena na atmosfera celeste, onde nosso globo está imerso, e recebe incontestavelmente a centelha da inspiração.

A indicação do título dos capítulos dará a conhecer o quadro abarcado pelo autor.

1. Definição do Espiritismo. – 2. Princípio do bem e do mal. – 3. União da alma com o corpo. – 4. Reencarnação. – 5. Frenologia. – 6. Pecado original. – 7. O inferno. – 8. Missão do Cristo. – 9. O purgatório. – 10. O céu. – 11. Pluralidade dos globos habitados. – 12. – A caridade. – 13. – Deveres do homem. – 14. Perispírito. – 15. Necessidade da revelação. – 16. Oportunidade da revelação. – 17. Os anjos e os demônios. – 18. Os tempos preditos. – 19. A prece. – 20. A fé. – 21. Resposta aos insultadores. – 22. Resposta aos incrédulos, ateus ou materialistas. – 23. Apelo ao clero.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita reproduzir tantas passagens quanto desejaríamos. Limitar-nos-emos a algumas citações.

Cap. III, p. 41:

A utilidade recíproca e indispensável da alma e do corpo para sua cooperação respectiva constitui, pois, a razão de ser de sua união. Ela constitui, a mais, para o Espírito, as condições militantes na via do progresso, onde está chamado a conquistar sua personalidade intelectual e moral.

Como esses dois princípios realizam normalmente, no homem, o fim de sua destinação? Quando o Espírito é fiel às suas aspirações divinas, restringe os instintos animais e sensuais do corpo e os reduz à sua ação providencial na obra do Criador; desenvolve-se, cresce. É a perfeição mesma da obra que se realiza. Chega à felicidade, cujo último termo é inerente ao grau supremo da perfectibilidade.

Se, ao contrário, abdicando da soberania que é chamado a exercer no corpo, cede ao arrastamento dos sentidos, e se aceita suas condições de prazeres terrestres como *único objetivo de suas aspirações*, falseia a razão de ser de sua existência e, longe de realizar os seus destinos, fica estacionário; ligado a esta vida terrestre que, entretanto, não deveria ter sido para ele senão uma condição acessória, pois não poderia ser o seu fim, o Espírito, de chefe que era, torna-se subordinado; como insensato, aceita a felicidade terrena que os sentidos lhe fazem experimentar e que lhe propõem satisfazer, assim abafando nele a intuição da felicidade verdadeira que lhe está reservada. Eis a sua primeira punição.

No capítulo XII, do inferno, p. 99, encontramos esta notável apreciação da morte e dos flagelos destruidores:

Seria enumerando os flagelos que espalham sobre a Terra o terror e o pânico, o sofrimento e a morte, que acreditariam poder dar a prova das manifestações da cólera divina?

Sabei, pois, temerários *evocadores* das vinganças celestes, que os cataclismos que assinalais, longe de ter o caráter exclusivo de um

castigo infligido à Humanidade, são, ao contrário, um ato da Misericórdia Divina, que fecha a *esta* o abismo onde a precipitavam suas desordens, e lhe abre as vias do progresso, que a levarão ao caminho que deve seguir para assegurar a sua regeneração.

Que são esses cataclismos, senão uma nova fase na existência do homem, uma era feliz, marcando para os povos e a Humanidade inteira o ponto providencial de seu adiantamento?

Sabei, pois, que a morte não é um mal. Farol da existência do Espírito, ela é sempre, quando vem de Deus, o sinal de sua misericórdia e de sua assistência benfazeja. A morte é apenas o fim do corpo, o termo de uma encarnação e, nas mãos de Deus, é o aniquilamento de um meio corruptor e vicioso, a interrupção de uma corrente funesta, à qual, num momento solene, a Providência arranca o homem e os povos.

A morte não é senão uma interrupção na prova terrestre. Longe de prejudicar o homem, ou antes, o Espírito, ela o chama a se recolher no Mundo Invisível, seja para reconhecer suas faltas e as lamentar, seja para se esclarecer e se preparar, por firmes e salutares resoluções, para retomar a prova da vida terrestre.

A morte só gela o homem de pavor porque, muito identificado com a Terra, não tem fé em seu augusto destino, do qual este globo não passa de dolorosa oficina, na qual se deve realizar a sua depuração.

Cessai, pois, de crer que a morte seja um instrumento de cólera e de vingança nas mãos de Deus; sabei, ao contrário, que ela é ao mesmo tempo a expressão de sua misericórdia e de sua justiça, seja detendo o mau na vida da iniquidade, seja abreviando o tempo de provas ou de exílio do justo sobre a Terra.

E vós, ministros do Cristo, que do alto do púlpito da verdade proclamais a cólera e a vingança de Deus, e pareceis, por vossas eloquentes descrições da fantástica fornalha, atizar as chamas inextinguíveis

para devorar o infeliz pecador; vós que, de vossos lábios tão autorizados, deixais cair esta aterradora epígrafe: “Jamais! — Sempre!” então esqueceste as instruções de vosso divino Mestre?

Ainda citaremos as seguintes passagens, extraídas do capítulo sobre o pecado original.

Em vez de criar a alma perfeita, quis Deus que não fosse senão por longos e constantes esforços que ela chegaria a se desprender deste estado de inferioridade nativa e gravitar para seus augustos destinos.

Para chegar a esses fins, deve ela, pois, romper os laços que a prendem à matéria, resistir ao arrastamento dos sentidos, com a alternativa de sua supremacia sobre o corpo, ou da obsessão exercida sobre ela pelos instintos animais.

São destes laços terrestres que lhe importa libertar-se e que nela constituem as condições mesmas de sua inferioridade; eles não são outros senão o suposto pecado original, o alvéolo que cobre a sua essência divina. O pecado original constitui, assim, o ascendente primitivo que os instintos animais devem ter exercido, inicialmente, sobre as aspirações da alma. Tal é o estado do homem que o *Gênesis* quis representar sob a figura simples da árvore da ciência do bem e do mal. A intervenção da serpente tentadora não é outra coisa senão os desejos da carne e a solitação dos sentidos; o Cristianismo consagrou esta alegoria como um fato real, ligando-se à existência do primeiro homem; e é sobre este fato que fundou o dogma da redenção.

Colocado deste ponto de vista, é preciso reconhecê-lo, o pecado original deve ter sido, com efeito, e realmente foi, o de toda a posteridade do primeiro homem, e assim o será durante uma longa sucessão de séculos, até a libertação completa do Espírito das opressões da matéria, libertação que, sem dúvida, tende a se realizar, mas que ainda não se fez em nossos dias.

Numa palavra, o pecado original constitui as condições da natureza humana trazendo os primeiros elementos de sua existência, com todos os vícios que ela gerou.

O pecado original é o egoísmo, é o orgulho que presidem a todos os atos da vida do homem;

É o demônio da inveja e do ciúme que roem o seu coração;

É a ambição que perturba seu sono;

É a cupidez, que não pode saciar a avidez do lucro;

É o amor e a sede de ouro, este elemento indispensável para dar satisfação a todas as exigências do luxo, do conforto e do bem-estar, que persegue o século com tanto ardor.

Eis o pecado original proclamado pelo *Gênesis*, e que o homem sempre ocultou em si; ele só será apagado no dia em que, compenetrado de seus altos destinos, o homem abandonar, conforme a lição do bom La Fontaine, a sombra pela presa; o dia em que renunciar à miragem da felicidade terrena, para voltar todas as suas aspirações para a felicidade real, que lhe está reservada.

Que o homem aprenda, pois, a se tornar digno de seu título de chefe entre todos os seres criados, e da essência etérea emanada do próprio seio de seu Criador e de que está repleto. Que seja forte para lutar contra as tendências de seu envoltório terrestre, cujos instintos são estranhos às suas aspirações divinas e não poderiam constituir sua personalidade espiritual; que seu objetivo único seja sempre gravitar para a perfeição de seu último fim, e o pecado original não existirá mais para ele.

O Sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores, que puderam apreciar a firmeza, a independência de seu caráter e a elevação de seus sentimentos, pela notável carta que publicamos na

Revista de março de 1866, no artigo intitulado: *O Espiritismo e a Magistratura*. Ele vem hoje, por um trabalho de alto alcance, em prestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, na sua consciência, considera como a da Humanidade.

Entre os adeptos já numerosos que o Espiritismo conta na magistratura, o Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne, e o Sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve-sur-Lot, são os primeiros que abertamente arvoraram a bandeira. E o fizeram, não no dia seguinte à vitória, mas no momento da luta, quando a doutrina é alvo dos ataques de seus adversários, e quando seus aderentes ainda estão sob o golpe da perseguição. Os espíritas atuais e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão. Quando uma doutrina recebe os sufrágios de homens tão justamente considerados, é a melhor resposta às diatribes de que ela possa ser objeto.

A obra do Sr. Bonnamy marcará nos anais do Espiritismo, não só como a primeira em data no seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica. O autor aí examina a doutrina em si mesma, discute os seus princípios, dos quais tira a quintessência, fazendo abstração completa de todo personalismo, o que exclui qualquer pensamento corporativista.

No prelo

Para aparecer em dezembro

A GÊNESE, OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES, SEGUNDO O ESPIRITISMO

Por Allan Kardec

1 vol. in-12, de 500 páginas

Aviso

RESPOSTA AO SR. S. B., DE MARSELHA

Não são levadas em consideração as cartas que não estejam ostensivamente assinadas, ou que não tragam endereço certo, quando o nome é desconhecido. São refugadas.

Esta resposta se dirige igualmente a uma série de cartas que trazem o carimbo de estrada de Besançon e vindas quotidianamente, durante certo tempo. Se este aviso chegar ao seu autor, ele será informado que, pelo motivo acima, e dada a sua extensão, elas nem mesmo foram lidas, à medida que chegavam; a pessoa encarregada da correspondência as pôs de lado, como todas as que são cercadas de mistério e que, por esta razão, não se consideram como suficientemente sérias para ocupar o tempo, com prejuízo dos trabalhos de importância real, por si sós já bastantes.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

DEZEMBRO DE 1867

Nº 12

O homem à frente da História^{48,49}

ANCIANIDADE DA RAÇA HUMANA

Na história da Terra, a Humanidade talvez não passe de um sonho; e quando o nosso velho mundo adormecer nos gelos de seu inverno, a passagem de nossas sombras sobre sua face talvez nele não tenha deixado qualquer lembrança. A Terra possui uma história própria, incomparavelmente mais rica e mais complexa que a do homem. Muito tempo antes do aparecimento de nossa raça, durante séculos e séculos, ela foi seguidamente ocupada por habitantes diversos, por seres primordiais, que estenderam sua dominação sucessiva à sua superfície, e desapareceram com as modificações elementares da física do globo.

⁴⁸ Nota de Allan Kardec: Este artigo é tirado dos artigos científicos que o Sr. Flammarion publicou no jornal *Le Siècle*. Julgamos por bem reproduzi-lo, primeiro porque sabemos do interesse dos nossos leitores pelos escritos desse jovem sábio, e, além disso, porque, do ponto de vista da Ciência, ele toca em alguns pontos fundamentais da Doutrina exposta em nossa obra sobre a gênese.

⁴⁹ Ver Nota explicativa, p. 515.

Num destes últimos períodos, na época terciária,⁵⁰ à qual podemos fixar sem medo uma data de várias centenas de milhares de anos, antes de nós, o sítio onde hoje Paris ostenta os seus esplendores era um Mediterrâneo, um golfo do oceano universal, acima do qual apenas se elevaram na França o terreno cretáceo de Troie, Rouen, Tours; o terreno jurássico de Chaumont, Bourges, Niort; o terreno triássico dos Vosges, e o terreno primitivo dos Alpes, do Auvergne e das costas da Bretanha. Mais tarde a configuração mudou. Na época em que ainda viviam o mamute, o urso das cavernas e o rinoceronte de narinas separadas, podia-se ir por terra de Paris a Londres; e talvez esse trajeto fosse efetuado por nossos antepassados daquele tempo, porque havia homens aqui, antes da formação da França geográfica.

Sua vida diferia tanto da nossa quanto a dos selvagens de que nos ocupávamos recentemente. Uns tinham construído suas aldeias sobre palafitas, no meio dos grandes lagos; essas cidades lacustres, comparáveis às dos castores, foram descobertas em 1853, quando, em consequência de uma longa estiagem, os lagos da Suíça baixaram, pondo a descoberto palafitas, utensílios de pedra, de chifre, de ouro e de argila, vestígios inequívocos da antiga habitação do homem; e essas cidades aquáticas não eram uma exceção: só na Suíça foram encontradas mais de duzentas. Conta Heródoto que os Pæoniens habitavam cidades semelhantes sobre o lago Prasias. Cada cidadão que tomava mulher era obrigado a mandar três pedras da floresta vizinha e as fixar no lago. Como o número das mulheres não era limitado, o piso da cidade cresceu depressa. As cabanas estavam em comunicação com a água por um alçapão, e as crianças eram amarradas pelo pé a uma corda, por medo de acidente. Homens, cavalo, gado, viviam juntos, alimentando-se de peixe. Hipócrates relata os mesmos costumes dos habitantes de Phase. Em 1826, Dumont d'Urville descobriu cidades lacustres análogas nas costas da Nova Guiné.

⁵⁰ N.E.: Período Terciário: diz-se de ou sistema ou período cenozoico, compreendendo as séries e épocas paleocena, eocena, oligocena, miocena e pliocena. Ver *A gênese*, cap. VII – *Esboço geológico da Terra*. Tradução Evandro Noleto Bezerra.

Outros habitavam as cavernas, as grutas naturais ou construam um refúgio grosseiro contra os animais ferozes. Hoje se encontram seus ossos misturados aos da hiena, do urso das cavernas, do rinoceronte tiorino. Um cavouqueiro, em 1852, querendo saber a profundidade de um buraco pelo qual os coelhos se esquivavam dos caçadores, em Aurignac (Haute-Garonne), retirou dessa abertura ossos de grande dimensão. Atacando então o flanco do montículo, na esperança de ali encontrar um tesouro, logo se achou em frente de um verdadeiro ossuário. O rumor público, apoderando-se do fato, pôs em circulação relatos de moedeiros falsos, de assassinatos etc. O prefeito julgou por bem mandar reunir todas as ossadas para levá-las ao cemitério; e quando, em 1860, o Sr. Lartet quis examinar esses velhos restos, o coveiro nem mais se lembrava do lugar da sepultura. Não obstante, com o auxílio de raros vestígios que cercavam a caverna, traços de um fogo, ossos quebrados para extrair a medula, pode-se assegurar que as três espécies acima referidas viveram nesse ponto da França ao mesmo tempo que o homem. O cão já era companheiro do homem, e sem dúvida foi a sua primeira conquista.

O alimento desses homens primitivos já era muito variado. Pretende um professor que a proporção entre carnívoros e frugívoros era de doze para vinte. Acha o Sr. Florens que eles se nutriam exclusivamente de frutos. Mas a verdade é que, desde o começo, o homem foi onívoro. Os *kjokken moddings* da Dinamarca nos conservam restos de *cozinha antediluviana*, provando este fato até a evidência. Já almoçavam ostras e peixes, conheciam o ganso, o cisne, o pato; apreciavam o galo silvestre, o cervo, o cabrito-montês, a rena, que caçavam, dos quais foram encontrados restos trespassados por flechas de pedra. O bisão ou boi primitivo já lhe dava leite; o lobo, a raposa, o cão e o gato lhes serviam de prato principal. As landes, a cevada, a aveia, as ervilhas, as lentilhas lhes davam o pão e os legumes; o trigo só veio mais tarde. As avelãs, as bolotas, as maçãs, as peras, os morangos e as framboesas rematavam essas iguarias dos antigos dinamarqueses. Os suíços da Idade da Pedra se apoderaram da carne do bisão, do alce e do touro selvagem, tinham domesticado a cabra e a ovelha. A lebre e o coelho eram desdenhados por alguma razão

supersticiosa; mas, em compensação, o cavalo já havia tomado lugar em suas refeições. Todas essas carnes eram comidas cruas e fumegantes na origem e, observação curiosa, os antigos dinamarqueses não se serviam, como nós, dos dentes incisivos para cortar, mas segurar, reter e mastigar o alimento, de sorte que esses dentes não eram cortantes, como os nossos, mas achatados, como nossos molares e as duas arcadas dentárias pousavam uma sobre a outra, em vez de se encaixarem.

Nem todos os selvagens primitivos eram nus. Os primeiros habitantes das latitudes boreais, da Dinamarca, da Gália e da Helvécia, tiveram que se garantir contra o frio com agasalhos de peles. Mais tarde pensaram nos ornamentos. O coquetismo, o amor aos enfeites não datam de hoje, senhoras: testemunham esses colares formados com dentes de cão, de raposa e de lobo, atravessados por um furo de suspensão. Mais tarde os grampos para cabelo, os braceletes, os pegadores de bronze se multiplicaram ao infinito, e é surpreendente a variedade e até o bom gosto dos objetos que serviam à toalete das senhorinhas e dos homens elegantes daquele tempo.

Naquelas idades recuadas, enterravam os mortos sob abóbadas sepulcrais. Os cadáveres eram colocados em posição agachada, os joelhos quase tocando o queixo, os braços cruzados sobre o peito e aproximados da cabeça. Como se observou, é esta a posição da criança no seio materno. Esses homens primordiais certamente o ignoravam, e é por uma espécie de intuição que equiparavam o túmulo a um berço.

Vestígios de idades que se foram, esses grandes túmulos, esses montículos, essas colinas que nos séculos passados eram chamados “túmulos de gigantes” e que serviam de limites invioláveis, são câmaras mortuárias, sob as quais nossos antepassados escondiam seus mortos. Quais eram esses primeiros homens? “Não é apenas por curiosidade, diz Virchow, que perguntamos quem eram esses mortos, se em vida pertenciam a uma raça de gigantes. Essas questões nos interessam. Esses mortos são nossos antepassados, e as perguntas que dirigimos a esses túmulos se ligam igualmente à nossa própria

origem. De que raça saímos? De que fonte saiu nossa cultura atual e para onde ela nos conduz?”

Não é preciso remontar à criação para receber algum clarão sobre as nossas origens; do contrário ver-nos-íamos condenados a permanecer sempre numa noite completa a esse respeito. Apenas sobre a data da criação contaram-se mais de 140 opiniões, e da primeira à última não há menos de 3.194 anos de diferença! Acrescentar uma 141ª hipótese não esclareceria o problema. Assim, limitar-nos-emos a esclarecer que, do ponto de vista geológico, o último período da história da Terra, o Período Quaternário, o que dura ainda hoje, foi dividido em três fases: a fase *diluviana*, durante a qual houve imensas inundações parciais, e vastos depósitos e acumulações de areia; a fase *glaciária*, caracterizada pela formação de geleiras e por um maior resfriamento do globo; enfim a fase *moderna*. Em suma, a importante questão, hoje mais ou menos resolvida, era saber se o homem não data senão desta última época, ou das precedentes.

Ora, agora está comprovado que data no mínimo da primeira, e que os nossos primeiros ancestrais têm direito ao título de fósseis, considerando-se que suas ossadas (o pouco que resta) jazem com as do *ursus spelaeus*, da *hyaena* e dos *felis spelaea*, do *eléphas primigenius*, do *megacero* etc., numa camada pertencente a uma ordem de vida diferente da ordem atual.

Nessas épocas longínquas reinava uma Natureza muito diferente da que hoje desdobra os seus esplendores em volta de nós; outros tipos de plantas decoravam as florestas e os campos; outras espécies de animais viviam na superfície do solo e nos mares.

Quais foram os primeiros homens que despertaram nesse mundo primordial? Que cidades foram edificadas? Que língua foi falada? Que costumes estiveram em uso? Estas questões ainda estão cercadas para nós de profundo mistério. Mas do que temos certeza é que ali onde fundamos dinastias e monumentos, *várias raças de homens* habitaram sucessivamente, durante períodos seculares.

Sir John Lubbock,⁵¹ na obra assinalada no começo deste estudo, demonstrou a ancianidade da raça humana pelas descobertas relativas aos usos e costumes de nossos ancestrais, como *Sir* Charles Lyell o tinha demonstrado do ponto de vista geológico. Seja qual for o mistério que ainda envolve as nossas origens, preferimos esse resultado ainda incompleto da ciência positiva, às fábulas e aos romances da antiga mitologia.

CAMILLE FLAMMARION

Um ressurrecto contrariado

(Extraído da viagem do Sr. Victor Hugo à Zelândia)

O episódio seguinte é tirado do relato publicado pelo jornal *La Liberté*, de uma viagem do Sr. Victor Hugo à Holanda, na província de Zelândia. O artigo se acha no número 6 de novembro de 1867.

Acabávamos de entrar na cidade. Eu tinha os olhos erguidos e chamava a atenção de Stevens, meu vizinho de banco no carro, para o pitoresco denteado de uma sucessão de telhados hispano-flamengos, quando, por sua vez, ele me tocou no ombro e me fez sinal para olhar o que se passava no cais.

Uma multidão barulhenta de homens, mulheres e crianças cercava Victor Hugo. Descendo do carro e escoltado pelas autoridades da cidade, ele avançava, ar simplesmente de emoção, a cabeça descoberta, com dois buquê nas mãos e duas meninas de vestido branco ao seu lado.

Eram as duas meninas que acabavam de lhe oferecer os dois buquê.

Que dizeis, por esse tempo de visitas coroadas e de ovações artificiais ou oficiais, dessa entrada simplesmente triunfal de um homem

⁵¹ N.E.: (1834–1913), cientista, botânico, filantropo e político liberal. Sua obra: *Pre-historic timesas illustrated by ancient remains* foi considerada como padrão didático para quem se interessava pela história natural.

universalmente popular, que chega de improviso a um país perdido, cuja existência nem sequer suspeitava, e que aí se encontra muito naturalmente em seus Estados? Quem teria prevenido o poeta de que essa cidadezinha desconhecida, cuja silhueta tinha considerado de longe e com curiosidade, era a sua boa cidade de Ziéricsée?

Ao jantar, o Sr. Van Maenen disse a Victor Hugo:

— Sabeis quem são as duas lindas meninas que vos ofereceram buquês?

— Não.

— São as filhas de um fantasma.

Isto exigia uma explicação, e o capitão nos contou a estranha aventura. Ei-la:

Cerca de um mês atrás, na hora do crepúsculo, um carro onde estavam um homem e um menino entrava na cidade. É preciso dizer que pouco antes esse homem havia perdido a esposa e um dos filhos, com o que ficou muito triste. Embora ainda tivesse duas meninas e o menino, o qual estava com ele nesse momento, não se tinha consolado e vivia na melancolia.

Naquela noite seu carro seguia por um desses caminhos elevados e abruptos, que são, à direita e à esquerda, ladeados por um fosso de água estagnada e às vezes profunda. De súbito o cavalo, sem dúvida mal dirigido por meio da bruma do anoitecer, bruscamente perdeu o equilíbrio e rolou do alto da escarpa para o fosso, arrastando consigo o carro, o homem e a criança.

Houve nesse grupo de seres precipitados um momento de angústia pavorosa, de que ninguém foi testemunha, e um esforço obscuro e desesperado para a salvação. Mas foram abismados na confusão da queda e tudo desapareceu no fosso, que se fechou com a espessa lentidão da lama.

Só o menino, que como por milagre ficou fora do fosso, gritava e se lamentava, agitando os bracinhos. Dois camponeses, que atravessavam um campo de garança, a alguma distância, ouviram os gritos e correram. Retiraram a criança.

O menino gritava: “Meu papá! meu papá! Quero meu papá!”

— E onde está o teu papá?

— Lá, dizia o menino, mostrando o fosso.

Os dois camponeses compreenderam e se puseram ao trabalho. Ao cabo de um quarto de hora retiraram o carro quebrado; depois de meia hora tiraram o cavalo morto. O pequeno gritava sempre e pedia o pai.

Enfim, após novos esforços, do mesmo buraco do fosso que o carro e o cavalo, pescaram e trouxeram para fora da água algo de inerte e de fétido, que estava inteiramente negro e coberto de lama: era um cadáver, o do pai.

Tudo isto tinha levado cerca de uma hora. O desespero do menino redobrava; não queria que seu pai estivesse morto. Entretanto, os camponeses o julgavam bem morto; mas como o menino lhes suplicasse e se agarrasse a eles, e como eram boa gente, tentaram, para acalmar o pequeno, o que se faz sempre em tais casos na região: puseram-se a rolar o afogado no campo de garança.

Rolaram-no assim um bom quarto de hora. Nada mexeu. Rolaram-no ainda. A mesma imobilidade. O pequeno seguia tudo e chorava. Recomeçaram uma terceira vez e já iam desistir quando, enfim, lhes pareceu que o cadáver movia um braço. Continuaram. O outro braço se agitou. Obstinaram-se. O corpo inteiro deu vagos sinais de vida e o morto começou a ressuscitar lentamente.

Isto é extraordinário, não é? Pois bem! Eis o que é ainda mais imprevisto. O homem suspirou longamente, voltando à vida e gritou

com desespero. “Ah! meu Deus que foi que fizeste? Eu estava tão bem onde estava. Estava com minha mulher, com meu filho. Tinham vindo a mim e eu a eles. Eu os via e estava no Céu, estava na luz. Ah! meu Deus! que fizestes? Não estou mais morto!”

O homem que assim falava acabava de passar uma hora no lodo. Tinha o braço quebrado e contusões graves.

Levaram-no para a cidade, e acaba de se curar, acrescentou o Sr. Van Maenen, terminando de nos contar esta história. É o Sr. D..., uma das mais altas inteligências, não só da Zelândia, mas da Holanda. É um dos melhores advogados. Aqui todos o estimam e honram. Quando ele soube, Sr. Victor Hugo, que íeis passar pela cidade, quis de todo jeito sair da cama, que ainda não havia deixado há um mês, e hoje fez a sua primeira saída para ir à vossa frente e vos apresentar suas duas filhinhas, às quais tinha dado buquês de flores para vós.

Houve um só grito em toda a mesa.

Estas são coisas que só se passam na Zelândia! Os viajantes aqui não vêm, mas os habitantes voltam.

Deveriam tê-lo convidado para jantar, arriscou a parte feminina da mesa.

Convidá-lo! exclamei; mas já éramos doze! Não seria exatamente o momento de convidar um fantasma. Senhoras, gostaríeis de ter um morto como décimo terceiro?

Há, disse Victor Hugo, que tinha ficado silencioso, dois enigmas nesta história: o enigma do corpo e o da alma. Não me encarrego de explicar o primeiro, nem dizer como pode um homem ficar submerso durante uma hora numa cloaca sem que lhe sobrevenha a morte. Cremos que a asfixia ainda é um fenômeno mal conhecido. Mas o que compreendo admiravelmente é a lamentação dessa

alma. Quê! ela já tinha saído da vida terrena, desta sombra, deste corpo sujo, desses lábios negros, desse fosso escuro! Ela tinha começado a fuga encantadora. Por meio da lama, tinha chegado à superfície da cloaca e aí, ligada ainda por uma última pena de sua asa a este horrível último suspiro, estrangulado pelo lodo, já respirava silenciosamente o frescor inefável fora da vida. Já podia voar até seus amores perdidos, alcançar a mulher e erguer-se até a criança. De repente, a semievadida se arrepia; sente que o laço terrestre, em vez de se romper completamente, se reata, e em vez de subir na luz, desce bruscamente na noite, sendo obrigada a entrar violentamente no cadáver. Então solta um grito terrível.

O que disto resulta para mim, acrescentou Victor Hugo, é que a alma pode ficar certo tempo acima do corpo, como se flutuasse, já não sendo mais prisioneira, nem estando ainda liberta. Esse estado flutuante é a agonia, a letargia. O estertor é a alma que se lança fora da boca aberta e que recai por instantes; é a alma que se sacode, ofegante, até que se quebre o fio vaporoso do último sopro. Parece-me que a vejo. Ela luta, escapa-se um pouco dos lábios, neles entra, escapa novamente, depois bate as asas com força, e ei-la a voar de uma assentada, desaparecendo no azul imenso. Está livre. Mas algumas vezes também o moribundo volta à vida: então a alma, desesperada, volta ao agonizante. O sonho por vezes nos dá a sensação dessas estranhas idas e vindas da prisioneira. Os sonhos são alguns passos cotidianos da alma fora de nós. Até que tenha completado seu tempo no corpo, todas as noites e enquanto dormimos a alma dá a sua escapadela.

PAUL DE LA MILTIÈRE

Como se vê, o fato em si mesmo é eminentemente espírita. Mas se existe algo de mais espírita ainda, é a explicação que lhe dá o Sr. Victor Hugo; dir-se-ia haurida textualmente na doutrina. Aliás, não é a primeira vez que ele se exprime neste sentido. Ainda está na lembrança o encantador discurso que ele pronunciou, há cerca de três anos, no túmulo da jovem Emily Putron (*Revista Espírita*

de fevereiro de 1865); decerto o mais convicto espírita não falaria de outro modo. A tais pensamentos não falta absolutamente senão a palavra; mas que importa a palavra quando se crê nas ideias! Por seu nome autorizado, o Sr. Victor Hugo é um de seus vulgarizadores. E, contudo, os mesmos que as aclamam de boca ridicularizam o Espiritismo, nova prova de que não sabem em que este consiste. Se o soubessem, não tratariam a mesma ideia de loucura em uns, e de verdade sublime em outros.

Carta de Benjamin Franklin à Sra. Jone Mecone sobre a preexistência

Dezembro, 1770.

Em minha primeira estada em Londres, há cerca de quarenta e cinco anos, conheci uma pessoa que tinha uma opinião quase semelhante à de vosso autor. Seu nome era Hive; era viúva de um impressor. Morreu pouco depois de minha partida. Por seu testamento, obrigou o filho a ler publicamente, em *Salter's-Hall*, um discurso solene, cujo objetivo era provar que esta Terra é o verdadeiro inferno, o lugar de punição para os Espíritos que tinham pecado num mundo melhor. Em expiação de suas faltas, são enviados para cá, sob formas de toda espécie. Há muito tempo vi esse discurso, que foi impresso. Creio lembrar-me de que as citações da Escritura ali não faltavam; ali se supunha que, conquanto hoje não guardássemos nenhuma lembrança de nossa preexistência, dela tomaríamos conhecimento após a nossa morte e nos recordaríamos dos castigos sofridos, de modo a serem corrigidos. Quanto aos que ainda não tivessem pecado, a vista dos nossos sofrimentos devia servir-lhes de advertência.

De fato, aqui vemos que cada animal tem o seu inimigo, e esse inimigo tem instintos, faculdades, armas para aterrá-lo, ferir, destruir. Quanto ao homem, que está no primeiro grau da escala, é um demônio para o seu semelhante. Na doutrina recebida da bondade e da justiça do grande Criador, parece que é preciso uma hipótese

como a da Sra. Hive, para conciliar com a honra da divindade esse estado aparente de mal geral e sistemático. Mas, em falta de história e de fatos, nossa razão não pode ir longe quando queremos descobrir o que fomos antes de nossa existência terrestre, ou o que seremos mais tarde (*Magasin Pittoresque*, outubro de 1867, p. 340).

Na *Revista* de agosto de 1865 demos o epitáfio de Franklin, escrito por ele próprio e que é assim concebido:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

Ainda uma das grandes doutrinas do Espiritismo, a pluralidade das existências, professada, há mais de um século, por um homem considerado com toda a razão como uma das luzes da Humanidade. Aliás, esta ideia é tão lógica, tão evidente pelos fatos que diariamente temos aos nossos olhos, que está no estado de intuição numa multidão de criaturas. De fato, hoje é admitida por inteligências de escol, como princípio filosófico, fora do Espiritismo. O Espiritismo não a inventou, mas a demonstrou e provou; e, do estado de simples teoria, a fez passar ao de fato positivo. É uma das numerosas portas abertas às ideias espíritas, porque, conforme explicamos em outra circunstância, admitido esse ponto de partida, de dedução em dedução chega-se forçosamente a tudo o que ensina o Espiritismo.

Reflexo da preexistência⁵²

(Por Jean Raynaud)

Eis um homem que chega ao fim de sua carreira. Em algumas horas não será mais deste mundo. Neste momento

⁵² Ver Nota explicativa, p. 515.

supremo, tem consciência do resultado, do produto líquido da vida? Vê o seu resumo como num espelho? Pode fazer uma ideia dele? Não, certamente. Contudo, esse produto líquido, esse resumo existe em algum lugar. Está na alma de uma maneira latente, sem que ela possa discerni-lo. Discerni-lo-á aos olhos de todos; então o resumo de todo o passado, tomando vida ao mesmo tempo, reconhecer-se-á realmente. Aqui só nos conhecemos por parcelas; a luz de um dia é apagada pelas trevas de outro dia; a alma encerra e guarda em seu tesouro uma porção de impressões, de percepções, de desejos que esquecemos.

Nossa memória está bem longe de ser proporcionada à capacidade de nossa alma; e tantas coisas que agiram sobre a nossa alma, das quais perdemos a lembrança, são para nós como se jamais tivessem existido. Entretanto, tiveram seu efeito, e seu efeito permanece; a alma guarda a sua impressão, que se acha no resumo final, que será a nossa vida futura (Extraído dos *Pensées genevoises*, de François Roget. *Magasin Pittoresque*, 1861, p. 222).

Joana d'Arc e seus comentadores

Joana d'Arc é uma das grandes figuras da França, que se ergue na História como um imenso problema e, ao mesmo tempo, como um protesto vivo contra a incredulidade. É digno de nota que neste tempo de ceticismo, são os mais obstinados adversários do maravilhoso que se esforçam por exaltar a memória desta heroína quase lendária; obrigados a analisar esta vida cheia de mistérios, veem-se constrangidos a reconhecer a existência de fatos que as leis da matéria, por si sós, não poderiam explicar, porque se se tiram esses fatos, Joana d'Arc não passa de uma mulher corajosa, como se veem muitas. Provavelmente não é sem uma razão de oportunidade que a atenção pública é chamada sobre este assunto no momento. É um meio como qualquer outro de rasgar caminho às ideias novas.

Joana d'Arc não é um problema, nem um mistério para os espíritas. É um tipo eminente de quase todas as faculdades

mediúnicas, cujos efeitos, como uma porção de outros fenômenos, se explicam pelos princípios da doutrina, sem que haja necessidade de se lhes buscar a causa no sobrenatural. É a brilhante confirmação do Espiritismo, do qual ela foi um dos mais eminentes precursores, não por seus ensinamentos, mas pelos fatos, tanto quanto por suas virtudes, que nela denotam um Espírito Superior.

Nós nos propomos fazer um estudo especial a respeito, desde que nossos trabalhos no-lo permitam. Enquanto se espera, não é inútil conhecer a maneira pela qual suas faculdades são encaradas pelos comentadores.

O artigo seguinte é tirado do *Propagateur de Lille*, de 17 de agosto de 1867.

Certamente nossos leitores se lembram de que este ano, por ocasião da festa de aniversário do levantamento do cerco de Orléans, o Sr. abade Freppel pediu, com humilde e generosa coragem, a canonização de nossa Joana d'Arc. Hoje lemos na *Bibliothèque de l'École de Chartres* um excelente artigo do Sr. Natalis de Wailly, membro da Académie des Inscriptions, que, a propósito da *Joana d'Arc* do Sr. Wallon, dá suas conclusões e as da verdadeira ciência sobre a história sobrenatural daquela que foi, ao mesmo tempo, uma heroína da Igreja e da França. Os argumentos do Sr. de Wailly são bem feitos para encorajar as esperanças do abade Freppel e as nossas. — LÉON GAUTIER (*Monde*).

Não há muitas personagens históricas que tenham sido, mais que Joana d'Arc, alvo da contradição dos contemporâneos e da posteridade. Não os há, entretanto, cuja vida seja mais simples nem mais bem conhecida.

Saída repentinamente da obscuridade, ela não aparece na cena senão para representar um papel maravilhoso, que logo atrai a atenção de todos. É uma jovem que só sabe fiar e costurar, que se pretende enviada de Deus para vencer os inimigos da França. De início tem apenas um pequeno número de partidários devotados,

que acreditam em sua palavra; os espertos desconfiam e lhe criam obstáculos: cedem, enfim, e Joana d'Arc pôde conquistar as vitórias que havia predito. Em breve ela arrasta até Reims um rei incrédulo e ingrato, que a traiçoa no momento em que se prepara para tomar Paris, que a abandona quando ela cai prisioneira nas mãos dos ingleses, e que nem mesmo tenta protestar e proclamar a sua inocência, quando ela vai expirar por ele. No dia de sua morte, não havia apenas inimigos que a declaravam apóstata, idólatra, impudica, ou amigos fiéis que a veneravam como uma santa; também havia ingratos que a esqueciam, sem falar dos indiferentes, que não se preocupavam com ela, e gente esperta que se gabava de jamais ter acreditado em sua missão, ou de nela ter pouco acreditado.

Todas essas contradições, em meio das quais Joana d'Arc teve que viver e morrer, lhe sobreviveram e a acompanharam por meio dos séculos. Entre o vergonhoso poema de Voltaire e a eloquente história do Sr. Wallon, produziram-se as mais diversas opiniões; e se todos hoje concordam em respeitar esta grande memória, pode dizer-se que sob a admiração comum ainda se ocultam profundos dissentimentos. Com efeito, quem quer que leia ou escreva a história de Joana d'Arc, vê erguer-se em sua frente um problema que a crítica moderna não gosta de encontrar, mas que aí se impõe como uma necessidade. Este problema é o caráter sobrenatural que se manifesta no conjunto dessa vida extraordinária, e mais especialmente em certos fatos particulares.

Sim, a questão do milagre se apresenta inevitavelmente na vida de Joana d'Arc; ela embarçou mais de um escritor e muitas vezes provocou estranhas respostas. O Sr. Wallon pensou com razão que o primeiro dever de um historiador de Joana d'Arc era não se esquivar a esta dificuldade: ele a aborda de frente, e a explica pela intervenção miraculosa de Deus. Tentarei mostrar que esta solução é perfeitamente conforme às regras da crítica histórica.

As provas metafísicas sobre as quais pode apoiar-se a possibilidade do milagre escapam ou desagradam a certos espíritos; mas a

História não tem que fazer essas provas. Sua missão não é estabelecer teorias, mas constatar fatos e registrar todos os que aparecem como certos. Que um fato miraculoso ou inexplicável deve ser verificado com mais atenção, ninguém o contestará; por conseguinte esse mesmo fato, verificado mais atentamente que os outros, adquire, de certo modo, um maior grau de certeza. Raciocinar de outro modo é violar todas as regras da crítica e transferir para a História os preconceitos da metafísica. Não há argumentação contra a possibilidade do milagre que dispense o exame das provas históricas de um fato miraculoso, e a sua admissão, quando capazes de produzir convicção num homem de bom senso e de boa-fé. Mais tarde se terá o direito de procurar para esse fato uma explicação que satisfaça a este ou àquele sistema científico; mas, antes de tudo, e aconteça o que acontecer, a existência do fato deve ser reconhecida, quando repousar em provas que satisfaçam às regras da crítica histórica.

Há ou não fatos desta natureza na história de Joana d'Arc? Esta questão foi discutida e debatida por um sábio que precedeu o Sr. Wallon, e desta maneira adquiriu uma autoridade incontestável. Se aqui cito o Sr. Quicherat, de preferência ao Sr. Wallon, não é somente porque um, antes do outro, constatou os fatos que quero lembrar; é, também, porque ele se propôs estabelecê-los sem pretender explicá-los, de sorte que sua crítica, independente de todo sistema preconcebido, limitou-se a estabelecer premissas, cujas conclusões nem mesmo quis prever.

É claro, diz ele, que os curiosos quererão ir mais longe e raciocinar sobre uma causa, cujos efeitos não lhes bastará admirar. Teólogos, psicólogos, fisiologistas, eu não tenho solução a lhes indicar; que encontrem, se puderem, cada um de seu ponto de vista, os elementos de uma apreciação que desafie todos os contraditores. A única coisa que me sinto capaz de fazer na direção em que se exercer semelhante pesquisa é apresentar, sob sua forma mais precisa, as particularidades da vida de Joana d'Arc que parecem sair do círculo das faculdades humanas.

A mais importante particularidade, a que domina todas as outras, é o fato de vozes que ela escutava várias vezes por dia, que a interpelavam ou lhe respondiam, cujas inflexões ela distinguia, referindo-as sobretudo a São Miguel, a Santa Catarina e a Santa Margarida. Ao mesmo tempo se manifestava uma viva luz, na qual ela percebia a figura de seus interlocutores. “Eu os vejo com os olhos do meu corpo, dizia ela aos seus juízes, tão bem quanto vos vejo.” Sim, ela sustentava com inabalável firmeza que Deus a aconselhava por intermédio dos santos e dos anjos. Um instante ela se desmentiu; fraquejou diante do medo do suplício; mas chorou sua fraqueza e a confessou publicamente; seu último grito nas chamas foi que suas vozes não a tinham enganado e que suas revelações eram de Deus. Deve-se, pois, concluir com o Sr. Quicherat que “sobre este ponto a mais severa crítica não tem suspeitas a levantar contra a sua boa-fé”. Uma vez constatado o fato, como certos sábios o têm explicado? De duas maneiras: ou pela *loucura*, ou por simples alucinação. Que diz a isto o Sr. Quicherat? Que prevê grandes perigos para os que quiserem classificar os fatos da pucela entre os casos patológicos.

Mas, acrescenta ele, quer a Ciência aí encontre ou não a sua explicação, não será menos necessário admitir as visões e, como vou fazer ver, estranhas percepções de espírito, resultantes dessas visões.

Quais são essas estranhas percepções de espírito? São revelações que permitiram a Joana: ora conhecer os mais secretos pensamentos de certas pessoas, ora perceber objetos fora do alcance dos sentidos, ora discernir e anunciar o futuro.

O Sr. Quicherat cita para cada uma destas três espécies de revelações “um exemplo assentado sobre bases tão sólidas que não se pode, diz ele, rejeitá-lo sem rejeitar o próprio fundamento da História”.

Em primeiro lugar, Joana revelou a Carlos VII um segredo conhecido apenas por Deus e por ele, único meio que ela teve de forçar a crença deste príncipe desconfiado.

Depois, achando-se em Tours, discerniu que havia, entre Loches e Chinon, na igreja de Santa Catarina de Fierbois, enterrada a certa profundidade, perto do altar, uma espada enferrujada e marcada com cinco cruzeiros. A espada foi encontrada e mais tarde seus acusadores lhe imputaram ter sabido, por ouvir dizer, que essa arma lá estava ou que ela própria a teria colocado ali.

Sinto, disse a propósito o Sr. Quicherat, quanto semelhante interpretação parecerá forte num tempo como o nosso; ao contrário, quão fracos os fragmentos de interrogatório que ponho em oposição; mas quando se tem sob os olhos o processo inteiro, e quando se vê de que maneira a acusada põe sua consciência a descoberto, então é seu testemunho que é forte, e a interpretação dos argumentadores que é fraca.

Deixo, enfim, o próprio Sr. Quicherat contar uma das predições de Joana d'Arc:

Numa de suas primeiras conversas com Carlos VII, ela lhe anunciou que, operando-se a libertação de Orléans, ela seria ferida, mas sem ser posta fora de combate; suas duas santas lho haviam dito e o acontecimento lhe provou que não a tinham enganado. Ela confessa isto em seu quarto interrogatório. Estaríamos reduzidos a esse testemunho, que o ceticismo, sem pôr em dúvida a sua boa-fé, poderia imputar seu dito a uma ilusão de memória; mas o que demonstra que ela efetivamente predisse seu ferimento, é que o recebeu a 7 de maio de 1429, e que a 12 de abril precedente, um embaixador flamengo, que estava na França, escrevia ao governo de Brabant uma carta na qual não só era contada a profecia, mas a maneira por que se realizaria. Joana teve o ombro atravessado por uma flecha de balestra, no assalto do forte de Tourelles, e o enviado flamengo tinha escrito: *Ela deve ser ferida por uma flecha num combate diante de Orléans, mas não morrerá.* Essa passagem de sua carta foi consignada nos registros da Câmara de contas de Bruxelas.

Um dos sábios cuja opinião eu lembrava há pouco, aquele que faz de Joana d'Arc uma alucinada antes que uma louca, não contesta

suas predições e as atribui a uma sorte de impressionabilidade sensitiva, a uma irradiação da força nervosa, cujas leis ainda não são conhecidas.

Estão bem certos de que essas leis existem e que jamais devem ser conhecidas? Enquanto não o forem, não é melhor confessar francamente sua ignorância do que propor tais explicações? Toda hipótese é boa quando se trata de negar a ação da Providência, e a incredulidade dispensa qualquer raciocínio? Não se deveria dizer que, desde a origem dos tempos a imensa maioria dos homens concordou em acreditar na existência de um Deus pessoal que, depois de haver criado o mundo, o dirige e se manifesta quando lhe apraz, por sinais extraordinários? Se fizessem calar um instante o seu orgulho, não ouviriam esse concerto de todas as raças e de todas as gerações? O que é maravilhoso é que se possa ter uma fé tão robusta em si mesmo quando se fala em nome de uma ciência que é a mais incerta e a mais variável de todas, de uma ciência cujos adeptos não cessam de contradizer-se, cujos sistemas morrem e renascem como a moda, sem que jamais a experiência tenha podido arruiná-los ou assentar definitivamente um só deles. Eu diria com muito gosto a esses doutores em patologia: Se encontrardes doenças como a de Joana d'Arc, guardai-vos de as curar; trabalhai muito, antes que se tornem contagiosas.

Mais bem inspirado, o Sr. Wallon não pretendeu conhecer Joana d'Arc melhor do que ela própria. Posto em face da mais sincera das testemunhas, ouviu-a atentamente e votou-lhe inteira confiança. Essa mistura de bom senso e elevação, de simplicidade e grandeza, essa coragem sobre-humana, realçada ainda por curtos desfalecimentos da natureza, não lhe apareceram como sintomas de loucura ou de alucinação, mas como sinais espetaculares de heroísmo e de santidade. Aí, e não alhures, estava a boa crítica; daí vem que, procurando a verdade, também encontrou a eloquência e ultrapassou a todos que o tinham precedido nessa via. Merece ser posto à frente desses escritores, dos quais disse excelentemente o Sr. Quicherat:

Eles restituíram Joana tão inteira quanto puderam, e quanto mais se empenhavam em reproduzir a sua originalidade, mais encontravam o segredo de sua grandeza.

O Sr. Quicherat achará muito natural que eu tome suas palavras para caracterizar um sucesso, para o qual ele contribuiu mais que ninguém; porque, se não lhe conveio escrever, ele próprio, a história de Joana d'Arc, doravante é impossível empreendê-lo sem recorrer aos seus trabalhos. O Sr. Wallon, em particular, deles tirou imenso proveito, sem ter quase nunca nada a modificar, nem nos textos recolhidos pelo editor, nem em suas conclusões. Entretanto, não os aceitou sem controle. É assim que aponta uma omissão involuntária, de que se prevaleceu um escritor, que antes se inclina para a alucinação do que para a inspiração de Joana d'Arc. Lê-se na p. 216 do *Processo* (tomo I), que Joana d'Arc estava em jejum no dia em que, pela primeira vez, ouviu a voz do anjo, mas que não tinha jejuado no dia anterior. Na p. 52, ao contrário, o Sr. Quicherat tinha impresso: *et ipsa Johanna jejunaverat die procedenti*. Suprimindo na p. 216 a negação que falta na p. 52, tinham-se dois jejuns consecutivos, que pareciam uma causa suficiente de alucinação. O manuscrito não se presta a esta hipótese; o Sr. Wallon constatou que a exatidão habitual do Sr. Quicherat aqui se acha em falta, e que é preciso ler, na p. 52, *non jejunaverat*.

A única discordância um tanto grave que percebo entre os dois autores é quando apreciam os vícios de forma assinalados no processo. O Sr. Quicherat sustenta que Pierre Cauchon era muito hábil para cometer ilegalidades, e o Sr. Wallon o julga muito apaixonado para ter podido se defender. Não estou em condições de decidir esta questão; apenas farei notar que, no fundo, ela tem pouca importância, porque, de um e de outro lado, estão de acordo quanto à iniquidade do juiz e a inocência da vítima.

Encontro o Sr. Wallon, afirmando com o Sr. Quicherat, contrariamente a uma opinião já antiga, e que ainda conserva partidários, que Carlos VII, uma vez sagrado em Reims, Joana d'Arc ainda não

tinha realizado toda a sua missão, porquanto ela própria se tinha anunciado como devendo, além disso, expulsar os ingleses. Deixo deliberadamente de lado a libertação do duque de Orléans, porque é um ponto sobre o qual suas declarações não são tão explícitas. Mas no que concerne à expulsão dos ingleses, tem-se a própria carta que ela lhes dirigiu em 22 de março de 1429: “Eu aqui vim por Deus, o Rei do Céu, corpo por corpo, para vos expulsar de toda a França.” Seus curtos desfalecimentos nada podem contra esse texto autêntico, confirmado por ela em muitas ocasiões, até que o consagrasse sobre a fogueira, por um protesto supremo. Assim, não sei por que persiste a dúvida, sobretudo no espírito dos que creem na inspiração de Joana d’Arc. Como podem conhecer sua missão, senão por ela? e por que recusar-lhe aqui a crença que lhe concedem alhures?

Dirão que ela fracassou; portanto, não tinha missão de Deus para empreendê-lo. Tal foi, com efeito, o triste pensamento que se apoderou dos Espíritos, quando a souberam prisioneira dos ingleses. Mas o piedoso Gérson, alguns meses antes de morrer, e no seguinte à libertação de Orléans, de certo modo tinha previsto os reveses após a vitória, não como uma desaprovação a Joana d’Arc, mas como castigo para os ingratos que ela vinha defender. Escrevia ele em 14 de maio de 1529:

Ainda mesmo — que Deus não o permita! — que ela se tivesse enganado em sua esperança e na nossa, daí não se devia concluir que o que ela fez vem do espírito maligno e não de Deus; mas antes de atribuir a culpa à nossa ingratidão e ao justo julgamento de Deus, embora secreto... porque Deus, sem mudar de opinião, muda a sentença conforme os méritos.

Ainda aqui o Sr. Wallon fez boa crítica: não divide os testemunhos de Joana d’Arc; ele os aceita todos e os proclama sinceros, mesmo quando não parecem ser proféticos. Acrescento que os justifica plenamente, mostrando que, se tinha a missão de expulsar os ingleses, não prometeu executar tudo por si mesma, mas que começou a

obra e predisse a sua conclusão. O Sr. Wallon o sentiu bem. Não é compreender Joana d'Arc glorificá-la em seus triunfos para renegá-la em sua paixão.

Sobretudo nós, que conhecemos o desenlace desse drama maravilhoso, nós que sabemos que os ingleses com efeito foram expulsos do reino e a coroa de Reims consolidada na cabeça de Charles VII, devemos crer, com o Sr. Wallon, que Deus jamais deixou de inspirar aquela, cuja grandeza lhe aprouve consagrar pela provação, e a santidade pelo martírio. – N. DE WAILLY.

O nosso correspondente de Antuérpia, que houve por bem nos enviar o artigo acima, juntou a nota que se segue, oriunda de suas pesquisas pessoais sobre o processo de Joana d'Arc:

Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, e um inquisidor chamado Lemaire, assistidos por sessenta assessores, foram os juízes de Joana. Seu processo foi instruído segundo as formas misteriosas e bárbaras da Inquisição, que havia jurado a sua perda. Ela quis que a decisão do julgamento fosse delegada ao papa e ao Concílio de Basileia, mas o bispo se opôs. Um padre, L'Oyseleur, a enganou, abusando da confissão, e lhe deu funestos conselhos. Por força de intrigas de toda sorte, ela foi condenada em 1431 a ser queimada viva, “como mentirosa, perniciososa, enganadora do povo, adivinha, blasfemadora de Deus, descrente na fé de Jesus Cristo, vaidosa, idólatra, cruel, dissoluta, invocadora dos diabos, cismática e herética”.

Em 1546 o papa Calisto III fez pronunciar, por uma comissão eclesiástica, a reabilitação de Joana e, por uma sentença solene, foi declarado que Joana morreu mártir para a defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. O papa quis mesmo canonizá-la, mas sua coragem não foi tão longe.

Pierre Cauchon morreu subitamente, em 1443, fazendo a barba. Foi excomungado; seu corpo foi desenterrado e atirado num monturo.

A jovem camponesa de Monin

CASO DE APARIÇÃO

Um dos nossos correspondentes de Oloron (Basses-Pyrénées), nos enviou o relato do seguinte fato, que é de seu conhecimento pessoal:

“Pelo fim do mês de dezembro de 1866, não longe do vilarejo de Monin (Basses-Pyrénées), uma camponesa de 24 anos, chamada Marianne Coubert, estava ocupada em juntar folhas num prado, perto da casa onde mora com seu pai, de 64 anos, e uma irmã de 29. Desde alguns instantes, um velho de estatura média, vestido à camponesa, já se mantinha no canto do gradeado que dá passagem para o prado. De repente, ele chamou a jovem, que logo se aproxima, e pergunta se ela lhe podia dar uma esmola.

— Mas que vos poderia dar? perguntou ela. Nada tenho; a não ser que queirais aceitar um pedaço de pão.

— O que quiserdes, replicou o velho. Aliás, podeis ficar tranquila, ele não vos faltará.

E a camponesa apressou-se em ir buscar o pedaço de pão. Ao retornar, disse-lhe o velho:

— Há muito tempo que já me respondestes.

— Como, respondeu a camponesa atônita, eu vos podia responder? Ainda não me tínheis chamado.

— Eu não vos tinha chamado, é verdade, mas meu Espírito se havia transportado para vós, tinha penetrado o vosso Espírito e foi assim que conheci previamente as vossas intenções. Também parei diante de outra casa, lá embaixo; meu Espírito entrou e conheci as disposições pouco caridosas dos que ali

habitam. Por isso pensei que seria inútil ali pedir alguma coisa. Se aquelas pessoas não mudarem, se continuarem a não praticar a caridade, muito terão a lamentar. Quanto a vós, jamais recuseis dar esmola, e Deus vos levará em conta os vossos sentimentos e vos dará muito além do que tiverdes dado aos infelizes... Estais doente dos olhos?

— Ah! sim, respondeu a camponesa, a maior parte das vezes minha vista é tão fraca que não posso me dedicar aos trabalhos do campo.

— Pois bem! continuou o velho, eis um par de óculos com os quais vereis perfeitamente. Tendes uma irmã que amastes muito e que morreu há oito anos e quatro meses.

— É verdade, respondeu a camponesa, cada vez mais atônita.

— Vossa mãe morreu há um ano.

— É verdade, continuou ela, ainda mais espantada.

— Pois bem! ireis dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em seu túmulo. Aliás, ambas se encontram num lugar onde são felizes e onde as revereis um dia. Antes de vos deixar, tenho algo a vos recomendar: ide à casa de tal pessoa (uma moça de má conduta, que tinha vários filhos) e pedi-lhe que vos deixe levar um de seus filhos, que educareis até a época de sua primeira comunhão.

Enfim, eis um missal que deveis guardar preciosamente, e ao qual está ligado uma graça para todos os que o tocarem. As pessoas que vos vierem ver deverão, ao chegar e ao partir, dizer dois *Pater* e duas *Ave*, pelas almas do purgatório. Entre essas pessoas, cujo número aumentará de dia para dia de modo considerável, há os que rirão, que zombarão; a estes não conteis nada. Não deixeis de recomendar à pessoa, na casa de

quem deveis pegar o menino, que se converta, pois não creio que ela viva ainda muito tempo.

Previno-vos que tereis uma grave moléstia pelo fim do mês de março; não mandeis chamar médico, pois será inútil; é uma prova a que vos deveis submeter com resignação. Aliás, eu voltarei a vos ver.

E o velho afastou-se. Chegando a uma pequena ponte muito próxima, desapareceu de repente.

Naturalmente, a jovem camponesa apressou-se em ir contar o fato ao Sr. cura, ao qual mostrou o livro de orações. O cura lhe disse que pensava que houvesse nisto algo de extraordinário e aconselhou-a a guardar o missal com cuidado. Ela se apressou em fazer tudo quanto o velho lhe havia recomendado, e depois a viram sempre com os óculos e o menino de que se havia encarregado. Foi visitada por uma multidão considerável e, no último domingo, sua casa estava tão cheia que o cura teve que cantar as vésperas quase só. Não posso esquecer uma circunstância importante: é que, segundo a predição do velho, a camponesa estava acamada há oito dias. Agora é preciso dizer que em Monin, como em Oloron, as opiniões estão muito divididas a respeito do fato em questão. Uns acreditam, outros permanecem incrédulos. O cura de Monin, que a princípio tinha achado a coisa muito extraordinária, pregou várias vezes para dissuadir seus paroquianos de ir visitar a camponesa. Segundo esta, a personagem que se apresentou a ela lhe disse seu nome e lhe confiou várias coisas que ela não devia revelar, pelo menos agora. Em tudo isto, o que me faria refletir um pouco, é que ele manifestou o desejo de que se erigisse uma estátua para representá-lo, no lugar onde apareceu.

A opinião geral, entre os crentes, é que deve ser São José. Para mim, se o fato for verdadeiro, aí não posso ver senão uma manifestação espírita, tendo por fim chamar a atenção sobre a nossa filosofia, numa região dominada por influências contrárias.”

Algumas palavras à *Revista Espírita*

(Pelo jornal *l'Exposition Populaire Illustrée*)

O jornal *l'Exposition Populaire Illustrée* contém, em seu número 34, o artigo seguinte, a respeito das reflexões que fizemos acompanhar os dois artigos de nosso último número sobre o cura Gassner e os prognósticos, que tínhamos tomado desse jornal.

A *Revista Espírita* é um jornal especial mensal que, há dez anos, sustenta corajosamente a luta contra a classe numerosa dos escritores e dos homens superficiais, que tratam, à porfia uns dos outros, os adeptos da fé nova de “iluminados, alucinados, papalvos, loucos, impostores, charlatães e, enfim, de partidários de Satã”. Como vedes, certos escritores gostam mais de insultar e ultrajar do que de discutir.

Ó, meu Deus! todo esse vocabulário foi esgotado há 35 ou 36 anos, contra os *são-simonistas* e, se não erramos, a eloquência do *Parquet* foi posta de lado, e nos parece que o pai e um de seus ardentes discípulos foram atingidos por uma condenação que os deixou livres para dirigirem grandes administrações, terem assento no Instituto, serem elevados à dignidade de senador, levarem a tiracolo as *insígnias* de diversas condecorações, inclusive a cruz de honra, e que não lhes permite apenas tomar parte no Conselho Municipal de sua cidade, mas ainda de usar o direito cívico do voto.

Bem vedes que o ultraje não significa grande coisa; contudo, também vedes bem que sempre resta alguma coisa; é uma espécie de calúnia. Ora, já disseram muito antes de nós, *quando a calúnia não queima, sapeca*.

Voltemos aos espíritas. Quem sabe o que está reservado aos homens da escola espírita? Talvez os vejamos um dia fazendo a curta estrada para chegar às culminâncias do poder, como fizeram os senhores *são-simonistas*.

Sempre há os que progridem (os espíritas), que engrossam as suas fileiras com homens sérios e inteligentes, magistrados reputados em seus corpos.

Falamos hoje da *Revista Espírita*, porque a *Revista Espírita* houve por bem se ocupar de nós em seu último número (o de novembro). Reproduziu diversas passagens de nosso 24º número, relativas a uma *correspondência sobre os taumaturgos*, e apressou-se em protestar contra a qualificação de taumaturgo, que nós demos, em diversos outros artigos, *ao curador Jacob e aos curadores passados, presentes e futuros*, quando curassem fora da terapêutica científica.

A *Revista Espírita* protesta contra a palavra *taumaturgo*, porque *não admite que nada se faça fora das leis naturais...*; mas me parece que é o que o nosso jornalzinho já disse mais de vinte vezes.

Não há nada, nada, nada, fora das leis naturais.

Tudo o que é, tudo o que acontece, tudo o que se produz é resultante de leis naturais, de fenômenos naturais, *conhecidos ou desconhecidos*.

Sim, mil vezes sim, “os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos espirituais não são mais *miraculosos* que os fatos materiais, considerando-se que o *elemento* espiritual é uma das forças da Natureza, assim como o *elemento* material”, dizeis vós.

Sim, senhores, mil vezes sim, nós partilhamos o vosso sentimento; mas protestamos contra esta expressão *elemento*, como protestastes contra a *qualificação de taumaturgo* por nós dada a um espírita, *consciente ou inconsciente*.

O vocábulo *taumaturgo* vos choca; dai-me outro, racional, lógico, compreensível... eu o aceitarei.

Por consequência lógica, a palavra milagre deve vos chocar. Dai-me outra, para significar, para expressar o que significa, o que exprime a palavra *milagre*, e eu a adotarei.

Mas enquanto o vosso, enquanto o nosso dicionário não for feito, nem conhecido, há que se recorrer ao *dicionário da Academia*. Na verdade, senhores espíritas, não nos devemos permitir a pretensão de ter outro vocabulário senão o dos *Srs. Quarenta*.

Linguisticamente, academicamente falando, o que é um taumaturgo? Um fazedor de milagres.

O que é um milagre? – Um ato do poder divino, contrário às leis *conhecidas* da Natureza.

Portanto, os senhores curadores, os Hohenlohe, os Gassner, os Jacob são *taumaturgos, fazedores de milagres*, porque agem fora das leis conhecidas da Natureza.

Inventai, criai, dai, promulgai uma nova palavra e nós a adotaremos. Mas, até lá, permiti que conservemos o velho vocabulário e a ele nos conformemos até nova instrução. Não podemos fazer de outro modo.

Sabeis como age Jacob? dizei-o. Se não o sabeis, fazei como nós: reconheci que ele age fora das leis *conhecidas* da Natureza; portanto é taumaturgo.

De nossa parte, como dissemos, protestamos contra a palavra *elemento*, por uma razão muito simples: é que declaramos ignorar completamente qual é e *o que é o elemento espiritual*, assim como não sabemos *o que é o elemento material*.

No que respeita ao *elemento espiritual*, não reconhecemos senão o elemento criador: Deus... — Com toda a humildade, com toda a veneração, curvamos a cabeça e respeitamos o inexplicável mistério da *encarnação do sopro de Deus em nós*... limitando-nos a repetir o que dissemos: “*Há em nós um desconhecido que somos nós, e que, ao mesmo tempo comanda o nosso eu matéria e lhe obedece.*”

Quanto ao *elemento material*, proclamamos com toda a força de nossa sinceridade que não estamos menos embaraçados... a criação do primeiro homem, da primeira mulher, enquanto seres materiais, é um mistério tão inextrincável quanto o da espiritualização deste ser criado.

Véu de trevas, segredo do Criador, que não é permitido erguer, penetrar.

O elemento primitivo é Deus, ou está em Deus... Não procuremos e, com o mais sábio dos doutores da Igreja, digamos: “Não busqueis penetrar este mistério: enlouqueceis.”

Agora perguntamos aos senhores da *Revista Espírita*, aos que creem na *dupla vista*, na *visão espiritual*: por que se erguem *contra os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes?*

Dizeis que esses fenômenos em geral não têm qualquer ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua consequência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou certas nuvens anunciar o granizo, mas a significação destes fenômenos para as coisas da ordem moral, acrescentais, devem ser classificadas entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

Explicai-vos um pouco melhor, senhores, porque aqui tocais uma das graves questões das ciências cabalísticas, das previsões proféticas.

Dizei-nos francamente, lealmente, em que categoria classificais as *influências numéricas*. Negai-as? contestai-as? acreditais nelas?... jamais refletistes nestas questões?

Tomai cuidado. Tudo se encadeia nos mistérios da Criação, no segredo das correlações dos mundos, das correlações planetárias.

Acreditais em vós mesmos, no vosso eu espiritual, *em vosso Espírito encarnado*, e credes, também, *nos Espíritos desencarnados*: portanto, nos Espíritos que foram encarnados e que, depurados de sua *encarnação* precedente, esperam uma *encarnação*, não diremos mais celeste, mais divina, porém mais angélica... Eis a vossa fé. E, depois, paraís a matemática divina e dizeis: Não creio nesta presciência regular, que atingiria o meu livre-arbítrio; não creio nestes cálculos de detalhe... Limitai-vos a duvidar, senhores; mas não negueis.

Se estudásseis a história da Humanidade tomando por guia *as concordâncias numéricas*, ficaríeis esmagados e não mais ousaríeis dizer que essas crenças supersticiosas nunca seriam combatidas com demasiada energia.

Podemos pôr sob os vossos olhos mais de *quatro mil* concordâncias numéricas, históricas, indiscutíveis. Fazei chegar um acontecimento, nascer ou morrer um ano mais cedo ou mais tarde, e a concordância cessa... Que lei as rege?... Mistério de Deus, segredo desconhecido da criatura...; e como tudo se liga e se encadeia, ou-sais, vós que na vossa qualidade de espírita deveis crer no magnetismo, na *sono-atividade*, no sonambulismo; vós que deveis crer no agente (e não *elemento*) *espiritual*, como podeis negar as leis desconhecidas que regem as relações dos mundos entre si?... Credes nas relações dos Espíritos *encarnados* com os Espíritos desencarnados! Então sede lógicos e não recueis diante de nenhuma possibilidade ainda oculta nas trevas do desconhecido.

Voltaremos a esta questão, que não é nova, mas que sempre ficou nos *limbos da Ciência* (Servimo-nos desta palavra intencionalmente).

(Resposta)

As razões pelas quais o Espiritismo repudia a palavra *milagre*, para o que lhe diz respeito em particular, e em geral para os fenômenos que não escapam das leis naturais, foram muitas vezes desenvolvidas, quer em nossas obras sobre a doutrina, quer em

vários artigos da *Revista Espírita*. Estão resumidas na passagem seguinte, tirada do número de maio de 1867.

“Em sua acepção usual a palavra *milagre* perdeu sua significação primitiva, como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor à sabedoria), da qual hoje se servem para exprimir as ideias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo, até o materialismo mais absoluto. Ninguém duvida que, no pensamento das massas, *milagre* implica a ideia de um fato extraordinário. Perguntai a todos os que creem nos milagres se os encaram como efeitos naturais. A igreja fixou-se de tal modo sobre este ponto que anatematiza os que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia define esta palavra: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. – Verdadeiro, falso milagre. – Milagre comprovado. – Operar milagres. – O dom dos milagres.*

Para ser por todos compreendido, é preciso falar como todo o mundo. Ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos*, o público se teria equivocado quanto ao seu verdadeiro caráter, a menos que, de cada vez, se empregasse um circunlóquio e dissesse que há milagres que não são milagres, como geralmente se entende. Visto que a generalidade a isto liga a ideia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não passam da aplicação dessas mesmas leis, é muito mais simples e sobretudo mais lógico dizer sem rodeios: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, não há engano, nem falsa interpretação. Assim como o progresso das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos e faz entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem ainda restringir o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, razão por que não é malvisto em parte alguma, como também não o são a astronomia e a geologia.”

Aliás, a questão dos milagres é tratada de maneira completa, e com todos os desenvolvimentos que comporta, na segunda parte da nova obra que publicamos sob o título de *A gênese, os*

milagres e as predições, segundo o espiritismo. A causa natural dos fatos reputados *miraculosos*, no sentido vulgar da palavra, é explicada. Se o autor do artigo acima se der ao trabalho de a ler, verá que as curas do Sr. Jacob e todas as do mesmo gênero não são um problema para o Espiritismo que, desde muito tempo, sabe como proceder neste ponto. É uma questão quase elementar.

A acepção da palavra *milagre*, no sentido de fato extra-natural, está consagrada pelo uso. A Igreja a reivindica por sua conta, como parte integrante de seus dogmas; parece-nos, pois, difícil fazer esta palavra voltar à sua acepção etimológica, sem se expor a quipro-quós. Seria preciso, diz o autor, uma palavra nova. Ora, como tudo o que não está fora das leis da Natureza é natural, não vemos outra podendo abarcá-los todos senão a de *fenômenos naturais*.

Mas os fenômenos naturais, reputados miraculosos, são de duas ordens: uns dependem de leis que regem a matéria, outros de leis que regem a ação do princípio espiritual. Os primeiros são da alçada da Ciência propriamente dita, os segundos estão mais especialmente no domínio do Espiritismo. Quanto a estes últimos, como são, na maior parte, uma consequência dos atributos da alma, a palavra existe: são chamados *fenômenos psíquicos*; e quando combinados com os efeitos da matéria, poderiam ser chamados *psíquicos materiais* ou semipsíquicos.

O autor critica a expressão *elemento espiritual*, pela razão, diz ele, de que o único elemento espiritual é Deus. A resposta para isto é muito simples. A palavra *elemento* não é aqui tomada no sentido de *corpo simples, elementar*, de moléculas primitivas, mas no de *parte constituinte de um todo*. Neste sentido, pode dizer-se que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram em tal proporção na cifra de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que na Argélia há o *elemento árabe* e o *elemento europeu* etc. Por nossa vez, diremos ao autor que, por falta de uma palavra especial para esta última acepção do vocábulo *elemento*, é-se forçado

a dele se servir. Aliás, como essas duas acepções não representam ideias contraditórias, como a do vocábulo *milagre*, não há confusão possível, pois a ideia radical é a mesma.

Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma ideia preconcebida de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, quanto à maneira de encarar certas coisas, salvo, todavia, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas, da qual jamais nos ocupamos, e sobre a qual, por conseguinte, não poderíamos ter opinião formada.

O Espiritismo não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre todas as leis que regem o Universo, razão por que jamais falou: *Nec plus ultra*.⁵³ Por sua própria natureza abre caminho a todas as novas descobertas, mas até que um princípio novo seja constatado, não o aceita senão a título de hipótese ou de probabilidade.

O abade de Saint-Pierre

As Efemérides do jornal *Le Siècle* de 29 de abril último traziam a seguinte notícia:

1743 – Morte do abade de Saint-Pierre (Charles-Iréné Castel de), escritor e filantropo, em nome de quem ficará eternamente ligada a lembrança do *projeto de paz perpétua*, cuja concepção parece tornar-se cada dia mais impraticável. A vida inteira desse digno abade se consumou em trabalhos e ações que tinham por objetivo a felicidade dos homens. Dar e perdoar devia ser, em sua opinião, a base de toda a moral, e ele a punha em prática constantemente. Também foi ele que criou, ou pelo menos ressuscitou, a palavra *beneficência*, exprimindo uma virtude que exercia diariamente. O abade de Saint-Pierre nasceu em 18 de fevereiro de 1658, e a Academia Francesa lhe havia aberto suas portas em 1695; mas um dia, na sua

⁵³ N.E.: O que há de melhor.

Polysynodie, o abade exprimiu-se severamente sobre o reinado de Luís XIV. O cardeal de Polignac denunciou o livro à Academia, que condenou o autor sem se dignar ouvi-lo, e o excluiu de seu seio em 1718. J.-J. Rousseau, que compartilhou e desenvolveu algumas das ideias do abade de Saint-Pierre, disse dele: “Era um homem raro, a honra de seu século e de sua espécie.”

O abade de Saint-Pierre era um homem de bem e de talento, justamente estimado. Nas circunstâncias presentes, as ideias que ele tinha perseguido em vida davam à sua evocação uma espécie de atualidade.

(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Evocação – A nota que acabamos de ler nas Efemérides do jornal *Le Siècle* nos recordou vossa memória, e lemos com interesse o justo tributo de elogios prestados às qualidades que vos mereceram a estima de vossos contemporâneos e vos asseguram a da posteridade. Um homem que teve ideias tão elevadas só pode ser um Espírito adiantado. Eis por que teremos muito prazer em aproveitar as vossas instruções, se houverdes por bem comparecer ao nosso meio. Ficaremos particularmente agradecidos em conhecer a vossa opinião atual sobre a paz perpétua, que constituiu o objeto de vossas preocupações.

Resposta – Venho com prazer responder ao apelo do presidente. Sabeis que em todas as épocas Espíritos vêm encarnar-se na Terra, para ajudar o avanço de seus irmãos menos adiantados. Fui um desses Espíritos. Tinha o dever de procurar persuadir os homens que têm o hábito das lutas fratricidas, de que viria uma época em que as paixões que engendram a guerra dariam lugar ao apaziguamento e à concórdia. Queria fazer-lhes pressentir que um dia os irmãos inimigos se reconciliariam, se dariam o beijo da paz, que em seus corações não haveria lugar senão para o amor e a benevolência, e que não mais pensariam em forjar armas que semeiam a morte, a devastação e as ruínas! Se fui benevolente,

era o efeito de minha natureza mais adiantada que a dos meus contemporâneos. Hoje, um grande número entre vós pratica esta virtude evangélica e, se ela é menos notada, é que se espalhou mais e os costumes se abrandaram.

Mas volto à questão que é objeto desta comunicação, à paz perpétua. Não há um só espírito que duvide que aquilo que se chama uma utopia, um sonho do abade de Saint-Pierre, mais tarde não se torne realidade.

Em meio a todos esses clamores que anunciam a aproximação de graves acontecimentos, não há como se falar de paz perpétua; mas ficai bem persuadidos de que esta paz descerá sobre a vossa Terra. Assistis a um grande espetáculo, ao da renovação do vosso globo. Mas, quantas guerras antes! quanto sangue derramado! quantos desastres! Infeliz daquele que, por seu orgulho e ambição, tiverem desencadeado a tempestade! Terão de prestar contas de seus atos àquele que julga os grandes e os poderosos, como os menores de seus filhos!

Perseverai todos, irmãos; sois também os apóstolos da paz perpétua, porque ser discípulos do Cristo é pregar a paz, a concórdia. Entretanto, digo-vos ainda, antes que possais testemunhar esse grande acontecimento vereis novos engenhos de destruição, e quanto mais se multiplicarem os meios, mais depressa os homens prepararão o advento da paz perpétua.

Deixo-vos repetindo as palavras do Cristo: “Paz na Terra aos homens de boa vontade.”

Aquele que foi,

ABADE DE SAINT-PIERRE

Dissertações espíritas

ERROS CIENTÍFICOS

(Paris, 20 de março de 1867 – Grupo do Sr. Lampérière)

Assim como o corpo tem seus órgãos de locomoção, de nutrição, de respiração etc., também o Espírito tem faculdades variadas, que se relacionam respectivamente com cada situação particular de seu ser. Se o corpo tem sua infância, se os membros desse corpo são fracos e débeis, incapazes de mover fardos que mais tarde erguerão sem esforço, o Espírito possui, antes de mais, faculdades que devem, como tudo o que existe, passar da infância à juventude e da juventude à idade madura. Pediríeis à criança no berço que agisse com a rapidez, a segurança e a habilidade do homem feito? Não; seria loucura, não é? Não se deve exigir de cada um senão o que entra no quadro de suas forças e de seus conhecimentos. Pedir àquele que jamais tocou num livro de Matemática ou de Física, que raciocine sobre um ramo qualquer dos conhecimentos que dependem dessas ciências, seria tão pouco lógico quanto pretender exigir uma descrição exata de um país longínquo a um parisiense que jamais deixou os limites de sua terra natal e, por vezes de seu bairro!

É, pois, necessário, para julgar uma coisa sensatamente, ter dessa coisa um conhecimento tão completo quanto possível. Seria absurdo submeter a um exame de leitura corrente aquele que apenas começa a soletrar; e, contudo!... contudo, o homem, esse *humanimal* dotado de raciocínio, esse poderoso da Criação, para quem tudo é obstáculo no livro dos mundos, essa criança terrível que apenas balbucia as primeiras palavras da verdadeira ciência, esse mistificado da aparência, pretende ler, sem hesitação, as mais indecifráveis páginas do manual que a Natureza diariamente apresenta aos seus olhos. O desconhecido nasce sob os seus passos; esbarra aos seus lados; à frente, atrás, em toda parte, em tudo, não são senão problemas sem solução, ou cujas soluções conhecidas são ilógicas e irracionais, e a criança grande desvia os olhos do livro, dizendo: Eu te conheço; para

um outro!... Ignorante das coisas liga-se às causas dessas coisas e, sem bússola, sem compasso, embarca no mar tempestuoso dos sistemas preconcebidos, que o conduz fatalmente ao naufrágio, cujo resultado são a dúvida e a incredulidade! O fanatismo, filho do erro, o tem sob o seu cetro; porque, sabei-o bem, o fanático não é aquele que crê sem provas e que, por uma fé incompreendida, daria a sua vida. Há fanáticos da incredulidade, como há fanáticos da fé!

O caminho da verdade é estreito e é necessário sondar o terreno antes de avançar, para não se precipitar nos abismos que o ladeiam, à direita e à esquerda.

Apressa-te devagar, diz a sabedoria das nações; e, como sempre, quando está de acordo com o bom senso, a sabedoria das nações tem razão. Não deixes inimigo atrás de ti, e não avances senão quando estiveres seguro de não seres obrigado a retroceder. Deus é paciente porque é eterno; o homem, que tem a eternidade diante de si, também pode ser paciente.

Que julgue pelas aparências, que se engane e reconheça seu erro no futuro, é lógico; mas que pretenda não poder enganar-se, que marque um limite qualquer ao entendimento humano, a criança reaparece sobre a água com seus caprichos e suas cóleras impotentes! O potro ainda não fez diabruras; irrita-se, empina-se! O sangue ferve em suas veias! Deixai-o fazer: a idade saberá acalmar o seu ardor sem o destruir e disso ele tirará proveito, medindo mais sabiamente os seus gastos!

Ao nascer, o homem viu uma planície formada de terra e de rocha estender-se sem limite sob os seus passos; uma planície azul, salpicada de fogos cintilantes estendia-se sobre a sua cabeça e parecia mover-se regularmente; daí concluiu que a Terra era um vasto planalto acidentado, encimado por uma cúpula animada de um movimento constante. Referindo tudo a si, fez-se o centro de um sistema por ele criado, e a Terra imutável contemplou o Sol girando na planície celeste. Hoje o Sol não gira mais e a Terra se pôs em movimento; o primeiro ponto talvez não fosse difícil de elucidar

segundo a Bíblia, porque se Josué um dia mandou o Sol parar, em parte alguma se vê que lhe tenha mandado retomar o seu curso.

Hoje a inteligência humana dá um desmentido aos trabalhos das inteligências de uma época mais recuada e, assim, de idade em idade até a origem; e, contudo, malgrado as lições do passado, embora se aperceba, pelos precedentes, que a utopia de ontem muitas vezes é a realidade de amanhã, o homem se obstina a dizer: Não! não irás mais longe! Quem poderia fazer mais que nós? A inteligência está no topo da escada; depois de nós não se pode senão descer! E, no entanto, os que dizem isto são as testemunhas, os propagadores e os promotores das maravilhas realizadas pela ciência atual. Fizeram numerosas descobertas, que modificaram singularmente as teorias de seus predecessores; mas, que importa! O *eu* neles fala mais alto que a razão. Gozando de uma realeza de um dia, não podem admitir que amanhã sejam submetidos a um poder que o futuro mantém ao abrigo de seus olhares.

Negam o Espírito, como negavam o movimento da Terra! Lamentemo-los e consolemo-nos de sua cegueira, dizendo-nos que o que é não pode ficar eternamente oculto; a luz não pode tornar-se sombra; a verdade não pode tornar-se erro; as trevas se desfazem diante da aurora.

Ó Galileu! onde quer que estejas, tu te alegras porque *ela se move* e podemos alegrar-nos, nós também, porque nossa Terra, nosso mundo, a inteligência, o Espírito também tem seu movimento incompreendido, desconhecido, mas que logo se tornará tão evidente quanto os axiomas reconhecidos pela Ciência.

FRANÇOIS ARAGO

A EXPOSIÇÃO

(Paris – Grupo Desliens – Médiun: Sr. Desliens)

O observador superficial que neste momento lançasse os olhos sobre o vosso mundo, sem se preocupar muito com algumas

pequenas manchas disseminadas em sua superfície, e que parecem destinadas a fazer ressaltar os esplendores do conjunto, sem a menor dúvida diria que jamais a Humanidade apresentou uma fisionomia mais alegre. Por toda parte celebram-se à porfia as bodas de Gamache. Não são senão festas, trens de recreio, cidades engalanadas e rostos alegres. Todas as grandes artérias do globo trazem à vossa capital muito apertada a multidão colorida, vinda de todos os climas. Em vossos bulevares o chinês e o persa saúdam o russo e o alemão; a Ásia em casimira dá a mão à África em turbante; o novo mundo e o antigo, a jovem América e os cidadãos do mundo europeu se esbarram, se acotovelam, se entretêm num tom de inalterável amizade.

Estará o mundo realmente convidado para a festa da paz? A Exposição Francesa de 1867 seria o sinal tão almejado da solidariedade universal? — Seríamos tentados a crer se todas as animosidades fossem extintas; se cada um, pensando na prosperidade industrial e no triunfo da inteligência sobre a matéria, deixasse tranquilamente os engenhos da morte, os instrumentos de violência e de força, dormir no fundo de seus arsenais em estado de relíquias próprias para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

Mas estais nisto? Oh! não; o rosto faz careta debaixo do sorriso, o olhar ameaça quando a boca cumprimenta, e apertam-se cordialmente as mãos no momento mesmo em que cada um medita a ruína de seu vizinho. Riem, cantam, dançam; mas escutai bem, e ouvireis o eco repetir esses risos e esses cantos como soluços e gritos de agonia!

A alegria está nos rostos, mas a inquietude está nos corações. Alegram-se para se atordoar e, se pensam no dia seguinte, fecham os olhos para não ver.

O mundo está em crise e o comércio pergunta o que fará quando o grande zunzum da Exposição tiver passado. Cada um medita sobre o futuro, e se sente que neste momento só se vive hipotecando o tempo futuro.

Que falta, pois, a todos esses felizardos? Não são hoje o que eram ontem? não serão amanhã o que são hoje? Não, o arco comercial, intelectual e moral se endireita cada vez mais, a corda se distende, a flecha vai partir! Onde ela os levará? Eis o segredo do medo instintivo, que se reflete em muitas frentes! Eles não veem, não sabem, pressentem um não sei quê; um perigo está no ar, e cada um treme, cada um se sente moralmente oprimido, como quando uma tempestade, prestes a desabar, age sobre os temperamentos nervosos. Cada um está à espera; o que acontecerá? uma catástrofe ou uma solução feliz? Nem uma, nem outra; ou, antes, os dois resultados coincidirão.

O que falta às populações inquietas, às inteligências em apuros, é o senso moral atacado, macerado, semidestruído pela incredulidade, pelo positivismo, pelo materialismo. Acreditam no nada, mas o temem; sentem-se no limiar desse nada e tremem!... Os demolidores fizeram sua obra, o terreno está limpo. Construí, então, com rapidez, para que a geração atual não fique mais sem abrigo! Até aqui o céu se manteve estrelado, mas uma nuvem aparece no horizonte. Cobri depressa vossos tetos hospitaleiros; convidai todos os hóspedes da planície e da montanha. Em breve o furacão vai destruir com vigor, e então, desgraçados dos imprudentes, confiantes na certeza do bom tempo. Terão a solução de seus vagos receios e, se saírem da liça mortificados, dilacerados, vencidos, não devem culpar senão a si próprios, à sua recusa em aceitar a hospitalidade tão generosamente oferecida.

À obra, pois. Construí cada vez mais depressa; acolhei o viajor que vem a vós, mas ide também procurar e tentai trazer a vós aquele que se afasta sem bater à vossa porta, pois só Deus sabe a quantos sofrimentos ele estaria exposto, antes de encontrar o menor refúgio capaz de preservá-lo das garras do flagelo.

MOKI

ALLAN KARDEC

Nota explicativa⁵⁴

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868).

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O livro dos espíritos* (1857), *O livro dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865), *A gênese* (1868), além da obra *O que é o espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos

⁵⁴ N.E.: Esta Nota explicativa, publicada de acordo com o Termo de Compromisso com o Ministério Público Federal/Procuradoria da República no Estado da Bahia, datado de 28 de setembro de 2007, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às Leis Morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O livro dos espíritos* – do livro sobre a *Evolução das espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisiognomonia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401.) De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade (*O livro dos espíritos*, item 207, p. 176).

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor (*Revista Espírita*, 1861, p. 432).

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente

e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes (*Revista Espírita*, 1867, p. 231).

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade (*A gênese*, cap. I, it. 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores

européus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863).

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XVII, i.t. 3, p. 348).

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a

que concerne à origem da raça adâmica (*A gênese*, cap. XI, it. 43, Nota, p. 292).

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações (*Revista Espírita*, 1862, p. 38).

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

O QUE É ESPIRITISMO?

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos Superiores ao educador francês Allan Kardec, que compilou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à Humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do Mundo Espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o Mundo Espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da Natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos

pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o Universo, a Humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.

O LIVRO ESPÍRITA

CADA LIVRO EDIFICANTE é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregrem na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reduto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

¹ Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 25/2/1963, em Uberaba (MG), e transcrita em *Reformador*, abr. 1963, p. 9.

LITERATURA ESPÍRITA

EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, é comum encontrar pessoas que se interessem por assuntos como imortalidade, comunicação com Espíritos, vida após a morte e reencarnação. A crescente popularidade desses temas pode ser avaliada com o sucesso de vários filmes, seriados, novelas e peças teatrais que incluem em seus roteiros conceitos ligados à espiritualidade e à alma.

Cada vez mais, a imprensa evidencia a literatura espírita, cujas obras impressionam até mesmo grandes veículos de comunicação devido ao seu grande número de vendas. O principal motivo pela busca dos filmes e livros do gênero é simples: o Espiritismo consegue responder, de forma clara, perguntas que pairam sobre a Humanidade desde o princípio dos tempos. Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

A literatura espírita apresenta argumentos fundamentados na razão, que acabam atraindo leitores de todas as idades. Os textos são trabalhados com afinco, apresentam boas

histórias e informações coerentes, pois se baseiam em fatos reais.

Os ensinamentos espíritas trazem a mensagem consoladora de que existe vida após a morte, e essa é uma das melhores notícias que podemos receber quando temos entes queridos que já não habitam mais a Terra. As conquistas e os aprendizados adquiridos em vida sempre farão parte do nosso futuro e prosseguirão de forma ininterrupta por toda a jornada pessoal de cada um.

Divulgar o Espiritismo por meio da literatura é a principal missão da FEB, que, há mais de cem anos, seleciona conteúdos doutrinários de qualidade para espalhar a palavra e o ideal do Cristo por todo o mundo, rumo ao caminho da felicidade e plenitude.

O EVANGELHO NO LAR

*Quando o ensinamento do Mestre vibra entre quatro paredes de um templo doméstico, os pequeninos sacrifícios tecem a felicidade comum.*¹

Quando entendemos a importância do estudo do Evangelho de Jesus, como diretriz ao aprimoramento moral, compreendemos que o primeiro local para esse estudo e vivência de seus ensinamentos é o próprio lar.

É no reduto doméstico, assim como fazia Jesus, no lar que o acolhia, a casa de Pedro, que as primeiras lições do Evangelho devem ser lidas, sentidas e vivenciadas.

O espírita compreende que sua missão no mundo principia no reduto doméstico, em sua casa, por meio do estudo do Evangelho de Jesus no Lar.

Então, como fazer?

Converse com todos que residem com você sobre a importância desse estudo, para que, em família, possam compreender melhor os ensinamentos cristãos, a partir de um momento de união fraterna, que se desenvolverá de maneira harmônica e respeitosa. Explique que as reflexões conjuntas acerca do Evangelho permitirão manter o ambiente da casa espiritualmente saneado, por meio de sentimentos e pensamentos elevados, favorecendo a presença e a influência de Mensageiros do Bem; explique, também, que esse momento facilitará, em sua residência, a recepção do amparo espiritual, já que auxilia na manutenção de elevado padrão vibratório no ambiente e em cada um que ali vive.

Convide sua família, quem mora com você, para participar. Se mora sozinho, defina para você esse momento precioso de estudo e reflexões. Lembre-se de que, espiritualmente, sempre estamos acompanhados.

Escolha, na semana, um dia e horário em que todos possam estar presentes.

O tempo médio para a realização do Evangelho no Lar costuma ser de trinta minutos.

¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no lar*. Por Espíritos diversos. 12. ed., 7. imp. Brasília: FEB, 2018. Cap. 1.

As crianças são bem-vindas e, se houver visitantes em casa, eles também podem ser convidados a participar. Se não forem espíritas, apenas explique a eles a finalidade e importância daquele momento.

O seguinte roteiro pode ser utilizado como sugestão:

1. Preparação: Leitura de mensagem breve, sem comentários;
2. Início: Prece simples e espontânea;
3. Leitura: *O evangelho segundo o espiritismo* (um ou dois itens, por estudo, desde o prefácio);
4. Comentários: breves, com a participação dos presentes, evidenciando o ensino moral aplicado às situações do dia a dia;
5. Vibrações: pela fraternidade, paz e pelo equilíbrio entre os povos; pelos governantes; pela vivência do Evangelho de Jesus em todos os lares; pelo próprio lar...
6. Pedidos: por amigos, parentes, pessoas que estão necessitando de ajuda...
7. Encerramento: prece simples, sincera, agradecendo a Deus, a Jesus, aos amigos espirituais.

As seguintes obras podem ser utilizadas nesse momento tão especial:

- *O evangelho segundo o espiritismo, como obra básica;*
- *Caminho, verdade e vida; Pão nosso; Vinha de luz; Fonte viva; Agenda cristã.*

Esse momento no lar não se trata de reunião mediúnica e, portanto, qualquer ideia advinda pela via da intuição deve permanecer como comentário geral, a ser dito de maneira simples, no momento oportuno.

No estudo do Evangelho de Jesus no Lar, a fé e a perseverança são diretrizes ao aprimoramento moral de todos os envolvidos.

CARIDADE: AMOR EM AÇÃO

SEDE BONS E CARIDOSOS: essa a chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém nesse preceito: “Amai-vos uns aos outros”. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 13, it. 12.

A Federação Espírita Brasileira (FEB), em 20 de abril de 1890, iniciou sua *Assistência aos Necessitados* após sugestão de Polidoro Olavo de S. Thiago ao então presidente Francisco Dias da Cruz. Durante 87 anos, esse atendimento representava o trabalho de auxílio espiritual e material às pessoas que o buscavam na instituição. Em 1977, esse serviço passou a chamar-se Departamento de Assistência Social (DAS), cujas atividades assistenciais nunca se interromperam.

Desde então, a FEB, por seu DAS, desenvolve ações socioassistenciais de proteção básica às famílias em situação de vulnerabilidade e risco socioeconômico. Fortalece os vínculos familiares por meio de auxílio material e orientação moral-doutrinária com vistas à promoção social

e crescimento espiritual de crianças, jovens, adultos e idosos.

Seu trabalho alcança centenas de famílias. Doa enxovais para recém-nascidos, oferece refeições, cestas de alimentos, cursos para jovens, serviços de convivência e fortalecimento de vínculos para idosos e organiza doações de itens que são recebidos na instituição e repassados a quem necessitar.

Essas atividades são organizadas pelas equipes do DAS e apoiadas com recursos financeiros da instituição, dos frequentadores da casa e por meio de doações recebidas, num grande exemplo de união e solidariedade.

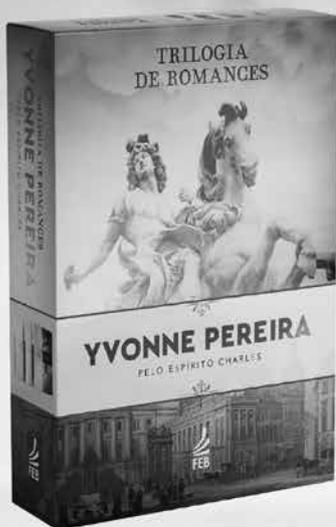
Seja sócio contribuinte da FEB, adquira suas obras e estará colaborando com o seu Departamento de Assistência Social.

LANÇAMENTO - BOX ESPECIAL E VERSÃO DIGITAL

TRILOGIA DE ROMANCES

YVONNE PEREIRA

PELO ESPÍRITO CHARLES



Nas voragens do pecado, O cavaleiro de Numiers e O drama da Bretanha



Drama, obsessão, vingança e reencarnação são tratados nesta trilogia assinada pelo Espírito Charles, que nos mostra que as vidas sucessivas são uma chance de resgatar e abrandar as consciências culpadas e ultrajadas.

Encontre estas obras nas livrarias da **FEB** ou no site da **FEB Editora**:

www.febeditora.com.br

E-books disponíveis em:

amazonkindle

iBookstore

Google Play

FEB
editora

Livro espírita para um novo mundo



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Mônica dos Santos

Capa e Projeto Gráfico:

Tarcisio Ferreira

Reconstrução de layout e Diagramação:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 1 mil exemplares, todos em formato fechado de 140x210 mm e com mancha de 110x180mm. Os papéis utilizados foram o Pólen Bold 60 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Adobe Garamond 12/14 e os títulos em Adobe Garamond 32/38,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*